ENCICLOPÉDIA Royal Canin do Gato

ANIWA PUBLISHING

ROYAL CANIN

1ª Parte

OS GATOS, DO PASSADO À ACTUALIDADE

OS FELÍDEOS DO MUNDO

A pré-história do gato

O animal que hoje conhecemos foi-se desenvolvendo no decurso de uma evolução, no mínimo, de quarenta milhões de anos. Numerosos fósseis permitem reconstituir a origem dos Felídeos selvagens, dos quais o gato faz parte.
Os Felídeos selvagens formam uma família muito homogénea. As fêmeas e os machos são muito semelhantes, embora os últimos sejam maiores e mais pesados. O leão, em virtude da sua juba, constitui a única excepção. São carnívoros por excelência e, de entre todos os animais, os mais adaptados à captura de presas vivas. Cosmopolitas, só não existem na Antárctida, Austrália, Madagáscar, Antilhas e mais algumas ilhas.
A família* Felidae *é composta por três sub-famílias: a* Nimravinae*, já extinta, a* Acinonychinae*, que engloba os leopardos, e a* Felinae*, com dois grupos de espécies: os grandes felinos (género* Panthera*) e os pequenos felinos (género* Felis*), dos quais descende o gato doméstico.

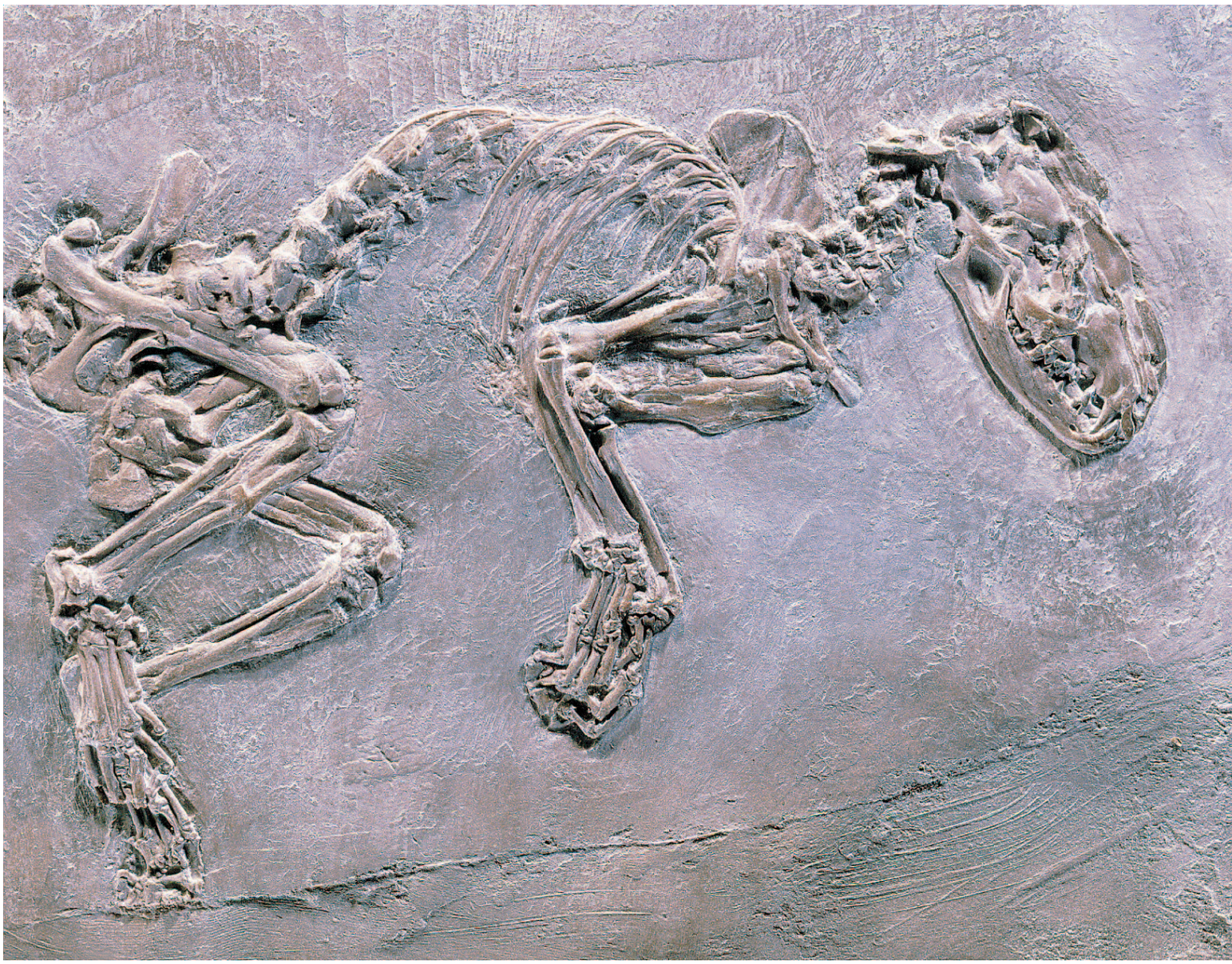
A origem dos felinos

Logo que desapareceram os dinossauros, sensivelmente no final da era secundária, surgiram os primeiros Mamíferos. De facto, os sobreviventes eram insectívoros, que no final do Cretáceo superior, há cerca de 70 milhões de anos, teriam dado origem aos Carnívoros e aos Primatas! No Paleoceno, a fauna de mamíferos compreendia a ordem dos Créodontes. Eram animais de pequenas dimensões – não excedendo os 30 cm – com formas pesadas, patas curtas, semi-plantígrados, mas evidenciando já garras, prenúncio dos Carnívoros. Os primeiros Carnívoros que se conhecem desta época eram, do ponto de vista anatómico, bastante diferentes dos Carnívoros actuais. Aliás, desapareceram durante o período Eoceno e foram substituídos pelos Carnívoros fissípedes. Estes, possuíam dentes carniceiros mais fortes e mais desenvolvidos que os Créodontes.

Os Fissípedes

Processou-se um desenvolvimento assinalável dos caninos e dentes carniceiros, sobretudo nos Eucréodontes. Estes descendentes dos Procréodontes do período Paléoceno são, na realidade, os antepassados dos Carnívoros actuais. Um dos primeiros a receber uma denominação foi o Miacis (Miacoidea), tipo de gineto arborícola da América e Eurásia, com patas e corpo mais compridos que os Créodontes.

Eusmilus, um felino primitivo da era terciária, habitava na Eurásia e na América do Norte. Tinha aproximadamente o tamanho de um puma e possuía dois enormes caninos no maxilar superior. A sua locomoção era fundamentalmente plantígrada.
O Fossa é um animal próprio da ilha de Madagáscar. Agrupado na antiga família dos Viverrídeos, pesa uma dezena de quilos e é semelhante a um puma. É o maior carnívoro autóctone da ilha.



Corpo de um Miacídeo sem cauda, aproximadamente com 45 milhões de anos (período Eoceno), proveniente do pólo arqueológico de Messel na Alemanha. Museu nacional de História Natural, Paris. O corpo deste Miacídeo mede 24 cm.

O Miacis deu origem aos Miacídeos, animais intermediários entre os Créodontes e os Fissípedes. Os membros da família *Miacidae* são animais de pequenas dimensões, provavelmente silvícolas. Extinguiram-se no final do período Eoceno.

Para além disso, no final do Eoceno, surgem já na Eurásia e na América - descendendo dos Miacídeos - alguns representantes dos Canídeos actuais (cães e lobos), Mustelídeos (furões, doninhas, etc.), Ursídeos (ursos) e Procionídeos (guaxinim). Animais muito próximos dos Miacídeos teriam dado origem aos *Viverrídeos* (mangustos) e, mais tarde, aos Felídeos e Hienídeos. Os Miacídeos constituem certamente a origem mais provável dos Fissípedes, os antepassados remotos dos felinos.

Os Felídeos primitivos

Durante o período Oligoceno, esboça-se claramente nos Felídeos uma tendência para a individualização de duas linhagens distintas de felinos. Por um lado, animais grandes e robustos, embora lentos, providos de enormes caninos semelhantes a lâminas de sabre: os *Eusmilus*; e por outro, os grandes gatos mais

Smilodon: cabeça proveniente do Rancho Labrea, na Califórnia, Estados Unidos, aproximadamente com 1 milhão de anos. Museu Nacional de História Natural, Paris.
Os caninos em forma de sabre medem 20 cm de comprimento. O Smilodon possuía a estatura de um tigre, membros compactos e cauda curta. É a versão mais recente dos felinos com caninos em forma de sabre e foi, provavelmente, visto pelos primeiros humanos. Foram descobertos centenas de Smilodons numa jazida de alcatrão dos Estados Unidos, que nela ficaram presos quando caçavam mamutes. Trata-se da vala do Rancho Labrea.

ágeis e mais rápidos com uma dentição próxima dos actuais Felídeos, os *Proailurus*, e mais tarde os *Pseudailurus* cuja locomoção se assemelha à dos Viverrídeos.
Por exemplo, o actual Fossa (*Crytoprocta ferox*) constitui um verdadeiro fóssil vivo.
O *Pseudailurus* seria assim o primeiro membro da família dos gatos modernos dos quais o Smilodon, na América, é um representante espectacular. Os pequenos felinos foram-se adaptando a regiões tão diversificadas como os desertos, florestas, estepes e pântanos.
Sobrevém a era do Mioceno, durante a qual, em França, existia o *Felis zitteli*, animal muito próximo do gato selvagem actual. Posteriormente, no período Pleistoceno da era quaternária, surgiu o género *Felis*, enquanto que, por outro lado, os felinos primitivos, *Smilodons* e *Machairodus*, espécie de tigres de dentes de sabre, vão desaparecendo.

Os primeiros gatos selvagens

Na era Quaternária surgiram os primeiros Gatos Selvagens actuais. Datado provavelmente do início do Pleistoceno (1,8 milhões de anos), o Gato selvagem de Martelli (*Felis lunensis*) pode ser considerado um dos antepassados directos dos nossos gatos actuais. Este felino teria dado origem ao Gato selvagem (*Felis silvestris*) que apareceu no final do segundo período glaciar.

A Ordem dos Créodontes

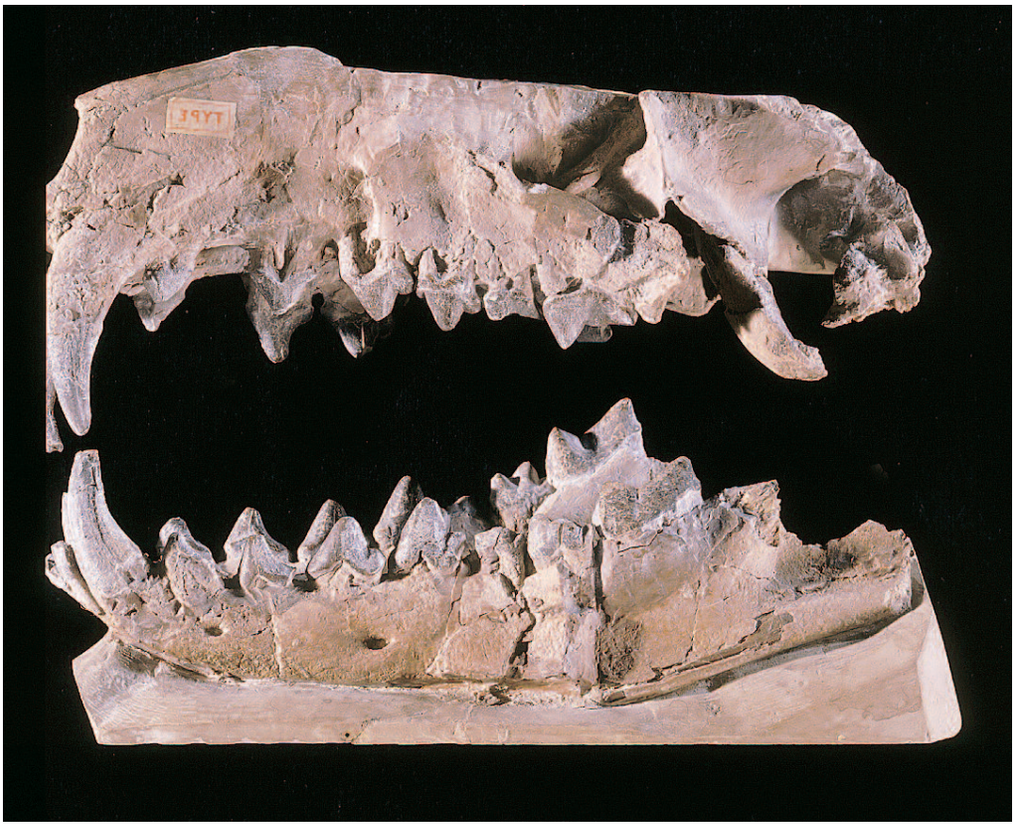
Carnívoros de corpo maciço e patas curtas, estes animais têm uma locomoção semi-plantígrada. Possuem uma cabeça grande comparativamente ao volume do corpo, ocupando o maciço facial um lugar preponderante. A bula timpânica não está ossificada. O cérebro, pouco desenvolvido, comporta importantes centros olfactivos, hemisférios praticamente lisos que deixam o cerebelo quase a descoberto. A sua dentição completa é típica dos carnívoros. Os mais primitivos constituem o conjunto dos Procréodontes que, no início da era Terciária, habitavam na América do Norte e na Europa. A sua dentição assemelha-se à dos Insectívoros, já que não se distinguem dentes carniceiros. Os Eucréodontes, mais evoluídos, conduzem indiscutivelmente aos Carnívoros modernos. Alguns dentes destacam-se como carniceiros. Durante o Oligoceno, evoluem para os Fissípedes.

A Ordem dos Fissípedes

Carnívoros terrestres caracterizados por membros bastante separados do corpo, dedos soltos providos de garras, bula timpânica ossificada, fossa temporal e órbitária comunicantes na maioria das espécies, e polegares reduzidos ou inexistentes. Algumas espécies são omnívoras ou frutívoras. As crias não se encontram perfeitamente desenvolvidas aquando do nascimento.

A família dos Felídeos

Marcam o final da evolução no sentido carnívoro. Crânio bastante globuloso e arcadas zigomáticas muito salientes para permitir a inserção e passagem de vigorosos músculos mastigadores. A articulação mandibular só permite movimentos verticais. Digitígrados. Os dedos das mãos e dos pés terminam em garras retrácteis. Pupilas verticais.



Maxilas de um Créodonte pertencente ao género Hyaenodon, com aproximadamente 35 milhões de anos (início do Oligoceno). É proveniente do pólo arqueológico de Ronzon, Haute Loire, França. Museu Nacional de História Natural, Paris. Os dentes carniceiros são já bem visíveis.

Rapidamente, espalha-se pela Europa, Ásia e África, evoluindo para três tipos principais: o Gato Selvagem Europeu ou Gato do Mato (*Felis silvestris silvestris*), o Gato Selvagem Africano (*Felis silvestris lybica*), e o Gato do Deserto Asiático ou Gato Ornado (Felis silvestris ornata). De acordo com alguns pareceres, a separação total entre os Gatos Selvagens Europeus e Africanos terá ocorrido há cerca de 20 000 anos.

Do Gato selvagem ao Gato doméstico

O nosso gato doméstico (*Felis silvestris catus*, antigo *F. catus*), descende evidentemente do gato selvagem africano. De facto, pensa-se que a sua origem seja proveniente de diversas espécies selvagens, entre as quais, o Gato Ornado (*Felis silvestris ornata*) existente no Irão, Paquistão e Índia. Este animal, que se aproximou naturalmente do homem, tinha uma pelagem cinzenta amarelada com manchas negras arredondadas e uma cauda longa, anelada e negra na extremidade. O Gato Selvagem Africano (*Felis silvestris libyca*) que se cruzou com o anterior e foi domesticado no Egipto no ano 2 500 AC, era semelhante ao gato tigrado: pêlo curto, cinzento fulvo a cinzento acastanhado, riscas transversais nos flancos, riscas negras transversais nos membros e cauda anelada com extremidade negra. Era um animal facilmente domesticável. É certamente entre estes animais que se deve procurar o antepassado do gato actual. Quanto ao *Felis silvestris*, trata-se de um animal indiscutivelmente selvagem, sendo considerado virtualmente um animal indomável.

A alvorada da domesticação

A domesticação do gato permanece envolta em bastante mistério e, como tal, não pode ser estabelecida com uma certeza absoluta. Segundo a crença tradicional, a domesticação terá ocorrido no Egipto, local onde foram encontrados os primeiros vestígios da domesticação do gato, por volta do ano 4500 AC. O gato egípcio seria assim descendente de uma das subespécies do Gato selvagem *Felis silvestris libyca*. Inicialmente, este gato começou por ser

A domesticação consiste na transformação de uma espécie animal selvagem numa espécie sujeita à exploração por parte do Homem, com o objectivo de lhe fornecer produtos ou serviços (Larousse). Actualmente, existe uma forte ligação entre o Gato e o Homem, uma vez que o felino vive em contacto estreito com os humanos e a demonstração de afecto entre eles é intensa.

Fresco do Túmulo de Nakht. Detalhe: gato comendo um peixe. Vale dos Nobres, Tebas, Egipto. Dinastia XVIII. Segundo aguarela de Nina Davier. Museu Nacional de História Natural, Paris. No túmulo do escriba Nakht, aproximadamente do ano 1425 AC, um fresco ilustra uma cena de um banquete onde, sob uma cadeira, um gato tigrado come um peixe. Dá ideia de se tratar de um animal familiar alimentado pelos donos.

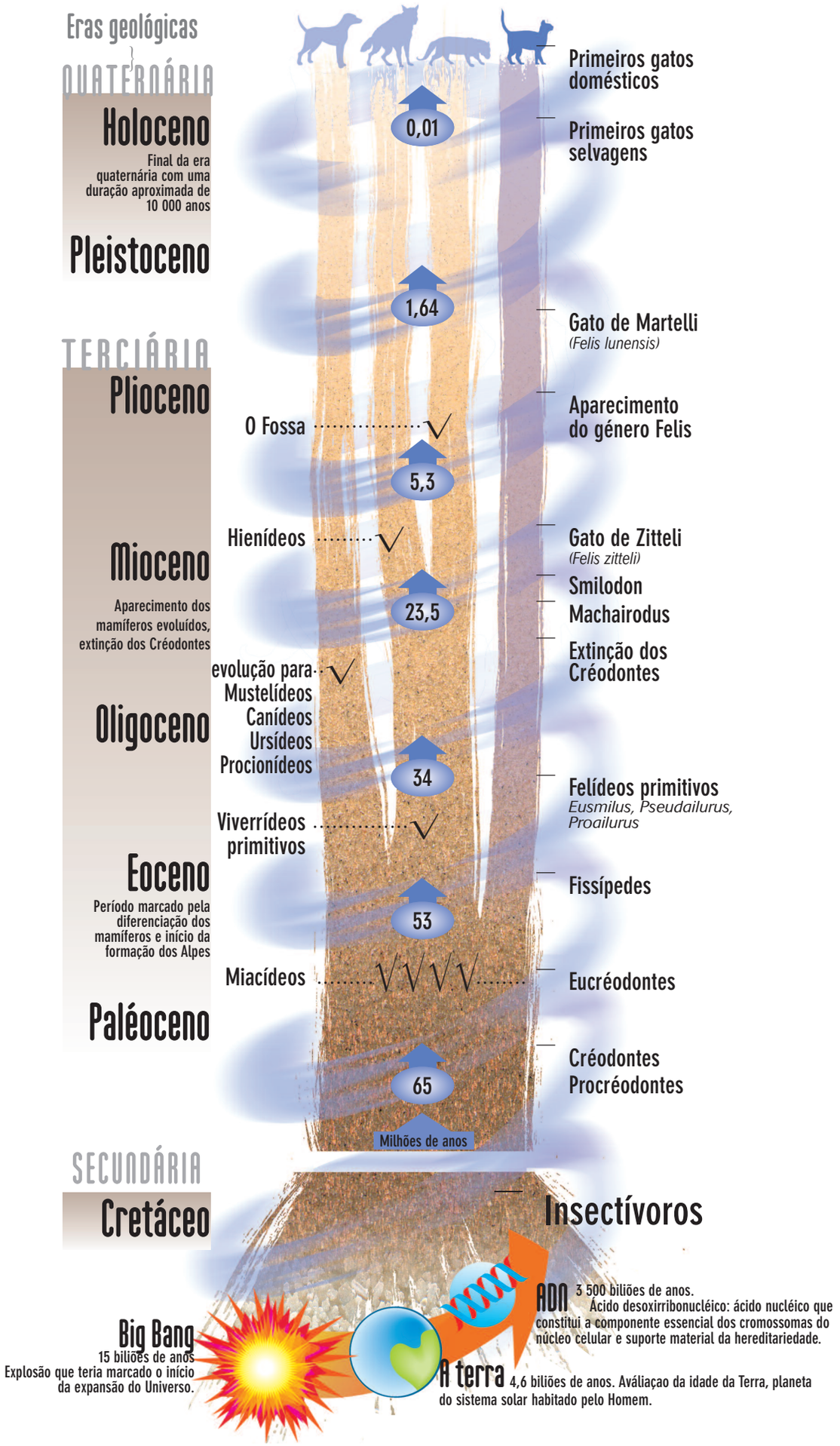
um comensal do Homem, partilhando a sua alimentação; posteriormente, estabeleceu-se uma relação de maior proximidade entre o Homem e o animal, que primeiro se tornou "familiar" e, mais tarde, de "companhia".

Desde a época do Novo Império (sensivelmente nos anos 1580-1070 AC) até ao período ptolomeico (do ano 300 ao ano 30 AC), os egípcios chegaram mesmo a permitir a aproximação dos gatos selvagens e a sua domesticação. Mais tarde, mandaram também mumificá-los, tal como o faziam aos espécimes domesticados há muito tempo. No entanto, de acordo com alguns investigadores houve diferentes locais onde este animal teria sido domesticado, tais como: no Paquistão onde existe ainda em estado selvagem o Gato Ornado, de reduzida capacidade craniana, que se supõe ter chegado ao Egipto; na Líbia, descendendo do Gato líbio com maior capacidade craniana e talvez, também, no Extremo Oriente meridional, o que explica a origem diferenciada do Gato Europeu. No Egipto, o culto dedicado aos gatos pode ter tido origem numa criação de gatos domésticos provenientes da Índia. No entanto, continua a ser controversa a origem asiática do gato doméstico.

Para medir o índice de domesticação do Gato, os arqueólogos recorreram a diversos métodos, de entre os quais um mensurável, o índice craniano de Schauenberg ou a proporção entre o comprimento do crânio e a capacidade craniana, que é menor no gato doméstico. O índice craniano do gato doméstico actual está assim mais próximo do Gato Ornado do Afeganistão, do Paquistão e do Irão do que do Gato do Deserto Líbio. Segundo Schauenberg, o gato teria chegado ao Egipto, proveniente do Irão, já domesticado ou em vias de domesticação.

Esta hipótese, baseada no volume do cérebro, estabelece um elo de ligação entre o gato doméstico e o Gato selvagem da Índia e do Paquistão. Schauenberg demonstrou efectivamente que este último possui uma capacidade craniana inferior à do Gato Selvagem Africano e à dos gatos mumificados do Egipto, porém próxima da do gato doméstico. A domesticação estaria assim ligada à capacidade craniana ou ao volume do cérebro: quanto mais pequeno for, maior é o grau de "domesticação" do animal.

Origem dos Felídeos e dos Gatos



Os pequenos felinos

Ao contrário dos grandes felinos, os pequenos felinos caracterizam-se pela particularidade do seu osso hióide ser completamente rígido, o que não lhes permite rugir. Ronronam durante a inspiração e a expiração, enquanto que nos grandes felinos o ronronar só se produz durante a expiração. Todos os felinos de pequenas dimensões pertencem ao mesmo grupo, até mesmo o Puma, que tem o tamanho de uma pantera.

Felis silvestris.

Felis silvestris.
Gravura anónima.
Final do século XIX.
Colecção particular.

Os Felinos Europeus

O gato selvagem europeu (*Felis silvestris silvestris*) suscita uma imagem de força e poder devido à sua estatura. Encontramo-lo sobretudo na Escócia, Alemanha, no leste de França e nos Pirinéus. Vive em bosques ou em zonas rochosas e não aprecia a neve. Animal solitário, desloca-se durante o crepúsculo e a noite. O cio ocorre entre Janeiro e Março. Em Abril ou Maio, após uma gestação de sensivelmente 2 meses, a gata dá à luz 2 a 4 gatinhos que nascem cegos e cobertos de pêlo. O gato selvagem europeu nunca caça nas árvores. Alimenta-se essencialmente de roedores, coelhos, aves que fazem os ninhos no solo, besouros e gafanhotos. Durante muito tempo, este animal foi considerado nocivo e consequentemente eliminado. O seu comportamento, muito discreto, permitiu que a espécie sobrevivesse em determinadas regiões. No entanto, actualmente existem poucos animais de raça pura devido aos cruzamentos frequentes com gatos domésticos. Trata-se de uma espécie protegida.

O Lince Europeu constitui, tal como o Lobo e o Urso castanho, um dos três grandes predadores europeus. É o único grande felino que existe em estado selvagem neste continente.
Animal solitário que vive em grandes espaços, o Lince é um caçador nocturno sem covil fixo. Com a sua cauda curta e pelagem malhada de negro, o Lince Europeu confunde-se perfeitamente com o ambiente natural, o que dificulta bastante a sua observação. Carnívoro, alimenta-se das presas que captura, especialmente camurças e cabritos monteses, roedores, aves e até mesmo insectos. A partir do mês de Dezembro e uma vez por ano, o macho e a fêmea encontram-se para o período de reprodução. Após 70 dias de gestação, a fêmea pare em média 2 a 3 crias e escolhe um abrigo numa zona suficientemente rica em presas para as alimentar. As crias permanecem junto à mãe até atingirem um ano de idade.
O Lince Pardelle, existente apenas em Espanha e Portugal, é tão semelhante ao Lince Europeu que chegou a ser considerado uma subespécie deste. Contudo, é mais pequeno e

Lince.

possui uma pelagem mais malhada com manchas negras bem definidas. Com menos de 1000 indivíduos existentes hoje em dia, esta espécie encontra-se muito ameaçada.
O Lince ruivo é o mais pequeno de todos os linces. A sua área de distribuição situa-se desde a zona centro e sul da América do Norte até ao Canadá. O seu *habitat* é constituído por zonas pantanosas, montanhas, florestas e desertos.
O *Lynx canadensis* é o único membro da família dos felinos que vive simultaneamente em ambos os lados do Atlântico.

Os Felinos Africanos e Asiáticos

O Gato das areias (*Felis margarita*) tem uma cor de areia e não excede os 3 kg de peso. Vive nas terras áridas e dunas arenosas da Arábia, do Paquistão e do Saara. Alimenta-se de roedores, de lagartos e de grandes insectos. Possui a zona plantar das patas coberta de pêlos, o que lhe permite deslocar-se sem dificuldade pela areia escaldante.

O Gato de Biet (*Felis bieti*) habita nas montanhas da zona norte e centro da China até 3 000 metros de altitude. Este felino, raro e pouco conhecido, é semelhante ao gato selvagem europeu.

O Gato de patas negras (*Felis nigripes*) encontra-se nas regiões secas da África do Sul. Uma vez que não excede os 2 kg, é o mais pequeno dos Felídeos selvagens. A sua pelagem castanha-amarelada está coberta de riscas e manchas negras.

O Gato dos pântanos (*Felis chaus*), também denominado Chaus, foi durante muito tempo conhecido como o Lince dos pântanos, devido aos seus penachos de pêlo no bordo das orelhas, membros alongados, cauda relativamente curta e ao seu tamanho imponente. A sua área de distribuição estende-se do Egipto à Índia e ao Sudoeste Asiático. Este felino frequenta as zonas húmidas das margens dos cursos de água, assim como as zonas arborizadas mais secas.

O Gato Manul (*Felis manul*), adaptado ao clima rigoroso, vive até 4 000 metros de altitude nas estepes baixas e altas da Ásia central, Irão e Afeganistão. O seu longo pêlo é de cor castanha-avermelhada e cinzenta-amarelada.
Animal solitário e diurno, alimenta-se principalmente de roedores.

O Serval (*Felis serval*), felino bastante grande com quase 15 kg de peso, vive nas estepes, nas matas e nas savanas de África e do sul do Saara. As suas patas são bastante compridas e possui umas grandes orelhas características. A sua pelagem, amarela areia, está salpicada de manchas e riscas negras.
O Serval não receia a água e nada perfeitamente. Alimenta-se de pequenos roedores, lebres e aves.

Gato das areias.

Gato dos pântanos
Gravura anónima.
Final do século XIX.
Colecção particular.

De acordo com a sua distribuição, existem duas subespécies de gatos selvagens: *Felis silvestris silvestris*, presente na Europa e na Ásia menor, e *Felis silvestris libyca*, existente em África, Sudoeste Asiático e no norte da Índia. As populações da Ásia são por vezes classificadas numa terceira subespécie, *Felis silvestris ornata*.
De acordo com alguns estudos, existem actualmente na Europa duas espécies distintas de Linces: O Lince Europeu (Lynx lynx) e o Lince Pardelle (Lynx pardina), muito ameaçado e presente na Península Ibérica.
Existem outros dois tipos de Linces na América, mais especificamente no Canadá: o Lince ruivo (Lynx rufus) e o Lince canadiano (Lynx canadensis).

Gato dourado Africano.
Gravura anónima.
Final do século XIX.
Colecção particular.

O Caracal (*Felis caracal*) é um animal sedentário que reside nos vastos espaços africanos: savanas e desertos. Encontramo-lo também na Arábia e no Noroeste da Índia. Durante muito tempo foi associado ao Lince, em virtude dos penachos de pêlo ao nível das orelhas e da sua cauda relativamente curta. Contudo, a sua pelagem castanha-amarelada nunca apresenta manchas. Tal como o Leopardo na Índia e no Próximo Oriente, o Caracal foi, no passado, utilizado pelo Homem para caçar antílopes, lebres e aves.

O Gato dourado Africano (*Felis aurata*) é um animal solitário e nocturno, de patas altas, apresentando uma pelagem curta que varia de cor consoante a região onde habita: malhado na África Ocidental e unicolor na África Central e Oriental. Animal silvícola, caça sobretudo no solo, mas não se conhecem em pormenor os hábitos deste raro e pequeno carnívoro.

O Gato de Temminck (*Felis temminckii*), também denominado Gato Dourado Asiático, é maior do que o seu congénere africano. A cabeça deste animal é raiada de negro e branco, e a sua pelagem varia de acordo com as regiões. Solitário, habita nos bosques da Ásia e alimenta-se principalmente de roedores.

Os Gatos do Extremo Oriente

O Gato Leopardo de Bengala (*Felis bengalensis*) é um dos felídeos com a maior área de distribuição: Sudeste Asiático, Indonésia, Filipinas e Manchúria. Habita nas regiões florestais até 3 000 metros de altitude e tem o tamanho de um gato doméstico. A coloração da pelagem é mais pigmentada nos animais que vivem nas regiões quentes (cor amarela ocre ou acastanhada) do que nos que vivem nas regiões frias (cinzenta amarelada quase prateada).

Gato pescador.
Gravura anónima.
Final do século XIX.
Colecção particular.

O Gato Pescador (*Felis viverrinus*), também denominado Gato Viverrídeo, é um pouco maior que o Gato Leopardo de Bengala. Adora a água e vive nas grandes florestas pantanosas, mangues e estuários, desde a Índia e sul da China até ao Sudeste da Ásia e Sumatra. Caminha com os dedos afastados e, como tal, pode deslocar-se sem problemas nas zonas pantanosas. Devora os moluscos de água doce, crustáceos, rãs e peixes, assim como alguns mamíferos e aves.

O Gato de cabeça chata (*Felis planiceps*) é um pequeno felino com 2 kg de peso. As suas principais características incluem o forte achatamento do focinho e do crânio, pequenas orelhas arredondadas que se inserem lateralmente e membros curtos. Vive à beira da água, nas margens de rios e pântanos, bem como em zonas alagadas no Sudeste asiático, Malásia, Bornéu e Sumatra. Tal como o leopardo, possui garras não totalmente retrácteis, particularidade que lhe permite pescar com maior facilidade rãs, peixes e crustáceos.

O Gato marmoreado (*Felis marmorata*) pode ser encontrado desde o Nepal até ao Sudeste asiático, Bornéu e Sumatra. A cor da pelagem varia do cinzento-acastanhado ao castanho-amarelado e até ao ruivo, com manchas negras nos flancos. Actualmente, é um animal bastante raro.

O Gato rubiginoso (*Felis rubiginosus*) é um pequeno felino com menos de 2 kg, cuja pelagem tem uma coloração cinzenta ou castanha, sendo salpicada de ruivo. Caça durante a noite e alimenta-se de aves e pequenos mamíferos. Habita na Índia, em florestas e regiões cobertas de mato.

A Pantera nebulosa (*Neofelis nebulosa*), também denominada Pantera longibanda, é um felino de tamanho médio que vive nas árvores

Gato rubiginoso.
Gravura anónima. Final do século XIX.
Colecção particular.

e que pesa entre 15 e 25 kg. O seu nome deriva das grandes manchas escuras distribuídas pela sua pelagem amarelada. Vive nas florestas da Índia, Indochina, Sumatra e Bornéu. Dorme frequentemente nas árvores.

É especialmente activa durante a manhã e desde o final da tarde até ao anoitecer.

A Pantera nebulosa é considerada o elemento de ligação entre os pequenos e os grandes felinos. Pertence à família *Felidae*, embora a um género especial. Esta espécie encontra-se ameaçada devido ao desaparecimento do seu *habitat*.

Na América do Norte, Central e do Sul

O Ocelote (*Felis pardalis*) encontrava-se antigamente muito espalhado pela América do Sul e Central.
Pesando cerca de 12 a 15 kg, é um excelente trepador que caça durante a noite roedores, porcos-espinhos, macacos, cervídeos de pequeno porte e aves. A sua reprodução parece estar relacionada com a época das chuvas.
Após 70 dias de gestação, a fêmea dá à luz uma média de 2 crias. O Ocelote constitui, a seguir ao Puma, a espécie americana mais conhecida. Antes do seu registo em 1989 pela convenção de Washington, que regulamenta a protecção das espécies, o Ocelote era caçado pela sua pelagem.

O Margay (*Felis wiedii*) é um Ocelote em miniatura. Pode ser encontrado desde o México até à Argentina. É um animal arborícola que trepa às arvores, e das quais desce de cabeça para a frente. É nos ramos das árvores que o Margay captura as suas presas: pequenas aves, roedores e lagartos. A anatomia deste felino está adaptada às suas aptidões de trepador: os metatarsos ou ossos do pé são móveis, podendo o pé girar 180 graus.

O Gato Tigre (*Felis tigrinus*), de pequenas dimensões, é uma espécie arborícola que vive em florestas. Actualmente protegida, está presente na América do Sul e Central. A sua reprodução não é tão extensa como a dos outros felinos e o desenvolvimento das crias processa-se de uma forma mais lenta.

O Gato de Geoffroy (*Felis geoffroyi*) vive sobretudo nas regiões rochosas com mato e bosques, no sul do Brasil e da Bolívia até à Patagónia. Contudo, evita a floresta densa e a pampa descoberta.

O Kod Kod (*Felis guigna*) é um felino de pequenas dimensões, que existe nas florestas da América do Sul. Também pode ser encontrado noutras regiões menos arborizadas, desde que tenham bosques ou mato em quantidade suficiente. Embora possua aptidões de trepador, é fundamentalmente um animal terrestre. A sua pelagem, castanha ocre, está salpicada de pequenas manchas de tom negro. Os animais melânicos (de cor preta) são frequentes.

O Colocolo (*Felis colocolo*), também denominado Gato das Pampas, vive nas pradarias, florestas e até mesmo nas montanhas, desde o Equador e Brasil até ao Chile e Patagónia.
A sua pelagem, longa e sedosa, tem cores e padrões muito variáveis. É um animal nocturno que caça roedores, aves e grandes insectos. Este felino não está protegido e é caçado em virtude da sua pelagem.

O Gato dos Andes (*Felis jacobita*) é um animal adaptado à vida em altitude (até 5 000 metros) e ao frio. Existe nos Andes, sul do Peru, sudoeste da Bolívia, norte do Chile e na Argentina. A sua pelagem é cinzenta prateada com manchas e riscas castanhas ou laranjas.

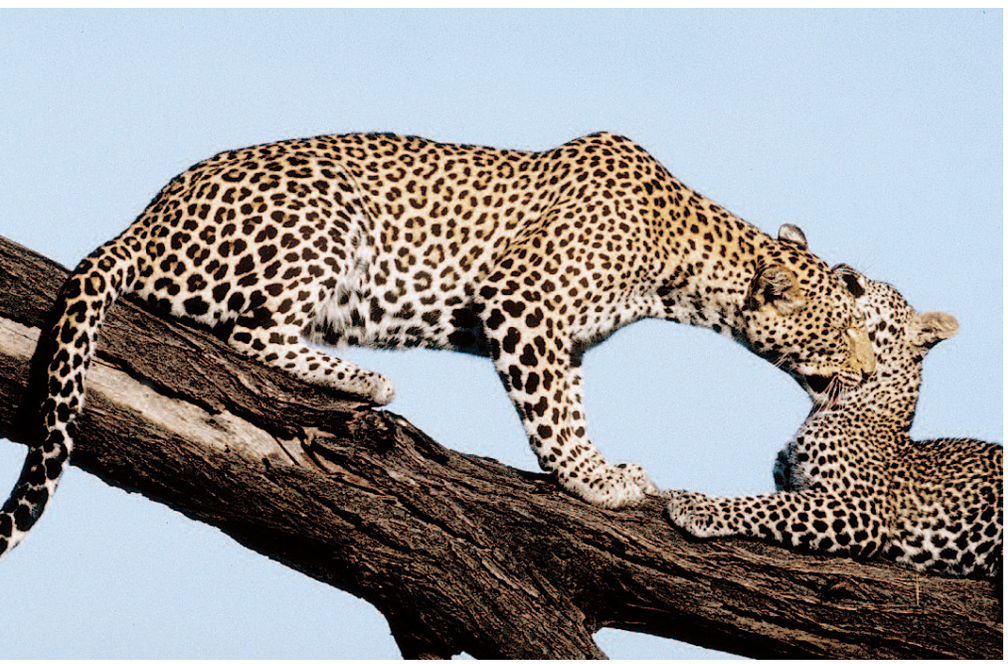
O Jaguarundi (*Felis jagouaroundi*), encontrado desde o Sudoeste da América do Norte até à América Central e Sul do Paraguai, é um animal solitário e fundamentalmente diurno.
A sua presença nos arrozais é bem aceite pelo Homem, uma vez que a alimentação destes felinos é constituída por roedores que destroem as culturas e são, muitas vezes, portadores de diversas doenças. O seu corpo magro e alongado, patas curtas, pequenas orelhas redondas e a sua longa cauda, tornam este animal - de 5 a 10 kg de peso - semelhante a um mangusto.

O Puma (*Felis concolor*), também chamado cuguar, é o maior dos pequenos felinos. Hoje em dia está extinto em grande parte do território americano, na sequência de uma perseguição impiedosa por parte dos criadores de gado. A sua área de distribuição estende-se do Sul dos Estados Unidos à América Central e do Sul. A reprodução destes animais pode ocorrer em qualquer altura do ano. Após um período de gestação com aproximadamente 100 dias de duração, a fêmea pare 2 a 4 crias. Estas permanecem junto à progenitora muitas vezes até aos 2 anos de idade.

O Puma é um saltador extraordinário, capaz de alcançar sem impulso um ramo situado a 6 metros do solo. Quando percorre pequenas distâncias, corre a grande velocidade.

Os grandes felinos

Uma das particularidades dos grandes felinos é a sua capacidade para rugir, devido ao facto do seu osso hióide não ser completamente rígido. O género* Panthera *engloba quatro espécies (a Pantera, o Jaguar, o Leão e o Tigre) e uma espécie particular, a Pantera das Neves. Este animal não consegue rugir e foi, durante muito tempo, classificado num género à parte, antes de ser associado aos 4 grandes felinos.



Leopardos do Quénia.

A pantera das neves (*Panthera uncia*) pode ser observada na zona situada entre as fronteiras do sudoeste e as do norte da China, englobando 8 países. Este animal está adaptado ao clima rude das montanhas da Ásia. No Verão, os seus domínios ascendem até ao limite das neves eternas, e no Inverno descem ao nível da floresta. É um pouco mais pequena que a Pantera (*Panthera pardus*) e a sua pelagem tem uma tonalidade cinzenta pálida salpicada de manchas negras na cabeça, pescoço e patas. Nos flancos e no dorso as marcas têm a forma de rosetas. O período de reprodução corresponde ao início do ano. Após 100 dias de gestação, a fêmea procura um abrigo situado nas rochas, local onde dá à luz 2 a 5 crias que passam o primeiro Inverno com ela. Em determinadas regiões, a Pantera das neves ataca o gado. Apesar de algumas medidas de protecção, este felino continua a ser caçado em alguns países. A população mundial destes felinos está avaliada em 4 000 animais, sendo considerada uma espécie ameaçada.

De entre os grandes felinos, a Pantera ou Leopardo (*Panthera pardus*), era o animal que possuía a área de distribuição mais vasta. Actualmente, pode ser encontrada em África (existe ainda na África do Norte, no Alto Atlas marroquino), Ásia, da Sibéria à Coreia, no Sri Lanka e em Java.
Este animal caracteriza-se por uma grande capacidade de adaptação. O período reprodutivo pode ocorrer durante todo o ano, excepto

nas regiões onde as estações do ano são muito marcadas. Após 3 meses de gestação, a fêmea dá à luz 1 a 5 crias. Estas permanecem junto à mãe durante os dois primeiros anos de vida, apesar de só alcançarem a maturidade sexual perto dos três anos de idade.

O padrão da pelagem do leopardo é muito característico: manchas negras sobre um fundo claro. Existem variações de acordo com as populações e os *habitats*: a pelagem das Panteras que vivem em zonas secas é mais clara e tem menos manchas que a dos animais oriundos da húmida floresta tropical. As Panteras negras são apenas uma variação da pigmentação da pele desta espécie. Antigamente caçada em virtude da sua pele, é hoje em dia uma espécie protegida, mas a diminuição dos efectivos prende-se sobretudo com o desaparecimento do seu *habitat*.

O Jaguar (*Panthera onça*) é semelhante à Pantera. Contudo, é maior e mais pesado, as patas são mais vigorosas e a sua cauda é mais curta. O padrão da sua pelagem é constituído por manchas negras poligonais com zonas negras no interior. Ao nível da cabeça, abdómen e patas, as manchas negras são cheias. O fundo da pelagem apresenta uma tonalidade amarela-avermelhada. Apesar de existirem jaguares melânicos, as suas manchas continuam visíveis.

A área de distribuição destes felinos abrange grande parte da América do Sul, existindo uma população mais reduzida na América Central.

O Jaguar habita nas florestas virgens e nos matos, embora também possa ser encontrado em zonas pobres em vegetação, desde que as ervas altas e as rochas lhe assegurem o indispensável abrigo.

O Jaguar caça sobretudo no solo, mas também ataca as tartarugas marinhas quando estas saem da água para desovar nas margens.

A época do cio na fêmea é a única ocasião em que é possível observar um casal adulto de Jaguares juntos. Nas zonas tropicais, os nascimentos podem ocorrer em qualquer época do ano. As crias acompanham a mãe durante 2 anos, que as protege dos perigos, especialmente dos machos adultos capazes de atacar as crias. Estes ataques acontecem sobretudo em regiões onde há uma grande densidade de animais.

O Leão (*Panthera leo*) é o único felino que vive socialmente em grupo. As leoas mantêm-se geralmente no mesmo grupo, ao contrário dos leões que, ao atingirem a maturidade sexual aos 3 ou 4 anos de idade, abandonam o grupo.

Leão da Tanzânia.

Excelente nadador, o Tigre é também um saltador capaz de transpor obstáculos com 1,80 m de altura.

Os Tigres brancos são apenas uma variedade do Tigre de Bengala. A cor branca resulta de uma mutação do gene responsável pela cor. Vivem em estado selvagem em diversas zonas da Índia.

O cio das leoas ocorre várias vezes durante o ano. Após um período de gestação que dura sensivelmente 100 dias, a fêmea isola-se do grupo para dar à luz 2 a 5 crias numa moita ou num abrigo rochoso. A partir das 14 semanas de vida os leõezinhos acompanham a leoa nas expedições de caça. Quando atingem um ano de idade batem a caça no mato, e com 2 anos já caçam sozinhos.

Fenómeno excepcional ao nível dos mamíferos, a fêmea pode amamentar outras crias para além das suas, chegando mesmo a adoptar jovens órfãos. Há 100 anos atrás o Leão existia praticamente em toda a África, na Arábia e na Ásia menor até aos Himalaias. Actualmente, para além dos últimos Leões da Ásia (um efectivo avaliado em 200 indivíduos), a população de Leões subsiste em África, sobretudo nas reservas de animais (Quénia e Tanzânia), existindo também algumas populações na África do Sul e Ocidental.

O Tigre (*Panthera tigris*) é considerado, a seguir ao Urso, o segundo grande predador. Faz parte do grupo de animais responsáveis pelo maior número de mortes de seres humanos. Os tigres "devoradores de homens" são frequentemente animais feridos ou incapacitados, que deixaram de poder caçar. Para além disso, a deterioração do seu *habitat* pela crescente presença dos humanos, força este animal a confrontos não previstos.

Os machos e as fêmeas apenas se encontram durante a época de acasalamento. A população de tigres possui um baixo índice de reprodução, facto que resulta de uma maturidade sexual tardia (3 a 4 anos nas fêmeas e 4 a 5 anos nos machos), de 50% dos jovens não ultrapassarem os 2 anos de vida, e das fêmeas adultas darem à luz, em média, duas crias de 2 em 2 anos.

A Chita (*Acinonyx jubatus*) ocupa um lugar à parte dos outros felinos. Toda a sua anatomia

Presente antigamente na maior parte da Ásia, hoje em dia o Tigre encontra-se confinado a zonas limitadas. A espécie *Panthera tigris* divide-se actualmente em 5 raças geográficas:

- Tigre de Bengala (*Panthera tigris tigris*): efectivos com 5000 indivíduos;
- Tigre da Indochina (*Panthera tigris corbetti*): efectivos inferiores a 2000 indivíduos;
- Tigre de Sumatra (*Panthera tigris sumatra*): efectivos com 600 a 800 indivíduos;
- Tigre da Sibéria (*Panthera tigris altai*): efectivos com aproximadamente 350 indivíduos
- Tigre da China Meridional (*Panthera tigris amoyensi*): efectivos com cerca de 30 indivíduos.

No início do século existiam cerca de 100 000 tigres na Ásia. Hoje este número é bastante inferior: cerca de 8 000 animais.

predispõe este animal para a corrida: o grande comprimento das patas, corpo e cauda, assim como um peito muito profundo, facto que lhe permite respirar melhor. Como tal, bastam-lhe 2 segundos para alcançar os 75 km/h sem impulso, podendo alcançar uma velocidade de 115 km/h em distâncias curtas.

As suas garras, permanentemente visíveis, asseguram-lhe uma excelente aderência ao solo. Graças à sua flexibilidade, pode realizar uma rotação imediata em qualquer direcção durante a corrida. São estas características que permitem a este animal atacar presas maiores do que ele.

O macho e a fêmea apenas se juntam para acasalar durante 2 dias. Após um período de gestação que dura aproximadamente 100 dias, a fêmea dá à luz 3 a 4 crias. Estas ficam sempre com a mãe até atingirem os 2 anos de idade. As crias da chita distinguem-se dos outros felídeos pela sua crina de longos pêlos prateados.

As chitas não possuem um território específico e as suas deslocações realizam-se em função das migrações das presas. Este felino partilha a savana africana, ligeiramente arborizada, com o Leão e a Pantera. Contudo, não consegue adaptar-se tão bem como os outros felinos às perturbações ambientais causadas pelo Homem.

Chitas na savana africana.

A área de sobrevivência das chitas tem vindo a diminuir há já algumas décadas. Actualmente, distinguem-se duas subespécies: a Chita Africana (*Acinonyx jubatus jubatus*) e a Chita Asiática (*Acinonyx jubatus venaticus*).

Na Ásia, a população mais antiga está localizada no Irão. Ao nível do continente africano, a densidade populacional destes felinos permanece normal na África Oriental e do Sul, com uma população avaliada em 25 000 indivíduos.

O gato doméstico actual

O gato viveu lado a lado com o homem pré-histórico. Desde os primeiros vestígios da sua domesticação até ao século XVIII, o gato - simultaneamente amado, eliminado, caçado e venerado – adaptou-se a viver junto ao Homem. Por diversas vezes foi considerado o mais selvagem dos animais domesticados. Aliás, não é verdade que consegue regressar à vida selvagem? E o gato doméstico não é o mais livre de todos os gatos? A sua história inscreveu-se na da espécie felina através dos séculos até aos nossos dias.

Se "domesticar" significa "tornar menos selvagem, menos perigoso" e se "doméstico", em oposição ao animal selvagem, significa "viver junto ao Homem para o ajudar ou distrair e cuja espécie, desde há muito domesticada, se reproduz de acordo com as condições estabelecidas pelo Homem" (segundo o Dicionário Le Robert), o gato passou a ser verdadeiramente um gato doméstico a partir do momento em que o Homem interveio na sua selecção e reprodução. De facto, mesmo se na sua história com o Homem a espécie evidencia um grande percurso, foi só a partir dos finais do século XIX que surgiu o gato com pedigree. A partir daí, pouco a pouco e de forma magistral, o gato foi-se introduzindo no mundo e meio ambiente do seu dono.

Gatos domésticos em Veneza.

Uma integração bem sucedida

Hoje verdadeiramente domesticado e familiar, o gato doméstico beneficia de um estatuto que marca o seu reconhecimento oficial como indivíduo. Graças às tatuagens e vacinas, o gato pode ser acompanhado pela administração pública, que se encarrega da actualização dos seus documentos. Registado e controlado, quer seja de raça ou não, o gato adquire uma determinada importância aos olhos do dono e impõe-se no mundo regulamentado dos homens.

O Homem, depois de observar mais atentamente as atitudes e reacções do gato, passou a compreendê-lo melhor e a respeitar a sua verdadeira entidade. As inovações alcançadas no

Gatos Persa azul e branco.

ramo da medicina preventiva e curativa bem como no ramo alimentar, marcaram o século XX nas áreas da Ciência Veterinária e da Nutrição felina.

Recebendo hoje melhores cuidados por parte do seu dono, o gato consegue evitar algumas doenças. O bem-estar resultante torna-o mais sereno, mais meigo e de convivência mais fácil.

Durante o último século estabeleceu-se um novo relacionamento entre o gato e o homem. O gato, ao tornar-se fiel ao Homem, esbateu as distâncias que antes os separavam e ganhou confiança nos seres humanos.

Depois de ter vivido como caçador, o gato tornou-se muito menos alerta e pode agora relaxar e libertar a sua atenção. Sem a preocupação material da sua sobrevivência, dispõe de mais tempo para permanecer junto ao Homem. Pode assim dedicar-se mais à sua companhia, desfrutando dos mimos e carinhos que lhe são oferecidos. O gato aceitou o Homem como seu amigo, mas, por outro lado, a solidão atormenta-o. É uma situação triste, à qual não convirá expor o gato dos nossos dias. O gato inventou um novo diálogo. Enquanto que antigamente se contentava apenas em responder aos carinhos, hoje interpela o dono, reclama a alimentação e exige que lhe abram a porta. Vai desenvolvendo o seu repertório e, para melhor se fazer entender, varia as entoações. Pelo movimento das orelhas, é possível perceber o que o animal sente.

Portas para gatos, coleiras e trelas, sacos de transporte, troncos de arranhar, casas para gatos, distribuidores automáticos de alimentos... são invenções reservadas ao pequeno felino, que provam que o comportamento e as exigências deste animal foram estudados de forma a enriquecer o seu dia a dia.

Diversificação das raças e gatos padronizados

Fruto de cruzamentos ou resultado de mutações espontâneas, as raças não seriam o que são hoje sem a intervenção do Homem. Em 1871,

aquando da primeira exposição felina no Crystal Palace de Londres, foram apresentados ao público 25 classes de gatos. Não se tratava ainda de raças propriamente ditas, havendo mistura de Europeus e Persas com pelagens diferentes. No início do século passado, foram oficialmente reconhecidas 16 raças. Desde essa época deu-se uma grande evolução. Encontram-se actualmente registadas 54 raças de gatos, às quais se adicionam dezenas de variedades de Persas e Orientais.

Este vasto leque de raças felinas presentes em todo o mundo reflecte a sua grande diversidade, tanto física como comportamental. Os cruzamentos organizados multiplicaram o número de raças e os seus traços distintos.

Uma criança com o seu gato.

Formas e cores

Cabeça redonda ou triangular, corpo esbelto ou maciço... a morfologia felina foi-se progressivamente transformando. O standard descreve 5 tipos de morfologia, que variam do "cobby", ou seja, curto e maciço (como o Gato Persa, o Himalaia, o Manx, o Burmês e o Cimric) ao "semi-cobby", mais comprido e longilíneo (como o Bosque da Noruega ou o Ragdoll). Existe ainda o "foreign" (estrangeiro), longilíneo, (como o Abissínio), o "semi-foreign" (semi-estrangeiro), bastante longilíneo mas de estrutura óssea relativamente forte, (como é o caso do Devon Rex, do Mau egíp-

Activo, tranquilo, brincalhão, qual escolher?

Entre os gatos activos incluem-se os turbulentos e expansivos, que gastam as suas energias em casa ou num jardim cercado, não perdendo uma oportunidade para caçar: o American Bobtail, o American Shorthair, o American Wirehair, o Bengal, o Bombaim, o British Shorthair, o Chartreux, o Himalaia, o Laperm, o Manx, o Munchkin, o Ocicat, o Oriental de pêlo curto, o Cornish Rex, o Singapura, o Selkirk Rex e o Snowshoe.

Esta categoria dinâmica engloba também os gatos brincalhões, animais naturalmente alegres, que tomam parte nas brincadeiras das crianças ou inventam jogos no seu agregado: o Angorá turco, o American Curl de pêlo curto, o Bobtail japonês de pêlo curto, o Bombaim, o Burmês, o Gato da Sibéria, o Exotic Shorthair, o Ocicat, o Persa Chinchila, o Devon Rex, o Cornish Rex e o Scottish Fold. Os gatos independentes também fazem parte desta categoria, porque embora sejam eles próprios a organizar os seus horários, uma vez terminada a sesta já não têm um minuto de descanso...: o Califórnia Spangled, o Gato da Sibéria, o Cimric e o Europeu.

Pelo contrário, existem gatos dependentes, possessivos e extremamente ligados ao dono, por quem sentem uma enorme admiração: o Abissínio, o Angorá turco, o Azul Russo, o Havana Brown, o Korat, o Manx, o Negro Russo, o Olhos Azuis, o Oriental de pêlo curto, o Persa Chinchila, o Selkirk Rex, o Somali, o Sphynx e o Tonquinês.

Outros gatos estendem o seu campo de amizade a todos os habitantes da casa, englobando a família e outros animais: o Balinês, Burmês, o Cimric, o Maine Coon, o Scottish Fold, o Skogkatt e o Snowshoe. Não é raro que estes gatos, muito sociáveis, se exprimam através da voz, interpelando os donos como forma de estabelecer o diálogo. De entre a população felina, os mais loquazes são o gato de Bali, o Burmila, o Mandarim, o Oriental de pêlo curto, o Siamês e o Skogkatt.

Mas existem outros que preferem refugiar-se na sua interioridade e mergulhar numa meditação profunda, o que aumenta ainda mais o seu mistério. É o caso do Abissínio, do American Curl, do Mau egípcio e do Somali.

Finalmente, alguns gatos gostam de viver em paz, ao abrigo da agitação, e detestam conflitos: o Birmanês, o Bobtail japonês de pêlo comprido, o Negro Russo e o Persa. Poder-se-ia ainda citar outras características, destacar os gatos ágeis, curiosos, equilibrados, brincalhões, empreendedores, atentos...

cio, do Singapura, bem como do Oriental), e ainda o muito longilíneo e esbelto como o Siamês.
A forma da cabeça (redonda no gato Europeu e triangular nos Siameses) também faz parte das características descritivas. O mesmo acontece com a cor dos olhos e o tamanho da cauda (larga no Skogkatt e inexistente no Manx), sem nunca esquecer o tipo de pelagem.
A pêlo pode ser longo e atingir 15 cm de comprimento (Persa e Himalaia), ser semi-longo (Angorá turco) ou curto (Europeu, Chartreux). Estão descritas as cores autorizadas para cada raça. A gama de tonalidades é muito vasta: unicolores, bicolores, multicolores (tartaruga, "smoke" ou fumo) ou de cor de prata (como é o caso do Persa Chinchila). Quanto ao padrão da pelagem, este pode ser: "colourpoint" como o gato Siamês, "tabby" como o Europeu, ou seja, tigrado, mosqueado, com manchas ou ainda riscas largas ou finas.

Divulgação das raças e comportamento do gato

A divulgação das raças, que surgiu de forma bastante tardia na história da domesticação, foi acompanhada de uma alteração no comportamento do pequeno felino. Muito embora o carácter do animal não figure nos standards estabelecidos pelas associações felinas, não se trata de um simples pormenor. Durante um concurso, o comportamento do gato pode ter como consequência a sua desqualificação. Se o candidato se mostrar insubmisso ou agressivo, terá poucas hipóteses de alcançar um lugar no pódio. Na vida quotidiana, o comportamento do animal é tão importante como a sua beleza. Como tal, o comportamento é um critério fundamental no momento da escolha do gato.

Em vias de uma classificação comportamental

Muito embora continue a ser algo controverso no mundo felinófilo, tem-se vindo a verificar uma certa tendência para classificar as raças em função do seu comportamento. Essa classificação permitirá ao dono fazer uma escolha mais adequada do tipo de gato pretendido. Os critérios são variáveis e indicam as particularidades felinas que são mais ou menos acentuadas. Muitas vezes, o grau de sociabilidade está incluído nesta classificação, bem como a dualidade activo-calmo.

No que se refere à questão das raças e respectivo tipo de carácter, as opiniões dos especialistas dividem-se, devido ao facto das raças felinas não serem encaradas como uma particularidade genética, mas sim com o resultado da selecção feita pelos criadores.

Por exemplo, não se pode negar que o Siamês possui um carácter específico. Tagarela incansável de voz rouca, é ideal para o dono expansivo. É também um excelente interlocutor para pessoas sós ou idosas. O Skogkatt, gato refinado e rústico, desperta o gosto pela natureza. Agrada aos citadinos que aproveitam as suas horas de lazer para tratar do jardim. O Ragdoll, gato de carácter pacífico, é um cúmplice maravilhoso das crianças, sendo muito procurado pelas pessoas calmas que detestam grandes alvoroços.

O gato escolhe o dono

O gato também tem direito a manifestar a sua opinião. No seio de uma família, elege os seus preferidos. Algumas vezes, ainda no gatil do

Constatamos que o gato se vai progressivamente educando, que aprende bem o que se lhe ensina e que manifesta grande interesse pelas actividades humanas. Gosta de música e possui mesmo os seus próprios CDs, através dos quais participa em sequências "interactivas" de caça! Como se pretendesse despertar o seu instinto de predador…

Grande parte da população de gatos domésticos não tem dono, dispondo apenas do apoio de benévolos das associações protectoras. Formam a componente essencial da população felina errante.

criador, o gatinho aproxima-se do seu futuro dono e recusa-se a abandoná-lo. É desta forma que se estabelecem duos absolutamente perfeitos, havendo uma completa compreensão entre o animal e o dono. Muito intuitivo, o gato é capaz de delinear o ser humano e apercebe-se das possíveis afinidades que partilha com o seu protector. Chega mesmo a ter uma certa influência sobre o homem, tornando-o dependente da sua presença. Ao contrário do ditado "tal dono, tal cão", poder-se-á dizer "tal gato, tal dono".

Um indivíduo por inteiro

Elegante e calmo, o gato de raça suscita admiração e desfruta do respeito do seu dono. Dotado de pedigree e de um nome original e imponente, frequenta os pódios ao lado dos campeões da sociedade felina.
O gato de raça, símbolo de um determinado valor material, é mantido dentro de casa, protegido de todos os perigos e tratado com consideração. De pelagem cuidada e corpo saudável, aprecia uma alimentação adaptada. Para este animal nada é excessivamente belo e todos os carinhos são bem-vindos. O gato é um rei e todas as honras lhe estão reservadas. Mas ao contrário do cão, o gato sabe distinguir as situações. A sua liberdade permanece intacta graças ao seu mundo imaginário. Este facto permite-lhe manter as distâncias, sem no entanto ofender o seu protector.

O gato doméstico, incontornável e eterno

Eis o gato mais popular e o mais comum! Dos 8 milhões de gatos estimados no território francês, apenas 2 a 3% – o que representa aproximadamente 200 000 animais – são de raça (Persas, Siameses, Birmaneses...). O gato doméstico representa a maior parte da espécie felina! Mas este grande número não se traduz necessariamente numa maior atenção por parte dos seres humanos, bem pelo contrário.
O gato doméstico deve a sua primazia à sua formidável resistência – enfrentou inúmeras provações ao longo da sua história, que ainda subsistem actualmente – e sobretudo à quase inexistência de qualquer controlo de natalidade.

Livre e sem valor monetário

O gato doméstico é o mais livre de todos. Contudo, essa liberdade tem um preço. De uma forma geral e comparativamente aos gatos de raça, recebe menos cuidados uma vez que os seus proprietários (termo a aplicar de forma muito desprendida) não dão grande importância nem às suas ausências nem aos progressos feitos na área da investigação veterinária, quer ao nível da saúde ou da alimentação deste animal. Não é verdade que desde há séculos que este animal está acostumado a desenvencilhar-

se sozinho ou a contentar-se com as sobras?
O gato doméstico não possui um valor monetário. É um gato que não se compra, é oferecido ou adoptado. Muitas vezes, é ele próprio que escolhe espontaneamente instalar-se em casa de alguém. Para muitos proprietários, os gatos domésticos não representam qualquer responsabilidade financeira. Não se preocupam em vaciná-los ou tatuá-los, em prestar-lhes cuidados de saúde, muito menos em castrar os gatos ou esterilizar as gatas.

E no entanto, gostamos dele

Paradoxalmente, o gato doméstico suscita nos verdadeiros donos uma paixão muitas vezes exclusiva: "Prefiro os gatos domésticos aos gatos de raça, tal como prefiro as pessoas normais aos modelos da Chanel", afirmava o escritor Remo Forlani com um humor implacável. E não é o único!
Ter um gato doméstico em casa é uma tradição familiar que muitos não conseguem evitar. Apreciam nele o gosto pela independência, o desembaraço lendário e o seu aspecto rústico e vigoroso. Gostam também da sua originalidade, uma vez que dois gatos domésticos nunca são iguais. É o gato por excelência, sem vaidades nem disfarces físicos ou morais. Se um belo dia perderem o seu companheiro, terão o reflexo de procurar um sucessor entre os da sua raça.

Um progenitor esquecido?

No final do século XIX, com a realização das primeiras exposições felinas na Grã-Bretanha e mais tarde em França, compostas fundamentalmente por Persas (que substituíram os Angorás), Siameses, algumas espécies selvagens como o Margay, e também por gatos domésticos seleccionados em função da sua beleza, as mentalidades evoluíram um pouco. No entanto, dever-se-á dizer que apenas alguns burgueses gostavam de mostrar o seu gato em público!
Pouco a pouco, o gato doméstico, sem origens conhecidas e portanto sem pedigree, viu-se afastado dessas actividades mundiais em proveito das novas raças muito mais exóticas e

Que temperamento!

É difícil avaliar o temperamento de um gato doméstico, porque este é tão fantasista como a sua aparência. Uns são mais calmos, outros mais extrovertidos, silenciosos ou pelo contrário "tagarelas", sociáveis ou ariscos, mais ou menos carinhosos. O seu lema é "Gosta de mim tal como sou, porque sou imprevisível!". Em contrapartida, não tenha dúvidas que adorará caçar: é a sua verdadeira natureza de gato. Algumas pessoas pensam que um gato doméstico não se adapta à vida num apartamento. No entanto, ele habitua-se ao novo meio da mesma forma que um gato de raça. Procure reorganizar o interior da sua casa em função do novo morador: como os gatos adoram trepar, é necessário proteger a sua mobília. Arranje um poste para arranhar proporcionando-lhe longos momentos de brincadeira na sua companhia.

O seu gato doméstico em exposição

E porque não expor o seu gato doméstico junto dos seus nobres confrades? Foi-lhe mesmo atribuída uma categoria: a classe dos "gatos de casa". Para poder concorrer, o animal deverá ser esterilizado, saudável, fácil de manipular (com um carácter agradável) e ter um aspecto simpático. Tente a sua sorte, pois o seu gato poderá proporcionar-lhe o prazer do pódio, tal como um gato de uma estirpe mais nobre!

As seus momentos de glória

Em 1935, um veterinário do Havre, o Dr. Adrien Loir fundou o clube do gato "rateiro" da Normandia no intuito de melhorar e preservar as qualidades do Gato de França, que na época também se designava por Gato Francês. Este caçador de ratos era apreciado pela forma agressiva como eliminava a bicharada existente nas docas do porto de Havre, o que permitia grandes economias. Outras instituições, como a rede ferroviária francesa, os grandes armazéns, as fábricas de seda de Lion, o Palácio Bourbon em Paris e o Museu de História Natural do Havre utilizaram também, e com muito êxito, os serviços destes felinos "rateiros". O Dr. Loir tinha esperança que as proezas deste animal fossem reconhecidas, e escreveu: "Não se deveria atribuir ao gato o mérito de ser reconhecido como um animal de utilidade pública?" Infelizmente, o seu sonho não se realizou!

Com todos os tipos de pêlo e cores de pelagem, o gato doméstico constitui a própria expressão da tolerância: tudo lhe fica bem! Unicolor (negro, branco, ruivo, azul, tartaruga, etc.), bicolor com manchas brancas distribuídas de forma não uniforme, tigrado de pêlo curto ou pêlo comprido, com a cabeça redonda ou, pelo contrário, um focinho afilado, com orelhas de ursinho de peluche ou antenas de televisão, um corpo atarracado ou um porte de gazela…tudo serve ao gato doméstico que, contrariamente aos gatos de raça, não possui qualquer norma em termos de "vestuário".

valorizadas. Mas, se pudéssemos regressar ao cume da árvore genealógica dos nobres pequenos felinos, ou até a alguns ramos intermédios, deparar-nos-íamos com humildes gatos domésticos dos quais herdaram uma coloração ou uma pelagem específica.

Raças tão curiosas como os Rex ou o Scottish Fold nasceram no campo e provêm de ninhadas de gatos domésticos! A pelagem "tabby" do Siamês ou do Birmanês, que habitualmente se designa por "tabby point" é proveniente do gato doméstico! A cor tartaruga galhardamente envergada pelos Persas também tem a sua origem nos "gatos comuns"! O mesmo se passa com a pelagem bicolor. E o que fica para os gatos domésticos? A honra, insuficientemente reconhecida, de ter contribuído para a criação ou melhoramento da maior parte das raças de gatos, especialmente daquela que deles deriva directamente, a raça Europeia.

Desenganem-se em relação a um ponto importante: o gato de raça Europeu não é um gato de raça indeterminada. Portanto, é incorrecto chamar os gatos domésticos de gatos Europeus.

O Europeu e o gato doméstico

O standard para o gato Europeu foi elaborado com base nas características comuns do gato doméstico. O padrão da Federação Internacional Felina (FIFe) especifica em particular que: "O gato Europeu ideal nunca deve ser cruzado com outra raça. A sua criação deve basear-se no facto de que se trata de um animal robusto, flexível e que, do ponto de vista anatómico, não é diferente do gato doméstico europeu". Mas, dever-se-á também ter em conta que o gato doméstico, contrariamente ao Europeu, não se enquadra em nenhum standard, não sendo obrigado a obedecer a qualquer critério específico. A sua pureza raramente é demonstrável, sobretudo hoje em dia com a multiplicação das raças. Assim se explica que por vezes, os donos de um gato com uma pelagem semilonga estejam convencidos que o animal poderá descender do Gato dos Bosques da Noruega ou do Maine Coon, sobretudo quando é tigrado, ou do Angorá turco, quando é unicolor. Na população dos gatos domésticos, é frequente encontrar um padrão siamês (muitas

vezes misturado com manchas brancas), facto plausível se ambos os progenitores forem descendentes de Siameses. No entanto, este gato não pode ser considerado um Siamês puro.

A raça mais antiga do mundo

E não terá ele orgulho por ser simplesmente um gato doméstico belo e perfeito? Não é um facto que se trata da raça mais antiga do mundo?
Os Americanos e os Ingleses conseguiram resolver o problema. O gato americano equivalente ao Europeu denomina-se American Shorthair (Americano de pêlo curto), e o equivalente britânico tem o nome de British Shorthair (Britânico de pêlo curto). Tal como o gato Europeu (na realidade, um termo bastante impreciso), ambos os animais têm origem no gato doméstico.
Mas tanto os Ingleses como os Americanos conseguiram seleccionar as duas raças de gatos, sem que estas se prestassem a tantas confusões como em França. É verdade que o American Shorthair e o British Shorthair, tal como existem na actualidade, já nada têm a ver com o modelo de base. O problema do Europeu é, sem dúvida, o facto de ter permanecido muito mais próximo. Porque não imaginar então que a raça do Gato Europeu, finalmente livre de qualquer mestiçagem resultante da aparição de novas raças, poder-nos-ia fazer recuar no tempo e aproximar-nos do gato doméstico original, na época em que este era o único e indispensável representante da espécie felina?

2

A FELINOFILIA

A Felinofilia e as Raças Actuais

Os primeiros apreciadores de gatos (felinófilos) surgiram na Europa. Impulsionaram os primeiros criadores de gatos e criaram as primeiras exposições felinas.
Em 1910 foi fundada na Grã-Bretanha, a primeira federação de clubes felinos, sob a designação de Governing Council of the Cat Fancy e, em 1949, foi criada a Federação Internacional Felina da Europa (FIFe). Actualmente, diversas organizações nacionais e internacionais velam pelo futuro das raças de gatos e das suas numerosas variedades.

Cartaz de Roedel para uma exposição felina internacional, coll. Viollet, Paris.

As principais organizações felinas mundiais

Criada em 1949, a Federação Internacional Felina da Europa reagrupou numa primeira fase os seguintes países: França, Bélgica, Holanda, Suíça, Dinamarca, Suécia, Noruega, Itália, Áustria e Alemanha. Hoje em dia, está presente em quarenta países e reagrupa cerca de 30 países membros. Tem como principais missões a elaboração de regulamentos unificados de exposições, a adopção de standards únicos, a gestão de livros de origem e a formação de juizes. Posteriormente, surgiram outras Federações, como é o caso da World Cat Federation na Europa (WCFE). A Cat Fancy Association (CFA), fundada em 1906, é a associação mais importante dos Estados Unidos e talvez seja mesmo a mais importante a nível mundial. The International Cat Association (TICA), outra associação americana, foi fundada em 1979.
Muito embora na Europa o número de gatos seja superior a 40 milhões, a população dos felinos de raça pura está estimada apenas em 8%.

O gato em concurso

A primeira exposição felina teve lugar em Londres, em 1871, com a presença de pouco mais de 300 animais em concurso, fundamentalmente Persas, Siameses e Sagrados da Birmânia. Em França, a primeira exposição felina realizou-se em 1946 sob a égide do Cat Club de Paris, filiado na FIFe. Apresentar um ou diversos gatos numa exposição requer a preparação dos animais no que diz respeito aos cuidados de higiene e beleza que reflectem, na maioria dos casos, a saúde do gato e os cuidados de que é alvo no dia a dia. É também necessário respeitar as diversas formalidades administrativas e veterinárias que se efectuam antes da competição propriamente dita e que englobam a inscrição e o pagamento das taxas. Aquando da chegada ao local da exposição, o veterinário deverá controlar a identidade do gato através da tatuagem e verificar se o Boletim de Vacinas está actualizado. Se não tiverem sido previamente submetidos ao controlo veterinário, os gatos não podem ser expostos nem colocados numa jaula. A organização da exposição fornece uma jaula a cada participante, a qual é frequentemente decorada para dar mais realce ao animal.

O gato ideal

O gato deve obedecer a determinadas características que, de acordo com a Federação Internacional Felina, são as seguintes:
- O gato deve apresentar as características específicas da sua raça. A saúde e o bem-estar do animal devem ser evidentes.
- Deverá estar em excelentes condições físicas e não apresentar defeitos anatómicos ou de postura.
- Deve poder ser julgado sem evidenciar um estado de apreensão ou agressividade. O juiz deve poder apreciar o tamanho e a forma do seu esqueleto e palpar a sua musculatura. As características de base devem ser evidentes.
- O gato deve ter um aspecto cuidado, sem evidenciar descamações nem qualquer vestígio de parasitas. As patas deverão estar absolutamente limpas – recomenda-se o corte da extremidade das unhas.
- No caso dos gatos cuja pelagem seja composta por pêlos brancos, não deverá apresentar qualquer sinal de sujidade. Os cuidados de higiene e beleza deverão destacar as qualidades do animal e da sua raça.
- No que respeita à cabeça, o crânio deverá ser ligeiramente arredondado, em maior ou menor grau consoante a raça, as maxilas unidas e a arcada dentária em forma de tesoura. As maxilas superior e inferior devem ser de iguais dimensões, alinhadas e sem deformações. As superfícies superiores externas dos incisivos inferiores devem tocar nas superfícies inferiores internas dos incisivos superiores. Os caninos devem unir-se em forma de tesoura. Idealmente, a sua dentição deverá ser completa, com dentes de tamanho normal, implantados harmoniosamente na boca, não encavalitados e correctamente alinhados.

Os julgamentos

Existem dois tipos de julgamentos: os tradicionais e os julgamentos à americana (TICA ou CFA).
Uma das principais diferenças entre estes dois tipos de avaliação prende-se com o número de juizes convocados para classificar cada um dos animais. Com efeito, no julgamento à americana, cada gato que participa na exposição passa pelas mãos de todos os juizes, independentemente do número de animais a concurso. Cada juiz observa todos os concorrentes, qualquer que seja o seu sexo, idade ou raça.
Ao contrário dos julgamentos tradicionais que se desenrolam na maior discrição, os julgamentos à americana realizam-se em público e cada juiz comenta a sua escolha.
1- Adultos (machos e fêmeas),
2- Gatinhos (machos e fêmeas),
3- Gatos esterilizados,
4- HHP ou gatos domésticos adultos, (machos e fêmeas),
5- HHP ou gatinhos domésticos (machos e fêmeas),
6- NBC, novas raças e cores.
Todos os detalhes são importantes para o juiz: morfologia, tipo e apresentação do gato. Todo este conjunto é julgado em relação ao standard

O controlo veterinário que se processa antes da abertura ao público tem como finalidade permitir apenas a participação de animais saudáveis na exposição para evitar qualquer tipo de contaminação.
O boletim de vacinas e a caderneta de tatuagem são dois elementos indispensáveis: as vacinas contra a raiva e coriza são obrigatórias. É também aconselhável vacinar o animal contra a leucemia felina. O veterinário verifica se o animal não é portador de qualquer afecção da pele (sarna, tinha) e controla também os olhos, nariz assim como a limpeza da zona posterior.

As estruturas da felinofilia nos principais países são mencionadas nos anexos deste livro.

Os prémios obtidos são taças ou rosetas; em caso nenhum se trata de montantes pecuniários.

Os diferentes títulos são:

C.A.C: Certificado de Aptidão para o Campeonato.
É necessário obter três C.A.C. para ser um campeão.
C.A.C.I.B.: Certificado de Aptidão para o Campeonato Internacional de Beleza. Para ser um campeão é preciso ter obtido 3, um dos quais no estrangeiro.
C.A.G.C.I.B: Certificado de Aptidão para o Grande Campeonato Internacional de Beleza. Neste caso são necessários três, dois dos quais atribuídos no estrangeiro e por dois juizes distintos.
C.A.C.E.: Certificado de Aptidão para o Campeonato da Europa. Neste caso são necessários 3, atribuídos em três países distintos e por três juizes diferentes.
Classe de honra: uma vez obtidos todos estes títulos, os gatos podem ainda concorrer a esta distinção honorífica e continuar a obter prémios, deixando assim lugar aos recém-chegados.
Para além disso, os gatos expostos poderão receber outras distinções tais como "Best Variety": melhor cor na respectiva raça, "Best in Show": melhor de cada categoria. De entre os "Best in Show" será escolhido o "Best of Best", ou seja, o melhor de entre os melhores nas três categorias seguintes: pêlo curto, pêlo semi-longo e pêlo comprido.

da raça. Raça a raça, o gato é julgado em função da sua cor. Os diferentes concorrentes de uma mesma cor recebem um "flat", um pequeno cartão de cor que deverá ser pendurado na jaula do animal e que concretizará a sua classificação: azul para o primeiro, vermelho para o segundo, amarelo para o terceiro, verde para o quarto e branco para o quinto. Os gatos são sempre classificados por divisões: os três melhores unicolores, os três melhores "tabby", os três melhores tartaruga, etc.

Finalmente, são escolhidos os três "Best of Breed", ou seja os três melhores de cada raça. Cada juiz selecciona os 10 melhores de cada uma das 6 categorias, onde se reúnem todas as raças. Os animais são recompensados com uma roseta.

No julgamento à americana, o gato obtém pontos. Estes resultados são anotados por cada juiz na sua respectiva caderneta, a qual é posteriormente enviada para os Estados Unidos onde se realiza a contabilidade dos pontos obtidos de Maio a Maio. Os vinte melhores gatos de cada categoria, de todas as raças e de todos os países em simultâneo, são premiados durante um concurso anual.

O criador anota no seu respectivo catálogo todos os pontos obtidos no concurso.

No julgamento tradicional, o gato é apresentado com o objectivo de obter um título que é atribuído em função da fidelidade ao standard. O gato passa diante de um único juiz e todos os elementos da avaliação são transmitidos ao criador.

O juiz começa por examinar o corpo, a cor e o aspecto do gato. A avaliação inicia-se frequentemente pela cabeça (formato, nariz, orelhas, olhos, maxilas), passando depois para o corpo e cauda. Seguidamente, aprecia a pelagem, a qualidade e distribuição das cores. Finalmente, o juiz termina a avaliação com uma impressão geral sobre o gato.

No que respeita aos gatos domésticos, o trabalho do júri é ligeiramente diferente, visto que não existe um standard propriamente dito. Será a opinião do juiz que fará a diferença.

O juiz pode atribuir ou não o título, em função da qualidade dos animais que são apresentados a concurso.

Escala de pontos

A escala de pontos é uma anotação numérica dos diversos elementos morfológicos do gato, para permitir a sua apreciação e classificação nos concursos e exposições. Os standards comportam uma escala de pontos. A pontuação máxima é de 100 e corresponde à perfeição. Em função da sua importância, a cada região do corpo é atribuído um número de pontos. As escalas de pontos variam não só consoante a raça, mas também, consoante a associação felina para a mesma raça. O quadro abaixo dá uma ideia das diferenças de classificação para as raças descritas nesta obra.

Raças	Cabeça	Orelhas	Olhos	Pescoço	Corpo	Patas Pés	Cauda	PELAGEM			Condição Equilíbrio
								Textura	Cor	Padrão	
Abissínio	25				30			10	35		
	30				35			10	25		
	15		10		20			10	25	15	5
American Bobtail	25				25		20	15	5		10
	25	5	5		25	5	5		20		10
American Curl	20	30	10		25				15		
	15	30	10		30				15		
	15	30	10	2	18	5	5	13	2		
American Shorthair	30		10		25			15	20		
	45				20	10	5	10	10		
	25	5	10	5	20	10	5	10	10		
American Wirehair	25				20			45	10		
	25				20			45	10		
	25	5	10	5	20	10	5	10	10		
Angorá Turco	20	12	6	6	20	8	8	10	5		5
	25		10		30		15	15			5
	20	12	6	6	20	8	8	10	5		5
Balinês	20		5		30			20	25		
	25		10		25			25	10		5
	25		15		25			10	20		5
Bengal	10	10	5	5	10	10		10	10	30	
	10	10	5	5	10	5	5	10	10	30	
Azul Russo	25		15		20			20	20		
	15	5	10	3	15	7	5	20	20		
	25		10		30			20	10		5
Bombaim	25		5		20			20	30		
	30		20		30			20			
	25	5	20		20	5	5	15	5		
British Shorthair	25				35			20	20		
	20	5	5	5	20	5	5	15	10		10
	30		10		20			10	25		5
Burmês	30				30			10	30		
	25		10		25			10	25		
	25		20		20			15	15		5
Burmila	20	10	20		25			10	10		5
	19	6	10		15	5	5	15	25		
California Spangled	20	5	5	5	20	11	6	8		20	
Ceilão	20	15	15		25			10	10		5
Chartreux	35				30			20	15		
	15	10	10	4	20	8	4	14	15		
	35				25		10		25		5
Cornish Rex	25				30			40	5		
	12	5	5	4	15	5	4	36	5		9
	25		5		30			35			5
Cymric	25		10		30	15		15	5		
Devon Rex	35				30			30	5		
	30				30			35	5		
	25				20			40			5
Europeu	35				25			10	25		5
Exótico de pêlo curto	30		10		20			10	20		10
	30		10		25		5	10	20		10
Gato dos Bosques	50				30			5	5		10
da Noruega	20	5	5		20		10	20	5		15
	20	5	5		10	10	10	20	5		15
German Rex	15	5	10		20		5	40			5
	10	5	10		15		5	40	10		5
Havana	33		10	15		5	5	10	22		
	15	5	10		20	10	5	9	10		16
	15	5	10		20	10	5	10	10		15

C.F.A. T.I.C.A. F.I.Fe S.C.F.F.

Raças	Cabeça	Orelhas	Olhos	Pescoço	Corpo	Patas Pés	Cauda	PELAGEM			Condição Equilíbrio
								Textura	Cor	Padrão	
Bobtail Japonês	20				30		20	10	20		
	20				30		20	10	20		
	20						20	10	20		30
Javanês	20		5		30			20	25		
	25		10		25			25	10		5
	25		15		25			10	20		5
Korat	25		15		25			10	25		
	18	7	18	2	15	4	3	13	20		
	20		20		25			10	20		5
Laperm	20	5	5		25			35	10		
	20	5	5	5	10	5	5	35	10		
Lince doméstico	20	5	5		15	10	15	10	10		10
Maine Coon	30				35			20	15		
	20	10	5		20	10	10	20	5		
	25	10	5		25		10	20			5
Mandarim	18	7	13		17	5	8	20	7		5
Manx	25		5		25	15	5	20	5		
	25		10		30	15		15	5		
	15		5		25		35	15			5
Mau egípcio	20				25			5	25	25	
	10	5	10		15	5		10	15	25	
	10	5	15		10		5	5	15	25	5
Munchkin	25				50			10	5		10
	15	5	5	5	10	30	5	10	5		10
Ocicat	25				25				25	25	
	20				30		5	20		25	
	15	5	10		10	5	5	15	5	25	5
Ojos Azules	15		15		20	10	5	10	15		10
	15		15		10	10	5	10	15		20
Oriental	20		10		30			10	30		
	15	5	15	2	15	5	3	10	10		20
	25		15		25			10	20		5
Persa	30				30			40			
	30		10		25		5	10	10	10	
	30		15		20				30		5
Ragdoll	30		15		30	5		10	20		5
	20		5		20	5	5	10	25		5
	30				35			10	20		5
Sagrado da Birmânia	30				30			10	30		
	20				20	20	10	10	15		5
Scottish Fold	55				40				5		
	15	30	15		10		20		10		
	15	30	15		10		20		10		
Selkirk Rex	24	4	7		10	10	5	25	5		10
Siamês	20		10		30			10	30		
	24		10		40			10	16		
	25		15		25			10	10	10	5
Siberian	30				35	5		10	10		10
	21	4	5	5	30	5		10	10		10
Singapura	25		10		20			15	15	15	
	20		10		20			10	40		
	9	8	13	4	10	4	2	10	4	0	
Snowshoe	20				30			5	35		10
	13	3	4	2	14	10	4	5	35		10
Sokoke	15		10		25			15	30		5
	10	5	10		15	5	5	15	30		5
Somali	25				25			20	30		
	30				35			10	25		
	15		10		20			25	15	10	5
Sphynx	35				35				25	5	
	23	7	5	5	20	5	5		25	5	
Tonkinês	25				30			10	35		
	27				27			9	27		10
	14	5	16		14	7	6	10	18		10
Turco do lago de Van	30				35				15	20	
	15	7	8		20	10	10		15	15	
	25	10	10		25				2	5	5
York Chocolate	15	5	5		15	5	5	20	20		10

C.F.A. T.I.C.A. F.I.Fe S.C.F.F.

3

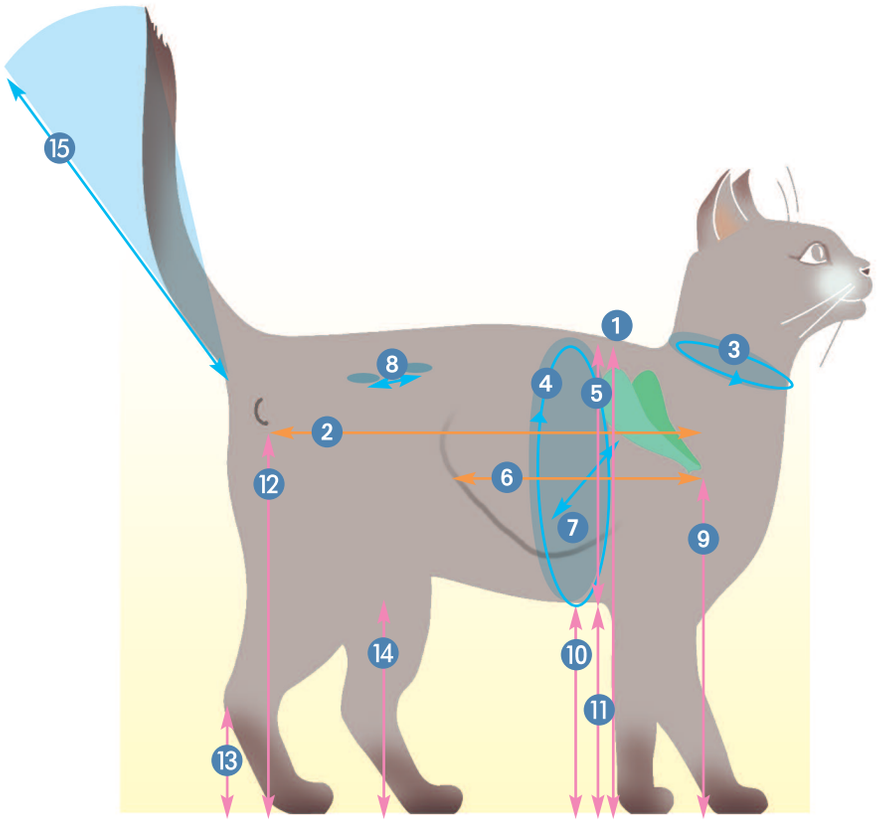
AS RAÇAS

As Raças

As raças estão classificadas por ordem alfabética. Praticamente, todas as raças reconhecidas até à data encontram-se descritas nesta obra, quer sejam de criação recente ou antiga. Incluem-se também as raças que estão ainda em fase de apuramento. Após uma breve historial do nascimento das raças, seguem-se informações sobre o seu carácter, as suas particularidades, e uma descrição desenvolvida do standard actual (descrição do modelo ideal), tal como é definido pelas principais organizações felinas mundiais: o TICA (The International Cat Association), a CFA (Cat Fancier's Association) e a SCFF (Société Centrale Féline Française). Frequentemente, para a mesma raça existem diferenças entre os standards das várias associações. Estas diferenças, quando consideradas significativas, foram registadas e assinaladas por um símbolo que especifica a origem, nomeadamente, no que se refere às variedades. Para além disso, apresentam-se as características temperamentais, o peso dos animais (segundo B. Fogle) e as particularidades das raças em geral, sem a pretensão de cobrir exaustivamente todos os pormenores dos gatos porque... cada gato é um caso único!

Para possibilitar uma melhor compreensão das definições e informações referidas nos standards, apresentamos um glossário que engloba os termos estrangeiros, tipos morfológicos, cores e padrões da pelagem.

Morfologia geral

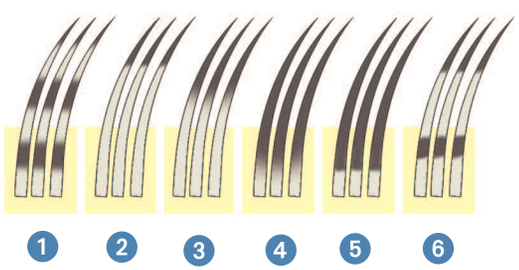


As principais medidas do corpo e membros do gato.

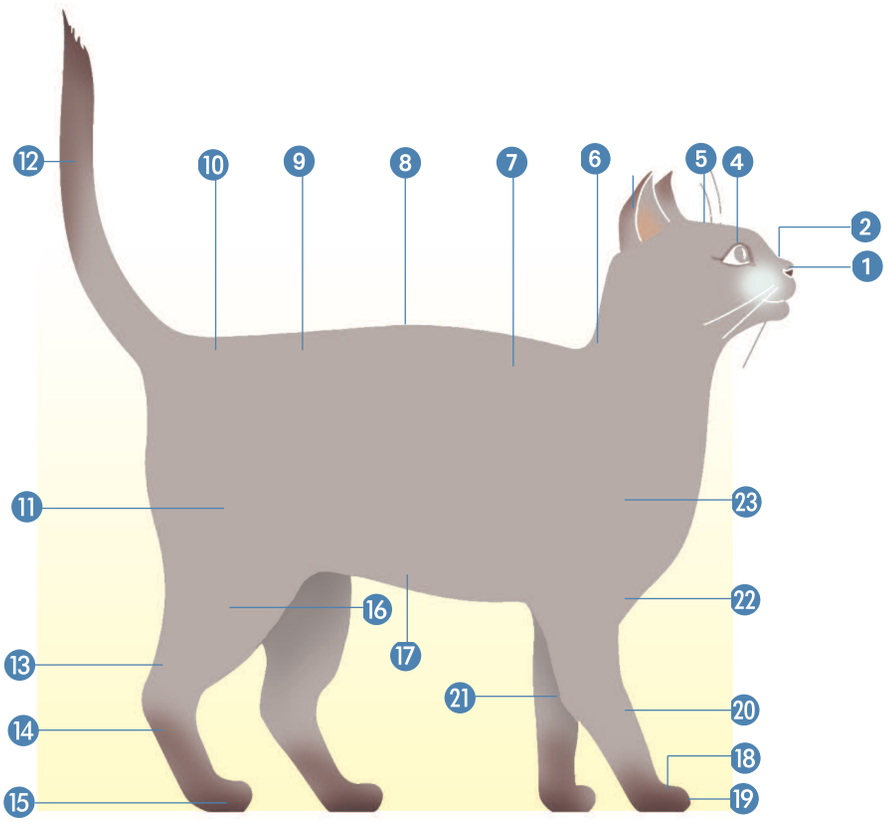
1. *Tamanho: altura do garrote*
2. *Comprimento do corpo*
3. *Perímetro do pescoço*
4. *Perímetro torácico*
5. *Altura do peito*
6. *Profundidade do peito*
7. *Largura do peito*
8. *Largura da bacia*
9. *Altura da escápula*
10. *Altura do cotovelo*
11. *Distância do chão ao esterno*
12. *Altura da extremidade dos quadris*
13. *Altura da extremidade do jarrete*
14. *Altura da extremidade da soldra*
15. *Comprimento da cauda*

(Segundo Horchois (J.P.) tese Alfort, 1974)

O gato possui um corpo geralmente alongado e membros relativamente curtos. A cabeça pode ser globulosa, a face larga e curta ou triangular. As orelhas são curtas, a cauda é habitualmente comprida, flexível e tem uma apresentação baixa ou erguida. O pescoço é curto, possuindo pele solta e distensível, o que permite agarrar facilmente o animal. As paredes abdominais são espessas e carnudas.
A cavidade abdominal é mais comprida do que larga. As ancas e as coxas formam uma vasta área de superfície convexa.

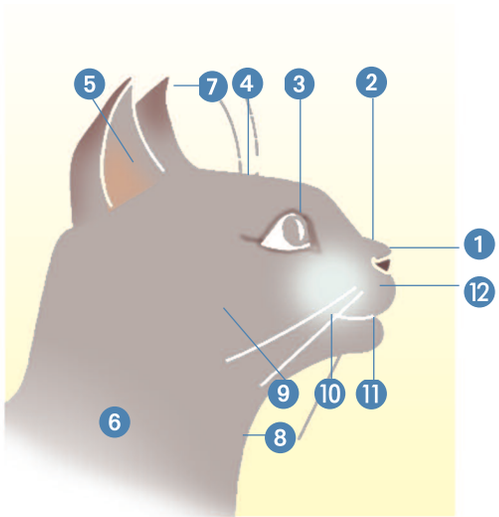


1. *"Ticking" (listrado)*
2. *Chinchila*
3. *"Shaded"*
4. *"Smoke"*
5. *Gato unicolor*
6. *Gato "tabby"*



Partes do corpo do gato

1. *Nariz*
2. *Parte superior do nariz*
3. *Olho*
4. *Fronte*
5. *Pavilhão auricular*
6. *Pescoço*
7. *Região interescapular*
8. *Dorso*
9. *Ancas*
10. *Garupa*
11. *Coxas*
12. *Cauda*
13. *Jarrete (tarso)*
14. *Metatarso*
15. *Dígitos do pé*
16. *Membro posterior*
17. *Abdómen*
18. *Metacarpo*
19. *Dígitos da mão*
20. *Antebraço*
21. *Cotovelo*
22. *Membro anterior*
23. *Escápula*



Vista lateral da cabeça

1. *Nariz*
2. *Face*
3. *Olho*
4. *Crânio*
5. *Pavilhão auricular*
6. *Pescoço*
7. *Orelha*
8. *Garganta*
9. *Bochechas*
10. *Lábios*
11. *Comissuras labiais*

Glossário

Bajoues.

Activo
Termo que descreve o animal em acção, em movimento e sempre alerta.

Admitido
Característica permitida pelo standard, muito embora não seja procurada na criação de uma raça.

Afixo
Denominação que é acrescentada ao nome do animal e que indica o gatil do qual é oriundo.

Agouti
Nome dado à pelagem que apresenta, alternadamente, zonas claras e escuras. O gene agouti "A" é responsável pela presença de riscas na pelagem.

Azul
Cor da pelagem que vai do cinzento-azulado até ao cinzento-ardósia. Os Chartreux são gatos azuis.

Azul creme
As tonalidades azul e creme devem estar presentes nas mesmas proporções, formando uma mistura perfeita, tal como no Azul Fortie, uma variedade que apresenta manchas homogéneas de 2 cores. Trata-se, quase sempre, de fêmeas.

Bajoues
Designação dada às bochechas, nomeadamente no standard do Chartreux.

Barras
Riscas associadas à pelagem "tabby".

Bicolor
Gato cuja pelagem é composta por branco e outra cor.

Blotched (Classic Tabby)
Designa a pelagem "tabby" marmoreada, clássica.

Blue Point (Siamês).

Blue Point
Nos Siameses, Colourpoints e Gatos Sagrados da Birmânia, designa a cor cinzento-azulado ardósia dos pontos de pigmentação (máscara, orelhas, patas e cauda).

Branco
Os gatos brancos com íris azul são quase sempre surdos (Létard, 1925).

Break
Ângulo não arredondado, formado pela parte superior do nariz com a parte final da fronte.

Brindling
Pêlos brancos, descoloridos ou despigmentados existentes numa cor, num desenho ou padrão. Vestígios de cor que contrastam com a cor base da pelagem.

Cabeça cuneiforme
Cabeça caracterizada por linhas rectas que vão da base exterior das orelhas até à zona lateral do focinho. Crânio plano e nariz recto. Traços da face angulosos em forma de cunha.

Cabeção ou juba
Faixa de pelagem longa e abundante em redor do pescoço.

Calções
Nome dado aos pêlos compridos e densos da zona posterior das coxas. Só é encontrado nos gatos de pêlo comprido ou semi-longo.

Calico
Termo americano que indica a variedade tartaruga e branco (zona branca em toda a região inferior do corpo).

Cameo
- Gatos prateados cuja extremidade dos pêlos é ruiva ou creme ("tipping").
- Variedade "tipped" prateado ruivo ou creme.

Cauda
O gato doméstico possui uma cauda comprida (um pouco mais curta no Persa, e eventualmente inexistente no Manx), a qual é muitas vezes abundante e naturalmente curvada para trás. A figura ilustra algumas variações em função da raça. Diversas raças asiáticas apresentam reduções ou deformações caudais. Cauda em forma de saca-rolhas ou de pompom (Bobtail japonês). Gato "que dá um nó na cauda para não esquecer a sua fúria" (resumo de "Provinciales" de Giraudoux).

Break (Exótico).

Colourpoint, chocolate tortie.

Cabeção (Gato Sagrado da Birmânia).

Colourpoint.

Cabeça cuneiforme.

Chama
Marca, frequentemente branca, que vai do meio da fronte até ao nariz.

Champanhe
Termo americano que indica a cor chocolate do Burmês e a tonalidade lilás do Tonquinês (ver "Honey Mink").

Chicote
Cauda longa, fina e móvel que se vai progressivamente afilando da base até à ponta, sendo encontrada no Siamês, Sphynx e Oriental.

Chinchila
Extremidade dos pêlos negra, sendo o restante de uma tonalidade branca prata. É o nível mais baixo de "tipping".
• Persa original, com vestígios de negro, resultante provavelmente do cruzamento de um Persa Silver Tabby com um Smoke. Corpo muito maciço e patas curtas. Cabeça redonda, larga, "stop" acentuado. Olhos redondos verdes ou verdes azulados. Pêlo comprido. Pelagem Chinchila: sub-pêlo branco puro. "Tipping" negro, regularmente distribuído no dorso, flancos, cabeça, orelhas e cauda, cobrindo aproximadamente 1/8 do comprimento do pêlo. Nariz cor de tijolo orlado de negro. Almofadinhas negras ou "Seal".
O Persa Silver Shaded é mais escuro que o Chinchila. O "tipping" negro representa aproximadamente 1/3 do comprimento do pêlo.

Chocolate
Cor castanha bastante clara, muito comum nos gatos Orientais.

Cinnamon
Cor de mel, castanho-avermelhado ou cor de canela.

Classic Tabby ou Blotched Tabby
Os anéis da cauda e das patas são largos e espaçados. O "M" da fronte, as linhas paralelas do crânio e as linhas do pescoço são largos. Os ombros apresentam desenhos em forma de ostra ou de olho-de-boi. Três riscas largas e paralelas acompanham a coluna vertebral, do pescoço até à cauda. Os flancos evidenciam extensas marcas em forma de asa de borboleta aberta. O abdómen é malhado.

Cobby
Corpo maciço, compacto, curto e musculoso com peito e ancas largas (Persa).

Colar
Riscas continuas ou interrompidas na zona superior do peito nas variedades "tabby".

Colourpoint
Gato com corpo de cor clara e zonas (marcas) de cor mais escura na máscara (face), orelhas, patas e cauda. Todos os Siameses são Colourpoint.

Consanguinidade
Cruzamento de indivíduos aparentados (da mesma família). O cruzamento entre dois irmãos pode revelar anomalias provenientes dos pais, mas também permite a rápida fixação dos caracteres de uma nova raça.
Couro do nariz
Extremidade do nariz e narinas.

Cream
Tonalidade bege muito pálida, muito frequente no Persa.

Curling
Palavra inglesa que designa o pêlo frisado, encontrado no American Wirehair ou no Rex.

Defeito
Qualquer imperfeição considerável, em relação ao standard da raça e às suas qualidades específicas.

Desbotado
Versão mais clara de uma cor base: lilás, creme, etc.

Desqualificação
Eliminação do animal exposto, em virtude de um defeito suficientemente grave para impedir a atribuição de um título (animal agressivo, pelagem tingida ou cortada, animal sujo, demasiado gordo ou excessivamente magro, número anormal de dedos, criptorquidismo, etc.).

Díspares
Quando os olhos não possuem a mesma cor: por exemplo, um olho azul e outro cor de ouro, como nos Persas brancos.

Domo
Fronte abaulada.

Tartaruga.

Chama.

Foreign.

Luvas.

Golden.

Escala de pontuação

Classificação numérica dos diversos elementos de apreciação do gato. A pontuação máxima correspondente à perfeição é de 100. Para proporcionar uma apreciação rigorosa, cada região do corpo possui um número de pontos relacionados com a sua importância. As escalas de pontuação variam em função de cada raça (ver a tabela da escala de pontos em felinofilia).

Esporão

Zona branca na parte posterior das patas do Gato Sagrado da Birmânia e do Ragdoll.

Fantasma

Marca "tabby" visível nos animais jovens de cor geneticamente uniforme. Essas marcas vão-se esbatendo com a idade e com a muda de pêlo.

Fawn ou Faon

Cor bege, pertencente à escala negra. Cor delicada, muito pálida.
Diluição do "cinnamon", bege pálido, cor de areia clara, e uma ligeira tonalidade cinzenta rosada.

- "Fawn Point": extremidades bege rosadas.
- "Fawn Tortie": o "cinnamon" passa a mel dourado e o ruivo torna-se creme.

Ferrugem

Vestígios de pêlos avermelhados na pelagem de um gato negro.

Foreign (Estrangeiro)

Termo que descreve um gato com estrutura óssea fina, longilíneo e elegante como o Abissínio, Siamês e o Somali.

- Oriental de pêlo curto, pelagem unicolor.

Fumado

Pelagem em que a maior parte do pêlo se apresenta colorida, sendo a base branca ou clara (em inglês: "Smoke").

- 50 a 80% do comprimento do pêlo é colorido, sendo o restante prateado ("Silver"). É observável sobretudo no Persa.

Gato nu

A alopecia hereditária do gato é rara. Os gatos nus mexicanos, raça criada pelos Aztecas, foram descritos em 1924: pele azulada na parte superior e clara na zona ventral, ligeiramente enrugada. Vibrissas bem desenvolvidas e uma ligeira pelagem invernal no dorso e extremidade da cauda. Em 1930, Létard estudou um grupo de gatos nus e descreveu-os como tendo pele gordurosa, muito enrugada e de uma tonalidade cinzento ardósia. O gato nu originário da Índia foi observado em 1930. Em 1935, Létard estudou dois gatinhos machos provenientes de uma ninhada de siameses. Pode assim demonstrar o carácter autossomático recessivo da transmissão (hr). Em 1966, no Canadá, os cruzamentos ocorridos numa ninhada de gatos nus produziram unicamente gatos deste tipo, dando origem à raça Sphynx (Canadian Hairless).

Gázeos ou díspares (olhos)

Olhos de cor diferente. "Tinha um olho azul como uma porcelana chinesa e o outro cor de ouro" (G. Perec, "La Vie, mode d'emploi").

Gold ou Golden

Cor de alperce dourado. Entre as cores raras:

- Golden Shaded: fundo alperce escuro, sem qualquer vestígio de cinzento, ao qual se acrescenta um "tipping" negro.
- Golden Chinchila: fundo alperce vivo, sem vestígios de cinzento. Apenas a ponta do nariz é negra em 1/8 do seu comprimento.

Guarda

Um dos três tipos de pêlo que compõem a pelagem do gato e que constitui um isolante mais ou menos espesso (ver Pêlo).

Haret ou Feral

Qualifica um gato doméstico que regressou ao estado selvagem e que vive do produto da sua caça.

Havana

Cor castanho intenso.

Himalaia

Sinónimo de Persa Colourpoint. Persa com cor de Siamês.
Um belo Himalaia é um gato magnífico que possui grandes olhos azuis e uma pelagem marcada pelo contraste entre as extremidades e o corpo.

Lilac Point.

Inteiro

Animal não esterilizado.

Laços

Área branca compreendida entre o pé e o jar-

Lynx tip.

rete, especialmente nos Birmaneses e no Snowshoe ("patas calçadas" na zona posterior até ao jarrete) (Ver Esporão, Luva).

Lanoso
Sub-pêlo espesso ao nível do abdómen, calções ou cauda dos Persas. A pelagem tem aspecto lanoso no Chartreux.

Lavanda ou lilac
Cor bege rosado pálido, sem marcas.

Lilás ou Lilac
Cor bege rosado pálido (ver Lavanda). Cor rara. Cinzento toupeira, bege rosado extremamente pálido, homogéneo sem marca fantasma. Platina (Burmês e Tonkinês). Os Persas Lilac apresentam uma coloração muito pálida em toda a zona do abdómen, cabeção e cauda. Lilac Cream: mistura de creme e lilás; Lilac Point: as extremidades são bege rosado, o corpo varia do branco sujo ao marfim velho muito claro. Os olhos são o mais escuros possível.

Linhas de máscara
Linhas escuras junto aos olhos.

Luvas
Zona de cor branco puro situada na extremidade das patas (Gato sagrado da Birmânia).

Lynx Point ou Tabby Point
Gato colorido cujas extremidades ou pontos (máscara, cauda, patas e orelhas) são pigmentadas com marcas "tabby" (Siamês, Himalaia, etc.).

Lynx tip
Tufo de pêlos situado na ponta da orelha, característica procurada no Maine Coon, Gato dos Bosques da Noruega, Himalaia, e retirada no Persa e no Exótico.

Mackerel
Padrão "tabby" tigrado. Mackerel Tabby: tal como os colares, as patas e a cauda apresentam-se aneladas com traços finos e próximos. O "M" frontal, as linhas do crânio, do pescoço e da coluna vertebral são contínuas, juntas e bastante paralelas. Os flancos, ombros e coxas evidenciam quer riscas semelhantes a uma espinha de peixe, quer linhas finas, regulares e paralelas. O abdómen é manchado.

Maltesing
Diluição dos pigmentos no folículo piloso.

Manto
Cor da superfície do dorso de tonalidade similar à da cabeça.

Marca
"Tabby" ou riscas denominadas "Fantasma" quando se esbatem com a idade ou quando o gato apresenta marcas "tabby" sendo geneticamente de cor uniforme.
Motivos com contornos nítidos, desenhados sobre um fundo de pelagem mais ou menos homogéneo. O padrão é formado por um conjunto de pêlos mais escuros ou mais claros que formam riscas, marmoreado ou mosqueado, marcas nas extremidades, máscara ao nível da cabeça ou "punhos" na extremidade das patas.

Máscara.

Marca de escaravelho
Marca em forma de "M" na fronte de diversos gatos "tabby", com manchas, de tipo estrangeiro e um motivo bastante complexo que lembra um antigo escaravelho egípcio (ver Mau egípcio).

Mink.

Marcas tigradas
Marcas distintivas de riscas no "tabby", semelhantes a espinhas de peixe.

Marmoreado ou Marble
Termo utilizado apenas para os Bengalis, cujos desenhos representam o Classic Tabby, misturado com as marcas típicas dos grandes felinos ou gatos selvagens com rosetas nos flancos. O gato marmoreado e o gato selvagem da Ásia, apresenta zonas marmoreadas no dorso e nos flancos e uma linha inferior, mais clara, marcada com manchas negras.

Máscara
Região da face mais colorida que compreende o nariz, os bigodes, o mento e o contorno dos olhos, terminando entre as orelhas. Zonas mais escuras da face existentes no Siamês ou no Birmanês.

Matizado
Pelagem cuja tonalidade varia gradualmente, como, por exemplo, no caso do Burmês.

Mi-Ke
Variedade tartaruga e branco (Calico) do Bobtail japonês.
Tartaruga, ruivo claro, ruivo escuro e negro sobre um fundo branco.

Mink ou Vison
Resultado da acção de genes "point" e "sépia" no gene unicolor. O gato apresenta cores mais fortes nos pontos e no dorso, enquanto que, o corpo e, sobretudo, as partes inferiores são mais claras. Os Colourpoints só são coloridos nas extremidades; os olhos são cor de água marinha como nos Tonquineses. Exemplos:
• Chocolate Mink: pontos do Siamês Chocolate, corpo castanho dourado pálido;
• Blue Mink: pontos do Siamês Azul, corpo cinzento metálico muito pálido;
• Lilac Mink: pontos do Siamês Lilac, corpo pó de arroz muito pálido, bege rosado.

Mitenes
Pelagem branca nas patas anteriores como no caso do Ragdoll.

Mosqueado ou Spotted
"Encontrado apenas no gato europeu, este padrão corresponde a manchas nítidas não sobrepostas, de forma oval, redonda ou em roseta, de cor variável, considerado "adequado à cor base" pelo standard" (Chaudieu, 1974).

Não agouti
Pelagem unicolor. O gene agouti "A" é responsável pela presença de riscas na pelagem, acompanhadas sempre por um motivo denominado padrão "tabby". Do gene não aguti "aa" resultam as cores simples (uniformes em todo o comprimento do pêlo), excepto nas variedades ruiva, creme ou laranja. Por exemplo, todos os gatos ruivos ou creme apresentam um padrão "tabby" mais ou menos acentuado.

Óculos
Zona mais clara em redor dos olhos numa máscara colorida (Siamês, Birmanês e Himalaia).

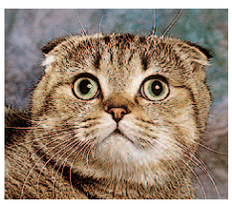
Odd-Eyed ou Díspares
Gato com um olho azul e outro cor de cobre. Unicamente possível em gatos brancos ou com uma pelagem colorida com branco.

Olhos
Olhos orientais: olhos amendoados, dispostos obliquamente.
• Os gatos brancos com olhos cor de laranja ou cobre não são surdos.
• Os gatos brancos com olhos gázeos (um azul e o outro laranja) são surdos apenas de um ouvido.

Orelhas rectas.

Orelhas grandes (Devon Rex).

Orelhas dobradas.


Orelhas em forma de boné.

Orelhas
• De tamanho médio, rectas (Europeu, etc.);
• Muito grandes (Devon Rex);
• Dobradas para trás (American Curl);
• Dobradas em forma de boné (Scottish Fold).

Padrão
Desenhos que caracterizam uma pelagem.

Particolor
Pelagem composta por 2 ou mais cores, como é o caso da tartaruga e o branco.
• Pelagem composta de diversas cores, por exemplo, ruivo, branco e negro.

Patched Tabby
Pelagem "tabby" na qual se sobrepõem as tonalidades da cor tartaruga. Também denominado Tortie Tabby (ver Torbie).

Pelagem
As características da pelagem incluem o pêlo (textura, comprimento, etc.), a cor do pêlo e a disposição das zonas coloridas e não coloridas.

Pelagem
Conjunto dos pêlos de um mamífero, tendo em conta o seu aspecto exterior (cor, textura, suavidade ao toque, espessura, comprimento...) ("le Robert"). A pelagem dos Felídeos é frequentemente espessa, macia e fofa. A coloração pode ser uniforme, amarelada ou acinzentada, clara ou escura, por vezes, negra, ou orlada de manchas, riscas ou zonas marmoreadas em fundo claro.
Algumas mutações deram origem a novas raças:
• Pelagem curta, ondulada, sem pêlos de guarda (Cornish Rex);
• Pelagem curta, ondulada com pêlos de guarda (Devon Rex);
• Pelagem frisada e áspera ao toque (American Wirehair);
• Pelagem reduzida a uma penugem macia (Sphynx);
• Pelagem curta (Azul Russo);
• Pelagem semi-longa (Somali);
• Pelagem longa (Persa).

Pêlo
Distinguem-se diversas categorias de pêlos (classificação variável consoante os autores):
• Pêlo de cobertura ou pêlos de guarda (pêlos primários): longos, espessos, rectos, pigmentados, espatulados nas extremidades distais.

Penacho (Angorá turco).

Particolor.

Pêlo curto (Azul Russo).

Pêlo comprido (Persa).

Pontos (Siamês).

Elemento protector da pelagem, abundante ao nível das zonas superiores do corpo.

• Pêlo tipo barba (igualmente com uma função protectora): com extremidade curva terminando em ponta, semelhante a uma clava.

• Pêlos intermédios ou heterótipos: ondulados e finos na base, terminando também em forma de clava. Papel protector.

• Sub-pêlo, penugem, lanugem: Pêlos finos e ondulados, muito densos com uma função de isolamento térmico.

Diz-se que uma pelagem é "dupla" quando é composta por pêlo (guarda) e sub-pêlo. Essa penugem é abundante no Persa, única no Sphynx e está ausente no gato de Bali:

• Pêlos tácteis ("antenas" segundo a escritora Colette. Bigodes, vibrissas).

• Comprimento, textura:

• Pêlos curtos (Pêlo de cobertura): 4,5 cm (Europeu, Chartreux...);

• Pêlos compridos (Pêlo de cobertura): 15-20 cm (Persa);

• Diâmetro do pêlo de guarda (Persa): 40 a 80 microns:

• Diâmetro da penugem (Persa): 10 a 35 microns.

Pelote

Lábio superior, zona onde se situa a raiz dos bigodes; parte bastante carnuda do focinho, de cada lado da extremidade do nariz.

Penacho

Cobertura de pêlos espessos na cauda, típica dos gatos de pêlo comprido, tipo Persa.

Pewter

Cor de estanho; gato "Silver Shadded" (pelagem prateada sombreada) com olhos de tom laranja ou cor de cobre.

Pinch

Demarcação acentuada entre as bochechas e o focinho.

Plastrão

Parte do corpo que engloba a parte inferior do mento e peito (nome dado ao colar dos Persas).

Pontos

Extremidades coloridas, mais escuras do que o corpo: máscara, orelhas, patas e cauda. Uma característica do gato Siamês.

• Colourpoint: colorido nas extremidades. O contraste é variável em densidade, sendo menos acentuado no padrão Burmês do que no padrão Siamês.

Quebra

Ângulo bastante pronunciado entre o nariz e a fronte (ver "Break" e "Stop").

Raça

Subdivisão da espécie, constituída por indivíduos com características hereditárias comuns ("le Robert"), as quais podem ser morfológicas e fisiológicas. Diz-se que um indivíduo é de raça pura se descender de progenitores pertencentes a essa mesma raça.

O número de raças felinas é relativamente pequeno, mas comporta inúmeras variedades. As diferenças entre as raças de gatos situam-se a nível morfológico e, mais especificamente, a nível da pelagem.

As novas raças surgem frequentemente do resultado de mutações genéticas (modificações súbitas e transmissíveis ao património hereditário, como é o caso do American Curl, o Sphynx, etc.). Por outro lado, se não fosse o empenho apaixonado de alguns criadores, teriam desaparecido numerosas raças (por exemplo o Chartreux).

Rex

Designa os animais cuja pelagem apresenta um aspecto ondulado, encrespado e que, na maioria dos casos, possuem bigodes frisados. De facto, este termo engloba diversas mutações diferentes, tanto em termos do genótipo como do fenótipo. O carácter Rex é sempre monogénico e, na maioria dos casos, autossómico recessivo. Apenas os caracteres Selkirk Rex e Dutch Rex são dominantes.

Rexing

Pelagem frisada dos Rex.

Robusto

Forma compacta do corpo, como é o caso do British Shorthair.

Romano

Diz-se de um perfil ligeiramente arredondado, sobretudo, no Gato Sagrado da Birmânia; o perfil é arqueado no Cornish Rex.

Ruddy

Termo americano que designa a cor original

Cauda inexistente (Manx).

Cauda curta (Bobtail japonês).

Ruivo e branco.

dos Abissínios e dos Somalis. "Usual" é o equivalente britânico.

Rumpy
Gato Manx sem cauda. O "Rumpy Riser" possui 1 a 3 vértebras coccígeas cobertas por um tufo de pêlos.

Sable
Designação americana para descrever o Burmese Brown, a forma mais escura dessa raça.

Seal
Cor castanha escura da pelagem, pertencente à escala negra.

Seal Point
As extremidades são o mais castanho escuro possível. A cor do corpo pode ir desde o tom casca de ovo até ao dourado. É a tonalidade do Siamês mais conhecida e a mais apreciada.

Self
Cor uniforme. Pelagem unicolor. Todos os pêlos possuem a mesma intensidade e a mesma cor ("Solid" em inglês).

Semi-cobby
Silhueta ligeiramente mais comprida e mais fina que o cobby.

Seal Point.

Semi-foreign
Silhueta bastante longilínea, mas com uma estrutura óssea relativamente forte.

Sépia
Esta cor que se aplica sobretudo ao Burmês, atenua ligeiramente a cor de base correspondente, a qual se torna mais clara.

Shading, Shaded
Tonalidade mais escura, porém da mesma cor que a base do pêlo. O "tipping" deve cobrir aproximadamente 1/3 do comprimento total do pêlo.

Shell
O "tipping" (marca mais escura da extremidade do pêlo) deve cobrir, aproximadamente, 1/8 do comprimento do pêlo. Um gato "Shell" deve ser mais claro que um gato "Shaded".

Silver
Pelagem prateada. Manto com "tipping" colorido em pelagem branca. Se o termo não for precedido por outra cor, como no caso do azul prateado, indica um "tipping" negro. No caso do Mau egípcio, a variedade Silver apresenta um contraste entre o mosqueado negro e o fundo prateado muito claro. No caso do Somali, existem variedades Silver negro (faixas negras, faixas e zonas em declive brancas) e Silver azul (faixas azuis, faixas e zonas em declive brancas).
Nos Tabby Silver, os pêlos em causa estão circunscritos em zonas mais claras entre marcas mais escuras.

Silver Shaded.

Slip/calções
Sombras, marcas mais escuras nas ancas dos Colourpoint. (Siameses, Himalaias e Birmaneses).

Smoke (Fumo)
Coloração do pêlo em 50 a 80% do comprimento (negro, azul, vermelho, creme...). O restante, até à raiz, é branco prateado luminoso. Um belo Persa "Smoke" deve dar ideia que se trata de uma cor uniforme. Por exemplo, se for negro, o fundo branco só deve ser visível quando o animal se encontra em movimento ou quando afastamos os pêlos.

Smoke Cameo
Pelagem cor de fumo quando a pigmentação é laranja.

Sombra
Matiz de cor na extremidade do pêlo ou em determinadas zonas (coxas). Pelagem "sombreada": entre a tonalidade chinchila e fumo (em que a maior parte do pêlo apresenta coloração), cuja ponta é colorida sendo a restante parte do pêlo branca ou de um tom claro.

Smoke negro.

Sorrel
Cor chocolate ticked no Abissínio e no Somali.

Spotted (Spot)
Manchas redondas, nítidas e diferenciadas. Spotted Tabby: pelagem tabby manchada ou mosqueada composta de manchas num fundo agouti.

Spotted Tabby
Patas e cauda aneladas, de linhas bastante finas e juntas.
A coluna vertebral pode apresentar quer manchas posicionadas em linha, quer linhas paralelas. Os flancos, ombros e coxas evidenciam

manchas de cor e formas variáveis, mas é preferível que estas sejam redondas e regulares (como no ocelote ou na pantera). Devem, em todo o caso apresentar-se bastante separadas e diferenciadas. O abdómen é malhado.

Standard
Conjunto de características das diferentes partes do corpo (cabeça, orelhas, olhos, patas, cauda...) e da pelagem (textura e comprimento do pêlo, cores...) que um indivíduo de uma determinada raça deve apresentar.

Stop
Quebra fronto-nasal, separação entre o crânio e a face. Consoante as raças, o "Stop" pode ser ligeiro (British Shorthair), muito acentuado (Persa) ou ausente (Oriental).

Stumpy
Termo que descreve uma variedade do gato Manx que possui uma cauda de 1 a 10 cm de comprimento. Uma a três vértebras caudais, frequentemente, com anomalias ósseas (cauda em forma de nó).

Tabby malhado.

Sub-pêlo
Pêlo fino e macio que se localiza próximo ao corpo, sob os pêlos de guarda, proporcionando um bom isolamento. Consoante as raças, é mais ou menos abundante.

Tabby clássico.

Tabby
Os gatos tabby possuem uma pelagem marcada por riscas, marmoreada ou com manchas escuras num fundo claro. Distinguem-se:
- O Tabby Blotched (clássico ou marmoreado). Riscas largas escuras que formam curvas nos flancos, uma asa de borboleta no ombro e 3 bandas largas da cernelha até à base da cauda.
- O Tabby Mackerel (ou tigrado): riscas finas perpendiculares à linha da coluna vertebral, contínuas ou interrompidas.
- O Tabby Spotted (ou mosqueado): apresenta manchas arredondadas, regulares, distintas num fundo de pelagem clara.
- O Tabby Ticked (pelagem do Abissínio): riscas quase inexistentes, que se limitam às patas, ao colar ou à cauda.

Os Tabby existem em todas as cores.

Tartaruga e branco
Gatos que apresentam uma coloração tartaruga e marcas brancas.

Tartaruga ou "Tortie"
Mistura de vermelho e negro ou de creme e azul. Em princípio, esta combinação existe apenas nas fêmeas. Cor da pelagem negro e laranja. Existe também em variedades desbotadas. Qualifica as pelagens onde se misturam 2 tonalidades, de forma mais ou menos diferenciada, sobre uma cor ruiva uniforme, creme ou alperce. Os conjuntos de cores incluem o negro, chocolate ou cor de canela com o ruivo ou com o azul lilás; o "fawn" com o creme; o caramelo com o alperce.

Ticking
Riscas de cor no mesmo pêlo. Cada pêlo possui riscas de cor escura que alternam com riscas de cor clara. Encontra-se nas variedades "tabby ticked". A pelagem do Abissínio caracteriza-se pelo "ticking".

Tigrado
O tigrado ou Mackerel corresponde a marcas escuras que se desenham num pêlo comprido ou curto:
- Anéis nas patas, cauda e peito.
- Uma única risca na linha dorsal.
- Riscas concêntricas transversais no dorso, partindo da coluna vertebral e terminando no abdómen. O gato selvagem possui este tipo de pelagem, o que lhe permite passar despercebido no seu meio natural.

Tipos morfológicos
Tipo: forma do corpo. Do ponto de vista morfológico, podem-se distinguir três tipos diferentes:
- Tipo mediolíneo, médio: proporções equilibradas e harmoniosas. Formato intermédio. Perfil rectilíneo, cabeça (de frente) redonda ou em forma de trapézio; "stop" levemente acentuado; nariz orelhas e olhos de tamanho médio. Ex: Gato europeu, British Shorthair, Chartreux;
- Tipo longilíneo: corpo esbelto, estrutura óssea e musculatura finas, membros compridos e pés pequenos. Cabeça fundamentalmente triangular e alongada, perfil convexilíneo, "stop" esbatido. Olhos amendoados. Orelhas grandes e pontiagudas. Cauda longa. Referimo-nos ao tipo Oriental. Exemplos: Siamês, Abissíno e Mau egípcio;
- Tipo brevilíneo: silhueta maciça, musculatura compacta. Estrutura óssea forte. Membros curtos. Cabeça larga que se inscreve num quadrado. Perfil côncavo, fronte abaulada, "stop" acentuado, nariz curto e largo, mento quadrado, bochechas cheias. Olhos redondos. Orelhas largas, curtas, separadas. Cauda curta

Tipo mediolíneo (Chartreux).

Tipo longilíneo (Oriental).

Tipo brevilíneo (British Shorthair).

e densa. A pelagem comprida realça este tipo morfológico, pois reduz a proporção dos membros. Exemplo: Persa.

Tipped, Tipping
Apenas a extremidade do pêlo é colorida (tip = extremidade). Consoante a proporção da parte escura em relação ao comprimento total do pêlo, distingue-se, por exemplo:
- Persa Chinchila: tipping em 1/8 do comprimento do pêlo.
- Persa Shaded: tipping em 1/3 do comprimento do pêlo.
- Persa Smoke: tipping em 2/3 do pêlo.

Torbie
Fêmea que possui simultaneamente marcas de tartaruga (tortie) e de tabby.

Tortie
Ou tartaruga = mistura de vermelho e negro ou creme e azul. Em princípio, esta coloração só existe nas gatas. Num Tortie Point, estas cores estão dispostas nos pontos e devem-se misturar de forma homogénea.

Van
Variedade particolor, em que todo o corpo é branco e apenas a zona superior da cabeça e a cauda são coloridas.

Variação
Conjunto de modificações a que foram submetidos os seres vivos a partir de um tipo considerado "normal", ou seja, um tipo médio. No gato, as variações incluem a forma da cabeça (redonda no Europeu, triangular no Siamês), comprimento da cauda (comprida em algumas raças e ausente no Manx), marcas de pelagem (tabby...), comprimento e cor do pêlo.

Variedade
Uma variedade corresponde a um sub-grupo de animais de uma determinada raça, em que o trabalho de selecção permitiu distingui-los dos outros animais da mesma raça.
No gato encontramos sobretudo variedades em termos da coloração da pelagem (ver Persa, por exemplo).

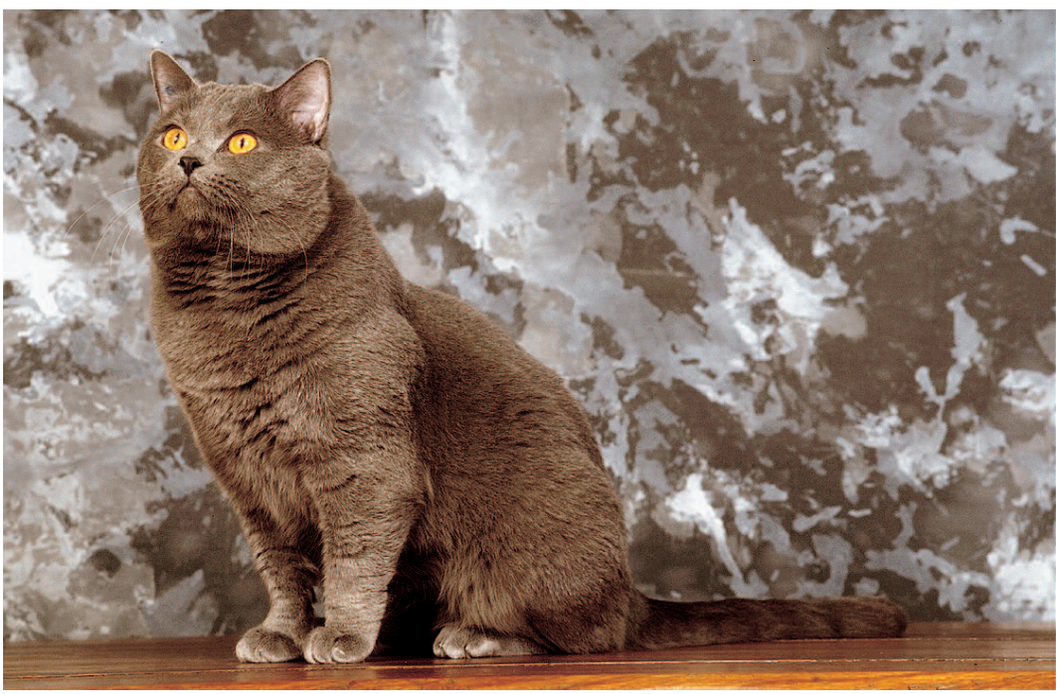
Zaino
Pelagem de cor uniforme sem presença de branco.

Zibelino
Variedade castanha (brown, sable) do Burmês. Pelagem escura, nariz e almofadinhas plantares castanhas. O Burmês, que surgiu em França em 1956, recebeu a designação de gato Zibelino devido à cor da sua pelagem.

Segundo P. Bossé, A. Brisson, B. Bulard-Cordeau, M. Casteran, C.F.A., J. Dutillet, F.I.Fe, M.-L. Hubert, J. L. Klein, C. Kretz, A. Noël, C. Sacase, S.C.F.F., T.I.C.A, E.J.J. Verhoef-Verhallen.

Olhos amendoados (Oriental).

Olhos redondos (British Shorthair).



Olhos amarelo-cobre (Chartreux).

Olhos verdes (Korat).

Abissínio

Um gato elegante e distinto, com olhos dourados.

O Abissínio pertence a uma das mais antigas raças felinas, embora a sua verdadeira origem seja ainda um mistério. Talvez seja originário da Etiópia, antiga Abissínia, razão do seu nome. Infelizmente, não se descobriram vestígios de gatos "agouti" na Etiópia. No entanto, devido à sua semelhança com o gato Sagrado do Antigo Egipto, perdura a lenda segundo a qual este animal teria nascido nas margens do Nilo. Com efeito, conta-se que Ramsés II teria pedido ao rei da Abissínia um grupo de gatos que levou para o Egipto. Para além disso, podem ser observados gatos com uma pelagem semelhante à do Abissínio em África, na Eurásia e na Ásia, nomeadamente, o Felis Libyca, Gato selvagem ou gato com luvas de África, e o Felis chaus, Gato dos Pântanos ou da Selva. Contudo, a existência de gatos com uma pelagem malhada na Índia e na Ásia, torna mais plausível uma eventual origem asiática. O primeiro gato "Abissínio", um gato com uma pelagem idêntica à de uma lebre, foi provavelmente, trazido da Etiópia por Robert Napier, tendo chegado à Grã-Bretanha em 1868. Baptizado com o nome Zula, foi exposto em 1871 no Crystal Palace de Londres. A partir de 1874, passa a ser o tema de um estudo científico realizado por G. Stables. A raça, reconhecida em Inglaterra em 1882, foi fixada e apurada através de cruzamentos com o British Shorthair. O primeiro standard foi publicado em 1889 por H. Weir. O desenvolvimento da raça teve início nos Estados Unidos, antes de 1910. Foi reconhecida em 1917 pela C.F.A. Em 1926, foi criado o Abyssian Cat Club. Duas gatas, Aluna e Osira, nascidas em Viena, foram introduzidas em França em 1927. Nos anos 30, alguns criadores europeus concentraram-se na selecção do Abissínio. Na sequência das duas Guerras Mundiais e da epidemia de leucemia felina, ocorrida 1960 e 1970, a raça quase desapareceu. Actualmente, o Abissínio faz parte das mais conhecidas e apreciadas raças de pêlo curto.

Abissínio azul, variedade recente. O primeiro abissínio com tons de azul foi descoberto na Grã-Bretanha em 1942.

Abissínio

Aspecto Geral

Tamanho médio. Peso: 4 a 7,5 kg. Aparência aristocrática, de pequeno felino selvagem. Elegante, harmonioso. Tipo "Oriental", com cabeça alongada (Abissínio inglês) e tipo "Europeu", mais compacto e com uma cabeça mais globulosa (Abissínio americano). Pêlo curto, tipo "agouti".

Abissínio azul.

Abissínio silver.

Cabeça

Cuneiforme (▼), com contornos ligeiramente arredondados (◆) sem faces planas (★). Fronte abaulada. Nariz de tamanho médio, nunca recto, sem quebra. De perfil, a cabeça apresenta uma curvatura suave. São permitidas faceiras nos machos adultos (■). Focinho não afilado, sem "pinch". O queixo é firme e bem desenvolvido, arredondado, nem esbatido nem proeminente.

Abissínio ruivo. Variedade recente.

Orelhas

Grandes, largas na base e com extremidades ligeiramente arredondadas (▼), moderadamente pontiagudas (■). Bastante espaçadas, posicionadas em estado de alerta, apresentam-se cobertas de pêlos curtos e acamados. É desejável a presença de uma marca nas costas da orelha ("marca selvagem" ou "marca de polegar") bem como penachos nas extremidades (▼).

Olhos

Grandes, amendoados, bastante espaçados. Realçados por um traço fino e escuro da cor de base, por sua vez, orlado por uma coloração mais clara (◆). Brilhantes, expressivos, com uma cor pura e intensa. Amarelo (ouro), verde (★) e âmbar (▼).

Pescoço

Bastante comprido, porte elegante.

Corpo

De comprimento e corpulência média, flexível, firme e musculoso. Caixa torácica arredondada. Dorso ligeiramente arqueado.

Patas

Compridas, rectas, finas, bastante musculosas. Pés pequenos, ovais, compactos. O gato parece manter-se na ponta dos pés.

Cauda

Bastante comprida, larga na base, afilando progressivamente.

Pelagem

Densa, cerrada, elástica ao toque, acamada. Pêlo curto ou de comprimento médio nomeadamente, na zona da coluna dorsal. Pelagem caracterizada por um "ticking" (duas ou três faixas de cor, alternando o claro e o escuro em cada pêlo e com a extremidade escura) semelhante à da lebre ou do coelho. O "ticking" não existe nos pêlos das zonas em declive (garganta, abdómen, face interna das patas) (▼).

De entre as cores reconhecidas, podemos citar:

Lebre ("normal" e mais tarde "usual" em inglês, "ruddy" em americano): riscas negras ou castanho-escuro num fundo alperce intenso. Couro do nariz vermelho tijolo, almofadinhas negras.

Azul (*blue*) : riscas azul acinzentado forte num fundo bege intenso. Couro do nariz rosa escuro, almofadinhas cinzentas.

Sorrel: riscas chocolate num fundo alperce. Couro do nariz cor de tijolo, almofadinhas castanho chocolate.

Fawn: riscas cinzento rosado sobre um fundo bege. Couro do nariz e almofadinhas rosa escuro.

Vermelho (Red): riscas de um tom ruivo alperce alaranjado. Couro do nariz e almofadinhas cor-de-rosa.

Silver (Prateado): faixas tipo lebre, sorrel, azul ou fawn num fundo prateado. O "ticking" só aparece nos gatinhos a partir da 6ª semana de vida.

Observações

Cruzamentos autorizados com outras raças: Somali.

Defeitos

Cabeça comprida (tipo Siamês) ou redonda. Orelhas pequenas ou pontiagudas. Olhos redondos. Corpo demasiado maciço. Pelagem baça, com textura aveludada. Desqualificação: um medalhão branco ou presença de branco em qualquer parte do corpo, com excepção das narinas, queixo e garganta (■).

Gatinhos Abissínios lebre (variedade original).

Características / Particularidades

Gato muito activo, extrovertido, brincalhão, extremamente curioso mas bastante equilibrado. Dotado de forte personalidade, é bastante independente, embora sociável, afectuoso, muito meigo e sensível, necessitando de muita atenção. Detesta a solidão. A devoção que manifesta ao dono é exclusiva. É muito comunicativo, mas os seus miados são muito discretos. A impetuosidade da sua juventude vai-se atenuando com a idade. Este atleta e caçador necessita de exercício e, portanto, de espaço. É aconselhável dispor de um jardim cercado. A sua manutenção é fácil. Bastará penteá-lo e escová-lo uma vez por semana. Durante a muda de pêlo é necessário eliminar regularmente os pêlos mortos. Para dar lustro ao pêlo deve utilizar-se uma camurça. Dois dias antes de uma exposição, se o animal colaborar, deve lavá-lo com um champô apropriado.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

American Bobtail

País de Origem:
Estados Unidos

Um pequeno lince felpudo de cauda curta, proveniente da América.

Este gato americano é raro fora dos Estados Unidos. Por volta de 1965, um casal de Americanos – os Sanders – em férias no Arizona perto de uma reserva índia, observaram um gatinho de aspecto selvagem que possuía uma cauda curta e erguida sobre o dorso. Adoptaram-no, baptizando-o de Yodie. Foi cruzado com Mishi, uma gata Siamesa. Um gatinho resultante deste acasalamento foi, posteriormente, cruzado com um gato creme, dando origem a esta raça.

A principal característica do "bobtail", a sua cauda encurtada, resultou de uma mutação provocada por um gene dominante. Originalmente, o seu pêlo era curto. Com a introdução de Persas Colourpoint (Himalaias nos Estados Unidos), a pelagem passou a ser semi-longa. A raça foi reconhecida pela T.I.C.A. em 1989. O American Bobtail semi-longhair é a versão de pêlo comprido do American Bobtail, apresentando características idênticas.

AMERICAIN BOBTAIL,
SILVER TABBY E BRANCO.

Foto acima: American Bobtail Brown Tabby e Branco
Foto ao lado: American Bobtail Silver Tabby

American Bobtail

Aspecto geral
Tamanho médio a grande. Peso: 3 a 9 kg. Corpo semi-cobby a cobby, vigoroso, pesado, bastante musculado. Cauda curta. Pelagem semi-longa, dupla.

American bobtail longhair black, smoke e branco.

American bobtail cream point.

Cabeça
Larga com contornos arredondados. Fronte ligeiramente arredondada. Faces cheias e bastante desenvolvidas. Focinho quase tão largo como comprido. "Stop"" ligeiro. Nariz largo quase recto, apresentado uma ligeira curvatura entre os olhos. Queixo firme, forte, bem desenvolvido. Mandíbulas fortes.

Orelhas
De tamanho médio, largas na base, arredondadas na extremidade e apresentando, preferencialmente, um penacho tipo lince. Bastante espaçadas, posicionadas em estado de alerta e com o interior guarnecido de pêlos compridos.

Olhos
Grandes, largos, ovais, amendoados, ligeiramente oblíquos. Cor adaptada à pelagem.

Pescoço
Comprimento médio, bastante musculoso.

Corpo
De tamanho médio, atarracado. Peito largo. Dorso ligeiramente arqueado. Forte estrutura óssea. Musculatura forte.

Patas
De comprimento médio. As patas posteriores são ligeiramente mais compridas que as anteriores. Estrutura óssea e musculatura vigorosas. Pés grandes, redondos. Tufos de pêlo na região interdigital.

Cauda
Curta (de 2,5 a 10 cm), flexível, podendo apresentar-se em forma de nó ou enrolada. Bastante farta, com pêlos compridos, espessos e hirsutos.

Pelagem
Dupla, espessa, densa, de comprimento médio, bastante áspera, hirsuta. Sub-pêlo abundante. O pêlo é mais comprido na zona do colar e na cauda. São admitidas todas as cores são admitidas.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: todas as raças (■).

Defeitos
Focinho demasiado curto. "Stop" muito acentuado. Cauda excessivamente comprida ou muito curta. Esqueleto muito fino. Pelagem demasiado sedosa, muito lisa. Desqualificação: cauda de tamanho normal ou ausência de cauda (■).

Gatinho American Bobtail longhair.

American bobtail brown tabby e branco.

American bobtail chocolate tortie tabby point.

Características / Particularidades
Este gato é calmo, paciente e delicado. Meigo e muito ligado ao dono. Gosta da companhia dos seus congéneres e admite a presença dos cães. Não aprecia a solidão. É também um excelente caçador. Não atinge a maturidade antes dos 2 ou 3 anos de idade. Fácil manutenção.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

American Curl

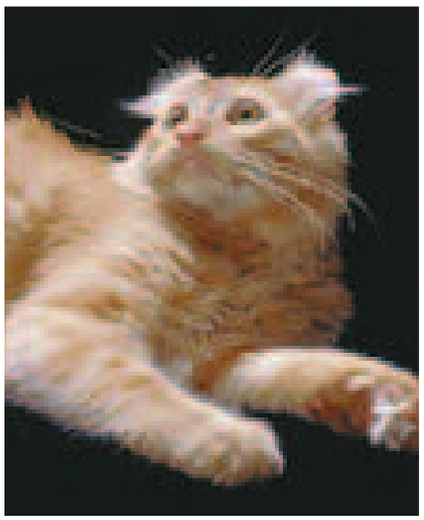
País de Origem:
Estados Unidos

Orelhas curvadas em forma de lua em quarto crescente, devido a uma mutação espontânea.

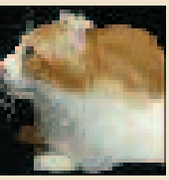
Em 1981, em Lakewood, Califórnia, a famíla Ruga adoptou uma gata vadia negra de pêlo semi-longo e orelhas "encaracoladas" (curl) à qual deram o nome de Shalamith.
No final desse ano, Shalamith deu à luz quatro gatinhos, dois dos quais apresentavam o mesmo tipo de orelhas. Em 1983, Nancy Kiester, criadora e amiga da família Ruga, apresentou Shulamith e a sua descendência numa exposição felina da Califórnia, obtendo um grande êxito. Na mesma época, empreendeu a criação dessa nova raça.
A mutação responsável pela curvatura do pavilhão auricular é causada por um gene dominante que apenas pode ser transmitido por um dos progenitores. Quer seja de pêlo curto ou pêlo comprido, o American Curl apresenta umas lindas orelhas, guarnecidas internamente por abundantes pêlos. A cartilagem é firme ao toque. Existem três graus de inclinação: ligeiro rebatimento, curvatura parcial e curvatura completa em forma de lua em quarto crescente. Este último, é o formato mais procurado.
Esta raça foi reconhecida pela T.I.C.A. em 1985, e posteriormente, pela C.F.A. em 1991. Introduzida em França, em 1988, a primeira ninhada nasceu em 1989. Foi introduzida na Grã-Bretanha em 1995.
O American Curl é um gato raro, sobretudo, fora dos Estados Unidos.

American Curl Silver. O gene "curl" possui uma expressão variável, da qual resultam diferentes graus de curvatura das orelhas.

Foto abaixo: American Curl Red Tabby.
Foto ao lado: American Curl Silver Tabby e Branco.

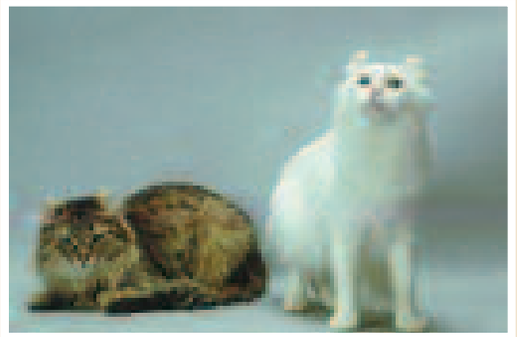


American Curl



Aspecto geral

Tamanho intermédio. Peso: 3 a 5 kg, entre o tipo mediolíneo e o tipo longilíneo. Este gato distingue-se pelas suas "orelhas reviradas".



Vários tipos de pelagem do American Curl Longhair. Da esquerda para a direita: Brown Tabby, Branco, Brown Tabby e Brown Tabby e Branco.

Cabeça

Média, ligeiramente mais comprida do que larga, sem face achatada. Nariz recto evidenciando uma curvatura suave na passagem da fronte. Focinho nem pontiagudo nem quadrado, sem "pinch". Queixo firme.

Orelhas

Moderadamente grandes, largas na base, de inserção elevada e com extremidades redondas. Pavilhão auricular recurvado em direcção ao topo da cabeça. O grau de "curvatura" pode ir de 90 a 180º, no máximo. É apreciada a abundância de pêlo no seu interior, assim como as extremidades de lince (◆).

American Curl longhair tortie.

Olhos

Bastante grandes, em forma de noz, espaçados. A cor que deve ser viva, profunda e uniforme, não tem qualquer relação com a cor da pelagem.

Pescoço

Médio.

Corpo

"Semi-foreign" (semi-estrangeiro), com um comprimento igual a 1,5 vezes a altura do garrote (■). Estrutura óssea e musculatura nem demasiado fortes nem muito finas.

Patas

De comprimento médio, proporcionais ao corpo. As patas anteriores são ligeiramente mais curtas que as posteriores. Bastante direitas e com musculatura firme. Pés de tamanho médio e redondos.

Cauda

De comprimento igual ao do corpo. Larga na base, afilando-se até à extremidade arredondada.

Pelagem

Duas variedades: Pêlo semi-longo (actualmente, o mais frequente): fino e sedoso. Sub-pêlo pouco abundante. Ausência de colar; penacho abundante na cauda. Pêlo curto: fino, sedoso e acamado. Sub-pêlo reduzido. São admitidas todas as cores.

Observações

Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos

"Stop" muito acentuado. Pelagem espessa, rude com sub-pêlo abundante, colar. Orelhas com inserção baixa e com uma curvatura demasiado pronunciada (a extremidade da orelha não deve tocar na zona posterior do pavilhão ou da cabeça) (◆).

American Curl longhair brown tabby.

Características / Particularidades

Gato de carácter equilibrado, com um temperamento constante, malicioso, brincalhão e de fácil convivência. Praticamente não mia.

Sociável, afectuoso, sensível, está muito ligado ao dono. Aceita os seus congéneres e os cães e gosta de crianças. Activo, tem necessidade de exercício, pelo que um jardim cercado é o ideal.

Atinge a completa maturidade por volta dos 2 a 3 anos de idade. A cartilagem da orelha recurva-se e endurece a partir do 4º dia de vida. No entanto, a curvatura definitiva não surge antes dos 3 a 4 meses de vida.

Fácil manutenção. Bastará penteá-lo e escová-lo uma vez por semana. As orelhas podem ser limpas, mas apenas com um produto adequado. Deverá tomar banho alguns dias antes da exposição.

O gene responsável pela curvatura das orelhas não é portador de qualquer patologia. Contrariamente, ao que sucede com o Scottish Fold, dois American Curl podem acasalar sem haver qualquer risco para a futura ninhada. Para evitar uma consanguinidade excessiva, tendo em conta a reduzida população desta raça, é aconselhável realizar cruzamentos com gatos de orelhas normais.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

American Shorthair

País de Origem: Estados Unidos
Outras designações: Shorthair, Domestic Shorthair

Um imigrante originário da Europa, fleumático e excelente caçador

Este gato é o homólogo americano do British Shorthair (Inglês de pêlo curto) e do European Shorthair (Europeu de pêlo curto). Os primeiros imigrantes europeus chegaram aos Estados Unidos com gatos que se adaptaram especialmente ao clima rigoroso do norte do país.

Esta raça é o resultado da selecção do "gato doméstico" comum cruzado com outras raças importadas, tais como o British Shorthair, o Burmês e o Persa.

Em 1904, a C.F.A. registou o primeiro American Shorthair, "Buster Brown", um macho fumado com sangue de British Shorthair.

Até aos anos 60, esta raça foi denominada "Domestic Shorthair" e em 1966 foi oficialmente reconhecida sob a designação de American Shorthair. A F.I.Fe não reconheceu esta raça.

Muito raro na Europa, muito apreciado no Japão, este gato é uma vedeta nos Estados Unidos.

American Shorthair Blotched Silver Tabby, uma variedade muito procurada. Grande semelhança com o Europeu de pêlo curto.

Foto canto inferior esquerdo:
American Shorthair Silver Tabby
Foto ao lado: American Brown Tabby

American Shorthair

Aspecto geral
De tamanho médio a grande. Peso: 3,5 a 7 kg. Corpo vigoroso com proporções mediolíneas. Pêlo curto (Shorthair).

American shorthair. Gatinhos, brown tabby.

American Shorthair red tabby

Cabeça
De tamanho médio, larga, arredondada. Ligeira concavidade da fronte até ao nariz. Bochechas especialmente bem desenvolvidas no macho. Focinho quadrado, mas não demasiado curto. Nariz de comprimento médio. Queixo quadrado e firme. Mandíbulas fortes.

Orelhas
De tamanho médio, não excessivamente abertas na base, com extremidades arredondadas. Bastante espaçadas, cobertas por pêlos curtos.

American Shorthair brown tabby.

Olhos
Médios a grandes, arredondados, bastante separados, ligeiramente oblíquos. Cor em harmonia com a pelagem.

Pescoço
De comprimento médio, musculoso e forte.

Corpo
De médio a grande, mais rectangular do que alongado. Peito largo, especialmente nos machos. Ombros bem desenvolvidos. Estrutura óssea média e musculatura forte.

Patas
De comprimento médio, bastante musculosas. Pés de tamanho médio, redondos.

Cauda
De comprimento médio, espessa na base, afilando-se em direcção à extremidade arredondada. Inserção quase ao nível do dorso.

Pelagem
Pelagem curta, espessa, brilhante, lisa, com um sub-pêlo bastante desenvolvido no inverno. Todas as cores estão reconhecidas, excepto o chocolate, o lilás e o colourpoint (■).

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: american wirehair.

Defeitos
Orelhas compridas, pontiagudas ou próximas. Olhos não completamente verdes nos silver tabby, não dourados nos brown tabby. Pescoço demasiado curto e espesso ou demasiado longo e fino. Corpo excessivamente atarracado ou demasiado alongado. Cauda muito fina, demasiado curta, posicionada sobre o dorso. Pelagem fina, comprida, com textura de pelúcia. Desqualificação: manchas ou medalhões brancos.

American shorthair. Gatinhos, tabby silver black.

American shorthair, silver spotted tabby e branco.

Características/particularidades
É um gato equilibrado, calmo e dócil. Adora o seu dono.
Sociável, brincalhão, desportivo, foi feito para viver ao ar livre, uma vez que é um excelente caçador. Contudo, adapta-se facilmente à vida num apartamento.
Muito rústico, sólido, atinge a puberdade precocemente (a partir dos 7 a 8 meses). Fácil manutenção. Uma escovagem semanal é suficiente, mas deverá ser diária no momento da muda. Deverá tomar banho 3 a 7 dias antes de uma exposição.

(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

American Wirehair

País de Origem: Estados Unidos
Outra designação:
Americano de pêlo duro

Uma pelagem excepcional: rugosa, espinhosa ao toque e resultante de uma mutação genética

Em 1966 numa quinta em Verona, no Estado de Nova Iorque, o American Wirehair apareceu pela primeira vez numa ninhada de American Shorthairs. A sua pelagem, dura e frisada, resultou de uma mutação espontânea num gene dominante.
O primeiro gatinho macho com este tipo de pêlos duros chamava-se Adam e era ruivo e branco. A criadora Joan O'Shea desenvolveu um programa de selecção, onde os cruzamentos com American Shorthair conseguiram evitar uma consanguinidade excessiva e desenvolveram a raça. O American Wirehair foi oficialmente reconhecido em 1978 nos Estados Unidos. Os primeiros espécimes surgiram em França em 1972. Este gato, pouco divulgado nos Estados Unidos, é muito raro na Europa.

American Wirehair, Brown Tabby e Branco. Os primeiros indivíduos desta raça eram brancos.

Fotografia acima:
American Wirehair Brown Tabby.
Fotografia ao lado:
American Wirehair Silver Tabby.

American Wirehair

Aspecto geral
Tamanho médio. Peso: 3,5 a 7 kg. Excluindo a pelagem, o standard é o mesmo do American Shorthair, o seu antepassado.

American Wirehair negro.

Cabeça
De tamanho médio, larga, bastante redonda. Crânio arredondado. Maçãs do rosto proeminentes. Bochechas especialmente bem desenvolvidas no macho. Focinho quadrado, bastante desenvolvido. "pinch" ligeiro (◆).

Nariz moderadamente curto com uma delicada curva côncava. Queixo quadrado, bastante desenvolvido.

Orelhas
De tamanho médio, não excessivamente abertas na base. Arredondadas na extremidade, bastante espaçadas.

Olhos
Grandes, redondos, expressivos e espaçados. É desejável a harmonia de cor entre a pelagem e os olhos.

Pescoço
Bastante curto, musculoso.

Patas
De comprimento médio. Estrutura óssea média, musculatura forte.

American wirehair, gatinho.

American wirehair brown e tabby.

Pés de tamanho médio, redondos (■), pequenos, ovais (◆).

Cauda
Comprimento proporcional ao corpo. Larga da base até à extremidade arredondada. Posicionada quase ao nível do dorso.

American wirehair brown, tabby e branco.

Pelagem
Pelagem curta, regular, cerrada.

American wirehair branco e de olhos díspares.

Pêlos duros ao toque, ligeiramente ondulados e terminando num ligeiro gancho. Os bigodes e pêlos das orelhas são igualmente encrespados. Todas as cores são reconhecidas, excepto o tom chocolate, lilás e colourpoint.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: american shorthair e british shorthair (■).

Defeitos
"Stop" muito profundo. Orelhas compridas, pontiagudas e próximas. Olhos não completamente verdes nos silver tabby, não dourados nos brown tabby Pescoço demasiado curto ou demasiado comprido. Cauda fina, demasiado curta, posicionada sobre o dorso. Pelagem fina, comprida, com textura de pelúcia. Desqualificação: manchas ou medalhões brancos (■).

Características/particularidades
Gato sólido, vigoroso, muito activo, ágil e brincalhão. Necessita de exercício. Sociável, terno e afectuoso, apresenta um carácter tão excepcional como o american shorthair. Fácil manutenção. Deve ser escovado e penteado semanalmente.

(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

American Wirehair brown tabby y blanco

Angorá Turco

País de origem: Turquia

Um gato elegante, envolto numa pelagem branca sedosa. Foi durante muito tempo, o favorito na corte dos reis de França.

Este gato é originário da Turquia e possui o antigo nome da capital, a actual ankara. Esta raça é muito antiga e permanece pura e natural. No século XVII, o explorador italiano pietro della valle levou alguns espécimes para o seu país. Este gato, de pelagem imaculada e enevoada, foi considerado um presente "real" apreciado por toda a aristocracia europeia, nomeadamente na corte de Luís XV. No século XVIII, para o distinguir do gato doméstico e do chartreux, linné denominou-o cattus angorensis. Buffon descreveu-o como "gato de angorá completamente branco e de pêlo comprido".
No século XIX, depois de ter contribuído para o desenvolvimento do persa, ao qual terá transmitido o gene responsável pelo pêlo comprido, esta raça quase desapareceu devido à grande popularidade dos persas. Após a segunda guerra mundial, a raça esteve em vias de extinção. Alguns criadores da Europa e dos Estados Unidos importaram angorás da turquia, onde a raça se encontra actualmente protegida. Citemos, por exemplo, os criadores americanos tório que adquiriram no zoológico de ankara o casal yildiz e yildizcik . A c.f.a. Registou os primeiros angorás turcos em 1970. A raça foi reconhecida em 1973 pela C.F.A e em 1988 pela F.I.FE. Apesar da sua beleza, esta raça continua pouco divulga-

ANGORÁ TURCO BRANCO

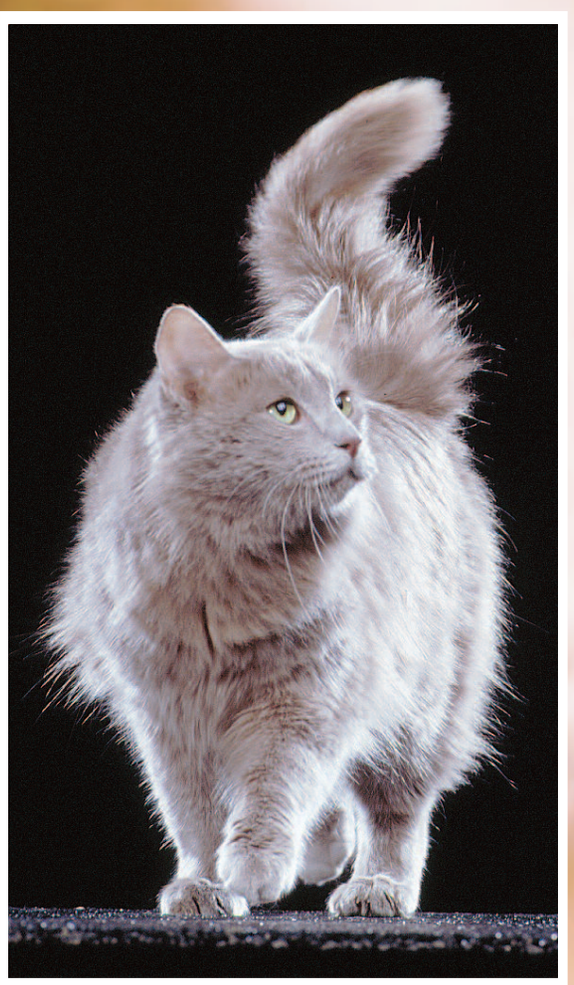
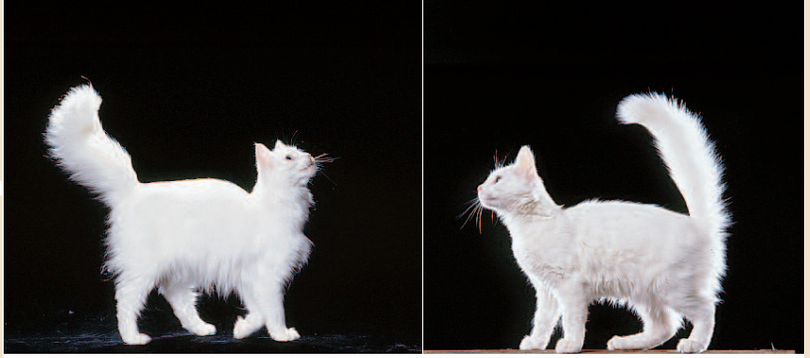


Foto acima: angorá turco lilás.
Foto ao lado: angorá turco branco, gatinhos.

Angorá Turco

Aspecto geral
Tamanho médio. Peso: 2,5 a 5 kg.
Corpo longo, fino. Gracioso e elegante.
Pelagem semi-longa ou longa.



Angorá turco. Gatos brancos

Cabeça
De pequena a média, triangular, afilando ligeiramente em direcção ao queixo. Crânio bastante achatado. Faceiras autorizadas nos machos adultos. Focinho levemente arredondado, bastante comprido, sem "pinch". Nariz de comprimento médio, bastante recto, sem "quebra". Queixo firme, ligeiramente arredondado, alinhado verticalmente com o nariz.

Angorá turco branco. Deve ser branco puro com olhos azul claro, âmbar ou díspares.

Orelhas
Grandes, largas na base, de inserção elevada, pontiagudas. Tufadas e, se possível, com penachos.

Olhos
Grandes, amendoados, ligeiramente oblíquos. São aceites todas as cores em conformidade com a cor da pelagem.

Pescoço
Bastante longo, fino, gracioso.

Corpo
Longo, fino, musculoso. Peito estreito. Ombros e ancas de idêntica largura. Quartos posteriores ligeiramente mais altos do que os ombros. Estrutura óssea fina.

Angorá turco lilás

Patas
Compridas, finas. Patas posteriores mais compridas que as anteriores. Pés pequenos, ovais, redondos (★). Tufos de pêlos na região interdigital.

Cauda
Comprida, proporcional ao corpo.

Pelagem
Pêlo semi-longo. Textura sedosa, fina, sub-pêlo mínimo. Pêlo mais comprido ao nível do colar, dos calções e no abdómen, onde se apresenta ligeiramente ondulado. O colar não se desenvolve antes do animal atingir um ano de idade (▼).
São reconhecidas todas as cores com qualquer porção de branco, excepto o tom chocolate, lilás, canela, camurça e os padrões colourpoint e burmês (▼).
A cor branca é a mais apreciada.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum (■).

Defeitos
Estrutura óssea pesada, corpo tipo persa, "cobby". Cabeça muito redonda ou de tipo oriental. "break" no perfil. Cauda demasiado curta. Os olhos verdes só são autorizados nos gatos brancos, silver e golden (◆).

Angorá turco. Gatos brancos

Angorá turco red tabby. Possui um pêlo abundante, sobretudo no inverno.

Características/particularidades
Gato equilibrado, activo, vivo, brincalhão mas também calmo. Mostra-se muito sociável com outros gatos e cães com os quais esteja familiarizado.
Dotado de uma grande capacidade de adaptação, as viagens não lhe causam problemas especiais. Muito afectuoso, com uma sensibilidade extrema, é ávido de carícias e pode mostrar-se um pouco "maçador". É palrador, mas o seu miado é suave.
Robusto, desportivo e ágil, o angorá é um apreciador da água e um excelente caçador. Como tal, necessita de espaço.
Fácil manutenção devido à quase ausência de sub-pêlo. Uma escovagem semanal é suficiente. Aquando da muda, que é abundante, a escovagem deverá ser diária. Deve tomar banho uma semana antes da exposição.

(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Balinês

País de origem: Estados Unidos
Designação de origem:
Longhair Siamese, Balinese
Outra designação: Siamês de pêlo semi-longo

Um gato esbelto, sedoso e traquinas com olhos de um azul intenso

Nos anos 40, alguns criadores americanos desenvolveram um interesse pelos Siameses que nasciam com uma pelagem semi-longa. Ignora-se se esta pelagem seria resultante de uma mutação espontânea ou de um cruzamento com Persas.
Antigamente, os gatinhos de pêlo semi-longo não tinham qualquer valor. Na Califórnia, depois da Segunda Guerra Mundial, Marion Dorsey empreendeu a criação destes "Longhair Siamese",também denominados Siameses de pêlo comprido ou Balineses, para destacar simultaneamente a sua origem asiática e a graciosidade dos seus movimentos. Estes siameses de pêlo semi-longo foram expostos em 1955.
A raça foi reconhecida em 1970 pela C.F.A, em 1972 pela T.I.C.A. e em 1983 pela França.
Esta raça continua pouco conhecida na Europa.

Balinês Seal Point. Independentemente da cor da pelagem, os seus olhos devem ser sempre azuis.

Balinês

ASPECTO GERAL
Esbelto, longilíneo, elegante, flexível e bastante musculoso. Tamanho médio. Peso: 2,5 kg a 5 kg.

BALINES. GATINHOS. CHOCOLAT POINT (À ESQUERDA), LILAC POINT (AO CENTRO E À DIREITA)

CABEÇA
De tamanho médio, comprida e triangular, com um perfil recto. Crânio ligeiramente convexo (▼), achatado (◆). Fronte plana. Focinho fino. Sem "break" nem "pinch". Nariz comprido e direito. Queixo de tamanho médio (▼).

OLHOS
De tamanho médio, amendoados, ligeiramente oblíquos. Cor: azul intenso.

PESCOÇO
Comprido, fino, elegante.

CORPO
Comprido, esbelto, tipo oriental.

BALINÊS, SEAL POINT

ORELHAS
Grandes, largas na base, pontiagudas e espaçadas. Bastante aveludadas e, preferencialmente, com um tufo de pêlo na extremidade.

Estrutura óssea fina. Musculatura firme.

PATAS
Compridas, finas, proporcionais ao corpo. Pés pequenos, ovais com tufos de pêlo na região interdigital.

CAUDA
Muito comprida, fina, afilando em direcção à ponta.

PELAGEM
Pêlo semi-longo, fino e sedoso. Mais comprido no corpo, abdómen e cauda (penacho). Sub-pêlo ligeiro. São reconhecidas todas as cores do Siamês. A cor dos pontos deve ser uniforme. Contraste nítido entre a cor dos pontos e a do corpo. As crias nascem completamente brancas. A cor definitiva da pelagem só é alcançada quando o animal atinge um ano de idade. A C.F.A. apenas reconhece 4 variedades: Seal point (pontos castanhos foca), Blue point (pontos azul escuro), Chocolate point (cor de chocolate) e Lilac point (cinzento claro). Nos Estados Unidos, os animais que apresentem outras colorações são denominados Javaneses. Em França não se faz a distinção entre Balineses e Javaneses.

BALINÊS WHITE FOREST

OBSERVAÇÕES
Cruzamentos autorizados com outras raças: Siamês e Oriental.

DEFEITOS
Cabeça redonda ou larga. Focinho curto ou largo. Nariz em declive. Olhos pequenos, redondos e sem inclinação. Qualquer outra cor para além do azul é um factor eliminatório. Corpo curto e maciço. Patas curtas. Estrutura óssea pesada. Pelagem demasiado curta ou grosseira.

BALINÊS BICOLOR CHOCOLAT POINT

BALINÊS. GATINHO CHOCOLATE POINT.

CARACTERÍSTICAS/PARTICULARIDADES

É um gato extrovertido, activo, vivo, curioso e brincalhão. No entanto, tem um temperamento mais moderado e equilibrado do que o seu primo Siamês e o seu miado é mais suave.
Adora companhia, detesta a solidão e requer muita atenção e ternura. Agrada-lhe a presença de outro gato activo ou de um cão com o qual esteja familiarizado. Exclusivo em relação ao dono que adora, é um gato sensível, afectuoso e muito cativante.
A sua necessidade de actividade e caça pode ser suprida com um jardim.
Pelagem de manutenção fácil. Uma escovagem semanal é suficiente. A muda não é abundante.

(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Bengal

País de Origem: Estados Unidos
Outras designações: Bengali, Gato de Bengala, "Leopardettes"

Uma pelagem dourada e malhada de negro como a do leopardo Asiático, o seu antepassado selvagem

Em 1963, Jean Sudgen, criadora Californiana, adquiriu um gato selvagem, o gato-leopardo da Ásia, Felis prionailurus bengalensis, ou seja, um leopardo miniatura de pelagem malhada, o qual é simultaneamente um grande nadador e um excelente pescador.
Cruzou-o com uma gata American Shorthair, com o objectivo de criar uma raça de gatos domésticos com traços característicos dos gatos selvagens. As gatas oriundas desta hibridação eram férteis. Quando cruzadas com o pai, deram à luz gatinhos com pelagem malhada. Assim nasceu o Bengal.
Em 1973, o Dr. Centerwall da Universidade da Califórnia prosseguiu estas hibridações para testar a resistência do gato-leopardo asiático ao vírus da leucemia felina. Ofereceu 8 destes híbridos a J.Sugden, que entretanto casara passando a ser a Sra. Mill, que continuou o seu programa de criação e selecção.
O Siamês, o Mau egípcio e o Burmês foram utilizados pelos criadores para dar origem a novas linhagens.
O primeiro espécime da raça, "Millwood Finally Found" foi registado pela T.I.C.A em 1983. Não foi reconhecido pela C.F.A. e a F.I.F.E apenas o reconheceu recentemente. Surgiu em França em 1991. Esta raça faz parte da nova geração de "gatos selvagens" e permanece ainda pouco disseminada.

Bengal Brown Spotted Tabby. Consoante as variedades, as manchas podem ser cor de canela, chocolate ou negras.

Foto acima:
Bengal Chocolate Tabby Marmoreado.
Foto ao lado: Bengal Brown Spotted.

Bengal

ASPECTO GERAL
Tamanho médio a grande.
Peso: 5,5 a 9 kg. Mediolíneo.
Estrutura óssea forte. Pêlo curto.

BENGAL BROWN SPOTTED.

BENGAL. GATO JOVEM BROWN SPOTTED.

CABEÇA
Bastante grande com contornos arredondados. Ligeiramente mais comprida do que larga. De perfil, ligeira curvatura da fronte até à cana do nariz. Maçãs do rosto elevadas e destacadas. Faceiras aceites nos machos adultos. Focinho largo, cheio. Nariz grande, largo com uma ligeira curva côncava. Mandíbulas bastante pronunciadas (◆).

ORELHAS
Muito pequenas, extremidades arredondadas, pontiagudas e dirigidas para a frente. As extremidades de lince não são desejáveis (▼).

BENGAL BROWN SPOTTED.

BENGAL BROWN MARBLED

OLHOS
Grandes, ovais bastante espaçados, ligeiramente oblíquos. São aceites todas as cores com excepção do azul e água-marinha (◆). Azul no Seal Lynx Point Blue; verde no Brown Tabby; azul-esverdeado no Seal Mink Tabby (▼).

PESCOÇO
Comprido, grosso, musculado, vigoroso e proporcional ao corpo.

CORPO
Longo, grande, vigoroso mas não Oriental. Estrutura óssea robusta. Musculatura forte.

PATAS
De tamanho médio, sendo as posteriores ligeiramente mais compridas que as anteriores. Estrutura óssea e musculatura fortes, como as do corpo. Pés de grandes dimensões, redondos. Almofadinhas plantares negras.

CAUDA
De comprimento médio, grossa, afilando em direcção à extremidade arredondada.

PELAGEM
Pêlo curto e fino. Textura espessa, luxuriante e muito suave ao toque. A pelagem pode ser:
- Tabby spotted (malhado). As manchas podem ser negras, chocolate ou canela. A pelagem de fundo deve ser preferencialmente laranja. Riscas negras ao nível dos ombros e aneladas na cauda, cuja extremidade é negra.
- Tabby marbled (marmoreado) Flancos com desenhos grandes semelhantes aos da concha de ostra, e ombros com desenhos semelhantes aos das asas de borboleta.

- O "Leopardo das neves" é branco com malhas e manchas marmoreadas que vão do ruivo ao negro. Os olhos são azuis.

OBSERVAÇÕES
Cruzamentos autoriza dos com outras raças: nenhum.

DEFEITOS
Manchas que se unem formando riscas. Ausência de negro na extremidade da cauda. Abdómen sem manchas. Almofadinhas plantares cor-de-rosa ou descoloridas.

BENGAL BROWN SPOTTED

CARACTERÍSTICAS/PARTICULARIDADES
Gato equilibrado, de convivência agradável desde que faça parte, no mínimo, da 4ª (■) à 7ª geração após a hibridação entre um gato e um gato-leopardo da Ásia. Apesar disso, o seu instinto de caçador e o seu dinamismo estão acima da média da espécie. Os gatinhos são muitíssimo irrequietos.
O macho possui a reputação de ser mais simpático do que a fêmea, a qual é frequentemente muito independente e temperamental, revelando excessivas manifestações de raiva ou de ternura.
O Bengal é muito sociável com outros gatos e cães, mas por vezes pode observa-se alguns comportamentos "selvagens". Vivo e activo, gosta de se exercitar e adora a água. Tem necessidade de espaço. Muito exclusivo em relação ao dono, o qual lhe deve dedicar bastante tempo, pode mostrar-se tão afectuoso como qualquer outro gato. A sua voz é discreta. Fácil manutenção.

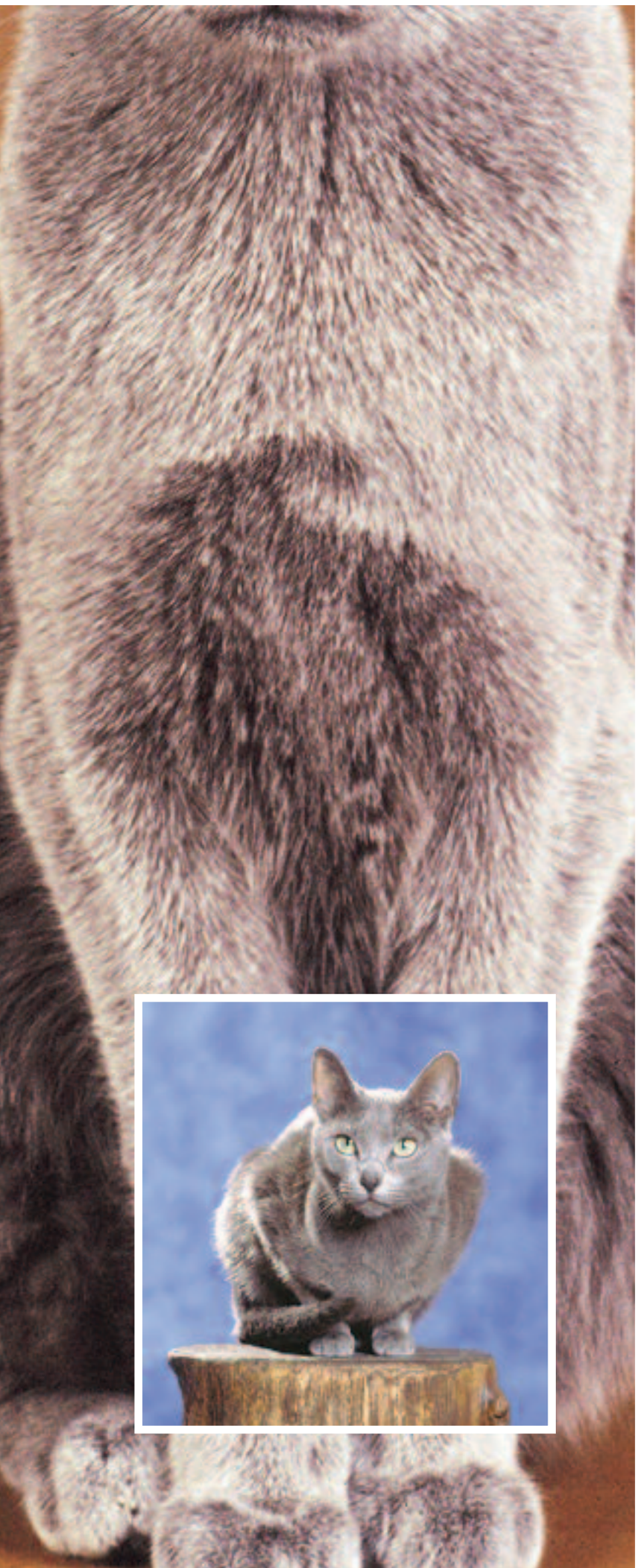
(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Azul Russo

País de Origem: Rússia
Outras designações: Archangel Cat, Gato de Arkhangelsk, Arcanjo azul, Gato de Malta, Azul da Noruega, Azul de Espanha, Gato espanhol azul, Azul americano, Russian Shorthair

Pelagem de seda azul prateada, de personalidade encantadora e olhos de um tom verde vivo magnífico.

As origens desta raça são controversas. De acordo com algumas opiniões, a partir do século XVII, teria vivido uma população de gatos de pelagem azul, mais ou menos comprida, nas margens do mar Branco, na região do porto de Arkhangelsk.
Por volta de 1860, um cargueiro comercial inglês ou russo trouxe estes gatos para a Grã-Bretanha, onde teriam sido exibidos em Londres, a partir de 1871, sob a designação Russian Shorthair, Archangel Blue (derivado do nome do porto de Arkhangelsk) ou Blue Foreign (Azul estrangeiro).
Segundo outras teorias, esta raça seria originária da Bacia mediterrânica, tal como o Chartreux, o que lhe valeu as designações de Gato de Malta, Azul de Espanha…
O nome Azul da Rússia foi oficializado em 1939.
Depois da Segunda Guerra Mundial, para salvar a raça, efectuaram-se cruzamentos com o British Shorthair Blue e sobretudo com o Siamês Blue Point.
A sua morfologia recorda assim o tipo oriental.
Na Europa e mais especificamente em Inglaterra, durante os anos 60 assistiu-se ao regresso ao tipo original com um corpo mais curto e uma pelagem mais escura. Os criadores americanos apuraram um gato mais leve, com cabeça, corpo e patas muito finas e uma pelagem mais clara.
É um gato muito popular nos Estados Unidos e no Japão, local onde chega a ser venerado. Nos Estados Unidos, após vários cruzamentos realizados nos anos 80, surgiu um azul russo de pêlo semi-longo, denominado Nebelung, "criatura da Bruma". Em 1987, esta raríssima variedade foi reconhecida pela T.I.C.A. como uma nova raça.



Azul Russo

ASPECTO GERAL
Corpo esbelto e elegante. Peso: 3 a 5,5 kg.
Pelagem dupla e curta.

AZUL RUSSO. A COR DOS OLHOS SÓ É ALCANÇADA TARDIAMENTE.

AS SOMBRAS VARIAM DO AZUL MÉDIO AO AZUL-ESCURO.

CABEÇA
Curta e cuneiforme com faces planas. Crânio e fronte achatadas. Focinho de comprimento médio. Nariz recto. Sem "stop". Queixo forte.

ORELHAS
Grandes, largas na base, dirigidas para a frente. Extremidades ligeiramente arredondadas. Pele das orelhas fina e transparente, com uma pequena quantidade de pêlos no interior.

OLHOS
Grandes, bastante afastados, amendoados (quase redondos, levemente ovalados) ligeiramente oblíquos (◆). Cor: verde vivo. Nos gatinhos a cor varia do amarelo ao verde (■). A maturidade da cor só é alcançada depois do animal atingir 1 ano de idade.

PESCOÇO
Comprido, fino, recto.

CAUDA COMPRIDA E AFILADA DO AZUL RUSSO

CORPO
Longo, tipo "foreign" (■). Estrutura óssea fina a média. Boa musculatura.

PATAS
Compridas, finas. Musculatura firme. Pés pequenos, redondos (◆), ovais (▼).

CAUDA
Relativamente comprida, direita, afilando desde a base bastante espessa até à extremidade fina.

NEGRO RUSSO

PELAGEM
Pelagem curta, densa, muito fina, ligeiramente levantada do corpo como pelúcia. Suave, sedosa, dupla com um sub-pêlo muito denso. Cor azul-acinzentado, unicolor com reflexos prateados (tipping silver). São toleradas as marcas tabby fantasma nos gatinhos, que desaparecerão quando o animal atingir um ano de idade. O nariz é azul-acinzentado e as almofadinhas plantares cor de lavanda escura (▼). A prolongada exposição ao sol pode escurecer a pelagem. As variedades negras e brancas, desenvolvidas na Europa e na Nova Zelândia, reconhecidas pelo G.C.C.F., não são aceites pela F.I.Fe nem pelas associações americanas.

OBSERVAÇÕES
Cruzamentos autorizados com outras raças: Nebelung (◆), Russo branco e Russo negro (■).

DEFEITOS
Cabeça quadrada, redonda, tipo siamês. Olhos redondos de cor amarelada. Queixo pouco pronunciado. Corpo maciço, atarracado. Cauda demasiado grossa na base. Pelagem acamada. Marcas tabby, manchas brancas.

O Nebelung, existente sobretudo nos Estados-Unidos, possui o mesmo padrão que o Azul Russo, mas a sua pelagem é mais comprida e dupla, de um tom azul-acinzentado mais claro. As variedades azul e branca são reconhecidas e os olhos devem ser verdes.

CARACTERÍSTICAS/PARTICULARIDADES
Gato vivo, desportista e brincalhão. Aprecia a calma e detesta o barulho e a agitação. Independente, prudente, de carácter autoritário, não tolera ser forçado. Apesar de ser sociável, é também reservado e não gosta de estranhos. Sensível, afectuoso, bastante exclusivo, possui uma voz muito doce.
Adapta-se bem à vida num apartamento, mas como é um bom caçador aprecia a existência de um jardim. É sexualmente precoce. As linhagens inglesas são mais prolíficas do que as americanas. Manutenção fácil: basta puxar-lhe o lustro uma vez por semana.

(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Bombaim

País de Origem: Estados Unidos

Uma pantera negra com olhos cor de cobre

Em 1958, no intuito de obter um Burmês negro, uma criadora americana do Kentucky, Nikki Horner, cruzou uma gata Burmesa zibelina com um American Shorthair negro de olhos acobreados. O resultado foi o nascimento de uma "mini-pantera negra" cujo nome lembra o Leopardo negro da Índia. A raça foi reconhecida pela C.F.A. em 1976 e pela T.I.C.A. em 1979. Opium foi a primeira gata importada para França em 1989.
O Bombay, muito popular nos Estados Unidos, é praticamente desconhecido na Europa.

Burmês com pelagem negra e olhos acobreados que recorda a mini-pantera negra de Bombaim, razão do seu nome.
Gato negro magnífico com uma pelagem acetinada e sedosa. Olhos cor de ouro, acobreados.
Uma pura criação americana.

Bombaim, gatinho.

Bombaim

ASPECTO GERAL
Tamanho médio. Esqueleto maciço, boa musculatura. Peso: de 2,5 a 5 kg.

CABEÇA
De tamanho médio, arredondada, sem zonas achatadas. Fronte arredondada. Bochechas cheias. Nariz muito curto, ligeiramente abaulado. Focinho largo, de curto a médio com um "stop" ligeiro. Queixo firme, arredondado. Mandíbulas fortes.

GATINHO.

ORELHAS
Médias, largas na base, extremidades ligeiramente arredondadas, bastante afastadas, posicionadas em estado de alerta. Pelagem interna com pouco sub-pêlo.

OLHOS
Grandes, redondos, bastante espaçados. Brilhantes, vivos, cor de cobre a dourado (de preferência acobreados).

PESCOÇO
De tamanho médio, robusto, arqueado.

CORPO
De tamanho médio, "semi-cobby". Ombros fortes, peito bem desenvolvido e largo. Estrutura óssea maciça. Musculatura firme.

PATAS
De comprimento médio, proporcionais ao corpo. Estrutura óssea maciça, musculatura forte. Pés pequenos a médios, redondos.

CAUDA
De comprimento médio, direita, bastante grossa, afilando progressivamente em direcção à extremidade.

PELAGEM
Pêlo curto, muito próximo do corpo, acamado, brilhante. Praticamente sem sub-pêlo. Textura semelhante a cetim.

Cor: unicamente negro. A pele e as almofadinhas plantares são igualmente negras. A cor dos olhos torna-se definitiva aproximadamente aos 6 meses.

OBSERVAÇÕES
Cruzamentos autorizados com outras raças: Burmês zibelina (■) e American Shorthair negro(★).

DEFEITOS
Crânio achatado, olhos verdes. Tipo demasiado exótico. Estrutura óssea e cauda excessivamente finas. Pelagem lanosa. Pele do nariz e almofadinhas plantares de outra cor que não o negro. Manchas brancas (◆).

CARACTERÍSTICAS/PARTICULARIDADES
É um gato muito seguro de si, activo, brincalhão, bom caçador, curioso e com uma agilidade fantástica. Muito sociável, adapta-se facilmente ao meio onde é inserido e é de fácil convivência. Suporta bem a companhia de um cão, mas nem sempre se mostra muito paciente com os seus congéneres.
Afectuoso, extremamente meigo, é muito carinhoso, sendo mesmo exclusivo com o dono. Não tolera a solidão. Menos palrador que o Burmês, o seu miado é um pouco rouco.
Manutenção muito fácil.

(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

British Shorthair

País de Origem: Grã-Bretanha

Um gato vadio que ascendeu à nobreza

No final do século XIX, o Cheshire Cat de "Alice no País das Maravilhas" de L.Carroll (1865)foi representado com o aspecto de um British Shorthair tabby. Na mesma época, criadores ingleses como H.Weir seleccionaram os mais belos gatos vadios, os quais foram expostos pela primeira vez no Crystal Palace de Londres em 1871. Receberam a designação British Shorthair para os distinguir, por um lado, dos gatos estrangeiros (foreign) e orientais e, por outro, para os diferenciar dos gatos de pêlo longo, como o Angorá. É o homólogo do European Shorthair da Europa continental e do American Shorthair dos Estados Unidos.

Os primeiros British Shorthair, a maioria azuis-acinzentados, recordavam os Chartreux. Esta semelhança implicou cruzamentos entre ambas as raças, a tal ponto que a F.I.Fe decidiu reconhecer apenas uma raça. Mas, em 1977, a F.I.Fe separou-as novamente proibindo os cruzamentos entre elas. Em 1901 foi criado o British Cat Club.

Após a Segunda Guerra Mundial, foram realizados cruzamentos com Persas para tornar esta raça mais pesada, arredondar a silhueta e aumentar a gama de cores da pelagem. De igual forma, foram reconhecidos novos padrões, tais como o colourpoint. Nos Estados Unidos, onde a raça foi cruzada com gatos American Shorthair, o British Shorthair foi reconhecido pela C.F.A. em 1980. O último standard editado pela T.I.C.A. é datado de 1993. A associação francesa F.F.F. reconheceu a raça em 1979. Trata-se de um gato extre-

British Shorthair, gato jovem azul e creme. São reconhecidas mais de uma centena de variedades!

Foto acima: British Shorthair Branco.
Foto ao lado: British Shorthair Azul.

British Shorthair

Aspecto geral
De tamanho médio a grande. Peso: 4 a 8 kg. Corpo tipo "semi-cobby" a "cobby" (brevilíneo), robusto, forte, bastante musculoso.

O British Shorthair azul só atinge o tamanho adulto tardiamente

British Shorthair Creme Tabby.

Pescoço
Curto, grosso, bastante musculoso.

Corpo
Entroncado, robusto. Peito, ombros e ancas largas. Boa musculatura.

Patas
Curtas e maciças. Estrutura óssea e musculatura fortes. Pés redondos.

Cauda
Comprimento equivalente a 2/3 do comprimento do corpo. Grossa na base, afilando ligeiramente até à extremidade arredondada.

British Shorthair.

Pelagem
Curta, densa, ligeiramente eriçada. Firme ao toque, textura de pelúcia, conferindo a ideia de protecção natural. Sub-pêlo abundante. Existe igualmente um British de pêlo comprido (British Longhair), resultante do cruzamento com o Persa. Todas as cores estão reconhecidas. O British Blue é a variedade mais procurada.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: Scottish Fold e Manx (◆); Manx, American Wirehair e Cymric (■).

Defeitos
Cabeça muito fina, bochechas planas, olhos orientais. Estrutura óssea delicada. Pelagem excessivamente longa, ausência de sub-pêlo. Medalhões ou marcas brancas.

Cabeça
Redonda, larga, maciça. Bochechas cheias. Focinho bem definido, com contornos arredondados. Nariz curto, largo, direito, levemente arrebitado. Ligeira depressão na base, mas sem "stop". Queixo firme, formando uma linha perpendicular com o nariz.

British Shorthair Chinchila.

Orelhas
De tamanho médio, largas na base, arredondadas na extremidade. Bastante espaçadas.

Olhos
Grandes, redondos, bastante espaçados. Cor em conformidade com a pelagem (cobre, laranja escuro, azul, verde ou azul-esverdeado, díspares ("odd eyed").

British Shorthair chinchila.

British Shorthair Blue.

Características/Particularidades
Com o seu aspecto de ursinho de peluche, este gato é calmo, alegre, paciente, bastante equilibrado e pouco emotivo. De carácter constante, é de fácil convívio. Adapta-se muito bem à vida na cidade, assim como no campo, onde se revela um excelente caçador. Sociável com os seus congéneres e cães, pode mostrar-se vivo e brincalhão. É muito afectuoso, mas não é abusador. Rústico, só atinge a maturidade perto dos 2 a 3 anos. A puberdade é relativamente tardia. Basta ser escovado e penteado uma vez por semana. Durante a época de muda, que é bastante significativa, deve ser escovado diariamente.

(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Burmês

País de Origem: Mianmar (Birmânia)

Inglês ou Americano: de todas as cores, sempre uniforme e com um antepassado comum, a gata Tonquinesa.

Entre os séculos XIV e XVII, os manuscritos originários de Ayuthia, antiga capital do Sião, ilustravam gatos que recordam o actual Burmês. No século XVI, gatos castanhos semelhantes ao Burmês, denominados "Rajás", viviam nos templos budistas da ex-Birmânia.
Em 1930, um médico militar, J.C. Thompson, trouxe da Birmânia para São Francisco uma gata de nome Wong Mau. Tratava-se provavelmente de uma gata mestiça Siamesa-Burmesa que, nos dias de hoje, se chama Tonquinesa. Esta fêmea era castanha escura, quase cor de mogno, e tinha olhos amarelos. Thompson acasalou-a com Tai Mau, um Siamês Seal point ou Chocolat point. Um dos gatinhos (castanho-escuro) foi acasalado com a mãe. O resultado deste cruzamento foi uma ninhada de gatinhos com um tom castanho unicolor, os primeiros espécimes da raça Burmesa actual. A partir de 1936, a raça foi oficialmente reconhecida pela C.F.A. O último standard da T.I.C.A. data de 1994.
Os Burmeses chegaram à Grã-Bretanha em 1949 e foram expostos pela primeira vez em Londres em 1952. O G.C.C.F. reconheceu a raça em 1954. Apesar de terem sido reconhecidos recentemente, não devemos esquecer que os gatos castanhos com olhos amarelos tinham sido trazidos para Inglaterra no final do século XIX. A sua entrada oficial em França foi em 1956.
O standard da raça indica a existência de uma versão "americana", gato bastante compacto, maciço, de cabeça redonda e duma versão "inglesa", um gato mais esbelto e com a cabeça ligeiramente triangular. Numa fase inicial, apenas se conhecia a cor castanha escura, chamada zibelina. O azul surgiu em 1955, o chocolate e o lilás em 1959 e, posteriormente, as variedades tartaruga surgiram nos anos 60. Ao ser cruzado com o American Shorthair em 1981, o Burmês contribuiu para a criação do Bombaim, do Burmila (Persa X Burmês), do Tiffany (Burmês de pêlo comprido) e, nos anos 60, do Tonquinês (Burmês X Siamês).

Esta raça, pouco difundida em França, é muito apreciada em todo o mundo, nomeadamente nos países anglo-saxónicos.

Burmês Zibelina, denominação atribuída em França à variedade castanha original.

Foto em baixo: Burmês Lilás.
Foto ao lado: Burmês Chocolate.

Burmês

Burmês Lilás

Aspecto geral
Tamanho médio. Peso: 3,5 a 6,5 kg.
Tipo "americano": mediolíneo, com um corpo bastante compacto. Estrutura óssea e musculatura bastante desenvolvidas (★)(◆).
Tipo "inglês": elegante, corpo tipo "foreign" (estrangeiro), esbelto mas não se deve assemelhar ao Siamês (longilíneo) nem ao British, demasiado robusto (▼).

Cabeça
Tipo "americano" (★) (◆): forma arredondada, larga, sem faces planas. Crânio, fronte e bochechas redondas. Focinho curto e redondo. "Quebra" ao nível do nariz. Queixo redondo e firme. Mandíbulas fortes. Tipo "inglês" (▼): em forma de triângulo obtuso, crânio largo e ligeiramente arredondado. Maçãs do rosto salientes. Nariz com um "stop" nítido. Queixo forte e pronunciado. Mandíbulas largas na

Burmês Lilás.

articulação.

Orelhas
De tamanho médio, largas na base, extremidades arredondadas, bastante espaçadas entre si. Ligeiramente inclinadas para a frente e cobertas por pêlos curtos e dispersos no interior.

Burmês Chocolate.

Burmês Zibelina.

Olhos
Grandes, bastante espaçados, arredondados (★). A linha superior apresenta uma inclinação oblíqua e a linha inferior é arredondada (▼). A cor deve ser do tom mais escuro e mais brilhante possível. Dá-se preferência ao castanho dourado.

Pescoço
Bem desenvolvido, curto.

Corpo
De tamanho médio, bastante compacto, arredondado. Peito largo, amplo. Estrutura óssea sólida e bom desenvolvimento muscular (★) (◆). Esbelto, menos compacto, mas mais musculoso e mais pesado do que a sua aparência deixa pressupor (▼).

Patas
Comprimento proporcional ao corpo. Pés de tamanho médio, redondos (★); pequenos e ovais (▼).

Cauda
De comprimento médio, direita, grossa na base (★), sem ser grossa na base (▼); afilando ligeiramente até à extremidade arredondada.

Pelagem
Pêlo muito curto, fino, sedoso, brilhante, acamado. Pelagem lustrosa, acetinada. Praticamente sem sub-pêlo. Cor: pigmentação máxima (cor mais escura) nas extremidades (máscara, patas, cauda), média no dorso e flancos, atenuada nas zonas em declive (abdómen). Sem presença de marcas brancas ou "tabby". A cor definitiva surge a partir dos 2 meses e meio. Ocorre o mesmo com a substituição da cor cinzenta-azulada dos olhos dos gatinhos pela amarela.
Quatro variedade principais:
Zibelina (Brown na Grã-Bretanha, cor de areia nos Estados Unidos): castanho-escuro.
Azul (Blue): cinzento prateado. Chocolate (chocolate, champanhe): chocolate de leite.
Lilás (Lilac, Platinum): cinzento pombo ; cinzento rosado pálido.
Outras variedades mais recentes apenas reconhecidas na Europa:
Red: ruivo
Alperce
Cream: creme
Tortie: tartaruga.
Nos Estados Unidos, estas variedades constituem a raça "Malayan" (Malaia).

Condição Física
Condição física perfeita com excelente musculatura. Sem sinais de obesidade, debilidade ou apatia.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: Bombaim, Tonquinés, Burmila e Siamês (◆).

Defeitos
Olhos amendoados, azuis, verdes.
Estrutura óssea demasiado fina.
Corpo muito comprido, tipo Oriental.
Cauda com nó ou

Burmês. Gatinho Lilás.

Características/Particularidades
Este gato é particularmente extrovertido, energético, exuberante, e possui uma personalidade muito forte, não tendo medo de nada. "Falador", a sua voz é forte mas menos rouca do que a do Siamês. Mostra-se dominante em relação aos seus congéneres. Sociável, gosta de companhia e não suporta a solidão. Afectuoso, brincalhão infatigável com as crianças, a sua dedicação ao dono não tem limites, facto que lhe valeu a alcunha "gato-cão". Adora caçar. Um jardim proporcionar-lhe-á grande satisfação, mas sabe igualmente adaptar-se à vida num apartamento. Com a passagem dos anos, o gatinho irrequieto torna-se mais calmo. Quanto à gata, a puberdade é precoce (por volta dos 9 meses) e a prolificidade é ligeiramente superior à média da espécie. Manutenção fácil. Requer apenas uma escovagem semanal.

(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

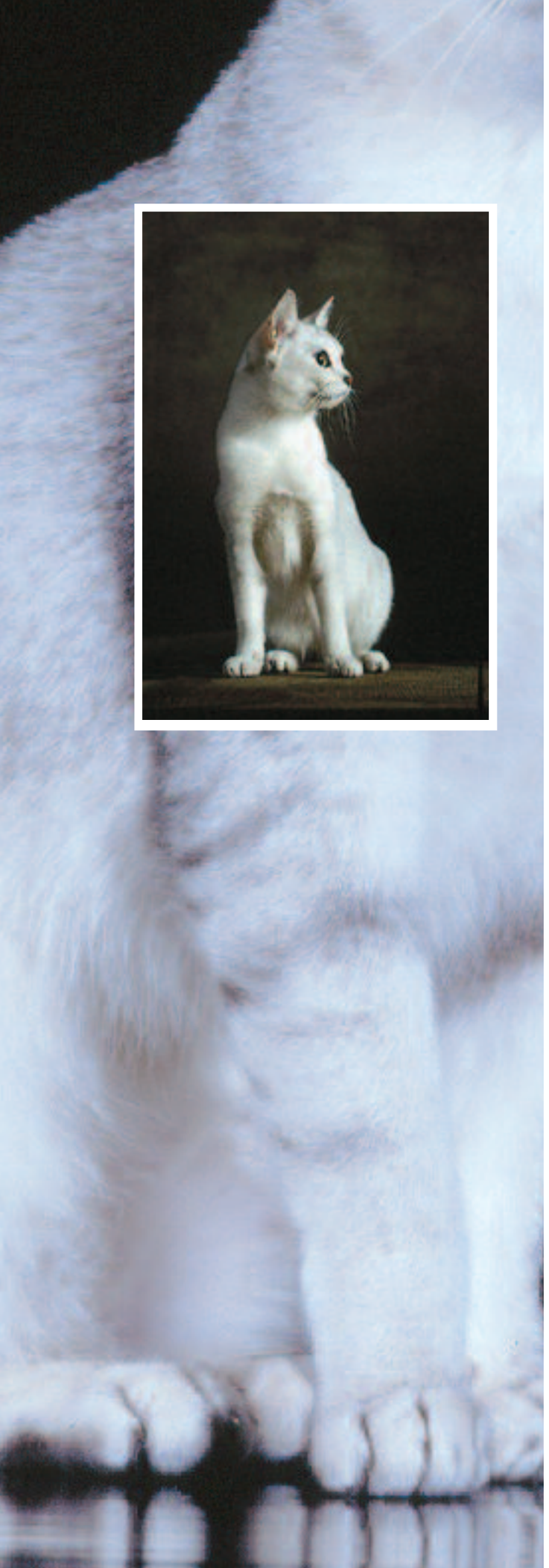
Burmila

País de Origem: Grã-Bretanha
Outra Designação: Burmês silver

Olhos verdes numa pelagem branca prateada.

Esta raça foi criada na Grã-Bretanha, em 1981 através do cruzamento entre um macho Persa chinchila e uma gata Burmesa lilás, com o objectivo de criar um gato silver tipo Burmês. Trata-se de uma selecção delicada e, como tal, estes gatos são raros. O seu nome resulta da combinação dos nomes Burmês e Chinchila. Em 1984, foi criado o Burmila Cat Club em Inglaterra. Esta raça, reconhecida pela G.C.C.F em 1989 e pela F.I.Fe em 1994, está pouco representada em França.

Burmila Silver. Os olhos orlados de negro são uma característica da raça.



Burmila

Aspecto Geral

De tamanho médio. Peso surpreendente para o seu tamanho: 4 a 7 kg.
Corpo tipo "foreign" (estrangeiro) (▼), elegante. Estrutura óssea substancial, musculatura bem desenvolvida.

Burmila creme

Burmila silver

Cabeça

De tamanho médio, arredondada. Face larga, mas que se vai afilando num triângulo curto e obtuso. Bochechas cheias, redondas. Mandíbulas fortes no macho. Focinho largo, bem desenvolvido, curto. Nariz com ligeira "quebra" na base. Queixo bem desenvolvido. Ligeira ausência de pêlo por cima das sobrancelhas (■).

Burmila silver

Orelhas

Médias, largas na base, arredondadas nas extremidades, espaçadas, em posição de alerta, ligeiramente inclinadas para a frente. Interior revestido por pêlos curtos e dispersos.

Olhos

Grandes, afastados, ligeiramente oblíquos. Abertura em meia-lua. Orlados de cor adequada. São aceites todas as nuances de verde, embora se dê preferência ao verde luminoso. Aceitam-se vestígios de amarelo no caso dos gatinhos e animais jovens até aos 2 anos de idade. No caso da pelagem vermelha, creme e tartaruga, é permitida a cor âmbar.

Corpo

Curto, bastante desenvolvido.

Corpo

Bastante compacto. Peito largo, arredondado. Ombros e ancas de largura idêntica. Quartos posteriores mais altos do que os ombros. Estrutura óssea muito sólida. Musculatura forte.

Pelagem

Pêlo curto (um pouco mais longo que o do Burmês), fino, muito lustroso, sedoso, com sub-pêlo suficiente para conferir um ligeiro volume.
Cor: característica do "tipping" (apenas a extremidade do pêlo é colorida), a qual é realçada por um sub-pêlo branco prateado.
A cor base é Silver ou Golden e a extremidade do pêlo pode ser zibelina, azul, chocolate, lilás, ruivo, creme...
O dorso, a máscara e a cauda são mais escuros do que o abdómen.

Burmila silver

Patas

Patas posteriores ligeiramente mais compridas do que as anteriores. Boa estrutura óssea. Musculatura robusta. Pés de tamanho médio, redondos (■), ovais (▼).

Cauda

Semi-longa ou longa, espessura média, afilando até à ponta arredondada.

Condição Física

Condição física perfeita, com excelente musculatura. Sem sinais de obesidade, debilidade ou apatia (■).

Observações

Cruzamentos autorizados com outras raças: Burmês e Tiffany (Burmês de pêlo semi-longo) (■).

Defeitos

Queixo pouco acentuado, olhos amendoados ou de cor incorrecta. Corpo "cobby" ou Oriental. Patas excessivamente altas. Pelagem demasiado comprida ou eriçada. Marcas "tabby" nas patas.

Burmila creme

Características/Particularidades

Este gato possui a energia do Burmês e a sensatez do Persa. Meigo, de convivência agradável, bastante "tagarela". Manutenção fácil.

(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Califórnia Spangled

País de Origem: Estados Unidos
Outra designação:
American California
Spangled Cat

Um pequeno leopardo de apartamento

Após o seu regresso da Tanzânia, Paul Casey, um argumentista de Hollywood, decidiu criar um gato semelhante aos gatos malhados de África, que lembrasse um selvagem leopardo, porém manso como… um cordeiro.
Para tal, iniciou um longo programa de criação e selecção nos anos 70, através do cruzamento de numerosas raças: Siamês, British Shorthair, American Shorthair, Manx, Abissínio e uma linhagem de gatos errantes do Egipto e da Ásia.
Foram necessárias onze gerações de gatos para se conseguir fixar a raça, que foi lançada em 1986. Foi baptizado com o nome Califórnia por ter nascido nesse estado, e Spangled pois a sua pelagem recorda as manchas redondas e escuras da plumagem de determinadas aves. O último standard da T.I.C.A. é datado de 1993.
Trata-se de um gato muito raro na Europa.

Se la llamó California, dado que había nacido en ese Estado, y Spangled, porque su pelaje evocaba las manchas redondas y oscuras del plumaje de ciertos pájaros.

California Spangled Brown Spotted. As manchas são redondas, triangulares ou rectangulares, estando distribuídas por todo o corpo.

Foto acima:
Califórnia Spangled Brown Spotted.
Foto ao lado:
Seal Seppia Spotted Snow Leopard, com olhos azuis.

Califórnia Spangled

Aspecto geral
Aspecto selvagem. Locomoção rasante. Corpo longo, forte. Pêlos curtos. Peso: 4 a 8 kg.

California Spangled Gold Spotted.

California Spangled. À esquerda, Black Spotted. À direita, Gold Spotted

Cabeça
Esculpida, de comprimento e largura médias. Crânio de contornos arredondados. Fronte ligeiramente abaulada. "Stop" ligeiro entre a fronte e o nariz. Maçãs do rosto salientes. Focinho cheio, bastante desenvolvido, de comprimento médio. Queixo forte. Mandíbulas muito desenvolvidas.

California Spangled. À esquerda, Gold Spotted. À direita Black Spotted.

Orelhas
De comprimento e largura médias, arredondadas na extremidade, de inserção alta.

Olhos
Amendoados, bastante abertos, ligeiramente oblíquos e espaçados. Cor em sintonia com a pelagem: cor de ouro a castanho; azul na variedade Snow Leopard.

California Spangled Brown Spotted.

Pescoço
De comprimento médio, cilíndrico, musculoso..

Corpo
Bastante comprido, musculoso, quartos traseiros sólidos. Estrutura óssea forte. Musculatura bastante desenvolvida.

Patas
Longas, fortes. As anteriores formam um ângulo de, aproximadamente, 90% com os cotovelos, o que dá a impressão de estarem posicionadas muito para trás, colocando o corpo numa posição baixa. Pés de tamanho médio.

Cauda
Bastante comprida, de espessura idêntica da base até à extremidade. Possui anéis negros e termina numa extremidade igualmente escura.

California Spangled Brown Spotted.

Bem guarnecida de pêlos.

Pelagem
Pêlo curto, excepto na zona do abdómen e cauda onde é um pouco mais comprido. Padrão: Tabby malhado. As manchas que cobrem o dorso e as zonas laterais do corpo são redondas, quadradas ou triangulares. Devem apresentar-se bastante separadas. Riscas na cabeça, garganta, nas patas e na cauda. Cores: 8 variedades clássicas: negro, castanho, azul, bronze, cinzento antracite (charcoal), ruivo (red), dourado (gold) e prateado (silver). O Leopardo das neves (Snow Leopard) possui uma pelagem branca mosqueada de negro e tem olhos azuis.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum (■).

Defeitos
Corpo excessivamente maciço. Estrutura óssea e musculatura insuficientes. Cabeça demasiado redonda, focinho estreito. Orelhas pontiagudas. Olhos verdes. Manchas brancas nos dígitos. Pelagem muito comprida. Ausência de marcas "tabby", padrões ou contraste. Cauda clara na extremidade.

Características/Particularidades
Gato vivo, enérgico, muito activo mas não agressivo. É um excelente caçador.
Sociável, é afectuoso e sensível. A manutenção deste gato limita-se a uma escovagem semanal.

(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

California Spangled Gold Spotted.

Ceilão

País de Origem: S.E. Asiática
Outras designações: Gatto di Ceylon, Gato do Sri Lanka

Uma raça natural, originária do Sri Lanka.

Em 1984, o Dr. Paolo Pellegatta trouxe para Itália os seis primeiros "Gatto di Ceylon", animais provenientes do Sri Lanka, o antigo Ceilão, no sudeste da Índia.
Está em curso um programa de criação e selecção para fixar a raça, cuja popularidade aumentou rapidamente em Itália. Em 1988, foi fundado o Clube dos Amigos do Gatto di Ceylon.

Ceilão. Raça natural asiática. Gatinhos.

Ceilão

Aspecto geral
Corpo compacto.
Tamanho médio.
Pêlo curto.

Ceilão Agouti.

Cabeça
De tamanho médio. Crânio ligeiramente arredondado e fronte bastante achatada. Bochechas ligeiramente arredondadas. Nariz bastante curto com um "stop" ligeiro. Queixo não pronunciado.

Orelhas
De tamanho médio a grande. Inserção alta, próximas entre si, bastante largas na base, extremidades arredondadas. Marcas de polegar mais claras. Os penachos são aceites.

Olhos
Bastante grandes, ligeiramente oblíquos. Linha superior amendoada, linha inferior arredondada. Delineados a preto. Cor: amarelo esverdeado.

Ceilão, gatinhos.

"Ticking" pronunciado (barra escura do pêlo agouti) no peito, dorso e flancos. Duas ou três linhas nas bochechas, fronte com um desenho tipo "cobra". Riscas nas patas, cauda anelada. Cores base: do tom de areia até ao dourado.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Orelhas excessivamente espaçadas. Olhos arredondados. Ausência de marcas "tabby". Manchas brancas.

Ceilão red.

Corpo
Médio, compacto. Abdómen bastante arredondado. Estrutura óssea fina. Musculatura desenvolvida.

Patas
De comprimento médio. As anteriores são mais curtas do que as posteriores. Boa musculatura. Pés arredondados.

Cauda
Bastante curta, larga na base, afilando em direcção à extremidade arredondada.

Pelagem
Pelagem curta, fina, sedosa. Sub-pêlo pouco desenvolvido.

Ceilão gold.

Características/Particularidades
Gato sociável, confiante e afectuoso. Adapta-se facilmente à vida num apartamento. Manutenção fácil.

(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Chartreux

País de Origem: França
Outra designação: Gato de Chartreux (Cartuxa)

Gato azul de França, com olhos cor de ouro, conhecido há diversos séculos.

Trata-se de uma raça muito antiga. Antigamente, a sua pelagem lanosa, colorida e tosquiada era vendida como pele de lontra! Supõe-se que esta raça existe em França há já alguns séculos. No século XVI, Joachim Du Bellay chorou pela morte do seu pequeno gato cinzento, Belaud. No século XVIII, em "A História Natural", Buffon refere-se ao Chartreux como o "Gato de França", enquanto que Linné distingue-o do gato Angorá através da denominação Felis cattus caeruleus ou "Gato Azul".

Levantaram-se inúmeras hipóteses para a origem deste gato. De acordo com a lenda, teria sido criado pelos monges da ordem da Cartuxa que o tinham trazido da África do Sul.

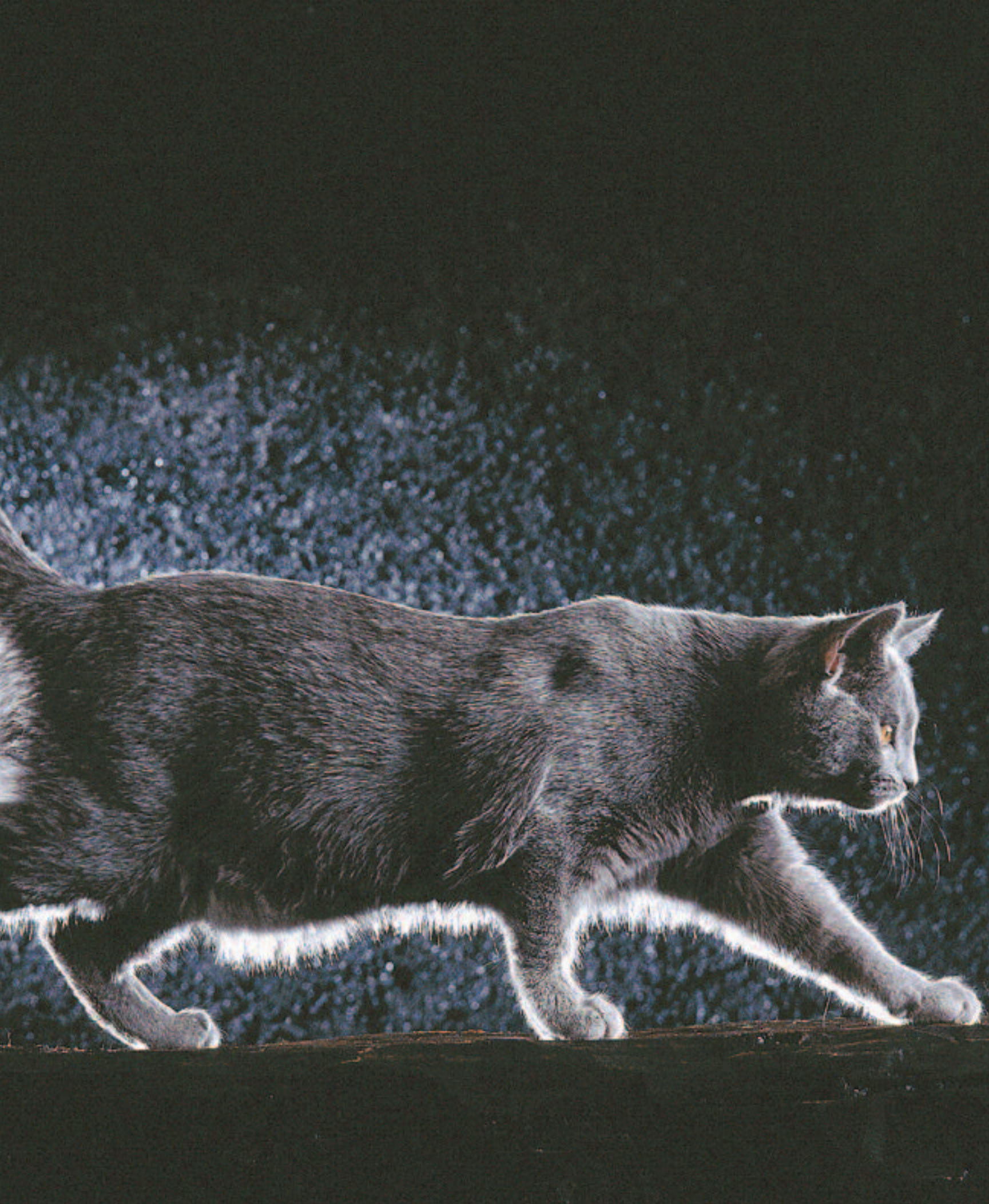
Então qual a razão do nome Chartreux? Segundo algumas opiniões, a origem do nome está relacionada com o facto da sua densa e lanosa pelagem recordar um tecido de lã de Espanha denominado "pile des Chartreux". Já para outros, como Fitzniger, seria o resultado do cruzamento entre o gato Manul e o gato Egípcio. De facto, os seus antepassados poderiam ser originários das rudes regiões montanhosas do Irão, Síria e Turquia, onde teriam adquirido a sua espessa pelagem. Alguns animais foram introduzidos em França durante as cruzadas.

Nos anos 20, alguns criadores franceses realizaram cruzamentos com Persas. O verdadeiro programa de criação só teve início em 1926, quando as irmãs Léger começaram a trabalhar com gatos azul acinzentados que viviam naturalmente em Belle-Ile, no Morbihan. Depois de ter definido as suas características morfológicas, o Dr. Jumaud (1930) atribui-lhes o nome Felix cattus cartusinorum.

Em 1931 realizou-se uma exposição no Cat Club de Paris. O primeiro standard da raça foi redigido em 1939.

Nos anos 60 e 70, os cruzamentos com Bristish Shorthair Blue eram tão frequentes que a F.I.Fe decidiu, em 1970, combinar as duas raças. Iria assim desaparecer o Chartreux? J. Simmonet, Presidente do Club do Gato de Chartreux, provou a autenticidade desta antiga raça francesa, levando novamente a F.I.Fe a separá-las e a proibir as mestiçagens. Os primeiros Chartreux chegaram aos Estados Unidos em 1970. A C.F.A. e a T.I.C.A reconheceram a raça.

Muito apreciado pelo público, foi celebrado por Colette no seu livro *La Chatte* (A gata) (1933). Foi o companheiro do General de Gaulle.



Chartreux

Aspecto geral
Tamanho médio a grande.
Peso: 3 a 7,5 kg. Mediolíneo.
Os machos são maiores e mais maciços do que as fêmeas. Forte e robusto.
Expressão doce e sorridente (■).

Chartreux. Gatinhos.

Cabeça
Grande, arredondada, mas não esférica, com a forma dum trapézio invertido. Crânio não abaulado (▼), ligeiramente arredondado (■) com um espaço estreito e plano entre as orelhas (▼). Bochechas cheias, redondas, baixas, particularmente desenvolvidas no macho. Nariz recto, largo, não arrebitado. "Stop" pouco acentuado. Dá-se preferência à ausência de "stop". Focinho estreito comparativamente à cabeça, mas não pontiagudo. Bigodes bastante grandes e "pinch" pronunciado, características que conferem a este gato o seu sorriso característico(◆). Mandíbulas poderosas, particularmente nos machos com mais de 2 anos(■).

Orelhas
Tamanho pequeno a médio, de inserção alta, rectas, extremidades arredondadas. Estreitas na base.

Olhos
Grandes, arredondados, com o canto exterior ligeiramente desviado para cima (▼). Cor: do amarelo forte ao cobre intenso. Sem vestígios de verde ou tons esbatidos.

Pescoço
Curto, forte e grosso.

Corpo
Robusto e maciço, especialmente nos machos. Ombros largos, peito profundo. Dorso direito. Estrutura óssea forte, musculatura densa e sólida.

Patas
Direitas, curtas a médias, fortes, muito musculosas. Pés pequenos, redondos (♦), largos (▼).

Cauda
De comprimento médio, grossa na base, afilando ligeiramente em direcção à ponta arredondada.

Pelagem
Pêlo curto. Pelagem lustrosa, espessa, densa como a da lontra, compacta, impermeável , ligeiramente eriçada devido ao abundante sub-pêlo.
Cor: todas os tons de azul são permitidos, desde o azul acinzentado claro até ao azul acinzentado escuro. No entanto, dá-se preferência ao azul acinzentado claro. A uniformidade da cor é essencial (▼). A pele do nariz é azul acinzentada e as almofadinhas plantares são rosadas (◆). As crias nascem com marcas "tabby", as quais vão progressivamente desaparecendo entre os 6 meses e 1 ano de idade. A tonalidade laranja dos olhos só se torna definitiva a partir dos 3 meses, tomando o lugar do azul acinzentado, cor típica dos olhos dos gatinhos (■).

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Nariz arrebitado, "stop" muito marcado. Focinho grande, pesado. Olhos amendoados ou demasiado próximos, com vestígios de verde, com uma cor muito clara e esbatida (▼). Pelagem: Pêlos brancos. Zonas sombreadas, marcas fantasma, "tipping". Reflexos castanhos ou ruivos (▼).

Chartreux. Gatinho.

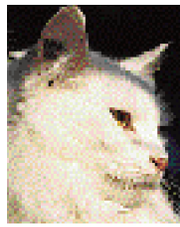
O Chartreux existe em todos os tons de azul, mas o azul-cinza claro é o mais apreciado.

Características/Particularidades
É um gato equilibrado, calmo, independente, com uma personalidade forte e que não mia muito. Reservado, solitário, aprecia a tranquilidade. É afectuoso e muito dedicado ao dono.
Robusto, rústico, vivo, está perfeitamente adaptado ao frio. A vida ao ar livre permite-lhe revelar os seus instintos de caçador e assegurar a qualidade e o aspecto lanoso da sua pelagem. No entanto, é preciso salientar que o sol pode criar reflexos castanhos na pelagem.
Só atinge a maturidade por volta dos 2 ou 3 anos de idade. No que respeita à sua manutenção, é necessário escová-lo uma vez por semana, com o auxílio de uma escova de desbaste para a sua pelagem lanosa. A muda de pêlo é bastante significativa.

(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Gato dos Bosques da Noruega

País de Origem: Noruega
Denominação de origem: Skogkatt, Norsk Skogkatt, Skaukatt, Wegrie
Outras designações: Gato do Bosque Norueguês, Norueguês, Norwegian Forest Cat

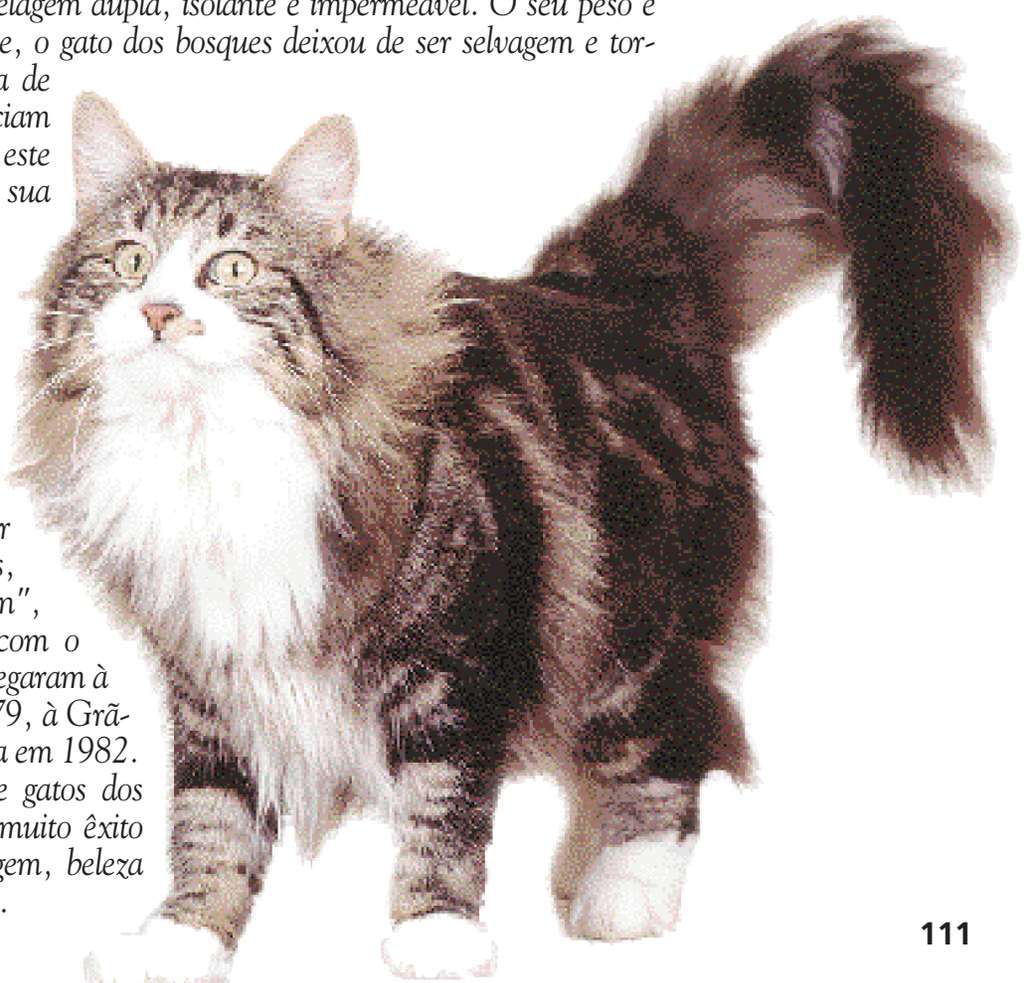


Um selvagem tranquilo com pelagem longa e espessa.

Este gato existe desde há muito tempo em toda a Escandinávia. Diversas lendas descrevem um grande gato de cauda longa e espessa. De acordo com a mitologia escandinava, Thor, o mais forte de entre todos os Deuses, não teria conseguido erguê-lo. Freya (ou Freyja), deusa do amor e da fecundidade, conduzia uma carruagem puxada por gatos. A Noruega é o país de origem deste "gato-fada". Mas não teriam sido os Vikings a trazer da Ásia Menor (Cáucaso, Anatólia..) alguns felinos para caçarem os ratos que infestavam os seus drakkars? Ou teriam sido as tribos da Europa Central ou da Ásia, instaladas na Escandinávia antes da Idade Média, as responsáveis pela introdução destes gatos?

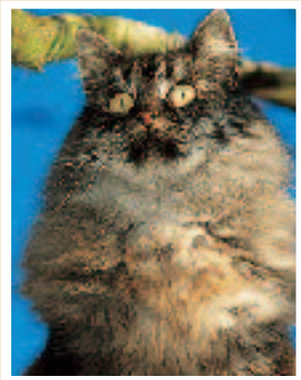
Os gatos vindos de outras regiões, tiveram de se adaptar ao rigoroso clima da Escandinávia e, como tal, desenvolveram uma espessa pelagem dupla, isolante e impermeável. O seu peso e tamanho aumentaram. Progressivamente, o gato dos bosques deixou de ser selvagem e tornou-se um animal de quinta. Por volta de 1930, alguns criadores noruegueses iniciam um programa de selecção para preservar este animal e aliar a rusticidade à beleza da sua pelagem.

Foram apresentados alguns espécimes numa exposição realizada em Oslo. A raça foi reconhecida em 1972, e em 1975 apareceu o primeiro clube de raça e o primeiro standard. A F.I.Fe só a reconheceu em 1977. Foi redigido um standard oficial, o qual foi posteriormente modificado para evitar qualquer confusão com o Maine Coon. Aliás, deve-se observar que o gato "Nrcoon", resulta do cruzamento do Norueguês com o Maine Coon. Os primeiros espécimes chegaram à Alemanha e aos Estados Unidos em 1979, à Grã-Bretanha em 1980 e finalmente à França em 1982. A Suécia possui a maior população de gatos dos bosques da Noruega. Esta raça obtém muito êxito nas exposições. A sua aparência selvagem, beleza natural e robustez, são muito apreciados.



Gato dos Bosques da Noruega

Aspecto geral
Gato de grandes dimensões. Peso: de 3 a 9 kg. As fêmeas podem ser consideravelmente mais pequenas do que os machos. Corpo alongado, estrutura sólida. Pelagem dupla.



Cabeça
De forma triangular, com um comprimento idêntico à largura. Fronte achatada. Perfil direito, sem "quebra". O focinho acompanha a linha da cabeça, sem "pinch". Nariz de comprimento médio. Queixo firme, mais quadrado do que redondo, mas nunca pontiagudo (◆). Os primeiros Noruegueses tinham uma cabeça menos comprida e o perfil era menos direito do que os actuais.

Orelhas
Medianamente grandes, largas na base, bastante abertas e ligeiramente arredondadas nas extremidades. Bastante espaçadas, inserção na zona lateral da cabeça, de tal forma que a base da orelha acompanha a linha que vai da cabeça ao queixo. Revestidas internamente por pêlos longos. As extremidades tipo lince (Lynx tips) são desejáveis.

Olhos
Grandes, amendoados, ligeiramente oblíquos. São aceites todas as cores (▼), mas as mais apreciadas são o verde e o dourado. Os olhos azuis, cor de cobre e díspares são aceites nos gatos brancos (◆).

Pescoço
De comprimento médio, musculoso.

Corpo
Maciço, robusto, com uma aparência poderosa. Moderadamente comprido, com um peito largo e arredondado. Estrutura óssea pesada e musculatura considerável.

Patas
Medianamente compridas, musculosas, direitas. As patas posteriores são mais compridas do que as anteriores, muito embora os quartos posteriores sejam mais altos do que os ombros. Estrutura óssea forte. Coxas bastante musculosas. Pés grandes, redondos, com tufos de pêlos compridos nas regiões interdigitais.

Cauda
Comprida, erecta, podendo tocar no pescoço. Larga na base, hirsuta, afilando na extremidade.

Pelagem
Pelagem dupla. Pêlo semi-longo, sub-pêlo muito espesso e lanoso. O pêlo de cobertura é liso, lustroso, oleoso e impermeável. A pelagem é irregular, mais curta nos ombros, tornando-se progressivamente mais comprida no dorso e flancos. Cabeção, colar e calções bastante guarnecidos. São reconhecidas todas as cores, excepto o colourpoint, chocolate e lilás (■), cinnamon, fawn e o padrão Burmês (▼). É aceite qualquer porção de branco(▼)
.

Condição Física
Gato em estado de alerta, firme, musculoso.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Gato excessivamente pequeno, frágil. Corpo "cobby", demasiado comprido. Cabeça redonda ou quadrada. Perfil com "quebra". Orelhas pequenas. Olhos pequenos ou redondos. Patas e cauda curtas. Estrutura óssea demasiado delicada. Pelagem seca.

Características/Particularidades

Este gato, muito seguro de si, caracteriza-se por uma grande estabilidade temperamental. Sociável, de carácter fácil, calmo mas também brincalhão, aceita os seus congéneres, cães e crianças. A sua voz é doce. Rústico, robusto, desportivo, com uma flexibilidade de surpreendente, é um trepador nato e um excelente caçador. Se viver num apartamento, torna-se indispensável adquirir uma árvore de gatos. O ideal seria que o animal pudesse dispor de um grande jardim, uma vez que a sua pelagem fica mais bonita quando o gato vive no exterior.
A sua maturidade, muito lenta, só é alcançada entre os 4 e os 5 anos. Manutenção fácil. Deve ser penteado e escovado com regularidade para evitar a formação de nós. Durante a muda, que é bastante significativa, deve ser escovado diariamente.

(▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Cornish Rex

País de Origem:
Grã-Bretanha

Um gato frisado, acrobata, brincalhão e sociável.

O primeiro Cornish Rex, um gato baptizado com o nome Kallibunker, filho de Serena, uma gata doméstica tricolor, nasceu em 1950 na quinta da família Ennismore, perto de Bodmin, na Cornualha, razão do seu nome Cornish. O seu pêlo frisado recorda a pelagem do coelho Rex, descoberto numa quinta francesa em 1919. Para conservar essa mutação de tipo recessivo, o programa de selecção combinou uma grande consanguinidade através da realização de cruzamentos com Siameses, British Shorthair e Burmeses. Em 1967, o Cornish Rex passou a ser oficialmente reconhecido em Inglaterra.

Em 1960, o Professor E.Letard trouxe da Alemanha para França um casal de gatos Rex. Apenas Marco, um macho negro com olhos verdes, sobreviveu à viagem. Foi cruzado com uma gata Burmesa. As crias obtidas eram negras e tinham uma pelagem dura, facto que comprovou o carácter recessivo da mutação. Em 1962, Letard cruzou os mestiços entre si e obteve um macho Rex, Lisko, um descendente da linhagem Rex francesa. Em 1957 começou nos Estados Unidos um programa de criação da raça. Cruzamentos com Siameses e Orientais produziram um espécime leve, de cabeça ovóide enquanto que o Cornish Rex tipo inglês é mais pesado e possui uma cabeça mais triangular do que comprida. Esta raça é muito apreciada nos Estados Unidos e na Europa.

Cornish Rex Brown Tabby.

Foto acima: Cornish Bicolor.
Foto ao lado: Cornish Rex Negro e Branco.

Cornish Rex

Aspecto geral
Tamanho médio. Tipo longilíneo.
Peso: 2,5 a 4,5 kg. Dorso arqueado.
Estrutura óssea fina a delicada.
Pêlo frisado.

Cornish Rex. Gatinho Bicolor Vermelho e Branco.

Cornish Rex Bicolor Tartaruga e Branco.

Cabeça
Mais comprida do que larga, medianamente cuneiforme (▼). Crânio ovóide (◆). Perfil convexo romano (♦). Linha recta a partir do meio da fronte até à extremidade do nariz (▼).Nariz direito (▼). Fronte abaulada. Inserção dos bigodes bem definida. Queixo forte. Bigodes e sobrancelhas frisadas.

Orelhas
Grandes, cónicas, largas na base e de inserção muito alta. Extremidades arredondadas. Cobertas por pêlos finos (▼); geralmente desprovidas de pêlos no interior e no exterior (◆).

Olhos
Médios a grandes, ovóides, ligeiramente oblíquos. Cor luminosa, clara e pura, geralmente em harmonia com a pelagem.

Cornish Rex Bicolor Negro e Branco.

Pescoço
De comprimento médio, fino mas musculoso.

Corpo
De tamanho pequeno a médio, bastante comprido. Caixa torácica cheia e profunda. Dorso muito arqueado. Ancas arredondadas. Estrutura óssea muito fina. Musculatura firme, vigorosa e longa.

Patas
Compridas, rectas. Estrutura óssea fina, musculatura firme. Pés pequenos, ovais.

Cauda
Longa, fina, coberta por pêlos frisados.

Pelagem
Pêlo curto, denso, frisado, com uma ondulação regular em todo o corpo. É desejável o aspecto de ondas nas patas e cauda. A ausência de pêlos de guarda confere à pelagem uma grande delicadeza e suavidade, o que faz recordar o toque do cetim ou da seda. O crescimento do pêlo é muito lento.
Estão reconhecidas todas as cores. A variedade com o padrão Siamês tem o nome Si-Rex.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum (◆).

Defeitos
Cabeça excessivamente larga ou muito comprida. Orelhas pequenas. Corpo maciço, atarracado. Cauda excessivamente grossa, curta, nua ou hirsuta. Presença de grandes áreas sem pêlo, excepto na fronte e cauda. Pêlo duro, espetado.

Dois exemplares de Cornish Rex Bicolor Negro e Branco.

Cornish Rex Bicolor Branco e Tartaruga

Características/Particularidades
Gato muito vivo, agitado, acrobata, muito brincalhão, até mesmo excêntrico. Sempre de bom humor, mostra-se sociável com os seus congéneres e com os cães. Detesta a solidão.
Muito afectuoso e sensível, é um companheiro carinhoso. Possui uma voz estridente. Adapta-se bem à vida num apartamento, até porque é um animal friorento. As gatas têm cios frequentes e a sua prolificidade é elevada. Possui um apetite voraz e o desenvolvimento dos gatinhos é bastante rápido.
Quanto à sua manutenção, deverá ser escovado uma vez por semana. A muda é quase inexistente.

Vermelho e branco (▼) F.I.Fe (■) L.O.O.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Cymric

País de Origem: Estados Unidos
Outras designações: Gato Galês,
Manx de Pêlo Comprido (Longhaired Manx)

Um gato sem cauda e de pêlo comprido, originário da Irlanda.

Existe um gene responsável pelo pêlo semi-longo da população felina da ilha de Man, situada no mar da Irlanda.

Nos anos 60, dois criadores, Blair Wright no Canadá e Leslie Falteisek nos Estados Unidos, decidiram fixar este carácter para assim criar uma nova raça de Manx de pêlo semi-longo denominada Cymric (Cymru significa em galês: país de Gales).

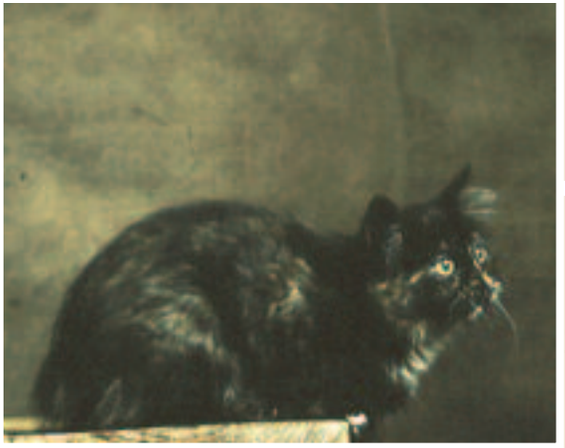
Por volta de 1970, a "Canadian Cat Association" reconheceu esta raça. A C.F.A. que a baptizou com o nome «Longhaired Manx» (Manx de pêlo comprido) fá-lo também em 1989. Até ao momento ainda não foi reconhecido pela F.I.Fe. É praticamente impossível encontrar este gato na Europa.

Cymric Red Tabby. Originário da ilha de Man, baptizaram-no com o nome «Galês». Foi seleccionado nos Estados Unidos onde recebeu igualmente a denominação Manx de pêlo comprido.

FOTO ACIMA: CYMRIC BLACK TORTIE E BRANCO
FOTO AO LADO: CYMRIC RED TABBY.

Cymric

Aspecto geral
Semelhante ao Manx.
Peso: 3,5 a 5,5 kg.
Pêlo semi-longo a longo.



CYMRIC TORTIE PRETO.

Cabeça
De tamanho médio, redonda, ligeiramente mais comprida do que larga. Fronte ligeiramente arredondada. Maçãs do rosto salientes, bochechas pronunciadas. Nariz médio. Focinho ligeiramente mais comprido do que largo. «Break» definido. Queixo forte.

Orelhas
Largas na base, arredondadas nas pontas, espaçadas. Pêlo abundante no interior.

Olhos
Grandes, redondos. Cor em consonância com a da pelagem.

Pescoço
Curto, espesso.

Corpo
Compacto, cobby. Peito largo. Dorso curto. Anca arredondada. Estrutura óssea robusta, musculatura desenvolvida.

Patas
As anteriores são sensivelmente mais curtas do que as posteriores. Estrutura óssea robusta. Musculatura forte. Pés médios, redondos.

Cauda
Curta ou ausente.

Pelagem
Pêlo semi-longo, passando a longo nas zonas do corpo em declive. Textura muito sedosa. Pelagem dupla (sub-pêlo desenvolvido). Cores: as mesmas variedades que o Manx (cores naturais, motivos tabby...).

CYMRIC TABBY VERMELHO E BRANCO.

CYMRIC TABBY VERMELHO.

CYMRIC TORTIE BRANCO.

Caracteristicas / Particularidades
Gato brincalhão, activo, rigoroso. Muito sociável, aceita os estranhos e convive bem com outros animais. É meigo com as crianças. Fácil manutenção, requer apenas uma escovagem semanal.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Devon Rex

País de Origem: Grã-Bretanha
Outra designação: Poodle Cats (Gatos Caniche)

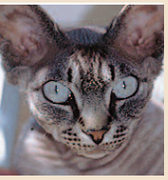
Um animal engraçado, com pelagem de carneiro e orelhas de morcego.

Em 1960, no Devon, em Inglaterra, a Sta. Beryl Cox recolheu um gato de pelagem frisada oriundo de uma ninhada de gatos vadios, que viviam numa mina desactivada. Este gato foi cruzado com uma gata tricolor. Dessa união nasceu um macho frisado ao qual deu o nome Kirlee. Este animal, por sua vez, foi cruzado com gatas Cornish, mas as crias resultantes tinham o pêlo liso. O que significava que os dois genes responsáveis pelas duas mutações – a do Devon e a do Cornish – eram simultaneamente diferentes e recessivos. Para fixar o gene mutante do Devon, com base em Kirlee, iniciou-se um processo a partir de forte consanguinidade que infelizmente, levou ao aparecimento nalgumas linhagens de uma doença hereditária mortal: a espasticidade. No entanto, esta raça é muito vigiada e os criadores, quer ingleses quer americanos e franceses, trabalham em conjunto para a selecção dos indíviduos saudáveis, cujos pedigrees são submetidos a um estudo aturado.

O Devon Rex foi oficialmente reconhecido em 1967 pela F.I.Fe. Nos Estados Unidos, esta raça só foi diferenciada do Cornish Rex a partir de 1979. Está reconhecido pela C.F.A. e pela T.I.C.A. que editou um standard em 1988.

DEVON REX CASTANHO TABBY E BRANCO

Devon Rex



Aspecto geral
Tamanho médio. Tipo mediolíneo. Peso: 2,5 a 4 kg. Orelhas muito grandes. Pelagem curta e frisada.

Devon Rex Black Smoke

Devon Rex Branco

Devon Rex Chocolate Tabby e Branco

Cabeça
Bastante pequena, com aspecto cuneiforme, curta, angulosa. Crânio achatado, fronte bombeada. Bochechas cheias, maçãs do rosto proeminentes. Focinho curto. Nariz curto. «Stop» muito acentuado (◆). Queixo forte. «Pinch» muito pronunciado. Bigodes e sobrancelhas frisadas, bastante ásperas e de comprimento médio (▼).

Orelhas
Muito grandes, largas na base, em forma de cone com extremidades arredondadas. Inserção muito baixa, cobertas por pêlos muito finos. Pêlos esparsos no interior. Pêlos nas extremidades das orelhas (Lynx tip).

Olhos
Grandes, ovalados, bastante espaçados, dispostos em oblíquo em direcção ao bordo exterior da orelha. Cor luminosa, nítida, pura e em consonância com a cor da pelagem.

Pescoço
De comprimento médio, fino, levemente arqueado.

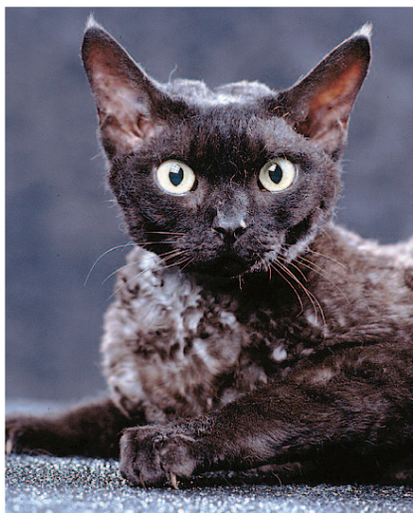
Corpo
Tamanho e comprimento médios. Peito largo. Musculatura firme e forte.

Devon Rex. Gatinho

Pelagem
Pelagem curta, fina, ondulada, com ou sem pêlo de guarda, menos ordenada que a do Cornish Rex, mais despenteada, como a de um Caniche ou de um carneiro.
Alguns Devon Rex possuem apenas penugem no abdómen (▼).
Tal como no Cornish Rex, o crescimento do pêlo é lento. São permitidas todas as cores e todos os padrões, com ou sem presença de branco.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Cabeça estreita tipo Oriental ou larga tipo Bristish. Orelhas pequenas, de inserção alta. Olhos pequenos. Corpo atarracado. Cauda curta, nua ou hirsuta. Pelagem chata. Pêlos duros, lisos. Extensas zonas sem pêlo.



Devon Rex Black Smoke

Devon Rex Azul Tabby

Devon Rex Branco

Patas
Compridas, finas. As patas posteriores são nitidamente maiores do que as anteriores. Estrutura óssea fina a média. Musculatura vigorosa. Pés pequenos, ovais.

Cauda
Comprida, fina, afilando progressivamente, guarnecida por bastante pêlo curto.

Características / Particularidades
Gato muito vivo, brincalhão, acrobata mas ligeiramente menos activo do que o Cornish Rex. Dotado de um bom carácter, muito embora seja independente, mostra-se sociável com os seus congéneres e com os cães. Detesta a solidão. Muito afectuoso, sensível é um companheiro agradável de voz doce e discreta. Adapta-se bem à vida em apartamento, até porque é friorento. O desenvolvimento dos gatinhos é bastante rápido. A pelagem só adquire o aspecto de adulto por volta dos 6 meses.
Quanto à manutenção, uma escovagem semanal é suficiente. A muda é praticamente inexistente. Deve ser limpo frequentemente porque este gato transpira e os ouvidos produzem bastante cerúmen. Um exame cuidadoso do pedigree permite evitar o risco da espasticidade.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Europeu

País de Origem: Europa continental
Outras designações:
Europeu de Pêlo curto,
European Shorthair

Um plebeu com pedigree!

Na Europa continental, o Europeu de pêlo curto é o homólogo do British Shorthair da Grã-Bretanha e do American Shorthair dos Estados Unidos. Esta raça deriva do gato doméstico comum (gato doméstico ou cruzado) através de uma selecção baseada em critérios estéticos.

Foi em 1925 que os chamados gatos «Europeus» obtiveram um primeiro standard. Esta raça anteriormente classificada juntamente com os British Shorthair, foi homologada pela F.I.Fe em 1982. Não está reconhecida pelo G.C.C.F da Grã-Bretanha.

FOTO AO LADO: TABBY TIGRADO

Europeu

ASPECTO GERAL
Gato de tipo mediolíneo (o British Shorthair é mais brevilíneo).
De tamanho médio a grande.
Os machos podem atingir os 8 kg. Pêlo curto.

BICOLOR.

TARTARUGA, 3 CORES.

ORELHAS
De tamanho médio, com as extermidades ligeiramente arredondadas, apresentando por vezes penachos. Espaçadas e erguidas.

OLHOS
Grandes, redondos, muito espaçados, ligeiramente oblíquos. A cor deve ser nítida, pura e em harmonia com a pelagem.

PESCOÇO
De comprimento médio, musculado.

CORPO
Bastante alongado, e não é atarracado. Robusto, forte, bastante musculado. Peito largo, bem desenvolvido.

PATAS
De comprimento médio, fortes, sólidas, adelgaçando progressivamente até aos pés que são redondos e firmes.

CAUDA
De comprimento médio, bastante grossa na base, afilando gradualmente até uma extremidade arredondada.

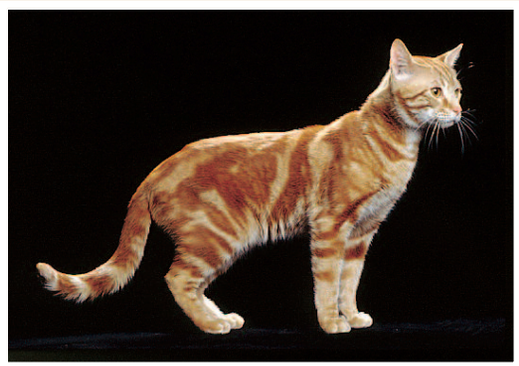
PELAGEM
Pelagem curta, densa, acamada, lustrosa, sem sub-pêlo. Todas as cores excepto chocolate, lilás e colourpoint.

OBSERVAÇÕES
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

DEFEITOS
Corpo excessivamente grande, demasiado entroncado. Grande semelhança com o Britsih Shorthair e American Shorthair. Faceiras pendentes. «Stop» nítido. Pelagem comprida, lanosa (▼).

BICOLOR.

CABEÇA
Bastante larga, de contornos arredondados, comprimento ligeiramente superior à largura. Crânio e fronte ligeiramente arredondados. Bochechas bastante desenvolvidas sobretudo nos machos. Nariz direito, de comprimento médio, sem «stop» (■), com uma base bem definida (▼). Queixo arredondado e firme.



TABBY LARANJA.

TABBY.

CARACTERÍSTICA / PARTICULARIDADES
Gato rústico, activo, dinâmico, brincalhão. Com um carácter mais fácil do que o gato vadio, mostra-se mais calmo e mais meigo. Afectuoso, de fácil convivência, dotado de uma grande capacidade de adaptação. Bom caçador, aprecia a vida ao ar livre. A sua manutenção é fácil. Excepto durante a fase de muda, requer apenas uma escovagem semanal.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Exotic Shorthair

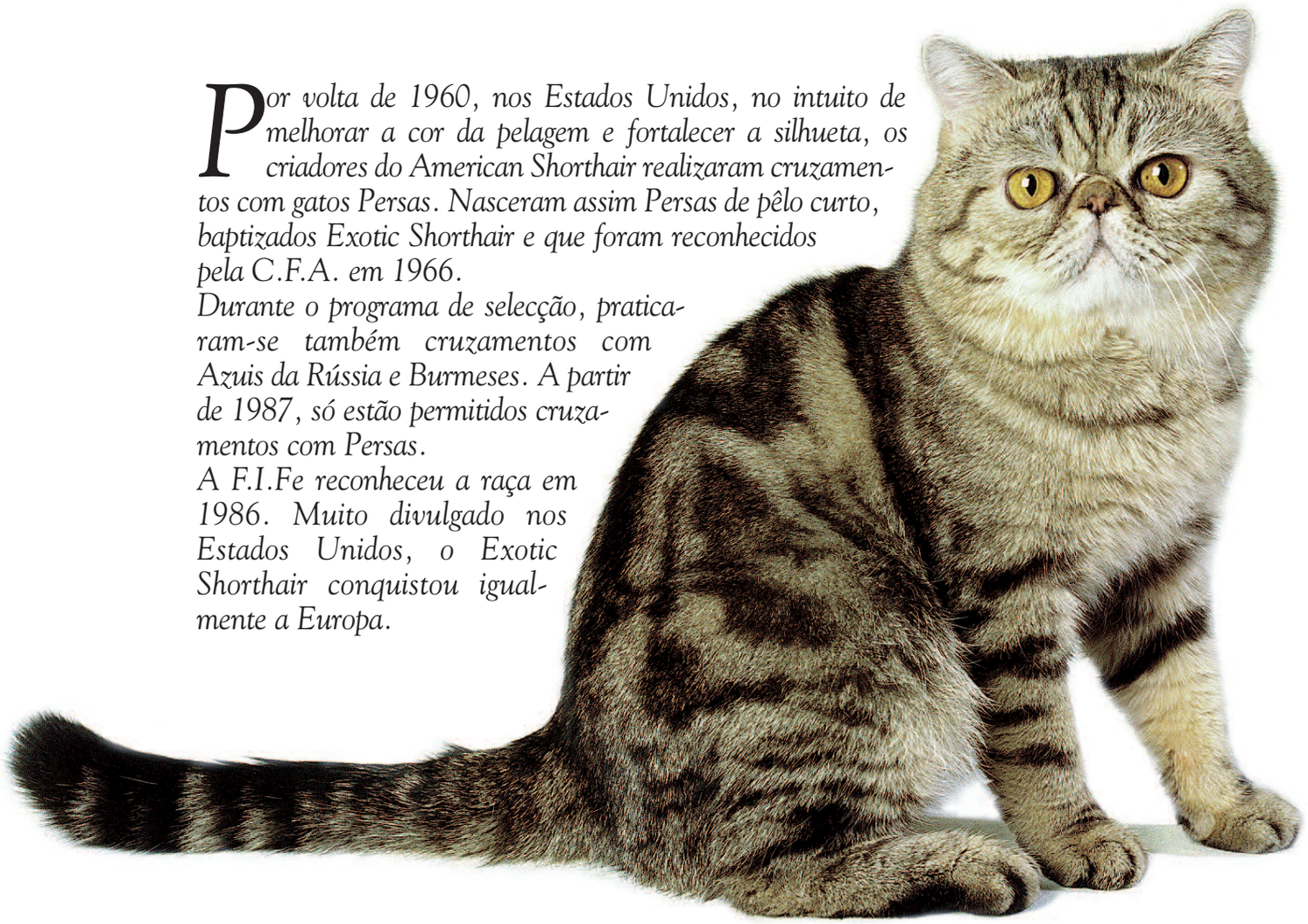
País de Origem: Estados Unidos

Um peluche descarado, eternamente adolescente.

Por volta de 1960, nos Estados Unidos, no intuito de melhorar a cor da pelagem e fortalecer a silhueta, os criadores do American Shorthair realizaram cruzamentos com gatos Persas. Nasceram assim Persas de pêlo curto, baptizados Exotic Shorthair e que foram reconhecidos pela C.F.A. em 1966.

Durante o programa de selecção, praticaram-se também cruzamentos com Azuis da Rússia e Burmeses. A partir de 1987, só estão permitidos cruzamentos com Persas.

A F.I.Fe reconheceu a raça em 1986. Muito divulgado nos Estados Unidos, o Exotic Shorthair conquistou igualmente a Europa.



Exotic Shorthair

Aspecto geral
Persa de pêlo curto.
Peso: 3 a 6,5 kg.
Tamanho médio, brevilínio.

Exotic shorthair chinchilla.

Silver tabby.

Cabeça
Redonda, maciça. Crânio muito largo. Fronte arredondada. Bochechas redondas e cheias. Focinho curto, largo, redondo. Nariz curto, largo com «stop» acentuado. Narinas largas e abertas, para facilitar o fluxo de ar (▼). Queixo forte. Mandíbulas largas e fortes.

Orelhas
Pequenas, arredondadas na ponta, não excessivamente abertas na base. Bastante espaçadas e muito peludas no interior.

Olhos
Grandes, redondos, bastante espaçados. De cor pura e profunda, correspondente à da pelagem. (De ouro a cobre na maioria das variedades; verde nos chinchilas e golden; azul nos brancos e colourpoint).

Pescoço
Curto e grosso.

Corpo
De tamanho médio, cobby, de patas curtas. Peito largo. Ombros maciços. Estrutura óssea robusta, musculatura vigorosa.

Patas
Curtas, direitas e fortes. Pés redondos, fortes. São desejáveis tufos de pêlo entre os dedos.

Cauda
Curta, grossa, apresentação baixa. Extremidade arredondada.

Pelagem
Pêlos curtos mas ligeiramente mais longos que os das outras raças de pêlo curto. Pelagem densa, tipo pelúcia, volumosa. São reconhecidas todas as cores dos Persas.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: Persas.

Defeitos
Cabeça excessivamente comprida ou demasiado estreita. Nariz muito longo ou romano; focinho estreito, fino. Olhos pequenos, oblíquos, de tonalidade pálida. Orelhas demasiado grandes. Corpo excessivamente comprido, estreito. Peito estreito. Patas longas, finas. Pés ovais. Cauda muito comprida. Desqualificação: medalhões ou manchas (■).

Azul creme tortie.

Tortie.

Gatinho Tabby e Branco.

Características / Particularidades
Trata-se de um gato sossegado mas um pouco mais vivo do que o Persa. Curioso, brincalhão, dotado de bom carácter, é sociável com os seus congéneres e cães. De fácil convivência, discreto pois raramente mia, não suporta a solidão. Afectuoso, tem necessidade da presença carinhosa do dono. Este gato robusto só alcança a maturidade por volta dos 3 anos e a sua puberdade é bastante tardia... Quando se cruzam dois Exotic Shorthair, podem surgir gatinhos de pêlo comprido. Denominados «Exotic Longhair» pela C.F.A.; em França, são considerados Persas. A sua manutenção é fácil, basta ser penteado e escovado uma vez por semana. Durante a muda, esta operação deverá ser feita diariamente. Devido ao lacrimejar bastante frequente destes gatos, é conveniente limpar-lhe os olhos todos os dias.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

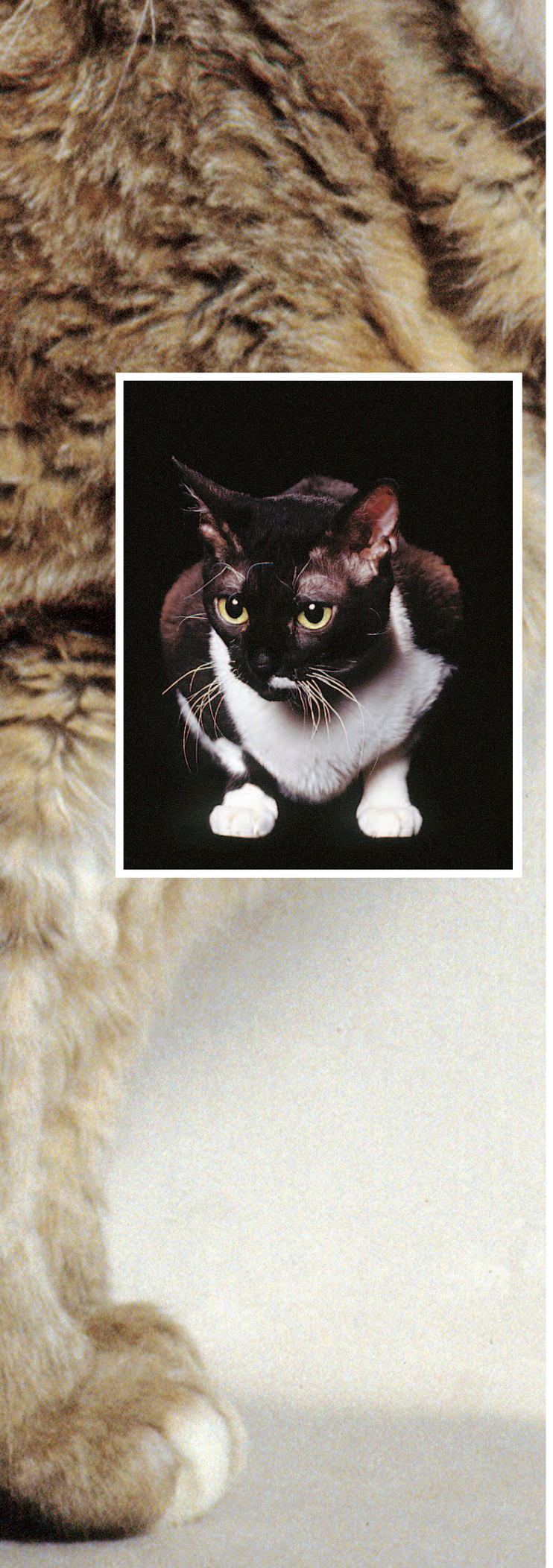
German Rex

País de Origem: Alemanha
Outra designação: Rex alemão

Uma pelagem de astracã em todo o corpo.

É provavelmente a mais antiga raça felina de pelagem frisada de que há memória. Surgiu em 1946, em casa do Dr. Scheuer-Karpin. Mas o Rex alemão só foi desenvolvido em 1951 a partir de um gato vadio adoptado por criadores. Cruzado com o Cornish Rex, obtiveram-se gatos frisados. O que veio confirmar que ambas as raças possuíam o mesmo gene responsável pela mutação.
A F.I.Fe e a S.C.F.F. reconheceram o German Rex.
Pelo contrário a C.F.A. não o diferencia do Cornish e do Devon Rex.
O German Rex é muito raro.

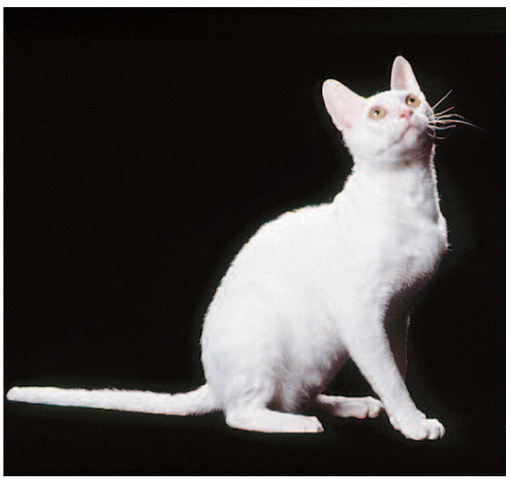
Brown Tabby



German Rex

Aspecto geral
Tamanho médio, forte, musculado

Bicolor preto e branco.



Branco, olhos laranja.

Olhos
Médios, bastante espaçados e abertos. A cor deve ser uniforme, luminosa e em harmonia com a da pelagem.

Pelagem
Pelagem curta, aveludada, macia, muito sedosa. Deve apresentar-se ondulada ou encaracolada. Frisada em toda a superfície do corpo, mais comprida do que a do Cornish Rex e mais eriçada. Ausência de pêlo de guarda.
Cores: são todas reconhecidas excepto a cor chocolate, lilás e colourpoint.

Brown tabby.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Cabeça excessivamente comprida, demasiado pontiaguda. Orelhas pequenas. Cauda curta e nua. Pelagem hirsuta, não suficientemente ondulada, com zonas sem pêlo (▼).

Cabeça
Arredondada, com uma boa distância entre as orelhas. Bochechas bem desenvolvidas. Nariz com uma ligeira quebra na base. Queixo maciço, forte. Bigodes mais curtos do que o habitual, frisados

Orelhas
De tamanho médio, largas na base com extremidades ligeiramente arredondadas. O lado exterior apresenta-se coberto por uma pelagem fina e espessa, a face interna é ligeiramente aveludada.

Corpo
De tamanho médio, sólido, musculado, nem maciço nem pesado. Peito arredondado e forte. O dorso descreve uma linha recta dos ombros até à anca.

Patas
Finas, de comprimento médio. Pés bastante desenvolvidos e ligeiramente ovais (★), de forma arredondada(▼).

Cauda
De comprimento médio, forte na base afilando em direcção a uma ponta arredondada. Bastante guarnecida de pêlo.

Tortie.

Características/Particularidades
Gato activo, mas paciente. Com um humor constante, mostra-se sociável com os outros gatos e muito afectuoso com o dono. Manutenção fácil.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Havana

País de Origem: Grã-Bretanha
Designação de Origem: Havana Brown
Outras designações: Chestnut BrownForeign, Chestnut Oriental Shorthair

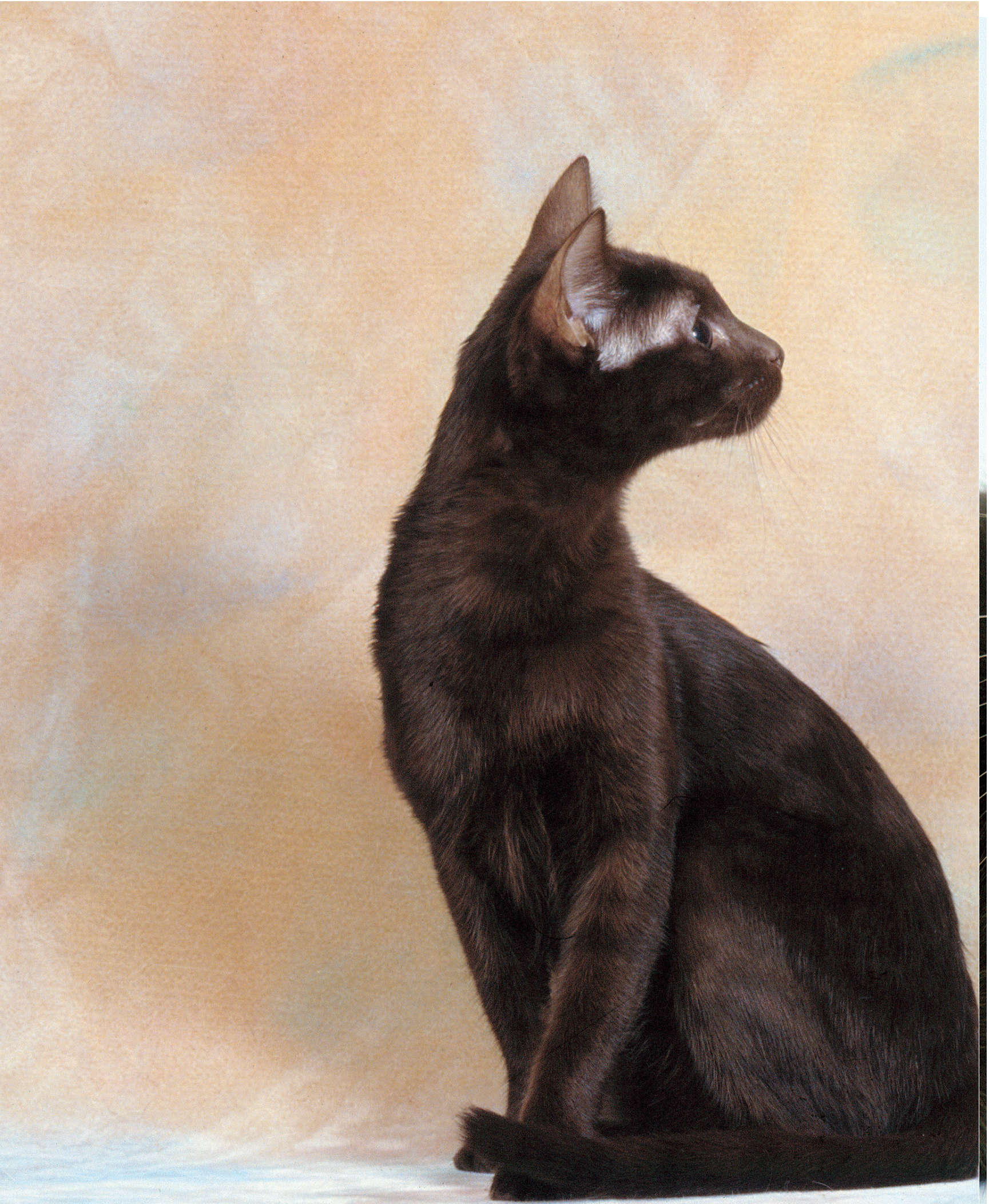
Castanho ou lilás, mas sempre com olhos verdes.

No início do século XIX, em Inglaterra, foi observada uma gata castanha escura («chestnut» em inglês) de nome Granny Grump. Muito mais tarde, por volta de 1880, outros gatos da mesma cor foram exibidos com muito êxito.

Após quase meio século de esquecimento, por volta de 1950, a baronesa von Ulmann, no intuito de obter um gato de tipo estrangeiro com pelagem chocolate uniforme, cruzou Siameses chocolate point e Europeus pretos. Foi muito bem sucedida, a tal ponto que outros criadores decidiram fazer o mesmo.

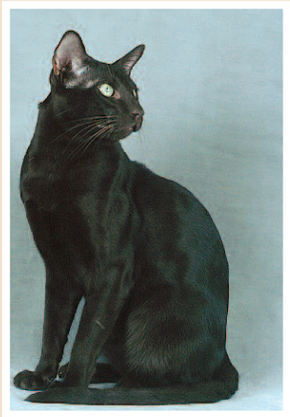
Contrariamente à F.I.Fe, o G.C.C.F reconheceu a nova raça em 1958 sob a designação Chestnut Havana ou Havana Brown. Em 1971, optou-se pelo nome Havana, talvez tomando como referência a cor do charuto ou a pelagem de uma raça de coelhos e também a partir do momento em que a cor lilás foi admitida por algumas federações. Desde 1960, a raça goza de grande sucesso nos Estados Unidos, enquanto que na Europa continua a ser rara.

Recentemente, o cruzamento de um Havana Brown com um Serval (grande gato selvagem de África, de patas altas e pelagem malhada) deu origem a uma nova raça baptizada Savannah. Trata-se de um gato grande e esbelto, de pelagem manchada e reputado pela sua simpatia. O primeiro representante chegou a França em 1998. A



Havana

Aspecto geral
Tamanho médio.
Peso: 2,5 a 4,5 kg.
Tipo inglês: longilíneo.
Tipo americano: mediolíneo (◆).



Cabeça
Mais comprida do que larga. Modelo inglês: tipo oriental sem «pinch» nem«stop». Modelo americano: ligeiramente triangular com "stop" e "pinch" pronunciado (◆). Crânio ligeiramente arredondado. Faceiras autorizadas no macho adulto. Focinho longo, quadrado. Queixo forte, quadrado, firme.

Orelhas
Grandes, arredondadas na extremidade, espaçadas. Viradas para a frente, em alerta. Pouca pelagem, nomeadamente na face interna.

Olhos
Grandes, ovais, não globulosos, dispostos próximo da zona superior do nariz. Cores: todas as tonalidades e intensidades de verde. A alteração de cor está autorizada até ao ano de idade.

Pescoço
De tamanho e comprimento médios.

Corpo
Tamanho e estrutura óssea média. Mediolíneo (tipo americano) ou longilíneo (tipo inglês). Musculatura firme.

Patas
Compridas, finas mas não em excesso. Pés compactos, ovais.

Cauda
De comprimento médio, não muito grossa na base, afilando até à extremidade.

Pelagem
Curta, fina, sedosa, lustrosa, acamada. Sub-pêlo não muito espesso. Pelagem com uma textura ligeiramente mais semelhante à pelúcia é autorizada na pelagem lilás (◆).

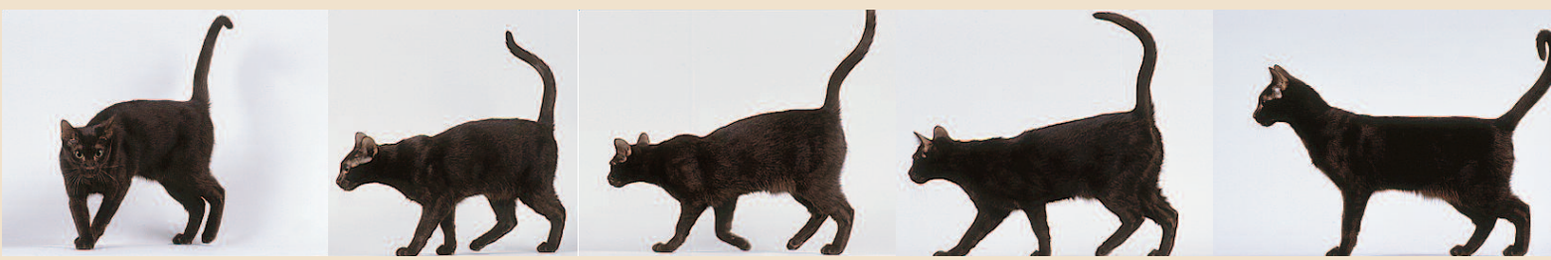
Cores:
-• Chocolate: cor de castanha, castanho avelã uniforme. Bigodes e pele do nariz castanhos, almofadinhas cor-de-rosa. A C.F.A. apenas reconhece esta cor.
-• Lilás: cinzento com reflexos rosados.

Os gatinhos nascem com marcas sombreadas tabby que desaparecem durante o primeiro ano de vida.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Ausência de quebra ao nível do focinho. Ausência de queixo. Cauda em nó. Desqualificação: cor dos olhos errada. Manchas brancas.

Características / Particularidades
Gato vivo, activo, brincalhão mas não agressivo. Distante em relação a estranhos, aprecia a calma e o conforto. Sossegado, afectuoso, muito meigo, adora o dono. Menos comunicativo que o Siamês, a sua voz é também menos forte. A sua manutenção requer apenas uma escovagem semanal.



(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Japanese Bobtail

País de Origem: China, Japão
Outras designações: Bobtail japonês, gato crisântemo, Boby

Uma cauda em pompom numa pelagem tricolor

A origem destes gatos de culto poderia ser em primeira instância chinesa, depois japonesa, porque se encontram representados desde o século XI em diversos objectos de arte e em ilustrações oriundas de diferentes países do Extremo Oriente. Nessa época distante, apenas a família imperial e a aristocracia possuíam representantes desta raça.

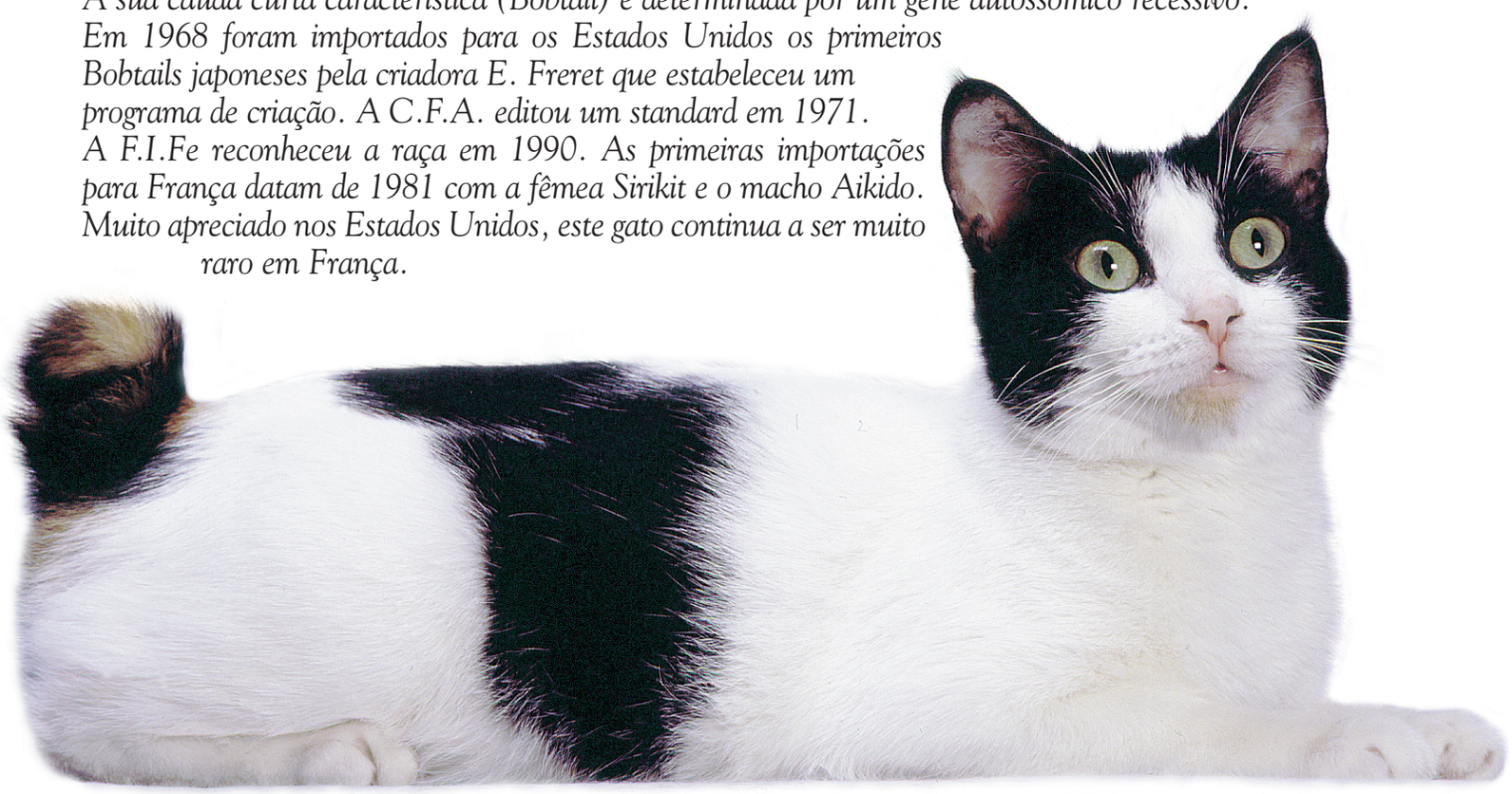
Muito respeitados e mesmo venerados, nomeadamente a variedade tricolor denominada Mi-Ké, símbolo da sorte e felicidade, estes gatos são representados com a pata direita dianteira erguida (Maneki-Neko: o gato que saúda) tanto nas casas como nos templos japoneses.

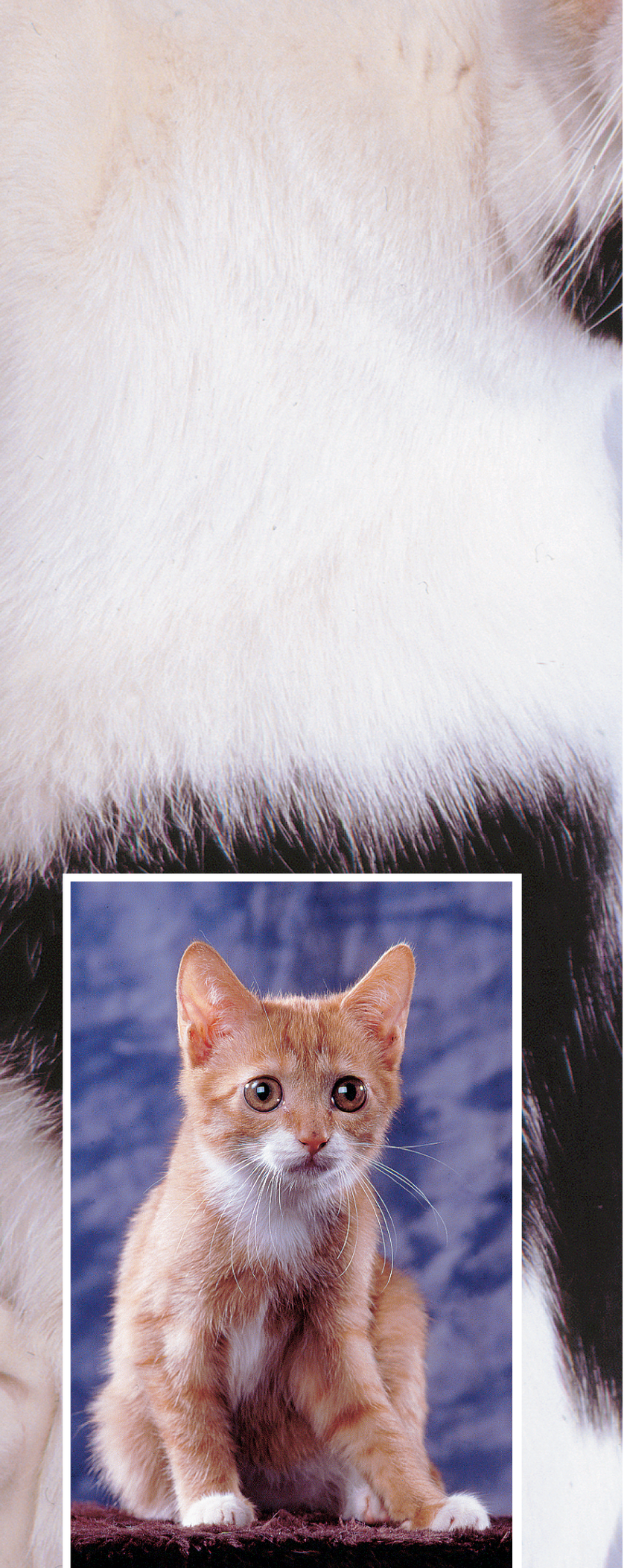
A sua cauda curta característica (Bobtail) é determinada por um gene autossómico recessivo.

Em 1968 foram importados para os Estados Unidos os primeiros Bobtails japoneses pela criadora E. Freret que estabeleceu um programa de criação. A C.F.A. editou um standard em 1971.

A F.I.Fe reconheceu a raça em 1990. As primeiras importações para França datam de 1981 com a fêmea Sirikit e o macho Aikido.

Muito apreciado nos Estados Unidos, este gato continua a ser muito raro em França.





Japanese Bobtail

ASPECTO GERAL
Tamanho médio. Corpo bastante musculado mas mais alongado e esbelto do que maciço. Cauda enrolada como um pompom.
Peso: 2,5 a 4 kg.

TRICOLOR E BICOLOR.

CABEÇA
De aspecto longo e cinzelado, em forma de triângulo equilátero com curvas suaves. Maçãs do rosto altas, salientes. São toleradas faceiras nos machos inteiros. Um "pinch". Nariz comprido, bem definido, com uma ligeira depressão ao nível dos olhos ou imediatamente abaixo. Focinho relativamente largo, nem pontiagudo nem achatado, que se vai arredondando com uma ligeira quebra ao nível dos bigodes. Inserções dos bigodes muito pronunciadas (◆).

ORELHAS
Grandes, direitas, bastante espaçadas, nunca viradas para fora. Em repouso dão a ideia de estarem inclinadas para a frente.

OLHOS
Grandes, ovais, bastante abertos. De perfil apresentam-se nitidamente oblíquos. Cor em harmonia com a pelagem.

CORPO
Longo, esbelto com uma musculatura bastante desenvolvida mas sem dar a impressão de excesso de peso.

PATAS
Compridas, finas, porém nem delicadas nem frágeis. As patas posteriores são nitidamente mais compridas do que as anteriores. Pés ovais.

CAUDA
O comprimento máximo da cauda deve ser entre 5 a 8 cm, muito embora possa atingir os 10 a 13 cm quando totalmente esticada. Os ossos são fortes, rígidos, praticamente soldados (excepto na base). A cauda pode ser constituída por uma ou diversas partes; neste caso apresenta-se enrolada e dobrada. Os pêlos, que são mais compridos e mais espessos do que os do corpo, dão à cauda a forma de um pompom(▼), "flor de crisântemo".

PELAGEM
Pelagem curta ou semi-longa, macia, sedosa, mas sem verdadeiro sub-pêlo.

Duas variedades:
- *Pêlos curtos;*
- *Pêlos semi-longos a longos. Eventual presença de cabeção.*

São reconhecidas todas as cores excepto o chocolate, o lilás e o colourpoint. Os tricolores e bicolores encontram-se entre as variedades preferidas. O Mi-ké (gato tricolor, preto, ruivo e branco e que apenas produz fêmeas) é o mais procurado. Os motivos devem ser nítidos e acentuados e as cores devem ser fortes.

OBSERVAÇÕES
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

DEFEITOS
Cabeça curta e redonda. Corpo atarracado, maciço. Ausência de ossos na cauda; cauda excessivamente direita, demasiado destacada do corpo. Ausência de pompom.

NA SUA VARIEDADE, TEM O NOME MI-KÉ.

CARACTERÍSTICAS/PARTICULARIDADES
Vivo, extrovertido, independente, curioso, tal como todos os gatos orientais este gato é dotado de forte personalidade. Nem sempre se mostra amistoso com os seus congéneres, e frequentemente ignora os cães.
Muito brincalhão, dá-se muito bem com as crianças. Comunicativo, ele "canta" com uma voz doce. Muito afectuoso, tem uma grande ligação com o dono.
Equilibrado, devido ao seu excelente carácter, adapta-se tão bem à vida em apartamento como ao ar livre. Desportivo, caçador, adora a água. A manutenção deste gato limita-se a uma escovagem semanal. A muda não é muito significativa.

(▼)F.I.Fe. (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Javanês

País de Origem: Estados Unidos

Um Oriental ou Balinês, mas com pêlo semi-longo.

Apesar do seu nome, este gato não é directamente oriundo de Java. Durante os programas de apuramento que deram origem ao Balinês (Siamês de pêlo semi-longo), os criadores americanos obtiveram um Oriental de pêlo semi-longo que baptizaram com a designação Javanês, pelo facto de pertencer a esse tipo.

A questão de apurar se o Javanês é realmente uma nova raça ou uma simples variedade do Balinês tem dividido as associações felinas.

Para a F.I.Fe, por exemplo, trata-se de um Oriental de pêlo semi-longo com uma pelagem totalmente pigmentada e olhos verdes.

Para a C.F.A, o Javanês é simplesmente um Balinês com uma cor distinta das quatro cores de base reconhecidas (seal, azul, chocolate e lilac point).

Trata-se, portanto, de um colourpoint de olhos azuis-escuros como o Siamês. Este gato está ainda pouco difundido na Europa.

Javanês

ASPECTO GERAL
De tamanho médio, porém mais pesado do que o Siamês (★). Gato esbelto, longilíneo, elegante mas bastante musculado (▼).

CABEÇA
Média, inscrita num triângulo. O crânio, de perfil, apresenta-se ligeiramente convexo. Focinho fino. Nariz comprido, recto, continuando a linha da fronte sem quebra. Queixo de tamanho médio.

ORELHAS
Grandes, largas na base, pontiagudas, prolongando os lados do triângulo.

OLHOS
De tamanho médio, em forma de amêndoa, ligeiramente oblíquos em direcção ao nariz. Cor: verde luminoso(▼). Os colourpoint e os brancos possuem olhos azuis escuros (★).

PESCOÇO
Comprido e esguio.

CORPO
Comprido e esbelto. Gracioso mas bastante musculado.

COLOURPOINT.

Cor uniforme, sem marcas tabby ou sombras nas variedades não agouti. As variedades são idênticas às do Oriental. Os olhos devem ser verdes, com excepção do Javanês branco, que tem olhos azuis escuros (▼). O Javanês colourpoint tem olhos azuis escuros, com as mesmas variedades reconhecidas para o Siamês (★).

DEFEITOS
Manchas brancas. Olhos com uma tonalidade mais amarelada do que verde (▼). Marcas tabby nas variedades não agouti.

PATAS
Compridas, finas, proporcionais ao tamanho do corpo. Pés pequenos, ovais.

CAUDA
Muito comprida, fina até mesmo na base, afilando em direcção à ponta.

PELAGEM
Pêlo fino, sedoso, de comprimento médio no corpo, ligeiramente mais comprido ao nível do cabeção, ombros e cauda (penacho). Ausência de sub-pêlo lanoso (▼).

CARACTERÍSTICAS/PARTICULARIDADES
Possui o carácter e o temperamento de um gato oriental. Extrovertido, muito comunicativo, com voz melodiosa.
Possessivo, segue o dono como um cachorrinho e consegue obter todas as carícias pretendidas. É também um desportista e excelente caçador. A sua manutenção é fácil tanto mais que gosta particularmente de ser escovado.

(▼)F.I.F.e (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Korat

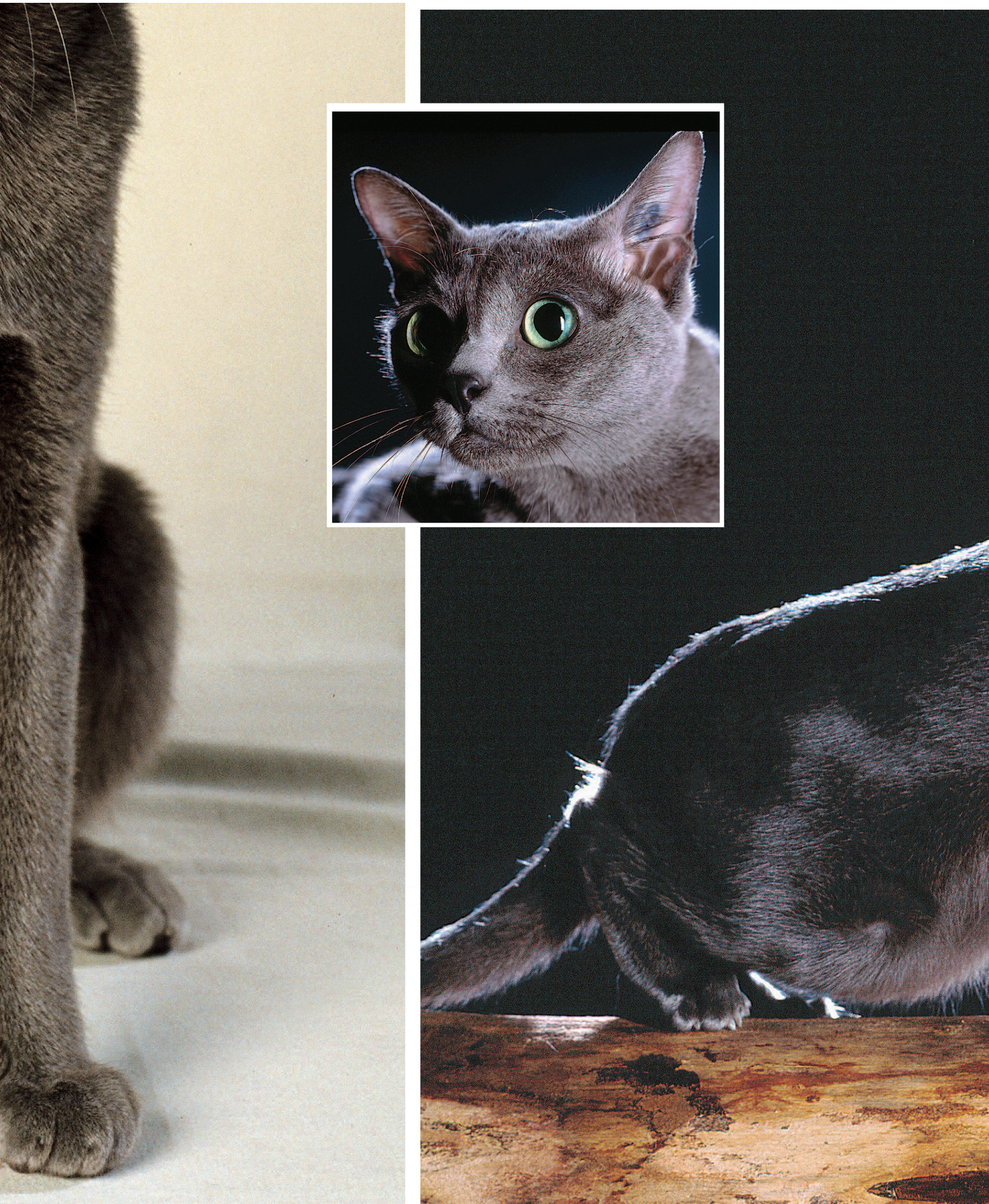
País de Origem: Tailândia
Designação de origem: Si-Sawat

Um gato cinzento independente, amuleto de sorte.

Esta raça natural é originária da Tailândia onde se estabeleceu depois do século XIV. Tem o nome de uma província desse país, onde é considerada um amuleto de sorte, e aliás, a sua denominação original, Si-Sawat, é sinónimo de cor e prosperidade. O «Livro dos poemas sobre o gato» do reinado de Ayuthaya (1350-1767) refere que os «seus olhos cintilam como gotas de orvalho numa flor de lótus».

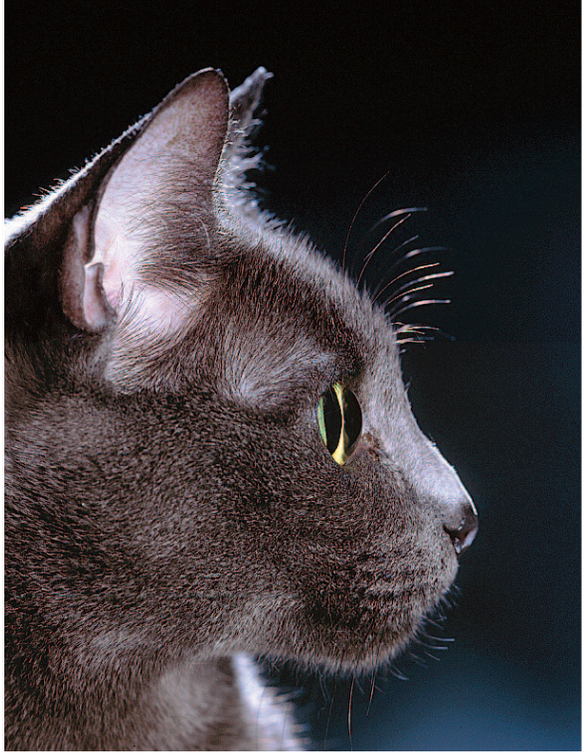
No final do século XIX, foram importados e exibidos alguns exemplares na Grã-Bretanha, mas sem sucesso, pois foram considerados Siameses azuis. Uma criadora americana, Jean Johnson, iniciou a sua criação em 1959. A raça foi reconhecida pela C.F.A em 1966 e pela T.I.C.A. em 1969.

O Korat foi homologado pela F.I.Fe assim que chegou à Europa, em 1972. Muito conhecido nos Estados Unidos, esta raça está pouco divulgada na Europa.



Korat

ASPECTO GERAL
De tamanho médio, corpo um pouco atarracado, basicamente mediolíneo.
Peso: 2,5 a 4,5 kg.
Pêlo curto.



SILVER BLUE

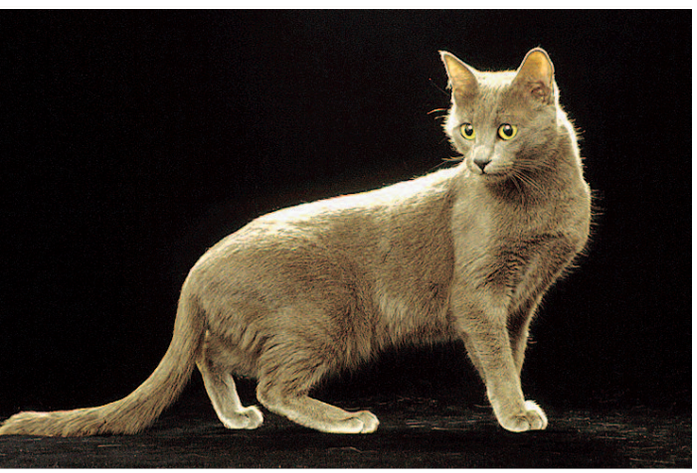
CABEÇA
Vista de frente tem forma de coração. Fronte achatada. «Stop» ligeiro entre a fronte e o nariz. Bochechas firmes e bastante desenvolvidas. Focinho nem pontiagudo nem quadrado. Nariz comprido, levemente arqueado na extremidade. Queixo forte, desenvolvido. Mandíbulas fortes.

ORELHAS
Grandes, largas na base, com extremidades ligeiramente arredondadas. Inserção alta no crânio, em alerta.

Pelagem curta na face externa.

OLHOS
Grandes, redondos, bastante afastados e ligeiramente inclinados. Preferencialmente de um tom verde luminoso. Aceita-se a cor âmbar, especialmente nos animais jovens (■). Além disso, a cor definitiva só é atingida depois dos 2 anos de idade. As sobrancelhas desenham duas grandes curvas por cima dos olhos.

PESCOÇO
De tamanho médio, comprido.



CORPO
De tamanho médio, semi-cobby, nem compacto nem esbelto (★). Dorso ligeiramente arqueado. Forte, musculado, flexível.

PATAS
Membros posteriores ligeiramente mais compridos do que os anteriores. Estrutura óssea média a forte. Pés ovais.

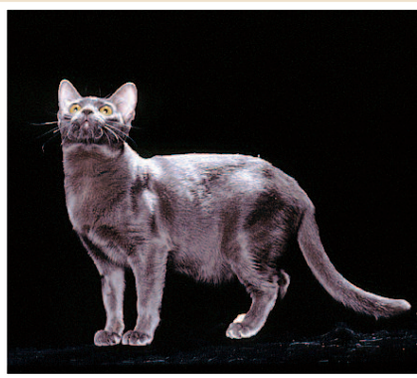
CAUDA
De comprimento médio, mais grossa na base, afilando até uma extremidade arredondada.

PELAGEM
Pêlo curto, fino, lustroso, cerrado. Pelagem simples (sem sub-pêlo) com tendência a eriçar na zona da coluna vertebral quando o animal se movimenta. Cor azul cinza prateada {silver blue (★)}, uniforme. A extremidade do pêlo é prateada, brilhante (◆). A pele do nariz é azul-acinzentada escura. As almofadinhas podem ser azuis escuras ou rosa lavanda.

OBSERVAÇÕES
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

DEFEITOS
Cabeça estreita. Olhos pequenos, pouco espaçados.

Olhos amarelos (◆). Nariz demasiado comprido ou muito curto. Queixo afilado (pinch). Desqualificação: todas as cores que não o azul. Manchas brancas



CARACTERÍSTICAS/PARTICULARIDADES
Gato vivo, activo, muito ágil e brincalhão, mas que não gosta nem de agitação nem de barulho. Precisa de um ambiente calmo. Pouco sociável com os seus congéneres, mostra-se reservado em relação a estranhos. Meigo, muito afectuoso, hipersensível, é extremamente ligado ao dono. Requer muito amor e atenção. O seu miar é melodioso. Manutenção fácil, uma escovagem semanal é suficiente.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Laperm

País de Origem: Estados Unidos
Designação de origem: Dalles La Perm

Com ou sem pêlo!

Em 1982, num pomar de uma quinta em The Dalles, no Oregon, uma gata teve uma ninhada de 6 gatinhos, de entre os quais uma fêmea à qual a dona – Linda Koehl - deu o nome de Curly. Muito embora tivesse nascido com a pele nua, dois meses mais tarde apresentava uma pelagem frisada e sedosa.
Durante cinco anos, L. Koehl criou inúmeros gatos de pêlo frisado que são os antepassados da raça Dalles La Perm.
Esta raça resulta de uma mutação espontânea em que o gene responsável é dominante. A T.I.C.A reconheceu a raça e redigiu um standard em 1996.

Laperm

Aspecto geral
Tamanho médio, tipo semi-foreign (semi-estrangeiro) com pelagem encaracolada. Peso: 3,5 a 5,5 kg.

Cabeça
Forma triangular, com contornos arredondados. Crânio arredondado. O perfil evidencia um ligeiro «stop». Bochechas altas. Nariz de comprimento médio. Focinho medianamente proeminente. Inserções dos bigodes cheias e pronunciadas. Queixo firme (■)(◆).

Orelhas
De tamanho médio, largas na base com extremidades ligeiramente arredondadas. O interior apresenta-se coberto por bastante pêlo encaracolado, no fundo das orelhas. Os penachos são desejáveis (■)(◆).

Olhos
Grandes, em forma de amêndoa, medianamente espaçados. Ausência de relação entre a cor dos olhos e da pelagem.

Pescoço
De comprimento médio; porte elevado.

Corpo
Tipo semi-foreign, de tamanho médio. Peso surpreendente para o seu tamanho. Estrutura óssea média e musculatura acentuada (■)(◆).

Patas
De comprimento médio. Patas dianteiras mais curtas. Estrutura óssea média. Musculatura acentuada. Pés redondos (■)(◆).

Cauda
Comprida e afilada. Pelagem ondulada.

Pelagem
Duas variedades:
- Pêlo curto: textura macia, sedosa, ondulada no dorso e abdómen. Sub-pêlo moderado.
- Pêlo semi-longo a longo: textura suave e encaracolada. Sub-pêlo denso. Cabeção admitido nos adultos. O interior das orelhas e os bigodes podem ser frisados. Estes gatos ficam nus pelo menos uma vez na vida, frequentemente quando ainda são muito jovens. A pelagem volta a crescer na maioria das vezes frisada. Cores: são todas admitidas.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças enquanto a população for insuficiente (■).

Defeitos
Ausência de pêlo nas orelhas. Ausência de caracóis compridos sob as orelhas. Desqualificação: corpo fino e quadrado. Patas curtas.

Características / Particularidades
Gato de quinta, excelente caçador, extrovertido, curioso, é um bom companheiro. Possui uma voz doce.

(▼)F.I.Fe. (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

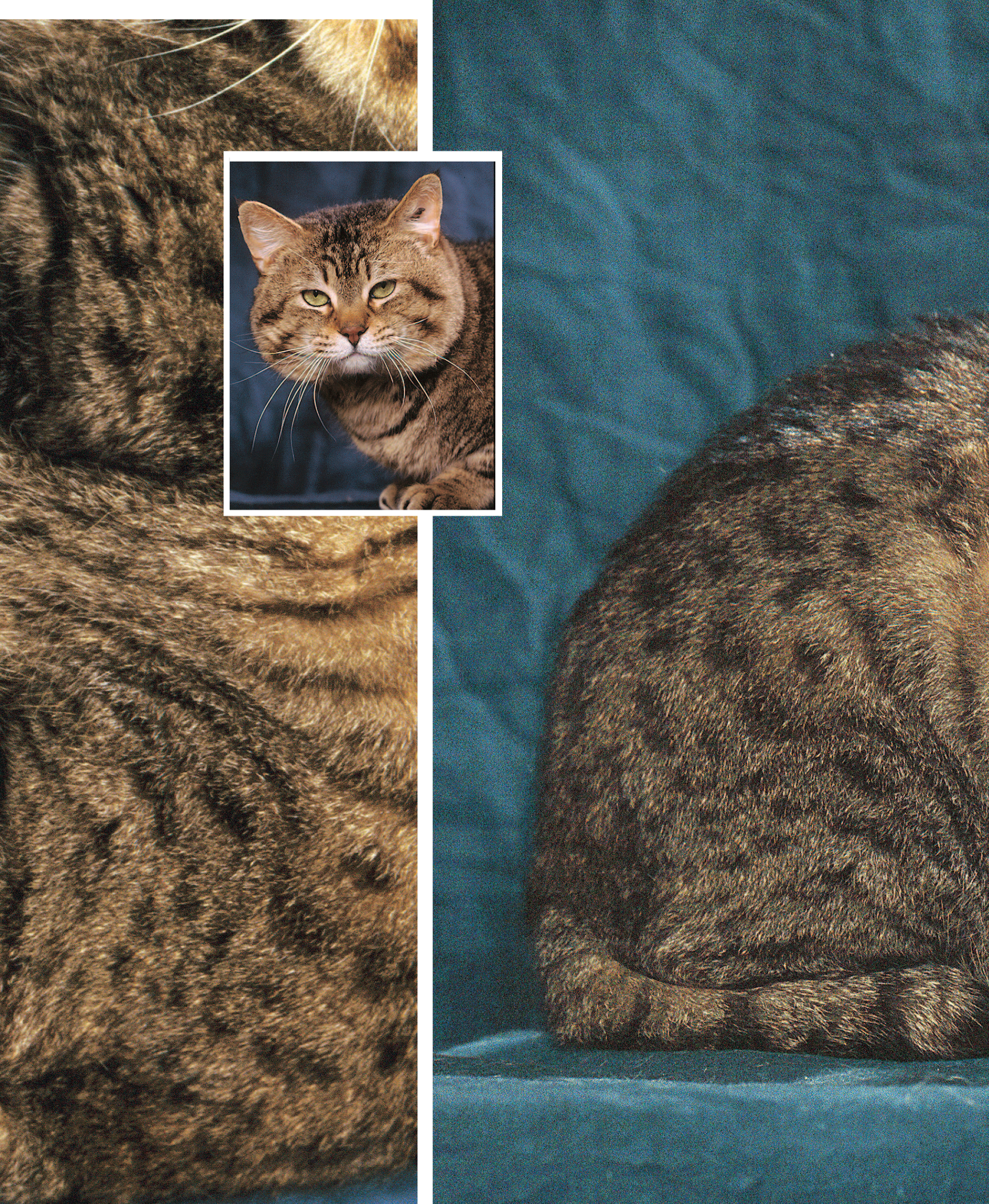
Lince doméstico

País de Origem:
Estados-Unidos

Um mini selvagem domesticado.

Esta nova raça foi criada nos anos 80 nos Estados Unidos a partir do cruzamento do Lince ruivo ou Lince canadiano, de pequenas dimensões, com gatos domésticos. «O ideal deve ser um gato o mais semelhante possível quer ao Lince ruivo, quer ao Lince canadiano ou ao Gato dos Pântanos (Felis chaus) *com o carácter carinhoso e fiável do gato doméstico» (■). Continua a ser bastante raro.*

BROWN SPOTTED TABBY



Lince doméstico

ASPECTO GERAL
Gato robusto, de patas altas, dotado de uma estrutura óssea forte e musculatura desenvolvida. Os machos são maiores e mais robustos do que as fêmeas.

CABEÇA
De forma triangular. Perfil ligeiramente côncavo sem quebra nítida. Maçãs do rosto salientes. Focinho quadrado. Nariz de comprimento médio e muito largo. Queixo forte. Mandíbulas relativamente curtas e muito fortes (■).

ORELHAS
De tamanho médio, largas na base, pontiagudas de inserção alta. Cobertas de pêlo e preferencialmente com penachos nas extremidades.

OLHOS
Em forma de amêndoa, ligeiramente oblíquos. São aceites todas as cores. Olhos azuis nos colourpoint (■).

CORPO
Bastante grande e rectangular. Dorso ligeiramente curvo.

TABBY.

PATAS
Compridas, maciças. As patas posteriores são ligeiramente mais compridas. Pés redondos. Pêlos entre as almofadinhas.

CAUDA
Curta como a do lince selvagem. O seu comprimento mínimo – 10 cm – não deve ultrapassar o joelho. Deve ser flexível.

PELAGEM
Curta a semi-longa. Mais comprida no abdómen e nas coxas. Dá-se preferência a animais com cabeção ou barba. Textura espessa com muito sub-pêlo, sedoso e praticamente impermeável.

Todas as cores eumelanísticas: preto, azul, cinnamon, lilás, quer em matizes claras ou escuras e também em combinação com o factor prateado (silver) apenas na variedade «spotted» e «ticked», quer as cores atrás citadas colourpoint (■). As marcas na fronte e na face são marcas agouti típicas. As patas são tigradas ou preferencialmente malhadas. O abdómen apresenta manchas nítidas. A cauda é anelada com a extremidade preta. Nesta raça não existe nem a cor ruiva nem tartaruga.

Existe também a versão «neve» ou seja, com marcas siamesas num corpo mosqueado claro e olhos azuis.

OBSERVAÇÕES
Cruzamentos autorizados: Europeu, Maine Coon, American Shorthair (■).

DEFEITOS
Desqualificação: cor ruiva. Manchas brancas. Cauda muito curta ou demasiado comprida.

CARACTERÍSTICAS / PARTICULARIDADES
Gato meigo, sociável, dá-se bem com os cães mas tende a mostrar-se dominante em relação aos seus congéneres.
Afectuoso, revela-se um companheiro agradável.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Maine Coon

País de Origem:
Estados Unidos
Outra designação:
Maine Shag

Um gigante americano e um selvagem tranquilo.

De acordo com a lenda, o Maine Coon seria o fruto do cruzamento de um gato selvagem com um guaxinim (racoon), cruzamento geneticamente impossível, provavelmente imaginado, porque a pelagem e a cauda deste gato recordam a do guaxinim
Originário dos Estados Unidos, Estado do Maine, teria nascido do cruzamento entre gatos Angorá, trazidos do Médio Oriente por marinheiros, com gatos ingleses que vieram com os primeiros colonos, gatos russos e escandinavos e gatos de quinta americanos de pêlo curto.
O clima rigoroso desta região dos Estados Unidos moldou este grande gato robusto. Pode ser considerado o primeiro gato de raça americano.
Captain Jenks, gato branco e negro, foi o primeiro Maine Coon apresentado com sucesso nas exposições felinas de Boston e Nova Iorque em 1861.
Esta raça causou também sensação em 1895 no Madison Square Garden de Nova Iorque.
A moda dos Persas e Siameses superou a importância do Maine Coon durante meio século. Por volta de 1950, ressurgiu o interesse por esta raça que, desde 1980 se encontra em plena expansão. Em 1960, foi publicado o standard desta raça.
A C.F.A. e a F.I.Fe. reconheceram-na, respectivamente, em 1976 e por volta de 1980.
Muito embora faça parte das raças mais importantes do mundo, este gato está pouco divulgado na Europa e é muito raro em França, onde foi introduzido em 1981.
A Associação felina do Maine Coon, clube de raça, foi criada em 1987.
A raça evoluiu muito nestes últimos anos. Hoje em dia é maior, mais alta e mais selvagem.

Maine Coon

Aspecto geral
Grandes dimensões. Peso: 4 a 10 kg. Mediolíneo. Corpo muito musculoso. Estrutura óssea sólida. Aspecto forte e robusto. Pêlo longo e rude.

Tabby.

Cabeça
De tamanho médio, tipicamente cuneiforme (◆). Fronte levemente abaulada. Ligeira curva côncava de perfil. Maçãs do rosto altas e proeminentes. Focinho quadrado (◆). Nariz largo, por vezes ligeiramente convexo na extremidade. Queixo firme. Mandíbulas fortes, muito compridas (◆).

Orelhas
Grandes, largas na base, moderadamente pontiagudas e de inserção alta. O interior está bastante guarnecido de pêlos finos, posicionados horizontalmente. São desejáveis tufos de pêlo tipo lince (◆).

Olhos
Grandes, bastante afastados, ligeiramente ovais, mas com aspecto arredondado quando totalmente abertos (▼). Posição ligeiramente oblíqua. São admitidas todas as cores.

Cor tartaruga.

Pescoço
De comprimento médio, forte, ligeiramente arqueado.

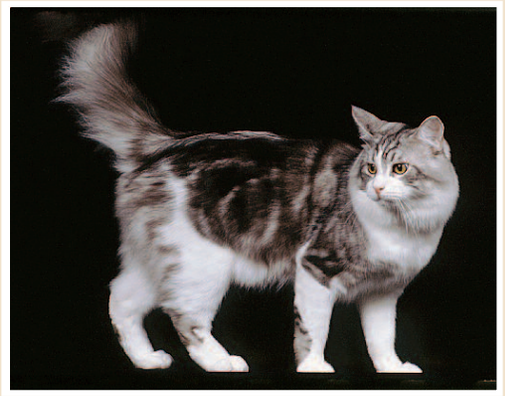
Corpo
Comprido, rectangular, de grandes dimensões. Estrutura óssea pesada. Musculatura forte.

Patas
De comprimento médio, fortes. Estrutura óssea e musculatura fortes. Pés grandes, redondos. Tufos interdigitais bastante peludos.

Cauda
Comprida, larga na base, afilada até à extremidade com pêlos compridos, abundantes e flutuantes.

Pelagem
Pelagem adaptada a todas as estações. Densa, sedosa, curta na cabeça, espáduas e patas, mais comprida no dorso e flancos, com calções bem guarnecidos. Pêlos compridos no abdómen. Colar desejável. Sub-pêlo suave, fino, coberto por uma pelagem lisa, impermeável e ligeiramente oleosa (▼).

São permitidas todas as cores, excepto o tom chocolate, lilás, colourpoint (★), para além do cinnamon e fawn (▼). Qualquer porção de branco é aceite. Segundo as grandes categorias de cores, os



animais podem ser classificadas da seguinte forma:
- *tabby*
- *unicolores*
- *tartaruga*
- *silver*
- *smoke*
- *particolores*

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Pequenas dimensões, aparência frágil. Cabeça redonda. Perfil direito ou convexo. Nariz com "break". Focinho redondo, pontiagudo. Lábios proeminentes. Queixo retraído. Orelhas demasiado afastadas, excessivamente largas na extremidade. Olhos amendoados, demasiado oblíquos. Corpo curto, maciço. Estrutura óssea fina, ligeira. Cauda curta. Pelagem de comprimento idêntico em todo o corpo.

Características / particularidades
Equilibrado e calmo, este "dócil gigante" com bastante força é um gato sociável, muito embora seja dominante mas não agressivo. Afectuoso, está muito ligado aos donos. Brincalhão, desportista, grande caçador, tem necessidade de espaço. Um grande jardim é mais adequado do que um apartamento. Robusto, consegue resistir aos Invernos mais rigorosos. Puberdade tardia nas fêmeas. O crescimento dos gatinhos é lento e a maturidade só é alcançada por volta dos 3 a 4 anos. Manutenção fácil. Requer apenas uma boa escovagem semanal.

(▼) F.I.Fe. (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Mandarim

País de Origem: Estados-Unidos
Outras designações:
Oriental Longhair
Oriental de Pêlo Comprid

Um Oriental requintado de pêlo comprido.

Este Oriental de pêlo semi-longo foi obtido recentemente por via do cruzamento de Orientais e Balineses (Siameses de pêlo comprido).

Actualmente, alguns criadores americanos continuam a cruzar Orientais, Balineses e Siameses para conseguir fixar melhor as suas características.

O Oriental Longhair foi reconhecido a título provisório pela C.F.A. em 1994. A T.I.C.A. redigiu um standard em 1998.

Esta raça continua a ser rara na Europa.

Mandarim

Aspecto geral
Gato esbelto, refinado, muito flexível, mas forte e musculoso. O seu corpo é mais robusto que o do Oriental. Peso: 4,5 a 6 kg.

Olhos
De tamanho médio, em forma de amêndoa e inclinação de tipo oriental. Cor verde ou azul nos gatos brancos.

Cabeça
Comprida e triangular. Fronte achatada. Perfil recto. Focinho fino, sem «break». Nariz comprido e direito. Queixo forte.

Orelhas
Muito grandes mas proporcionais à cabeça.

Pescoço
Longo, fino e gracioso.

Corpo
De tamanho médio e de tipo oriental, ou seja, comprido e tubular. Estrutura óssea fina, musculatura firme.

Patas
Compridas e finas. Patas posteriores mais compridas do que as anteriores. Estrutura óssea fina. Musculatura delgada e firme. Pés pequenos e ovais.

Cauda
Comprida e espessa.

Pelagem
Pêlo semi-longo, fino, sedoso, acamado sobre o corpo. Sub-pêlo pouco abundante. Pêlos mais curtos sobre os ombros e na cabeça. Presença de cabeção e calções. Penacho ao nível da cauda. São reconhecidas todas as cores do Oriental Shorthair. As tonalidades chocolate e lilás são as mais procuradas.

Observações
Cruzamentos autorizados com os Orientais, Siameses e Balineses.

Defeitos
Cabeça redonda ou larga. Focinho curto ou largo. Declive ao nível do nariz. Olhos pequenos, redondos, sem inclinação. Pêlo curto. Ausência de penacho na cauda.

Tabby.

Características / Particularidades
Gato vivo, enérgico, brincalhão, dotado de forte personalidade mas mais calmo e comedido do que o Oriental (pêlo curto).
Sociável, dá-se bem com outros gatos, mas mostra-se reservado com estranhos. Muito afectuoso, extremamente ligado ao dono, é um comunicador de voz harmoniosa. Não suporta a solidão. Manutenção fácil.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Manx

País de Origem: Ilha de Man
Designação de Origem: Man's cat
Outra designação: Gato da Ilha de Man

Sem cauda, com os movimentos de uma lebre.

O seu nome deriva da ilha de Man, situada no mar da Irlanda, da qual é originário. Chegou a afirmar-se que estes gatos, outrora descritos na China, no Japão, Malásia ou na Rússia seriam provenientes do Extremo Oriente. Teriam sido trazidos, por exemplo, por marinheiros espanhóis aquando da dispersão da Invencível Armada de Filipe II de Espanha em 1588. Na verdade, trata-se de uma mutação genética espontânea devido à acção de um gene autossómico dominante (M) de expressão variável: do Manx Rumpy (sem cauda) ao Manx Longy (cauda normal).

Dada a forte consanguinidade da população felina da pequena ilha de Man, o gene «M» pôde facilmente perpetuar-se, de há muitos anos a esta parte.

Desde o final do século XIX, o Manx tem suscitado muito interesse em Inglaterra.

Em 1901 foi criado o Manx Club da Grã-Bretanha.

Muito apreciado em países como os Estados Unidos ou Grã-Bretanha, este animal está pouco divulgado em França.

Existe um Manx de pêlo semi-longo denominado Cymric, seleccionado na América do Norte.

TARTARUGA BLOTCHED TABBY

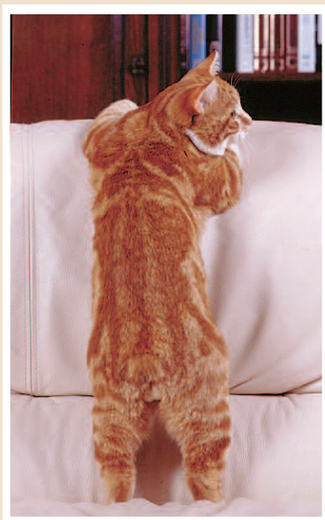
FOTO ACIMA: TARTARUGA E BRANCO.
FOTO AO LADO: BROWN MACKEREL TABBY.

Manx

Aspecto geral
Tamanho médio.
Peso: 3,5 à 5,5kg.
Compacto, basicamente brevilíneo.
Aspecto rechonchudo.

Brown tabby e branco

Cabeça
Relativamente larga e redonda. Fronte moderadamente arredondada. Bochechas proeminentes. Focinho ligeiramente mais comprido do que largo. Nariz de comprimento médio, sem quebra nítida, nem arrebitado (▼). Inserção dos bigodes bastante desenvolvida e redonda (◆). Queixo forte. Bigodes grandes.



Ruivo blotched tabby e branco

Orelhas
De tamanho médio, largas na base, com pontas arredondadas. Bastante separadas. Pelagem dispersa.

Olhos
Grandes, redondos. Ligeiramente oblíquos (◆). Cor em harmonia com a pelagem.

Pescoço
Curto, espesso, forte.

Corpo
De tamanho médio, sólido, compacto (cobby). Peito largo. Dorso curto, convexo. Ancas mais altas do que os ombros, muito arredondadas. Estrutura óssea robusta. Musculatura acentuada.

Patas
Patas anteriores mais curtas do que as posteriores. Estrutura óssea forte e musculatura bem desenvolvida. Pés redondos. Locomoção saltitante semelhante à do coelho.

Cauda
Variedades:
- Rumpy: ausência de cauda (sem vértebra caudal ou coccígea). Deverá apresentar uma concavidade na zona de nascimento da cauda.
- Rumpy-riser: sem vértebra caudal. Mas entre 1 a 3 vértebras coccígeas cobertas por um tufo de pêlos.
- Stumpy: cauda com alguns centímetros, 1 a 3 vértebras caudais frequentemente com anomalias ósseas (cauda «em forma de nó»).
- Longy ou com cauda: cauda normal ou nodosa.

Pelagem
Pelo curto, denso e duplo (sub-pêlo muito espesso). São permitidas todas as cores e motivos, com ou sem presença de branco.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: Cymric, British Shorthair (■).

Defeitos
Olhos não oblíquos. Corpo longo e esguio. Dorso plano. Patas posteriores curtas. Estrutura óssea fina. Desqualificação: quartos posteriores fracos (■).

Gatinho creme e branco

Gatinho ruivo e branco

Características/Particularidades
Gato dotado de um excelente carácter que se adapta facilmente a mudanças de tipo de vida.
Sociável, aceita os outros animais. Paciente com as crianças, é afectuoso com o dono. Robusto, vivo, activo, é um bom caçador. A prolificidade desta raça é menor do que a média da espécie. O crescimento dos gatinhos processa-se lentamente e a sua criação é muito delicada. As crias homozigóticas (MM: portadores de duas «doses» do gene mutante dominante) morrem no útero materno (desenvolvimento incompleto da espinal-medula). Como tal, todos os Manx são heterozigóticos (Mm). Não devem ser cruzados dois gatos rumpy devido ao risco de eventual aparecimento de um gene letal. Para evitar esta situação, é aconselhável cruzar um Manx com um American Shorthair ou com um British Shorthair, tendo em consideração que nem todas as crias da ninhada serão Manx. Manutenção fácil.

(▼) F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Mau Egípcio

País de Origem: Egipto

O Gato mosqueado e maquilhado das Pirâmides, deificado na Antiguidade

Mau significa gato em egípcio. De facto, os antepassados desta raça foram protegidos, venerados e representados nos monumentos do Antigo Egipto. A princesa russa Natália Troubetskoï, exilada em Itália, trouxe os primeiros espécimes do Egipto, em 1953, de entre os quais a gata Baba e a sua filha, Lisa, expostas em Roma em 1955.

Ao emigrar para os Estados Unidos, em 1956, a princesa levou os seus gatos e criou o gatil Fátima. Baba foi coroada em 1957.

Este sucesso imediato encorajou outros criadores a levar a cabo a criação desta raça reconhecida pela C.F.A e pela T.I.C.A. que redigiu um standard em 1988.

No mesmo ano, o Mau egípcio começa também a ser criado na Europa. No entanto, continua a ser uma espécie bastante rara neste continente. A F.I.Fe homologou a raça em 1992.

O Oriental spotted tabby, criado pelos ingleses, é muitas vezes confundido com o Mau.

Black Silver Tabby

Fotos, acima e ao lado: Black Silver Spotted Tabby

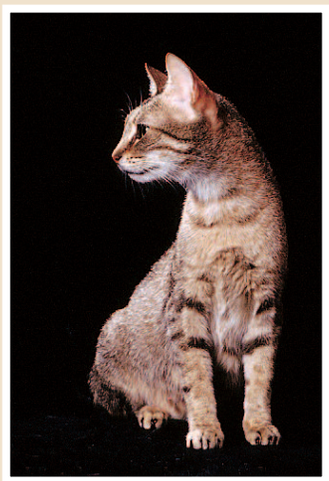
Mau Egípcio

Aspecto geral
De tamanho médio, tipo mediolíneo, próximo do Abissínio. Corpo gracioso, com musculatura bem desenvolvida. Peso: 2,5 a 5 kg. Pelagem manchada.

Cabeça
Cuneiforme, com contornos ligeiramente arredondados, sem superfícies planas. Testa ligeiramente arredondada. Ligeiro "stop" ou desnivelamento entre o nariz e a testa. As bochechas não se apresentam cheias, excepto nos machos adultos. Focinho, nem curto nem pontiagudo. Nariz de comprimento idêntico à largura.

Orelhas
De tamanho médio a grande, bastante espaçadas, largas na base, em alerta e moderadamente pontiagudas. No interior cobertas de pêlo curto e acamado. É particularmente apreciado o tufo tipo lince.

Olhos
Grandes, amendoados, nem redondos nem de tipo oriental, ligeiramente enviesados (■). Cor verde-clara, verde groselha a verde sarda. A cor âmbar é permitida em adultos jovens até aos 18 meses de idade.



Pescoço
Muito musculoso e arqueado.

Corpo
De comprimento médio, entre foreign e cobby. Ombros altos e angulosos. Estrutura óssea em consonância. Musculatura bastante desenvolvida.

Patas
Patas posteriores mais compridas do que as anteriores. Musculatura desenvolvida. Pés pequenos, ligeiramente ovais.

Cauda
De comprimento médio, grossa na base, afilando ligeiramente em direcção à ponta.

Spotted tabby

Pelagem
Curta, fina, sedosa, resistente, acamada. No mínimo duas faixas de ticking na pelagem de fundo. Pelagem naturalmente tabby manchada. Manchas escuras, circulares, distribuídas regularmente pelo tronco e abdómen.
Riscas na extremidade: «M» ou escaravelho na testa, linhas escuras nas bochechas, anéis na cauda, colar e anéis incompletos, respectivamente na zona do peito e nas patas.

Variedades
- **Prateado (silver):** mosqueado de negro: pelagem de fundo cor de prata clara; nariz vermelho tijolo, almofadinhas negras.
- **Bronze:** mosqueado de castanho muito escuro; pelagem de fundo castanha clara; nariz vermelho tijolo
- **Fumo (smoke ou black smoke):** mosqueado de negro azeviche; pelagem de fundo cinzento fumo; nariz e almofadinhas negras.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhuns.

Black Silver Spotted tabby

Defeitos
Cabeça redonda ou curta. Orelhas pequenas. Bochechas cheias, excepto nos machos adultos. Focinho muito pontiagudo ou muito curto. Olhos pequenos, redondos ou de tipo oriental, de cor âmbar em gatos com mais de 18 meses de idade. Corpo maciço ou de tipo oriental. Manchas que se tocam. Colares uni-

Características/Particularidades
Vivo, brincalhão, equilibrado, este gato não é nem agressivo nem nervoso. Não aprecia a agitação. Reservado face a estranhos, sociável com os seus congéneres, mostra-se meigo e afectuoso com o dono. O seu miar é suave e agradável.
Adapta-se à vida em apartamento, mas não aceita a solidão. Desportista e caçador, um jardim poderá permitir-lhe gastar as suas energias. A sua manutenção requer apenas uma escovagem semanal.

(▼) F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Munchkin

País de Origem: Estados Unidos
Outra designação: Munchkin Cat

Comprido e de patas curtas, como o Teckel

Em 1991 foi exibido no Madison Square Garden de Nova Iorque um gato estranho de patas curtas, o que lhe valeu a alcunha de «gato teckel» ou «gato basset».

Já nos anos 30, tinham sido observados gatos em Inglaterra. Mas perdeu-se o seu rasto durante a Segunda Guerra Mundial. Foi descrito um exemplar em Estalinegrado em 1953.

O nome destes gatos deriva provavelmente dos anões Munchkin do país imaginário de Oz descrito no célebre filme «O Feiticeiro de Oz» de Fleming (1939).

Os antepassados dos Munchkin actuais são originários da Louisiana, descendentes de uma gata negra, Blackberry, por volta de 1982.

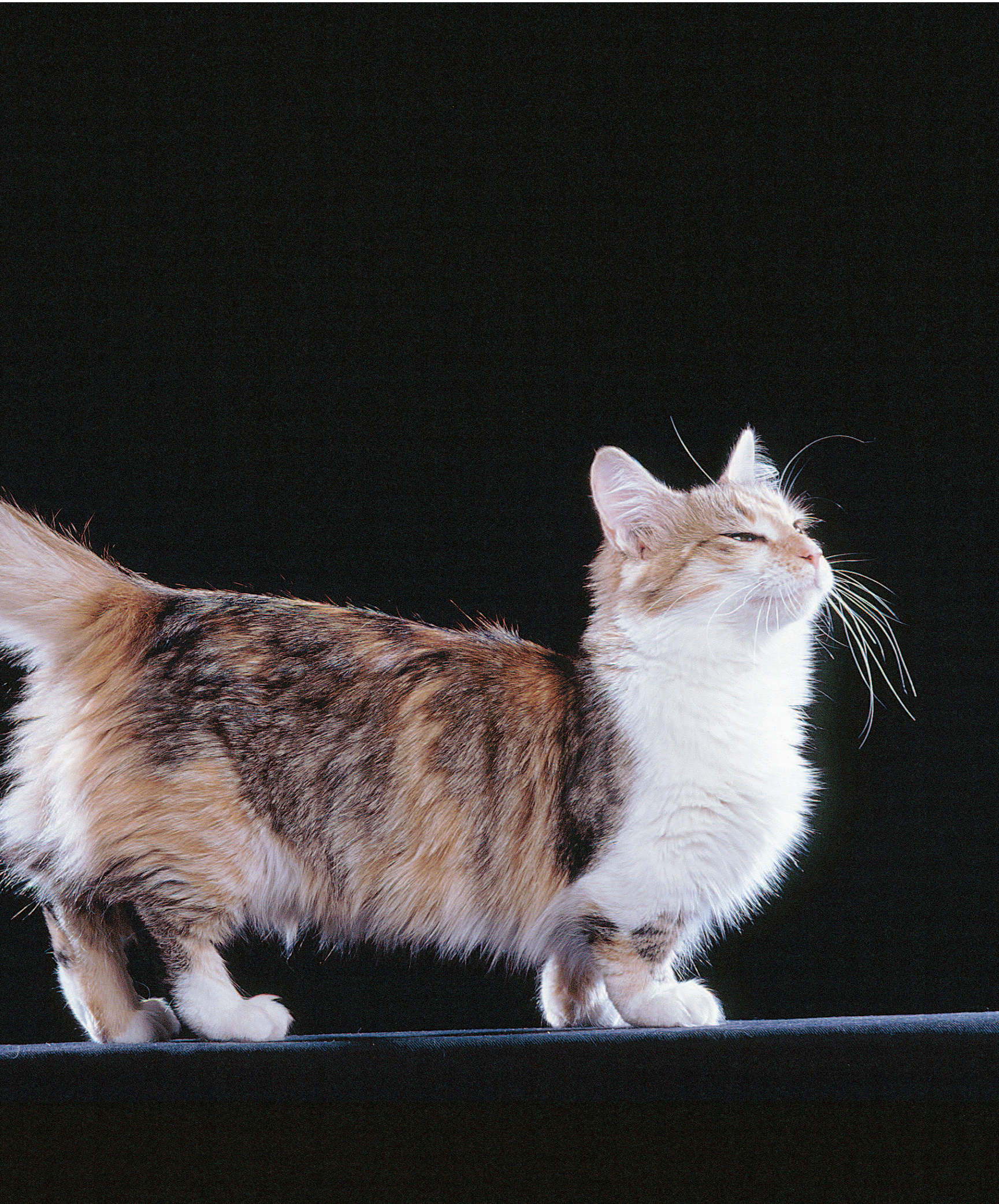
O gene responsável pela redução das patas, a origem desta mutação espontânea, é dominante.

A T.I.C.A. reconheceu a raça em 1995 e editou um standard no mesmo ano.

Os primeiros Munchkins chegaram a França em 1993.

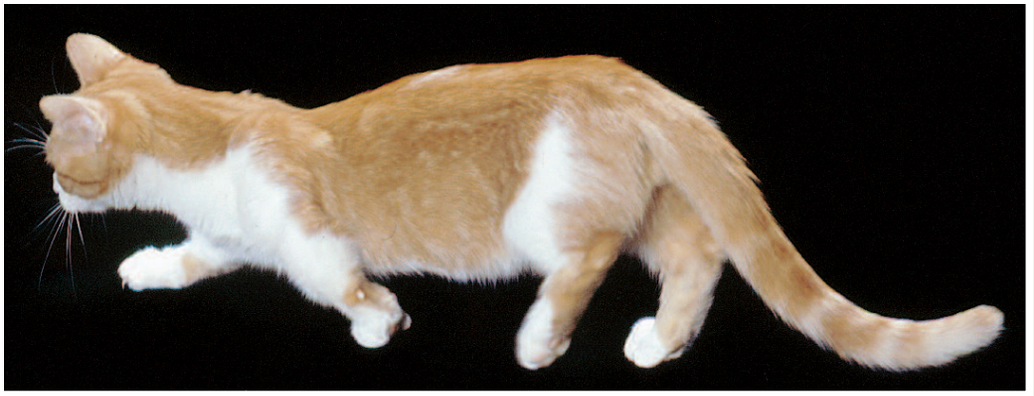
Tartaruga e Branco de pêlo curto

Foto acima: Gatinho Tartaruga e Branco
Foto ao lado: Tartaruga Tabby e Branco de pêlo comprido



Munchkin

Aspecto geral
Gato de patas muito curtas.
Peso: 2,2 a 4 kg.



Ruivo e Branco

Cabeça
Em forma de triângulo equilátero com contornos arredondados. Crânio arredondado. Fronte achatada. Bochechas que podem ser largas especialmente no macho. Focinho fino com uma ligeira quebra (◆). Nariz de comprimento médio. Queixo firme mas não proeminente.

Orelhas
Triangulares, moderadamente largas, direitas.

Olhos
Grandes, em forma de noz, espaçados, ligeiramente oblíquos. Não existe qualquer relação entre a cor dos olhos e a da pelagem (◆).

Pescoço
De comprimento médio, grosso e bastante musculado.

Corpo
De tamanho médio. Peito redondo. Ombros largos. Coluna vertebral tão flexível como nas outras raças. Estrutura óssea e musculatura medianas a substanciais.

Patas
Curtas, com uma estrutura óssea e musculatura fortes. Pés de tamanho médio, redondos, compactos.

Cauda
Medianamente grossa, afilando em direcção a uma ponta arredondada. Bastante guarnecida de pêlo, mantém-se alta e erecta quando o animal se desloca.

Pelagem
Duas variedades:
- Pêlo curto;
- Pêlo semi-longo.

Textura sedosa, sub-pêlo médio. Estão reconhecidas todas as cores.

Observações
Cruzamentos autorizados com gatos de pêlo curto ou longo, devendo evitar-se as raças pesadas e maciças (■).

Defeitos
Muito compacto. Dorso fraco. Patas com estrutura óssea muito forte, arqueadas. Esterno baixo e proeminente. Medalhões ou pontos brancos. (■).

Características/ Particularidades
As suas patas curtas, muito embora não perturbem a sua mobilidade, não lhe permitem saltar tão alto como os outros gatos.
Activo, vivo, brincalhão, é um gato muito sociável e afectuoso. Adora o dono. Fácil manutenção, sobretudo na variedade de pêlo curto.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

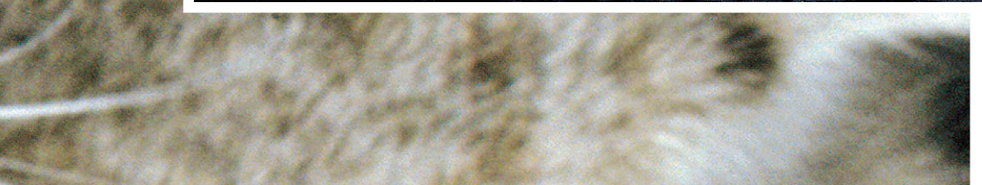
Ocicat

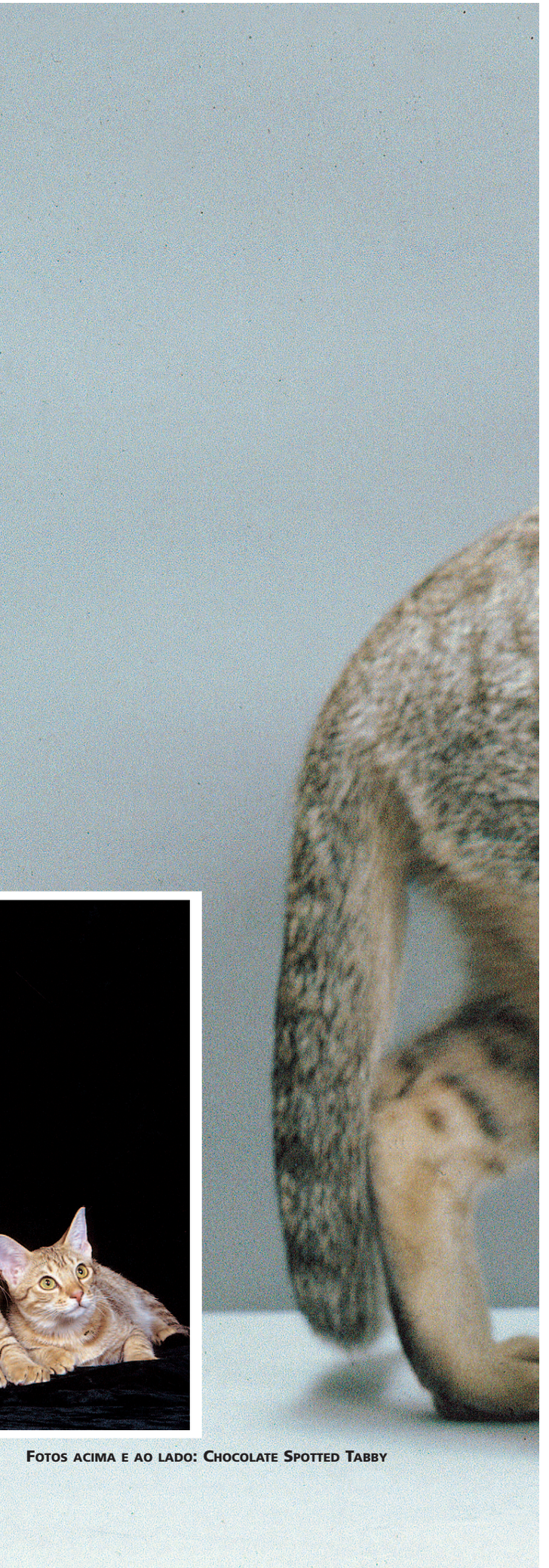
País de Origem: Estados Unidos
Outra designação: Oci

Um atleta de pelagem malhada com olhos orlados de negro

O nome Ocicat provém da combinação da palavra «Ocelot» (Ocelote - gato selvagem da América de pelagem malhada) e da palavra «cat» (gato). Efectivamente, este gato possui uma pelagem malhada, que o torna semelhante a um pequeno gato selvagem.
Em 1964, Virgínia Daly, criadora em Berkeley, no Michigan, desejando obter Siameses tabby point, cruzou uma gata Siamesa- Abissínia com um Siamês Chocolate Point. Dessa ninhada, um macho, Tonga, que apresentava uma pelagem cor de marfim salpicada de manchas douradas, infelizmente foi castrado. Daly prosseguiu a sua criação enquanto que outros criadores, de entre os quais Tom Brown, cruzaram Abissínios, Siameses, Orientais malhados, Maus Egípcios e American Shorthair, conseguindo a morfologia actual do Ocicat.
A raça foi oficialmente reconhecida nos Estados Unidos em 1986 pela C.F.A. e a T.I.C.A. editou o seu standard em 1988. Actualmente estão proibidos os cruzamentos com Abissínios. Foi em 1989 que tiveram lugar as primeiras importações para França.
O Ocicat, popular nos Estados Unidos continua a ser muito raro na Europa.

Cinnamon Spotted Tabby



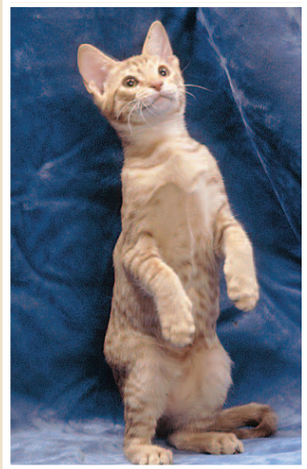


Fotos acima e ao lado: Chocolate Spotted Tabby

Ocicat

Aspecto geral
Gato grande de tipo mediolíneo, vigoroso, bastante musculado, de constituição forte e aparência selvagem devido à sua pelagem malhada.
Peso: 2,5 a 6 kg.

Chocolate Silver Spotted Tabby



Cinnamon Spotted Tabby

Cabeça
Ligeiramente triangular, de comprimento idêntico à largura, com contornos arredondados. O perfil evidencia uma ligeira curvatura. As bochechas são toleradas nos machos adultos. Focinho bem delineado, levemente quadrado. Ligeiro "pinch" (▼). Ligeira proeminência da cana do nariz. Queixo forte.

Black Silver Spotted Tabby

Orelhas
Moderadamente grandes, em alerta, posicionadas ao canto da cabeça. As pontas tipo lince são particularmente apreciadas.

Olhos
Grandes, amendoados, ligeiramente oblíquos, com uma distância entre si superior ao comprimento de um olho... São permitidas todas as cores, excepto o azul, sem qualquer relação com a cor da pelagem. Os colourpoint têm olhos azuis(▼). Dá-se preferência a uma cor uniforme e intensa.

Pescoço
Arqueado.

Corpo
Grande, bastante comprido, "semi-foreign", robusto mas nunca maciço. Peito bastante profundo. Estrutura óssea e musculatura muito desenvolvidas.

Patas
De comprimento médio, fortes e musculosas. Pés compactos e ovais.

Cauda
Bastante comprida, medianamente fina, ligeiramente afilada em direcção à escura extremidade.

Pelagem
Pêlo curto, mas suficientemente comprido que permite a existência de várias bandas de cor. Fina, lisa, acetinada, com reflexos brilhantes.

Cinnamon Spotted Tabby

Pelagem malhada e "agouti" (spotted tabby). Cada pêlo, excepto os da extremidade da cauda, apresenta várias faixas de cor. Cores reconhecidas:
- *castanho (ou tawny);*
- *chocolate;*
- *lilás (lilac);*
- *azul (blue)*
- *canela (cinnamon)*
- *camurça (fawn);*

Estas seis cores existem também nas variedades silver (prateado). Todas as cores devem ser nítidas e agradáveis. A tonalidade mais clara deve situar-se geralmente na face, no queixo e no maxilar inferior. As marcas são constituídas por pêlos com um "tipping" de cor mais escura. Estas devem ser nítidas, distintas. São mais escuras na face, nas patas e na cauda do que no corpo. Extremidade da cauda escura. «M» tabby na fronte. Linhas escuras (máscara) em redor dos olhos e bochechas.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Corpo maciço ou compacto. Olhos azuis (▼). Marcas fracas e difusas. Mosqueado de branco ou presença de medalhões brancos.

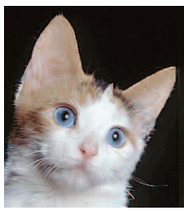
Blue Silver Spotted Tabby

Características/ Particularidades
Dotado de uma grande vitalidade, muito activo, curioso, brincalhão apesar do seu aspecto de pequeno gato selvagem, é um animal muito sociável, meigo e afectuoso. Não suporta a solidão.
Fiel e exclusivo como o Siamês, os seus miados são menos sonoros. Aceita bem as crianças, mas mostra-se bastante dominante em relação aos seus congéneres. Adapta-se facilmente a novas condições de vida. Manutenção fácil que se resume a escovagens regulares.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (♦) T.I.C.A.

Ojos Azules

País de Origem:
Estados Unidos



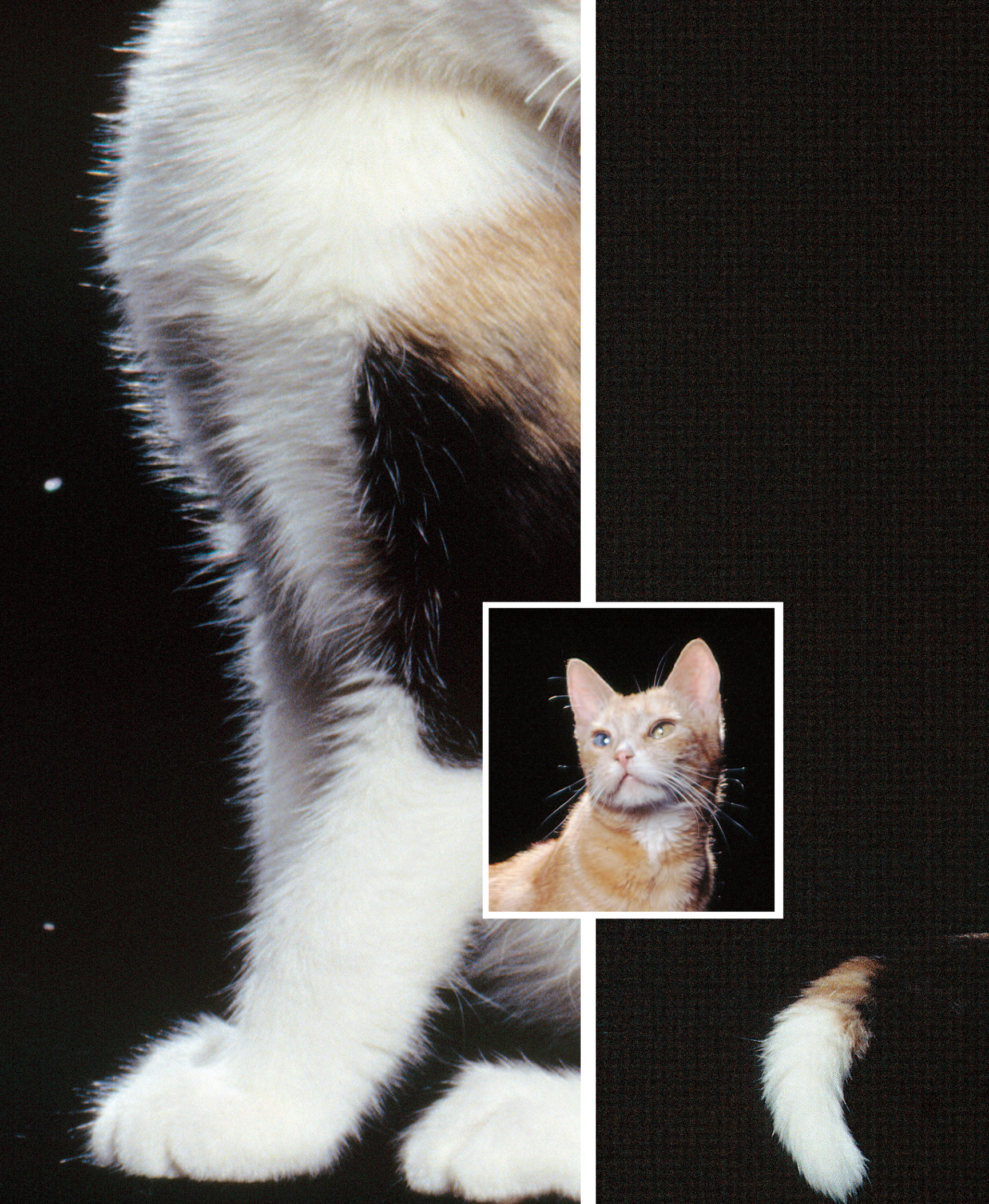
Extraordinários olhos azuis escuros.

Esta nova raça descende de Cornflower, uma gata tartaruga descoberta no Estado do Novo México em 1984.

Tinha uns olhos de uma tonalidade azul muito escura, geralmente observáveis apenas nos gatos brancos ou colourpoint.

O seu nome em espanhol significa olhos azuis-escuros, independentemente da cor da pelagem.

Em 1991, a T.I.C.A publicou um standard. Trata-se de uma raça muito rara.



Ojos azules

ASPECTO GERAL
Tamanho médio.
Tipo nem demasiado curto nem muito comprido.
Gracioso e bem proporcionado.

PARTICOLOR

CABEÇA
Inscrita num triângulo equilátero. Fronte ligeiramente arredondada. Focinho quadrado. Nariz com uma ligeira quebra. Queixo nem proeminente nem esbatido.

ORELHAS
De tamanho médio, arredondadas na ponta, posição relativamente alta.

OLHOS
Grandes, quase redondos mas não globulosos. Cor: azul-claro a azul-acinzentado (nem turquesa nem lavanda). No caso dos olhos díspares, a zona central do olho pode ser tom de ouro, cobre ou verde. Dá-se preferência às cores escuras (◆) (■).

PESCOÇO
Flexível e arqueado.

CORPO
Nem excessivamente comprido (tipo Oriental) nem demasiado maciço ou muito curto.

PATAS
Patas posteriores ligeiramente mais compridas do que as anteriores. Estrutura óssea média a fina. Pés pequenos.

CAUDA
Proporcional ao corpo, terminando em ponta.

PELAGEM
Pêlos curtos, finos, macios, sedosos e brilhantes. O sub-pêlo não é particularmente desenvolvido, mas deve apresentar uma coloração mais densa(◆) (■).

São admitidas todas as cores. Apresenta frequentemente manchas brancas na maior parte das extremidades (ponta da cauda, focinho, pés). Manchas no abdómen ou peito são consideradas defeitos. Os particolores devem ter a ponta da cauda branca. Os Ojos Azules de pelagem branca uniforme não são desejáveis porque é impossível diferenciá-los dos gatos brancos comuns com olhos azuis(◆) (■). Note-se a este respeito que os Ojos Azules brancos com olhos azuis não são surdos, como a maioria dos gatos comuns. Para além disso, apenas os gatos brancos e os colour-point podem apresentar olhos azuis. No caso dos Ojos Azules que têm sempre olhos azuis, independentemente da cor da pelagem, encontramo-nos perante uma mutação espontânea em consequência de um gene dominante.

OBSERVAÇÕES
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

DEFEITOS
Demasiado grande. Excessivamente esbelto ou muito maciço. Focinho pontiagudo. Olhos pálidos, pequenos, orientais. Pelagem muito felpuda, semelhante a pelúcia. Manchas diferenciadas no abdómen e ventre. Desqualificação: ausência de olhos azuis. Particolor com a ponta da cauda de outra cor que não o branco.

CARACTERÍSTICAS/PARTICULARIDADES
Gato activo, sociável, afectuoso. Manutenção fácil.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Oriental

País de Origem: Tailândia, Grã-Bretanha
Outras designações: Oriental Shorthair, Foreign Shorthair

O galgo dos gatos

Sendo ambos originários da Tailândia, o Oriental só difere do Siamês em termos da cor da pelagem e dos olhos. De acordo com algumas opiniões, o Oriental seria o tipo original e o Siamês uma variedade de Oriental colour-point. Chegaram ambos à Grã-Bretanha no final do século XIX. Entre 1920 e 1930, o Siamês foi preferido ao Oriental. Este último passou apenas a desfrutar do interesse dos criadores ingleses após 1950.

Através do cruzamento de Siameses e Europeus de diferentes cores obtiveram-se, sucessivamente, Orientais chocolate, brancos (Foreign white) e azuis. A partir de 1968, alguns criadores americanos deram início a programas de criação privilegiando um tipo morfológico extremo, próximo do Siamês actual, enquanto que os ingleses continuaram a dar preferência ao tipo moderado. A C.F.A. reconheceu a raça em 1972 sob a denominação Oriental Shorthair.

Em 1994, homologou a variedade de pêlo comprido (Oriental Longhair) ou Mandarim. O Oriental não está muito difundido.

Oriental

ASPECTO GERAL
De tamanho médio, longilíneo, esbelto, elegante mas bastante musculoso. Membros compridos. Pêlo curto. Peso: 4 a 6,5 kg.

CABEÇA
Comprida, inscrita num triângulo decrescente. Perfil direito sem "stop". O crânio, visto de perfil apresenta-se ligeiramente convexo. Focinho fino, bem formado. Nariz comprido, direito. Queixo de dimensões médias.

ORELHAS
Grandes, bastante afastadas, largas na base, pontiagudas.

OLHOS
De tamanho médio, amendoados muito enviesados. Distância entre os olhos idêntica à largura de um olho. Cor verde-esmeralda ou jade, excepto no Oriental branco que tem olhos azuis. Aceita-se a cor amarela nas pelagens ruiva e creme (◆) (▼).
Deve ter-se em conta que a cor só é adquirida com 1 ano de idade.

TARTARUGA

PESCOÇO
Comprido, fino.

CORPO
Comprido, esbelto, fino, tubular. Abdómen estreito. Estrutura óssea fina, musculatura seca e comprida.

PATAS
Compridas, finas, proporcionais ao corpo. Patas anteriores ligeiramente mais curtas do que as posteriores. Estrutura óssea fina. Pés pequenos e ovais.

CAUDA
Comprida, fina mesmo na base, afilando em ponta.

PELAGEM
Pêlo curto, denso, fino, sedoso, acamado.

Quatro grandes grupos de variedades:

- Pelagens uniformes: unicolores, sem riscas nem marcas tabby. Branco puro, negro (ebony), azul, chocolate, lilás, canela (cinnamon), camurça (fawn).
- Pelagens tartaruga: laranja, negro e chocolate
- Pelagens em que a base do pêlo se apresenta descolorida: cinza fumo (smoke): pêlos descoloridos numa pequena porção da base. Prateados (silver): pigmentação na extremidade do pêlo (tipping).
- Pelagens tabby:
- Marmoreados (blotched): riscas largas
- Tigrados (mackerel): riscas estreitas perpendiculares à coluna vertebral.
- Mosqueados (spotted): manchas circulares regularmente distribuídas.
O Oriental spotted tabby, também chamado Maus, é muitas vezes confundido com o Mau Egípcio.
Entre as riscas e manchas, pêlos de tipo agouti, com alternância de faixas escuras e claras.

CONDIÇÕES FISICAS
Bastante musculoso, duro, mas não emaciado. Nem magro nem pesado (◆).

OBSERVAÇÕES
Cruzamentos autorizados com outras raças: Siamês, Balinês,

Oriental de pêlo comprido.

DEFEITOS
Cabeça redonda, larga, muito curta. Focinho demasiado curto ou largo. Presença de "stop", de "pinch". Queixo esbatido ou maciço. Orelhas muito pequenas, demasiado próximas. Olhos redondos, pequenos. Corpo curto, maciço. Patas curtas. Estrutura óssea

CARACTERÍSTICAS/ PARTICULARIDADES
Tal como o Siamês, o Oriental é muito vivo, extrovertido, orgulhoso, sedutor. Sociável, não aprecia a solidão. Brincalhão, tolera as crianças.
Mostra-se muito afectuoso com o dono, frequentemente possessivo, até mesmo déspota. Não admite a indiferença. "Palrador" com voz forte. Possui o temperamento de caçador.
A gata manifesta precocidade sexual (puberdade a partir dos 9 meses de idade) e cios frequentes. A sua prolificidade é superior à média da espécie. Manutenção fácil, requer apenas uma escovagem semanal.

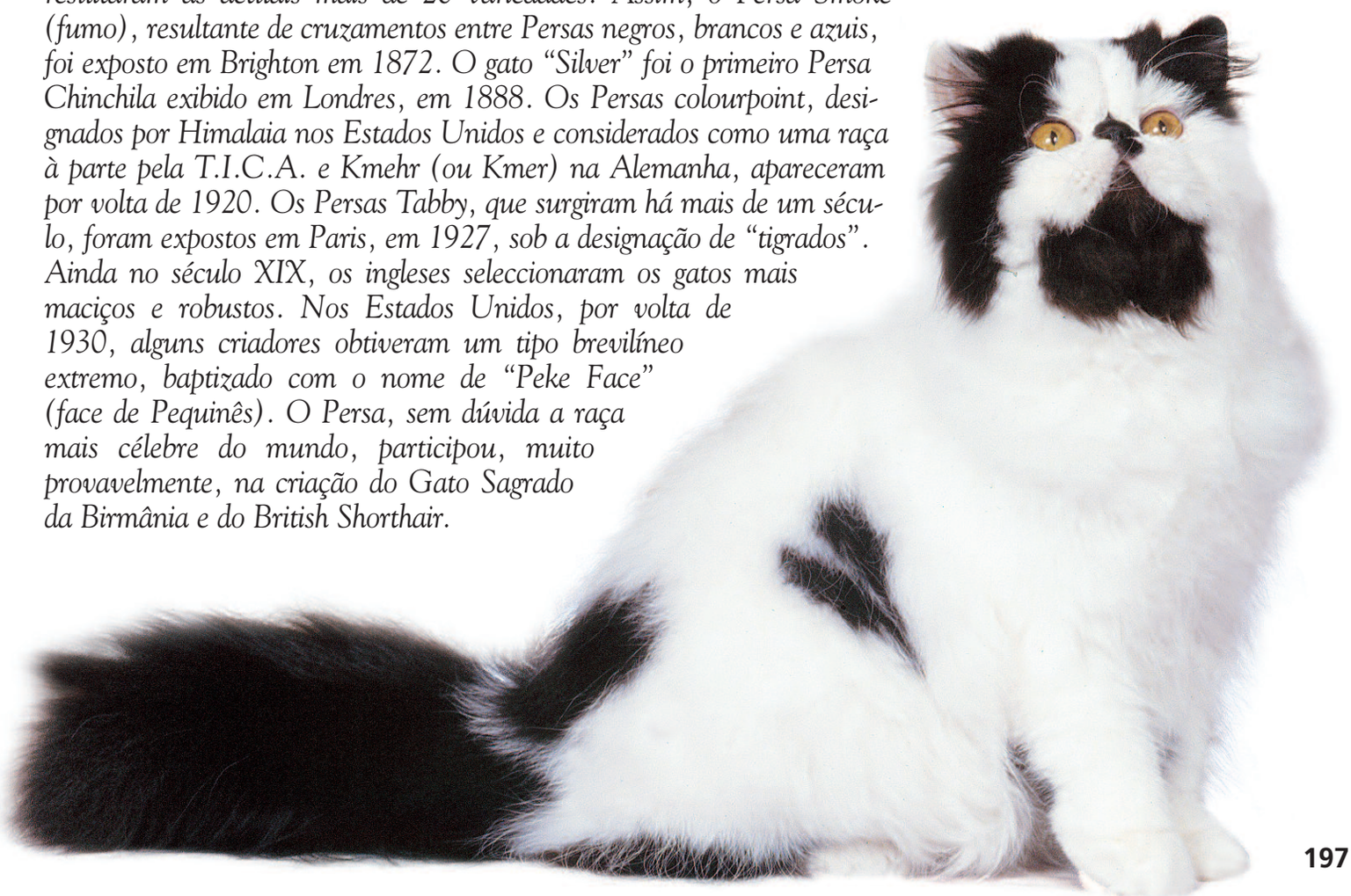
(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Persa

País de Origem: Grã-Bretanha
Outras designações: Longhair, Persian

A raça mais célebre do mundo.

Até meados do século XVI, não se conhecia a existência de gatos de pêlo comprido na Europa. Os primeiros antepassados do Persa foram importados da Pérsia (actualmente Irão) para Itália no século XVII, por Pietro Della Valle. Mais tarde, Nicolas Fabri de Peiresec, conselheiro do Parlamento de Aix en Provence, trouxe para França gatos da Turquia, provavelmente do tipo Angorá. Estes gatos foram muito apreciados pela aristocracia Europeia. Luís XV possuía um Persa Angorá branco. Na primeira metade do século XIX, alguns gatos "Persas" criados em Itália e introduzidos em França e Inglaterra foram cruzados com "Persas" de origem turca. Os primeiros espécimes foram expostos no Crystal Palace de Londres em 1871. Nessa época, alguns criadores britânicos organizaram um programa de criação selectiva. Realizaram-se cruzamentos com gatos Angorá para o apuramento da pelagem. Além disso, realizou-se um trabalho sistemático para aumentar a gama de cores e padrões, do qual resultaram as actuais mais de 20 variedades. Assim, o Persa Smoke (fumo), resultante de cruzamentos entre Persas negros, brancos e azuis, foi exposto em Brighton em 1872. O gato "Silver" foi o primeiro Persa Chinchila exibido em Londres, em 1888. Os Persas colourpoint, designados por Himalaia nos Estados Unidos e considerados como uma raça à parte pela T.I.C.A. e Kmehr (ou Kmer) na Alemanha, apareceram por volta de 1920. Os Persas Tabby, que surgiram há mais de um século, foram expostos em Paris, em 1927, sob a designação de "tigrados". Ainda no século XIX, os ingleses seleccionaram os gatos mais maciços e robustos. Nos Estados Unidos, por volta de 1930, alguns criadores obtiveram um tipo brevilíneo extremo, baptizado com o nome de "Peke Face" (face de Pequinês). O Persa, sem dúvida a raça mais célebre do mundo, participou, muito provavelmente, na criação do Gato Sagrado da Birmânia e do British Shorthair.



Persa

ASPECTO GERAL
Tamanho médio a grande.
Tipo brevilíneo, de corpo maciço.
Membros curtos. Pelagem muito comprida.
Porte aristocrático, majestoso. Peso: 3,5 a 7 kg.

CABEÇA
Redonda, maciça, abaulada. Crânio muito largo e redondo. Fronte arredondada. Bochechas redondas, cheias. Maçãs do rosto fortes e proeminentes. Nariz curto, largo, por vezes, ligeiramente arrebitado. "Break" acentuado entre os olhos. Focinho curto e largo. Queixo forte, cheio, bem desenvolvido. Mandíbulas largas e fortes (▼).

ORELHAS
Pequenas, arredondadas na ponta, muito espaçadas. Não excessivamente abertas na base. Interior bastante peludo.

OLHOS
Grandes, redondos, bastante abertos e espaçados. A cor intensa e profunda corresponde à da pelagem (ouro a cobre para todas as cores; verde nos Chinchila, Silver e Golden; azul nos Colourpoint; olhos díspares em alguns Persas brancos).

PESCOÇO
Curto, forte e bastante musculoso.

CORPO
Médio a grande, maciço (cobby), vigoroso. Peito largo e profundo; ombros e ancas de largura idêntica. Dorso largo e curto. Abdómen curto. Estrutura óssea curta e maciça. Musculatura firme e bastante desenvolvida.

PATAS
Curtas, fortes, paralelas. Estrutura óssea forte, musculatura bem desenvolvida. Pés largos, redondos, fortes. Longos tufos de pêlo na região interdigital.

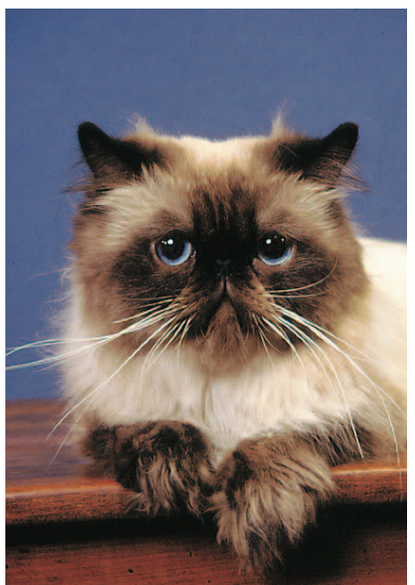
CAUDA
Curta, proporcional ao corpo, guarnecida de pêlos muito compridos e abundantes que formam um penacho. A cauda é mantida muito baixa.

PELAGEM
Pelagem muito delicada, com pêlo e sub-pêlo longos. Pelagem densa, sedosa e longa em todo o corpo (em média 10 cm e até 20 cm de colar). Estão reconhecidas todas as cores.

Variedades clássicas:

Pelagens uniformes: unicolores, sem riscas nem marcas tabby. Todas as cores (branco, negro, azul, ruivo, etc.). O Persa branco com nariz e almofadinhas rosas pode apresentar três tonalidades de olhos:
- Azul claro: tom mais procurado e oficialmente reconhecido como o mais antigo.
- Laranja ou cobre.
- Olhos díspares "Odd Eyed": um olho azul claro e o outro laranja.

Pelagens tartaruga e derivados: combinação de zonas de pêlos laranja com zonas de pêlos negros. Geralmente, apenas as fêmeas podem ser de cor tartaruga.
Pelagens em que a base do pêlo é descolorida: Persas Smoke (cor de fumo). A raiz do pêlo apresenta um tom branco puro, e a ponta uma tonalidade o mais intensa possível.
A proporção ideal é: 1/3 de branco para 2/3 de cor. Os mais frequentes são os Black Smoke, Blue Smoke, Chocolate Smoke, Lilac Smoke e Tortie Smoke (Tortie: padrão tartaruga). Utiliza-se a designação Smoke Cameo quando a coloração é laranja.
Pelagens bicolores com áreas brancas. De entre as variedades reconhecidas, citamos em associação com o branco: preto, azul, chocolate, lilás, vermelho e creme. Distinguem-se:
- O bicolor propriamente dito: o branco cobre 1/3 a 1/2 do corpo.
- O Arlequim: o branco cobre entre 50 a 75% do corpo.
- Van: todo o corpo é branco, excepto a cauda e duas manchas que envolvem os olhos e a base das orelhas (boné).



COLOURPOINT.

Pelagens Tabby:
- Tabby marmoreado (Blotched Tabby): riscas largas, fronte ornada com um "M" característico, linhas escuras nas bochechas (máscara), colares contínuos na parte superior do peito, asas de borboleta entre os ombros, anéis em redor das patas e da cauda.

- Tabby tigrado (Mackerel Tabby): riscas estreitas, paralelas entre si e perpendiculares a uma risca longitudinal que acompanha a coluna vertebral.
- Tabby mosqueado (Spotted Tabby): manchas circulares, uniformemente distribuídas até ao abdómen. Os pêlos situados entre as marcas são do tipo "agouti" (alternância de faixas escuras e claras).
- Persa Chinchila e derivados. Originado do cruzamento de um Persa Smoke com um Persa Silver Tabby. Aspecto geral do Persa clássico, embora com um formato mais pequeno, mais brevilíneo e uma cabeça menos maciça. Pelagem muito clara com reflexos prateados. O "Tipping" (pigmentação escura limitada à extremidade do pêlo) representa 1/8 do comprimento dos pêlos de cobertura. A base do pêlo é branca. Nariz vermelho tijolo, rodeado por uma tonalidade escura e olhos verdes.

Derivados

Persa Silver Shaded: base do pêlo branco puro. Tipping em 1/3 do comprimento do pêlo (nuance cor de estanho). Referimo-nos à pelagem prateada sombreada. Persa Golden Shaded: base do pêlo alperce, tipping negro. Pelagem denominada alperce sombreado ou dourado.

Persa Colourpoint: resultante do cruzamento de um Siamês com um Persa. Trata-se de um Persa envolto na pelagem de um Siamês. Olhos azuis
- Colourpoint Seal: corpo bege, marcas castanho-escuro.
- Colourpoint Blue: corpo branco, marcas azul acinzentado.
- Colourpoint Lilac: corpo branco, marcas cinzento rosado.
- Colourpoint Red: corpo branco creme, marcas vermelhas.

As crias nascem brancas e as marcas surgem por volta dos 6 meses de idade.

Persas "Peke Face" (Face de Pequinês): estes super-tipos nem sempre são apreciados pelo público. Sofrem de complicações inerentes às deformações da cabeça (canais lacrimais pouco funcionais com olhos permanentemente lacrimejantes; prognatismo do maxilar inferior; dificuldades respiratórias resultantes do nariz espalmado...).

OBSERVAÇÕES

Cruzamentos autorizados com o Exotic Shorthair (Persa de pêlo curto).

DEFEITOS

Cabeça comprida ou estreita. Nariz comprido, focinho estreito, prognatismo evidente. Orelhas grandes, pontiagudas, muito próximas. Olhos pequenos, oblíquos, de cor muito pálida. Corpo estreito, fino, comprido, alto. Cauda excessivamente comprida. Pés ovais, dígitos longos. Desqualificação: medalhões ou pontos; nó na cauda, deformação grave das mandíbulas (■).

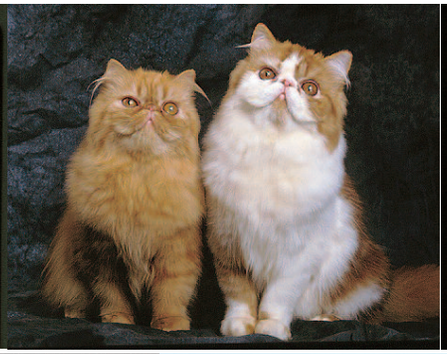
CARACTERÍSTICAS / PARTICULARIDADES

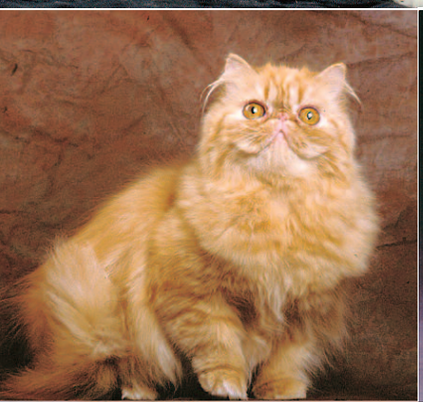
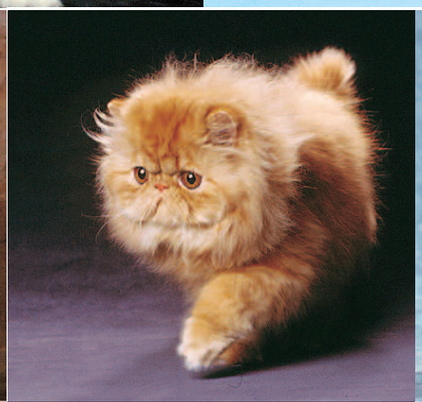
Gato tranquilo, calmo, fleumático, sedentário que se adapta perfeitamente à vida num apartamento. Sociável, pacífico, nunca agressivo, meigo e muito afectuoso, manifesta uma grande dedicação ao seu dono. Coabita facilmente com os seus congéneres, cães e crianças. Face a estranhos, mostra-se mais distante.

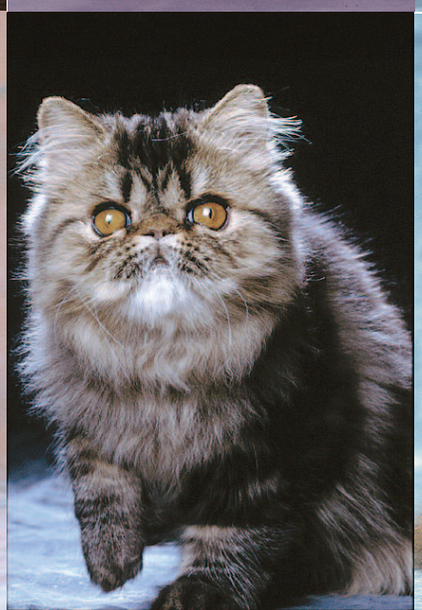
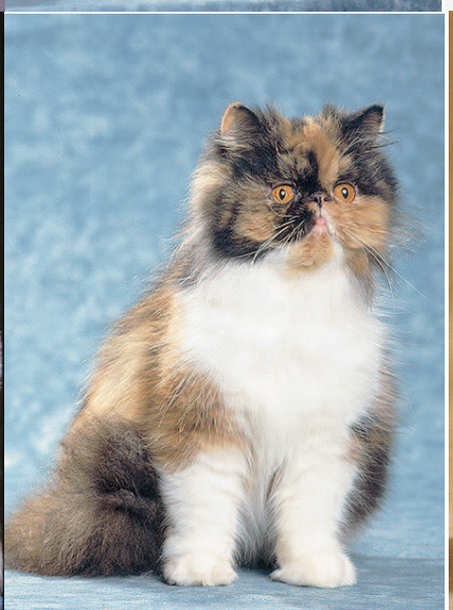
Para o seu equilíbrio precisa de uma vida calma. Suporta a solidão. Os seus miados são raros e discretos.

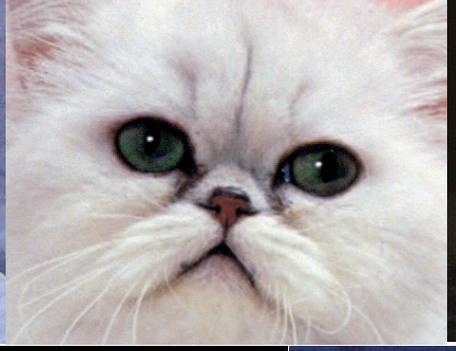
A maturidade é alcançada aos 2 anos de idade. Atinge a puberdade tardiamente, por volta dos 12 meses. Baixa prolificidade e parto difícil. Os cuidados de higiene (escovar, pentear e dar banho) são uma obrigação que é importante ter em conta. O comprimento do pêlo favorece a rápida formação de nós e madeixas. Como tal, é imprescindível desembaraçar a pelagem diariamente. A muda ocorre na Primavera e no Verão. Os olhos, frequentemente lacrimejantes, devem ser limpos com regularidade.

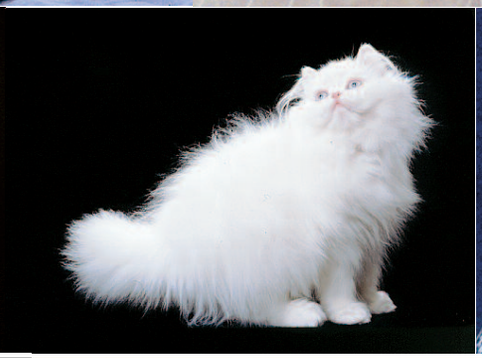
(▼)F.I.Fe. (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

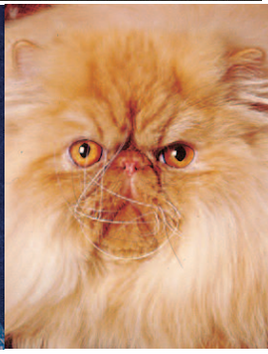


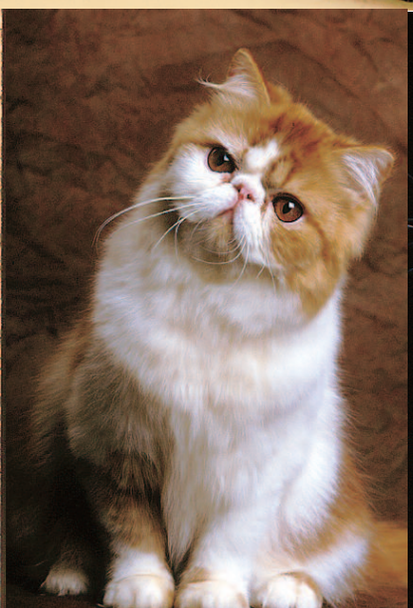



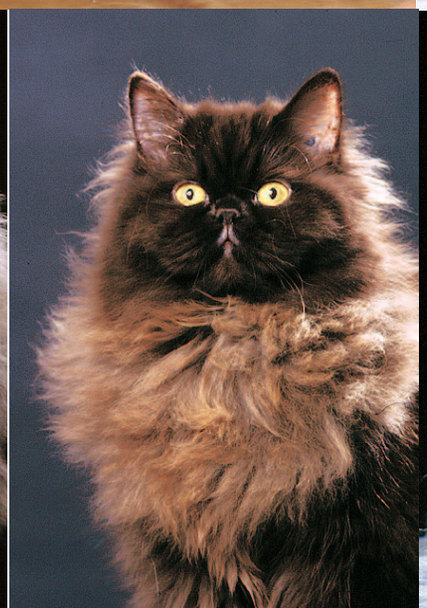













Ragdoll

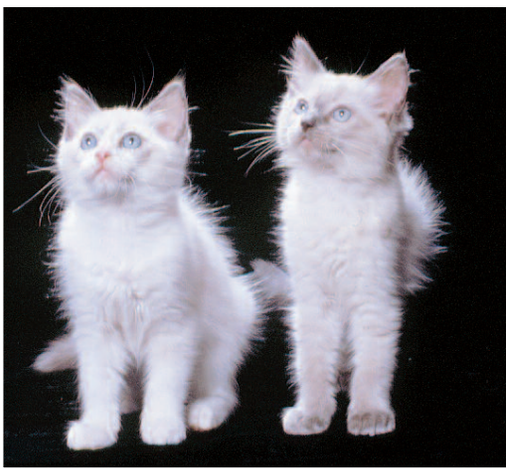
País de Origem: Estados Unidos

Um gato grande e mole, como uma boneca de trapos

Por volta de 1960, em Riverside, a este de Los Angeles, em casa da Sra. Pennels nasceu uma gata branca Joséphine, de tipo Angorá turco. Cruzada com um gato vadio calçado de tipo Birmanês, Daddy Warbucks, a ninhada chamou a atenção da criadora Ann Baker que neles praticou uma forte consanguinidade. Foi assim criada a raça denominada Ragdoll, que significa «boneca de trapos» uma vez que se caracteriza por um relaxamento completo e um tónus muscular fraco.
A sua homologação nos Estados Unidos processou-se em 1965. Em 1971, A. Baker fundou o International Ragdoll Cat Association (I.R.C.A). Em 1969, deu-se a importação para a Grã-Bretanha de dois Ragdoll provenientes do gatil Baker. Foi fundado o British Ragdoll Club em 1987.
A G.C.C.F. reconheceu a raça em 1991 e a F.I.Fe em 1992.
O Ragdoll chegou à Alemanha e França, respectivamente em 1985 e em 1986. Em 1993, foi criado um Clube Francês da raça. O Ragdoll está pouco difundido fora dos Estados Unidos.

Ragdoll

Aspecto geral
Grande, sólido, musculoso, forte.
Peso: 4,5 a 9 kg.



Cabeça
De tamanho médio, larga, ligeiramente cuneiforme com contornos arredondados. Crânio achatado na zona compreendida entre as orelhas. Testa levemente arredondada. Bochechas bem desenvolvidas. Focinho arredondado, medianamente comprido, bastante desenvolvido. Nariz com um ligeiro arco no terço superior. Queixo bastante desenvolvido.

Orelhas
De tamanho médio, largas na base, espaçadas, ligeiramente viradas para a frente, arredondadas na extremidade.

Olhos
Grandes, ovais, ligeiramente oblíquos. Azul da tonalidade mais intensa possível, em consonância com a cor da pelagem.

Pescoço
Curto e forte.

Corpo
Grande, comprido, boa estrutura. Peito amplo, bem desenvolvido. Quartos posteriores pesados e sólidos. Ossatura média.

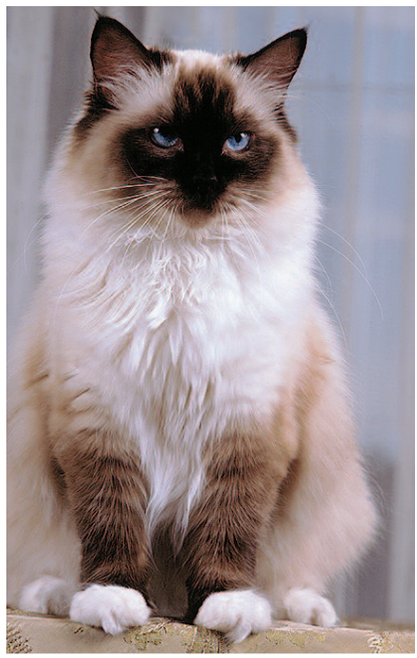
Patas
Comprimento e estrutura óssea médias. Patas posteriores ligeiramente mais compridas que as patas anteriores. Pés grandes, redondos, compactos com tufos de pêlo entre os dedos.

Cauda
Comprida, proporcional ao corpo, bastante grossa na base, afilando ligeiramente em direcção à extremidade. Bem guarnecida de pêlo e tufada.

Pelagem
Pelagem semi-longa, macia, sedosa, próxima ao corpo. Quando o animal se movimenta a pelagem separa-se em madeixas. Colar considerável.
Quatro cores clássicas (seal, azul, chocolate e lilás).
Três tipos de desenhos nas pelagens com pontos:
- Colourpoint: corpo de cor mais clara do que as extremidades (pontos)
- Mitted ou com luvas: padrão também Siamês, mas com zona de pelagem escura na extremidade das 4 patas. Chama branca no nariz. Queixo branco.
- Bicolor: colourpoint com extensão do branco sobre a face em forma de "V" invertido; 4 patas brancas. Peito e abdómen branco. A cor não se apresenta completa antes dos 2 anos de vida e vai escurecendo com a idade.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Cabeça estreita. Orelhas grandes, pequenas, pontiagudas. Olhos amendoados(▼). Pescoço demasiado longo ou muito fino. Corpo atarracado. Peito estreito. Patas curtas. Ausência de pêlos interdigitais. Cauda curta. Pelagem curta. Desqualificação: marcas brancas nos colourpoint; ausência de queixo branco nos animais com mitenes («mitted»); manchas escuras na máscara branca no bicolor. Olhos de outra cor que não o azul (▼).



Características/ Particularidades
Devido à sua calma, ao seu temperamento fácil e dócil, o convívio com este gato é muito agradável. Não suporta a agitação nem o barulho. Sociável, entende-se muito bem com os seus congéneres e com os cães. Muito afectuoso, meigo, aprecia a companhia e detesta a solidão. Adapta-se perfeitamente à vida num apartamento. Não é barulhento.
Só atinge o pleno desenvolvimento por volta dos 3-4 anos. Deve ser frequentemente penteado e escovado.

(▼)F.I.Fe. (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Sagrado da Birmânia

País de Origem: França
Outra Designação: Birman

Imponente, com olhos azuis-escuros e luvas brancas

De introdução recente na Europa, este gato tem uma origem ainda hoje misteriosa. Teriam sido os ingleses a trazer da Birmânia um casal de gatos do templo Lao-Tsun. Supõe-se que uma senhora do sul de França, de apelido Leotardi, seria a dona de Poupée de Madalpour, uma gata Birmanesa Seal point exibida em Paris, em 1926. Os pais desta gata, provenientes da Birmânia, teriam sido oferecidos pela Sra. Thadde-Haddish. Na verdade, os primeiros exemplares resultariam do cruzamento de um Siamês que possuía marcas brancas na extremidade das patas com um gato de pêlo comprido (Angorá ou Persa) nos anos 20, na região de Nice. Por volta de 1930, um macho Seal Point de nome Dieu d'Arakan, tornou-se a estrela das exposições.

A seguir à Segunda Guerra Mundial, durante a qual a raça quase desapareceu, foi adicionado sangue Persa Colourpoint para restringir a consanguinidade. Em 1950, esta raça assumiu o nome Gato Sagrado da Birmânia para evitar qualquer confusão com o «Burmese», forma inglesa da palavra Birmanês. Introduzida nos Estados Unidos em 1950-1960 e na Grã-Bretanha em 1965, onde foi oficialmente reconhecida, esta raça é muito apreciada pelo público e tornou-se muito popular.

Sagrado da Birmânia

ASPECTO GERAL
De tamanho médio, tipo mediolíneo, mas imponente e maciço.
Peso: 4,5 a 8 kg.
Pêlo comprido.

CABEÇA
Forte, larga, bastante redonda. Ligeiramente mais comprida do que larga. Crânio bastante arredondado. Fronte levemente abaulada. Bochechas cheias, maçãs do rosto altas e proeminentes. Nariz romano, de comprimento médio com "stop" bem definido (◆), ou inexistente (▼). Focinho bem desenvolvido. Queixo forte e firme.

ORELHAS
De tamanho médio, com extremidades arredondadas, moderadamente bem espaçadas, com uma ligeira inclinação. Guarnecidas de bastante pêlo no interior.

OLHOS
Grandes, quase redondos, bastante espaçados. Cor: azul, o mais escuro possível.

PESCOÇO
De comprimento médio, bastante musculoso.

CORPO
Bastante comprido e pesado (semi-cobby). Estrutura óssea forte e musculatura poderosa, firme.

PATAS
De comprimento médio, fortes. Estrutura óssea pesada e musculatura significativa. Pés redondos, firmes. Tufos de pêlos na região interdigital.

CAUDA
De comprimento médio, posição erecta. Pelagem em penacho.

PELAGEM
Pêlo sedoso, semi-longo a longo no colar, corpo, flancos e cauda. Curto na zona facial e nos membros. Pouco subpêlo. Pelagem pigmentada exclusivamente nas extremidades ou pontos (máscara, orelhas, patas e cauda) como no caso do Siamês. É exigido um contraste acentuado entre a cor dos pontos e o resto do corpo. A extremidade das patas é branca, pelo que se lhe dá o nome de luvas. Estas, de um tom branco puro, devem terminar na articulação ou na transição entre os dedos e o metacarpo, que não deverão ultrapassar. Na face plantar das patas posteriores as luvas terminam em ponta (esporões) entre metade e dois terços da distância que separa a almofadinha maior e o jarrete. As marcas escuras podem ser: Seal point (castanho escuro), Chocolate point (castanho claro), Blue point (azul acinzentado), Lilac point (cinzento aço rosado), Red point (ruivo), Cream point (creme).
A restante pelagem varia do branco ao creme. As almofadinhas são de tom rosa ou rosa manchado com pontos de cor.
Os gatinhos nascem quase brancos. Os pontos e as luvas só surgem por volta de 1 a 2 meses de idade. A cor das marcas e do corpo só se tornam definitivas na idade adulta. A pelagem também escurece com a idade.

OBSERVAÇÕES
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

DEFEITOS
Manchas brancas ou coloridas no peito ou abdómen.
Desqualificação: um dedo sem luva.
Presença de branco nos pontos.

CARACTERÍSTICAS/ PARTICULARIDADES
A meio caminho entre o Persa e o Siamês, este gato é calmo, equilibrado, não sendo nem passivo nem exuberante. Sociável com os seus congéneres e com os cães. Brincalhão, é um companheiro agradável para as crianças, mas aprecia também a paz e tranquilidade. Meigo, afectuoso (nomeadamente os machos), por vezes um pouco possessivo, não suporta a indiferença e muito menos a solidão. Possui uma voz suave. No exterior, mostra-se robusto, desportivo e um excelente caçador.
A sua manutenção requer uma escovagem diária durante a muda de pêlo. Em período normal, basta penteá-lo e escová-lo uma vez por semana.

(▼)F.I.Fe. (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Scottish Fold

País de Origem:
Escócia

Um gato redondo, com pequenas orelhas dobradas para a frente como um boné

No seu "Tratado de Zootecnia" de 1897, o Professor Cornevin refere uma raça de gatos com orelhas pendentes e pêlo curto, que vivia na China, e que era engordada para consumo. Uma mutação espontânea num gene dominante provocou a dobra para a frente do pavilhão auricular e foi observada pela primeira vez na Escócia em 1961. O pastor William Ross de Tayside e a sua mulher Mary repararam numa gata branca, Susie, de orelhas dobradas que vivia na quinta vizinha, pertencente à família McRae. Susie deu à luz Snooks, uma fêmea branca com o mesmo formato de orelhas. Quando foi cruzada com um British Shorthair pariu um macho branco, o qual foi baptizado de Snowball.

Esta mutação, denominada "Folded Ear" (orelha dobrada), deu o nome a esta raça. Infelizmente, foram surgindo diversas anomalias ligadas ao gene dominante Fd ao nível dos membros, da cauda e das articulações, pelo que a G.C.C.F suspendeu os registos da raça em 1973.

Em 1971, Mary Ross enviou alguns Scottish Fold a Neil Todd, uma geneticista americana de Massachussetts, que retomou a criação. Realizaram-se cruzamentos com o British Shorthair, Exótico de pêlo curto e American Shorthair para evitar problemas articulares.

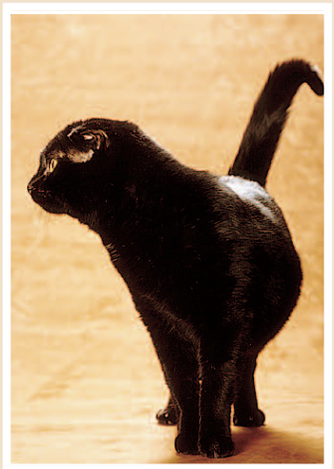
A C.F.A. e mais tarde a T.I.C.A. reconheceram a raça, a qual obteve um enorme sucesso nos Estados Unidos. O regresso à Europa teve início em 1980 e o primeiro nascimento ocorreu em França em 1982. Não sendo reconhecido pela F.I.Fe nem pela G.C.C.F., o Scottish Fold é relativamente raro em toda a Europa.

Nos Estados Unidos, o Scottish Fold foi cruzado com o Persa para permitir a criação de uma versão de pêlo comprido denominada Highland Fold ou Scottish Fold Long Hair, reconhecida pela T.I.C.A.

Outro cruzamento ocorrido em 1987 na Alemanha, deu origem ao Pudelkatze ou Poodle Cat (Gato Caniche), um gato de pelagem encaracolada e orelhas caídas. O Pudelkatze, com um número muito reduzido de efectivos, ainda não está reconhecido como uma nova raça.

Scottish Fold

ASPECTO GERAL
Tipo brevilíneo, compacto, robusto, é um gato verdadeiramente redondo.
Peso: 2,5 a 6 kg.

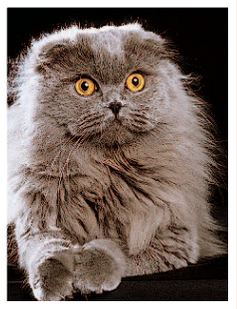


OLHOS
Grandes, redondos, bastante espaçados. Cor corresponde à coloração da pelagem.

PESCOÇO
Curto e bastante musculoso.

CORPO
De tamanho médio, compacto, arredondado, bastante musculoso.

(★).



CABEÇA
Redonda. Fronte abaulada. Bochechas arredondadas. Faceiras autorizadas nos machos adultos. Nariz largo e curto. "Stop" ligeiro aceite. Focinho bastante arredondado. Lábio superior forte. Queixo firme.

ORELHAS
Pequenas, dobradas para a frente em forma de boné. Bastante espaçadas, arredondadas na extremidade.

Estrutura óssea média.

PATAS
Comprimento proporcional ao corpo. Estrutura óssea média. Pés redondos, compactos.

CAUDA
O comprimento não ultrapassa os dois terços do comprimento do corpo. Espessa na base, vai afilando em direcção à extremidade arredondada. Muito macia e flexível.

PELAGEM
Duas variedades:
- Pêlo curto, espesso, cerrado, muito denso, com textura de pelúcia, resistente.

- Pêlo semi-longo: esta variedade tem a designação Highland Fold. Todas as cores são reconhecidas.
Os tipos chocolate, lilás e Siamês não estão autorizados

OBSERVAÇÕES

CARACTERÍSTICAS/PARTICULARIDADES
Este gato é particularmente calmo, não dominante e mostra-se sociável com os seus congéneres e com os cães. Meigo, muito afectuoso, carinhoso e brincalhão, adora a vida familiar. Discreto, possui uma voz suave. Vigoroso e resistente, revela-se um excelente caçador. Quanto à sua manutenção, requer apenas uma escovagem semanal. Durante a muda de pêlo a sua pelagem de pelúcia deve ser penteada com regularidade. Será prudente vigiar-lhe as orelhas. Para evitar potenciais anomalias ao nível do esqueleto, nunca se deve cruzar dois gatos de orelhas dobradas. Cruza-se o Scottish Fold com gatos de orelhas direitas tal como o British Shorthair ou o American Shorthair.
A característica "orelhas dobradas" só é visível a partir da 3ª ou 4ª semana e o grau da curvatura só é observável a partir da 5ª ou 6ª semana de vida.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Selkirk Rex

País de Origem: Estados Unidos
Outras designações: Rex Selkirik Longhair; Gato ovelha

O pêlo encaracolado de um caniche ou de uma ovelha

Em 1987, no Wyoming, Estados Unidos, um cruzamento entre uma gata de pelagem normal e um macho de pêlo encaracolado deu origem a uma fêmea, Miss De Pesto of No Face. Esta gata de pêlo encaracolado foi adoptada por Jerri Newman, uma criadora de Persas em Montana. Do cruzamento de Miss De Pesto com Photo Finish – um gato Persa negro – resultaram três crias de pêlo encaracolado. Cruzada com um dos seus filhos deu à luz novamente gatinhos encaracolados.
Jerri Newman atribuiu a esta raça o nome dos Montes Silkirk, situados nas vizinhanças.
Esta mutação espontânea é causada por um novo gene dominante, diferente dos "outros genes de encaracolamento".
Enquanto o Devon Rex é semelhante ao "E.T." - o extraterrestre – o Selkirk Rex faz lembrar um caniche. Muito popular nos Estados Unidos, surgiu na Europa em 1990, local onde continua a ser bastante raro.

Selkirk Rex

Aspecto geral
Gato de tamanho médio. O mais forte e o mais peludo de todos os gatos encaracolados. Estrutura óssea pesada. Peso: 3 a 5 kg.

Orelhas
De tamanho médio, bastante espaçadas, terminando numa ponta ligeiramente arredondada. Pêlos internos encaracolados.

Olhos
Grandes, redondos, afastados. Cor uniforme em harmonia com a cor da pelagem.

Cabeça
De tamanho médio, redonda e larga. Crânio com uma curvatura suave. Fronte arredondada. Bochechas cheias, bastante desenvolvidas em ambos os sexos. Focinho curto, quadrado. Nariz aquilino, "Stop" ligeiro. Bigodes e sobrancelhas encaracolados. Mandíbulas pesadas.

Pescoço
Curto, forte.

Patas
De comprimento médio, estrutura óssea e musculatura médias e fortes. Pés grandes, redondos.

Cauda
De comprimento médio, espessa, com uma ponta arredondada.

Pelagem
Pelagem espessa com caracóis bastante afastados entre si, particularmente numerosos ao nível do pescoço e da cauda, cobrindo todo o corpo. Ausência de áreas sem pêlo. Sub-pêlo espesso. O encaracolado da pelagem varia consoante o clima, as estações e o estado hormonal, especialmente na fêmea. As crias nascem já com o pêlo encaracolado. Os caracóis desmanchamse e voltam a formar-se por volta dos 8 a 10 meses de idade. Variedade de pêlo curto e pêlo comprido. Todas as cores são reconhecidas (■). Dá-se preferência às tonalidades bem definidas. São permitidos medalhões brancos (◆).

Corpo
De comprimento médio, rectangular, compacto, pesado. Musculatura e estrutura óssea fortes.

Observaçóes
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Desqualificação: nariz com quebra. Estrabismo. Nó na base da cauda (■).

Características/Particularidades
Gato activo, afável, calmo e que se dá bem com os seus congéneres e com os cães. Brincalhão, é um excelente companheiro para as crianças.
Meigo, afectuoso, a sua convivência é muito agradável. Adapta-se bem à vida num apartamento.
Requer um mínimo de cuidados. Uma escovagem ligeira duas vezes por mês é suficiente. Deverá tomar banho alguns dias antes de uma exposição.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Siamês

País de Origem: Tailândia
Outra Designação: Royal Cat of Siam

Um gato aristocrático que nasce completamente branco.

Esta raça vem mencionada num manuscrito datado de 1350, proveniente de Aythia, capital do antigo Sião, a actual Tailândia. Deve-se igualmente assinalar que, no início do século XIX, o naturalista alemão Pallas, descreveu a existência de gatos brancos com extremidades escuras na Ásia Central. No Sião, este animal estava reservado à família real e era cuidadosamente guardado no palácio real. Contudo, dois Siameses de origem desconhecida foram apresentados com sucesso no Crystal Palace de Londres em 1871. Em 1884, Sir Owen Gould, cônsul de Inglaterra em Bangkok, obteve o casal Pho e Mia que trouxe consigo ao regressar à Grã-Bretanha, confiando-o aos cuidados da sua irmã, a Sra. Veley. Do cruzamento de Pho e Mia nasceram os primeiros campeões coroados em 1885. No mesmo ano, Auguste Pavie, um diplomata francês, trouxe também, dois exemplares de Bangkok para França. Tinham sido oferecidos ao "Jardin des Plantes" pelo Sr. Paire, ministro francês residente no Sião.

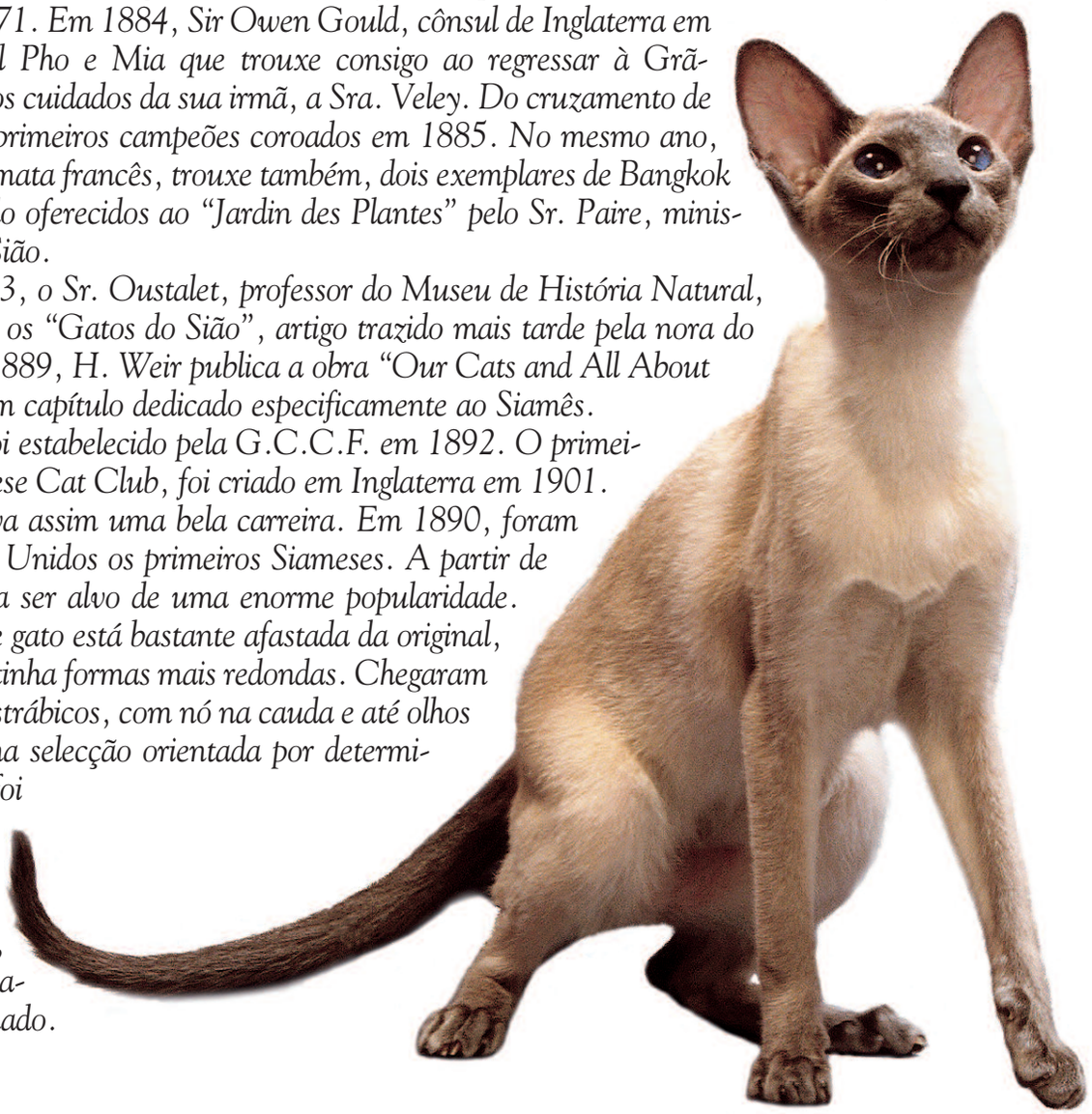
Ainda em Paris, em 1893, o Sr. Oustalet, professor do Museu de História Natural, elaborou um artigo sobre os "Gatos do Sião", artigo trazido mais tarde pela nora do Presidente Carnot. Em 1889, H. Weir publica a obra "Our Cats and All About Them", a qual incluía um capítulo dedicado especificamente ao Siamês.

O primeiro "standard" foi estabelecido pela G.C.C.F. em 1892. O primeiro clube da raça, o Siamese Cat Club, foi criado em Inglaterra em 1901.

O Siamês "royal" iniciava assim uma bela carreira. Em 1890, foram introduzidos nos Estados Unidos os primeiros Siameses. A partir de 1920, o Siamês passou a ser alvo de uma enorme popularidade.

A actual morfologia deste gato está bastante afastada da original, a qual era mais maciça e tinha formas mais redondas. Chegaram a ser admitidos animais estrábicos, com nó na cauda e até olhos verdes. Desde então, uma selecção orientada por determinados factores estéticos foi apurando os seus traços.

A cabeça tornou-se triangular, a cauda sem nó e, consequentemente, mais comprida, e o estrabismo foi em parte eliminado.



Siamês

Aspecto geral
Gato de tamanho médio, longilíneo, tipo oriental, esbelto, elegante, flexível e bastante musculoso. Peso: 2,5 a 5,5 kg.

Cabeça
De tamanho médio, está inscrita num triângulo formado por linhas rectas que vão desde o nariz até à extremidade das orelhas. Triângulo equilátero nos Siameses tipo inglês e isósceles no tipo americano. Visto de perfil, o crânio é ligeiramente convexo. Bochechas planas, no entanto, são permitidas faceiras nos machos adultos. Focinho fino. Nariz recto sem quebra. Ausência de "pinch". Queixo firme, alinhado com a ponta do nariz.

Orelhas
Grandes, largas na base, bastante espaçadas, pontiagudas, em prolongamento dos lados do triângulo.

Olhos
De tamanho médio, amendoados, tipo oriental, oblíquos. Cor: o azul mais intenso possível.

Pescoço
Longo, fino, elegante, ligeiramente arqueado.

Corpo
Comprido, esbelto, tubular. Ombros e ancas da mesma largura. Estrutura óssea fina. Musculatura firme.

Patas
Compridas, finas. Estrutura óssea e musculatura finas. Pés pequenos, ovais.

Cauda
Comprida, fina, estreita na base, afilando até terminar em ponta.

Pelagem
- Pêlo curto, fino, denso, sedoso, brilhante, deitado sobre o corpo. Subpêlo praticamente inexistente.
- Cor: manto pigmentado nas extremidades do corpo (pontos): face (máscara), orelhas, membros e cauda. A cor destas áreas mais escuras deve ser o mais uniforme possível. Deverá apresentar um contraste muito nítido entre a cor dos pontos e a cor do corpo. Todos os Siameses são Colourpoint. As cores mais clássicas (reconhecidas pela C.F.A.) são:
- Seal point: marcas (pontos) de tom castanho-escuro; fundo branco, casca de ovo, bege claro.
- Blue point: pontos azul aço; fundo branco gelo, branco azulado.
- Chocolate point: pontos de tom castanho-claro; fundo marfim.
- Lilac point: pontos bege rosado; fundo branco sujo a marfim (magnólia).

O Siamês, também designado Colourpoint de pêlo curto, pode ainda ser:
- Red point: pontos cor de ouro avermelhado; fundo branco com sombras alperce.
- Cream point: pontos bege; fundo branco com sombras bege.
- Tortie point: tartaruga. Exemplo: Seal.
- Tortie point: manchas castanhas nos pontos; mancha vermelha na face; fundo castanho claro.
- Tabby point: riscas envolvendo as patas e a cauda, máscara raiada.
- Particolor: manchas branco puro numa parte da máscara, das patas e do corpo.

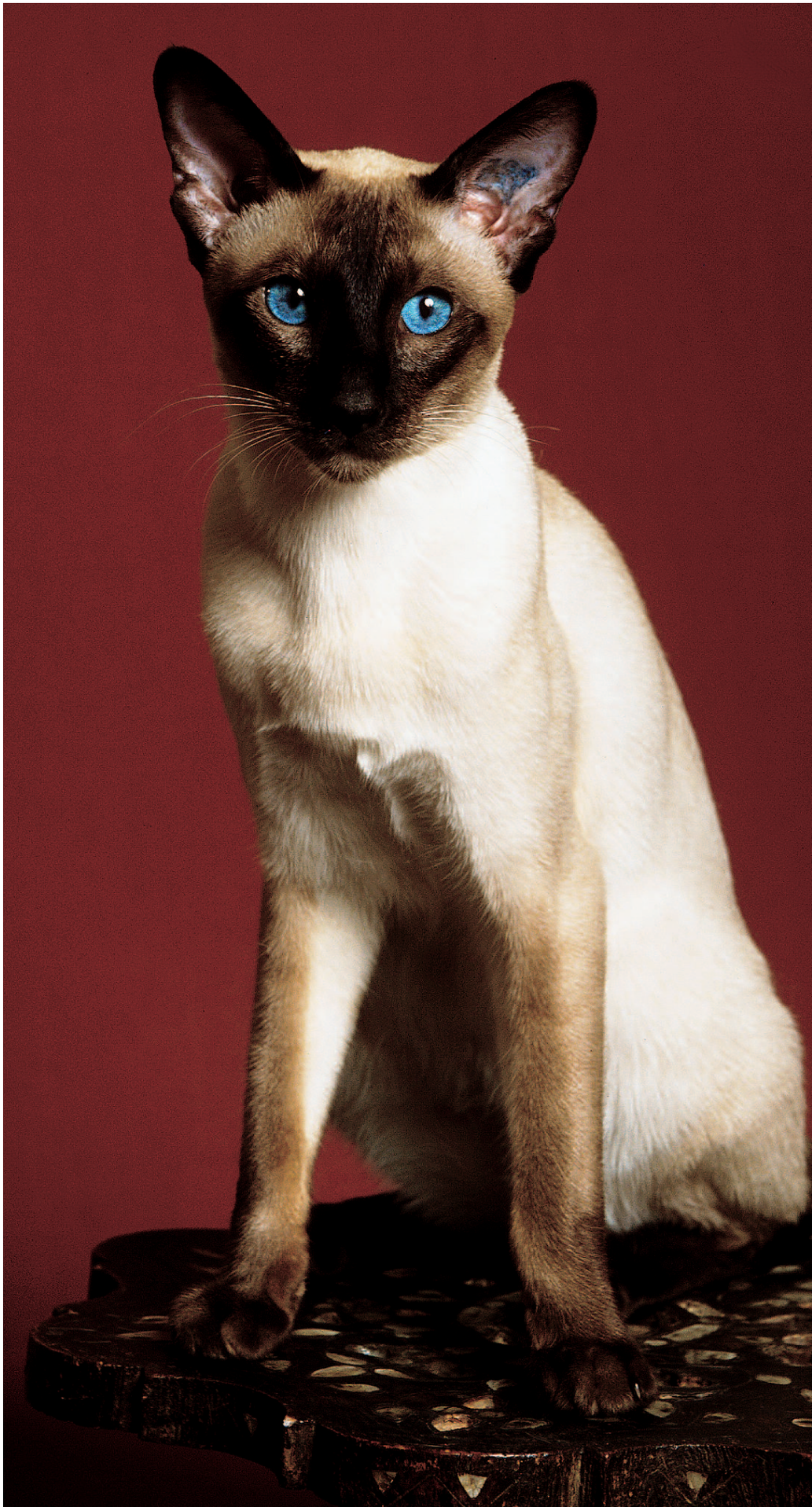
Os Siameses nascem brancos. A partir do 5º dia, os pontos começam a definir-se. As áreas mais frias do corpo vão adquirindo cor. É por esta razão que, durante o Inverno, um Siamês que viva no exterior é mais escuro do que outro que permaneça exclusivamente dentro de casa. A coloração torna-se definitiva entre os 12 e os 15 meses. Para além disso, a pigmentação do corpo escurece com a idade do animal. As "marcas fantasma" deverão desaparecer quando o animal atinge a idade adulta.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: Balinês, Oriental de pêlo curto, Oriental de pêlo comprido, e Burmês para obter um Tonquinês. Na verdade, hoje em dia existem diversos tipos de Siameses:
- O Americano: cabeça em forma de triângulo isósceles, crânio estreito, olhos reduzidos a fendas, orelhas enormes, pescoço espectacular, corpo tubular, patas delgadas. Trata-se do hiper-tipo ou super-tipo.
- O Inglês: intermédio entre o tipo antigo e o tipo americano: cabeça em forma de triângulo equilátero, orelhas grandes, corpo longo mas não em excesso. É o mais popular, especialmente em França. Para além disso, os criadores fiéis ao Siamês tradicional criaram Siameses que não obedecem aos standards actuais. Como tal, têm novas designações:
o Apple Head ou Apple Face (cabeça de maçã): tipo antigo, de cabeça redonda, recriado pelos criadores americanos agrupados no Tradicional Cat´s Association (T.C.A.), fundado em 1987.
o Thai: tipo antigo, obtido na Alemanha através do cruzamento entre Siameses com British Shorthair e com Europeus de cor uniforme.

Defeitos
Olhos muito claros. Deformação aparente ao nível da cauda. Pelagem imperfeita. Desqualificação: olhos de outra cor que não o azul. Manchas brancas nos pontos, excepto nos particolores. Manchas visíveis no abdómen.

Características / Particularidades
O Siamês, "príncipe dos gatos" (F. Méry), é talvez o mais extrovertido de todos os gatos domésticos. Dotado de um temperamento inconstante ou imprevisível, tem uma personalidade muito forte, podendo ser excessivo em tudo. Não é pacífico nem calmo. É o animal perfeito para quem deseja uma verdadeira presença. Hipersensível e muito emotivo, este animal adora ter companhia. Tem horror à solidão e não suporta a indiferença. Se for negligenciado, entra em depressão.
De qualquer forma, procurará persuadir o dono através da sua voz muitas vezes forte e rouca, visto que é muito comunicativo. Seguirá o dono para todo o lado até que este lhe dê atenção. Exclusivo, muito possessivo e afectuoso, pode mostrar-se ciumento. Sociável, gosta de brincar com as crianças mas nem sempre aprecia a companhia dos seus congéneres. Este gato, muito sensível ao frio, aprecia o conforto e, como tal, a vida num apartamento.
A gata atinge a puberdade precocemente, uma vez que o primeiro cio pode surgir a partir do 5º mês de idade. Os cios repetem-se de 15 em 15 dias, sem repouso sexual no Outono e Inverno.
A prolificidade é superior à média da espécie. As crias, que são evidentemente hiperactivas e destemidas, devem ser cuidadosamente educadas.
No que se refere aos cuidados da pelagem, estes animais apenas necessitam de uma a duas escovagens semanais. Deverá tomar banho alguns dias antes de ser apresentado numa exposição.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.



Siberiano

País de Origem: Rússia, Ucrânia
Designação de Origem:
Sibirska Koschka
Outra Designação: Sibi, Siberian Cat

O seu pedigree deve indiscutivelmente destacar a sua origem russa

Este grande gato existia na Rússia, em estado natural, desde tempos remotos. Talvez seja o resultado de cruzamentos entre gatos domésticos levados para a Sibéria e para a Ucrânia e gatos selvagens locais. A sua pelagem espessa e isolante foi-se desenvolvendo cada vez mais em função dos rigores climatéricos.
Musa, gata tabby ruiva e branca e o macho Tima, adquiridos em São Petersburgo, chegaram a Berlim em 1987. Hans e Betti Schulz criaram os primeiros Siberianos no seu gatil Newskij.
Em 1990, encontravam-se identificados na Europa Ocidental sensivelmente 15 espécimes.
O Siberiano está implantado em França desde 1997.
Em 1990, E. Terrel levou alguns Siberianos para o seu gatil Starpoint nos Estados Unidos que foram os primeiros representantes da raça.
A T.I.C.A. reconheceu o Siberiano e editou um standard em 1998.
Excluindo os Países de Leste e Estados Unidos, este gato está pouco divulgado.

Siberiano

Aspecto geral
Muito grande, compacto, pesado. Musculatura forte e saliente.
Peso: 4,5 a 9 kg.

Corpo
Compacto, moderadamente comprido. Dorso ligeiramente curvado ou arqueado. Peito bastante arredondado. Estrutura óssea e musculatura fortes

Patas
Patas posteriores ligeiramente mais compridas do que as anteriores. Estrutura óssea pesada e musculatura desenvolvida. Pés grandes redondos, com tufos de pêlo entre os dedos. As unhas são retrácteis com excepção de uma (■).

Cauda
Medianamente comprida, larga na base, com muito pêlo e grossa.

Pelagem
Semi-longa a comprida, abundante, oleosa, impermeável, protegendo eficazmente o animal contra o frio intenso. Velos duros. Pêlos compridos no abdómen, ligeiramente mais curtos nos ombros e numa parte do peito. Colar longo e abundante. Sub-pêlo espesso. Todas as cores tradicionais e as combinações de cor são aceites excepto o chocolate e o lilás. Os espécimes colourpoint são denominados Neva-Mascarade (■).

Observaçóes
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Perfil direito. Focinho estreito ou pontiagudo. Olhos amendoados. Patas muito compridas. Desqualificação: presença de «stop» no nariz

Cabeça
De tamanho médio, larga, em triângulo, de contornos arredondados. O cimo da cabeça é plano. Testa ligeiramente curva. Bochechas não pronunciadas nem proeminentes. Focinho arredondado, moderadamente comprido. Nariz largo entre os olhos, afinando em direcção à extremidade, com uma ligeira curvatura. Queixo redondo. Bigodes compridos e fortes (■).

Orelhas
Medianamente largas, pontas arredondadas. Pêlos curtos na zona posterior das orelhas, compridos no interior. Pêlos de lince desejáveis.

Olhos
Grandes, quase redondos, bastante espaçados, ligeiramente enviesados. Cor tradicional dos adultos: verde a amarelo, mas azul para os colourpoint. Sem qualquer relação com a cor da pelagem (◆).

Pescoço
Medianamente comprido, arredondado, grosso, bastante musculoso.

Características/Particularidades
Este grande gato evidencia uma força tranquila. Dotado de grande vitalidade, pode mostrar-se muito activo. Apesar da sua personalidade vincada, carácter forte, o Siberiano é muito sociável com os seus congéneres. Meigo, está muito ligado ao dono. Tem uma voz suave. Rústico, trepador experiente, amante da água, é um excelente saltador. Requer espaço para o seu equilíbrio psicológico e a beleza da sua pelagem exige uma vida ao ar livre.
Só atinge o seu total desenvolvimento aos 5 anos de idade.
A manutenção é fácil porque a pelagem não se emaranha. De forma geral, uma escovagem semanal é suficiente. Durante a muda da Primavera, que é significativa, deve ser escovado diariamente.

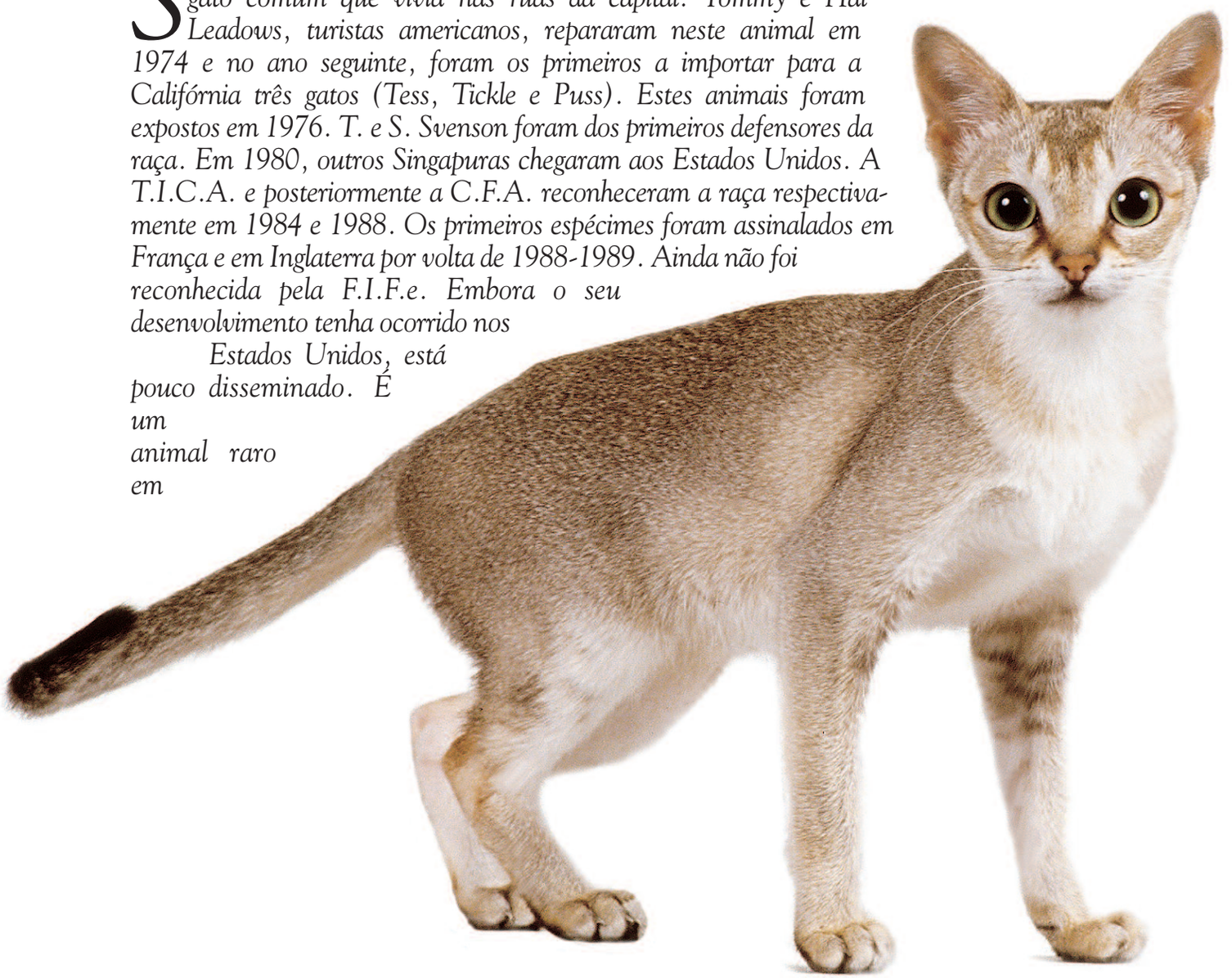
(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Singapura

País de Origem:
Ilha de Singapura

O mais leve dos gatos domésticos

Singapura, termo malaio, designa tanto a ilha como um verdadeiro gato comum que vivia nas ruas da capital. Tommy e Hal Leadows, turistas americanos, repararam neste animal em 1974 e no ano seguinte, foram os primeiros a importar para a Califórnia três gatos (Tess, Tickle e Puss). Estes animais foram expostos em 1976. T. e S. Svenson foram dos primeiros defensores da raça. Em 1980, outros Singapuras chegaram aos Estados Unidos. A T.I.C.A. e posteriormente a C.F.A. reconheceram a raça respectivamente em 1984 e 1988. Os primeiros espécimes foram assinalados em França e em Inglaterra por volta de 1988-1989. Ainda não foi reconhecida pela F.I.F.e. Embora o seu desenvolvimento tenha ocorrido nos Estados Unidos, está pouco disseminado. É um animal raro em França.



Singapura

Aspecto geral
Gato compacto, de tamanho pequeno a médio.
Peso: inferior a 3 kg
(o mais leve dos gatos domésticos).
Pelagem com "ticking".

Cabeça
Pequena, redonda. Bochechas grandes autorizadas nos machos adultos. Focinho curto, largo. Nariz ligeiramente abaulado, com um "stop" ligeiro abaixo da linha dos olhos. Queixo bem desenvolvido, arredondado. Zona de inserção dos bigodes bastante acentuada.

Orelhas
Grandes, ligeiramente pontiagudas, largas na base, medianamente espaçadas. Pêlos brilhantes e coloridos.

Olhos
Grandes, amendoados, acentuados por linhas de delineamento escuras. Separados entre si pela largura de um olho. Cor: verde, ouro ou cobre. O azul não está autorizado.

Pescoço
Curto e grosso.

Corpo
De pequeno a médio, moderadamente entroncado, compacto. Boa estrutura, musculoso. Caixa torácica arredondada, ligeiramente arqueada, quartos posteriores ligeiramente redondos.

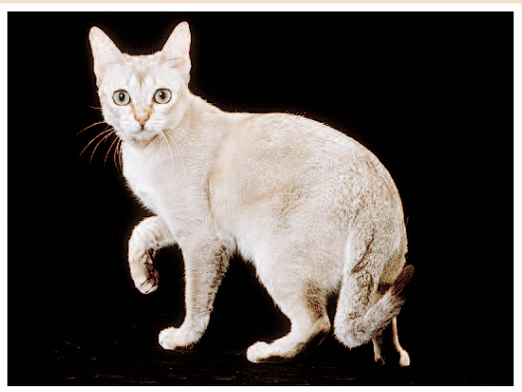
Patas
Patas bastante musculosas, estrutura óssea fina. Pés pequenos e ovais.

Cauda
De comprimento médio, bastante fina sem ser excessivamente afilada. Extremidade arredondada.

Pelagem
Pêlo fino, muito curto, mas não com textura de pelúcia, acamado. "Ticking" de 4 faixas ou mais, alternando do castanho-escuro até ao marfim, excepto na zona do abdómen, na garganta e no interior da patas que são de uma tonalidade marfim velho. "M" frontal, linhas de delineamento escuras no nariz, nos olhos e nas almofadinhas. Pulseiras não unidas nas patas.
Cor sépia agouti, evidenciando um "ticking" castanho-escuro sobre um fundo marfim velho forte (brown ticked tabby). Nariz rosa salmão, almofadinhas castanhas-escuras. Interior das orelhas de cor salmão com pêlos marfim. A espinha dorsal pode ser escura, tal como a ponta da cauda.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Orelhas e olhos pequenos. Focinho demasiado curto. Pelagem com textura de pelúcia. Tons frios da gama cinzenta. Ausência de barras na zona interior das patas. Ausência de linhas de delineamento no nariz e no colar.
Desqualificação: olhos azuis. Colares contínuos, pulseiras circulares nas patas, barras na cauda. Medalhões brancos ou qualquer outra mancha.



Características/ Particularidades
O Singapura é um gato equilibrado. Curioso em relação a tudo, sociável, muito afectuoso, meigo, é um animal sensível que precisa de muito carinho. Discreto, possui uma voz suave. Anda sempre atrás do dono. No exterior revela-se um excelente caçador. A gata é reputada pelo seu grande amor maternal. A sua manutenção resume-se a uma escovagem semanal.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Snowshoe

País de Origem:
Estados Unidos

Uma raça de pés brancos nascida na América

Esta nova raça resulta do desejo de reunir num único gato os pontos do Siamês e as patas com luvas do Birmanês. Foi criado nos anos 60, nos Estados Unidos por Dorothy Hinds-Daugherty, uma criadora de Filadélfia, através do cruzamento do Siamês e do American Shorthair bicolor.
O Snowshoe (sapato de neve) recorda um Siamês com luvas brancas. Raça reconhecida pela T.I.C.A. nos anos 80 e, muito embora tenha obtido um certo êxito nos Estados Unidos, continua a ser bastante rara.

Snowshoe

Aspecto geral
De tamanho médio. Peso: 2,5 a 5,5 kg.
Uma combinação de força, graça e elegância.
É maior e mais pesado do que o Siamês.

Cabeça
Média, formando quase um triângulo equilátero (◆), de contornos levemente arredondados. Fronte ligeiramente plana. Maçãs do rosto altas. Focinho com boas dimensões, nem muito largo nem pontiagudo, nem quadrado.
Sem "pinch" (◆).
Nariz direito, curvatura muito ligeira no início da fronte. Queixo firme.

Orelhas
Tamanho médio a grande, largas na base, ligeiramente arredondadas nas pontas. Pelagem dispersa.

Olhos
Bastante grandes, ovais, em forma de noz, ligeiramente oblíquos. Separados entre si pelo comprimento de um olho. Cor: azul o mais intenso possível.

Pescoço
Medianamente comprido.

Corpo
Bastante equilibrado, tipo "semi-cobby", inscrito num rectângulo. Quartos posteriores ligeiramente mais altos do que os ombros. Dorso um pouco arqueado. Estrutura óssea média. Musculatura forte mas não maciça.

Patas
Proporcionais ao corpo. Estrutura óssea e musculatura médias. Pés de tamanho médio, ovais.

Cauda
Comprimento proporcional ao corpo. Com uma grossura média na base, afilando ligeiramente na extremidade.

Pelagem
Curta, espessa, brilhante, acamada. Sub-pêlo reduzido. Cores clássicas do Siamês: seal, azul, chocolate e lilás. A cor das extremidades (pontos) deve contrastar significativamente com a cor do corpo que é sempre mais clara. Os olhos são sempre azuis.
Desenho em «V» invertido na face, manchas brancas na extremidade das patas. O ideal: 4 luvas regulares. O couro do nariz pode ser branco, sem cor, cor de carne ou mesclado.
Na variedade "Mitted" o branco não deve cobrir mais do que 1/3 do corpo. No bicolor, o branco não deve ultrapassar 2/3 do corpo.
De entre as variedades reconhecidas, assinala-se:
- o Seal point: pelagem bege escura no dorso, bege claro no abdómen e o peito de tom mais claro. Os pontos são azuis acinzentados escuros.
- Os Snowshoes nascem totalmente brancos e os pontos vão escurecendo com a idade.

Observaçóes
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Cabeça demasiado comprida. Focinho muito largo. Orelhas pequenas, arredondadas. Olhos pequenos, arredondados, com grande inclinação. Corpo muito comprido, frágil ou demasiado curto, maciço. Cauda fina. Patas nodosas, estrutura óssea fina.
Desqualificação: pelagem comprida; olhos não azuis. Motivos brancos cobrindo os pontos de cor. Menos de 4 "sapatos" brancos (■).

Características/Particularidades
Este gato de carácter forte, extremamente vivo é um bom caçador. Sociável, dá-se bem com os seus congéneres e com os cães. Brincalhão, é um excelente companheiro para as crianças. Muito meigo e afectuoso com o dono. Menos exigente do que o Siamês, é mais palrador do que o American Shorthair. A manutenção resume-se a uma escovagem semanal.

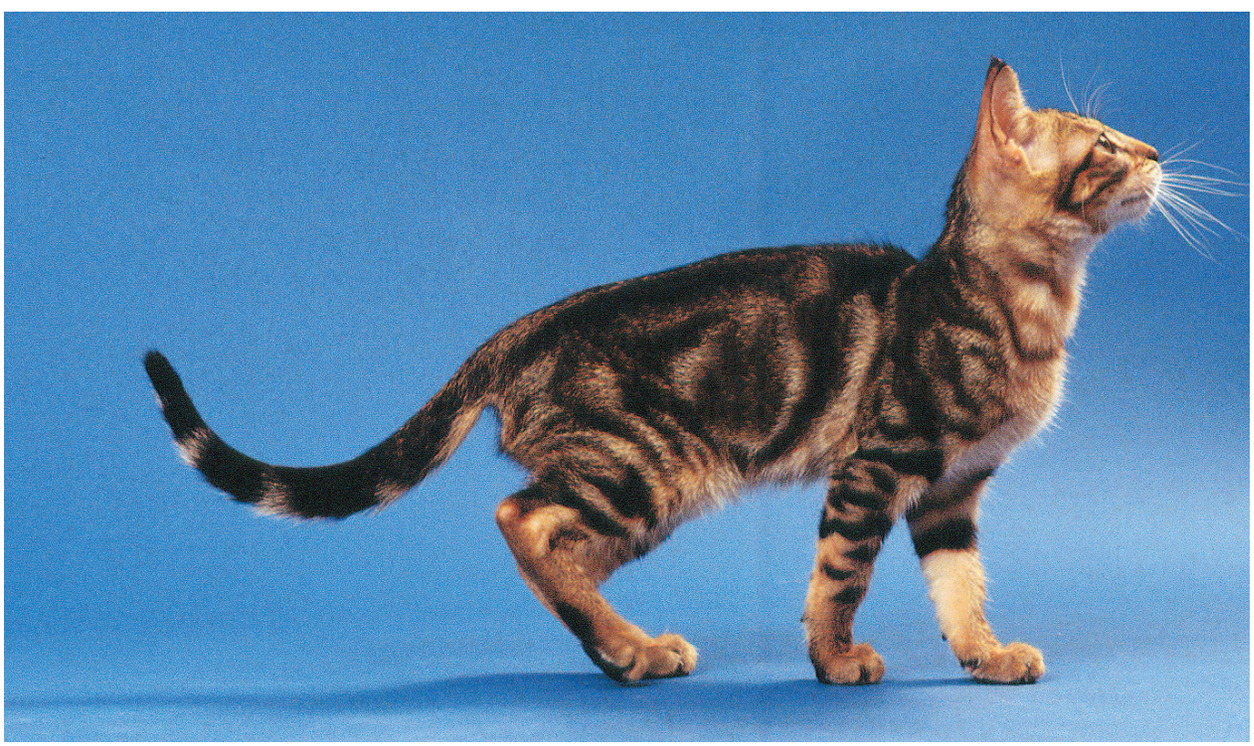
(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Sokoke

País de Origem: África (Quénia)
Designação de Origem: Khadzonzo
Outras Designações: African Shorthair

Saído directamente das árvores do Quénia

Os Sokokes são gatos que vivem desde há muito tempo na floresta do distrito Sokoke no Quénia. Passam o tempo nas árvores e são caçadores vorazes de insectos. Nos anos 70, Jeni Slater, uma inglesa residente no Quénia adoptou uma gata e as suas crias, as quais deram origem a esta raça. Gloria Moldrup, de nacionalidade canadiana e amiga de Slater, trouxe de volta à Dinamarca dois gatinhos e foi depois importando outros, de forma regular, por volta de 1980. Esses animais eram todos provenientes do gatil de J. Slater. Glória Moldrup, juntamente com outros criadores, iniciou um programa de criação.
Em 1983, foi atribuída a esta raça a designação African Shorthair. Foi reconhecida oficialmente primeiro na Dinamarca em 1992 e seguidamente noutros países. Foi homologada pela F.I.Fe em 1993. A nível internacional este gato recebeu o nome de Sokoke. Continua ainda a ser uma raça raríssima.



Sokoke

Aspecto geral
De corpulência média, esbelto, a sua pelagem é tabby marmoreado.

Cabeça
Parece pequena em relação ao corpo. Cuneiforme. Topo do crânio quase plano. Maçãs do rosto altas e bem definidas. Nariz de comprimento médio, evidenciando uma suave curva côncava. Queixo forte e largo. Zona de inserção dos bigodes bem definida. Ausência de "pinch".

Orelhas
De tamanho médio, largas na base, pontas ligeiramente arredondadas. Medianamente espaçadas. Tufos desejáveis.

Olhos
Grandes, ligeiramente amendoados, medianamente afastados e um pouco oblíquos em direcção ao nariz. Âmbar a verde-claro. Orlados por uma cor idêntica à das zonas de tonalidade uniforme das marcas.

Corpo
Medianamente longo, esbelto, bastante musculoso. Estrutura óssea sólida. Peito bastante desenvolvido.

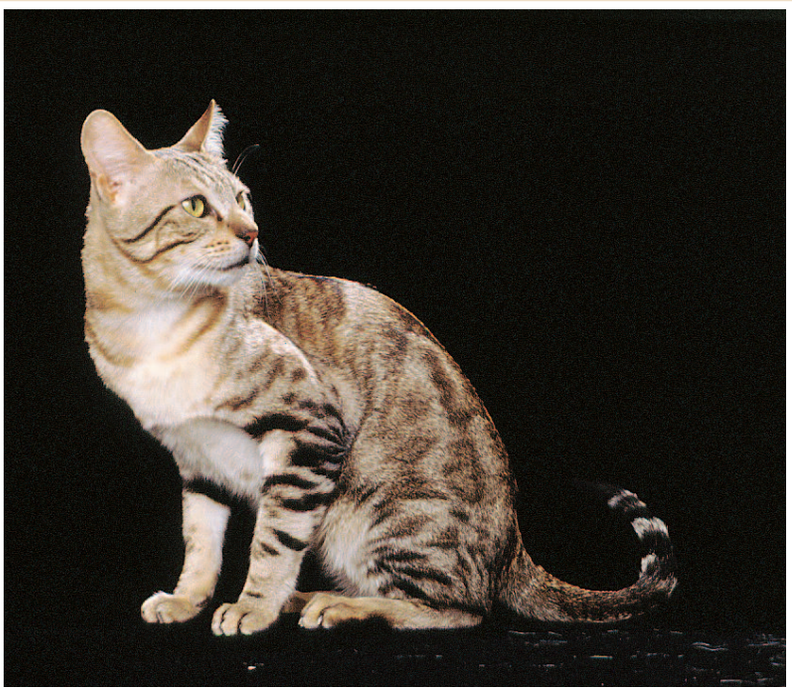
Patas
Compridas, esbeltas e bastante musculosas. As patas anteriores são mais curtas do que as posteriores. Pés ovais.

Cauda
Medianamente comprida, grossa na base, afilando até à extremidade.

Pelagem
Pêlo curto, brilhante mas não sedoso, acamado. Pouco ou nenhum sub-pêlo. Cor reconhecida: brown blotched tabby, ou seja, tabby marmoreado de tonalidade castanha ou negra, com uma base mais ou menos escura. A ponta da cauda é sempre negra. Cada pêlo apresenta riscas claras e escuras alternadas.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Cabeça demasiado oriental. "Stop" demasiado acentuado. "Pinch". Corpo muito entroncado, deselegante. Desqualificação: medalhão branco ou presença de branco em qualquer parte do corpo para além das narinas, queixo e garganta.



Características/Particularidades
Gato activo, excelente trepador, bom nadador e independente.
Sociável com os seus congéneres e com os cães. Meigo, afectuoso, é um bom companheiro.
Adapta-se à vida em apartamento, mas tem necessidade de espaço pelo que será útil dispor de um jardim. A manutenção resume-se a uma escovagem semanal.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Somali

País de Origem: Estados Unidos, Canadá
Outra Designação: Longhaired Abyssinian

Uma raposa em casa

Nas ninhadas de Abissínios desde sempre surgiram - aliás, com um tipo muito mais substancial do que o actual - gatinhos de pêlo suave e semi-longo. Mas os criadores consideravam-nos sem interesse e não os incluíam na reprodução. O gene responsável pelo pêlo comprido teria sido introduzido pelo cruzamento entre o Abissínio e gatos de pêlo comprido (Persas ou Angorás).

No Canadá, foi apenas nos anos 60 que os criadores Don Richings, Mary Mailing e o juiz Ken Mac Gill mostraram interesse por estes novos gatos.

Em 1976, a criadora americana Evelyn Magueconseguiu fixar o carácter do pêlo semi-longo do Abissínio.

A nova raça foi baptizada com o nome Somali, como referência ao país vizinho da Etiópia, de onde se supõe ser originário o Abissínio.

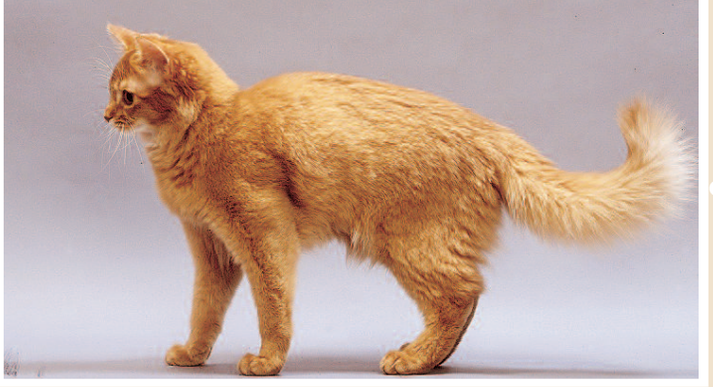
E. Mague criou o gatil LynnLee's assim como o primeiro clube da raça nos Estados Unidos. Expôs o primeiro Somali em 1972. A C.F.A. reconheceu a raça em 1977. Lynn Lee's Picasso e Lynn Lee's Pearl, dois Somalis provenientes do gatil de E. Mague, chegaram a França em 1979.

A F.I.Fe homologou a raça em 1983.

Este gato tem vindo a registar um interesse crescente por parte do público.

Somali

Aspecto geral
De tamanho médio e com aspecto "real", recorda um Abissínio mas com pêlo semi-longo. Tipo longilíneo. Peso: 3,5 a 5,5 kg.



Cabeça
Vista de frente, forma um triângulo de contornos arredondados. Testa ligeiramente arredondada.
De perfil a cabeça apresenta uma curvatura suave. Focinho nem pequeno nem pontiagudo. O "pinch" é considerado um defeito (▼). Nariz de comprimento médio, sem "stop". Queixo firme e bem desenvolvido.

Orelhas
Grandes, largas na base, bastante espaçadas, com pontas ligeiramente arredondadas. "A marca do polegar" é desejável da parte posterior da orelha. São apreciados os penachos nas extremidades.

Olhos
Grandes, amendoados, bastante espaçados, sublinhados por um curto traço vertical (vestígio do "M" nos gatos tabby). Cor: âmbar, verde.

Pescoço
Porte gracioso.

Corpo
Corpulência e comprimento médios, tipo semi-estrangeiro, gracioso. Dorso ligeiramente arqueado. Musculatura forte.

Patas
Longas, finas, bastante musculosas. Pés compactos, ovais. Parece caminhar na ponta dos pés.

Cauda
Longa, erguida e muito peluda como a da raposa.

Pelagem
- *Pêlo semi-longo, denso, muito fino e suave. Curto na face, zona anterior dos membros e ombros; semi-longo no dorso, flancos, peito e ventre. Comprido no pescoço, zona posterior das coxas (calções) e na cauda (penacho). O sub-pêlo não é alongado como no Persa.*
- *Cor: ticking na pelagem, ou seja, presença em cada pêlo de uma alternância de faixas escuras e faixas claras. No mínimo, 2 a 3 faixas podendo chegar até 8. A extremidade do pêlo deve apresentar uma faixa escura. Citamos algumas variedades:*
- *Lebre: ("usual" na Grã-Bretanha, "ruddy" nos Estados Unidos), faixas negras e faixas cor de alperce.*
- *Azul: faixas azul ardósia e faixas creme*
- *Sorel: ("red" nos Estados Unidos) faixas chocolate e faixas cor de alperce*
- *Bege fawn: faixas bege escuro e faixas bege claro*
- *Silver sorel: faixas chocolate e faixas brancas*
- *Silver azul: faixas azuis e faixas brancas.*

A C.F.A. aceita o ruddy, o red, o azul e o fawn. Na Europa é aceite um número superior de cores.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: Abissínio.

Defeitos
Cabeça redonda ou de tipo Siamês.
"Stop" acentuado.
Olhos redondos, não marcados com a cor do ticking. Orelhas pequenas ou pontiagudas. Corpo muito entroncado. Cauda e patas com anéis. Cauda em forma de chicote. Medalhão branco, marcas no abdómen.

Características/Particularidades
Trata-se de um gato muito vivo e activo, mas não exuberante. Robusto, equilibrado, com um carácter pacífico, é mais calmo do que o Abissínio.
Dotado de um temperamento meigo, mostra-se sociável com os seus congéneres e com os estranhos. Muito brincalhão, convive bem com as crianças. Meigo, muito afectuoso, requer muita atenção mas mostra-se menos possessivo do que o Abissínio.
Embora receie um pouco o frio, não suporta a vida num apartamento. Grande caçador, convirá dispor de um jardim. A manutenção da sua pelagem requer apenas uma escovagem semanal. Em período de muda, deverá ser feita diariamente. As crias nascem praticamente bicolores: escuros na parte superior e claros nas zonas em declive. O ticking vai-se instalando de forma progressiva. De igual forma, a pelagem só atinge o comprimento e aspecto definitivo durante o segundo ano de vida.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Sphynx

País de Origem: Canadá, Estados Unidos, Europa
Outra Designação: Canadian Hairless

Um gato nu que receia o sol

Os gatos nus surgiram no mundo em diferentes épocas. Na era pré-colombiana existiam já os gatos nus mexicanos.

Em 1938, o professor Létard descreve em França o alelo mutante h de crias nuas descendentes de um casal de Siameses. Em 1966, a gata Elisabeth da Sra. Micalwaith, de Ontário, Canadá, dá à luz um macho nu ao qual foi dado o nome de Prune. Prune e Elisabeth tiveram crias sem pêlo. A mutação responsável por este carácter deve-se ao alelo recessivo hr. Ainda em Ontário e na mesma época, a Sra. Smith descobriu Bâmbi, um gato nu, branco e preto. Pinkie e Squeakie, duas gatas nuas, foram adoptadas na Holanda por Hugo Hernandez. Nos anos 80, foram descritos casos similares na Grã-Bretanha.

Enquanto que nos Estados Unidos estes gatos eram postos de parte, alguns criadores europeus, nomeadamente franceses, mostraram o seu interesse a partir de 1983, assim como criadores holandeses.

De facto é impossível ficar indiferente diante destes gatos, que são adorados por uns, depreciados e marginalizados por outros. Face ao sucesso e curiosidade suscitados durante as exposições, os criadores americanos importaram gatos Sphynx da Europa. A raça foi reconhecida pela T.I.C.A. mas a C.F.A. e a F.I.Fe recusaram-se a fazê-lo. O Sphynx está pouco divulgado.

Sphynx

Aspecto geral
Formato médio. Peso: 3,5 a 7 kg. Estrutura óssea média. Boa musculatura. Pele coberta por uma fina penugem. Pêlo esparso. Pele enrugada.

Cabeça
De tamanho médio, anguloso, levemente triangular. Mais comprida do que larga. Testa achatada. Maçãs proeminentes. Nariz curto, stop definido(■), "stop" ligeiro(◆). Focinho muito arredondado, largo, curto. "Pinch" pronunciado. Queixo firme. Bigodes dispersos, curtos ou inexistentes.

Orelhas
Muito grandes e largas na base. O interior é totalmente nu. Está permitida uma penugem leve na zona posterior da orelha.(◆).

Olhos
Grandes, em forma de limão, canto superior virado para a orelha, muito afastados. Cor em consonância com a cor da pelagem.

Pescoço
Longo, arqueado, musculoso, forte nos machos.

Corpo
De tamanho médio. Peito muito largo, em forma de tonel. Abdómen arredondado. Lombo forte. Estrutura óssea bastante fina a média (◆) Boa musculatura.

Patas
Comprimento proporcional ao do corpo. Patas anteriores levemente arqueadas, ligeiramente mais curtas do que as patas posteriores. Ossatura média. Musculatura firme e bem desenvolvida. Pés de tamanho médio, ovais com dedos compridos. Almofadinhas plantares muito espessas.

Cauda
De comprimento médio, fina, em forma de chicote, a que se dá o nome «cauda de rato». Pode apresentar um tufo na ponta, designando-se então por «cauda de leão»

Pelagem
Pele aparentemente nua, cuja textura recorda a do camelo. Pele enrugada na cabeça, corpo e patas. Noutros pontos apresenta-se esticada. A pelagem está reduzida a uma penugem fina em grande parte do corpo. Alguns pêlos estão presentes na face, pés, cauda e testículos. Assim sendo, «gato nu» é uma designação inadequada. Estão reconhecidas todas as cores, assim como todos os motivos. O branco parece rosa e o negro cinzento-escuro.

Observações
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

Defeitos
Aspecto muito frágil, delicado, muito pequeno. Cabeça muito estreita. Perfil recto. Corpo compacto ou comprido. Desqualificação: olhos muito pequenos. Ausência de «pinch» (◆).
Dedos muito pequenos. Pêlos encrespados do Devon Rex ou do Cornish Rex durante a muda. Depilação ou tosquia evidentes

Características/Particularidades
O Sphynx é vivo, esperto, independente. Sociável em relação aos seus congéneres e cães, nunca se mostra agressivo. Muito afectuoso, até possessivo, adora ser mimado.
A vida num apartamento está perfeitamente adequada para este animal porque é muito sensível ao frio, ao calor e à humidade. No Inverno, é indispensável administrar uma alimentação energética para manter a temperatura corporal ligeiramente superior à da espécie.
Ainda que fique bronzeado é conveniente evitar a exposição ao sol pois pode resultar em queimaduras. Contrariamente a outras raças de gatos, transpira pela pele, requerendo, como tal, uma limpeza regular com uma luva de banho. O banho em si não é aconselhável. Além disso, as orelhas deverão ser objecto de cuidados regulares pois produz muito cerúmen.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Tonquinês

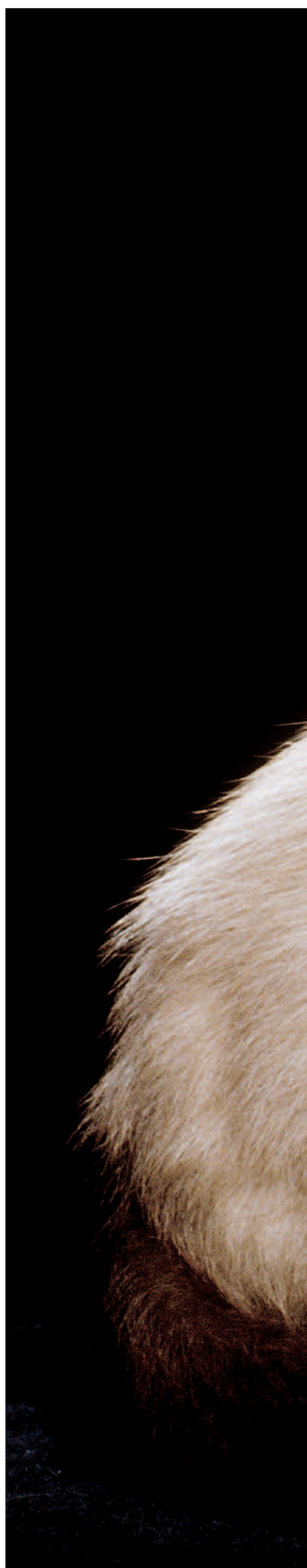
País de Origem:
Estados Unidos, Canadá
Designação de Origem:
Golden Siamese
Outra Designação:
Siamês dourado

Uma pelagem de vison para este híbrido de Siamês e Burmês

Uma nova raça, criada na América do Norte e no Canadá nos anos 30, através do cruzamento do Siamês com o Burmês, baptizado Siamês Dourado, e que na altura não despertou qualquer interesse por parte do público. Na época, o Siamês era mais forte, mais robusto e o Burmês menos redondo que na actualidade.

Só em 1960 este gato, que recebeu uma nova denominação Tonquinês, passou a ser finalmente apreciado. Reconhecido em 1974 pela Canadian Cat Association e em 1978 pela C.F.A.

O Tonquinês, popular nos Estados Unidos, continua a ser raro na Europa.



Tonquinês

Aspecto geral
De tamanho médio, com uma morfologia intermédia entre a do Siamês longilíneo e a do Burmês medilíneo.
Peso: 3,5 a 5,5 kg

Cabeça
Vista de frente, semelhante a um triângulo equilátero de contornos arredondados. Tamanho médio, um pouco mais comprida do que larga. Maçãs do rosto altas. Focinho de comprimento médio, quadrado com uma ligeira quebra. Nariz com «stop» muito ligeiro. «Pinch» reduzido. Queixo nem proeminente nem débil.

Orelhas
De tamanho médio, largas na base com pontas arredondadas. Pêlos muito curtos deixando transparecer a pele.

Olhos
Em forma de caroço de pêssego, bastante afastados e enviesados. Cor verde azulado, água-marinha ("acqua" em inglês).

Pescoço
De comprimento médio, musculoso.

Corpo
Nem leve nem compacto. Tipo semi-estrangeiro. A garupa apresenta-se levemente mais elevada do que os ombros. Estrutura óssea média. Musculatura bastante desenvolvida.

Patas
Patas posteriores levemente mais compridas do que as anteriores. Musculatura bastante desenvolvida. Pés ovais.

Cauda
De comprimento médio, larga na base mas não grossa, afinando ligeiramente na extremidade.

Pelagem
Pelagem curta, fina, sedosa, com um brilho lustroso, luxuriante, bastante acamado como o do vison (Mink).
- Cores: marcas características do Siamês num fundo mais escuro, próximo da cor original do Burmês. Estas marcas vão-se progressivamente diluindo na pelagem, sem contraste nítido como no Siamês.
A cor definitiva não é alcançada antes dos 16 meses de idade e tem tendência como no Burmês e Siamês a escurecer com o passar do tempo. As cores são idênticas às do Burmês mas levemente atenuadas.
Citamos:
- Natural Mink (areia no Burmês; seal no Siamês((vison natural): corpo castanho forte médio e extremidades chocolate escuro.
- Champagne Mink: corpo cor de camurça creme, extremidades castanho claro.
- Blue Mink: corpo azul acinzentado suave, extremidades azul médio a ardósia.
- Platinium Mink: corpo cinzento prateado muito pálido, extremidades cor de prata mais escura.

- Honey Mink (vison mel): corpo dourado a âmbar alperce, extremidades castanho avermelhado.
A C.F.A. não reconhece o Honey Mink.

Observaçóes
Cruzamentos autorizados com outras raças: Burmês cruzado com o Siamês, produzindo na primeira geração o Tonquinês.

Defeitos
Cabeça redonda, olhos redondos, focinho curto. Corpo tipo cobby ou oriental. Barras no corpo. Anomalias ósseas na cauda. Olhos amarelos.

Características/Particularidades
Este gato, sempre alerta, é activo, brincalhão. Precisa de espaço porque é um desportista, mas é também um pouco fugidio. Muito sociável com os seus congéneres, meigo e afectuoso com os donos, é contudo menos exclusivo que o Siamês. No entanto, requer muita atenção e detesta estar só. Os cuidados resumem-se a uma escovagem semanal.
Se o cruzamento Siamês-Burmês produzir apenas crias Tonquinesas é preciso ter em conta que a união de dois Tonquineses irá produzir, estatisticamente, 50% de Tonquineses, 25% de Burmeses e 25% de Siameses, o que explica o facto das associações felinas europeias não considerarem a autenticidade desta raça.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Turco do Lago de Van

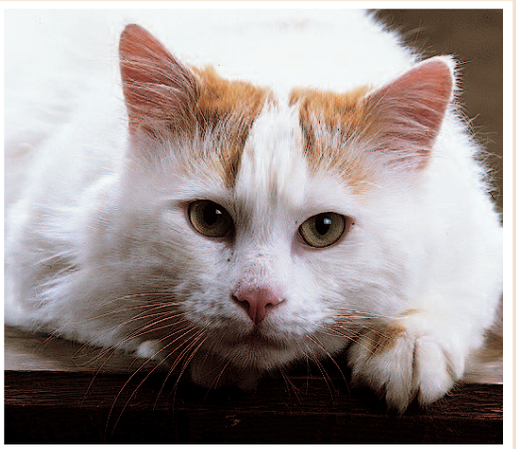
País de Origem: Turquia
Outras Designações: Turkish Van, Turc Van, Gato Turco nadador

Todo branco com uma marca na cabeça e uma bela cauda colorida

Variedade do Angorá turco, porém mais maciço, este gato deve o seu nome ao lago de Van, situado junto ao monte Ararat, na Turquia Oriental. Raça muito antiga, referida já no século XVIII, foi só em 1955 que uma criadora britânica, Miss Laura Lushington importou exemplares para iniciar uma verdadeira criação na Europa. O G.C.C.F e a F.I.Fe reconheceram-na em 1969.
Em 1982, o Turco do Lago de Van chegou aos Estados Unidos, local onde foi homologado pela C.F.A. e pela T.I.C.A.
Apesar disso, esta raça está pouco espalhada na Europa.

Turco do Lago de Van

ASPECTO GERAL
Tipo mediolíneo, de constituição forte, bastante maciço.
Peso: 3 a 8,5 kg



CABEÇA
Tamanho médio a grande, tão comprida como larga. Contornos arredondados, sem presença de ângulos ou linhas rectas. Maçãs do rosto altas. Focinho cheio, arredondado. Nariz com um ligeiro "stop", delicadamente aquilino(◆). "Pinch" considerável. Queixo um pouco arredondado.

ORELHAS
Grandes, largas na base, de inserção alta, com extremidades ligeiramente arredondadas.

OLHOS
Grandes, em forma de noz ou de caroço de pêssego, ligeiramente oblíquos. Pálpebras orladas de rosa. Cor: azul, âmbar ou díspares. O verde é permitido, mas dá-se preferência ao âmbar.

PESCOÇO
Curto e forte.

CORPO
Comprido, grande, forte. Caixa torácica arredondada. Ancas bastante largas. Estrutura óssea forte. Musculatura bastante desenvolvida.

PATAS
De comprimento médio. Patas posteriores levemente mais compridas do que as anteriores. Estrutura óssea média, boa musculatura. Pés redondos. Tufos de pêlo nas regiões interdigitais.

CAUDA
De comprimento médio, grossa, bastante farta, hirsuta ou em penacho. Os pêlos devem ter no mínimo 5 cm de comprimento. A cor é contínua em toda a cauda.

PELAGEM
Pêlos semi-longos a longos, suaves, sedosos, com sub-pêlo lanoso. Cabeção e calções bem guarnecidos de pêlo no Inverno. Pelagem de um tom branco puro. Manchas de cor ruiva (ruivo auburn) ou creme, simétricas na base das orelhas, separadas por uma chama branca. Ao nível dos quartos posteriores, uma ou outra mancha pode prolongar-se até à extremidade da cauda. A disposição destas manchas é conhecida como o motivo "Van".

Principais cores reconhecidas: ruivo e branco, creme e branco.

OBSERVAÇÕES
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

DEFEITOS
Mais de três manchas no corpo. Ausência de chama na face. Manchas mal distribuídas. Cor da cauda começando muito à frente no dorso. Desqualificações: motivos bicolores e unicolores.

Ausência de coloração nas orelhas e na cauda.

CARACTERÍSTICAS/PARTICULARIDADES
Este gato particularmente rústico, robusto, muito vivo, gosta de nadar. Graças à selecção, este animal que antes era considerado agressivo tornou-se sociável até com os seus congéneres. Independente, com um carácter forte, brincalhão, mostra-se muito afectuoso e mesmo possessívo com os seus donos. É um excelente companheiro e possui uma voz moderada. Adapta-se bem à vida num apartamento, embora um grande jardim com um lago seja mais adequado. O seu desenvolvimento é lento e são necessários 3 a 5 anos para atingir a sua beleza definitiva. Excepto durante o período da muda, bastante significativa antes do Verão, a sua manutenção requer apenas uma escovagem semanal.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

York Chocolate

País de Origem: Estados Unidos

Um citadino de pelagem castanha

O nome desta nova raça, criada nos Estados Unidos, provém da cidade de Nova Iorque e da sua pelagem castanha. Nos anos 80, na quinta de Janet Chiefari, situada no Estado de Nova Iorque, nasceram as primeiras crias York Chocolate, as quais resultaram do cruzamento de dois gatos domésticos. O pai era negro de pêlo comprido e a mãe negra e branca, também com pêlo comprido. Teriam sido os antepassados Siameses de tipo antigo, comuns aos dois progenitores, os responsáveis pela introdução do gene chocolate.

York Chocolate

ASPECTO GERAL
Aspecto de um Siamês, mas de tipo antigo.
O macho pesa entre 7 a 8 kg.
Pelagem semi-longa.

CABEÇA
Quase redonda. Crânio arredondado. Fronte levemente côncava. Focinho de comprimento médio. Nariz sem "quebra". Queixo alinhado com a ponta do nariz (■).

ORELHAS
Bastante grandes e separadas. Pontas ligeiramente arredondadas.

OLHOS
Bastante grandes e afastados, ligeiramente ovais, em forma de limão. Cor: ouro a verde (■).

PESCOÇO
Comprido e fino.

CORPO
Comprido, intermédio entre o Oriental e o "foreign" (estrangeiro). Não deve ser pesado. Estrutura óssea fina, musculatura alongada. (■).

PATAS
Compridas, com uma estrutura óssea fina e musculatura firme. Pés pequenos, arredondados. Pêlos compridos nas regiões interdigitais.

CAUDA
Comprida, fina, recta, afilando até à extremidade. Farta.

PELAGEM
Pêlo semi-longo, fino, suave, sedoso. Cauda com grande abundância de pêlo. Pode apresentar um cabeção. Cor: chocolate uniforme, lilás uniforme e estas cores na modalidade bicolor. (■).
As crias são nitidamente mais claras do que os adultos. Marcas "tabby" e "tipping" aceitáveis até aos 18 meses de idade.

OBSERVAÇÕES
Cruzamentos autorizados com outras raças: nenhum.

DEFEITOS
Cabeça demasiado oriental. Queixo fraco. Olhos de formato oriental. Corpo pesado. Desqualificação: manchas ou medalhões brancos. (■).

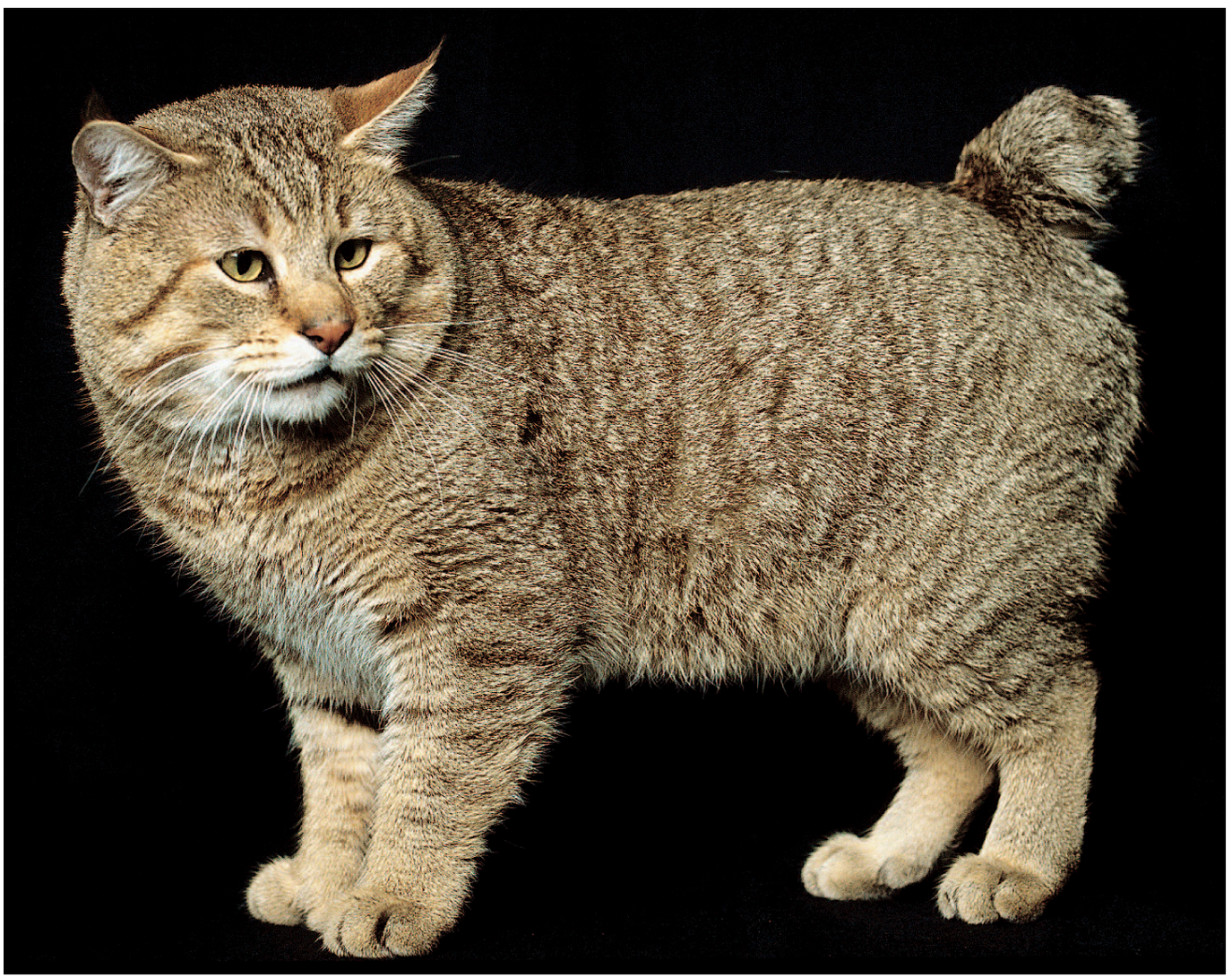
CARACTERÍSTICAS/PARTICULARIDADES
Gato vivo, enérgico e bom caçador. Brincalhão, afectuoso, é um bom companheiro.

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

Pixie Bob

País de Origem: Estados Unidos

Em 1958, Carol Ann Brewer, criadora no Estado de Washington, possuía uma gata Pixie, com polidactia (número de dedos superior ao normal). Talvez por ter sido cruzada com um pequeno lince ruivo americano (Bobcat), algumas crias da ninhada assemelhavam-se ao pai (pelagem manchada, orelhas largas). Estas crias foram chamadas de Pixie Bobs. Esta nova raça foi reconhecida pela T.I.C.A. que editou um standard em 1998. Foi adoptado em França no mesmo ano.



Pixie Bob

ASPECTO GERAL
Tamanho médio a grande, alongado. Peso: 4 a 10 kg. Aspecto selvagem.

CABEÇA
Larga, fronte proeminente. Focinho comprido e largo. Queixo muito forte.

ORELHAS
Grandes na base, arredondadas na extremidade, espaçadas. Tufos desejáveis.

OLHOS
Ligeiramente ovais, moderadamente encovados. Cor em harmonia com a cor da pelagem.

CORPO
Comprido, forte. Ombros e ancas proeminentes.

PATAS
Compridas, musculatura desenvolvida. Estrutura óssea forte. Pés grandes, dedos carnudos. É aceite a polidactia (6 a 7 dedos nas anteriores; 5 a 6 nas posteriores).

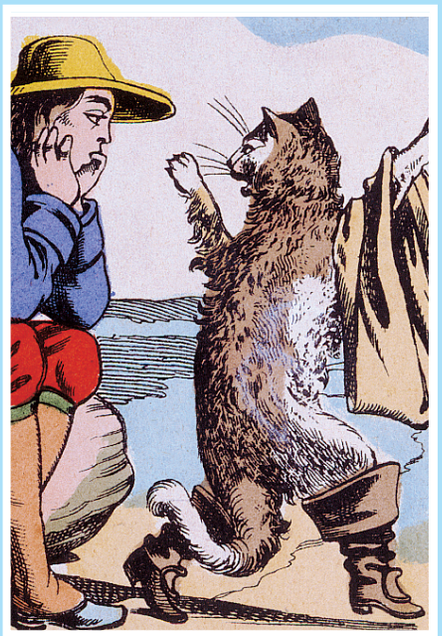
CAUDA
Curta, grossa, flexível.

PELAGEM
Pêlo curto ou comprido. Sedoso, lanoso, resistente, impermeável. Tabby mosqueado (manchas escuras em fundo claro). Ticking muito definido, sub-pêlo cinzento(◆).

(▼)F.I.Fe (■) S.C.F.F. (★) C.F.A. (◆) T.I.C.A.

2ª Parte

O GATO, O HOMEM E A HISTÓRIA



HISTÓRIA SIMBÓLICA ARTE E COMUNICAÇÃO

O gato através da história

A colecção de imagens que o gato gera através dos milénios, assemelha-se a uma escapada vertiginosa entre dois mundos extremos. De uma época para a outra, de um país para outro, o gato tem sido ele próprio e o seu oposto, Deus ou Diabo, amuleto ou fonte de todo o mal. Nunca um animal desencadeou tanta paixão, tanto ódio ou tanta adoração. Dono do Universo na Antiguidade, desprezado e torturado na época medieval, o gato dá provas de uma personalidade extraordinária ao reaparecer digno e fascinante aos olhos dos nossos contemporâneos. Qual a percepção que temos tido em relação ao gato desde que ele se aproximou do homem? Como são interpretados os seus comportamentos e atitudes? Que utilização damos a este companheiro?

A percepção do gato através da História

Dependendo da época, o gato inspirou diversos sentimentos extremos. No Antigo Egipto foi associado à Lua e ao Sol, tendo sido elevado ao nível das divindades. Na Idade Média, a Europa reservou-lhe um destino bastante diferente.

O Deus Gato

Venerado e sublimado, o gato conheceu as suas horas de glória sob o céu do Oriente.

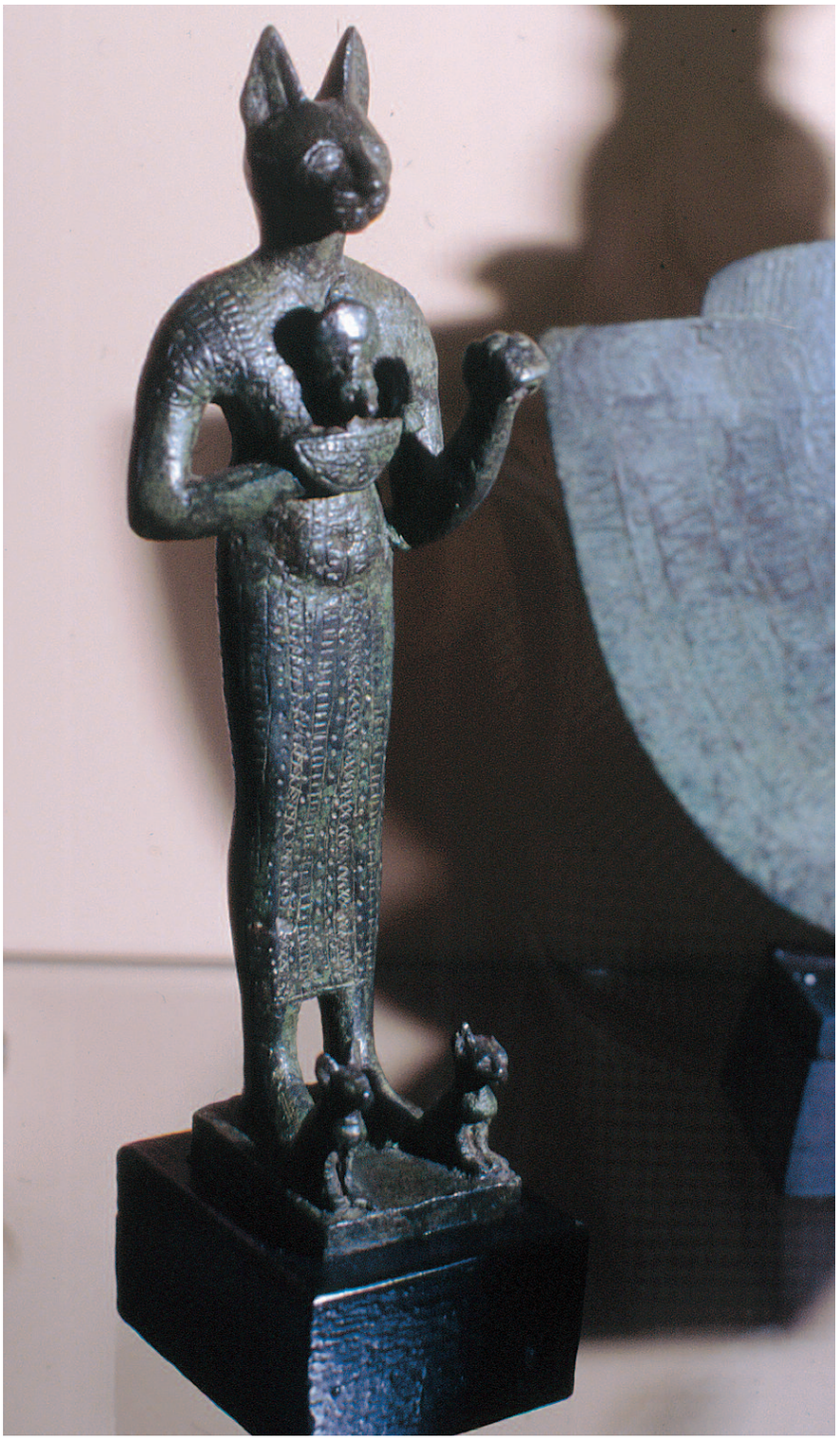
Durante a época de transição entre o Médio e o Novo Império, entre 1785 e 1557 A.C., os egípcios veneravam Bastet, a deusa-gato com corpo de mulher e cabeça de gato. Símbolo do amor e da procriação, foi venerada em Bubastis, cidade que se tornaria a capital durante o reinado dos Reis Líbios, e em Saqqara, local onde foi construído o templo Bubastéion. A criação de gatos sagrados, objecto de culto durante as festividades anuais, era uma prática frequente. Estes animais eram alimentados com pão embebido em leite e peixes do Nilo. Seguidamente, eram exibidos num cesto afim de receberem as homenagens do povo. Quando morriam, eram cobertos por um lençol e o seu corpo era tratado com óleo de cedro por um embalsamador. A prática de mumificar os gatos só teve início a partir da XXII dinastia (950 A.C.). Mais tarde, sob a XXX dinastia, durante a qual se verificou uma intensa propagação da cultura grega no país dos Faraós e no século IV A.C., época da ocupação do Egipto pelos Persas, a prática estava bastante enraizada nos costumes: as múmias eram cada vez mais numerosas. Este facto foi comprovado pela descoberta de dezasseis necrópoles de gatos, das quais as mais importantes estão localizadas em Beni-Hassan, no santuário da deusa-gato Bastet, em Saqqara e em Bubastis.

Quando foram enviadas por barco para a Europa, estas múmias de gatos ficaram inicialmente conservadas no Museu de História

Gato sobre um papiro (planta). Fragmento dos túmulos de Beni-Hassan, Egipto. École des Hautes Études, Paris. Foto, col. J.-L. Charmet.

Natural de Londres. Porém, o seu número era tão elevado que acabaram por ser utilizadas como fertilizante. Graças aos progressos alcançados nas áreas de radiologia, foi possível estudar estes antigos tesouros, os quais constituíram uma importante fonte de revelações.
De facto, estes gatos eram muito jovens, tendo a maioria dos quais idades compreendidas entre os 2 a 4 meses ou os 9 a 17 meses. Um detalhe veio proporcionar novos conhecimentos sobre os costumes dos egípcios. A marca de estrangulação presente no pescoço dos gatinhos demonstra que, antes de serem mergulhados em natrão e posteriormente embalsamados, a sua morte nem sempre provinha de causas naturais.

No entanto, o culto egípcio dedicado ao gato deixa os seus vestígios. A sua glória estendeu-se ao estrangeiro: na Gália, a descoberta de amuletos, estatuetas e sistros – nomeadamente na cidade de Toulouse, onde estes objectos eram provavelmente datados do século I A.C – ocorreu em simultâneo com a descoberta de vestígios de gatos na Grã-Bretanha, em Budbury, em Gussage All Saints e em Danebury. Esses locais testemunham a forte implantação e disseminação do gato. Durante muito tempo, a veneração do gato no Egipto "alimentou" a escrita dos autores gregos. Heródoto evocou um período de luto para as famílias que sofressem pela morte do animal. A tradição exigia que as sobrancelhas fossem rapadas como sinal de consternação. Diodoro de Sicília descreveu a paixão que os Egípcios sentiam pelo gato. Numa narrativa que se desenrola numa época crucial, em que os egípcios temiam uma guerra com Roma, este autor descreve como o Rei Ptolomeu Aulete, pai de Cleópatra, foi incapaz de salvar um inocente romano, o qual teria morto um gato acidentalmente. As leis que contemplavam os assassinos de animais sagrados eram de uma tal rigidez que o rei não tinha qualquer poder para as transgredir.



A Deusa Bastet com dois gatinhos. Estatueta em bronze, época remota.
Museu de Mariémont (Bélgica). Col. F. Gourdon, Paris.

O gato era um animal sagrado e podia influenciar as decisões dos seus adoradores. No século VI A.C., segundo o historiador Políbio, este animal teria ocupado uma posição estratégica durante um evento militar. Durante o cerco de Peluse por Cambises II, Rei da Pérsia, o inimigo apoderou-se dos gatos e colocou-os precisamente na linha da frente da batalha. Esta astúcia provocou a rendição imediata dos egípcios, os quais se recusaram a ter os seus animais sagrados no alvo das batalhas.

No Oriente, o gato foi igualmente reverenciado. De acordo com a lenda, Maomé preferiu sacrificar a sua roupa e cortar uma manga em vez de acordar a sua gata Muezza, que dormia no seu colo. No século XIII, o sultão El-Daher-Beybars deixou como herança para os gatos vadios a totalidade de um jardim, ao qual foi dado o nome de "O Pomar dos Gatos" ou Gheytel-Qouttah.

No Extremo Oriente o gato foi tratado com grande estima. Os monges budistas faziam criação de gatos sagrados. No Japão, o palácio de Kyoto abriu as suas portas a uma gata branca a qual deu à luz cinco gatinhos. O templo dedicado à gata Maneki-Neko, o qual retrata a deusa sentada com uma pata erguida em sinal de boas-vindas, prova a grande adoração que existia pelos gatos no país do Sol Nascente.

O gato solar

Associado ao sol, o gato tinha o poder de anunciar a alvorada todos os dias.

A deusa Bastet possuía uma aparência solar que era proveniente dos seus ancestrais. Tal como a sua irmã Sekhmet, era filha de Rá, o Deus Sol. Foi-lhe dado o nome de "Olho-de-Rá". Os gatos, que eram comparados à deusa, confundiam-se assim com o Sol. Contudo, mais do que o seu aspecto, eram os seus comportamentos que justificavam essa semelhança.

Na verdade, foi graças à sua actividade como caçador de serpentes que o gato permitiu que o astro solar iluminasse o Universo. Quando a deusa-gato enfrentou Apopis, o dragão-serpente permanentemente imerso em atmosferas sombrias e caóticas, conseguiu libertar o Sol da sua escura sepultura. Nas vinhetas do *Livre des morts* (Livro dos Mortos), podemos claramente observar o gato prestes a decapitar Apopis, caso a temível serpente se atrevesse a avançar.

Podemos assim deduzir que, graças à vigilância e bravura do gato, o mundo pode acordar regularmente para a luz do dia.
Considerado pelos egípcios como o guardião da noite, o gato assumiu o papel de herói, desempenhando a sua missão de sentinela no âmago das trevas. O seu papel era fundamental na travessia nocturna da barca solar que se afundava em Amenta, o Reino dos Mortos. Todas as noites se repetia o mesmo drama. Rá, o Sol, atravessava as doze regiões do Egipto enquanto as doze horas do dia avançavam. Às seis horas era vencido pelo sono, altura em que atingia as portas do mundo inferior.
Acompanhado pelos mortos que estava encarregue de guiar para o Além, já não era mais do que um cadáver obrigado a percorrer as horas da noite. Contudo, na oitava hora ocorria um fenómeno determinante: Apopis aparecia subitamente, bloqueando o caminho da barca solar. Era nessa altura que o gato, altivo e temerário, se erguia e anunciava: "Sou Atoum, o gato divino de Heliópolis". De seguida, declarava para os mortos: "Ó mortos justificados, que em vida combatestes o espírito do mal, afastarei de vós no Amenta os espíritos malignos pois sou Atoum dos Céu, Atoum das origens e do fim do mundo". Poderoso e dotado de uma força única, o gato decapitava Apopis e libertava o caminho para que a barca solar pudesse prosseguir a viagem. A intervenção do gato permitia que o Sol renascesse. Seria a décima segunda hora.
A serpente, acusada de asfixiar o Dia, está omnipresente na cultura egípcia. Figura em objectos datados da XII dinastia (1901-1785 A.C.), sob a forma de "bastões de culto" em marfim. Estes objectos representam gatos apontando uma faca contra uma serpente, simbolizando a luta de Rá contra as trevas. O Livro dos Mortos relata este episódio e fala sobre o Grande Gato. Este último, habitava na árvore da Pérsia da cidade de Heliópolis e combatia, ao lado de Rá, o dragão-serpente Apopis para permitir a irrupção da alvorada.

Muito comum, esta identificação do gato com o Sol surge também nas estelas do Novo Império.

Menina com um gato ao colo, cuja cauda é mordida por um galo. Proveniência: Bordeaux. Final do século I ou início do século II D.C. Museu da Civilização Romana, Roma. Col. G.Dagli Orti, Paris.

Um guia precioso

No mundo grego, romano e gálico-romano existe uma crença segundo a qual o gato acompanha o dono depois da morte. A estela funerária de Salamina (420 A.C.) é uma ilustração que comprova esta crença.
A estela de Laetus demonstra uma cena idêntica. No entanto, dá mais ênfase ao papel de guia desempenhado pelo gato durante todos os períodos da sua vida. Esta obra arquitectónica, datada do final do século I ou início do século II D.C, é um fragmento de um muro das muralhas romanas de Bordeaux, extraído em 1831, e ilustra uma menina com um gatinho ao colo. Este tem como missão proteger a criança dos perigos encontrados no seu caminho. O papel fundamental que o gato desempenha em relação às crianças está bem patente no universo artístico dos séculos passados. Representar as crianças no meio dos seus brinquedos e animais de estimação era um hábito enraizado tanto entre os romanos como entre os gauleses.

O gato lunar

Associados à Lua, que influenciava a gestação da gata.

Bastet, divindade benéfica, amiga dos homens e das crianças, protectora das mulheres grávidas, ao contrário da sua irmã gémea Sekhmet que representava o calor destruidor, era considerada a deusa lunar. Encarnava o calor que fecundava. Plutarco, no seu tratado Isis e Osíris, desenvolve esta associação da deusa-gato com a Lua. Na época, pensava-se que a gata podia ficar gestante sete vezes e dar à luz um total de 28 gatinhos durante toda a sua existência. Este cálculo equivale ao número de dias do mês lunar.

Os gregos confundiam a sua deusa Artemis, personificação da Lua, com Bastet, a deusa-gato. Esta confusão pode ser explicada porque, de acordo com a mitologia grega, quando Artemis fugia da perseguição do monstro Pyton, a deusa transformou-se em gata e refugiou-se no Egipto.

A comparação entre o gato e a Lua estava relacionada com um detalhe físico. O olho do felino, cuja pupila se dilata e contrai em função da intensidade da luz, intrigou os gregos. Na época, mostraram-se incapazes de encontrar uma explicação científica para este fenómeno. Supunham que a pupila crescia e diminuía em função das diferentes fases da lua.

No decurso da história, a associação entre o gato e a Lua foi uma fonte de inspiração para a arquitectura. O portal da igreja de Saint-Michel de Lescure, situada perto de Albi, é uma verdadeira obra-prima da arte românica beneditina (1150). Este portal está ornamentado com pinturas de vinte e quatro cabeças de gatos. Trata-se da ilustração de um calendário cósmico, composto por sóis alternando com luas, sobre uma decoração vegetal e animal. Destacam-se vinte e três cabeças de felinos, dispostas em semi-círculo, e uma vigésima quarta, mais volumosa, disposta como o fecho da abóbada. Representam as vinte e quatro horas do dia e sintetizam a alternância do dia e da noite.

Gato, estatueta de madeira, época antiga.
Museu de Limoges,
cedido do Museu do Louvre (França).
Col. F. Gourdon, Paris.

O gato diabo

Considerado cúmplice de Satanás, o gato foi odiado, queimado e sujeito às piores sevícias durante a época medieval.

Na Idade Média, nomeadamente entre 1180 e 1233, o gato foi vítima das piores acusações devido ao seu estranho e incompreendido comportamento. Foi associado aos crimes imaginários que os pagãos atribuíam aos cristãos e que os cristãos atribuíam aos gnósticos e judeus. Faziam parte de um ritual diabólico, organizado pelas seitas heréticas. Para os cátaros, o diabo assumia a forma de um gato.
Em 1230, nos relatos de Guilherme de Auvergne, bispo de Paris, Lúcifer é descrito como um sapo ou um gato.

O gato preto maldito

A sua cor provocou inquietação e proporcionou-lhe um destino fatal.

O gato preto suscita o desprezo e o ódio das populações. A origem desta aversão é muito antiga. Psamético II, um dos faraós da XXVI dinastia (594-588 A.C.), mandara derrubar as estátuas dos usurpadores etíopes e lançou uma maldição sobre o etíope negro. A ideia perdurou até à Idade Média, altura em que os Etíopes foram comparados ao demónio.
O pavor do ano 1000 desencadeou a animosidade do clero sobre os gato. Mais tarde, uma bula de Gregório IX, Papa entre 1227 e 1241, evoca o demónio com as feições de um gato negro cujas partes genitais seriam beijadas pela assistência antes de se entregar a uma orgia. Em 1307, o bispo de Coventry, tal como os templários da mesma época, foi acusado de ter venerado um gato preto durante a sua provação.
O corpo médico lançou uma maldição contra o gato preto. Um ilustre médico, Jerónimo Cardan, alertou os seus doentes contra os gatos negros, cruéis e audaciosos, pois, como tinham mau-humor, poderiam causar melancolia no ser humano. Vai ter início a era dos massacres de gatos.

O regresso das cruzadas e as epidemias de peste negra contribuirão para a consolidação da ideia de que o demónio estaria encarnado no corpo dos gatos. Essa imagem negativa persistiu ainda no século XV. Na Alsácia, contava-se que o diabo transportava os seus seguidores numa carruagem puxada por quatro gatos pretos.
No século XVII, na Escócia, no decurso de uma cerimónia bárbara, o Taghairm ou "Ceia do Diabo", os gatos eram empalados vivos e seguidamente queimados durante dois dias. Eram continuamente substituídos, de forma a que os seus miados agudos desencadeassem a aparição do diabo, a qual completava esta cerimónia funesta.

O cúmplice das bruxas

Associado às práticas de bruxaria, o gato despertou o ódio e a vingança.

Ágil, nocturno e silencioso, o gato tinha a capacidade de se introduzir clandestinamente no interior das casas. Suspeitava-se que praticava o mal e realizava actos de bruxaria. Sufocava as crianças no berço e quando os pais espancavam o animal maligno, as marcas e os ferimentos não apareciam no corpo do gato, mas sim no corpo de uma velha que, segundo as suas próprias confissões, se teria transformado em gato ou gata.
O gato tornou-se um ingrediente indispensável nas receitas elaboradas pelas bruxas, tendo sido usado em todos os tipos de poções. Preenchia-se a pele de um gato preto com

Bruxa preparando uma poção. Junto a ela pode observar-se uma vassoura e um gato preto. Postal de concepção folclórica de Böske Kardos, Hungria, início do século XX. Col. Particular. Foto J.-L. Charmet, Paris.

O massacre dos gatos

Foi Luís XIV que proibiu as fogueiras de São João em Paris, na Place de Grève, onde os gatos eram queimados na presença do monarca. Quando as chamas não se elevavam ao ar livre, eram ateadas nas catedrais. Em 1638, um homem supostamente de nome William Smyth desencadeou grande tumulto em Inglaterra por ter queimado um gato no solo sagrado da Catedral de Ely. Sob o reinado de Carlos VII (1660-1685), a efígie do Papa foi queimada durante procissões solenes, não sob a forma de um simples retrato mas sim de uma figura enorme cheia de gatos vivos. O efeito dramático estava garantido e a multidão não continha a sua excitação. Finalmente, nas feiras campestres, fazia parte do programa de diversões populares o tiro ao gato. Suspenso num cesto, o animal prisioneiro gesticulava e gemia enquanto era trespassado pelas flechas.

cevada, trigo e aveia. Depois de preenchido, o animal era colocado numa fonte durante três dias. A pele era seca e seguidamente moída para obter um pó de efeitos terríveis.
Estas sementes, quando lançadas do alto de uma montanha num dia de muito vento, propagavam-se por toda a região. Esta ficaria devastada e a terra tornava-se estéril.
Detestados e insultados, os gatos foram torturados e posteriormente queimados durante as festas tradicionais. Algumas cidades do norte de França e da Lorena, como Arras, Metz ou Ypres na Flandres, adquiriram a reputação de felinófobas. Durante o solstício de Verão, os gatos eram atirados do alto de uma torre e lançados às chamas no meio de uma multidão exultante. Só os gatos pretos com manchas brancas escapavam ao holocausto de São João, porque neles se encontrava gravada a marca do anjo ou do dedo de Deus.
Em Metz, até 1733, era tradição sacrificar e queimar 13 gatos.
Em Ypres, estes cruéis rituais continuaram até 1817.

Um ser maléfico

Todos os seus poderes estavam concentrados na cabeça e na cauda.

A partir da Idade Média, a literatura estava repleta de exemplos que atribuíam ao gato uma panóplia de defeitos. Os provérbios, amplamente ilustrados na pintura flamenga, são a prova disso. Astuto, matreiro e traiçoeiro, é este o retrato que se destaca das narrações, pinturas e outras obras artísticas. O gato é caracterizado como hipócrita na pele da personagem Tibert do Romance da Raposa (*Roman de Renart* - século XIII), apresentando-se crivado de defeitos sob as feições de Grippeminaud, no Pantagruel de Rabelais. Personificou também a imagem negativa da Justiça. O forro das togas envergadas pelos magistrados não era feito de pele de gato?
O poder maléfico do felino estava localizado na cabeça e na cauda. No século XV, uma crença alertou as jovens casadoiras para o perigo de pisar a cauda deste animal. Se tal acontecesse, não teriam qualquer hipótese de encontrar marido nesse ano.
Um conto literário da Sra. D'Aulnoy, datado de 1697, narra as desventuras de uma princesa que foi transformada em gata por uma fada malévola. Para libertar a jovem, o seu príncipe encantado teria de cortar a cabeça e a cauda do gato e seguidamente lançá-las no fogo para eliminar para sempre as regiões do corpo onde se concentrava o mal.
Uma das tradição da região de Poitou era muito eloquente a este respeito. Segundo a lenda, quando Deus quis criar o gato, o Diabo disse-lhe: "Faz o gato que quiseres, mas a cabeça será minha". O abominável crânio do felino teria a particularidade de conter o cérebro, sede de estranhos poderes. Se por um lado a carne de gato era considerada um manjar delicioso, especialmente em Itália e Espanha, a mioleira não tinha qualquer valor: actuava como um veneno que enlouquecia. Quanto à cauda, esta era intrigante pela sua agitação incessante, mesmo durante o sono. Suspeitava-se que nela residia uma força estranha. Por essa razão, considerou-se que seria necessário eliminar esse verme, esse veneno, a serpente ou o cabelo do Diabo que seria responsável por aquela mobilidade perturbadora.

O gato no imaginário

Idealizado e transformado, o gato tornou-se outro ser na imaginação dos homens: algumas vezes sábio, algumas vezes mãe, algumas vezes mulher.

A gata e o seu corpo

Capaz de parir ou adoptar atitudes sugestivas, a gata foi considerada uma réplica da mulher.

A mãe gata

Exemplar no desempenho do seu papel de mãe, a gata tornou-se um mito.

A partir do século IV A.C, apesar das dificuldades na exportação de gatos para além das fronteiras do Egipto, os gregos começaram a rezar a Bastet, a deusa egípcia com cabeça de gato. Deusa da música, da dança e da alegria de

viver, Bastet foi numa primeira fase a protectora e ama-de-leite das crianças reais.
Posteriormente, tornou-se a deusa da maternidade. Protegia as mulheres grávidas e os recém-nascidos. Apesar de ter cumprindo a sua missão no Grande Castelo de Rá, tornou-se muito popular e a sua protecção de mãe nutriz estendeu-se a todas as crianças do Egipto.

Inúmeros talismãs e amuletos de faiança apresentavam uma gata com cabeça de mulher e tetas cheias de leite, rodeada de gatinhos.

Foi associada à figura do Deus Bés, o protector dos partos e da amamentação. Ambos desempenharam um papel ritual durante os nascimentos. Bastet garantia um período de gestação calmo, estimulava o parto, amamentava e cuidava dos bebés. Algumas estátuas apresentam a gata deitada, aleitando as crias e vigiando as suas brincadeiras, enquanto noutras a gata está de pé, segurando três dos seus atributos: o sistro, utilizado para afastar os espíritos malignos da cama das jovens mães; o cesto de vime indispensável às parteiras sacerdotisas; a égide, um medalhão com uma imagem leonina ou felina para reforçar o seu poder protector.

A fecundidade da gata e o seu exemplar comportamento materno foram certamente factores determinantes para a idealização desta imagem protectora de Bastet.

O gato como mulher

Devido ao seu comportamento e encanto, a gata foi comparada à mulher.

A ligação entre a deusa Bastet e os gatos, a qual criou o cliché da mãe-gata, provocou a sobreposição da mulher e do gato, aumentando as semelhança entre estes dois indivíduos. Na Idade Média, a imagem assume toda a consistência. É a época em que a misoginia é um hábito, o que deixa pressupor a força negativa desta comparação. Nas trovas e outras peças satíricas, as afinidades entre a gata e a mulher revestiam-se de uma forte conotação sexual. Segundo Le Dit de Chaste-Musart, a mulher pode ser comparada a três predadores: a gata que fareja, a raposa que espreita e a loba que arrebata a presa.
No século XI, o poema do príncipe trovador Guilherme X descreve o gato como sendo um instrumento de tortura, o qual foi utilizado por duas mulheres numa vítima do sexo masculino. A história fala sobre o encontro do poeta numa estrada de Auvergne. Duas mulheres de costumes levianos confundiram o trovador com um peregrino. Guilherme, muito agradado com o engano, fingiu ser mudo para não se trair. Ermesent e Agnès, acreditando terem encontrado o homem ideal para saciar os seus desejos sem pôr em perigo a sua reputação, mostraram-se ainda assim muito prudentes. Para testar o mutismo do poeta, passaram um gato pelas costas do infeliz, que é arranhado até sangrar. Apesar dos ferimentos, Guilherme saiu vitorioso da experiência e o seu heroísmo não lhe causou qualquer arrependimento.
O tema antigo da gata que se transformou em mulher prevaleceu até à Idade Média e é encontrado em diversas formas literárias. No conto "A Gata e Afrodite", Ésope narra a aventura de uma gata apaixonada por um rapaz. Para tornar possível o seu amor, implora à deusa que a transforme em mulher. Contudo, retornou ao corpo de gata quando, em perseguição de um rato, se esqueceu da sua nova forma humana. Esta história inspirou La Fontaine em "A Gata transformada em Mulher", uma narrativa na qual se misturam e confundem o carácter felino da mulher e a feminilidade do gato.

A inteligência felina

A inteligência e as capacidades extra-sensoriais do gato posicionaram-no num nível superior.

O gato e a religião

Apesar de ter sido amaldiçoado pelo clero, o gato inspirou os construtores de catedrais.

Por volta do ano 700, o gato surgiu nas pinturas dos Lindisfarne Gospels, na Irlanda. O livro Book of Kells, composto por obras de artistas realizadas num mosteiro por volta do ano 800, possui várias ilustrações de gatos. Um poema

O gato no inferno

O gato não é esquecido quando se evoca a fúria do demónio. Assim, em 1863, no "Dicionário Infernal" assinado por Collin de Plancy, a figura do demónio Bael com três cabeças representa três animais diabólicos: o sapo, a aranha, e, obviamente...o gato.

"O Jardim das delícias terrestres", detalhe do painel esquerdo: a criação do homem e da mulher por Deus Pai. Jerónimo Bosch (1450-1516). Madrid, Museu do Prado. Col. G Dagli Orti, Paris.

irlandês escrito por um monge no final do século VIII ou início do século IX, adaptado à música em 1953 por Samuel Barber, descreve os encantos do convento quando a presença de um gato alegrava a vida dos monges.

Dois séculos mais tarde, em Monasterboice, a cruz celta de Muireadach, datada do século X, apresenta na sua base dois gatos que seguram entre as suas patas um passarinho e um gatinho.

Um bestiário inglês do século XII, o qual ilustra Cristo abençoando a criação, coloca o gato entre o coelho e o esquilo mostrando-o muito atento a tudo o que o rodeia.

Ignorado pelos textos bíblicos, este animal é objecto de uma nova interpretação. Em França, nos séculos XII e XIII, o salmista Jean Pucelle ilustra um gato e um velho que se aquecem à lareira (*Livre des Prières*, escrito por Bonne de Luxembourg por volta do ano 1345). O Livre d'heures de Jeanne d'Evreux, sensivelmente do ano 1325, mostra um gato brincando com o novelo de lã de uma mulher que se encontra a fiar. No livro Heures à l'usage de Paris, concluído no século XVI, que contém orações para recitar durante o dia e ilustrações de animais, o gato é representado de patas amarradas, sendo prisioneiro de dois ratos que o levam num barco. Vê-se também nessa série de desenhos um tritão gigante que agarra o gato pelo pescoço enquanto o ameaça com o seu chicote.

O gato adivinho

Fosse ele bruxo ou mago, as suas mensagens gestuais eram escutadas.

Dependendo da posição do seu corpo, o gato era capaz de revelar o futuro ou anunciar visitas agradáveis ou inoportunas. Enquanto cuidava da sua higiene, a pata que esticava apontava a direcção da qual vinha o visitante. A parte do corpo que lambia e limpava indicava se era homem ou mulher. O gato poderia ainda anunciar uma longa doença. Quando abandonava a casa do doente ou se afastava da cama do seu protegido, significava que tinha chegado o momento exacto da morte. Finalmente, o gato era também um verdadeiro indicador meteorológico. Se levantasse a pata acima da orelha enquanto cuidava da sua higiene, anunciava chuva.

A utilização do gato na História

Apreciado como amuleto, o gato vivia em harmonia com a Terra. Caçava roedores e tornou-se um animal de estimação.

O gato mágico

Curava, enriquecia e fertilizava a terra.

O gato remédio

Simultaneamente, o gato provocava as doenças e curava os males.

Segundo o médico Suíço Conrad Gesner, autor de *Historia animalium* (1551), o gato era acusado de provocar graves perturbações respiratórias. Se os seus pêlos fossem acidentalmente engolidos, corria-se o risco de sufocar. O seu hálito nocivo poderia provocar a morte daqueles que se atrevessassem a dormir na sua companhia. Alguns médicos (Ambroise, Paré, Matthiole) aconselharam as pessoas a não respirar o ar contaminado pelos cães e gatos.
Bastava um simples olhar do gato para provocar o pânico nos pacientes. Para se proteger contra todos esses males a medicina recorreu a preparações específicas. Os remédios, feitos à base de carne, fígado ou excrementos de gato, eram recomendados contra as hemorróidas, varizes, lombalgias, gota, febre, cálculos renais e algumas afecções dos olhos.

O gato e o dinheiro

Tinha o poder de enriquecer o dono.

As lendas associavam o gato, o animal do pobre, a uma fortuna súbita e inesperada. Este facto é revelado no célebre conto do Gato das Botas, no qual Charles Perrault descreve a pobreza do moleiro que deixa ao seu filho um gato como herança. Outro exemplo é a lenda sobre a Fundação de Veneza, relatada nos *Anais* por Albert de Statd, no final do século XII. Os habitantes de Aquileia, perseguidos pelas hordas de Átila, refugiaram-se na ilha que mais tarde se tornou Veneza. Imediatamente antes da partida para a ilha, um homem rico propôs sociedade a um pobre. Este último não possuía dinheiro para o capital: a sua única fortuna era constituída por dois gatos. Contudo, uma vez cedidos ao seu sócio, os dois felinos revelaram-se verdadeiros amuletos, na medida em que declararam guerra aos ratos que pululavam no território veneziano. Como tal, foram vendidos por um preço muito elevado. Livre da praga que a assolava, Veneza conseguiu nascer.

No final do século XIV, a história do inglês Richard Whitington também ilustra o poder enriquecedor do gato. Este aventureiro partiu em direcção à Índia tendo como única bagagem um gato. Na sequência do naufrágio do navio no qual embarcara, o gato veio parar a terra. Solto num território infestado de ratos, iniciou uma caçada ininterrupta. O soberano do país recompensou o gato, que o nomeou generalíssimo do exército, bem como o seu dono, o qual foi promovido a conselheiro. Alcunhado de "Milord Cat" ou "Lord Pussy", Richard Whitington tornou-se Presidente da Câmara de Londres, local onde mandara construir o palácio que abriga a Bolsa.
Na tradição rural, os gatos eram frequentemente associados ao dinheiro. Dizia-se que para ser rico bastava colocar junto ao gato, antes do deitar, uma bolsa contendo dinheiro e sussurrar ao ouvido do animal: "Faz o teu dever!" No dia seguinte, a bolsa estaria repleta de moedas de ouro. A seguir, apenas era preciso compensar o animal com uma boa refeição. O inconveniente é que o gato que era utilizado para fazer fortuna servia 9 amos, um de cada vez. Quando levava a alma do nono, tomava a direcção do Inferno. Nesta história, o gato assume o papel de vítima, pois os donos só têm uma ideia em mente: livrar-se dele rapidamente, logo que a sua fortuna esteja constituída.

O gato e a terra

Os gatos foram associados às forças telúricas.
A presença do gato foi benéfica para as culturas. Dava vitalidade às raízes, às ervas e aos rebentos. Em Béarn, um gato foi enterrado vivo num campo e acabou com as ervas danin-

Gatos protectores dos bichos-da-seda. Acredita-se que os gatos-espíritos afastavam os ratos, grandes apreciadores de bichos-da-seda; as flores constituem um bom presságio e preservam os bichos de seda das epidemias.

Imagens populares chinesas, início do século XX. Reproduzidas na obra do padre H. Doré sobre as superstições da China. B.N. Col. J.-L. Charmet.

O gato sortilégio

O gato representa um amuleto em matéria de amor. Na Idade Média, uma mulher que quisesse ter um marido fiel deveria respeitar o seguinte ritual: aprisionar o gato durante 2 dias sob uma bacia, obrigando-o a respirar pão embebido em urina e untar-lhe as patas com um unguento.
No folclore germânico, diz-se que uma jovem que seja seguida por um gato até à porta da igreja será feliz no amor.
Outra crença revela que uma virgem, ao regressar do baile, não tardará a encontrar o homem da sua vida se tiver a sorte de se cruzar com um gato mosqueado no caminho.
Mas para o homem, o gato já não se mostra tão propício: se o ser masculino gostar de gatos, não encontrará mulher.

has. Este facto pode ser explicado pelo poder de comunicação do gato: a força da sua vida penetrava nas sementes, reforçando-as e ajudando-as a triunfar sobre as plantas indesejáveis. Outra crença afirmava que se um gato fosse enterrado junto a uma árvore doente, esta ficaria de novo saudável. Finalmente, se um gato fosse enterrado ou construído numa muralha, garantia solidez e força para todo o edifício. Os gatos sacrificados no decorrer de cerimónias eram comparados a espíritos da vegetação. A sua morte assegurava um ano de fertilidade e prosperidade para toda a comunidade. Por vezes, os gatos e as plantas surgiam intimamente associados.

No Franche-Comté, a expressão "matar o gato" no final da colheita significava cortar o último feixe da planta.

Contudo, devido ao poder que o gato tinha sobre a natureza, ele também podia trazer maldições. Estas eram representadas pelo frio, pelo Inverno ou ainda pelas pragas e influências maléficas que colocavam em perigo as sementeiras de Outono e da Primavera.

O gato útil

Ao eliminarem a população de roedores que prejudicam as colheitas, começam a ser apreciados como animais de estimação.

O gato caçador

Como substituto de doninhas e civetas.

Quando o homem introduziu o gato no seu lar, fê-lo em troca de um serviço. Exigia que este talentoso predador eliminasse os roedores que infestavam a cave e o celeiro. Foi este mesmo contrato que justificou a presença dos gatos nos navios, em longas viagens de um continente para o outro, facto que estabeleceu a geografia felina e que aumentou a variedade de raças.

No século X, as leis estabelecidas sob o reinado de Howel Dda fixaram o valor do gato em função da sua idade e da sua qualidade como caçador: na Venédotie (Norte) valia um "penny" desde o nascimento até que abrisse os olhos, 2 "pence" até apanhar o primeiro rato, 4 "pence" na idade adulta. Em qualquer caso, era indispensável que "o gato visse, escutasse e matasse os ratos".

Na Idade Média, o gato substituiu as civetas e as doninhas. O gato listrado, também chamado gato Syrian em Itália, era o mais apreciado pelas suas qualidades de caçador. Florentino Soderini (1526-1597) elogiou o seu talento no país onde o gato listrado iniciou a sua implantação.

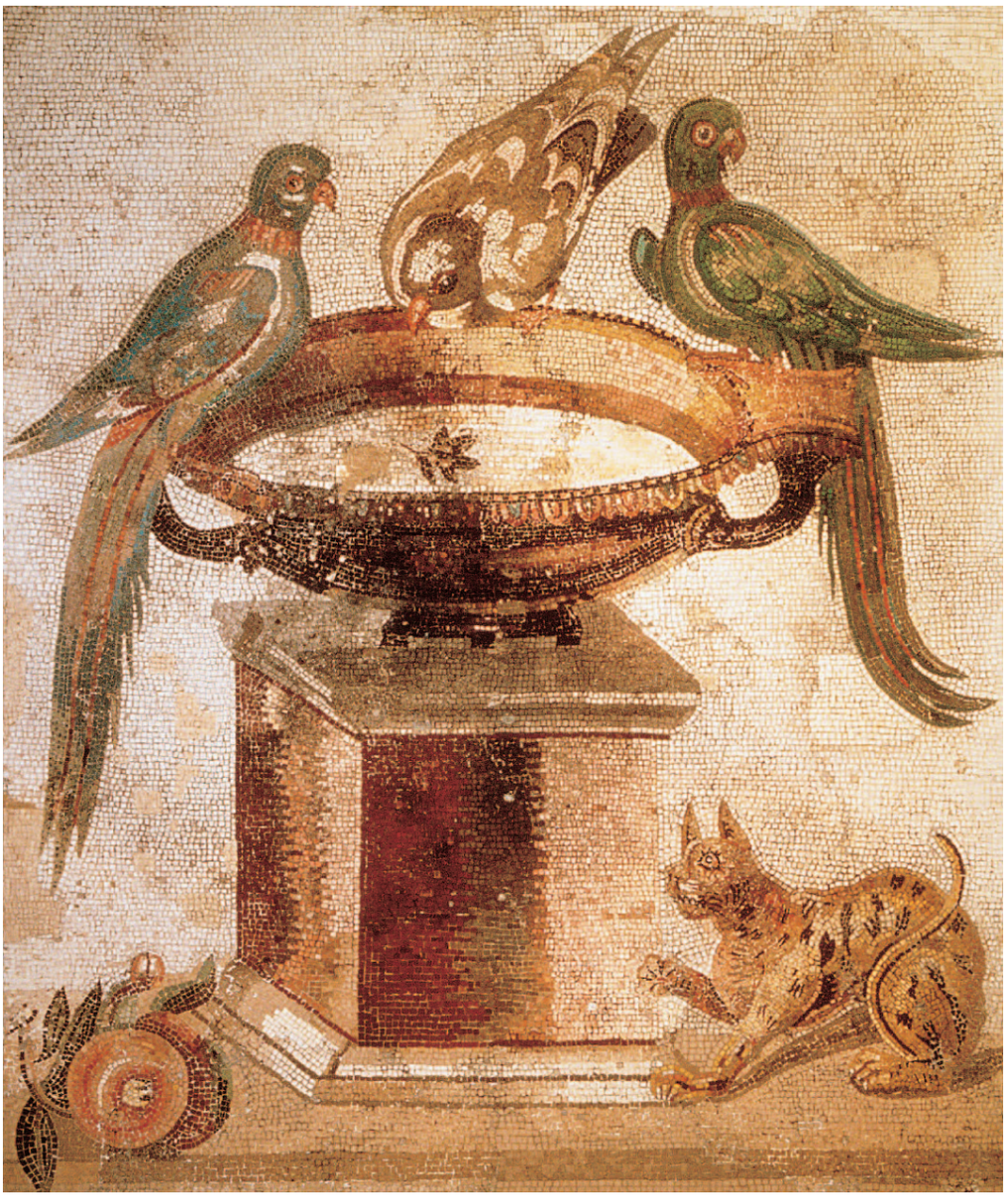
O gato tomava conta das reservas de cereais nos lares e nos mosteiros. Os caseiros não alimentavam os gatos para que estes se tornassem mais eficientes. Porém, a partir de 1730, os gatos começaram a ser expulsos dos celeiros pelas ratazanas. No século XIX, deixaram de prevalecer sobre os ratos.

O gato como animal de estimação

A sua actividade como rateiro foi ultrapassada pelo seu papel de sedutor.

Permanece ainda por descobrir o local onde o gato foi primeiramente domesticado. Terá sido na Pérsia ou no Egipto? A dúvida subsiste com a descoberta de ossadas em dois locais diferentes: um num pólo arqueológico em Jericó, do ano 6.700 A.C., e outro no vale do Indo em Harapp, que data de 2.000 anos antes da nossa era. Apesar da presença de vestígios localizados em residências, ignora-se ainda o verdadeiro local da domesticação do gato. De acordo com a hipótese mais plausível, este fenómeno teve início 4.000 anos antes da nossa Era. No Egipto, a sedentarização do Homem e o desenvolvimento da agricultura nas margens do Nilo, aproximou o gato selvagem dos agregados populacionais. Os animais eram atraídos pelas presas que se refugiavam nos campos e nos celeiros.

Pouco a pouco, o gato começou a tolerar as outras espécies e procurou aproximar-se do Homem. Gradualmente, foi dominando o seu medo e foi-se transformando fisicamente. Abandonou o seu pêlo de camuflagem, o qual era inútil visto que se encontrava longe da savana. Instalou-se nas casas para delas eliminar, graças aos seus dentes aguçados e patadas violentas, tanto roedores como víboras e cobras que rastejavam pelo solo. É desta forma que o gato entrou na era da domesticação.



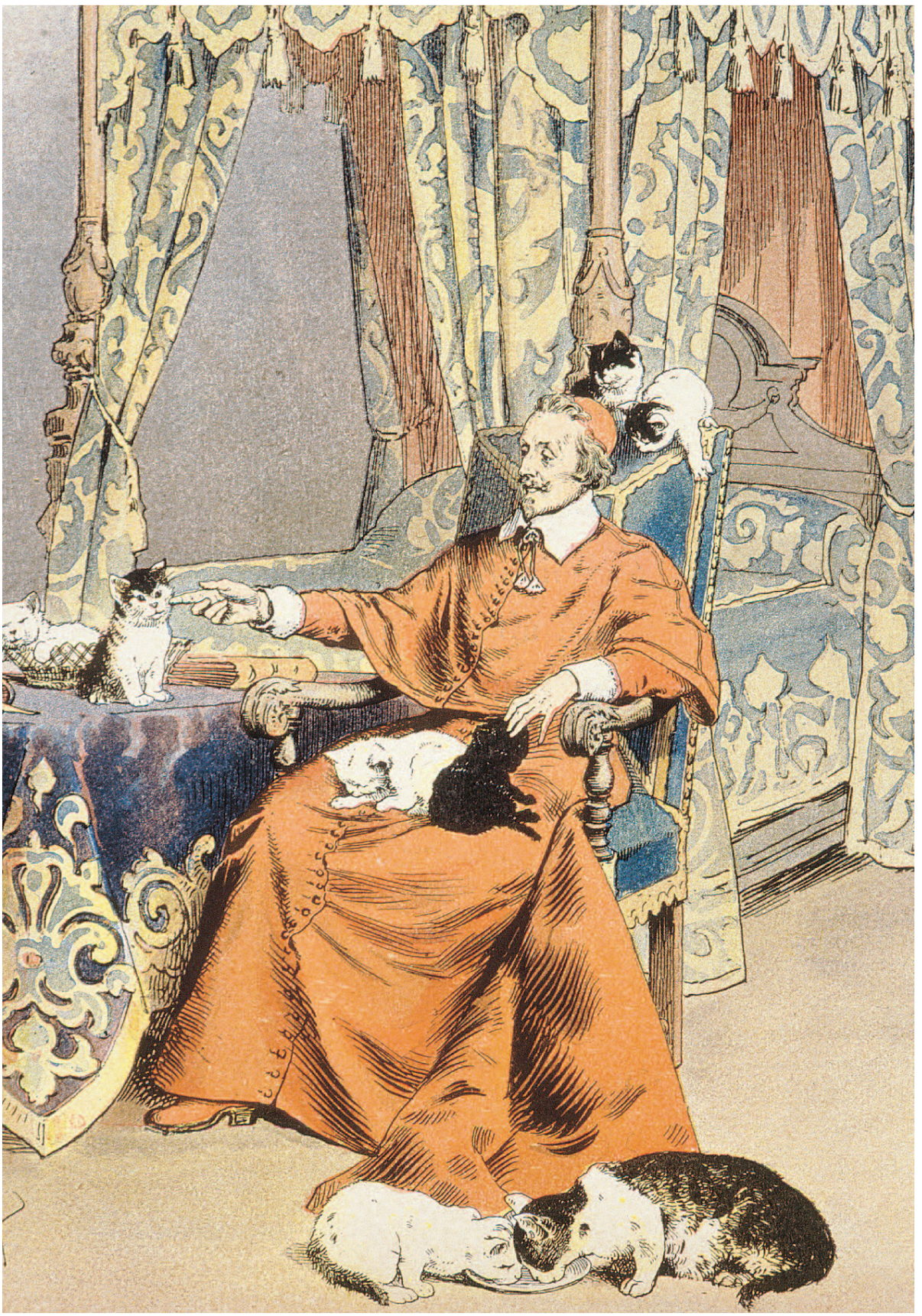
Pássaro bebendo de uma taça, casa de Cícero. Arte romana, mosaico proveniente de Pompeia. Nápoles, Museu Arqueológico.
Col. G. Dagli Orti, Paris.

A origem da palavra gato

Os linguistas não têm uma opinião unânime sobre a origem da palavra gato. Os antigos Egípcios designavam-no pela onomatopeia "miau" ou "myeou", o que corresponde à transcrição fonética do hieróglifo do gato. Os Coptas empregaram o termo "chau". Dever-se-á explicitar que o termo francês "matou" é o anagrama de Atoun, Deus Solar associado ao gato. Os gregos chamavam-lhe "ailuros", composto pelas palavras aiol e ouros, traduzível por "balança a cauda". Entre os latinos, "felis" designa inicialmente o gato selvagem, seguidamente a doninha e por fim o gato, nos relatos de Cícero (I século A.C). A palavra "cattus" teria substituído felis quando o gato doméstico do Oriente foi introduzido em Roma. Foi referido pela primeira vez a nível científico no Tratado de Agronomia de Palladius, intitulado *De re rustica*, datado do século IV. No entanto, "catus" surge na Bíblia, no Livro de Baruch, mas para designar uma ave nocturna. Segundo Isidoro de Sevilha, "catus" deriva de "captare", tomar ou de "cattare", dotado de visão penetrante. No século VII, o termo para designar o gato é "musio", "murilegus" ou "muriceps" (aquele que apanha ratos).

A palavra "catus" está traduzida para diversas línguas:
- Linguagem Romana: gato, em português e espanhol, "gatto" em italiano;
- Linguagem Celta: "cat" em inglês;
- Linguagem Germânica: "Katze" em alemão.

Em França, o termo "chat" foi certificado em 1175, enquanto que a palavra "chatte" surgiu no século XIII. O termo "chaton" data de 1261 e a palavra "chatière" de 1275.



O Cardeal brincando com os seus gatos, pelos quais sentia um grande afecto.
In "Richelieu" de Maurice Leloir, início do século XX.
Selva Photographies, Paris.

Os hieróglifos de El Licht descrevem a forma como os gatos se integraram nos lares egípcios. Foi nesta altura que o gato conquistou personagens com elevado destaque. No Egipto, a partir da XI dinastia (2134-1991 A.C.), este felino tornou-se o animal de companhia de eleição do Rei de Tebas Mentouhotep II. Outras personalidades da época também apreciavam a sua companhia: a Rainha Tiyi, mulher de Amenófis III (1400-1362) e o Príncipe Tutmosis, irmão mais velho do Rei Amenófis IV (1363-1346). Nos túmulos privados, o gato era representado deitado sob o assento do amo, revelando o seu papel de animal de estimação. Este caçador talentoso também pode ser visualizado entre os papiros, esperando pelas presas aquáticas.

Muito mais tarde, quando tiveram a possibilidade de transpor as fronteiras desse universo sagrado, os gatos começaram a percorrer o mundo inteiro, a bordo dos navios, durante a época das descobertas e colonizações. Chegaram à Índia por volta do ano 500 A.C. e seguidamente a diversos países do Oriente (apenas no ano 999 ao Japão). Chegaram bastante tardiamente à Europa. Cem anos após o nascimento de Cristo, foram levados pelos Romanos simultaneamente para o sul da Rússia e o norte da Europa. Na mesma época, o gato desembarcou na Noruega acompanhando os mercenários que regressavam de Bizâncio. Quatrocentos anos mais tarde chega à Letónia.

A incursão do gato pelo Novo Mundo demorou muitos anos. No ano 1500 foi levado pelos jesuítas franceses para o Québec. Acompanhou os peregrinos do Mayflower e, em 1620 tomou o caminho da América. Foi tão apreciado no grande continente que se fundou em sua honra a Sociedade do Gato de Biblioteca.

Após a travessia do inferno, durante todo o período da Idade Média, o gato suscita sentimentos profundos. Em 1630, em Inglaterra, são poucas as famílias londrinas que não possuíam um gato, tal como o observa Daniel Defoe, autor de Robinson Crusoé. Em 1700, os turcos, grandes apreciadores de gatos, reservaram-lhes um lugar cada vez mais destacado nas suas casas. Em toda a Europa, durante os reinados de Luís XIV e Luís XV, inúmeras mulheres da alta sociedade apreciavam a companhia dos gatos: Maria Leszczynska, mulher de Luís XV, a duquesa de Maine, esposa de um dos filhos de Luís XIV, a Duquesa de Montespan, a Princesa Palatina, mulher do Duque de Orleães e a Marquesa de Deffand.

Os intelectuais afastaram-se de Descartes, cujo conceito animal-máquina se afigurava obsoleto e desajustado. O gato foi reintegrado graças a François-Augustin Paradis de Moncrif, que lhe dedicou um livro (1727). Depois de escritores como Chateaubriand, Vítor Hugo, Téophile Gautier, Honoré de Balzac, Alexandre Dumas e Charles Baudelaire, é Champfleury – autor realista – que expressou a sua felinofilia no livro Les Chats (Os gatos), publicado em 1869. O desenhador Steinlen criou uma nova silhueta felina no seu álbum intitulado Des Chats, images sans paroles (Gatos, imagens sem palavras) (1897). Émile Zola, François Coppée, Pierre Loti, Stéphane Mallarmé, Paul Léautaud, Jean Giraudoux e Colette inscreveram-se na lista dos amantes de gatos.

Amigo dos políticos, desde Richelieu a Churchill, passando por Poincaré, Clémenceau e De Gaulle, o gato congregou fãs incondicionais. Confidente ideal, seduziu os Presidentes Americanos, um a um. Abraham Lincoln (1809-1865) adoptou três gatos magros e esfomeados. As recepções de gala da Casa Branca nunca se processavam sem a presença de Slippers, o gato do Presidente Roosevelt (1858-1919). John F. Kennedy (1917-1963) tinha o costume de afagar o seu gato Tom Kitten. Entre os nossos contemporâneos, Socks, o gato de Bill Clinton, desfruta também das honras da imprensa.

Na Grã-Bretanha, Sir Winston Churchill (1874-1965) legou parte da sua fortuna ao seu gato Jock.

O gato, meigo e tranquilizador, deixa-se acariciar pelos seus admiradores que apreciam a sua pelagem macia e distrai também as crianças. O gato ascendeu a um lugar mais confortável nos corações e nos lares. Se por um lado tem cama e alimentação garantida, por outro conserva a sua independência, sendo certamente o único animal ao qual toleramos este tipo de exigências em troca de uma amizade por vezes distante...

O simbolismo do gato através dos

Egipto. Sarcófago de gato em madeira rebocada e pintada 332-330 A.C. Museu do Louvre. Col. G. Dagli Orti, Paris

Se persistem algumas dúvidas quanto à data da aparição do Gato no Egipto, supõe-se que, por volta do ano 4 000 A.C., tenha sido domesticado pelos egípcios e convertido em caçador, em pescador e, especialmente, em rateiro, visto que os ratos se tinham tornado numa verdadeira praga para as colheitas. Esta função permitiu ao gato conquistar o respeito e a admiração passando, finalmente, a ser um deus tutelar da família.

O gato ascende, assim, ao nível de Totem (Myeo). Entrou no panteão dos deuses egípcios, primeiro com as feições do Deus Rá (o Sol), que todas as manhãs matava Apopis, a serpente deusa da Noite. Representou, ainda, Nafdet, a deusa destruidora de serpentes. Durante a XXIIª dinastia, em Bubastis, o gato chegou mesmo a substituir a leoa nas suas funções de guardiã do Templo sagrado, por intermédio de Bastet, a deusa do amor. Também denominada Bast ou Pacht, esta deusa possuía cabeça de gata e era o símbolo da feminilidade, da flexibilidade, da sensualidade e da maternidade. Os sacerdotes da deusa Bastet observavam constantemente os mínimos gestos dos gatos do gatil sagrado, os quais eram interpretados como augúrios. Quando morriam, estes gatos eram embalsamados. No século XIX, foram descobertas centenas de milhares de múmias. Infelizmente, estas múmias não despertaram grande interesse e, como tal, acabaram por ser vendidas como fertilizante.
Um homem que, acidentalmente, matasse um gato estava sujeito à pena de morte. Contrariamente às crenças populares, os gatos eram mortos frequentemente. Contudo, esta tarefa estava reservada aos sacerdotes e aos trabalhadores dos gatis oficiais. Tratava-se, certamente, de uma forma não só de seleccionar e de impedir a superpopulação, mas, sobretudo, de oferecer um tributo à deusa.
De igual forma, Osíris, o deus das colheitas que recordava o Sol, também foi simbolizado pelo gato. Assim, o gato tornou-se simultaneamente símbolo lunar e solar. Hérodoto e Plutarco propuseram algumas explicações: as variação da pupila do gato estavam relacionadas com as proporções da altura do sol; o amor da gata pela lua; a sua actividade nocturna; os seus olhos fosforescentes à noite e a variação do diâmetro das pupilas recordavam, igualmente, as fases da lua. Foi, sobretudo, o símbolo lunar que perdurou através dos tempos.

O gato assumira um lugar de tal forma importante no seio da família que, por ocasião da sua morte, todos os membros rapavam as sobrancelhas em sinal de luto. Em caso de incêndio, era mais importante tentar salvar os gatos do que os humanos. Se não o conseguissem fazer, cobriam-se com as cinzas destes animais e desfilavam pelas ruas torturando-se.
O rei persa Cambises II ganhou a batalha de Pelusa porque os seus soldados empunhavam escudos aos quais tinham amarrado gatos. Como não queriam ferir os animais, os egípcios renderam-se.

As festas mais importantes, as Bubastidas, tinham lugar durante o segundo mês da estação das cheias. homens e mulheres desciam o Nilo dançando, rindo e cantando ao som de música. O Templo era, então, aberto a todos e a deusa era levada em procissão. Tratava-se, efectivamente, da celebração da deusa da fecundidade e protectora das colheitas.

A China e a Índia conheceram o gato pouco tempo depois do Egipto. Foi acolhido como um animal benéfico graças à sua perícia como caçador. A sua beleza fez com que fosse aceite como animal de companhia, especialmente entre as mulheres. Na China, o deus rústico Li-Shou tinha feições de gato e, na Índia, a deusa da fecundidade Saster era a equivalente de Bastet.
Os gatos, tão ciosamente guardados pelos egípcios, foram roubados pelos gregos durante as trocas comerciais e culturais realizadas em Luxor e Tebas e foram, seguidamente, introduzidos na Europa. De acordo com a lenda, a causa do desentendimento entre Roma e o Egipto terá sido o gato. Quando César ocupava as margens do Nilo, no ano 47 A.C., um romano que matara um gato foi lapidado pelos habitantes de Alexandria que se revoltaram contra a força ocupante. As hostilidades prosseguiram até à morte de Marco António e Cleópatra. A partir dessa altura, o gato foi proscrito no Egipto tornado romano. Lenda ou realidade, esta história demonstra o poder que era atribuído ao gato. Na Grécia, o equivalente de Bastet era a deusa Artemis, que criou o gato.

O mundo romano, tal como o descreve o Velho Plínio nas suas Histórias Naturais, aprendeu a apreciar o gato, não só devido às suas qualidades de caçador, como também em virtude da sua beleza (facto confirmado por inúmeros frescos e mosaicos) e pelo seu espírito independente. Passou a encarnar a liberdade.

Os colonos romanos propagaram o culto de Bastet por toda a Europa (mesmo transposto ao de Diana), o que certamente constitui uma das bases da superstição ligada a este animal na Europa.

O gato foi introduzido por volta do século VI no Japão. Era costume cada templo possuir dois gatos para afastar os ratos dos manuscritos. De acordo com a lenda, o imperador Hidi.jo, um grande amante de gatos, ordenou que os gatos fossem lisonjeados a tal ponto que, quando foram necessários para defender os bichos-da-seda contra os ratos, para não os incomodarem, utilizou-se um subterfúgio que consistia em pintar gatos nas portas ou colocar estatuetas de bronze, de porcelana ou madeira como

Gato sonhando.
Gravura asiática.
Col. Selva, Paris

Caricatura do século XVII.
B.N.G.
Col. J.-L. Charmet, Paris

armadilhas. Obviamente, este estratagema acabou por se revelar pouco eficaz e, como tal, o gato passou a encarnar um demónio impotente, mau e egoísta.
Na Idade Média, os japoneses distinguiam os gatos amuletos pela sua pelagem "tartaruga" (branco, preto e fulvo) e os gatos malévolos pela sua cauda bifurcada e pela capacidade de se transformarem em bruxas. Contudo, os gatos conheceram de novo as suas horas de glória quando se tornou proibido aprisionar gatos adultos.

A adoração que os japoneses dedicaram ao gato, pelo contrário, não assumiu o aspecto de culto. Os adeptos do yoga apreciavam a sua posição durante o sono (deitado e enroscado), a qual era ideal para a regularização dos fluidos corporais vitais. Símbolo da pureza, o gato tornou-se o intermediário entre o Buda, único e perfeito, e os seus fiéis. Entretanto, durante a sua ascensão ao Nirvana, conta-se que Buda teria adormecido e, consequentemente, chegou atrasado à cerimónia, o que foi considerado muito desrespeitoso.
Os árabes do século VII viam o gato como uma alma pura, contrariamente ao cão, cujo espírito era considerado impuro. Adoraram o gato de ouro antes do Islão, e Maomé olhou favoravelmente para o animal. Com efeito, de acordo com a lenda, quando a gata Muezza adormeceu na manga do profeta, este preferiu cortar a roupa para não incomodar a sua companheira. A gata mostrou-se grata. Então, o amo passou três vezes a mão pelo seu dorso, conferindo-lhe a faculdade de cair sempre de pé e de ter sete vidas.
Quanto à introdução do gato na Europa, existem duas teorias.
A primeira refere-se aos legionários romanos de Júlio César que teriam introduzido os gatos na Grã-Bretanha através de uma tribo romana estabelecida na Holanda e que se denominava "Amigos dos Gatos".
A segunda, diz respeito à fuga do general egípcio Gosthelos para Portugal e que, obviamente, fugiu acompanhado pelos seus gatos. Seguidamente, os seus descendentes ter-se-iam tornado os reis da Escócia, país a partir do qual os gatos conquistaram o Reino Unido. Entretanto, quando os sacerdotes egípcios desembarcaram com os seus gatos fizeram com que estes passassem a ser apreciados por Francos e Celtas.

Na Gália, foi concedido pouco interesse ao gato durante os séculos IV e V. Era visto com mais simpatia no norte da Europa do que no sul. A Germânia apreciava este animal devido

ao facto de a ter salvo dos ratos. Na Escandinávia, acompanhava a deusa da beleza e do amor, Freja, também conhecida por Freya noutros países nórdicos.

As hordas de bárbaros vindas da Ásia, com o advento da peste e do rato castanho, espalharam os gatos por toda a Europa. Foram vendidos a preço de ouro e beneficiaram de leis protectoras para poderem combater os roedores. Por exemplo: quem matasse o gato que guardava um celeiro deveria pagar uma multa em carne, lã, leite ou trigo equivalente à altura do cadáver da vítima erguida pela ponta da cauda e com a cabeça aflorando o solo. Mas este período favorável ao gato extinguiu-se com a chegada do cristianismo durante os séculos XI, XII e XIII, excepto durante as cruzadas que trouxeram de volta os ratos pretos. Os gatos, considerados animais orgulhosos, decaíram lentamente nas trevas. A Igreja atribuiu-lhe poderes estranhos e maléficos no intuito de destruir o mito e os diversos cultos pagãos associados a este animal. Não poderia fazer outra coisa senão opor-se a este felino, símbolo da feminilidade, da sensualidade e da sexualidade. Centenas de milhares de gatos foram, assim, perseguidos, crucificados, esfolados vivos ou lançados às chamas, pois eram os companheiros das bruxas, as quais assistiam ao Sabbath disfarçadas de gatas negras e, como tal, deveriam ter o mesmo destino. A justiça apoiou o clero na luta contra a libertinagem em nome da elevação do espírito. Os juízes não hesitaram em implicar directamente os gatos nos seus processos contra a bruxaria. A Inquisição permitiu todo o tipo de violência contra estes animais, tais como práticas terríveis de lançar gatos vivos nas fogueiras de São João ou as feiras da Flandres, verdadeiras "perseguições ao gato". Na Bélgica, os gatos eram atirados do alto das torres das catedrais e na Alemanha obrigava-se os donos desses felinos a cortar-lhes as orelhas. A França não ficava atrás, sendo prática comum emparedar um gato vivo nas fundações de uma casa para a proteger contra o azar. Na Europa, os gatos foram exterminados a tal ponto que figuraram como um valor real nas especificações dos inventários, testamentos e sucessões.
Assim, na Idade Média os gatos foram considerados o símbolo do mal e de Satanás.
Mais uma vez, foi uma invasão de ratos, desta vez o rato cinzento (ou rato dos esgotos), que, em 1799, permitiu ao gato iniciar a sua reabilitação. Um decreto de Colbert ordenou que os navios da marinha real passassem a transportar dois gatos a bordo para combater os roedores.
O século da iluminação desmistificou tudo o que se referia à bruxaria.
Por volta de 1885, a era de Pasteur contribuiu igualmente para o estado de graça deste felino. Na posse da informação que as doenças eram transmitidas por seres infinitamente pequenos, os micróbios, desenvolveu-se uma fobia contra os animais, potenciais veículos de transmissão. Mas o gato, que passa horas entregue aos seus cuidados de higiene, simbolizou o asseio e, como tal, tornou-se o animal mais acessível. Iniciou-se, então, outra época de glória: escultores, filósofos, poetas e escritores concediam prestígio ao gato que era, muitas vezes, o seu único companheiro na solidão.
O gato podia ser, simultaneamente, o símbolo do bem e do mal. A arte ilustra os diversos períodos percorridos por este animal e testemunha a riqueza do olhar com que o Homem o encarava.

O gato na arte e na comunicação

O gato foi frequentemente representado ao longo dos séculos na arte e na comunicação, de acordo com o seu estatuto de deus ou de demónio, animal ou companhia ou caçador ou, simplesmente, como uma ilustração da sua beleza e da sua graça. Em contrapartida, tal como o confirma a compilação de Christabel Abercomway, só alguns pintores através da história foram considerados "cat lovers" (amantes de gatos).

Egipto. Gato caçando numa moita de papiros, relevo do Antigo Império. Museu do Vaticano. Col. F. Gourdon, Paris.

O gato na pintura e na escultura

A pré-história

Este período legou-nos um osso esculpido em forma de perfil de gato (Pirinéus-Atlânticos) e uma pintura rupestre descoberta em Dordogne (Gabillou) que representa, provavelmente, uma cabeça de gato.

O Egipto

Foi o Egipto que nos concedeu a primeira iconografia abundante. Para além das representações sagradas, o gato surge nas chamadas "ostracas", fragmentos de cerâmica que os egípsios usavam como blocos de notas onde regis-

tavam os seus pensamentos, notas e desenhos. Este suporte permitiu criar a caricatura do gato que foi muitas vezes representado com atitudes humanas: conduzindo rebanhos de gansos ou servindo um rato. Alguns consideram estas cerâmicas como sendo a origem das fábulas animais.

Para o egípcio, a natureza era mística. Assim, o gato encontrou o seu lugar entre os amuletos, objectos simultaneamente místicos e estéticos. Durante muito tempo, o tema "o gato sob a cadeira" permaneceu o arquétipo do baixo-relevo (com conotações sexuais quando a cadeira pertencia a uma mulher).

Um papiro datado do ano 3200 A.C. pertencente ao Livro dos Mortos descreve um gato matando Apopis, o dragão-serpente das trevas e inimigo do Sol (Rá). Geralmente, o felino é representado segurando Apopis com uma das patas anteriores e erguendo na outra a faca com a qual irá cortar a cabeça da sua vítima. Esta cena simboliza o Sol aniquilando a Noite, permitindo que o ciclo solar se renove.

Durante o Novo Império (1560 A.C. - 1080 A.C.) os pintores usaram os gatos como tema para os túmulos reais. O Museu Britânico possui um exemplar: o túmulo de Nebamum, no qual o gato é utilizado como um perdigueiro para caçar aves. Outro exemplo, identificado no Vale dos Reis no túmulo do escriba Nakht, ilustra o felino acocorado debaixo de uma mesa comendo peixe.

No final do segundo milénio A.C., na cidade de Bubastis, a divindade principal era a deusa Bastet, símbolo da fecundidade e protectora da família e das colheitas. Depois de ter sido representada como mulher-leoa, tornou-se mulher-gata ou apenas gata (tal como outras deusas leoninas que assumiram de forma intermitente a aparência de uma gata: Pakhet, Nout, etc.). De símbolo solar, o gato passou a representar o símbolo da lua, regendo, como tal, a feminilidade.

O período greco-romano

De entre as poucas representações do gato no mundo greco-romano, assinalamos o famoso mosaico de Pompeia no qual este felino segura um pato ou, ainda, o baixo-relevo do século V A.C., onde enfrenta um cão.

No que se refere à escultura, a estela funerária grega exibida no Museu de Arqueologia de Atenas retrata dois jovens gregos que se divertem com a aversão do cão em relação ao gato. Datado do período galo-romano, a estela descoberta em Alise-Sainte-Reine, em Côte-d'Or, ilustra um jovem que agarra um gato. O museu de Bordeaux possui um túmulo no qual foram esculpidos uma rapariga, o seu gato e um galo. Datada do período medieval, a Catedral de São Pedro possui, sobre a cadeira do coro, a figura de um gato que captura um rato.

Ateniense com um gato pela trela. Baixo-relevo grego, aproximadamente do ano 510 A.C. Atenas. Museu Nacional de Arqueologia. Col. G. Dagli Orti, Paris.

O período medieval

Devido à sua má reputação, o gato foi pouco representado na Idade Média. Algumas excepções incluem Tibert, o gato do *Romance da Raposa*, figurado na catedral de Estrasburgo; a escultura do caçador de ratos em Saint-Germain-d'Auxerrois, Paris; a pintura de um gato doméstico ao pé dos seus donos no Mês de Fevereiro das Horas muito Ricas do Duque de Berry de Pol de Limbourg.

Em contrapartida, inúmeras representações pictóricas, frequentemente posteriores, testemunham a ligação entre o gato e a feitiçaria que foi estabelecida pela igreja. Os exemplos incluem a litografia "A Bruxa" (1870), de Hans Thomas, a gravura em madeira de Hermann Vogel (1890) com o mesmo nome, e a Partida para o Sabbat de Queverdo.

Até o século XV, o gato foi raramente representado e apenas de forma esporádica na pintura: "O Sacrifício de Abraão" (1468-1484) de Benozzo Gozzoli e "Esaú cedendo os seus direitos de primogénito a Jacob" de Michel Corneille e Luca Giordano.
Jan de Beer (1475-1518) incluiu o gato na sua "Anunciação da Virgem", contudo este animal está praticamente ausente ao nível da escultura.

Século XVI

No início do século XVI, alguns quadros começaram a abordar o gato como tema à medida que a sua imagem se ia aperfeiçoando. Albrecht Dürer, no seu quadro "Adão e Eva" (1504), ao contrário da serpente, pintou o gato com uma expressão pacífica e serena. Nesta pintura, o felino ignora as presenças do cão e do rato, uma vez que a culpa humana não tinha ainda destruído a harmonia da Terra. Esta representação do gato que dormita aos pés dos donos tornou-se quase clássica, principalmente entre os artistas flamengos, como Franz Pourbus o Velho (1570) e Pietr Jansz Seanredam (1797).
Nestes três quadros, o gato é representado como um animal entre outros, para recordar que Adão estava encarregue de lhes dar um nome. Leonardo da Vinci representou-o, muitas vezes, de forma apaixonada, em distintas atitudes realistas.

Século XVII

Nas telas de Philippe de Champaigne (Os "Peregrinos de Emaús", 1602-1674) e de Charles Le Brun ("O Sono do Menino Jesus", 1655), os gatos surgem no principal plano da composição.
A Anunciação foi um dos temas recorrentes que envolveram os gatos. Muitas vezes indiferente a este acontecimento tão importante, o felino parece ser atraído pelas forças do Mal. Tintoreto deve ter partilhado esta ambivalência em relação ao gato porque na sua Anunciação, o gato tem um olhar malévolo.

Jeronimus Bosch, no seu quadro "Jardim das Delícias Terrestres", associou igualmente o gato ao Mal do Inferno, porém de forma muito esporádica e natural porque era assim que pintava o demónio. Esse papel maléfico surgiu muitas vezes nas representações da Sagrada Família, incluindo a de Baroccio (1563) e o Retrato de Família de Georg Pencz (1541), onde um gato espreita um pintassilgo. No entanto, considerava-se que este pássaro apreciava particularmente os cardos, uma alusão à coroa de espinhos de Cristo. Espiando a ave,

simbolizando a imagem de Cristo Salvador, o felino encarna o Mal que ameaça a salvação da humanidade. Diversos pintores que elaboraram as representações da Sagrada Família também ilustraram gatos, embora sem a presença do pintassilgo: Leonardo da Vinci, Giulio Romano, Vermeyen, Murillo, Rembrandt e Frans Floris de Vriendt. Para além disso, o gato

apareceu na vida de Cristo durante várias celebrações: as Bodas de Canaã de Giuseppe Mazzuoli, o Banquete de Levi de Veronese ...ou ainda de forma mais tradicional, novamente cúmplice do Mal, na última refeição, A Ceia, onde dormita aos pés de Judas.
O confronto entre cães e gatos, alusão figurativa do combate entre o Bem e o Mal, é retomado em diversos quadros de entre os quais a "Ceia" (1481), pintada na Capela Sistina por

Cosimo Roselli. A presença do gato nas cenas posteriores à Ressurreição simbolizaria Cristo ressuscitado, para sempre eterno. Segundo Valeriano, o gato encarnava a lua, significando assim o início e o final de todas as coisas.
A vida da Virgem é também pretexto para numerosas inclusões de gatos (a Visitação de Theodor van Loon)

Por outro lado, os pintores religiosos raramente o representavam como animal de companhia, com excepção do gato presente na cela de São Jerónimo.
Na temática das Vaidades, o gato simbolizou o sentido da visão. A esta alegoria adicionaram-se as metáforas da beleza feminina e do amor terrestre ("Alegoria da Visão", 1616, de Jan Saenredam; a "Visão", 1666, de Barent Fabritius; "Retrato de uma Jovem com um Gato", de Bacchiacca (1525) ou "Vaidade", atribuído a Pietr Wtewael).
Ilustrando a passagem do tempo, o tema do "arranhão" simboliza a brevidade dos prazeres deste mundo ("Crianças brincando com um gato", de Jan Miense Molenaer; "A Patada do Gato", de Prudhon; Caridade, de Cornelis van Haarlem). Paralelamente, um universo imaginário resultante do bestiário medieval deu origem a paródias de concertos de animais. Verificou-se um verdadeiro entusiasmo por este estilo, principalmente entre os pintores flamengos: "O Concerto dos Gatos", de David Teniers "o Jovem", e uma gravura, na qual Jan Brueghel usa os gatos como notas de uma partitura.
Durante a época barroca, Rembrandt pintou apenas um gato num quadro, "A Casa do Carpinteiro".
Tendo ascendido à posição de animal de companhia, mesmo ao nível da classe média, o felino começou a entrar nas composições camponesas de Jacques Callot, Abraham Bosse e David Teniers o Jovem ("O Concerto dos Gatos"). Quanto ao pintor Jordaens, integra-o nas suas cenas de comezainas.
Gerard Terboch também introduziu o gato na Família do Amolador, bem como Velásquez, na sua obra As Fiandeiras (por volta de 1657). De acordo com algumas interpretações, estes gatos simbolizavam a liberdade.
Na gravura de Pierre-Paul Prud'hon exposta no Salão de 1798, o artista representou-o como um enorme gato aos pés da sua Liberdade, rompendo as amarras que a prendiam.

Século XVIII

No século da iluminação, Watteau pintou gatos repletos de graça e doçura.

Cão guardando a caça,
De François Desportes
(1666-1743)
Museu Internacional de Caça.
Castelo de Gien (França)
Col. G. Dagli Orti, Paris

Chardin pintou um simpático gato em "A Lavadeira", porém mostrou-se mais cruel noutros quadros onde o animal surge como um gatuno astuto.
Os artistas do século XVIII voltaram a descobrir o animal caçador, que coexistia com a caça (François Desportes, Jean Baptiste Oudry e Gilles Colson). Louis le Nain pintou um gato alegre deitado junto à lareira numa atitude pacífica. O suíço Gottfried Mind (1768-1814), alcunhado de "Rafael dos gatos", produziu diversos quadros relativos ao gato, animal que idolatrava. Chegou a esculpi-lo em castanhas. Inversamente, volta a ser um elemento decorativo e sem relevo, na pintura de François Boucher, Jean-Honoré Fragonard e Maurice Quentin de la Tour.

"Julie Manet", de Auguste Renoir (1841-1919)
Museu d'Orsay, Paris
Col. Giroudon, Paris

Com raras excepções, a arte europeia abordou o gato de forma convencional. Foi tradicionalmente retratado como um guloso, um larápio, aninhado numa poltrona ou ao colo da dona.

Século XIX

Em compensação, as representações felinas abundam na arte pictórica do século XIX, como é o caso de "Julie Manet", de Pierre Auguste Renoir, "A Morte do Porco", de Louis Lépold Boilly, "Miss May Belfort", de Toulouse-Lautrec e "O Atelier do Pintor", de Gustave Courbet.

Para além da célebre "Olympia" com o seu gato preto, Edouard Manet compôs um magnífico dueto de um gato branco e um gato negro num telhado ao luar: "Gatos de Champfleury". Géricault pintou um gato branco repleto de doçura e melancolia.
Os dois gatinhos situados no centro do quadro de Gauguin intitulado "De onde viemos? Quem somos?" Para onde vamos?, ilustram a inocência.

Os gatos estão igualmente presentes nos quadros de Maurice Denis, como "A Merenda" (1919) e "Homenagem a Cézanne".
Alguns pintores do século XIX, qualificados de "burgueses", dedicavam-se quase integralmente ao gato. Foram contabilizados cento e oitenta e dois pintores especializados, de entre os quais dois franceses, Philippe Rousseau ("O Inoportuno", 1850) e Louis-Eugène Lambert ("Família de Gatos", 1887), e um belga, Charles van den Eycken.

Século XX

Esta abundância de gatos na arte pictórica continuou até ao século XX. No entanto, obras como "O Corpete de Quadrados", o "Gato Branco" e a "Menina com Gato" de Pierre Bonnard, sugerem novas facetas e atitudes únicas do gato.

Os inúmeros gatos do universo de Balthus ("Mitsou", "Quarenta Imagens", o "Gato do Mediterrâneo") contribuíram para a criação da atmosfera erótica tão do agrado do pintor.

Outra tela surpreendente é de Douannier Rousseau que desenhou um Retrato de Pierre Loti (ou de Edmond Achille Franck?) com o seu gato conferindo um aspecto mais ingénuo à sua obra.
Fã incondicional destes felinos, Théophile Alexandre Steilein (1859-1923) retratou milhares de gatos, de todas as raças e em todos os locais. Colaborou também na decoração do cabaret "Le Chat Noir".
O artista japonês Foujita (1886-1968) compôs numerosos auto-retratos com um gato no ombro ("Autoretrato", 1928, Centro Nacional de Arte e Ensaio Georges-Pompidou). A sua caligrafia extremo-oriental é admiravelmente adequada às suas litografias.

Fernand Léger, pintor moderno, rodeou a sua amante de gatos e livros em Mulher com um gato (1921).
Francis Picabia, Marc Chagall ("Paris pela janela"), Salvador Dali e Pablo Picasso ("Gato devorando um pássaro"), todos pintaram gatos.

Entretanto, foi apenas no século XX que os gatos entraram na pintura com os seus nomes próprios: Rapinou de Suzanne Valadon, Lulu de Vollard, e Sita de Cecília Beaux.
Grande amante de gatos, Leonor Fini representou-os como "indivíduos completos", bonitos, mágicos, naturais, inocentes, muito sensuais e rebeldes, num mundo onde as fronteiras entre os animais e os humanos se esbatiam pouco a pouco. De acordo com as suas palavras, a atracção que sentia por esses animais não era misteriosa; apenas se dirigia "para um ser perfeito, mais belo do que todos os outros". Muitos dos seus quadros representam esfinges, mulheres com corpo de gata.
Fini criou máscaras, trajes, cenários de teatro e de baile (As meninas da noite, ballet de Rolland Petit 1948), inspirados no seu animal fetiche. Comunicou o seu amor pelos felinos ao seu amigo Stanislao Lepri ("Coup de foudre", 1972, "De pai incógnito", 1975).

Actualmente, a pintura contemporânea fantástica representa muitas vezes panteras negras ou gatos, símbolos da feminilidade. Estas obras incluem Katzen Portrait, do alemão Carl Rohring (1980), que apresenta uma cabeça de gato rodeada de penas e flores secas formando uma cabeleira fantástica semelhante à de uma mulher.

O Gato na Literatura

"Se quiser escrever, arranje um gato" (A. Huxley)
"A literatura está ao lado do gato" (B. Pivot)
"Os gatos apreciam o silêncio, a ordem e a calma e nenhum lugar lhes convém mais do que o escritório do literato" (T. Gauthier)

A Antiguidade

Entre os poetas e escritores da Antiguidade que abordaram o tema do gato, podemos mencionar Homero, Plutarco, Ésopo, Virgílio e Ovídio.

Ésopo conta-nos que uma gata apaixonada por um rapaz pede a Vénus que a transforme em mulher (La Fontaine retomará mais tarde este conto em "A Gata Transformada em Mulher"). Mas, apesar da sua transformação, a gata continuava a ser um felino e, como tal, lança-se em perseguição de um rato que atravessava a sala. Nas suas metamorfoses, Ovídio descreve a transformação de Diana, a irmã de Apolo, em gata.

A Idade Média

No século XII, o gato é encontrado nas farsas e fábulas como, por exemplo, no "Romance da Raposa", onde está Tibert, o gato que encarna a mentira, a crueldade e a astúcia, da mesma forma que o faz Renart.
As histórias de bruxaria estão também profusamente recheadas de gatos.

A Renascença

No século XVI, as opiniões sobre o gato permaneciam, ainda, divididas. Ronsard e Rabelais partilhavam a mesma repulsa por este animal, enquanto que Montaigne ("Ensaios") e Du Bellay o defendiam apaixonadamente. Este último, chegou mesmo a compor um epitáfio de duzentos versos em memória do seu gato Belaud.

A Época Clássica

No século XVII os escritores denunciaram a hipersensibilidade das mulheres em relação aos felinos (Scarron).

Os fabulistas repercutiram a censura popular contra o gato e contribuiram para o enriquecimento da sua imagem negativa. La Fontaine ...via também o gato como um animal egoísta, lisonjeiro e velhaco. Utilizou-o para caricaturar o cónego. Colocou-o em cena dezasseis vezes mas o animal nunca saiu favoravelmente retratado. O gato de La Fontaine é o "Atila dos roedores", um caçador astuto, falso e cruel ("O Gato, a Doninha e o Coelho" que renega os seus amigos por interesse "(O Gato e os dois Pardais"). Os nomes que lhe são atribuídos revelam o desprezo do autor: Raminagrobis, Raton, Rodilard, Grippe-Fromage ou Grippeminaud.

"O Gato das Botas com o seu jovem amo" Ilustração para o conto de Charles Perrault, "O Gato das Botas ". Imagens de Epinal, por volta de 1840. Colecção particular Col.J.-L. Charmet, Paris.

Os "gatos falsos" de Rabelais assemelham-se a Raminagrobis. O escritor caracteriza o gato como hipócrita e usa este animal para satirizar os magistrados e o seu chefe Grippeminault.

Extraído das *Histórias ou Contos dos Tempos Passados* (1697), o Gato das Botas, de Charles Perrault, restitui ao gato astuto – porém, fiel ao amo - o papel de amuleto. Tal como em todos os contos, o autor inspira-se na tradição popular. Esta obra ilustra a vingança do filho mais novo, pobre e abandonado, graças à ajuda do seu gato. Nesta obra de grande simbolismo, as forças lunares encarnadas pela magia do gato opõem-se às forças solares representadas pela realeza.

Em a "Gata Branca", redigida pela Sra. D'Aulnoy e extraída dos seus *Contos Novos ou as Fadas da Moda* (1689), o gato aparece de novo como um guia maravilhoso e protector (génio tutelar) que traz a felicidade àquele que serve. Mais uma vez encontramos múltiplos símbolos e o antigo equilíbrio é restabelecido: três reinos solares face a três reinos lunares.

Em ambos os casos, M.-L. Von Franz viu nestes dois contos a necessidade de o herói recuperar a sua sombra (o seu gato), isto é, reintegrar a sua alma na sua personalidade consciente. De acordo com a explicação freudiana, Bruno Bettelheim explica que o Homem deve aprender a ter confiança no seu inconsciente e aceitá-lo.

Século XVIII

Em 1772 foi publicada a primeira obra realmente dedicada à glória do gato, os *Gatos*, de François Auguste Paradis de Moncriff. Este autor descreve estes animais como seres independentes e alegres, constituindo como que réplicas, e avançando em direcção ao ser humano por acção da simples ternura e não por servilismo como os cães. Tal como os seus corpos, os seus sentimentos estão repletos de graça. Mas esta obra ditirâmbica valeu-lhe a zombaria de Voltaire.

Na História Natural, Buffon (1749-1804) defende a sinceridade do cão em oposição à falsidade do gato.

Chateaubriand (1768-1804), admirador da independência deste animal, revoltou-se contra Buffon. Reconheceu que queria promover a imagem do gato e descreveu o animal com ternura (incluindo Micetto em Memórias de Além-Túmulo).

Século XIX

Em O *Sofrimento Amoroso de uma Gata Inglesa*, Balzac utiliza este animal como porta-voz para denunciar o puritanismo britânico e a sua hipocrisia. Ele reconheceu que com esta obra entrou na área da psicologia comparada. Exactamente como La Fontaine, Balzac sonhava com a Gata Transformada em Mulher.

Os escritores do século XIX exaltaram a ambiguidade, o mistério e o individualismo do gato assim como o seu parentesco com as forças ocultas.

Pelas mesmas razões que os gatos foram exterminados em massa no século XVII, foram adorados no século XIX.

"O gato misterioso, o gato seráfico e o gato estranho" de Baudelaire ilustra perfeitamente esta perspectiva em dois poemas das *Flores do Mal*: o "Gato" e os "Gatos".
A flexibilidade do corpo e a sua felpuda pelagem desempenham um importante papel afrodisíaco.
Os escritores românticos sentiram-se apaixonados pelo mistério e pela magia associados aos felinos.
Verlaine elogiou as virtudes do gato em a Mulher e a Gata.

Efectivamente, o mistério e a fantasia surgem na literatura relativa ao gato no século XIX e, mais tarde, no século XX.
O extraordinário gato de *Alice no País das Maravilhas* (Lewis Carroll, 1865), é uma ilustração perfeita do absurdo e do contra-senso ligado a este animal enigmático. Os gatos de Edward Lear, poeta mestre do contra-senso, eram, simultaneamente, companheiros de vida e de temas literários ("a Coruja e a Gatinha").
O absurdo é o contrário do senso comum e, nesta perspectiva, o gato prova novamente a sua independência através do seu espírito de rebeldia e de mistério.
Enquanto que, para Émile Zola, o gato preto simboliza o mal praticado como uma testemunha de um assassinato (*Thérèse Raquin*), para Edgar Poe, o gato preto evoca uma certa inquietação relacionada com o mal. O animal parece desencadear forças obscuras, com culpabilidade sexual e luxúria.

Em O *Gato que Parte Sozinho*, Rudyard descreve um animal suficientemente esperto para conseguir preservar a sua liberdade.
O gato é condescendente com as tradições populares, com a criação de um bestiário que ilustra a natureza humana em oposição aos escritores posteriores do século XX, como Louis Pergaud ou Maurice Genevoix, que observam, com objectividade, o animal no seu meio natural.

Século XX

O século XX continuou a celebrar o gato, passando mais além do romantismo e procurando compreender e descobrir o animal.
Pierre Loti tenta "penetrar na estranha janela dos olhos do gato para alcançar a zona desconhecida do seu pequeno cérebro". O gato assume, muitas vezes, um aspecto ditatorial na literatura contemporânea. O gato não mendiga. Pode exercer a sua liberdade e, como tal, o escritor sente-se reeleito todos os dias. "Perde-se um gato, encontra-se o Homem" (Tennessee Williams.)

Quarta capa dos contos "As Mil e Uma Noites" Por Lucien Lafargue, 1912 Col. Selva Photographies

Robert Sabatier sente que mora em casa do seu gato. Graf Bouby (Jean Blot) refere-se aos seus donos como os seus escravos. Paul Morand confessa no *Homem Apressado*: "Tive cem gatos, ou melhor, foram cem gatos que me tiveram".

Aos que pensam que é deles que o gato gosta, opõem-se os que consideram que o gato só aprecia as vantagens que lhe traz o ser humano, ou seja, essencialmente os confortos domésticos. Facto que não incomoda Cocteau, para quem o gato é a alma visível da casa, nem Baudelaire, que o vê como "o espírito familiar" da casa, o qual dá vida aos objectos.

O termo "superadaptação" foi criado por Michel Tournier para ilustrar a faculdade que o felino possui de desaparecer, de se confundir com o meio envolvente ou de reaparecer dentro de casa. Segundo Renée Massip …"certas casas precisam de um gato", tal como Rou de Maurice Genevoix, um gato magnífico, dividido entre as delícias da liberdade e da vida doméstica, ou Finette de Remo Forlani. Para outros autores, o gato gosta simultaneamente do lugar e do dono e está disposto a seguir o amo mesmo em situações desconfortáveis, por exemplo: Christopher Simon e Anne Frank.

Colette de perfil, tendo a seu lado um gato.
Desenho de Jean Texcier, 1926
Colecção Particular
Col.J.-L. Charmet, Paris

Colette descreveu com realismo o mundo dos animais. Em contrapartida, caiu no antropomorfismo no que se refere aos gatos com o nome One and Only, la Chatte Dernière, Kapok e Minimini. Colette ilustra a falta de pudor do gato (*A Casa de Claudine*): "Ela rebola, move-se ora deitada de costas ou com ventre apoiado no solo, conspurca a pelagem, e os machos avançam e recuam com ela como se fossem um só gato".

Se, no século XV, o gato tinha a fama de trazer boa sorte ao amor, posteriormente tornou-se o símbolo da volúpia, da sensualidade e da sexualidade (*Gato Beleza* de Paul Guth, *Graph Bouby* de Jean Blot, *Blues para um gato negro* de Boris Vian, *Uma Vida de Gato* de Yves Navarre).

A literatura relaciona estreitamente a mulher e o gato, tornando-os num só (Mulher e Gata, de Paul Verlaine, *Gata em Telhado de Zinco Quente*, de Tenessee Williams, *A Mulher do Padeiro*, de Marcel Pagnol). Se, por vezes, a gata se transforma em mulher, noutras transforma-se na sua rival (O Gato de Simenon ou A Gata de Colette).

Em *Os Gatos em Particular*, Doris Lessing descreve uma mulher que tem de se livrar de uma gata siamesa para conservar o marido.

Se os habitantes do Nilo já designavam os gatos como "comedores de desgostos", para Paul Léautaud este animal constitui um refúgio e um amigo verdadeiro. Assim o testemunha no seu Jornal Literário onde abundam reflexões e curiosidades sobre o tema.

Actualmente, o gato inspira e desempenha um papel nas meditações do autor (*Uma Vida de Gato*, de Yves Navarre e *Graph Bouby*, de Jean Blot). Boris Simon acredita que o gato permite que o homem se auto-aperfeiçoe: o cruel chefe de banda do seu livro Passagem do homem-gato descobre o amor dos felinos, a sua ternura e a sua vulnerabilidade, e consegue, graças a ele, comunicar de forma respeitosa com os outros.

O gato pode tornar-se o espelho do escritor. Na trilogia alemã de Louis-Ferdinand Céline (*Norte*, *De um Gato para o Outro*, *Rigodon*) é manifestado um paralelismo flagrante entre a personalidade e o comportamento do autor e o gato Bébert.

A morte do animal é, assim, vivida como um drama, sendo muitas vezes acompanhada por sentimentos de culpa (*O Gato dos Briarres*, de Renée Massip, *A Idade da Razão* de Jean-Paul Sartre).

Jules Laforgue e François Maynard compuseram orações fúnebres para os seus gatos (segundo o epitáfio de Du Bellay).

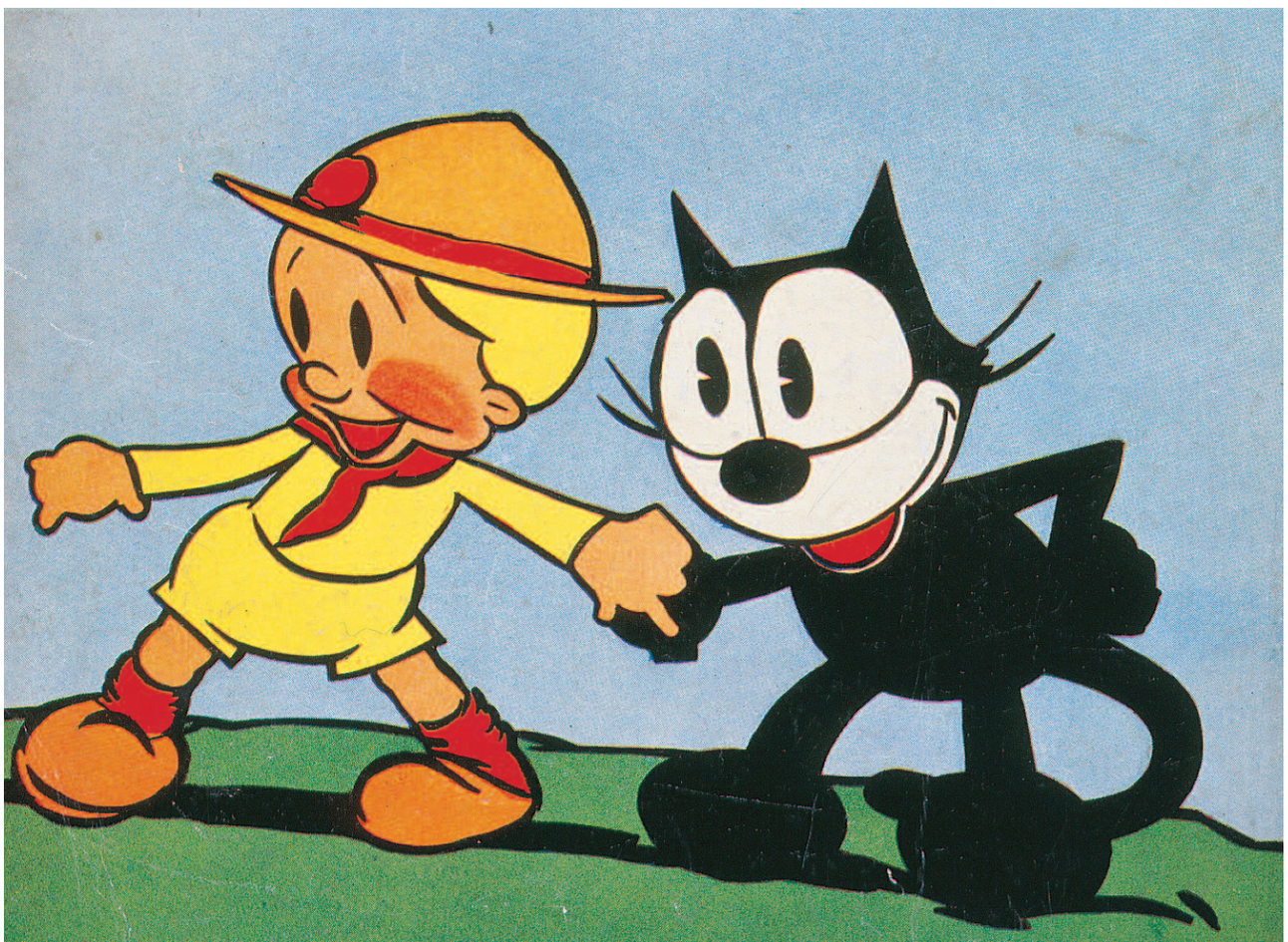
Jean Cocteau ilustra o seu carácter enigmático em *A Bela e o Monstro* (no filme, o Monstro revela-se um ser semi-gato medonho e terno).

No entanto, na literatura contemporânea, a mulher-bruxa e o diabo continuam a ser muitas vezes associados ao gato(preto é óbvio!). Tennessee Williams coloca em cena em *A Maldição*, novela extraída de *A Estátua Mutilada*, um gato e um homem ligados por um destino implacável.

Em contrapartida, o gato pode ter poderes benéficos: no conto "A Pata do Gato", Marcel Aymé retoma uma antiga crença sobre o poder que os gatos detêm de provocar a chuva passando a pata por trás da orelha.
René Berjavel faz parte dos inúmeros escritores que acreditam na metempsicose. Para ele, os gatos são reencarnações de seres humanos.
Ao longo dos tempos, alguns temas constantes persistem na forma como os escritores vêem o gato: o gato e a escrita, o gato e a volúpia, a sexualidade, o gato e a mulher, o gato e o absurdo, o gato sagrado ou diabólico e o sempre eterno mistério do gato.

O Gato e o Cinema

O cinema dispõe de vários treinadores de gatos: o britânico John Holmes ou o americano Franck Inn, seleccionaram diversas categorias: gatos corcundas que arqueiam o dorso, gatos assustadores com o pêlo eriçado, gatos que bocejam, que lambem os bigodes, etc. Na sua opinião, "os melhores artistas são os gatos gulosos" visto que não trabalham em troca de uma carícia mas, sim, em troca de uma refeição.
Em 1920, de entre os gatos actores, Pepper the Cat, personagem do filme "Down of the Farm", mostrava-se muito apegado a Mark Sennet. Era um animal muito afectuoso e dava-se muito bem com Frederich, o Rato, ou Teddy, o Grand-Danois.
Em 1952, um gato chamado Rhubarb foi o personagem principal do filme com o mesmo nome. Este gato era conflituoso, azedo e pérfido. Através deste felino de carácter melindroso, a quem o velho milionário misantropo Arthur Lubin converte em seu herdeiro, Arthur Lubin faz uma caricatura da sociedade americana, dos "gangsters" e da polícia conciliadora, da publicidade enganosa e do seu fetichismo.
Na época, o gato Rhubarb, uma verdadeira estrela, foi pago principescamente. Recebeu dois Patsy Awards (o Óscar para os animais).
Vários gatos, uns mais interessantes que outros, aparecem em filmes de qualidade variável. Representam na tela os temas tradicionais aos quais estão relacionados:
• O sobrenatural: "O gato que veio do espaço" de Norman Tokar; "Um dia, um gato" de Jasny Jones; o gato de "Alien" de Ridley Scott, "A Felina" de Jacques Tourneur, "Cat People" de Paul Schrader, "O Gato Preto" de Edgar George Ulmer, extraído da novela de Edgar Allan Poe.



O Gato Felix
Col. Selva, Paris.

• A sensualidade, a sexualidade, a mulher: “A felina” de Jacques Tourneur, Cat People de Paul Schrader, “A mulher do Padeiro” e Pomponette de Pagnol.
No entanto, apesar destes exemplos de filmes, o gato parece ainda não ter encontrado o seu verdadeiro lugar no cinema.

O gato na banda desenhada

As bandas desenhadas e os desenhos animados frequentemente permutam as suas personagens. Assim, alguns gatos nascem na banda desenhada para depois se tornarem personagens dos desenhos animados (exemplo de Walt Disney), enquanto que outros nascem no ecrã para depois transitarem para álbuns.

De 1911 a 1944, George Herriman, autor de uma banda desenhada publicada no New York Journal, imortalizou a relação do gato com a loucura. Diz-se que o Presidente Wilson lia essas histórias aos quadradinhos destinadas aos membros do seu gabinete. A gata ciciosa, que falava como uma mulher dengosa e tinha um laço na cabeça (na TV tinha o nome de A Gata Chalupa), tinha nome evocativo Krazy Cat e apaixona-se por um rato, Ignatz. Este, insensível aos seus galanteios, possui um temperamento irascível e passa o tempo a lançar tijolos contra toda a gente sob o olhar do cão polícia Ofissa Pup que está loucamente apaixonado por Krazy Cat.

A poesia e a lógica do absurdo reinam já neste mundo imaginário e, provavelmente, inspiraram Otto Messmer e Pat Sullivan para criar o aventureiro Gato Félix que vê primeiro a luz do dia no cinema antes de surgir na banda desenhada.
Nos desenhos animados de Walt Disney, os gatos são, de forma geral, vadios perseguidos pelo cão Pluto. As excepções são o gato Nip, que passa o tempo a martirizar Mickey e, principalmente, Pat Hibulaire, grande gato negro “gangster” cujos esquemas sombrios Mickey consegue sempre frustrar.
Nas histórias de Hanna e Barbera, o gato Tom defende a casa contra as investidas de dois ratinhos zombeteiros que fizeram da parede da casa o seu domicílio. Naturalmente, passam o tempo em busca de comida e a irritar Tom. Desencadeiam-se assim corridas desenfreadas nas quais vale tudo. O sucesso foi de tal ordem que a revista Our Gang, que publicava essas histórias em 1942, adoptou a denominação Tom & Jerry. Estas aventuras vão conhecer o mesmo êxito no cinema. Passar-se-á o mesmo com a dupla Silvestre e Piu-Piu.

Os heróis das bandas do pós-guerra eram, sobretudo, humanos com um cão como companheiro (Milú, Idéfix, Rantanplan). Quando o gato aparece, o seu papel serve quer para valorizar o cão (Hercule e Pif), quer para originar catástrofes. Em Gaston Lagaffe, o gato é um gatuno, respingão e provoca hecatombes.

O companheiro do feiticeiro Gargamel, Azrael (Os Schtroumpfs de Peyo), é um gato ignóbil, tão velhaco e cruel como o dono e tão demoníaco como a perspectiva que dele se tinha na Idade Média.
Fritz surge pela primeira vez nos blocos de Crumb, em 1959, mas as primeiras bandas desenhadas só foram publicadas em 1965. O seu criador define-o como "um jovem estudante felino sofisticado, sempre à última moda, que vive numa grande cidade moderna povoada por milhões de animais". Este gato age como um rapaz sem escrúpulos, cínico, ambicioso e seguro de si. As suas aventuras acabam sempre bem.
Nos anos 70 nasce uma contra-cultura europeia equivalente ao "underground" americano (Fat Freddy) e, com ela, o gato Squeak the Mouse de Matiolli, uma espécie de Tom & Jerry muito básico.
É nessa altura que Jim Davis cria para o Herald Tribune, em 1978, o irresistível Garfield, um grande gato cor de laranja tigrado. Trata-se de um gato irascível, mentiroso, preguiçoso e autoritário que tiraniza o seu dono, John. Não podem passar um sem o outro e compreendem-se perfeitamente. Os Americanos identificaram-nos, certamente, com o exemplo existente nas suas casas.
O lema de Garfield é:"Os gatos são invencíveis".
Na banda desenhada, tal como noutros sectores artísticos, os mesmos temas e símbolos aparecem ligados ao gato:

- animal doméstico (Félix, Garfield...)
- animal apaixonado e erótico (Fritz de Matiolli ou de Edika)
- animal cruel e hipócrita (Rasputine e Primeiros Inquéritos de Sokal);
- animal discreto e astuto (Chevalier e Gheebrant, Chaminou de Macherot, Stanislas, Supermatou, le Chat, Alias, Jacques Bertrand de Greg);
- animal maldito (Fatty Freddy, Maido e Maildur);

Louis Waine desenhou mais de mil gatos por ano, atribuindo-lhes uma expressão humana. Siné criou álbuns e até mesmo loiça, utilizando o gato com fins caricaturais. Aplica-se o mesmo a Barberousse e Dubout.

O gato no desenho animado

Em 1911, G. Harriman cria Krazy Cat, uma das personagens mais poéticas dos desenhos

O enterro do gato pelos ratos. Tema recorrente da mitologia russa: os fracos triunfam sempre sobre o poderoso.
Caricatura do enterro de Czar Pedro O Grande.
Imagens populares russas 1850.
Instituto de Estudos Eslavos, Paris.
Col. J.-L. Charmet, Paris

- símbolo do sobrenatural (os gatos em Mandrake, o gato telepático de Gogol em a Feira dos Imortais de Bilal, As Vida Múltiplas de Félix, Poussy e Krazzy, Ottag de Rebuffi, Os Oito dias do Diabo de Convard).

O Gato na Caricatura

Os artistas russos ridicularizaram o seu soberano, Czar Paulo I, caricaturando-o com as feições de um enorme e terrível gato.

animados, cujas características foram atrás mencionadas. Criado em 1920 por Otto Messmer, Félix, uma das primeiras vedetas do desenho animado falado, obteve um enorme sucesso. Um desenho ilustrando algumas proezas de Félix tornou-se, entre 1928 e 1930, a mira oficial de sintonização do canal NBC. Lindbergh escolheu-o também como mascote para a sua aventura aeronáutica.

De acordo com Marcel Brion, autor francês de novelas fantásticas: "Félix não é um gato, é O gato". O célebre felino vive num mundo de fantasia, onde tudo é possível: encher a adega …de carvão com notas saídas de um saxofone, oferecer os pássaros que esvoaçam à roda da sua cabeça a dois velhotes que estão entristecidos pela perda do seu canário.
Mostra-se constantemente maravilhado. Constrói o seu mundo a partir de dois sinais saídos do seu corpo: o ponto de exclamação e o ponto de interrogação.
Com um carácter alegre, gosta de zombar da existência e orgulha-se de conseguir sair de apuros sozinho. Félix é tão audacioso como malicioso e tão sortudo como engenhoso.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Fritz Freleny e Chuck Jones criaram as personagens Silvestre e Piu-Piu para a Warner Bros, um estúdio que procurava, sobretudo, a piada imediata mais do que ilustrar qualquer tipo de realidade. O protagonista da história é um enorme gato, Silvestre, que tenta continuamente caçar o passarinho, por vezes até com ternura.

Este par assemelha-se às personagens da Metro Goldwyn Mayer, Tom e Jerry, criados por Fred Quinky, William Hanna e Joseph Barbera. O astucioso rato acaba sempre por triunfar, depois de uma desenfreada perseguição por parte do desajeitado Tom. No entanto, o gato evoluiu ao longo dos anos e tornou-se num pai tranquilo, martirizado pelo frenético Jerry – um antropomorfismo dos personagens.

Quer seja o Silvestre ou o Tom, ambos se obstinam em perseguir a presa mas, caso surja um inimigo externo, utilizarão a mesma energia como forma de entreajuda.

Fritz the Kat, nasceu na banda desenhada. Este herói criado por Crumb foi transposto para o cinema por Ralf Bakshi em 1971. Fritz é um gato, mas poderia ter sido outro animal qualquer, repleto de vícios.

No universo de Walt Disney, os gatos são frequentemente pérfidos quando desempenham papéis secundários. Os dois siameses de "A Dama e o Vagabundo" são terrivelmente mentirosos e o de Cinderela não é nada mais nada menos que Lúcifer.
Mas em Pinóquio, Gepetto prodigaliza os seus cuidados a um adorável bichano alegre, enquanto que Pinóquio é traído por um gato matreiro e hipócrita, cúmplice da raposa.

Os felinos são retratado com mais simpatia quando interpretam papéis principais, como em "O Espião com Patas" de Veludo ou nos "Aristogatos", uma extraordinária representação do mundo gato (ou do mundo humano?) onde os gatos aristocratas (Duquesa, etc.) são apresentados com a mesma benevolência que os gatos proletários (Thomas O´Malley, etc.).

Walt Disney dedicou outros filmes aos gatos, tais como F.B.I. Operação Gato e o Gato que veio do Espaço.

O Gato na Heráldica

O bestiário heráldico vai buscar ao gato, sobretudo, o seu símbolo de liberdade: os estandartes dos povos migrantes do Norte (Alanos, Suevos e Vândalos) ostentavam uma silhueta de gato com um brilho prateado intenso sobre um fundo negro.

Para além disso, a legião romana partia para os combates arvorando um símbolo no qual estava representado metade de um gato vermelho, num fundo violeta, para estimular o seu desejo de vitória.

Gatos e Armas Aristocráticas

A verdadeira reabilitação do gato ocorreu com a sua aparição nos brasões o que muito contribuiu para o seu enobrecimento.

O romance do escritor alemão Bertrand de Walkliet (de 1530) testemunha esse facto. O construtor da Torre do Gato criou uma torre encimada por um gato.
No século XVI, este felino ascendeu à dignidade de insígnia das mais antigas famílias nobres. Como tal, surge numa centena de brasões da Borgonha, da Alemanha, da Holanda e de Itália.

Referimos, por exemplo, a cabeça de prata em fundo azul dos Dekaten ou as duas cabeças de gato que se enfrentam dos Platen.
Na tradição heráldica, diz-se que o gato inteiro se mostra "amedrontado" quando rasteja, "passante" se apresenta a cauda em penacho e "ouriçado" quando o dorso arqueado é mais alto que a cabeça e o pêlo eriçado.
Para recordar que se trata de um caçador que gosta da noite, o gato foi frequentemente retratado junto a ratos, num fundo negro.

Alguns brasões ostentam um gato extraordinário: os Chaffaux representados por um gato diante de uma casa, munido de uma foice; os Heigh escolheram uma gata com rosto de mulher com a cabeça coberta por um barrete; os Dobekatz escolheram um gato com colar que se lança do alto de um rochedo. Ilustra, também, a divisa dos duques de Borgonha: "Tudo por amor, nada pela força" ou a frase dos Kersaint: "Mau gato, mau rato".

Os Gatos e as Representações dos Clãs

O gato foi igualmente utilizado pelas famílias cujos nomes continham sílabas tais como "cat" ou "chat" e seus derivados. O clã escocês de Chattan arvorava no seu brasão um gato da montanha, o dos Catesby apresentava um gato malhado. Chegou a existir um brasão onde o gato surgia com um rato na boca: julga tratar-se do brasão do marinheiro Dick Whitington (ou Lorde Cat) que se tornou rico e poderoso graças à sua intrépida gata Fitzy que, de acordo com a lenda, salvou toda a tripulação do navio.

Entretanto, apesar da utilização das imagens do gato na constituição da arte heráldica, o felino não ocupa um lugar preponderante nas armarias, pois conserva uma dupla imagem.

De facto, se por um lado encarna a liberdade e a flexibilidade, a sua falta de franqueza e de audácia conferem-lhe uma conotação negativa.

O gato está ausente nas representações da Revolução Francesa. Por ocasião do advento da República, o gato foi ilustrado num emblema que celebrava a Liberdade: o gato agachado aos pés de uma deusa semelhante a Libertas, a divindade de Olimpo.

As primeiras representações da Liberdade incluíam a deusa ao lado de uma cornucópia da qual saíam um gato e um pássaro com um fio na pata.

Em França, após a queda da monarquia e o final da arte heráldica, o gato começou a figurar nas insígnias dos comerciantes, ilustrando frequentemente lendas insólitas.

Gatos e Insígnias Burguesas

A sua domesticidade levemente tingida de independência, a sua magnífica silhueta e a sua malícia proverbial estimularam a imaginação dos lojistas. Daí a profusão de insígnias de lojas e de pousadas com a designação "O Grande Gato", "O Gato Preto", "O Gato que Ri", "A Loja do Gato Preto"...
Em 1935, em Paris, no Boulevard Saint-Germain, a insígnia de um enorme gato com óculos favoreceu a implantação de um dos primeiros oculistas parisienses.
E não podemos esquecer o símbolo desenhado por A. Willette para o mais célebre cabaret de Montmartre, "Le Chat Noir", local que deu provas da verdadeira independência de espírito.

O Gato na Filatelia

Diversos países como o Luxemburgo, Polónia, Holanda, Iémen e Roménia, entre outros, utilizaram o gato como símbolo ou representação de um conto, de uma lenda ou de uma personagem ligada ao país.
Em 1957, a República de Cuba editou, em honra do cinquentenário da Fundação Jeanette Ryder, um selo representando essa protectora dos animais com dois cães a seu lado e um gato ao colo.

"Lavandaria" Rex toda em aço. Publicidade para a máquina de lavar roupa com uma mãe entregue à costura enquanto a filha tricota. Col. Selva, Paris.

Espanha comemorou a proeza de Lindbergh através da inclusão de uma silhueta de gato no ângulo inferior direito.

O Gato na Publicidade

Uma vez que este animal possui um forte poder evocador de símbolos, era óbvio que iria ser utilizado pela publicidade.

Símbolo do conforto e calor

Em 1885, um dos primeiros gatos famosos pela divulgação de um produto foi um enorme gato branco e negro descansando numa poltrona para Old Tom Gin (nome muitas vezes atribuído aos gatos ingleses da época). Como o gato passa grande parte do seu tempo a dormir, necessita de conforto e de calor. Portanto, surgiu sucessivamente sobre os estofos de um automóvel (Fiat), em sofás (Cinna), ao lado de caldeiras (Technal, Technibel) e de lareiras (Supra).

Símbolo da família

O gato é também o guardião da família. Esse papel foi primeiramente desempenhado entre os Egípcios. Uma empresa de tabaco utilizou o gato por duas razões. A primeira, em função do seu nome: a sociedade Catlin Tobacco. A segunda, prendia-se com o facto de ter escolhido a imagem publicitária de uma gata defendendo a caixa de tabaco que abrigava as suas crias. Ao gato guardião da casa pode opor-se ao rato assaltante para evocar a eficácia de um sistema de alarme (Brink's).

Símbolo de limpeza

O gato despende muito tempo na sua higiene. Desde há muito que a limpeza está associada à sua imagem. Em 1943, a sociedade Axton-Fisher utilizou um Angorá branco entregue à sua higiene para simbolizar que os filtros dos seus cigarros removiam as impurezas do fumo aspirado.

A marca Le Chat, que fabricava detergentes e sabões, utilizou a marca do gato para promover a imagem dos seus produtos.

Os detergentes Omo, "Fée du Logis" (Fada do lar) e a cera Manshion Polish recorreram igualmente a esta imagem.

Símbolo de Suavidade e Feminilidade

A suavidade do pêlo do gato permitiu-lhe promover as lãs (Chat botté) ou as pernas femininas (usando meias DIM ou depiladas com a máquina Philips). O gato ronronando acrescentou à ideia de suavidade, a do prazer (DIM). O alvo privilegiado desse tipo de publicidade foi, obviamente, a mulher. O símbolo de feminilidade emitido pelo gato ressurgiu igualmente no domínio publicitário. A mulher foi transformada em gata, como a felina preguiçosa dos sofás Cinna. Em contrapartida, a gata transformou-se em mulher para as jóias Boucheron.

Símbolo do silêncio

A elegância e a beleza veiculadas por este felino promoveram a venda de equipamentos domésticos (cozinhas Kano ou casas de banho Selles). Para além da sua elegância e beleza, também contribuiu para esta venda o facto deste animal se mover de forma silenciosa. O gato não gosta de alvoroços, por isso encontrámo-lo nas mensagens publicitárias ao lado de uma máquina de lavar louça (Miele) ou de um aspirador (Moulinex).

Símbolo de acuidade visual

O gato preto com olhos amarelos foi o símbolo perfeito para o sentido da visão. Este gato tornou-se o emblema dos faróis de automóveis Marshall e emprestou o seu olhar à máquina autofocus da Canon. Segundo Laurence Raphael (O Gato na Publicidade, Lyon, 1986), os símbolos mais utilizados na publicidade são o silêncio, a suavidade, a beleza, o luxo e a feminilidade.

Em 47% dos anúncios, os publicitários procuram ressaltar produtos domésticos, uma vez que o gato é considerado o protector do lar.

O alvo privilegiado é a mulher (40% como alvo único, contra 15% para os homens), visto que este animal se dirige à emoção e aos sentimentos. Em compensação, o gato é suficientemente evocador para ser colocado em cena sozinho em 43% dos casos. Em 32% das situações é acompanhado por uma mulher contra 6% por um homem. Note-se que as raças de gatos também são sugestivas porque se conclui

que a percentagem de animais de raça passa de 33 para 81% quando os produtos apresentados são criações de luxo.

Símbolo maléfico

Na publicidade, o papel maléfico do gato pretende apenas aumentar a intensidade dramática do anúncio. Actualmente, a imagem do gato parece estar reabilitada pois os publicitários nunca escolheriam um animal maldito.

O Gato, a Música e a Dança

A música antiga

No Antigo Egipto, Bastet era a deusa-gata mais popular. Contudo, havia outra divindade com cabeça de gato: o deus da música.

A música clássica

Este animal inspirou apenas algumas composições através da história, das quais as mais célebres são a Fugatta del Gatto de Domenico Scarlatti, o Dueto buffo de due Gatti de Rossini (troca de melodiosos miados expressivos), as Berceuses du Chat de Maurice Ravel, le Faucon et la Petite Chatte de Stravinsky, o ballet La Belle au Bois Dormant (A Bela Adormecida) de Tchaikovski, e os miados do Gato branco e o do Gato das Botas.

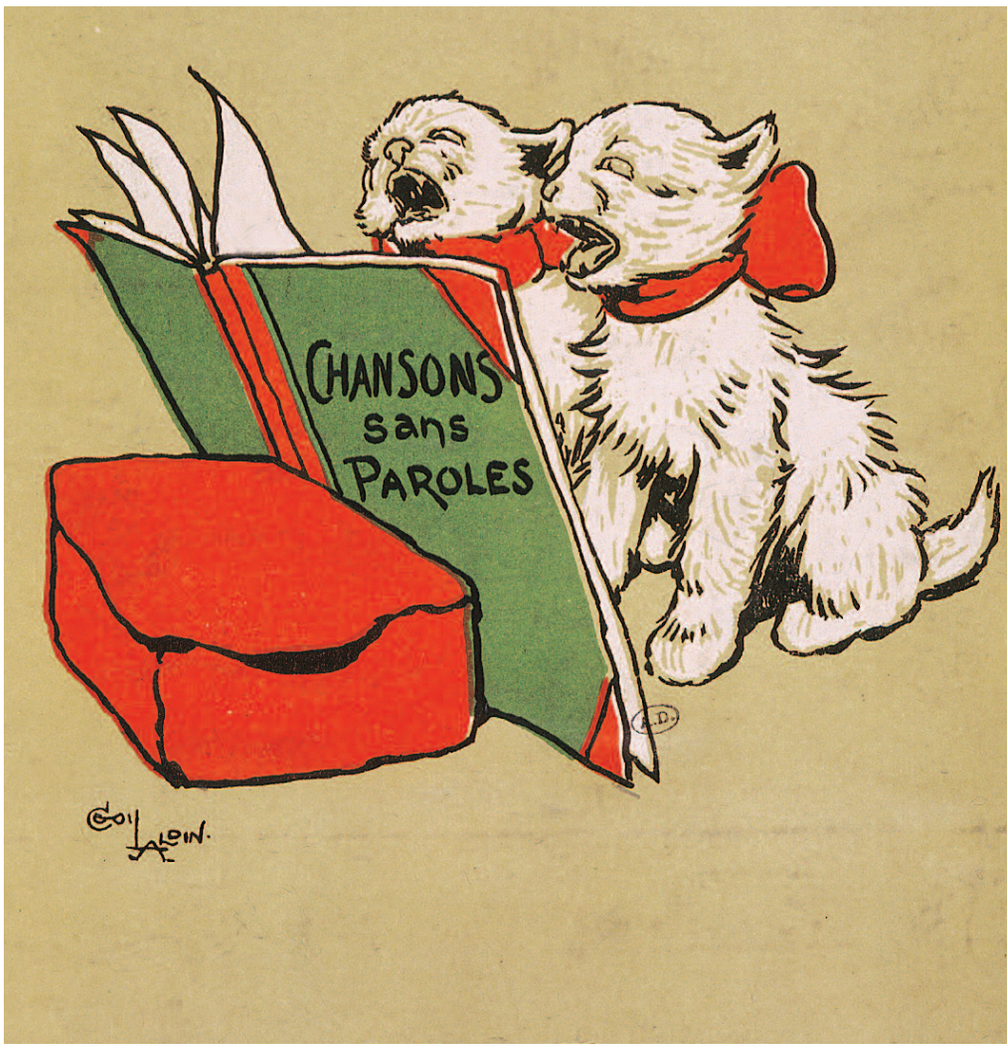
A música contemporânea

Mais recentemente, registamos o espectáculo musical de Andrew Lloyd Webber (1981) intitulado Cats, inspirado em An Old Possum's Book of Pratical Cats, compilação de poemas humorísticos, tais como, o Old Gumbie Cat ou Rum Tum Tugger, escritos para crianças pelo poeta T.S.Eliot, onde a gata é constantemente representada sentada (na entrada, na poltrona ou diante da lareira).

Em compensação, ao cair da noite, o gato percorre a casa e diverte-se, por exemplo, a emaranhar os cordões das cortinas.

É difícil adaptar ao francês todo o humor das caricaturas ou dos trocadilhos de nomes de gatos, mas Jacques Charpentreau, conseguiu criar uma representação moderna e adaptada à nossa própria civilização.

Esta comédia musical, brilhantemente montada por uma companhia de cantores-bailarinos-actores, músicos, coreógrafos e encenadores, ilustrou algumas facetas dos gatos, simultaneamente sensuais e exuberantes mas, também, frios e misteriosos.



Dois gatos cantando.
Capa "Canções sem palavras"
s.d. século XX.
Col. Selva, Paris.

Com excepção deste espectáculo, um texto não publicado de Eliot, por ter sido considerado muito triste, obteve grande sucesso. A obra em questão é Memory, interpretado por Elaine Paige. Contudo, foi Barbra Streisand que tornou conhecida em todo o mundo a história da gatinha Grizabella, banida da sociedade em virtude do seu aspecto miserável e, sobretudo, porque se atreveu a mostrar o seu desespero.

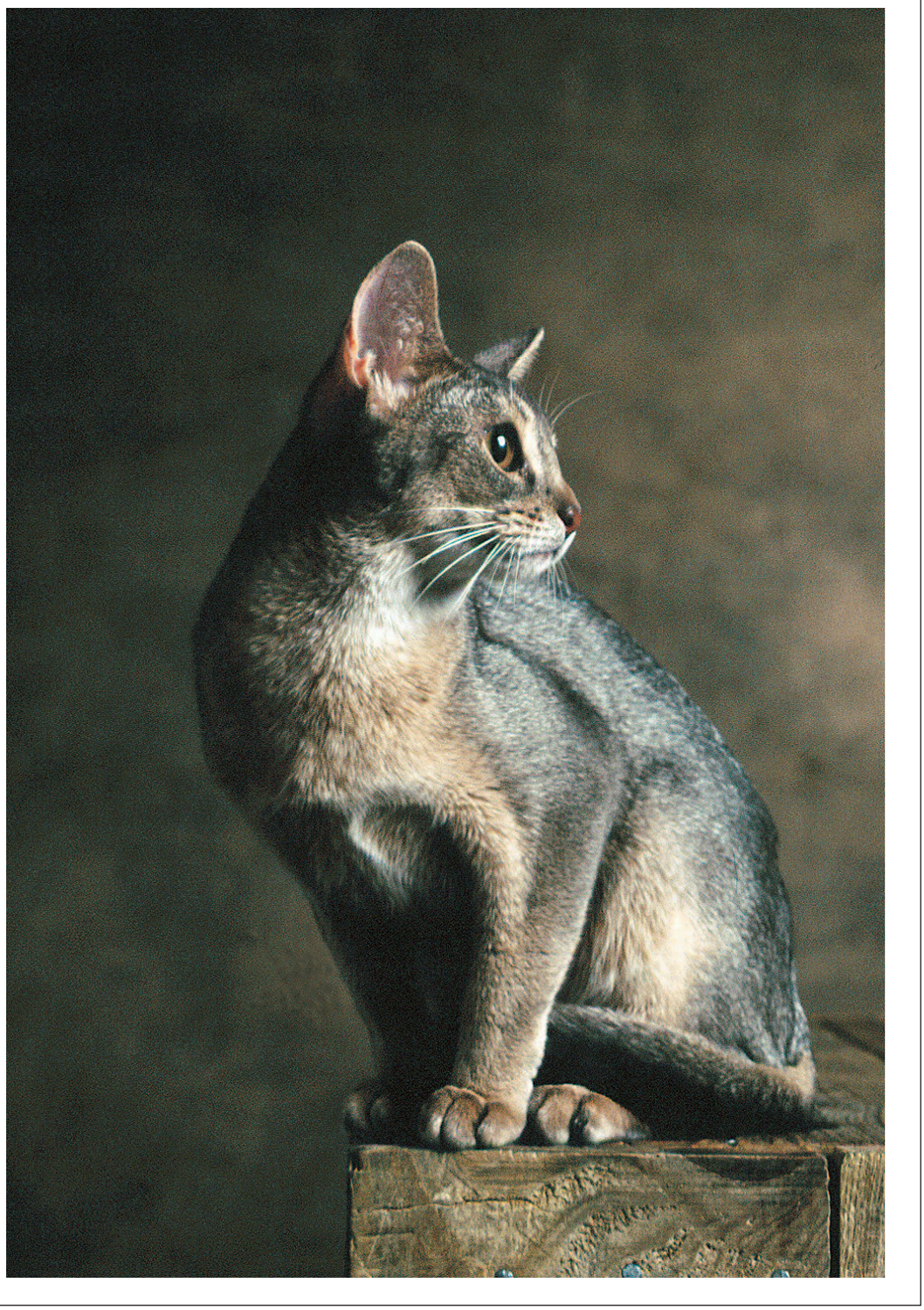


Foto: Yann Arthus Bertrand

O gato na fotografia

Podemos distinguir três categorias de fotografias que ilustram o gato: a do animal no seu meio habitual, a que se assemelha a um documentário, e a fotografia fantástica.

A Fotografia no quotidiano

Os retratos de gatos na iconografia moderna são muito abundantes. Para além da fotografia, os gatos são representados em diversos anúncios, cartazes e calendários. Procura-se muitas vezes ressaltar a ternura e a inocência destes animais, por intermédio de gatinhos, ou a beleza das poses familiares, dos olhos ou dos seus saltos.

Pode-se citar, por exemplo, o anúncio a preto e branco de Christian Louis (1968), no qual um gato branco, deitado num lençol, contempla a objectiva com o olho direito, enquanto que o olho esquerdo está escondido pelos óculos. Outro exemplo corresponde à fotografia colorida de Bruno Maso, o Gato Magnífico, na qual um gato branco é fotografado de baixo para cima sobre um fundo de azeviche que avança em direcção à objectiva. O gatinho recém-nascido Mieko de Eugène Smith, fotógrafo apaixonado por gatos, simboliza todas as promessas frágeis de uma nova vida.

A fotografia documental

Testemunhas da sua época, os fotógrafos representaram a imagem ou a função do animal na sociedade actual. André Kertesz observou durante vários dias uma mulher que dava de comer a gatos vadios na rua e, assim, imortalizou Uma cena de rua em Paris, em 1929. O fotógrafo nova-iorquino Harry Warnecke recompôs a observação de uma cena de rua num magnífico cliché no qual um polícia pára o trânsito muito intenso para que uma gata, com um gatinho na boca, possa atravessar a rua sob o olhar atónito de uma multidão de pedestres (1925). Em 1952, uma fotografia de Lowie Elliot Erwitt ilustra a serenidade, a vida e o nascimento, com uma mulher grávida deitada ao lado de um gato.

A fotografia fantástica

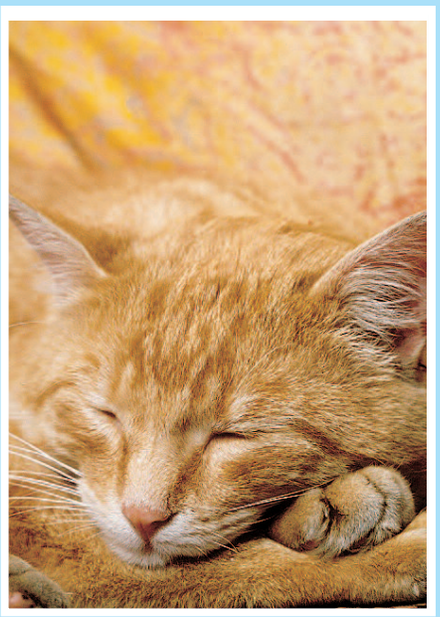
Entre as fotografias fantásticas mais célebres, notamos a de Philippe Halsman (1906-1979), Dali Atomicus. Dali é representado suspenso no ar, assim como o seu cavalete e a sua cadeira. A foto teve de ser tirada 26 vezes com gatos muito pacientes que eram projectados do lado direito ao mesmo tempo que uma tromba de água. Em 1980, temos outra perspectiva muito pessoal de Sandy Skoglung, a dos gatos radioactivos passeando por uma sala sombria onde um velho contempla a sua mulher que procura alguma coisa no frigorífico. Alguns fotógrafos consagraram obras inteiras aos gatos.

Os Gatos, de Yann Arthus Bertrand, é um álbum magnífico onde este talentoso fotógrafo mais uma vez dá prova da sua grande sensibilidade e do seu humor, por vezes, sarcástico. Mais nenhum álbum revela toda a intimidade e o amor que unem o gato ao seu dono.

Hans Silvester realizou igualmente um belo trabalho no álbum Les Chats du bonheur onde as mímicas felinas se revelam sobre um fundo de aldeias gregas.

3ª Parte

O GATO E O DONO



FUNÇÃO SOCIAL, COMPORTAMENTO, EDUCAÇÃO E VIDA QUOTIDIANA

Função social do gato

Verdadeiro "grilo do lar", o gato - que a estes últimos foi buscar uma característica particular, ronronando por vezes de forma tão ruidosa como os grilos e cigarras – é hoje em dia plenamente reconhecido como um animal de companhia. Aliás, em diversos países europeus como é o caso de França, Inglaterra, Alemanha, e também nos Estados Unidos, o gato conseguiu ultrapassar já no coração dos donos o lugar do seu amigo cão.

Mais autónomo, menos volumoso, o gato possui muitas qualidades para seduzir o ser humano deste século, cheio de pressa e stress, e que encontra no contacto com o gato carinho e compreensão, com um toque de malícia e imprevisibilidade que lhe confere um encanto muito especial.

O gato em família

Longe dos clichés habituais que fazem do gato o companheiro privilegiado dos escritores, noctívagos e solteironas, os donos de gatos são maioritariamente famílias com 2 filhos, que moram numa casa com jardim. O índice de propriedade situa-se em 66% para as pessoas que moram numa vivenda (62% para as que possuem jardim), contra apenas 25% para os citadinos residentes em apartamentos. Aproximadamente 66% dos gatos vivem em cidades com menos de 100 000 habitantes.

Gato em família

Em França, existem 8,4 milhões de gatos e uma casa em cada quatro possui pelo menos um gato. O gato é adoptado essencialmente por amor aos animais, de forma bastante acessória para caçar ratos, e com maior relevância como companhia para as crianças.

Mais de 85% dos agricultores possuem um gato, seguidos de perto pelos comerciantes, artesãos e chefes de empresas. Os quadros superiores, profissões liberais e pessoas inactivas representam apenas 36% daqueles que desfrutam desta felicidade.

Enquanto os donos de cães se limitam apenas a uma única espécie canina, os donos de gatos são frequentemente multi-proprietários, que associam a esta espécie, pássaros ou cães, no mesmo amor pelos animais.

Pouco submetido ainda a cuidados médicos, o gato que muitas vezes constituiu o parente pobre da medicina veterinária assiste agora a um início de século mais atento à sua saúde. Na Europa e Estados Unidos, existem já veterinários especializados em medicina felina, que fundam clínicas específicas para estes animais assim como jornais científicos dedicados unicamente a esta espécie.
A dedicação ao ser humano, da qual se considerava o gato incapaz há alguns séculos atrás, tornou-se cada vez mais forte, o que conferiu ao gato um estatuto similar ao do cão, velho companheiro do homem e o primeiro a ser domesticado.
Para além disso, quanto a este último conceito, podemos perguntar-nos se a domesticação do gato estará algum dia concluída. Com efeito, domesticação implica domínio da reprodução. Ora, trata-se realmente de um paradoxo sobretudo em relação ao gato, pois continua a ser difícil dominar a reprodução dos gatos de raças – que não querem reproduzir-se quando os criadores o entendem – enquanto que nas ruas e bairros os gatos livres dão à luz ninhadas incontáveis!
Portanto, a domesticação do gato continua a ser uma área inacabada, na qual todos nós, na qualidade de donos, temos o privilégio de participar.

O gato e a criança

Em virtude de algumas ideias enraizadas e preconceitos, os bebés e mais tarde os adultos são privados da felicidade de viver com gatos. Atribui-se ao gato a má intenção de querer asfixiar o bebé por se deitar no berço.

Duas razões podem justificar a atracção que um bebé exerce sobre um gato: em primeiro lugar as regurgitações e a produção de leite azedo decorrente podem efectivamente atrair o gato para uma nova fonte de guloseimas. Esta é uma das razões pelas quais o gato procuraria o berço, quer para o lamber quer para nele dormir. Em segundo lugar, porque o bebé dorme muito, tal como o gato, e sempre num berço particularmente macio e quente. Basta dizer que reunir num só ser tantas tentações só poderia atrair o gato!

Criança com o seu gato

Durante os primeiros meses de vida da criança, é prudente vedar-lhe o acesso ao quarto, no entanto tendo o cuidado que o gato não associe a presença do bebé à falta de carinho para com ele.

Mas durante os períodos em que o bebé se encontra acordado é fundamental dar toda a liberdade tanto ao gato como ao bebé, para que possam interagir como entenderem.

Assim poderemos ver certas manhãs o gato parado diante da porta do quarto do bebé, esperando que este acorde. Seguidamente, posicionar-se sob a mesa e oferecer-lhe o flanco para algumas carícias enquanto o bebé toma o pequeno almoço. Estas interacções, por iniciativa evidente do gato, podem começar antes do 5º mês de vida.
Com o início da motricidade começam as correrias, e por vezes momentos mais difíceis para o gato quando a criança descobre a sua cauda, particularmente móvel!

É entre os 18 e 24 meses de idade que as crianças manifestam comportamentos agressivos, classicamente descritos na sua evolução normal. O dono do animal deverá manter-se vigilante e conservar-se sempre perto do gato e da criança durante essas interacções, muito

Adolescente com o seu gato.

embora seja sempre possível ocorrer uma arranhadela. Além disso, durante este período é necessário ensinar a criança a respeitar o gato, que pode também fazer-se respeitar por si só! Assim se explica que Florence, que desde os 6 meses de idade se mostrava completamente fascinada pelo cão que lhe vinha lamber os pés e se deitava ao seu lado, a partir dos 8 meses manifestou muito claramente comportamentos de acolhimento e chamamento em relação à gata, expressando o seu prazer em vê-la através de vocalizações muito agudas, avançando as mãos e sorrindo na sua direcção. Contudo, como não morava com este animal, que via apenas de 15 em 15 dias, teve de esperar pelos 2 anos de idade para a "conquistar" e passar a manipulá-la como bem entendia.

Melhor do que qualquer outro animal, o gato permite à criança o contacto com o seu ambiente através da estimulação cinestésica, possibilitando a exploração segura da envolvente imediata. A imagem de um gato que deambula suscita um interesse imediato e espontâneo na criança, que produz vocalizações para manifestar a sua alegria e excitação. Chega por vezes a esquecer a dor de dentes que a tinha acordado. As vocalizações infantis provocam frequentemente a fuga do gato, porque o seu temperamento e socialização mais ou menos precoce (ideal quando se realiza antes das 5 semanas de idade) vão determinar em grande parte a qualidade e a própria natureza das interacções entre a criança e o gato. Esta diversidade de temperamentos felinos explica também o facto de não ser necessariamente com o gato da família que a criança pode desenvolver o maior número de interacções. Poderá ser o gato da avó que fascine a criança e responda às suas iniciativas de interacção.

A criança, independentemente da idade, aprende a adaptar o seu comportamento em função dos desejos do gato; em poucas palavras aprende a ter paciência. Encontra no gato um parceiro que lhe facilita o acesso ao mundo adulto, através da porta da brincadeira.

A espera, o respeito mútuo, a capacidade de dominar os seus gestos, as suas vocalizações e expressões: o gato vai-lhe simplesmente ensinar a vida.

O gato na escola

Alguns professores decidiram contratar um auxiliar pedagógico original: um gato. Trata-se por vezes do seu próprio gato, de um animal que viva nas instalações da escola, ou de um gato recolhido na rua e cujo temperamento esteja particularmente bem adaptado a esse tipo de vida.

Assim, Sylvie Thevenon narra-nos a sua primeira experiência como professora primária num bairro de Paris, onde a disciplina era algo bastante difícil de ensinar às crianças.

"A chegada do animal ocorreu de forma inopinada, um mês e meio depois do início das aulas, no dia em que uma criança trouxe para a sala de aula um gatinho abandonado que rondava há pouco tempo a escola recém construída.

O que antes podia ser considerado como um grupo turma mudou completamente. Ficou também claro que nesse dia era impossível fazer fosse o que fosse que não incluísse o gatinho. Todas as crianças faziam perguntas, pediam se podíamos ficar com ele, davam a sua opinião sobre a melhor forma de o tratar, de o agarrar e onde deveria dormir. Com o seu sentido de justiça e injustiça muito acentuado, mantinham sempre em dia os momentos de carinho atribuído por cada um.

"Pela primeira vez todas as crianças da turma expressaram-se e a organização do diálogo entre eles tinha funcionado de forma distinta: não tinha havido quaisquer referências nem aos líderes nem à professora!"

Nesse sentido, a presença do animal alterou totalmente o comportamento das crianças. Fez surgir novas formas de diálogo, de escuta, deu um lugar, um valor e um papel a cada um, tornou a turma num grupo coerente, complementar e unido em torno de um projecto. O animal assumiu a forma de um verdadeiro elemento de coesão, servindo de estímulo e motivação para a aula.

A presença do animal teve múltiplas consequências durante o ano. De entre os factos mais marcantes, as crianças com dificuldades em se concentrar numa determinada tarefa, descobriram que eram capazes de ter projectos e de neles se inserirem. Melhoraram as suas

capacidades de concentração, tornando-se activos, voluntários, capazes de respeitar os compromissos e assumir responsabilidades. Um pouco como se "se esquecessem de si" em presença do animal...
Debateram a forma de respeitar o animal, de não o incomodar. Partilharam as suas experiências com o próprio grupo e também com crianças de outras turmas. Circularam pela escola curiosidades sobre o animal, foram expostos trabalhos (pequenos livros, poesias, desenhos...)
Por todas estas razões e principalmente devido a um dia a dia inarrável, a presença do animal tornou-se indispensável porque deu a oportunidade a estas crianças de se revelarem sem porem em causa a forma como seriam aceites.

O gato como terapia

Os gatos conhecem os edifícios hospitalares e inúmeras colónias de gatos residem nas imediações dos Hospitais, de clínicas, onde os profissionais da saúde e muitas vezes os doentes lhes fornecem comida e carícias.
Longe de banir estes comportamentos em nome da higiene e normas sociais, diversos médicos ou psiquiatras utilizaram o interesse suscitado pelos gatos para favorecer uma recuperação mais rápida dos pacientes, ou até como uma ajuda complementar onde a medicina tradicional se mostrava impotente.
As primeiras experiências terapêuticas facultadas pelo animal foram descritas pelo psiquiatra infantil Boris Levinson, cujo cão - Jingles - participou uma vez fortuitamente na consulta.
Normalmente Boris Levinson não autorizava a sua presença no consultório, mas naquele dia recebeu uns pais que vinham com o filho autista para uma consulta de último recurso, antes do provável internamento da criança numa instituição.
Boris Levinson aceitara recebê-los fora dos seus dias de consulta e como tal, o cão ficou. A criança nada disse durante toda a consulta excepto no final, quando o médico referiu aos pais a hipótese de uma segunda marcação, altura em que a criança quebrou o seu longo mutismo para perguntar se o cão estaria presente na próxima vez.
Boris Levinson passou então a utilizar conscientemente o cão e quando publicou pela primeira vez os resultados, foi alvo das piadas dos colegas, que não deixaram de lhe perguntar se também remunerava o animal.
Mas no espaço de pouco tempo formou-se uma corrente na psiquiatria americana, que chegou depois à Europa, em prol da assistência terapêutica que os animais de companhia podem exercer sobre os doentes. Os cães foram os primeiros animais utilizados, mas os gatos são regularmente solicitados para as pessoas idosas e em meio psiquiátrico.
É evidente que o corpo médico que aplica a terapia proporcionada pelo animal deve utilizar animais com os quais possua um bom contacto. Se não estiverem familiarizados com gatos ou tiverem medo deles, será preferível escolher outra espécie ou não utilizar animais.
Em contrapartida, por exemplo no Hospital Paul-Giraud em Villejuif, França, os gatos foram auxiliares de saúde preciosos, sob o controle atento e afectuoso das equipas médicas. O papel da equipa médica é muito importante porque muito embora o gato permita ao

Gato vadio

doente abrir-se para o mundo e desenvolver comportamentos positivos, o oposto, ou seja o encerramento numa relação muito exclusiva também pode ocorrer. O gato é um formidável catalisador de relacionamentos, de emoções, mas o papel da equipa médica é orientá-las para levar o paciente em direcção à cura, ou pelo menos a uma melhoria.

Sem qualquer relação com o campo da psiquiatria, diversos estudos demonstraram que o simples facto de se acariciar um gato, de falar com ele ou mesmo de ler na sua presença, sem outras interacções especiais, eram o suficiente para fazer baixar a nossa tensão arterial.

Outros estudos evidenciaram também o interesse do gato por pacientes com uma patologia cardíaca grave (na sequência de enfartes ou acidentes vasculares): a sua presença aumentava o tempo de sobrevivência.

A presença de um gato no meio hospitalar contribui para humanizar o local, estabelecer relações entre os pacientes e o corpo clínico.

Muitas vezes o corpo clínico receia que a presença de um gato possa aumentar as suas tarefas já de si tão pesadas mas, sistematicamente, a partir do momento em que o gato é introduzido acaba por reconhecer que a sua presença facilita as relações, diminui os índices de agressividade dos doentes e torna tudo mais fácil.

O gato vadio, nómada dos jardins

Em volta dos gatos que vivem em colónias estabelece-se nas nossas cidades uma rede de solidariedade, de partilha, de diálogos que alguns etnólogos começam agora a explorar com bastante seriedade. Muito embora aquelas que são alcunhadas como "avózinhas dos gatos" por vezes constituam o desespero de alguns políticos que gostariam de ver os cemitérios limpos e arranjados sem gatas nem gatinhos, contribuem para alimentar esses gatos nómadas e participam activamente no encanto desses locais.

O que seria o Capitólio, o Fórum de Roma, o Cemitério do Père-Lachaise sem os gatos?

Certamente lugares sem alma. Aliás, a nova lei de protecção do animal de companhia, publicada logo no início de 1999, compreendeu-o perfeitamente, uma vez que instituiu um verdadeiro estatuto para esses gatos livres. Esterilizados, identificados e sempre que possível, vacinados, esses gatos podem deambular com toda a confiança perante os nossos olhares extasiados.

Tal como aqueles que gostam de dar de comer aos pombos, certas pessoas experimentam grande prazer em tratar dos gatos que não têm hipótese de acolher em suas casas. E os gatos retribuem-lhes não se mostrando nada parcos em carinhos.

O gato e a pessoa idosa

Por todas as razões anteriormente evocadas, mas também pelas suas qualidades de autonomia, o gato é por excelência o animal de companhia das pessoas idosas. No entanto, convirá escolher um animal com bom carácter, não excessivamente vivo e bastante socializado caso os netos sejam visitas regulares.

Dever-se-á evitar a escolha de um gato de pêlo comprido que exigiria escovagens muito frequentes e por vezes cuidados oculares diários. Mas neste ponto tudodependerá do temperamento da pessoa ou do casal de idosos.

Gatos nas empresas, uma profissão de futuro

Originária dos Estados Unidos, a moda tem todas as hipóteses de chegar até nós caso dê resposta a expectativas sinceras. Desde há muito tempo, numerosos comerciantes ou até estações de correios, deixam os seus gatos deambular livremente pela loja, escritório ou instalações. Hoje em dia, as agências de comunicação ou de publicidade não hesitam em permitir que os seus funcionários tragam o seu cão para o local de trabalho. Como o gato não aprecia os meios de transporte, quando vive na empresa, é em geral, de forma permanente tratado como mascote. Habitual nas clínicas veterinárias, o gato pode também "trabalhar" para grandes empresas onde claramente modifica a atmosfera, criando uma verdadeira coesão à sua volta.

Mantêm-se o problema doloroso que por vezes impede uma pessoa idosa de ter o prazer de viver com um gato: "Mas e depois, doutor?..." Esta ânsia de garantir ao gato depois da sua morte uma vida confortável é perfeitamente compreensível e, quando a pessoa idosa se encontra sozinha ou é viúva, constitui uma preocupação real. O sistema do apadrinhamento por parte de amigos é a melhor solução para não privar um idoso dessa felicidade quotidiana. Quantas empregadas domésticas, auxiliares, amigos ou pessoas próximas contribuem para tranquilizar a pessoa idosa, comprometendo-se a encarregar-se do gato no futuro se o seu dono lhe fizer a triste surpresa de partir antes dele... Por vezes, é só com esta segurança que a pessoa idosa consegue viver, serenamente, o prazer da companhia de um ou vários gatos. E que os netos ou os filhos dessas pessoas não se culpabilizem se não puderem assumir esse compromisso. Os gatos têm amigos suficientes para testemunhar as capacidades de partilha e de solidariedade de que é capaz o género humano. Lembramos contudo que, para todos, jovens e menos jovens, a morte de um gato representa um momento particularmente delicado, susceptível para certas pessoas frágeis ou doentes de desencadear um episódio de depressão ou mesmo de doença (por exemplo, uma pessoa com esclerose múltipla). Aqueles que lhe estejam próximos deverão dar-lhe o apoio, caso aconteça esse infeliz desenlace.

Este luto é especialmente doloroso para as pessoas idosas que perderam já o cônjuge e para quem o gato personificava a única testemunha da sua vida em comum: passa-se o mesmo com os adolescentes cujos pais se divorciaram e que acabam de perder o gato, que por vezes constituía a única lembrança da união dos pais e da sua infância. Devemos aprender a estar atentos àqueles que nos estão próximos e apoiá-los nos momentos difíceis. "Um desgosto de gato, é um desgosto tão verdadeiro como qualquer outro".

Educação e comportamento do

Apesar da sua reputação de independência e autonomia, a educação do gato processa-se desde a mais tenra idade para a qual demonstra dons evidentes de aprendizagem. Citemos como único exemplo o caso de um gatinho criado com dois cachorros e que, por imitação, aprendeu a levantar a pata para urinar! No entanto, só se podem ensinar ao gato sequências de comportamentos naturais, posteriormente reforçados ou não, para assim moldar a sua forma de agir. É aliás esta a arte que evidenciam os poucos artistas que trabalham no circo com estes animais: identificam os comportamentos interessantes dos seus gatos, reforçam-nos e depois apresentam-nos em cena valorizando-os. Ao nível do gato, a motivação é quase mais importante do que para o cão, e motivação neste contexto deve ser interpretada em sentido idêntico ao do ser humano: o gato deve ter vontade de realizar esse comportamento para o conseguir pôr em prática. O engodo alimentar tão usado nas experiências de Pavlov, particularmente eficaz com o cão, não funciona com o gato. A ligação ao dono e o gosto pelas brincadeiras constituem motivações mil vezes mais eficazes. A própria referência ao conceito de motivação para os neurofisiologistas demonstra o grau de inteligência que estes últimos atribuem ao gato.

A educação do gatinho

Os progressos actualmente alcançados em termos do conhecimento do comportamento felino demonstram, tal como no ser humano, que o desenvolvimento psicomotor tem início a partir da gestação, e portanto, antes do nascimento. O comportamento da mãe terá influência no das suas futuras crias e sobre as suas capacidades de aprendizagem.

Uma equipa de investigadores britânicos demonstrou também que, a sociabilidade deste animal em relação ao homem pode ter uma base genética e ser uma característica herdada do macho progenitor. Actualmente, esta é a única influência conhecida do macho sobre a prole, uma vez que não se ocupa dela posteriormente. Contudo a componente essencial da educação processa-se durante o período que vai do nascimento até aos 6 meses de idade; a educação e aprendizagens são também possíveis mais tarde no adulto, em função do temperamento do gato e das qualidades pedagógicas do dono.

O comportamento do gatinho estrutura-se em volta de três pólos, no seio da ninhada:

- a aprendizagem, que ocupa um lugar primordial;
- o papel da mãe, que cada vez mais se revela importante na fase inicial do desenvolvimento;
- a socialização, da qual vai amplamente depender o seu comportamento em adulto.

Referimo-nos efectivamente à socialização intra-específica, ou seja à implementação de todos os comportamentos de comunicação próprios da espécie felina. Esta implementação é precoce, principalmente quando comparada com a do cão, e fundamental para o bom

Gatinhos em grupo

desenvolvimento do gatinho e para o seu equilíbrio emocional. Inicia-se a partir da 2ª semana após o nascimento e termina por volta da 7ª semana, por vezes um pouco mais tarde. Durante este período é importante proporcionar aos gatinhos aquilo que os etólogos designam por "meio enriquecido", ou seja, fontes de estímulos adequadas para despertar os sentidos e a inteligência.

O contacto e os jogos entre gatinhos são fundamentais para o seu desenvolvimento, e devem processar-se antes das 8 semanas de idade. A socialização inter-específica, ou seja, a aprendizagem de comportamentos sociais dirigidos a espécies amigas (homem, gato, coelho, etc.), ocorre igualmente neste período terminando por volta do 3º mês. Da qualidade desta socialização inter-específica, vai depender a natureza e a força da ligação que se irá estabelecer entre o gato e o dono. A sociabilidade do gato pode ser influenciada, habituando o animal a ser manipulado por diversas pessoas durante as primeiras semanas de vida, tornando-o assim num animal de carácter fácil. Este adaptar-se-á a todas as pessoas, mas globalmente estará pouco ligado a um dono em particular. Pelo contrário, poderá ser manipulado apenas por 1 ou 2 pessoas no máximo, o que fará dele um animal de um só dono, muito ligado ao futuro proprietário.

A aprendizagem das espécies com as quais o gato irá posteriormente conviver deve realizar-se desde tenra idade, uma vez que mais tarde a familiarização será infinitamente mais difícil. Esta circunstância é particularmente verdadeira para as crianças pequenas, que aos olhos do gato constituem uma espécie à parte dentro do género humano! Imprevisíveis, capazes de emitir sons extremamente agudos, de aproveitar um momento de distracção dos adultos para puxar os bigodes, a cauda ou as orelhas do gato que passa, as crianças mais jovens por vezes, não são bem aceites pelo gato. É importante proceder à sua familiarização, sobretudo nos casos em que os avós recebam apenas ocasionalmente a visita dos netos.

Os comportamentos de higiene, de eliminação e alimentação (com excepção da amamentação) possuem obviamente uma componente inata, mas, são também rapidamente ensinados pela gata às suas crias. A partir do 15º dia, o gatinho consegue lamber a sua zona anterior. A partir das 3 semanas de idade consegue fazer as suas necessidades na caixa de areia. A partir da 4ª semana pode comer o mesmo alimento que a mãe, imitando o seu comportamento e

Exemplo de um Maine Coon num "meio enriquecido"

adquirindo consequentemente as suas preferências. Também aprende a beber água fresca com esta idade. Como o gosto da água é diferente do leite, será conveniente educá-lo rapidamente. Para que o gatinho não se torne difícil em termos nutricionais, será conveniente apresentar-lhe alimentos com textura e gostos diferentes (alimentos secos e húmidos com sabores variados).

Em casa do dono

Quando se adopta um gatinho, a educação é limitada. Os hábitos de higiene estão já adquiridos e de forma geral, basta mostrar-lhe uma vez a sua nova caixa de areia para que o animal memorize o lugar onde esta se encontra e ali se dirija sistematicamente.

"Meio enriquecido"

Esta designação convencional significa criar os gatinhos num ambiente físico, sensorial e relacional diversificado. Todos os estudos demonstraram benefícios para os gatinhos pelo facto de terem à sua disposição, mesmo que apenas durante alguns minutos por dia, diversos objectos (pequenas bolas, sacos de papel pardo, caixas de cartão) e peças de madeira às quais possam trepar. Devem igualmente existir elementos suficientemente grandes para que neles se possam esconder (as caixas de cartão são uma verdadeira fonte de descobertas!), bem como um universo sonoro diversificado (televisão, brincadeiras e gritos de crianças, música). Os gatos criados nestas condições apresentaram muito antes das 5 semanas de vida (a idade habitual para estas actividades) esboços de comportamentos lúdicos. É óbvio que o seu desenvolvimento acelerou e melhorou consideravelmente.
O objectivo do meio enriquecido consiste em favorecer um desenvolvimento comportamental harmonioso dos gatinhos e permitir-lhes uma adaptação a todas as circunstâncias. Os gatinhos criados nestes meios revelam um comportamento exploratório muito desenvolvido.

O gatinho também aprende e, neste caso, sem necessidade de explicações especiais, a localizar o frigorífico e tudo aquilo que lhe permita o acesso à sua comida.
O respeito pelas mesas, pratos e refeições dos seres humanos reveste-se de maior dificuldade. Com efeito, saltar para cima da mesa da casa de jantar ou da cozinha, onde são preparadas as refeições, faz parte dos comportamentos normais do gato. Se pretender repreendê-lo bastará um "não" seco. Poderá acompanhá-lo com um ruído seco (estalando os dedos ou batendo palmas). Em contrapartida, quando o gato está acostumado a saltar e a andar livremente em cima da mesa, será muito difícil que respeite uma mesa posta para convidados. Não terá outra alternativa senão fechar a porta da casa de jantar! O livre acesso a todas as divisões é, de forma geral, o modo de funcionamento mais simples. Contudo, é fácil impedir o acesso ao quarto de um bebé, muito embora seja indispensável estabelecer as regras do jogo com alguma antecedência, ou seja, pelo menos um mês antes do nascimento.

Comportamento social

Por muito paradoxal que possa parecer, o gato faz parte dos animais sociais e muito embora privilegie, por vezes, a ausência de contactos (nomeadamente com alguns congéneres) é capaz, tal como o ser humano, em condições de vida ideais de demonstrar verdadeiros talentos em termos de comunicação.
A natureza dotou-o com meios de comunicação especialmente subtis e variados que lhe permitem detectar a presença e o estado emocional de congéneres ou outros animais e decidir, com conhecimento de causa, recusar ou aceitar um encontro.
Quando o encontro com um congénere é inevitável e não desejado, todos os meios de comunicação são empregues numa estratégia dissuasiva em que o "bluff" constitui uma componente fundamental. Essencialmente visual, o gato é sobretudo sensível aos contrastes de luminosidade (pode distinguir diferenças de 10 a 12%) e aos movimentos, sendo capaz de detectar um ratinho que se mexe à ridícula velocidade de 144 m/h. Para o gato a cor não é

um factor determinante, e só o azul e o verde são percebidas com total definição.
Contrariamente à ideia generalizada, o gato não vê na escuridão absoluta, mas requer 6 vezes menos luminosidade do que o homem para distinguir um objecto com o mesmo grau de nitidez. O que significa que à noite, o gato comparativamente ao homem, distingue melhor outras criaturas e relevos.
Os bigodes do gato proporcionam-lhe, aliás, excelentes informações complementares, pois permitem uma detecção pormenorizada dos objectos graças aos gradientes de calor e de turbulência que orientam o seu nariz e as suas papilas para o ângulo mais favorável.
O último trunfo olfactivo do gato é o canal vómero-nasal, que liga a cavidade bucal à cavidade nasal. Na extremidade deste canal encontra-se o órgão de Jacobson, coberto por células olfactivas, directamente ligadas por via nervosa ao bulbo olfactivo. Esta particularidade anatómica faz com que o gato seja considerado um animal macrósmico (capaz de detectar uma única molécula odorífera, enquanto que o ser humano precisa de algumas centenas) e possua um discernimento dos odores muito apurado, assim como das emoções.
Geralmente atribui-se um ouvido musical ao gato, que consegue captar diferenças de décimas de tom nas frequências mais elevadas e de quartos de tom nas frequências médias. É também indiscutível que num ambiente familiar o gato responde pelo seu nome, distinguindo-o dos outros nomes da família. Mas provavelmente, responde também ao timbre e às inflexões da voz do dono, porque se numa situação clínica for o Médico Veterinário a pronunciá-lo, o gato, de forma geral, conserva-se imóvel a este apelo, provando mais uma vez a sua afeição pelo dono.
Tal como consegue analisar em pormenor os comportamentos dos outros, o gato deixa também transparecer as suas emoções quer de forma directa quer deixando marcas à sua passagem. Esta comunicação em diferido ou à distância processa-se essencialmente através de marcas odoríferas e visuais. As deposições de odores, que englobam tanto os depósitos de

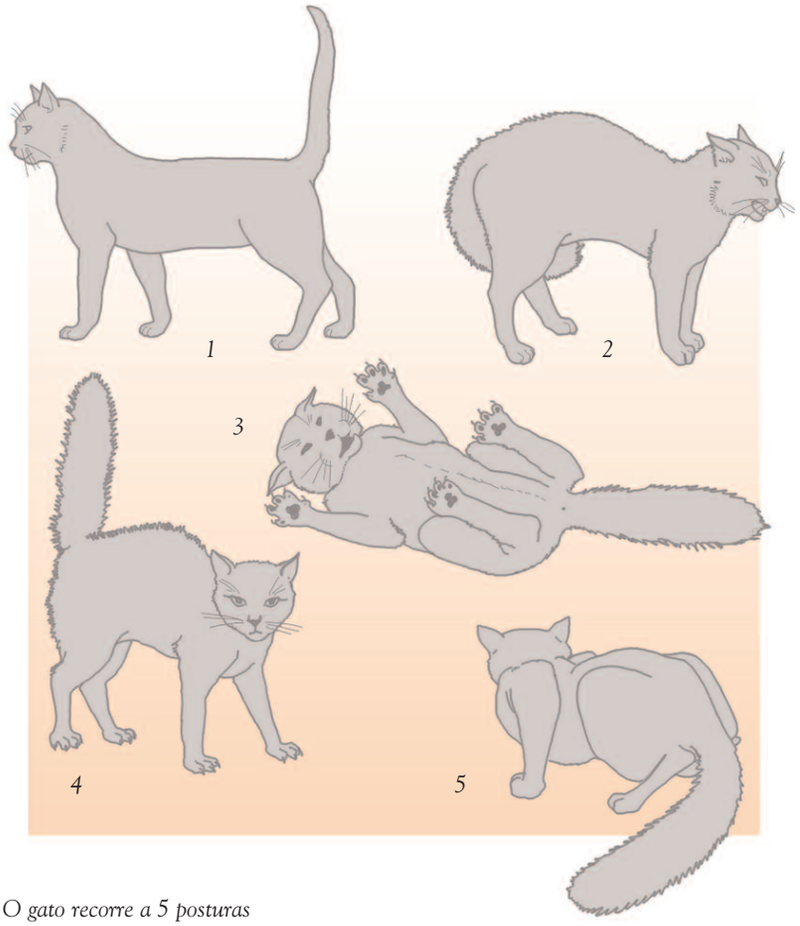
Uma criança brinca com o seu gato

QUAL O TEMPERAMENTO DO GATO?

Pergunta incongruente até há algumas décadas atrás, sabemos agora (graças ao estudo de colónias de gatos em liberdade), que existem diversos tipos de temperamento no gato:
- o gato desconfiado: sempre alerta, na defensiva, explora pouco os terrenos estranhos, não participa em interacções com congéneres desconhecidos, foge dos humanos que não conhece;
- o gato sociável: privilegia sempre o contacto (lambidelas mútuas, brincadeiras sociais), que procura e estabelece;
- o gato intermédio: nem sociável nem desconfiado, responde às solicitações ainda que provenientes de desconhecidos, mas não toma a iniciativa. Não é um comunicativo activo mas possui um temperamento equilibrado.

O criador, uma segunda mãe

Intermediário incontornável entre a gata e o futuro dono, o criador e o seu núcleo familiar possuem um papel determinante no comportamento do gatinho. O criador é para este último "o ser humano de referência". Quando o gato se destina a uma família com crianças, esta é uma das razões por que é importante que entre a 2ª e a 7ª semana de vida o gatinho possa estar em contacto quer com as crianças com quem vai conviver (pelo menos 1 vez por semana), quer com outras crianças, da família do criador. Pode parecer fastidioso ou complicado, mas é sem dúvida a melhor forma de ter um gatinho perfeitamente adaptado à sua vida futura. A situação é idêntica para os gatos que se destinem a coabitar quando em adultos com cães. É importante que o criador possua cães ou que possa aproveitar para colocar em contacto as ninhadas com um cão de carácter agradável.
Algumas manipulações sistemáticas a que se dá o nome de "handling" permitem exacerbar a futura afeição do gatinho pelo homem. Trata-se de manipular o gatinho diariamente durante o período de socialização (pegar-lhe ao colo, fazer-lhe festas, falar com ele durante 5 a 40 minutos por dia). Se este "handling" for realizado pelo próprio criador a ligação ocorrerá mais facilmente com um dono solteiro. Para um gatinho destinado a viver numa família o "handling" deverá ser realizado por 2 a 3 pessoas diferentes, de preferência de sexo diferente e com um relacionamento tão bom com as crias e com a gata como o próprio criador. Se a gata for medrosa será preferível realizar o "handling" longe da sua presença.



O gato recorre a 5 posturas principais para comunicar:
1. Amistosa
2. Confrontação
3. Defensiva
4. Agressiva
5. Ameaça

urina e fezes como as secreções das glândulas sudoríparas, são frequentemente denominadas "marcação". No entanto, é importante saber que a própria noção de marcação pressupõe que o odor depositado inspire medo, provocando a fuga daqueles que o farejem.

É assim com a maioria dos Felídeos, mas tal não se verifica no gato, pois a deposição de odores, principalmente quando se trata de urina, incita o gato que passa posteriormente a cobrir este depósito com outro e a prosseguir o seu caminho sem temor. É por esta razão que é mais correcto falar em deposição de odores, pois tal que não pressupõe qualquer função deste comportamento. Algumas destas substâncias foram recentemente isoladas e sintetizadas sob a forma de "spray". Supostamente a sua função é calmante, mas de forma nenhuma podem resolver todas as situações. Deverá aconselhar-se sempre com o seu Médico Veterinário, em caso de perturbações comportamentais. Os gatos também deixam marcas da sua passagem, através de arranhões que podem deixar nas árvores, nas mobílias ou por vezes nos cantos dos sofás. Levantam-se diversas hipóteses: algumas pessoas vêem neste comportamento uma forma original de alongamento, o gato que se estica e arranha o que lhe estiver mais próximo, especialmente quando acorda. Para outros, o gato quando arranha um objecto deixa nele secreções provenientes das pequenas glândulas situadas entre as almofadinhas plantares, que entram em actividade por acção do medo. Caso frequente quando o gato vai ao veterinário, deixando então marcas da sua passagem e vestígios visuais, tais como os rasgões perpetrados em materiais mais ou menos macios (os sofás de cabedal evidenciam por vezes estigmas lamentáveis!). Esta última hipótese explicaria a razão porque os utensílios comerciais para arranhar não funcionam tão bem, simplesmente porque não fazem parte de nenhum acontecimento vivido pelo gato. É certamente através da comunicação directa que o gato mostra todos os seus talentos de comediante, de fanfarrão e por vezes o seu sentido da tragédia. Nos encontros com congéneres, o gato utiliza posturas e vocalizações e transmite aos seus interlocutores mensagens subtis através dos movimentos dos bigodes e das orelhas.

Assinalam-se 5 posturas principais, consoante as emoções do gato e as mensagens que pretende comunicar. As costas arqueadas são a postura mais conhecida, uma vez que transitou para a linguagem do dia a dia. Nela, o gato tenta parecer tão assustador quanto possível, com a pelagem eriçada o que contribui para aumentar o seu volume, a cauda erguida como um escovilhão, as pupilas dilatadas ao máximo. Pelo contrário, a abordagem amistosa caracteriza-se pela pelagem em repouso e a cauda encurvada de forma característica.

Ao nível das posturas de ameaça, quando o gato se apresenta agachado sobre o ventre, de unhas de fora, é muito importante não a interpretar da mesma forma que para o cão, como uma postura de submissão. Neste caso, o gato está disposto a tudo para se libertar da situação desagradável em que foi colocado e a mordedura será eminente se o interlocutor insistir.

Os ataques entre gatos são sempre espectaculares em termos sonoros. Na verdade, muitas vezes fazem muito barulho por nada, pura e

simplesmente. Excepto no caso das lutas entre machos durante a época dos acasalamentos em que as mordeduras são reais, as lutas entre gatos traduzem-se na maior parte das vezes por longas fases de espera e preparação para o combate, com ruídos ameaçadores de apoio. O ataque desencadeia-se então, curto e aceso, pontuado por vocalizações impressionantes e extingue-se tão rapidamente como começou.
Estes comportamentos são habituais nas brincadeiras entre 2 gatos adultos que vivam juntos. A experiência indicar-lhe-á quando se trata apenas de um jogo ou se deve consultar rapidamente o veterinário devido à agressividade de um dos seus gatos. Por vezes, para obter informações enquanto caça, ou se lambe, o gato apresenta os pavilhões das orelhas virados para trás, mas mantendo-as perfeitamente rectas.
Finalmente, não é raro observar uma assimetria ao nível do movimento das orelhas: por um lado, porque o gato utiliza perfeitamente os meios estereofónicos com que a natureza o dotou, e por outro, porque pode também mudar de humor e o movimento das orelhas denuncia as suas mais ínfimas variações.
Os bigodes fazem parte das vibrissas, pêlos característicos dos mamíferos, com excepção do homem. A sua base é 5 a 6 vezes mais larga do que os pêlos normais e está inserida num seio sanguíneo, produzindo uma suspensão hidráulica e ampliando a sensibilidade à menor deslocação de ar. Dispostos por grupos de 4 a 5 em quatro filas, de ambos os lados do nariz, orientam-se conforme as actividades e as emoções do gato. Orientadas em semicírculo na fase de actividade (caça, vigilância, aproximação amigável) posicionam-se completamente viradas para trás durante um ataque. Também são observáveis vibrissas acima do carpo sob a face anterior dos membros anteriores, por cima dos olhos e alguns tufos nas bochechas.

Estratégias de comunicação bem adaptadas...

Para um gato existem pelo menos três personagens:
- o caçador, muito discreto, que quer ver sem ser visto e se desloca sem ruído;
- o exibicionista que desfila durante a época de acasalamento, afasta os intrusos do seu caminho, arqueia as costas e vocaliza mais alto do que os outros para preservar o seu "jardim secreto". Dominando com mestria a técnica do "bluff", no entanto é capaz de ceder a passagem, sendo a regra entre gatos dar prioridade àquele que chega em primeiro lugar;
- o charmoso, que vive com o ser humano, ao abrigo das necessidades (alimentares) e das preocupações em termos de coabitação: com todo o tempo do mundo para desenvolver

Orelhas e vibrissas, indicadores preciosos

Os movimentos das orelhas constituem por vezes a única indicação das emoções do gato. Dotadas de uma musculatura controlada, orientam-se consoante o humor do gato, que pode ter variações súbitas. Rectas, ligeiramente viradas para a frente, móveis, independentes (não é um facto insólito ver apenas uma delas orientada para uma fonte sonora), traduzem um gato confiante, que obtém informações sobre o ambiente que o rodeia. Pavilhões para a frente ou orelhas erguidas em direcção à fonte sonora constituem indicativos que o gato se encontra em alerta. Quando o gato está numa posição defensiva, as orelhas apresentam-se achatadas lateralmente e completamente simétricas, conferindo à testa um aspecto liso e arredondado característico: denunciando uma ansiedade extrema. Quando os pavilhões auriculares se orientam para trás, já é tarde demais: a agressão já começou (ver ilustrações ao lado).

Gato neutro

Gato zangado

Gato agressivo

Gato feliz

comportamentos específicos que sem estas condições especiais de vida não seriam expressos. O ronronar, as massagens, o lamber social (o gato que lambe as sobrancelhas do dono à noite quando este regressa a casa), vocalizações tão ricas e expressivas que acreditamos nelas sem sombra de dúvida, constituem manifestações da domesticação e das suas consequências. A vida do gato processa-se à volta de diversas áreas: o repouso, a alimentação, a eliminação e os jogos.

Temporariamente, delimita-se uma área de reprodução. Se o gato viver em liberdade, organiza uma área de caça que pode ser bastante extensa (diversos hectares).

O respeito por esta organização permite evitar muitos problemas e o seu desrespeito explica, por outro lado, inúmeras perturbações comportamentais.

Num apartamento, é fundamental que a área reservada à eliminação esteja o mais longe possível da zona de alimentação. A área de repouso varia consoante a iluminação e o estado de espírito do gato. A proximidade do dono ou de um dos membros da família também é importante. As fontes de calor (radiadores, cobertores) são sempre procuradas e é frequente ver um gato a dormir junto da chaminé ou sobre um radiador muito quente. Menos sensível do que nós ao calor, aproveita-o ao máximo. A área lúdica constitui a parte mais vasta do seu campo de investigação uma vez que são as suas correrias loucas, cujos motivos só ele conhece, que requerem a maior área. Gosta especialmente de posições elevadas (a mesa, em cima de um armário) e as escaladas que lhe proporcionam. Fica radiante quando consegue estar à altura da cara do dono, o que lhe permite fazer um "face a face" à sua maneira, esfregar-se contra as suas bochechas e testa como se de um congénere se tratasse.

Comportamento alimentar

Gastrónomo por natureza, o gato deve muitos dos seus hábitos aos seus antepassados egípcios e à sua domesticação.

O *Felis lybica* e o *Felis ornata* são os dois antepassados mais prováveis do gato. Ambos originários do deserto, onde as oportunidades de beber eram escassas e onde apenas dispunham de presas de pequena dimensão, essencialmente ratinhos, que caçavam com muita frequência. O gato actual conservou esta sobriedade em relação à água (muito embora na realidade beba mais do que se pensa) e o hábito de fazer diversas pequenas refeições ao longo das 24 horas do dia. Assim, um gato alimentado *ad libitum* pode fazer 15 a 16 refeições, comendo em média 8 gramas em cada uma. Despende pouco tempo com a sua alimentação, num total de 15 minutos por dia. Mas a frequência com que acorre ao comedouro, geralmente quando o dono se encontra por perto, leva-nos

A erva dos gatos, ou como pôr o gato fora de si!

De todas as plantas da família *Labiatae*, que engloba entre outras o tomilho e a lavanda, a nêveda a que se dá também o nome de erva dos gato, é a única capaz de desencadear apenas por acção do seu perfume uma sequência comportamental muito particular no gato. Dois gatos em cada três são sensíveis a esta planta. Depois de farejar as folhas, que contém a substância activa, a nepetalactona, o gato esfrega-se contra elas, rola sobre si mesmo e realiza uma sequência similar ao comportamento pós-coito nas fêmeas. Com as pupilas dilatadas, o gato rola de costas, por vezes segurando as folhas entre as patas ou o talo que contém esse perfume. A sequência termina com uma higiene minuciosa e uma fase de apatia durante a qual se constata visivelmente o total alheamento do animal. Esta sequência comportamental dura aproximadamente 10 minutos.

Intoxicações

De entre as intoxicações mais frequentes, citamos:

- Insecticidas organofosforados e carbamatos: salivação, vómitos, diarreia, convulsões.
- Insecticidas organoclorados: hiper-excitabilidade, vómitos, convulsões.
- Anti-congelantes (etilenoglicol): vómitos, perturbações cardíacas, convulsões, coma e morte.
- Anticoagulantes (dicumarol, anti-vitamina k): hemorragias internas mortais.
- Paracetamol (toxicidade a partir de 50 a 60 mg/kg): inapetência, vómitos, icterícia.
- Aspirina (toxicidade a partir de 25 mg/kg): vómitos, depressão, coma e morte.
- Plantas "tóxicas" cuja ingestão pode provocar:
    - Perturbações digestivas: ficária, visco, azevinho, rododendro, azálea.
    - Perturbações renais: filodendro, ficária.
    - Perturbações cardiovasculares: cíclame, visco.
    - Perturbações nervosas: visco, mimosa do Japão, filodendro.

a pensar que não faz outra coisa! Alguns gatos preferem comer à noite, outros distribuem as refeições de forma regular, enquanto outros ainda, optam por comer às horas oficiais das refeições familiares.

Apreciando fundamentalmente petiscar, o gato regressa ao comedouro para comer um pedacinho. Devemos salientar que o seu sistema digestivo está perfeitamente adequado a este tipo de alimentação e que o gato não tolera muito bem ser alimentado uma única vez por dia, ao contrário do cão.

A administração de alimentos secos *ad libitum* com água fresca sempre à disposição e de alimentos húmidos 2 vezes por dia, parece ser a opção ideal tanto em termos do prazer do gato como da sua saúde.

Consumidor moderado de água, o gato bebe 9 a 10 vezes por dia, 12,6 ml de cada vez. Muito sensível aos odores, detesta os recipientes de plástico que retêm os maus cheiros e prefere de longe o vidro ou uma cerâmica grossa como recipiente. Alguns gatos pouco convencionais gostam de beber directamente da torneira, por vezes com o auxílio da pata; outros evidenciam uma predilecção especial pela água do banho, mas a principal fonte deve ser a que lhe é fornecida pelo dono!

Tal como um "consumidor informado", o gato regula por si mesmo as refeições em função das suas necessidades. Efectivamente, as estatísticas demonstram que apenas 6 a 12% da população felina sofre de obesidade, contra 20 a 30% da população canina. Contudo, convirá ser razoável e limitar a quantidade total ingerida por dia, mesmo que o alimento esteja sempre à disposição.

Quanto às variedades a fornecer ao paladar do gato, só o seu lhe poderá dizer! Catalogados como difíceis pelas agências de comunicação, alguns gatos demonstram por vezes a sua fidelidade a uma determinada marca, uma textura ou até mesmo a um único aroma ao longo da sua vida.

No entanto, é um facto que um gato, ao contrário do cão, preferirá morrer de fome do que comer algo que não lhe agrade. Adquirir aromas e variedades distintas não significa ceder aos seus caprichos. Assim sendo, a educação do paladar pode ser feita no gatinho, procurando fornecer à mãe durante o desmame da ninhada, e posteriormente às crias, alimentos variados em termos de textura (alimentos húmidos e secos) e aromas. Esta prática torna-os animais mais fáceis no plano alimentar.

Comportamentos de eliminação

A utilização da caixa com areia para a sua higiene faz parte dos comportamentos intimamente ligados ao gato e é adquirido muito precocemente, entre o 22º e o 39º dia de vida. Até aí o gatinho responde aos estímulos maternos, quando esta lhe lambe a área ano-genital após cada amamentação para incentivar as micções e defecações.

O verdadeiro controlo neurológico deste comportamento só passa a estar operacional a partir da 3ª ou 4ª semana de idade. Aos 30 dias o gatinho começa a esboçar as primeiras aproximações à caixa de areia, escavando a areia ou um solo brando. Rapidamente adopta a sequência comportamental, escavação da areia, eliminação, seguida de cobertura das dejecções. Esta sequência, em gatos especialmente meticulosos, pode chegar a estender-se às paredes da caixa, para produção propositada de ruído!

Contrariamente ao que se passa com o cão, não se observa qualquer diferença em termos do comportamento de eliminação entre o macho e a fêmea, que ambos realizam numa posição agachada. Se o seu gato emitir um jacto de urina forte e horizontal, não se trata de um comportamento de eliminação, mas sim de um depósito de odores.

Qualquer eliminação em locais inadequados (lava-loiças, banheira, quarto, etc.) deve pressupor um estudo de eventuais perturbações comportamentais.

Comportamento de higiene

Trata-se provavelmente, tal como o sono, de uma das principais actividades do gato, facto que explica que se atribua a Pasteur a seguinte declaração "o gato é um animal asseado visto que passa os dias a limpar-se".

Para além da função de asseio propriamente dita, o comportamento de higiene possui uma componente calmante essencial: lamber-se (ou

Porque comem os gatos habitualmente ervas?

Este comportamento bastante frequente nada tem de alarmante. Em meio natural, os carnívoros selvagens não comem apenas carne: o seu regime alimentar compreende também uma componente vegetal para o seu equilíbrio e como fonte de fibras. Assim, um gato que come ervas está apenas a reproduzir um comportamento ancestral, ainda que a sua alimentação seja perfeitamente equilibrada.

E sem dúvida é também sensível a determinados odores e gostos presentes nas ervas. No entanto apesar do hábito de se afirmar que a erva é um "purgante", isto não dispensa uma desparasitação regular do seu animal para eliminar eventuais parasitas intestinais.

Chartreux (gata e gatinho) durante a higiene

ser lambido, tal com a mãe faz às crias) desencadeia a produção de endorfinas, hormonas que também são produzidas para combater a sensação de dor.
Um gato ansioso, por exemplo, lamber-se-á mais, correndo por vezes o risco de se automutilar e de arrancar os pêlos.
Porque pode ser exercido sobre os outros, o comportamento de lamber possui uma função social, claramente ilustrada nas relações entre a mãe e as crias.
Operacional a partir do 15º dia de vida, o comportamento de higiene realiza-se com a língua, particularmente rugosa, mas também com as patas. A pata dianteira é humedecida com a língua e funciona como uma verdadeira luva de banho para chegar até às orelhas. As patas posteriores permitem alcançar, por vezes com excesso de zelo, as orelhas ou as costas. Descreve-se como exemplo clássico de reflexo auto-podal, sempre que as patas entram em movimento quando se coça uma orelha infectada por parasitas, frequentemente da sarna. Também se pode observar outro reflexo, não patológico, quando se acariciam as costas do gato (zona lombar): a língua do gato efectua de forma coordenada os movimentos de lamber!

Comportamento reprodutor

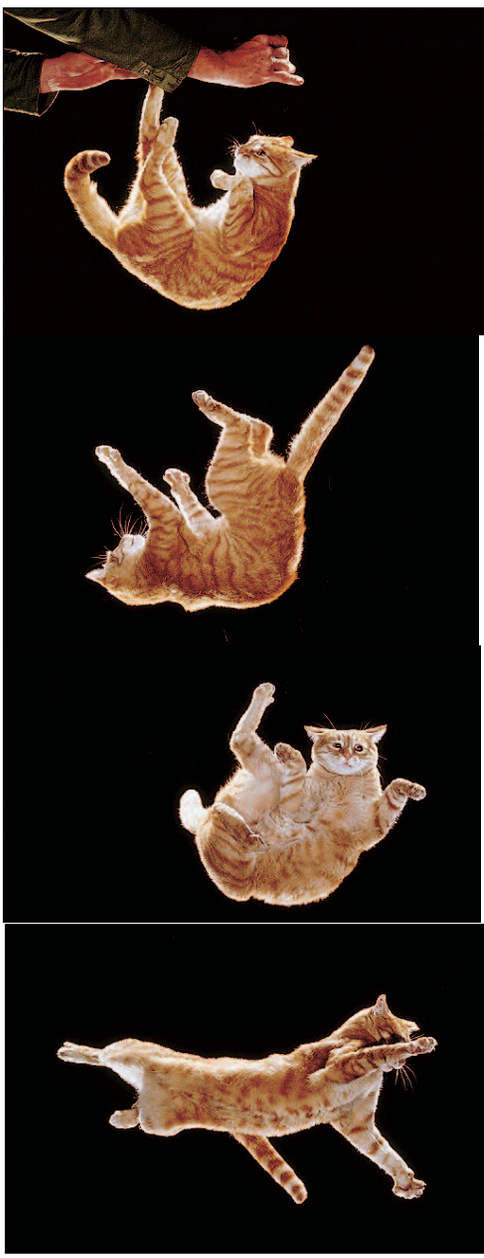
A puberdade do gato ocorre bastante cedo, por volta dos 6 meses de idade, por vezes até antes, se a exposição solar for intensa. Assim, as gatas nascidas na Primavera são menos precoces do que as que nasçam no início do Verão e que irão ter o seu primeiro cio no princípio de Janeiro ou Fevereiro, consoante as condições meteorológicas.
Quando os gatos não são de raça pura e sempre que não se deseja que se reproduzam, é preferível esterilizá-los logo que possível, de acordo com as orientações do Médico Veterinário assistente.
Efectivamente, algumas doenças infecciosas transmitem-se pelas mordeduras, frequentes nas lutas entre machos: e como tal é inútil fazer com que o animal corra riscos se não se deseja assegurar a sua descendência. Para além disso, alguns estudos demonstraram claramente que uma esterilização precoce pode impedir o posterior desenvolvimento de tumores mamários. Alguns donos consideram útil que as gatas tenham uma ninhada antes de serem esterilizadas, ainda que depois tenham de matar as crias. Trata-se de uma crueldade desprovida de qualquer fundamento científico. A experiência da maternidade é sem dúvida muito gratificante quer para a gata quer para o dono, quando é desejada. Mas não se baseia em qualquer necessidade biológica ou comportamental. O gato atinge a sua maturidade entre os 6 e 12 meses de idade. As secreções hormonais masculinas conferem-lhe um fácies distinto do de um gato jovem impúbere ou de um gato castrado. Possui bochechas que se desenvolvem ao ponto de receberem a designação de faceiras e apresenta-se geralmente magro na altura do cio das fêmeas, da Primavera até ao início do Outono, devido às intensas perseguições das fêmeas e às lutas com os outros machos. Uma consequência destes confrontos é o aparecimento frequente de abcessos que requerem uma consulta ao veterinário para o tratamento adequado (prescrição de antibióticos, por vezes com recurso a uma intervenção cirúrgica para seccionar o abcesso e permitir a drenagem do pus).
A gata está pronta a ter a primeira gestação a partir do 5º mês, mas recomenda-se, por precaução, esperar pelos 8 a 9 meses de idade. Os cios, com uma duração de 4 a 8 dias, são seguidos por um período de repouso de 8 a 10 dias, repetindo-se este ciclo durante todo o período

Gata amamentando as suas crias

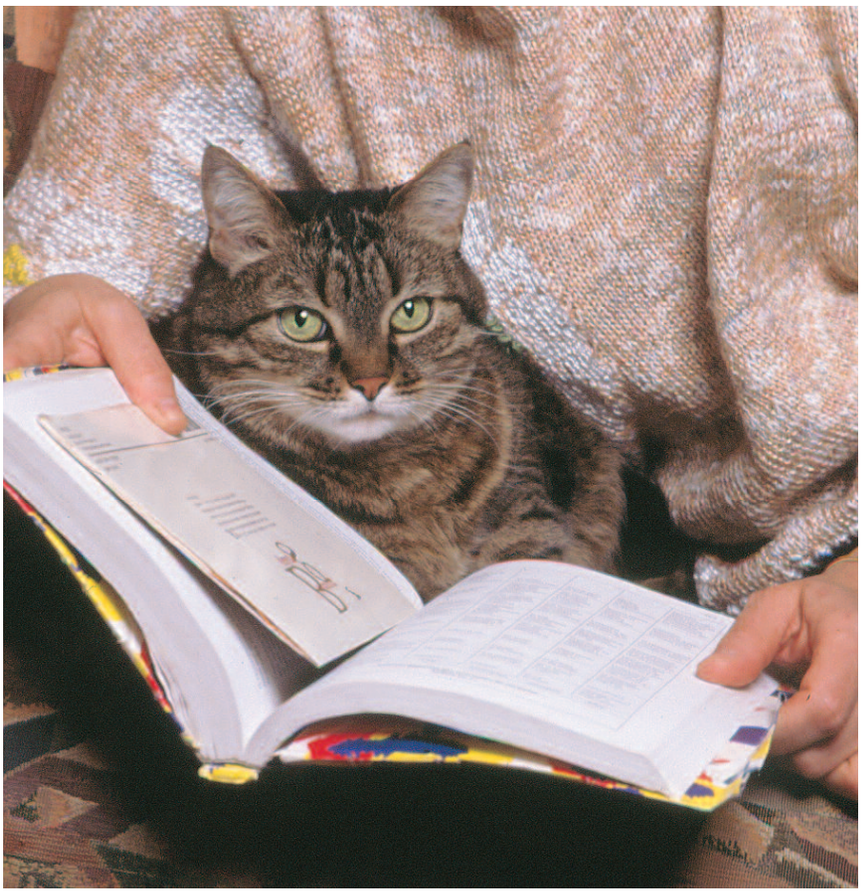
compreendido entre a Primavera e o Outono enquanto não ocorrer nenhuma gestação.
Particularidade biológica, a ovulação é desencadeada pela cópula, que requer para que haja fecundação, diversos cruzamentos sucessivos. Esta prática pode fazer com que as crias de uma mesma ninhada tenham pais diferentes.
A gata só deixa que o macho se aproxime quando está receptiva. Até aí terá miado de forma lânguida e feito o papel de "provocadora intocável", esfregando o nariz e os lábios e rolando no solo. Vocaliza de forma característica, por vezes de forma repetitiva, com um miado doloroso e inquietante.
O coito é sempre espectacular para quem o vê pela primeira vez, mas é relativamente difícil observá-lo uma vez que a maioria ocorre sobretudo à noite. A gata, de forma geral, assistiu tranquilamente às lutas dos machos por sua causa. Aliás, quando as hostilidades cessam, não escolhe forçosamente o mais corajoso tal como o demonstram estudos recentes.
O macho mia de forma muito característica com um som baixo e a dois tons, em resposta aos miados da fêmea, depois de ter copiosamente regado com a sua urina o lugar de encontro. A gata adopta então uma atitude propícia, rente ao solo, com os quadris levantados. A cauda posiciona-se de lado libertando a área ano-genital. O coito é muito rápido e a reacção da gata violenta: o pénis do gato está munido de pequenos espigões que contribuem para a estimulação da vagina mas que também podem ser dolorosos. Nessa altura, a gata pode virar-se violentamente contra o macho e chegar até a mordê-lo. Uma gata pode ser coberta mais de 7 vezes, a ovulação resultante não suprime automaticamente o comportamento de cio. Nada prepara a gata para a grande mudança que a gestação vai representar na sua vida e, no entanto, em 99% dos casos, adopta com as crias um comportamento maternal admirável. A gestação dura entre 58 a 71 dias e antes do parto, a gata procura um local quente e confortável que tanto pode ser um fundo de um armário, um baú, uma caixa de sapatos. Deve ser deixada à vontade para este momento importante, é ela mesma que corta o cordão umbilical e come a placenta que envolve cada gatinho. Como a placenta é muito rica, não terá fome durante 1 a 2 dias após o parto. Cada gatinho, desde o nascimento, sabe dirigir-se para uma mama à qual regressará durante 3 a 4 semanas.
A amamentação não impede a gata de entrar num novo cio, por vezes 15 dias apenas após o parto. Assim, se apenas quiser uma ninhada planeie com o seu veterinário a intervenção cirúrgica no prazo mais conveniente, pois esta em nada perturbará as crias uma vez ultrapassada a etapa das 3 semanas de idade.
Tanto a fertilidade como a prolificidade da gata são famosas desde a Antiguidade e algumas continuam a ser férteis aos 13 ou até mesmo aos 14 anos de idade. As gatas tricolores têm a reputação de poder dar à luz 3 ninhadas por ano. A média situa-se geralmente em 2, com 4 a 6 gatinhos por ninhada.

Comportamento locomotor

Equilibrista sem igual, o gato é um verdadeiro artista que trabalha sem rede, quer seja para descer de uma árvore à velocidade do TGV ou para saltar para os seus joelhos.
O seu talento natural decorre de diversos trunfos: uma grande flexibilidade articular e muscular, um sentido do equilíbrio ímpar e uma excelente visão que lhe permite identificar os obstáculos. Tão rápido como o cavalo, o gato pode adoptar a marcha a 2 ou 4 tempos e assumir 4 tipos de locomoção: o passo, passo travado, o trote e o galope. Trepar para o gato é uma brincadeira de crianças, mesmo em solos aparentemente lisos. As suas unhas constituem aliados poderosos, muito embora os gatos operados e sem unhas também pareçam desenvencilhar-se muito bem. O gato sabe sempre descer do lugar para onde subiu, excepto se for tomado de pânico ao chegar ao topo e os gritos do dono, ainda mais assustado, o privarem de todos os meios para efectuar a descida. Atenção aos riscos em que se incorre ao tentar resgatar um gato de uma árvore ou de uma situação delicada: os arranhões são muito frequentes pois o animal agarra-se ao seu salvador por vezes com um zelo excessivo.
Finalmente, o conceito popular que afirma que o gato cai sempre de patas é falso! De facto, acima de um 7º andar a velocidade da queda de um gato será sempre a mesma e as lesões



Teste da queda de um gato



Gato ronronando de prazer nos braços da dona.

não serão mais graves. Mas para essas alturas, são de lamentar muitas vezes fracturas e situações de pneumotórax que podem comprometer seriamente a vida do animal.
A menos de 1,50 m do solo, o gato não tem tempo de se virar e cai sobre uma ou outra parte do corpo, ferindo-se.

Entre estas duas alturas alguns gatos "pára-quedistas" conseguem desenvencilhar-se sem um arranhão sequer, enquanto que outros terminam de forma prematura a sua vida. Deve ter-se sempre atenção às varandas, especialmente nas cidades onde pombos e outras aves podem constituir uma tentação para que o gato "estique o nariz" mais do que devia.
Por oposição ao ser humano, até ao século XVIII acreditava-se que o animal só dispunha dos seus instintos para organizar os seus comportamentos. O excesso oposto consistiu em exagerar o conceito de inteligência ao nível do gato, confundindo aquilo que decorre da simples aprendizagem (por mais complexa que seja) com uma inteligência real (segundo J.-P. Chaurand, O Comportamento do Gato e as suas Perturbações, Ed. Points Vétérinaire, 1995).

Um verdadeiro comediante

Cómico de situação, munido de todo o tipo de humor, o gato nunca tem falta de imaginação! Basta esquecer ligeiramente a hora da sua refeição para que assuma o papel de desgraçado, rondando em volta do seu comedouro vazio, olhe directamente para o dono nos olhos e se ponha a miar. A sua voz é rouca, vinda das profundezas. É o grito do mendigo. A seguir transforma-se em vagabundo, aproximando-se do caixote do lixo com as narinas dilatadas. Só por grande casualidade não encontrará um osso velho, uns pedaços de pre-

O ronronar: a sua origem permanece um mistério

O ronronar é um murmúrio específico dos Felídeos, emitido pelo gato quando tem a boca fechada, que se traduz por uma emissão sonora e uma vibração da laringe. Traduz um estado emocional intenso, sem pressupor obrigatoriamente que expresse prazer ou sofrimento. Alguns gatos em fase terminal de cancro ou vítimas de um acidente de trânsito ronronam intensamente, manifestando assim a sua dor e angústia. Durante muito tempo julgou-se que o ronronar se devia a um órgão específico, na realidade trata-se de um fenómeno aerodinâmico, que ocorre em virtude dos movimentos coordenados da glote, da laringe e da musculatura adjacentes. O ronronar é de facto um comportamento voluntário que não pode ser desencadeado de forma intencional pelo homem. De uma forma geral, as carícias estimulam-no, mas nem sempre.
Crê-se actualmente que o ronronar, muito mais frequente no gatinho do que no adulto, expressa a dependência do animal em relação à mãe e mais tarde, por generalização, em relação à pessoa que dele trata (dono, veterinário ou auxiliar). Ao nível do gato doméstico, o ronronar pode constituir um meio de comunicação com o ser humano. Caberá a cada um descobrir o que o gato quer dizer!

sunto ou os restos da refeição da criança mais nova que detesta bife! De qualquer forma, o gato tem sempre uma solução: o armário! Com um golpe de pata faz cair a embalagem do alimento seco. Só um surdo deixaria de reagir a esse cataclismo.

Outro lugar onde o gato dá provas de sentido de humor: a caixa de areia. Ninguém mudou a areia? Ronda em volta do seu local de asseio, cheira, põe uma pata para a tirar imediatamente, como um boneco de molas, desse amontoado imundo de lixo, propício a todas as doenças. Mas também existem ocasiões em que o gato evidencia falta de sentido de humor. Se não se sair bem ao desempenhar as suas acrobacias, enche-se de vergonha e refugia-se num canto ao abrigo dos olhares, lambendo-se demoradamente, absorto na sua higiene de substituição, atitude característica do gato quando não se sente à vontade...

Os testes de inteligência animal

- O nível mais baixo da escala consiste em avaliar a capacidade de um animal em estabelecer uma relação entre 2 acontecimentos ou então entre um acontecimento e a resposta que deve fornecer. É a aprendizagem, com diversos graus de complexidade.

- O nível mais elevado consiste em submeter o gato a uma série de problemas (por exemplo, encontrar o alimento), diferentes entre si mas com um ponto em comum, do qual pode tirar partido se o descobrir. A experimentação procura medir o tempo que o gato leva a melhorar os seus desempenhos e a deixar de cometer erros em situações sempre distintas. Existem numerosas variantes a este teste, em especial a da "inversão".

Face a dois objectos, o alimento é escondido alternadamente debaixo de um deles, e seguidamente debaixo do outro. Este teste também se realiza com 3 objectos o que o torna particularmente difícil. As condições de alternância são retomadas de forma idêntica para problemas diferentes aos quais é sucessivamente submetido. Se evidenciar uma melhoria de desempenhos na série de testes, depreende-se que compreendeu a regra comum a todos os problemas.

Outra série de testes consiste em pedir a um animal que descobrir o meio de obter o alimento, por exemplo, no caso de um chimpanzé empilhando caixas sobre as quais poderá subir para alcançar as bananas.

Em meio experimental, com o gato, coloca-se por vezes o problema da motivação.

Enquanto que em meio natural observamos comportamentos muito elaborados: por exemplo, Nounours, gato Europeu tinha sido escolhido pelos seus 4 co-residentes para saltar da mesa para cima do frigorífico e, com uma patada, atirar para o chão o pacote de croquetes, para grande felicidade dos outros gatos que poderiam assim comer tranquilamente. Nounours era também utilizado para abrir a porta, disciplina na qual se revelava excelente.

Todos estes testes e provas, permitem, apesar dos limites inerentes à sua validade, estabelecer uma classificação do grau de inteligência dos animais, à cabeça dos quais se posicionam os primatas e o macaco resus, situando-se o gato num nível superior à média.

O gato no dia a dia

Apesar de Moncrif ter escrito em 1727 "que o gato, pelo seu asseio minucioso poderia dar-nos muitas lições de educação" e, se segundo Pasteur "o gato é o único animal limpo" da criação, o gato requer contudo alguns cuidados diários.

Vida quotidiana

Factor determinante para a sua qualidade de vida, o ambiente familiar do gato deve ser sempre preservado. É evidente, que não é necessário mudar para "Versailles" para ter o prazer de coabitar com um gato. Mas tal como em muitas outras situações, o gato prefere sempre a qualidade à quantidade.

Gato no interior.

Num apartamento

De facto, 25 m^2 afigura-se como a área mínima para um apartamento onde resida um gato. Mas, mesmo reduzido a este espaço exíguo, o dono procurará, quer por meio de estantes quer de um armário não muito alto, ou de um acessório para arranhar (um tronco velho por vezes revela-se mais eficaz do que um utensílio comercial) proporcionar ao seu gato formas de desfrutar dos seus prazeres favoritos: a vigilância em altura e os alongamentos diários.

A limpeza da caixa de areia - especialmente num espaço reduzido onde os cheiros se podem espalhar facilmente – é imprescindível para evitar perturbações ao nível do comportamento de higiene.

Alguns donos conseguem ensinar com êxito o seu gato a fazer as necessidades na varanda (quando existe). Mas esta prática requer que o gato possua um bom auto-controlo do seu ímpeto de saltar para o parapeito da varanda, com todos os riscos que isso implica. Consoante as capacidades específicas de cada gato, o dono dar-lhe-á mais ou menos liberdade, na maior parte dos casos uma liberdade

vigiada. Mesmo o gato mais acrobata não está livre de uma queda, provocada pelo voo de um pássaro que julgava poder apanhar ou, ainda mais prejudicial, pela perseguição a uma luz infravermelha... Tal como para os bebés na hora do banho, recomenda-se prudência e vigilância quando os gatos vão para a varanda.

Numa moradia

Quando a casa possui vários níveis, mesmo que o gato viva sozinho, sem congéneres, é prudente instalar uma caixa de areia em cada andar. Facilitará a vida do animal e evitará descuidos desagradáveis.
Quando existem diversos gatos, é preferível instalar tantas caixas quanto o número de gatos (dentro do limite razoável de 4 caixas). Constata-se muitas vezes que todos os gatos frequentam a totalidade das caixas, mas que algumas estão reservadas à urina e outras só para as fezes.
Evidentemente que o ideal (para quem faz a limpeza) seria que os gatos fizessem as suas necessidades na rua...mas esse comportamento nem sempre é adquirido, de tal modo é evidente o prazer que alguns gatos demonstram ao entrar em casa de propósito para urinar ou defecar na sua caixa de areia. O Verão é o período mais favorável para lhe ensinar boas maneiras, pois muitas vezes durante o Inverno os gatos são demasiado preguiçosos para sair!
De forma geral os gatos suportam bem a ausência diária dos donos, porque o seu ritmo de sono frequentemente é decalcado dos nossos horários laborais.
Para além disso, muito embora por vezes estejam extremamente ligados aos donos, os gatos parecem dotados de uma autonomia emocional muito superior à dos seus amigos cães e a patologia de ansiedade de separação, classicamente descrita nos canídeos, raramente se observa nos gatos. É também um facto que, os rituais de separação são menos vulgares nos donos de gatos do que nos de cães; talvez um facto explique o outro. Quer o gato viva num apartamento ou numa moradia, é conveniente protegê-lo contra alguns acidentes domésticos.
As plantas verdes fazem parte das tentações que será conveniente retirar do alcance do Senhor Gato, sobretudo se essas plantas possuírem características de toxicidade (ver lista em anexo).
As plantas inofensivas para o gato poderão ser dispostas de tal forma que este seja atraído em direcção a esse pólo, poupando assim as outras plantas.
Esta estratégia aplica-se igualmente ao jardim, onde o gato às vezes mostra talentos de jardinagem pouco apreciados...principalmente quando pratica nas plantas recém-semeadas ou decide satisfazer as suas necessidades fisiológicas nas plantas transplantadas nessa manhã.
Teremos toda a vantagem em plantar um canteiro de *Labiatae* (tomilho, menta, erva de gato – aqui, dever-se-á ter o cuidado de pedir a verdadeira, porque as lojas tem o péssimo hábito de vender aveia em vez de erva de gato ou nêveda, com um pouco de relva que o gato não desdenha. Julga-se que sempre que sofre de perturbações digestivas benignas, o animal as ingere voluntariamente.

O convívio com gatos "Vizinhos"

Quando se tem a sorte de viver numa moradia unifamiliar, os problemas de coabitação colocam-se sempre. Geralmente os gatos resolvem-nos bem, apesar de maioritariamente de forma ruidosa. Mas a «ira e o barulho» dignos de Shakespeare que esses bichanos podem produzir durante a noite não devem assustar os donos. Trata-se de uma estratégia de «bluff» que os gatos levam ao ponto extremo. As dentadas, arranhões e os abcessos resultantes são muito mais frequentes nos machos não castrados do que nos outros gatos. A castração ou esterilização é sempre recomendável a partir dos 6 meses de idade (ou até um pouco antes, conforme o desenvolvimento, maturidade do gato e a estação do ano - as gatas com 5 meses no mês de Janeiro serão muito mais precoces do que aquelas que tiverem 5 meses em Novembro) pois esta operação protege o gato de muitas doenças infecciosas, algumas das quais fatais. Por outro lado, a castração também permite evitar a superpopulação e problemas inúteis com a vizinhança.

Gato vadio num tronco de árvore

Angorá Turco num jardim

A escovagem

No caso das raças de pêlo curto ou semi-longo, o dono poderá utilizar uma escova de metal que permite separar bem os pêlos. Nas raças de pêlo comprido, deve realizar-se uma escovagem com uma escova macia. A escovagem vai permitir ao pêlo retomar o seu aspecto tufado e o volume natural. Mas o banho, por outro lado, vai também perturbar um pouco a pelagem e é necessário deixar passar dois dias até que esta readquira a sua consistência natural. O gato procede seguidamente aos "acabamentos", com a ferramenta que a natureza lhe deu: a sua língua. Por vezes será necessário refrear o seu entusiasmo, nomeadamente nas raças de pêlo comprido, pois se o animar se lamber excessivamente em determinadas zonas, a pelagem dessas regiões acabará por se emaranhar e empastar. Neste último caso, a melhor solução será colocar-lhe um colar, (que pode eventualmente ser até muito elegante) até ao momento da sua apresentação a concurso.

Jardineiros, tenham piedade das lesmas e dos ratos

Muitos produtos habitualmente utilizados pelos jardineiros são tóxicos para os gatos e até mesmo os jardineiros apreciadores de gatos, infelizmente, se deixam enganar subestimando as capacidades do gato de explorar lugares exíguos e de difícil acesso. Por isso é melhor por precaução (o mesmo também se aplica às crianças) banir definitivamente do jardim raticidas e produtos contra caracóis e lesmas.

A higiene

A limpeza

A meticulosidade evidenciada por alguns gatos em relação à sua caixa de areia obriga os donos a mudar a areia a seguir a cada utilização.
Sem levar os cuidados até esse extremo, a caixa de areia do gato deve ser verificada diariamente e tratada consoante o tipo de areia escolhido. As areias à base de bentonite ou sepiolite têm a particularidade de se agregar em torno da urina, formando pequenas placas que devem ser retiradas à medida que surgem, ou pelo menos uma vez por dia. As fezes permanecem intactas e são retiradas da mesma forma com uma pequena pá. A vantagem deste tipo de areia é que evita a emanação de odores, que perturbam não só os donos (e as visitas) como também o ou os animais que utilizem a caixa: um cheiro muito intenso repele o gato e por vezes leva-o a fazer as necessidades em lugares pouco adequados (polibans, banheiras, vasos de flores, etc.).
As areias clássicas não agregadoras devem ser mudadas todos os dias.
No caso dos gatos de pêlo comprido, é aconselhável cortar regularmente os pêlos em redor do ânus para evitar que as fezes se colem a eles.

American Shorthair na sua caixa de areia

Manutenção da pelagem

Mesmo no caso dos gatos de pêlo curto, o hábito da escovagem semanal ou até mesmo diária é uma boa maneira de verificar se está tudo bem, se não existem feridas, parasitas, etc. Geralmente o gato interpreta este hábito como uma carícia, mas ligeiramente diferente. Num gato de pêlo comprido, a escovagem é um imperativo: por isso o gatinho deve ser habituado desde muito cedo a suportar a sessão, que nunca deve terminar com arranhadelas. Se o animal não for suficientemente paciente, poderá optar-se por diversas sessões breves de escovagem. No caso dos gatos de raça, apresentados regularmente em exposições, devem ser habituados ao banho desde jovens. Durante os primeiros banhos é aconselhável ser muito carinhoso e estar atento a qualquer sinal de ansiedade para não criar aversão por parte do futuro campeão. Infelizmente, as aversões fixam-se muito depressa.
Para os gatos com acesso ao exterior, é principalmente na Primavera, durante a muda e no auge da estação das chuvas, que se deve ter maiores cuidados. Os gatos de pêlo comprido, ainda que façam demoradamente a sua própria higiene, não estão livres da formação de bolas de pêlo, que se compactam por vezes em massas volumosas. Tornam-se então um excelente refúgio para os parasitas que podem provocar

O BANHO

Nem todos os gatos gostam de água. O seu animal deverá ser habituado a tomar banho desde muito cedo, por volta dos 3 meses. O banho é indispensável para um gato de exposição: os juízes mostram-se inflexíveis quanto à apresentação do animal. Além disso, se pretender que o seu gato seja comparado e julgado com outros animais, este deverá estar no máximo da sua forma e beleza.
O lugar onde vai dar banho e secar o gato deve estar aquecido e sem correntes de ar.
Comece por encher a banheira com alguns centímetros de água a 36/37° C. Coloque o gato delicadamente, falando-lhe e fazendo-lhe festas para o tranquilizar. Utilize um copo para delicadamente o ir molhando enquanto o continua a acariciar, evitando que a água lhe entre para os olhos ou para o canal auditivo. Quando o gato estiver bem molhado, pode aplicar um champô especial para gatos. Nunca utilize um champô para utilização humana pois não está adaptado aos felinos. O pH da pele do homem é diferente e além disso, o animal poderia sofrer uma intoxicação ao lamber-se. Esfregue bem todo o corpo, insistindo na zona das patas, cauda e abdómen.
Uma vez concluída a primeira passagem com champô, enxagúe o gato antes de repetir a operação mais uma vez. O enxaguamento é um momento importante. Utilize o chuveiro, mas sempre com o cuidado de não deitar água para os olhos ou para as orelhas.
Depois de bem passado por água, o animal deve ser enrolado numa toalha felpuda, limpa e quente, "abafando-o" para retirar toda a água. Passe um pequeno pedaço de algodão (nunca um cotonete) no canal auditivo para absorver a água que possa eventualmente ter entrado.
O gato não aprecia os secadores de cabelo, visto que o barulho incomoda-o e o fluxo de ar perturba-o um pouco. Mas se já estiver habituado, não haverá qualquer problema. Deverá utilizar um aparelho de pouca potência, evitando dirigir o fluxo de ar quente para os olhos ou orelhas. Secar bem o pêlo em todo o corpo, sem esquecer o abdómen, as patas e a cauda.

Sagrado da Birmânia durante a "toilette"

graves problemas dermatológicos. Leve o seu gato a tempo a um tosquiador e ao veterinário (por vezes é necessária uma anestesia geral).
É normal, de vez em quando, encontrar bigodes nas almofadas ou sofás onde o animal costuma dormir. Não é alarmante: os bigodes dos gatos são pêlos muito especiais, mas com um tipo de muda mais lenta.

Os olhos e orelhas

A limpeza só deve ser realizada caso se constate que os olhos se apresentam lacrimejantes, mas é aconselhável consultar o seu veterinário antes de utilizar um produto de higiene.
Na verdade, a epífora (lacrimejar) não é habitual no gato, e pode dever-se a uma malformação das glândulas lacrimais, das pálpebras, a um problema infeccioso ou viral.
Nos gatos de raça Persa, com a face muito achatada, os olhos devem ser submetidos a cuidados regulares, utilizando produtos recomendados pelo veterinário.
As orelhas só deverão ser limpas caso se observe a presença de depósitos amarelados ou acastanhados. Se o seu gato coçar as orelhas furiosamente ou inclinar a cabeça, deverá consultar rapidamente o médico veterinário e evitar qualquer tratamento que possa mascarar a presença de um corpo estranho.
Nunca utilize cotonetes (que servirão apenas para empurrar o corpo estranho ou cerúmen em direcção ao tímpano) e aconselhe-se junto do seu veterinário assistente sobre os produtos a utilizar.

Cuidados com as orelhas de um gatinho Maine Coon

Os dentes

Aos 4 meses de idade, começa a erupção dos dentes adultos do gato, especialmente os caninos, com uma morfologia diferente dos dentes de leite. É uma ilusão pensar que consegue lavar os dentes ao seu gato. Em compensação, verifique regularmente a cor e o eventual aparecimento de tártaro.

O CORTE DAS UNHAS

Os gatos apresentados em exposições devem obrigatoriamente apresentar as unhas cortadas, em caso contrário serão desqualificados.
A melhor forma de efectuar esta operação parece ser sentado, instalando o gato de barriga para cima, prendendo o corpo do animal entre as suas coxas. Acalme o animal acariciando-lhe a barriga entre dois cortes. Com um alicate adequado seccione a ponta bastante aquém do limite do triângulo rosa, que é a parte carnuda da matriz da unha. Cortar para além desse limite é arriscado, pois poderá originar um sangramento abundante e uma dor ao animal da qual se recordaria na sessão seguinte.
Se o seu gato está habituado a esta operação, associá-la-á ao ritual do vosso relacionamento mútuo e, como tal, não será difícil realizá-la antes de uma exposição.
Poderá aproveitar também esta ocasião para aparar os pêlos que crescem entre os dedos dos Persas.

Corte de unhas de um Abissínio

Trincar frequentemente favorece a mastigação e previne o aparecimento do tártaro, podendo até diminuir o tártaro já existente. Portanto, não prive o seu gato do prazer de comer croquetes e habitue-o desde cedo a ingerir esse tipo de comida seca e a beber água. Se a água da torneira for excessivamente calcária recomenda-se a utilização de água mineral. O seu veterinário poderá verificar o estado dos dentes durante as consultas, propondo-lhe caso necessário a remoção do tártaro, que é uma intervenção suave realizada com uma anestesia curta.

As unhas

A acção de arranhar objectos faz parte do comportamento normal do gato, mas por vezes, este comportamento não se coaduna com a vida sedentária num apartamento. Na realidade, muito embora os arranhões praticados nas árvores não constituam um problema para o dono de um gato com livre acesso ao jardim, já as marcas das suas unhas num sofá de cabedal ou móveis de valor comprometem seriamente a vida em comunidade.
Quando o gato tem de viver num apartamento, é importante proibi-lo desde pequeno de arranhar esse tipo de objectos. Basta um simples "NÃO" acompanhado por um barulho seco (bater as palmas) para o corrigir. Se o gatinho manifestar esse comportamento com frequência, nomeadamente ao acordar, será necessário proporcionar-lhe um ou diversos objectos que possam ser utilizados para arranhar. Os modelos comerciais nem sempre são bem aceites pelos gatos e por vezes um tronco (bétula, pinho, oliveira) produz melhores resultados. Os utensílios para arranhar devem ser regularmente mudados porque o gato acaba por se cansar deles ao fim de algum tempo.
A operação a que se dá o nome "pata de veludo", constitui uma verdadeira intervenção cirúrgica, mutilante, uma vez que consiste na amputação da última falange dos membros anteriores do gato, retirando definitivamente a garra e a sua raiz (as garras são o equivalente às unhas humanas, que não podem ser removidas sem a respectiva base). Consequentemente, não deve ser realizada sem que todos os aspectos envolvidos tenham sido minuciosamente analisados com o seu veterinário.
Diferentes estudos demonstraram que esta ablação não compromete a capacidade dos gatos de caçar e saltar – no Québec esta intervenção é habitualmente praticada e os gatos não parecem apresentar qualquer problema de motricidade. Contudo, consoante o carácter do gato, deve ter-se em conta que a seguir às vocalizações e ao "bufar" característicos, o arranhão constitui um dos meios de aviso ou de intimação antes da agressão (mordedura). Já tivemos a experiência de gatos que, uma vez operados e não podendo já defender-se à unhada, passaram a morder sem aviso prévio.
O corte de unhas deve fazer-se sensivelmente de 3 em 3 semanas, ou de mês a mês, no caso dos gatos que não praticam muito exercício. É preferível fazê-lo entre duas pessoas, uma segurando o gato sem o forçar enquanto a outra procede a um exame cuidadoso da unha antes de a cortar. Poderá adquirir esse tipo de alicate junto do seu médico veterinário. O que é importante é nunca cortar a parte viva da unha, que nesse caso sangrará. Para evitar que o animal sofra, deverá habituá-lo pouco a pouco a estas sessões de manicure, pedindo ao seu veterinário que lhe mostre como se faz.

Os grandes acontecimentos

O nascimento de uma criança

Para o gato de um casal trata-se de um acontecimento da maior importância, que vai obrigatoriamente provocar a redistribuição dos relacionamentos porque, apesar de toda a boa vontade dos donos, o gato deixará de ter a mesma relação com eles.
Antes do nascimento, é fundamental começar a habituar o gato a deixar de ter acesso ao quarto do bebé, principalmente se o gato estava acostumado a circular livremente por toda a casa, sem restrições.
Durante a sua estadia na maternidade, lembre-se de dar ao pai as primeiras fraldas do bebé. Este levá-las-á para casa deixando-as bem à vista num cestinho.

Estes odores proporcionarão ao(s) gato(s) algumas indicações sobre o recém-chegado, facilitando assim as apresentações.
Ao regressar da maternidade, arranje algum tempo para fazer as apresentações. Tanto o bebé como o gato mostrar-se-ão sensíveis àquilo que possa dizer e compreenderão muito mais do que se pensa.
Seguidamente, procure continuar a tratar do gato, mas evite cobri-lo de carícias só quando o bebé estiver a dormir (o animal passará a associar a ausência do bebé com uma maior atenção). Por outro lado, faça-lhe muitas festas e fale com ele diante do bebé, que mais tarde, facilmente, se tornará uma criança apreciadora de gatos.
A tentação dos gatos de adoptar os bebés leva-os por vezes a assumir comportamentos de risco, como o de querer dormir no berço. De facto trata-se de um local muito quente e agradável, com companhia e por vezes com odores a leite deliciosamente azedo (o seu gato não tem forçosamente uma percepção das regurgitações idêntica à sua!). Procure canalizar as veleidades do seu gato e ofereça-lhe eventualmente um berço de bonecas só para ele. Durante o desenvolvimento do seu bebé e de acordo com o temperamento do gato, de forma geral, espantar-se-á com a tolerância do gato em relação ao seu filho (tolerância geralmente muito específica para com a(s) criança(s) da família). O gato é uma maravilhosa escola de vida para a criança, e quando esta aos 15 meses descobrir que o gato possui uma cauda divertida, o animal através de um simples miado saberá fazer-lhe compreender o que significa o respeito pelo indivíduo. Contudo, nesta idade em que a criança descobre tudo, e nada receia, é indispensável estar vigilante e procurar que exista sempre respeito mútuo.

A Mudança de Casa

Trata-se de um acontecimento importante para o gato, sobre quem se diz por vezes que se afeiçoa mais aos lugares do que às pessoas. Alguns gatos provam-no regressando à sua antiga casa, percorrendo por vezes trajectos muito longos. Tal como aquela velha gata que fez, ao que tudo indica, uma viagem de ida e volta entre Lyon e Barcelonette, decepcionada por ter encontrado a sua antiga casa votada ao abandono.
Durante a fase da mudança, será prudente manter os gatos num quarto, com comida, uma caixa de areia e alguns objectos da sua preferência.
Leve-os só em último lugar e, se possível, reinstale-os imediatamente num quarto relativamente arrumado.
Se a transição for entre dois apartamentos, geralmente não há problemas. O gato toma rapidamente posse do seu novo território.
Se o gato passar de uma moradia para um apartamento, tome as providências necessárias para que possa saltar e trepar, e consiga ultrapassar melhor o facto de estar privado de liberdade e do acesso ao exterior.
Se o gato passar de um apartamento para uma moradia deverá evitar-se o seu acesso ao exterior durante 3 a 7 dias e depois controlar as suas saídas, quer vigiando-o, quer saindo para o jardim com ele. Em seguida, deixe-o sair progressivamente mas mantenha a caixa de croquetes por perto para o chamar de volta!

As Férias

O gato não gosta de deslocações de carro ou noutros meios de transporte. É por esse motivo que, sobretudo durante férias curtas, é sempre aconselhável encontrar um(a) amigo(a) que possa vir alimentar o gato e mudar a sua areia, na sua própria casa.Se alugar uma casa de férias, mesmo que seja por um mês, o gato só se habituará se o levar lá regularmente e para tal deverá acostumá-lo desde muito novo. As

Gato no seu cesto de transporte

As Viagens
Mesmo durante um trajecto curto (uma ida ao veterinário por exemplo), o gato pode sentir-se indisposto dentro do carro, no autocarro ou no metro. O calor, a penumbra e o silêncio tranquilizam-no: para essas viagens coloque-o dentro de um cesto de vime ou numa simples caixa de papelão bastante grosso (não tenha medo, o animal não vai sufocar), com um lençol por baixo coberto por papel absorvente.
Se se tratar de um animal emotivo, será durante os 5 a 10 primeiros minutos da viagem que poderá "ter descuidos". Retire então o papel absorvente para que o animal não fique molhado durante o resto do percurso.
Outra ideia consiste em colocar o cesto de vime numa caixa de areia, com uma pequena quantidade de areia. A urina passa através do cesto, deixando o gato seco. Desta forma protegem-se os bancos e os tapetes do seu carro. Se o trajecto for longo, faça pontualmente algumas pausas para que ele coma, de preferência croquetes, e beba água bem fresca, mas não deixe nada ao seu alcance, no cesto ou na caixa. Para as viagens de avião, um tranquilizante poderá revelar-se útil.
Consulte o seu médico veterinário.

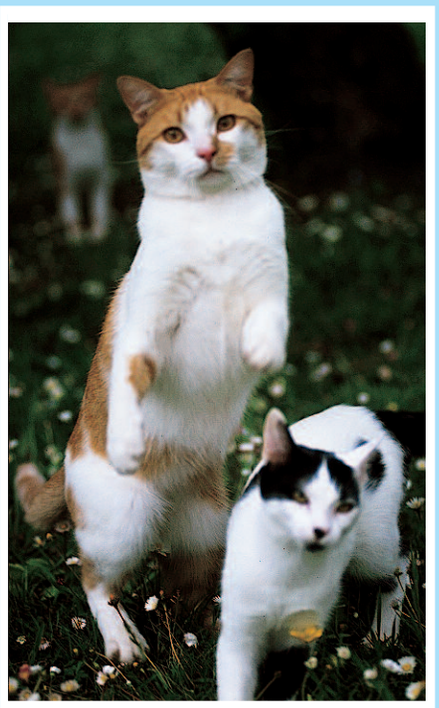
capacidades de adaptação do gato por vezes são simplesmente alucinantes: tal como o caso do gato, habituado desde cedo a andar de moto com o dono.
Alguns gatos, acostumados ao seu apartamento durante todo o ano, mostram-se muito deprimidos, ao regressar das férias no campo em Setembro. Se o animal lhe parecer pouco animado, com falta de apetite ou se começar a urinar de uma forma inadequada, não hesite em consultar o seu médico veterinário.

O gato doente

A hospitalização do gato, mesmo nas melhores condições possíveis, deve ser sempre discutida com o veterinário no âmbito do interesse do gato e da disponibilidade do dono. Hoje em dia, a importância do stress e a força da ligação ao dono são considerados, pelos clínicos especializados em veterinária felina, como factores capazes de influenciar o ânimo do animal e a sua capacidade de recuperar a saúde.
Poderá assim ser sensato, levá-lo apenas à clínica para receber tratamento (hospitalização só durante o dia) a menos que o dono venha à clínica 1 a 2 vezes por dia para o visitar e lhe dar as refeições, que por vezes é melhor aceite quando é oferecida com amor.

4ª Parte

CONHECER O GATO



ANATOMIA
FISIOLOGIA
NUTRIÇÃO
GENÉTICA
PREVENÇÃO
DE DOENÇAS

Anatomia e fisiologia

A fisiologia do gato é muito semelhante à das outras espécies animais. Assim, tal como todos os outros mamíferos, o gato é homeotérmico: consegue manter os seus órgãos internos a uma temperatura constante (entre 38 e 38,5ºC). A sua pele é revestida por pêlos. Após o cruzamento, os óvulos fecundados nidificam no útero da fêmea e são nutridos por trocas intensas realizadas através da placenta. Desde o nascimento, os gatinhos são amamentados pela mãe.

O gato é frequentemente descrito ou representado por imagens com uma forte conotação, as quais o distinguem das outras espécies: silencioso, mas ruidoso durante o cruzamento, misterioso, independente, territorial, caçador hábil, nocturno e capaz de ver no escuro, ágil, muito dorminhoco, ronronando à lareira, cuidadoso com a sua higiene, etc. Estas qualidades baseiam-se não só nas características comportamentais da espécie, mas também nas extraordinárias adaptações fisiológicas desenvolvidas pelos felinos: são predadores temíveis. Todas estas características são apenas adaptações para a sua sobrevivência numa grande variedade de ambientes, nos quais os felinos perseguem e caçam presas com grande eficácia, despendendo o resto do tempo na recuperação e reconstituição das suas reservas energéticas.

O gato é um mamífero desenvolvido de acordo com as regras gerais deste vasto grupo de espécies animais. É também um mamífero especializado, perfeitamente adaptado ao seu estatuto de predador. Esta adaptação refere-se sobretudo às funções que lhe permitem interagir com o meio ambiente: funções de locomoção e funções sensoriais. Em menor escala, chega a abranger as funções autónomas (circulação, respiração, digestão e eliminação).

Aparelho locomotor

Anatomia

É o conjunto formado pelo esqueleto, articulações, músculos e tendões que fazem com que os ossos se movam, uns em relação aos outros.

Esqueleto e ossos

O tecido ósseo (tecido conjuntivo cuja substância fundamental se apresenta calcificada) desempenha o papel de sustentação, uma vez que compõe a quase totalidade do esqueleto. Também desempenha o papel de protecção, nomeadamente no que se refere ao sistema nervoso central e aos órgãos torácicos. Intervém na regulação do metabolismo do fósforo e do cálcio e protege a medula óssea, local onde são produzidas as células sanguíneas.

O esqueleto do gato é composto por 279 a 282 ossos, geralmente alongados, esguios e finos, mas muito resistentes.

Tronco

- Coluna vertebral: 50 a 54 vértebras distribuídas por 5 segmentos ou regiões. Inclui 7 vértebras cervicais, 13 dorsais ou torácicas, 7 lombares, 3 sagradas e 20 a 24 caudais ou coccígeas (cauda).
- Tórax: esterno composto por 8 esternebras; 13 pares de costelas, 9 das quais esternais.

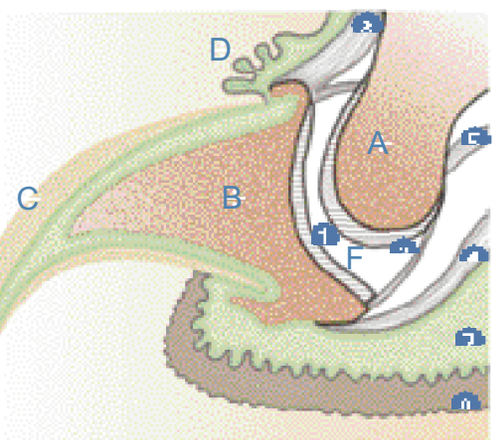
Membros

Membro anterior ou torácico, 41 ossos:

- cintura torácica: clavícula rudimentar e escápula ou omoplata;
- braço (1 osso): o úmero;
- antebraço (2 ossos): o rádio, achatado e arqueado, e a ulna, mais comprida;

• mão (36 ossos): 5 dedos (4 externos completos e um polegar interno e incompleto). O carpo é formado por 7 ossos e o metacarpo por 5. Possui 14 falanges (3 em cada dedo externo e 2 no polegar). As garras constituem a parte córnea da extremidade digital, são curvas e lateralmente achatadas. As garras são muito afiadas e retraem-se automaticamente para o interior duma bolsa cutânea durante o repouso ou a locomoção.

As almofadinhas plantares ou tórus, situam-se na maior parte dos casos na face ventral e posterior dos dedos. É através delas que o membro entra em contacto com o solo. Existem cinco almofadinhas plantares, uma em cada dedo. O tórus metacárpico, o mais central, volumoso e triangular, evidencia a forma do símbolo do naipe de paus ou de copas de um baralho de cartas. O tórus cárpico, pequeno, arredondado e um pouco saliente, está situado na extremidade superior da mão.

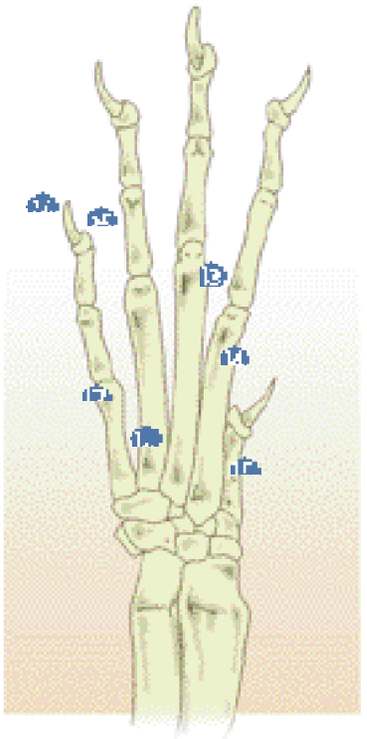


ESTRUTURA DO DEDO DO GATO

(corte em plano vertical dorsal palmar; extremidade distal) segundo P.C.BLIN.

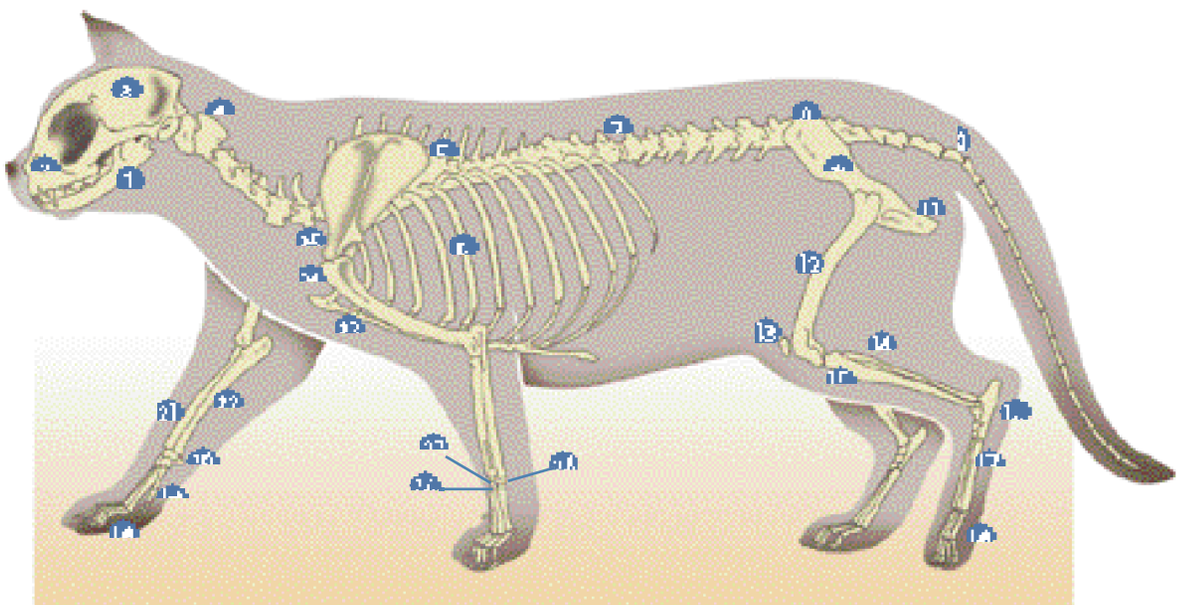
A: falange média; B: falange distal; C: garra; D: prega cutânea da garra; E: almofadinha plantar; F: cavidade articular.

1. Superfícies articulares das falanges.
2. Ligamento entre a 2ª e 3ª falange.
3. Tendão extensor do dedo.
4. Tendão flexor do dedo.
5. Ligamento elástico relaxador.
7. Porção adiposa das almofadinhas plantares.
8. Revestimento cutâneo.



VISTA DORSAL DA MÃO

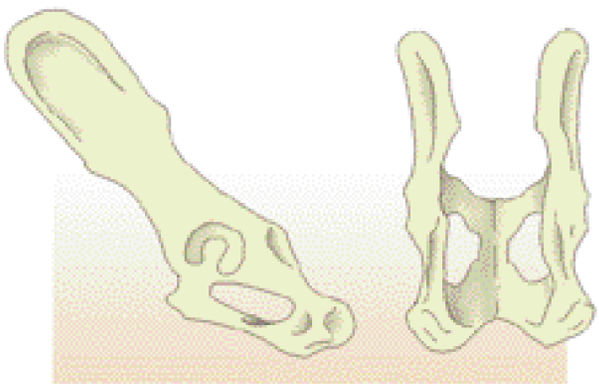
13. 3º Metacarpo; 14. 2º Metacarpo; 15. 1º Metacarpo; 16. 4º Metacarpo; 17. 5º Metacarpo; 25. Crista ungueal; 26. Ápice da falange.



ESQUELETO DO GATO

1. Mandíbula
2. Face
3. Crânio
4. Vértebras cervicais
5. Vértebras torácicas
6. Costelas
7. Vértebras lombares
8. Íleo
9. Sacro
10. Vértebras caudais
11. Ísquio
12. Fémur
13. Rótula ou Patela
14. Fíbula
15. Tíbia
16. Tarso
17. Metatarso
18. Falanges
19. Metacarpo
20. Carpo
21. Rádio
22. Ulna
23. Esterno
24. Úmero
25. Escápula

Membro posterior ou pélvico, 39 ossos:
– cintura pélvica (1 osso): o coxal, horizontalmente alongado, quase rectilíneo;
– coxa (1 osso): o fémur, comprido e cilíndrico;



COXAL DO GATO

– perna (3 ossos): a patela, comprida, grossa e achatada, a longa tíbia e a fíbula em forma de estilete;
– - 4 dedos completos e um dedo interno, nem sempre presente no pé;
– tarso (7 ossos): dispostos em dois níveis;
– - metatarso (4 ossos): encurvados.

No gato, o jarrete é curvo, a tíbia e fíbula são bastante compridas, a região digital é estreita e os dedos são muito arqueados, bastante unidos uns contra os outros.
A face plantar apresenta 5 tórus, um bastante volumoso e trilobado, o qual está rodeado por outros 4 mais globulosos.

Cabeça
O osso frontal é extremamente curto e o crânio é volumoso e globular. As fossas temporais e as órbitas são muito extensas. As mandíbulas são fortes e curtas.

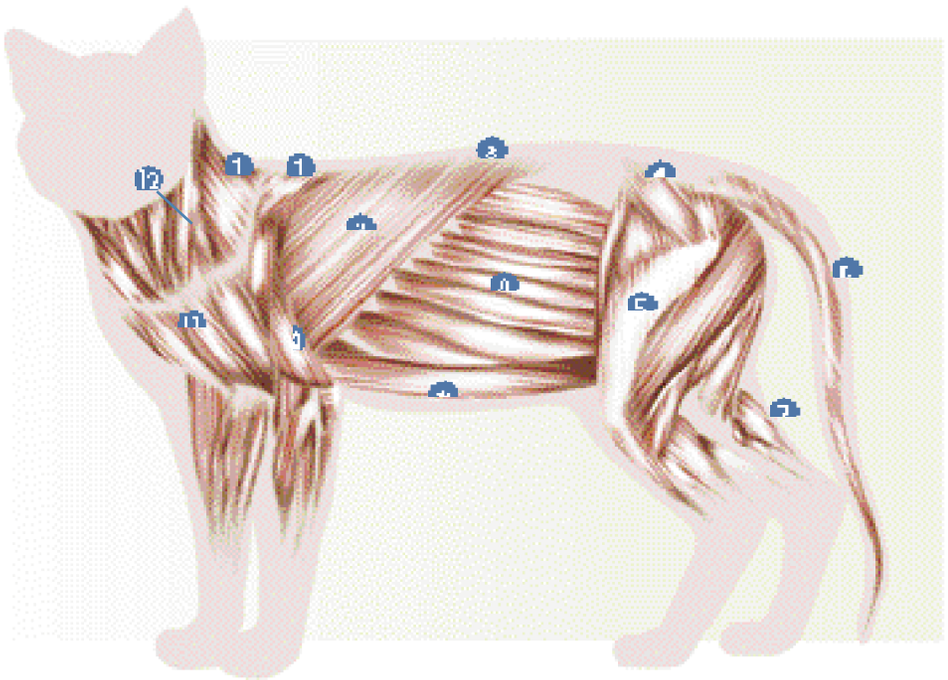
Articulações
As articulações são notavelmente flexíveis e móveis. Os membros conseguem efectuar uma rotação completa sem risco de luxação. O esqueleto é extremamente flexível e a cauda pode assumir todas as posições.

Músculos
"Órgãos activos do movimento, os músculos são contrácteis, ou seja, têm a capacidade de se contraírem temporariamente após um estímulo. Podem assim mobilizar os elementos anatómicos dos ossos, aos quais estão ligados. Além disso, são elásticos e dotados de tonicidade: contribuem para dar ao ser vivo a sua conformação e posturas características" (Barone).

Com base na sua estrutura e fisiologia, as células musculares podem ser de três tipos:
- a célula muscular estriada esquelética (músculos de contracção voluntária);
- a célula muscular estriada cardíaca (com capacidade de se contrair ritmicamente na ausência de estímulos nervosos);
- a célula muscular lisa visceral, cuja contracção é regulada pelo sistema nervoso autónomo (simpático e parassimpático).

Os músculos têm um tom vermelho escuro e possuem um odor intenso e característico. Os tendões são geralmente nacarados, finos e delicados, mas resistentes.
Os músculos da cabeça são caracterizados pelo seu grande desenvolvimento, complexidade e interligação com os músculos subcutâneos. Os músculos mastigadores são extremamente desenvolvidos.

A região cervical é composta por uma espessa massa muscular que está subdividida em quatro camadas.
Os músculos do abdómen são muito desenvolvidos, conferindo à parede abdominal a sua textura carnuda e espessura características.
Os músculos da anca e coxas são bastante fortes. As características específicas dos músculos dos membros são baseadas no número dos dígitos das mãos e dos pés. Os membros possuem músculos rotatórios (de pronação e de supinação: movimentos de rotação de 180º da face palmar ou plantar das mãos e pés).
Os membros posteriores, mais fortes que os anteriores, estão sempre preparados para o relaxamento ou propulsão do animal. No caso do gato, a corrida é composta por uma série de saltos longos e rasantes. O gato é um corredor de velocidade e não de distâncias longas. Os seus músculos e garras permitem-lhe escalar e



Músculos do gato

1. *Músculo trapézio*
2. *Músculo grande dorsal*
3. *Fáscia toracolombar*
4. *Músculo glúteo médio*
5. *Músculo tensor da fáscia lata*
6. *Músculo sacrocaudal*
7. *Músculo gastrocnêmio*
8. *Músculo oblíquo externo do abdómen*
9. *Músculo recto do abdómen*
10. *Músculo tríceps do braço*
11. *Músculo braquiocefálico*
12. *Músculo esternocefálico*

trepar com facilidade. Consegue saltar muito alto e, quando a altura é suficiente, consegue cair sobre as quatro patas.

Fisiologia: A função locomotora

O sistema músculo-esquelético possui um papel duplo: assegura a coesão e solidez de todo o corpo e permite ao animal deslocar-se, suprindo as suas necessidades face ao meio ambiente.

Ossos e articulações

Os ossos

O esqueleto é a estrutura em redor da qual se organizam os outros tecidos. Composto principalmente por cristais de hidróxido de apatite, à base de cálcio e fosfato (99% do cálcio corporal está armazenado nos ossos), o osso não é uma estrutura fixa. Trata-se de um tecido vivo, cuja superfície externa - o periósteo – está em constante renovação. A sua parte mais interna, a medula óssea, é responsável pela produção das células sanguíneas.

A estrutura das articulações varia consoante os ossos aos quais estão ligadas. Por exemplo, os ossos longos possuem articulações sinoviais. O líquido sinovial actua como amortecedor e lubrificante garantindo a perfeita mobilidade dos elementos: a cartilagem articular, que cobre as extremidades dos ossos (a epífise), a membrana sinovial, a cápsula articular e os ligamentos.

A cartilagem

Graças à sua flexibilidade, a cartilagem diminui indiscutivelmente o atrito produzido durante o movimento articular e distribui e equilibra a pressão a que são submetidas as articulações, evitando assim lesões no osso subjacente. A cartilagem pode sofrer deformações proporcionais à força aplicada na sua superfície, graças a uma rede de proteínas complexas, as quais retêm ou libertam uma grande quantidade de água em função do esforço submetido. A água representa 70% do peso da cartilagem e a rede fibrilhar mais de 25%.

Cápsula articular e membrana sinovial

A cápsula é composta por colagénio e tecido elástico. Assegura a coesão da articulação

através da sua sólida ligação ao tecido ósseo. É pouco vascularizada mas muito enervada. O líquido sinovial é formado pela filtração de inúmeros vasos capilares da membrana sinovial.

Músculos e movimento

Tal como todos os felinos (ou felídeos), o gato é um carnívoro. Comparativamente ao cão, a alimentação do gato é composta, quase exclusivamente, por carne. Para caçar as suas presas, consegue mobilizar os seus 279 ossos e os seus 30 dentes, com força, velocidade e precisão. Desenvolveu uma musculatura muito poderosa, a qual é sustentada por um esqueleto que está adaptado ao salto, à escalada e ao combate. É capaz de desenvolver uma força considerável em relação ao seu peso, num brevíssimo espaço de tempo. Em contrapartida, não consegue manter este esforço durante muito tempo, uma vez que, tal como todos os felinos, o gato possui pouca resistência! Num único salto, atinge alturas impressionantes em proporção ao seu tamanho. Utilizando as suas garras, consegue trepar verticalmente um tronco de árvore. O caminho inverso cria-lhe, por vezes, uma dificuldade insuperável: um gato assustado que atinge o topo de uma árvore, pode revelar-se completamente incapaz de descer.

Os músculos locomotores são denominados músculos estriados, devido ao aspecto microscópico das suas células. São compostos por feixes de células ricos em miofibrilhas ou pequenos filamentos, que ao deslizarem uns sobre os outros provocam a retracção da célula e a contracção do músculo. A força contráctil é seguidamente transmitida aos ossos pelos tendões, que formam um encordoamento fibroso, o qual está inserido na superfície do osso. Cada contracção muscular é provocada por um estímulo proveniente do sistema nervoso. Cada célula nervosa, ou neurónio, comanda diversas dezenas de células musculares, constituindo este conjunto uma unidade motriz.

A energia necessária para a contracção muscular provém de um carburante químico denominado ATP (adenosina trifosfato). A utilização normal deste composto necessita de oxigénio. Nos casos em que o débito sanguíneo não supre as necessidades de oxigénio, o ATP é utilizado de forma diferente e os subprodutos, tais como o ácido láctico, acumulam-se no músculo e no sangue, o que provoca fadiga e incapacidade para tolerar o esforço. O músculo é um motor cujo rendimento não é óptimo. Apenas 25% da energia despendida é transformada em movimento, sendo a restante dissipada sob a forma de calor.

A coordenação da contracção dos diferentes grupos musculares é uma condição importante para o êxito em combate. No gato, a orientação realizada pelo cérebro e cerebelo é muito eficaz, permitindo gestos muito precisos, mesmo a grande velocidade, e alterações rápidas da direcção do movimento.

Possui 5 dedos nos membros anteriores e 4 nos posteriores. Flexíveis e extensíveis, permitem movimentos totalmente silenciosos, uma vez que as almofadinhas plantares funcionam como amortecedores e as garras são retrácteis. Esta retractilidade revela-se incómoda durante a corrida em terreno liso (por exemplo, as garras de um cão funcionam como grampos), mas suprime todo o ruído. Protegidas pelo seu invólucro e não sendo submetidas a uma utilização permanente, as garras mantêm-se curvas e muito afiadas: são armas temíveis. Assim, um gato demasiado sedentário deverá ter à sua disposição um utensílio que lhe permita desgastar e nivelar as unhas.

Sistema nervoso

Anatomia

Sistema nervoso central (SNC)

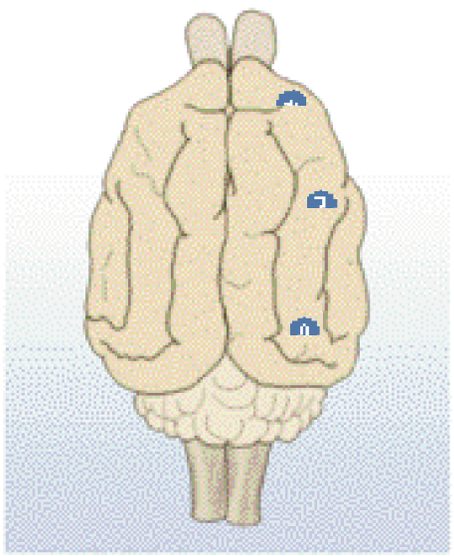
O encéfalo é composto por:
- Cérebro: pesa 20 a 28 g. É compacto, globuloso na zona posterior e possui um pedúnculo anterior truncado. Mede 35 mm de comprimento, 37 mm de largura e 26 mm de altura. As circunvoluções são pouco nítidas, com pregas não muito acentuadas. O teor de água do cérebro atinge os 80% (9-11% de proteínas e 6% de gorduras).

Na zona mediana e profunda do cérebro encontra-se o hipotálamo, que controla o sistema endócrino;

Conformação externa dos hemisférios cerebrais

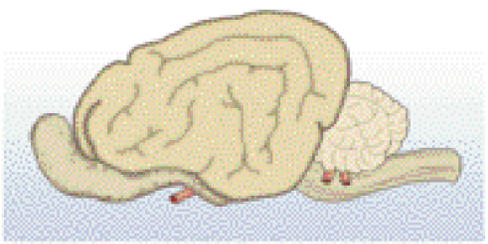
Vista dorsal do encéfalo.

7. Sulco supra-silviano
8. Sulco marginal
9. Sulco cruzado



Conformação externa dos hemisférios cerebrais

Vista lateral esquerda.



- Cerebelo (envolvido na actividade postural) e tronco cerebral (que controla a actividade autónoma). O cerebelo, cuja superfície está dividida em grandes lâminas, pesa entre 3 a 5 g;
- Medula espinal: cordão esbranquiçado e cilíndrico que está localizado na coluna vertebral. Pesa entre 7 e 9 g. De cada lado da medula espinal emergem as raízes dos nervos raquidianos.

No seu interior, situam-se as vias sensoriais motrizes e de associação.

Sistema nervoso periférico

É o conjunto de todas as fibras nervosas agrupadas em:
- nervos cranianos (12 pares: nervo olfactivo, óptico, vestibulococlear, vago...);
- nervos raquidianos, ligados à medula espinal (36 a 38 pares, incluindo 8 cervicais, 13 dorsais, 7 lombares, 3 sacrais e 5 a 7 caudais).

Sistema nervoso vegetativo ou autónomo

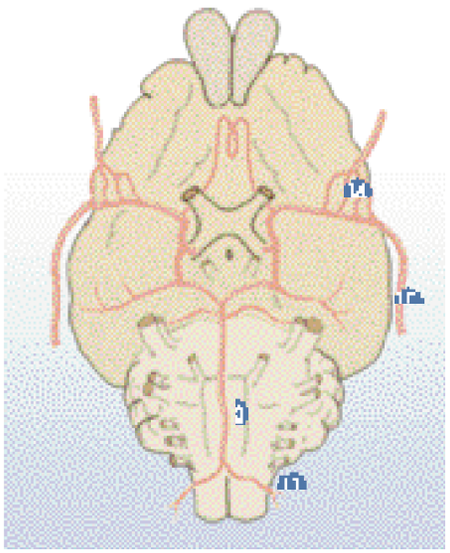
O sistema nervoso autónomo regula as actividades autónomas do organismo (funcionamento dos órgãos e coordenação das suas diferentes funções).

Engloba, em particular:
- o sistema simpático com os seus nervos e gânglios. Os nervos simpáticos, de plexos em plexos, chegam até aos órgãos. Os gânglios torácicos dão origem aos feixes cardíacos aórticos e pulmonares. As ramificações dos gânglios sacrais formam os nervos hipogástricos conducentes aos órgãos da bacia;
- o sistema parassimpático, oposto ao anterior, é formado por uma secção craniana e por uma secção pélvica.

O olho

O globo ocular, praticamente esférico, está situado no interior da órbita. O seu volume é de 4,5 a 5 cm^3, pesa entre 10 e 11 g e possui um diâmetro horizontal de 19 a 22 mm. A parede da cavidade ocular é composta por 3 camadas ou túnicas:
- túnica externa (esclera e córnea),
- túnica média (úvea: corióide, corpo ciliar e íris),
- túnica interna (retina com papila óptica e nervo óptico).

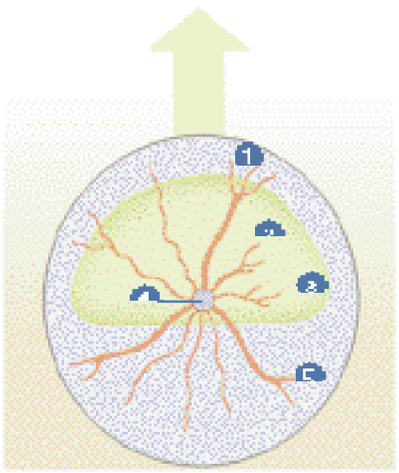
O conteúdo do globo ocular é composto pelo humor aquoso que reveste o compartimento anterior e o corpo vítreo (2,8 cm^3), o qual está separado pelo cristalino, órgão transparente, refringente e biconvexo (8 mm de espessura; 0,5 cm^3; 1,4 g). A lente desempenha um papel fundamental na acomodação.



Conformação externa dos hemisférios cerebrais e irrigação

Vista ventral.

5. Artéria carótida interna
10. Artéria basilar
11. Artéria vertebral
14. Redes epidurais
15. Artéria maxilar



Aspecto esquemático do fundo do olho do gato

Vasos da retina
1. Veias
2. Artérias
3. Tapetum
4. Papila
5. Zona sem tapetum

A córnea forma a parte anterior transparente da túnica externa. A úvea, túnica vascular e enervada, comporta a película anterior da íris, o corpo ciliar e a corióide. A íris, situada à frente do cristalino, separa a câmara posterior da câmara anterior do olho.

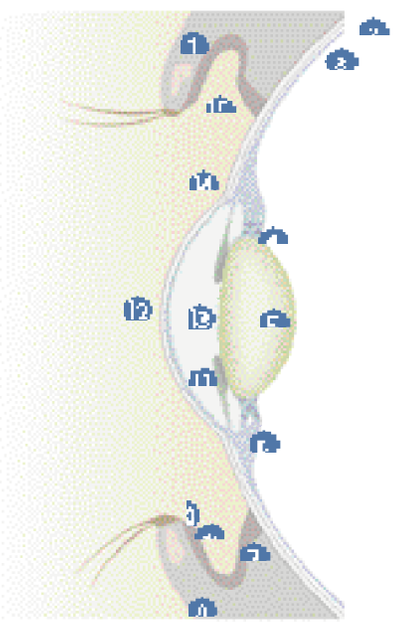
A íris, de coloração azul esverdeada, amarela... com estrias concêntricas ou raiadas, funciona como um diafragma, permitindo apenas a passagem da luz através da pupila.

O tamanho da pupila regula a penetração da luz. Em pleno dia fecha-se, apresentando uma forma de fenda lenticular vertical, muito estreita. Na escuridão, assume uma forma circular.

A corióide, fina e densamente pigmentada, está localizada entre a retina e a esclera. É constituída por uma rede de vasos, assegurando a alimentação da retina e do segmento anterior do olho. A metade superior do fundo do olho é formada pelo tapetum lucidum, cobertura constituída por células que reflectem e decompõem a luz, favorecendo uma boa visão nocturna. O nervo óptico estabelece a ligação entre a retina e o cérebro.

Corte do olho (anterior)

1. Pálpebra superior
2. Esclera
3. Corióide
4. Ligamentos de suspensão
5. Cristalino
6. Corpo ciliar
7. Conjuntiva bulbar
8. Pálpebra inferior
9. Fundo-de-saco inferior
10. Conjuntiva palpebral
11. Íris
12. Córnea
13. Pupila
14. Limbo
15. Fundo-de-saco superior



Fisiologia: Funções sensitivas

As funções sensitivas permitem ao animal compreender e assimilar as variações energéticas em todas as suas formas. A percepção externa permite a detecção de informações provenientes do exterior: energia luminosa (visão), energia sonora (audição), etc.
Trata-se portanto dos cinco sentidos: visão, audição, olfacto, paladar e tacto (sensibilidade táctil e térmica). Deve também ser incluída a auto-percepção, ou seja, a percepção da posição do próprio corpo no espaço, adquirida através do labirinto situado no ouvido interno e dos numerosos receptores musculares, tendinosos e articulares. Finalmente, as funções sensitivas incluem também a percepção interna, que corresponde à percepção, frequentemente inconsciente, de inúmeras informações provenientes do próprio organismo: composição do conteúdo gastro-duodenal, pressão arterial, composição química do sangue, etc.

O olfacto e o paladar

Estes dois sentidos são considerados indissociáveis nos carnívoros. O paladar, não muito desenvolvido, complementa o sentido do olfacto.

A acuidade olfactiva

No gato, o olfacto não é tão apurado como no cão. No decurso da sua actividade predatória, este sentido assume a 3ª posição, a seguir à visão e audição. Contudo, este facto não significa que o olfacto seja subdesenvolvido. Desempenha um papel importante nas relações sociais do animal e está envolvido na alimentação. Qualquer perturbação do olfacto leva o animal a recusar a ingestão de alimentos.
O gato faz parte das espécies denominadas macrosmáticas: a zona olfactiva do cérebro representa uma importante parcela no conjunto do cérebro desenvolvido. Esta proporção, é aproximadamente, de 6, em oposição a 0,3 por exemplo, no homem. Apesar de variar em função da substância odorífera e da aprendizagem, o limiar de detecção de odores é muito fraco.
Quando a concentração de uma substância

aumenta, a sensação também aumenta, embora muito mais lentamente.
Portanto, o odor é fundamentalmente uma percepção sensível e qualitativa. A sensação surge passado aproximadamente meio segundo após o contacto da substância volátil com a mucosa. Após um certo tempo (1 a 2 horas) de estímulos intensos, os receptores ficam dessensibilizados. Esta fadiga olfactiva abrange todos os odores. A adaptação ocorre quando o mesmo odor, permanentemente presente, deixa de ser perceptível (devido à elevação progressiva do limiar).

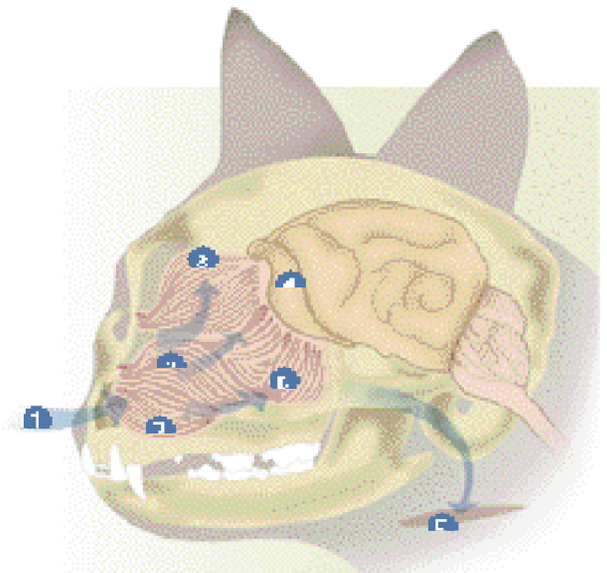
A percepção dos odores

As moléculas odoríferas são, por natureza, substância voláteis à temperatura normal. Atingem o órgão olfactivo, localizado por cima e atrás das fossas nasais, através da inspiração. Outra via de acesso é a passagem retronasal, através da qual o ar chega ao órgão do olfacto durante a expiração. Se a cavidade bucal contiver alimentos, este processo contribui para a percepção do paladar.
A interacção entre as moléculas odoríferas e os receptores da mucosa origina um fenómeno eléctrico, criando uma espécie de mapa codificado a que se dá o nome de imagem olfactiva. Esse mapa, veiculado pelo nervo olfactivo, é lido e seguidamente interpretado pelo cérebro. A imagem oferece tantas possibilidades que poderia codificar um número incalculável de cheiros diferentes. A capacidade que o gato tem para descriminar odores é considerável, sendo capaz de reconhecer as mais complexas misturas químicas.

O paladar

O gato possui o sentido do paladar desenvolvido, dispondo de mais de 400 papilas gustativas. Admite-se que o animal consiga detectar os quatro sabores básicos: ácido, amargo, doce e salgado. O ácido e o amargo são muito bem percebidos, bastante melhor que pelo cão, facto que torna o gato bastante prudente face a um alimento eventualmente tóxico. O sabor salgado também é detectado em toda a superfície da língua. O gosto doce só é reconhecido quando a sua concentração é elevada.

Estes limiares adaptam-se adequadamente à alimentação carnívora dos gatos. Para além disso, estes animais dispõem de receptores específicos para certos componentes da carne que são necessários (como a taurina).



Cavidade nasal do gato

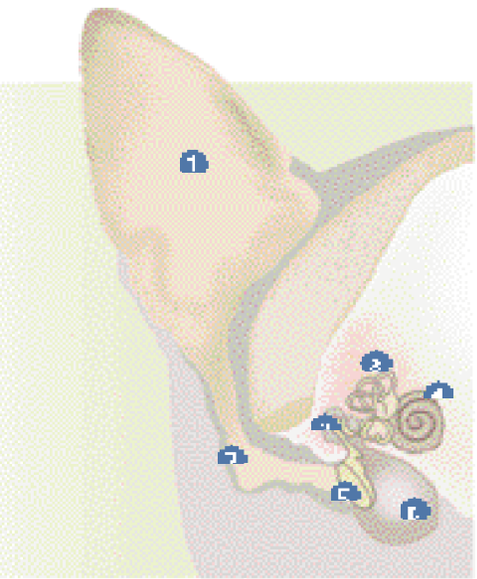
1. Ar entrando através das narinas
2. Meato médio do nariz
3. Corneto nasal dorsal
4. Bulbo olfactivo
5. Nasofaringe
6. Meato ventral do nariz
7. Corneto nasal ventral

A audição

A acuidade auditiva
O gato possui uma audição muito desenvolvida, sendo capaz de detectar uma vasta gama de sons com uma intensidade muito baixa. A extensão da gama de vibrações perceptível, é aproximadamente, 3 vezes superior à do homem. O gato consegue captar sons mais graves e sobretudo muito mais agudos: no campo dos ultra-sons, com uma frequência superior a 20 000 hertz, os gatos parecem conseguir captar sons até 60 000 Hz! Uma intensidade muito baixa (da ordem dos 5 dB) é suficiente e a sensação aumenta consideravelmente em função da intensidade. Assim, o gato é capaz de distinguir as mínimas alterações ao nível da elevação dos sons, qualquer que seja a sua intensidade. A noção de fadiga auditiva, adaptação e persistência são muito menos marcantes na audição dos felinos. Os gatos conseguem localizar a fonte sonora pela capacidade de orientar os pavilhões auriculares em diferentes direcções, de forma independente à direita e à esquerda.

Orelha do gato

1. Pavilhão auricular
2. Cadeia de ossículos
3. Canais semi-circulares
4. Cóclea
5. Tímpano
6. Bula timpânica
7. Canal auditivo externo



A percepção auditiva

O pavilhão auricular capta as ondas sonoras e transmite-as ao canal auditivo externo. O som é assim reforçado através duma ressonância (tal como quando se fala através de um tubo). O tímpano vibra e transmite estas vibrações aos ossículos (martelo, bigorna e estribo), que funcionam como um transformador, uma vez que a resistência à propagação do som não é a mesma no ar (ouvido externo) e na água (ouvido interno). Os ossículos sólidos permitem uma transmissão entre si, sem que haja perda de informação por reflexão.

A codificação eléctrica da informação produz-se na cóclea, espécie de caracol que possui células vibráteis ligadas a células nervosas, as quais estão em contacto com o líquido contido na cóclea, a endolinfa. O órgão de Corti é formado por estas células e está ligado ao nervo vestibulococlear.

A visão

O fascínio que o gato exerce sobre o homem deve-se em grande parte ao seu olhar marcado pela sua pupila rasgada na vertical, cuja acuidade parece não diminuir durante a noite. Com efeito, os olhos do gato adaptam-se muito bem à caça nocturna. Tal como o homem, o gato possui um par de olhos bem frontais e orientados para a frente, facto que lhe confere uma das melhores visões binoculares entre os mamíferos (cerca de 120º), permitindo uma melhor percepção dos relevos e das distâncias. É complementada de cada lado por uma visão monocular de aproximadamente 80º. O cristalino (sistema de "auto-focagem" do olho) é bastante móvel e permite uma rápida focagem da presa.

O olho e os seus anexos

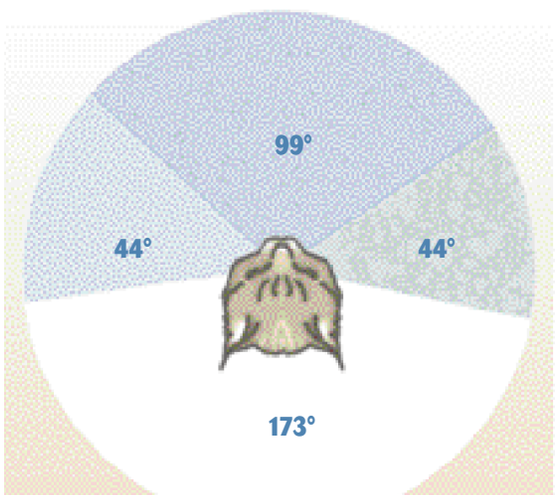
A estrutura do olho é a mesma em todos os mamíferos. A luz atravessa a córnea e seguidamente a câmara anterior, a qual se encontra repleta de líquido – o humor aquoso. Depois de passar pela pupila, a luz é seguidamente desviada pelo cristalino, estrutura que funciona como uma lente convergente. Segue depois pela câmara posterior, chegando por fim à retina.

Os olhos estão dotados de grupos de músculos que lhes permitem mover-se em todas as direcções e estão protegidos pelas pálpebras. Os olhos do gato possuem uma terceira pálpebra que apresenta uma grande mobilidade e é capaz de varrer toda a superfície da córnea, limpando-a e cobrindo-a com uma película líquida protectora.

As cores

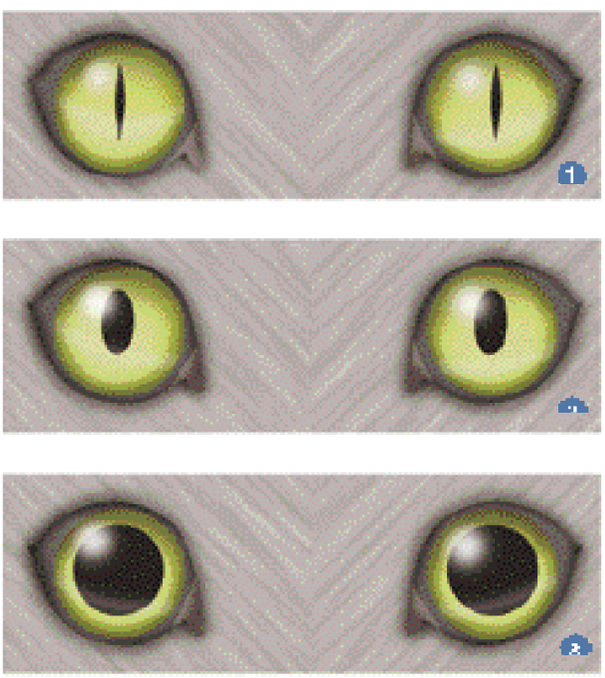
A percepção das cores requer a presença de cones foto-receptores existentes na retina.

Campo visual do gato



Abertura das pupilas em função da luz

1. Luz intensa
2. Luz moderada
3. Penumbra



Mas a sensibilidade às inúmeras matizes de cor depende da existência de famílias de cones sensíveis aos diferentes comprimentos de onda da luz. Especialmente ao nível das espécies nocturnas, ditas monocromáticas, como o rato, existe apenas um único tipo de cone, pelo que estes animais apenas distinguem os objectos através da sua intensidade luminosa. O gato pertence ao grupo dos dicromáticos, o que significa que possui dois tipos de cones. Este facto permite-nos pressupor que o gato percebe duas cores e as matizes resultantes da sua mistura, do vermelho ao verde. O homem é tricromático: possui três famílias de cones cuja estimulação associada lhe permite detectar matizes de cores de todo o espectro visível.

Visão nocturna

Em contrapartida, a sua visão nocturna é muito superior à do homem, devido ao envolvimento de outras células, os bastonetes. O gato possui 200 milhões contra apenas 120 milhões na espécie humana. Para além disso, na parte inferior do fundo do olho, o tapetum funciona como um espelho reflector reenviando a luz "inutilizada" pela retina, o que permite que esta luz seja economizada e enviada de novo para a retina. Este tapetum é perfeitamente visível quando os faróis de um carro incidem nos olhos de um gato.

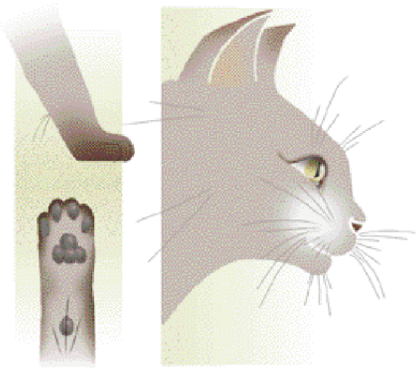
Formas e movimento

A percepção das formas, do movimento e sem dúvida do relevo, está ligada a uma certa especialização das células da retina: algumas células respondem apenas à percepção de linhas orientadas num sentido específico. Em síntese, existem células para detectar a vertical, outras para a horizontal e células para detectar cada angulação (os desvios vão de 10 a 30º graus). A deslocação destas linhas durante um movimento permite uma percepção mais eficaz. Por outras palavras, quanto mais o objecto ou o animal visionado se deslocar, melhor será a percepção.

O tacto

A pele desempenha um papel de detecção, sensível a variações mínimas de pressão ou de temperatura. A densidade dos receptores tácteis não é a mesma para todas as partes do corpo. As zonas mais enervadas são a face e as extremidades (patas e almofadinhas plantares) e as zonas anal e genital. No focinho, o gato possui vibrissas, uma espécie de grandes pêlos muito enervados e com uma função táctil muito desenvolvida.

Durante um estímulo exacerbado, a sensação percebida transforma-se em dor. Para além disso, os fisiologistas demonstraram a existência de receptores que apenas são activados quando o estímulo é suficientemente forte para provocar uma lesão ao nível da pele. O que quer dizer que a dor pode, de certa forma, ser considerada como um sentido à parte. A sensibilidade táctil e térmica desempenha um papel de alerta e de prevenção quando o estímulo se torna perigoso e a sensibilidade específica permite evitar a exposição de uma zona já alterada.



Almofadinhas plantares
Pelos tácteis
Vibrissas

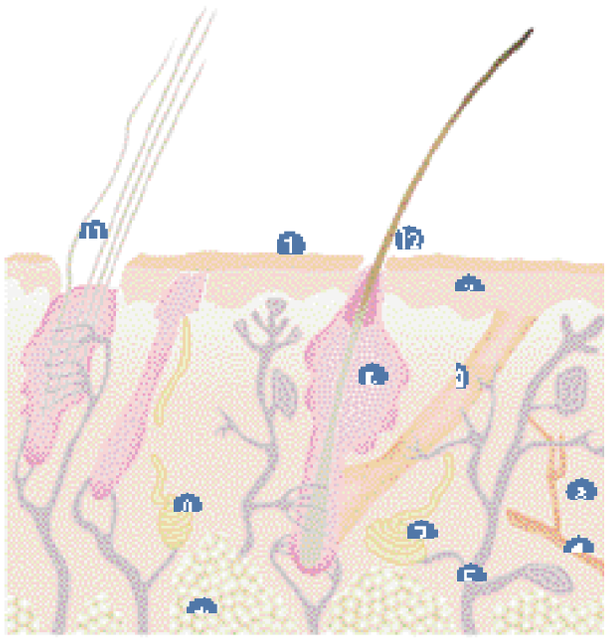
A auto-percepção e o equilíbrio

O gato é conhecido pelo seu extraordinário sentido do equilíbrio, facto que lhe permite deslocar-se sobre muros e cercas muito estreitas, e reequilibrar-se facilmente após uma queda, caindo sobre as quatro patas. Esta performance resulta de uma detecção apurada, inconsciente e quase permanente da posição da cabeça no espaço e do estado de tensão dos músculos e dos tendões. Cada movimento é percebido de forma tridimensional por detectores muito sensíveis situados no ouvido interno.

De igual forma, os receptores musculares - os feixes - e os receptores tendinosos comparam permanentemente a tensão existente em cada grupo muscular. O conjunto desta informação é analisado de forma detalhada por diversas estruturas localizadas no cérebro (especialmente na região frontal) e no cerebelo, levando de forma reflexa a uma correcção imediata do movimento, no intuito de garantir o equilíbrio durante a deslocação. Este sistema só deixa de estar activo, muito raramente, durante as fases de sono profundo.

A sensibilidade visceral

Embora as informações das funções autónomas raramente cheguem ao nível do consciente, encontram-se sob a estreita vigilância de uma bateria de sensores especializados que vigiam o seu desempenho: por exemplo, a composição do sangue, a pressão, a concentração, o volume e o conteúdo do intestino delgado, encontram-se sob constante controlo. O número desses sensores é de tal ordem que os neurónios que transmitem a informação ao cérebro são maioritários nos nervos mistos (nervos simultaneamente sensitivos e motores). Por exemplo, no nervo vago, nervo principal que comanda o coração, os brônquios, o estômago, o intestino e a bexiga, apenas 10% das células nervosas estão envolvidas neste tipo de regulação.



Corte da pele

1. *Epiderme*
2. *Derme*
3. *Hipoderme*
4. *Capilares*
5. *Nervos*
6. *Folículo piloso*
7. *Glândula sudorípara*
8. *Glândula sebácea*
9. *Gordura subcutânea*
10. *Músculo erector do pêlo*
11. *Pêlos secundários*
12. *Pêlo primário*

As restantes 90% são células sensitivas provenientes dos mesmos órgãos!

Aparelho tegumentar

Anatomia e fisiologia

O aparelho tegumentar é composto pela pele e as suas faneras (pêlos e anexos cornificados).

Pele

A pele do gato é solta, elástica e muito resistente. Conforme a região, a sua espessura varia entre 0,4 e 2 mm. A superfície corporal é de 0,15 m2 para um gato de 2 kg, e de 0,3 m^2 para um gato de 6 kg.
A principal função da pele consiste em criar uma barreira entre o meio exterior e o interior, limitando a sua permeabilidade graças aos pêlos e ao estrato córneo da epiderme. Essa barreira funciona em ambos os sentidos. É indispensável para restringir as perdas de substâncias, principalmente de água, e impedir a excessiva penetração de elementos estranhos.

A pele é composta, da superfície para o interior, pela epiderme e pelos apêndices epidérmicos (folículos pilosos, glândulas sebáceas e sudoríparas, garras e almofadinhas plantares).

A epiderme, o revestimento externo da pele, é flexível, estanque e resistente. O seu estrato córneo é uma adaptação à vida terrestre. A epiderme não é vascularizada. É composta por diversas camadas de células e é coberta por uma membrana superficial formada por células de descamação, proteínas e principalmente lípidos (ceras e esteróides). Uma das camadas é composta por células que estão estreitamente ligadas entre si. Todo este conjunto forma uma barreira impermeável.

Células especiais denominadas melanócitos produzem melanina, um pigmento que protege a pele contra os raios solares. Este pigmento é armazenado em vesículas, os melanossomas, que são posteriormente transmitidos aos queratinócitos vizinhos.

Todas estas células colaboram verdadeiramente na realização das funções da pele e na sua protecção contra as agressões.
Face à exposição da pele ao meio exterior, não será surpreendente encontrar células com um papel defensivo, semelhantes aos glóbulos brancos. São igualmente observáveis diversas células que modulam a função sensorial da derme.

A derme, componente principal da pele, assegura uma protecção passiva contra os traumatismos externos. É o tecido conjuntivo que suporta a epiderme e, graças à sua vascularização, garante os aportes nutritivos e hormonais. É também na derme que reside a função sensorial da pele, auxiliada por diversos receptores.

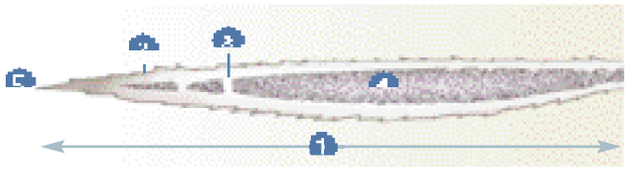
A hipoderme é um tecido conjuntivo mais laxo, caracterizado pela existência de células adiposas ricamente vascularizadas. A gordura desempenha uma função isolante, constituindo uma forma de armazenamento de energia.

O pêlo

Possui uma função especial de protecção da pele contra cortes, abrasão, temperaturas extremas e substâncias químicas. O folículo piloso é uma invaginação da epiderme que produz o pêlo a partir de uma matriz, o bulbo. Nos carnívoros, os folículos agrupam-se em conjuntos de 3:
• 1 folículo primário principal, contendo o pêlo principal ou pêlo de guarda, o qual mede aproximadamente 4 cm na maioria dos gatos de pêlo curto,
• 2 folículos primários laterais, que dão origem às barbas (pêlos secundários ou detectores),
• Este trio está envolvido por quinze folículos secundários que formam uma penugem.

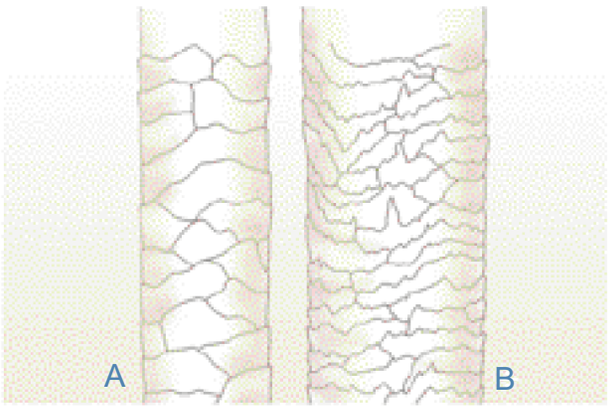
Segundo a variável classificação dos autores, distinguimos vários tipos de pêlos:

• Pêlos de cobertura ou pêlos de guarda (pêlos primários): longos, espessos, rectos, pigmentados e espatulados na extremidade distal. Elemento protector da pelagem. Abundantes nas zonas superiores do corpo.



Parte distal do pêlo

1. Parte distal "espátula"
2. Cutícula
3. Córtex
4. Medula
5. Ponta



Tiipos de escama

A. Pavimentosas
B. Denticuladas

• Pêlos de barba (também com uma função protectora): com uma extremidade curva, terminam em ponta, o que lhes confere um aspecto de clava.
• Pêlos intermédios ou heterótipos: ondulados e finos na base, terminando também em forma de clava. Função protectora.

Sub-pêlo, penugem ou crina: pêlos finos, ondulados e muito densos. Possuem uma função de isolamento térmico.

Os pêlos tácteis e as vibrissas são pêlos especiais, sendo encontrados principalmente no focinho. Estão ligados às células nervosas e possuem uma função sensorial.

O crescimento do pêlo é contínuo e cíclico. Cada ciclo comporta três grandes fases (anagéne, catagéne e telogéne). A anagéne é a fase de crescimento na qual o pêlo cresce 0,3 mm por dia (pêlos de guarda). A catagéne é a fase de transição que antecede a fase telogéne de repouso. A fase telogéne é a que tem maior duração, principalmente no inverno. O crescimento agrupado na fase anagéne é observável em determinados períodos do ano: são as mudas sazonais, cujo controlo é baseado essencialmente no ciclo dia/noite. A higiene é

uma actividade que ocupa grande parte do tempo dos gatos. É facilitada por uma língua muito ágil e áspera, devido às suas papilas cornificadas. Durante a sua higiene, o gato ingere uma grande quantidade de pêlos, especialmente durante o período de muda, facto que pode conduzir à formação de bolas de pêlo no intestino que provocam perturbações digestivas.

As glândulas cutâneas

As glândulas sebáceas estão associadas aos folículos pilosos. A sua secreção é essencialmente lipídica e participa na formação da película cutânea. Existem dois tipos de glândulas sudoríparas: as glândulas apócrinas, que desembocam no folículo piloso, e as écrinas, que desembocam directamente na pele. Nos carnívoros, as glândulas écrinas estão confinadas às almofadinhas plantares. O seu papel parece ser importante em termos do aumento da aderência das almofadinhas. As glândulas apócrinas estão distribuídas ao longo de toda a superfície corporal, produzindo um líquido alcalino que é rico em proteínas. Mas possuem um fluxo mínimo que varia muito pouco em função da temperatura corporal.

Nalgumas zonas, incluindo a face, as glândulas produzem substâncias especiais que desempenham uma função importante na delimitação do território do gato e nas suas relações sociais: são as feromonas. Quando o gato parece esfregar as bochechas contra um suporte vertical, está na realidade a marcar a sua presença.

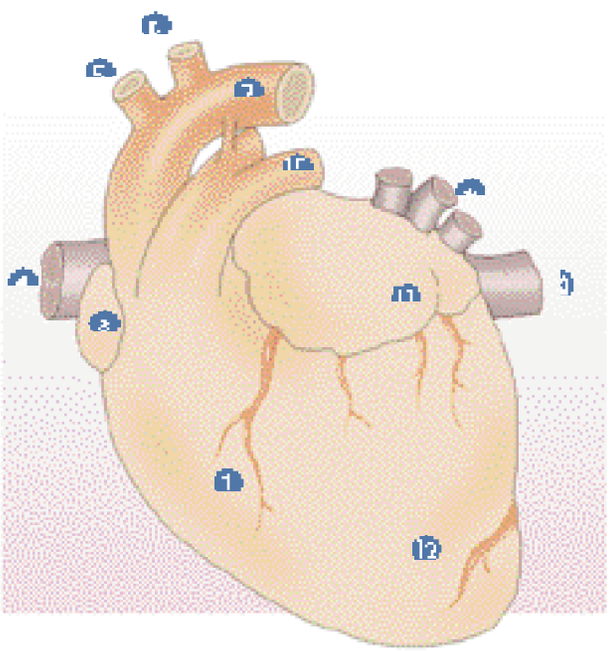
Aparelho circulatório

Anatomia

Conjunto de vasos, dispostos em circuito fechado, onde circula o sangue e a linfa.

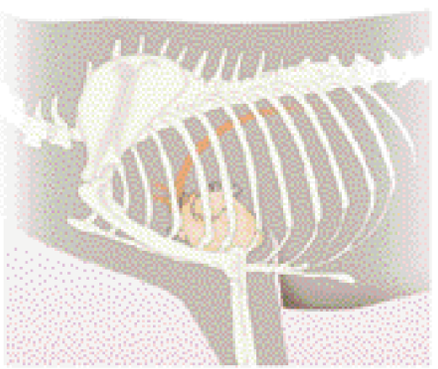
Distingue-se:

- um **coração**, órgão motor central. Através das suas contracções rítmicas, o coração garante o movimento do sangue na pequena circulação (ventrículo direito – aurícula esquerda) e na grande circulação (ventrículo esquerdo – aurícula direita). O sangue venoso oxigenado nos pulmões é propulsionado para a aorta, a mais comprida e volumosa das artérias, irrigando assim todo o organismo.



Coração

1. *Ventrículo direito*
3. *Aurícula direita*
4. *Veia cava cranial*
5. *Tronco braquiocefálico*
6. *Artéria subclávia esquerda*
7. *Aorta*
9. *Veia pulmonar*
10. *Veia cava caudal*
11. *Aurícula esquerda*
12. *Ventrículo esquerdo*
15. *Artéria pulmonar esquerda*

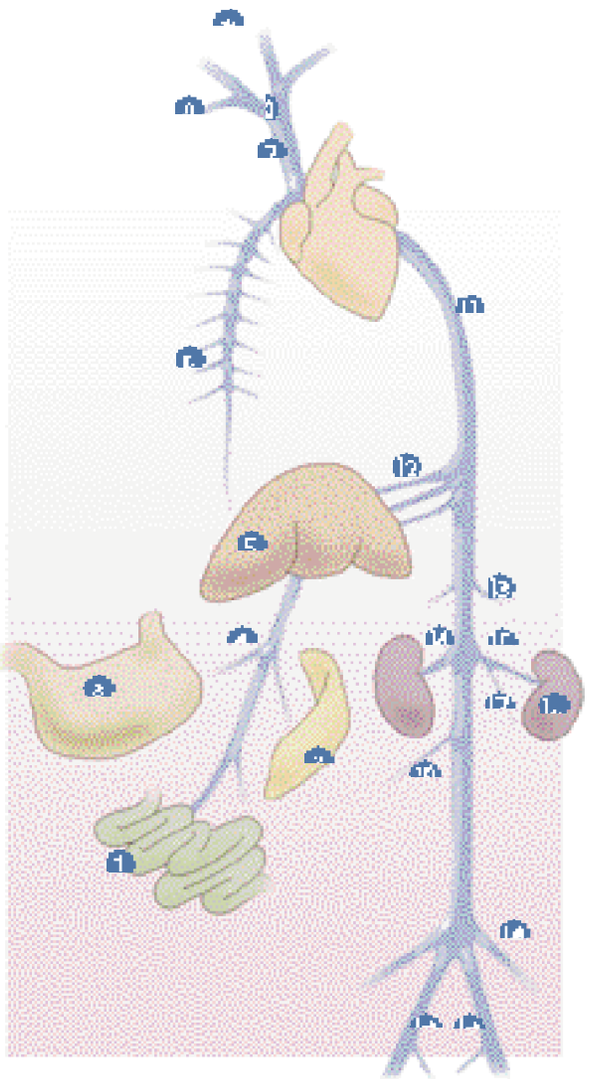


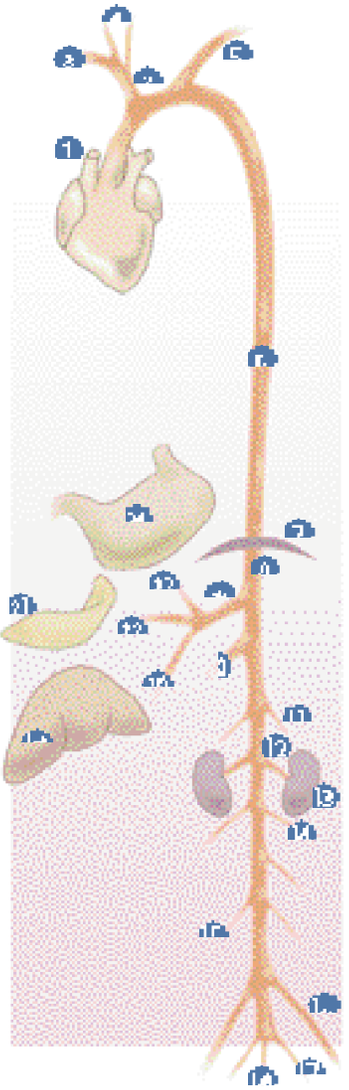
Projecção cardíaca ao nível da caixa torácica
Face lateral esquerda
Da 4ª à 7ª costela por trás do membro torácico.

O coração está situado na caixa torácica, entre a 4ª e a 7ª costela e possui um formato globular e arredondado. Está posicionado obliquamente, de frente para trás, quase que deitado sob o esterno. O seu peso varia entre 15 e 20 g no gato (0,4 a 0,8% do peso vivo).

- Um **sistema vascular** composto por:

• artérias que conduzem o sangue dos ventrículos do coração até todas as partes do organismo. As artérias subdividem-se em arteríolas;
• capilares, vasos muito finos que ligam as últimas ramificações das artérias às primeiras ramificações venosas. Asseguram as trocas de gases, nutrientes (elementos nutritivos utilizáveis pelas células), metabolitos e calor;



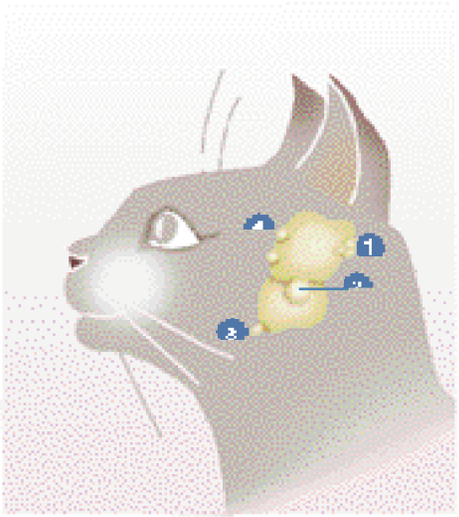


Sistema arterial do gato

1. *Aorta ascendente*
2. *Tronco braquiocefálico*
3. *Artéria subclávia direita*
4. *Artérias carótidas*
5. *Artéria subclávia esquerda*
6. *Aorta torácica*
7. *Diafragma*
8. *Aorta abdominal*
9. *Artéria celíaca*
10. *Artéria mesentérica cranial*
11. *Artéria frénica*
12. *Artéria renal*
13. *Rim*
14. *Artéria testicular ou ovariana*
15. *Artéria circunflexa ilíaca profunda*
16. *Artéria ilíaca externa*
17. *Artéria ilíaca interna*
18. *Artéria sacral mediana*
19. *Fígado*
20. *Artéria hepática*
21. *Baço*
22. *Artéria esplénica*
23. *Artéria gástrica*
24. *Estômago*

Sistema venoso do gato

1. *Intestino*
2. *Baço*
3. *Estômago*
4. *Veia porta*
5. *Fígado*
6. *Veia áziga*
7. *Veia cava cranial*
8. *Veia subclávia*
9. *Veia jugular externa*
10. *Veia bráquiocefálica*
11. *Veio cava caudal*
12. *Veia hepática*
13. *Veia frénica*
14. *Veia renal direita*
15. *Veia renal esquerda*
16. *Rim*
17. *Veia testicular ou ovariana esquerda*
18. *Veia circunflexa ilíaca profunda*
19. *Veias ilíacas comuns*
20. *Veia testicular ou ovariana direita*



GÂNGLIOS LINFÁTICOS DA CABEÇA

1. *Gânglios linfáticos retrofaríngeos laterais*
2. *Gânglio linfático retrofaríngeo medial*
3. *Gânglio linfático mandibular*
4. *Gânglio linfático parotídeo (inconstante)*

• veias que trazem o sangue dos capilares até à aurícula direita do coração. A veia cava caudal drena o sangue dos membros posteriores, da região pélvica e do abdómen; a veia porta conduz até ao fígado o sangue proveniente das vísceras digestivas abdominais e do baço.

Circulação geral

O sangue circula graças à contracção dos ventrículos e à presença de válvulas (válvula tricúspide, mitral). O lado direito do coração (aurícula direita AD) recebe o sangue das veias periféricas e envia-o ao pulmão após a contracção do ventrículo direito (VD).

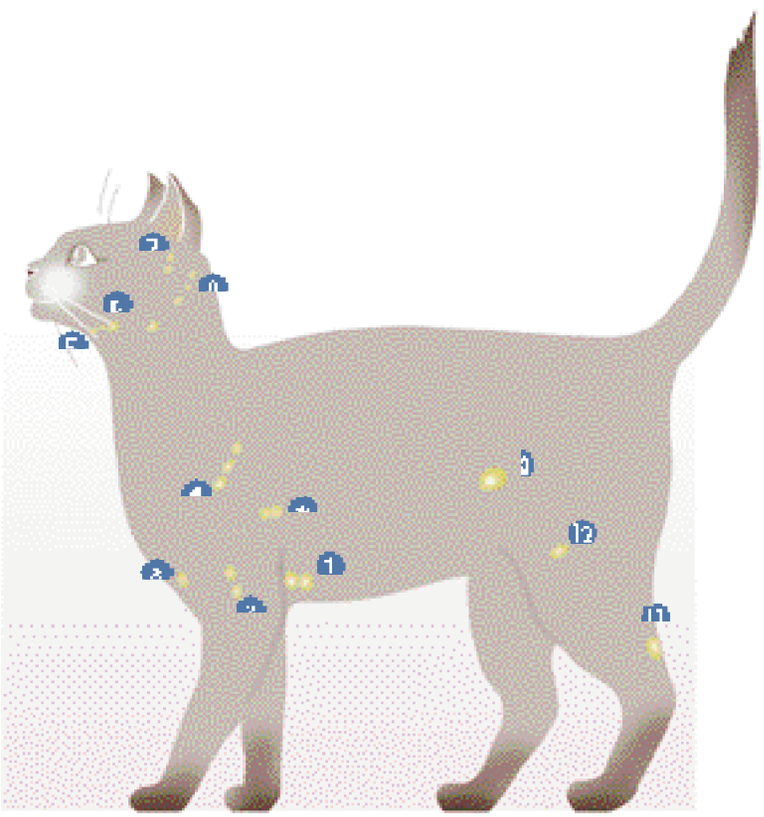
No pulmão, o sangue liberta o dióxido de carbono (CO_2) e recebe o oxigénio (O_2). O lado esquerdo do coração (AE) recebe o sangue oxigenado no pulmão. Após a contracção do ventrículo esquerdo (VE), o sangue é bombeado para o resto do organismo através da aorta.

_ Sistema linfático: conjunto de gânglios ou linfonodos situados no trajecto dos vasos linfáticos ao nível dos linfocentros. A linfa, um líquido claro, a fracção mais abundante dos líquidos extracelulares, circula neste sistema.

O sistema linfático defende o organismo dos elementos estranhos, sendo também composto pelos órgãos linfáticos centrais (timo e medula óssea). O timo é um órgão transitório que regride no animal adulto. O baço e as amígdalas fazem parte dos órgãos linfáticos periféricos.

Fisiologia: A circulação

Os animais mais evoluídos são compostos por biliões de células. A maioria destas células está isolada do meio externo e, como tal, não podem extrair deste os elementos nutritivos e o oxigénio de que necessitam. Para ultrapassar esta dificuldade, o sistema circulatório desempenha o papel de meio de transporte interno, permitindo a renovação do fluído intersticial



GÂNGLIOS LINFÁTICOS CLINICAMENTE EXPLORÁVEIS

1. *Gânglios linfáticos axilares acessórios*
2. *Gânglios linfáticos axilares*
3. *Gânglio linfático cervical superficial ventral*
4. *Gânglios linfáticos cervicais superficiais dorsais*
5. *Gânglio linfático retrofaríngeo medial*
6. *Gânglios linfáticos mandibulares*
7. *Gânglio linfático parotídeo*
8. *Gânglio linfático retrofaríngeo lateral*
9. *Gânglios linfáticos mediastínicos craniais*
10. *Gânglios linfáticos mesentéricos craniais*
11. *Gânglio linfático poplíteo superficial*
12. *Gânglio linfático inguinal superficial.*

que banha as células. É a função vital por excelência: qualquer interrupção da circulação acar-reta distúrbios nervosos no espaço de alguns segundos e lesões irreversíveis em alguns minutos.

O sangue

O sangue é um líquido viscoso, heterogéneo, composto por uma parte líquida – o plasma – e uma parte globular formada pelos glóbulos vermelhos (hemácias), glóbulos brancos e plaquetas. Possui uma dupla função: transporte e defesa. Permite o transporte de:

- gases respiratórios: oxigénio e dióxido de carbono;
- carburantes energéticos celulares;
- resíduos produzidos pelas células;
- substâncias que regulam a actividade celular, como as hormonas;
- calor, entre as zonas de produção e as zonas de eliminação;

O sangue desempenha também um papel fundamental na defesa do organismo. Graças às propriedades de hemostase e de coagulação, as hemorragias são estancadas em caso de ruptura da parede interna de um vaso sanguíneo. Algumas células, como os macrófagos, desempenham um serviço de limpeza, removendo todos os resíduos de origem interna ou invasores externos. Finalmente, o sistema imunitário permite detectar todos os elementos estranhos "memorizados" e reconhecidos, eliminando-os com maior eficácia.

Os glóbulos vermelhos

Com um formato discóide, os glóbulos vermelhos contêm hemoglobina, uma proteína composta por ferro e que transporta oxigénio.

Caracterizam-se por possuir paredes muito elásticas, o que lhes permite atravessar os vasos capilares, por mais estreitos que sejam. O seu tempo médio de vida é de 2 meses. Após a sua destruição por células especializadas, a hemoglobina transforma-se num pigmento, a bilirrubina, que por sua vez é transformada e eliminada através da bílis e urina, o que lhes confere uma coloração amarela ou verde.

Os glóbulos brancos

Os glóbulos brancos ou leucócitos actuam simultaneamente na limpeza e no patrulhamento organizado contra os invasores. Com efeito, são compostos por diferentes tipos celulares especializados que cooperam activamente na troca permanente de informações, graças a mensageiros químicos denominados citoquinas. Conseguem detectar todos os elementos estranhos e resíduos, destruindo, envolvendo e digerindo-os. Estão dotados de uma grande capacidade de aprendizagem - a função imunitária - que lhes permite reconhecer com maior eficácia um elemento já anteriormente detectado (antigénio), atacando-o graças à presença de anticorpos específicos. A vacinação tira partido desta capacidade de memória.

As plaquetas

São pequenas células que entram em actividade logo que surge um elemento estranho no sangue, ou ao entrarem em contacto com o tecido conjuntivo, no local de uma pequena ruptura vascular. Possuem a capacidade de aderirem a essa área, onde rapidamente se aglomeram, formando uma espécie de tampão. Simultaneamente, os vasos contraem-se localmente e a hemorragia é estancada. Este processo é conhecido por hemostase.

O sangue e a circulação

Volémia (volume total de sangue):
65 – 70 ml/kg de peso.
Hemácias (glóbulos vermelhos):
5,5 – 10 mi-lhões por microlitro.
Leucócitos (glóbulos brancos):
8 000 – 25 000 por microlitro.
Plaquetas: 300 000 – 500 000 por microlitro.
Hemoglobina: 80 – 140 g/l.
Hematócrito: (percentagem do volume dos glóbulos vermelhos em relação ao volume total de sangue): 24 – 45.
Glucose: 0,7 – 1,1 g/l.
Sódio: 145 – 155 mEq/l.
Potássio: 4 – 4,5 mEq/l.
Cálcio: 62 – 100 mg/l.
Proteínas: 54 – 78 g/l.
Lípidos totais: 1,5 – 6 g/l.
Débito cardíaco (em repouso): 150 – 280 ml/min.
Frequência cardíaca (em repouso): 120 – 140.

O circuito sanguíneo

O trajecto do sangue no aparelho circulatório é imutável. O sangue oxigenado nos pulmões chega ao coração através das veias pulmonares. É seguidamente bombeado para todas as células do organismo através da zona esquerda do coração, por intermédio da aorta, e depois pelas diferentes artérias que irrigam os órgãos. Graças às veias, as quais confluem para as duas veias cavas, o sangue retorna ao coração (lado direito), de onde é expelido em direcção aos pulmões através das artérias pulmonares.

O coração

O coração do gato tem aproximadamente o tamanho de uma noz. Dotado de um automatismo graças a células especiais responsáveis pela produção de cada batimento, bate com uma frequência média de 120 a 150 ciclos por minuto em repouso. A contracção ocorre durante a fase sistólica e o enchimento ocorre durante a fase de relaxamento ou diástole. O débito cardíaco é aproximadamente meio litro de sangue por minuto. Em esforço, a frequência e o débito aumentam, o que vai fornecer aos músculos uma maior quantidade de sangue e consequentemente oxigénio e energia por unidade de tempo. Estas variações estão associadas à implementação do sistema nervoso autónomo. Durante o período de repouso, o sistema nervoso parassimpático desacelera o coração. Em situações de esforço, medo ou excitação, o sistema nervoso simpático é responsável pela estimulação cardíaca.

Os vasos

O sangue sai do coração através das artérias com uma pressão muito elevada. A pressão arterial (ou tensão) pode ser medida através de um tensímetro com efeito Dopler. Oscila entre 130 mm de mercúrio (mmHg) em sístole e 90 mmHg em diástole. Expressa em cm de mercúrio, como em Medicina Humana, esse valor corresponde a 13 - 9. Constata-se que a tensão do gato não é muito diferente da do homem. Como as paredes das artérias são semi-elásticas, oferecem resistência ao fluxo, o que origina uma diminuição da pressão nos vasos capilares. As veias, dotadas de grande elasticidade, oferecem uma fraca resistência à distensão e, como tal, a pressão existente nestes vasos é muito reduzida.

Os vasos capilares, muito finos, são a razão de ser do aparelho circulatório: é neles que se realizam as trocas que permitem a renovação da composição do líquido intersticial. Quando o sangue entra nos capilares, perde alguma água ao fornecer às células oxigénio, substratos energéticos e hormonas. À saída, a água regressa aos vasos. Estes, transportam o dióxido de carbono, resíduos e todas as substância segregadas pelas células. A quantidade de água que sai dos capilares é ligeiramente superior à de retorno. O excedente é então drenado por um segundo circuito de retorno: os vasos linfáticos cujo conteúdo, a linfa, regressa ao sangue no tórax. As outras funções da linfa são o transporte de elementos tais como células e moléculas de grandes dimensões, produzidas em determinados tecidos e que não conseguem atravessar as paredes dos capilares.

O fluxo de sangue que irriga um órgão pode apresentar grandes variações. Nalguns órgãos as artérias podem contrair-se activamente (vasoconstrição) ou, pelo contrário, relaxar (vasodilatação), funcionando como uma "torneira" que regula o fluxo através do órgão. Este conjunto é comandado pelo cérebro e pela medula espinal, graças ao sistema nervoso simpático que regula os conflitos e gere as prioridades quando diversos órgãos requerem um aumento simultâneo do débito, ou em caso de comprometimento da circulação geral. Inúmeras hormonas podem também intervir localmente para modificar a actividade dos vasos. Por exemplo, durante a digestão, as hormonas produzidas pelo intestino regulam a irrigação deste órgão e a drenagem dos elementos absorvidos.

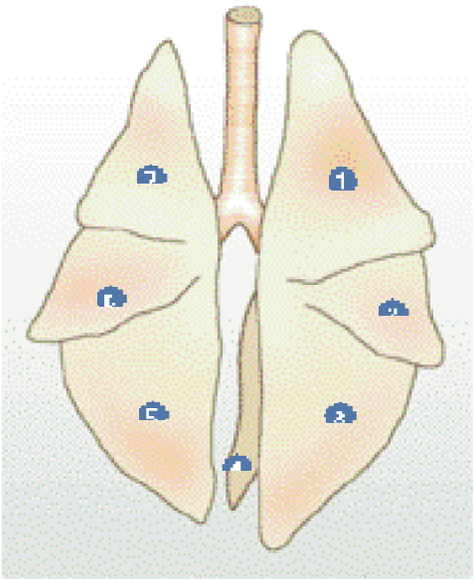
Após uma hemorragia ou quando as necessidades de oxigénio aumentam consideravelmente, determinados órgãos, principalmente o baço, são capazes de colocar rapidamente em circulação uma grande quantidade de glóbulos vermelhos recém- formados. É também no baço que os glóbulos vermelhos envelhecidos são captados e destruídos.

Aparelho respiratório
Anatomia

O aparelho respiratório é composto por:

- narinas, com um nariz rosado;
- cavidade nasal, sempre muito curta;
- laringe: órgão que controla a passagem do ar entre a faringe e a traqueia;
- traqueia: tubo flexível e aberto (com 8 cm de comprimento), que é a continuação da laringe;
- brônquios: canais provenientes da traqueia e que se ramificam nos pulmões para assegurar a circulação do ar;
- dois pulmões: o direito e o esquerdo. São esponjosos e elásticos e partilham a cavidade torácica com o coração. Estão envolvidos individualmente pela pleura. Representam 1% do peso total do corpo.

O pulmão direito, mais comprido, comporta 4 lobos: o lobo caudal, médio, cranial e acessório.
O pulmão esquerdo apresenta 3 lobos: o caudal, o médio e o cranial.



Pulmões do gato

1. *Lobo cranial direito*
2. *Lobo médio*
3. *Lobo caudal direito*
4. *Lobo acessório*
5. *Lobo caudal esquerdo*
6. *Lobo cranial esquerdo (porção caudal)*
7. *Lobo cranial esquerdo (porção cranial)*

Fisiologia: A ventilação

O termo respiração pode ser interpretado de duas formas distintas. No sentido mais estrito, designa as trocas gasosas entre uma célula e o meio ambiente, isto é, o consumo de oxigénio e a eliminação do dióxido de carbono. Pode igualmente ser interpretado num sentido mais amplo e geral, para designar os movimentos de vaivém do ar através do aparelho respiratório. Nesta segunda interpretação, é sinónimo de ventilação, termo que deveria ser preferencialmente adoptado. A ventilação está estreitamente correlacionada com a função circulatória, da qual é um complemento. Um dos parâmetros utilizados para descrever a eficácia conjunta de ambos os sistemas é a relação ventilação/perfusão, quer se aplique à árvore respiratória ou a uma zona mais restrita.

Os ciclos de ventilação (inspiração e depois expiração) originam o volume respiratório e permitem a renovação do ar contido nos alvéolos (ar alveolar), cuja composição é diferente do ar atmosférico. Esta composição mantém-se constante em repouso e em condições de neutralidade térmica.

No gato, a função ventiladora desempenha três diferentes papéis:

- o papel principal consiste na regulação da quantidade de oxigénio transportado pelo sangue arterial, expresso pela sua pressão parcial (PaO_2, na ordem de 95 a 100 mmHg),
- também participa na regulação do equilíbrio ácido-base do sangue arterial, pelo controlo da pressão parcial de dióxido de carbono ($PaCO_2$, compreendida entre 35 e 40 mmHg),
- finalmente, como o gato é uma espécie sem capacidade de sudação, a ventilação participa activamente na eliminação do calor sob a forma de vapor de água.

As vias aéreas
O ar penetra nas vias respiratórias através das narinas. Sempre que necessário e principalmente quando tem calor, o gato pode igualmente respirar pela boca. Após ter atravessado as fossas nasais e a faringe, o ar chega à traqueia e aos brônquios antes de ser distribuído pelos alvéolos pulmonares. As vias aéreas não são apenas simples condutores do ar. No seu trajecto, o ar é aquecido e adquire vapor de água

até à saturação (aproximadamente 6% de vapor de água a 38ºC). Para combater o calor, este sistema é utilizado ao máximo: o animal respira rapidamente para eliminar uma grande quantidade de calor. Esta forma de ventilação é designada por polipneia térmica.

Durante o seu trajecto, o ar é igualmente filtrado, devido aos inúmeros cílios das células da mucosa e à secreção de muco que forma uma espécie de tapete rolante que arrasta poeiras e partículas até à faringe, local onde são deglutidas. Finalmente, é nas fossas nasais que reside o olfacto e é na laringe que o ar vibra através das cordas vocais, o que permite ao gato miar.

No gato, tal como no homem, a traqueia e os brônquios comportam músculos cuja contracção provoca uma diminuição do seu diâmetro e um nítido aumento da resistência à passagem do ar. A bronco-constrição é moderada num animal saudável. Este processo é justificado apenas pela possibilidade de ser inibido pelo esforço, provocando um aumento do fluxo de ar através do aparelho respiratório. Em determinadas afecções respiratórias, tais como a asma brônquica e as crises de bronco-constrição (também designadas por bronco-espasmos), a respiração pode estar consideravelmente perturbada, o que tem consequências dramáticas, podendo originar a morte do animal por asfixia.

Os movimentos do ar

A mecânica da ventilação estuda as forças motrizes que possibilitam a deslocação do ar através da utilização dos músculos do aparelho respiratório. Durante a inspiração, o diafragma, músculo que separa o tórax do abdómen, contrai-se e aumenta o volume da caixa torácica na direcção posterior. É auxiliado pelos músculos intercostais externos. Este aumento do volume torácico gera uma depressão no espaço compreendido entre os pulmões e a parede torácica (espaço pleural), o que provoca a penetração do ar. Em condições normais, em repouso e neutralidade térmica, a expiração realiza-se de forma passiva: a elasticidade dos pulmões e do tórax fá-los retomar a sua posição de repouso, expulsando o ar para o exterior. Sempre que necessário, os músculos, principalmente os da parede abdominal, podem no entanto contrair-se para acelerar a expiração.
A frequência respiratória do gato em repouso varia entre 20 e 40 ciclos por minuto. Durante cada ciclo, a quantidade de ar mobilizado, denominado volume corrente, corresponde aproximadamente a 30 ml. O produto da frequência respiratória e do volume corrente dá-nos o débito de ventilação, o qual varia entre 0,5 e 1 l por minuto em repouso. Em situações de esforço, este débito aumenta devido ao acréscimo do volume corrente e sobretudo da frequência respiratória.

A hematose

A hematose designa o conjunto de trocas gasosas entre o ar alveolar e o sangue. Resulta de fenómenos puramente passivos, envolvendo os gradientes da pressão parcial dos gases entre o ar e o sangue. O oxigénio, mais concentrado nos alvéolos do que no sangue, passa do ar para o sangue. O dióxido de carbono segue o caminho inverso. A única forma que o animal tem de agir sobre essas mudanças é fazer variar as pressões parciais, modificando o débito de ventilação. Qualquer aumento do débito de ventilação (hiperventilação) acelera a renovação do ar alveolar, aumentando as trocas gasosas. Os receptores localizados nas artérias carótidas e na aorta analisam permanentemente a composição do sangue arterial, adaptando a ventilação a qualquer variação, de forma a manter sempre os mesmos níveis de pressão parcial de oxigénio e dióxido de carbono.

Aparelho digestivo

Anatomia

É composto pelo conjunto de órgãos que realizam a digestão.

Tubo digestivo

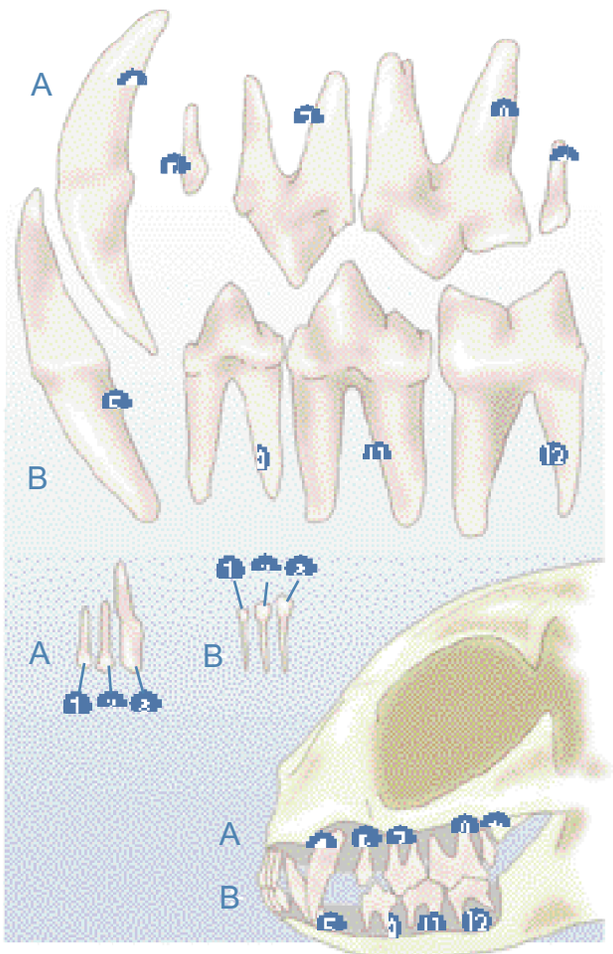
A cavidade bucal, curta e larga (sempre rosada), abre-se através de uma grande fenda limitada por dois lábios: o lábio superior com grandes bigodes (vibrissas) e o lábio inferior de contornos livres, levemente delineado.
O palato está coberto por um reduzido número

de cristas salientes e serrilhadas. A língua é curta, larga e não apresenta sulco mediano. As suas fortes papilas cónicas e cornificadas como uma verdadeira lixa revelam-se muito úteis para a higiene do animal.
Os dentes caracterizam-se pelo grande desenvolvimento dos caninos, pela redução dos incisivos e pela adaptação mais funcional dos molares. Os molares anteriores (pré-molares) são cortantes e os posteriores trituradores.

Possui duas dentições sucessivas:
• Dentição de leite, láctea ou decidual:
2 (I 3/3 C 1/1 P 3/2) = 26
• Dentição adulta ou definitiva:
2 (I 3/3 C 1/1 P 3/2 M 1/1) = 30
(I: incisivos. C: caninos. P: pré-molares. M: molares)
Ou seja:
- Maxilar superior: 6 incisivos, 2 caninos, 8 molares (6 pré-molares e 2 molares);
- Maxilar inferior: 6 incisivos, 2 caninos, 6 molares (4 pré-molares e 2 molares).
Os incisivos são muito pequenos e comprimidos uns contra os outros.
Os caninos são pontiagudos e geralmente cónicos.
De entre os molares, o carniceiro é o último pré-molar do maxilar superior (P3) e o único molar do maxilar inferior (M1). A faringe liga a cavidade bucal ao esófago e está igualmente ligada às cavidades nasais. O esófago é comprido, largo e muito distensível. O estômago apresenta um volume aproximado de 300 a 350 ml. As reduzidas dimensões do intestino são características. O intestino delgado mede entre 1 e 1,7 m e o intestino grosso, muito curto, entre 20 e 40 cm.

PALATO DO GATO

2. Comissura labial
3. Papilas incisivas
4. Lábio superior



DENTIÇÃO DO GATO ADULTO

A- Dentes incisivos superiores
B- Dentes incisivos inferiores

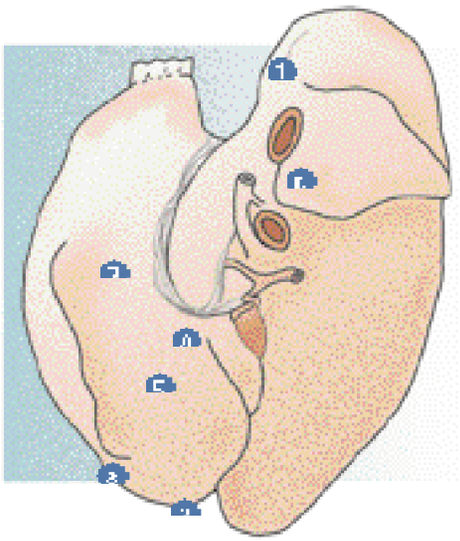
1. Pinça
2. Médio
3. Canto
4. Canino superior
5. Canino inferior
6. e 7. Pré-carniceiros superiores
8. Carniceiro superior
9. Tubérculo
10 a 11. Pré-carniceiros inferiores
12. Carniceiro inferior
(Barone, 1976)

LÍNGUA DO GATO

4- Amígdala palatina
6- Papilas foliadas
7- Papilas valadas
14- Papilas cónicas
16- Papilas filiformes

FÍGADO DO GATO
(face visceral)

1. Lobo lateral direito
2. Lobo medial direito
3. Lobo lateral esquerdo
5. Lobo medial esquerdo
6. Processo caudado do lobo caudado
7. Processo papilar do lobo caudado
8. Vesícula biliar

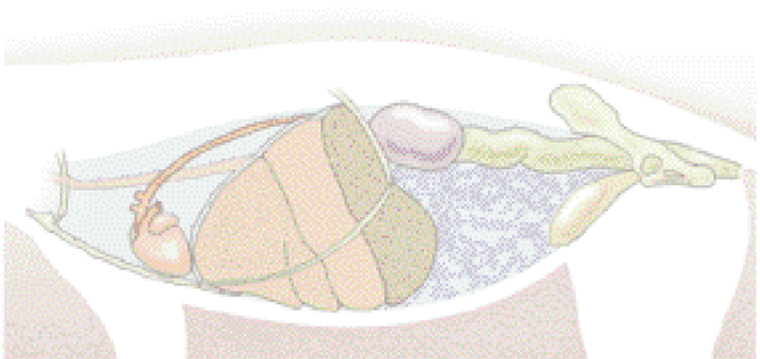


CORTE TRANSVERSAL DO ABDÓMEN DO GATO

1. Rim direito
2. Fígado
3. Pâncreas
4. Cólon ascendente
5. Duodeno descendente
6. Grande omento
7. Jejuno
8. Duodeno ascendente
9. Baço
10. Cólon descendente
11. Rim esquerdo

TOPOGRAFIA ABDOMINAL DO GATO *(vista lateral esquerda)*

3. Estômago
4. Rim esquerdo
5. Fígado
6. Coração
7. Pulmão



A capacidade média total do intestino é de 250 ml. O intestino grosso começa por um ceco curvado.
O cólon termina por um recto curto e um ânus com duas glândulas anais (sacos anais), cuja secreção com cheiro intenso é "sui generis" e característica de cada indivíduo. Esta secreção é utilizada para a demarcação do território e para o reconhecimento dos gatos entre si.

Órgãos anexos

O **fígado**, volumoso (80 a 150 g), está dividido em 7 lobos. O canal excretor é composto pelos ductos hepático e cístico, proveniente da vesícula biliar. Estes dois ductos unem-se ao ducto colédoco, o qual desemboca no duodeno em conjunto com o ducto pancreático.

O **pâncreas** é um órgão anexo ao duodeno (primeira porção do intestino delgado), composto pela união de dois tecidos glandulares distintos:
- glândula exócrina, que produz o suco pancreático que é lançado no intestino;
- glândula endócrina, que liberta duas hormonas (insulina e glucagon) no sangue. Esta glândula pesa entre 8 e 10 g e o seu ducto pancreático abre-se no intestino através do ducto colédoco.

O **baço**, estreito, alongado, estrangulado na sua parte média, está localizado à esquerda, entre a parede abdominal e o estômago. Este órgão tem uma coloração de borras de vinho e pesa sensivelmente 5 g. Armazena os glóbulos vermelhos ou procede à destruição dos já envelhecidos.

Fisiologia: a digestão

Qualquer ser vivo deve extrair do meio exterior os elementos que lhe permitam suprir as suas necessidades energéticas, afim de desenvolver e manter a sua estrutura. Os alimentos, ingeridos de forma intermitente, são estruturas complexas, heterogéneas e muitas vezes insolúveis na água, não sendo directamente assimiláveis. A digestão corresponde assim a uma transformação extensiva desses alimentos em nutrientes que possam ser reabsorvidos pelo organismo.

Funções do tubo digestivo

Esta transformação envolve um primeiro fenómeno mecânico, que corresponde à redução do tamanho dos pedaços ingeridos em partículas cada vez mais pequenas. O segundo processo, químico, caracteriza-se por um ataque enzimático aos diferentes componentes dos alimentos. A conjugação destes dois fenómenos leva à libertação de formas simples no lúmen intestinal, que podem então ser absorvidas.

Este processo duplo, mecânico e enzimático, pressupõe a convergência de diversas funções elementares do tubo digestivo:

• uma função motriz: os alimentos são transformados mecanicamente. São triturados e misturados com as secreções, avançando nos diversos segmentos do tubo digestivo, de forma adaptada às transformações que nele se processam;
• uma função de secreção, assegurada por glândulas muito individualizadas (glândulas salivares, pâncreas), ou, pelo contrário, difusas (glândulas da mucosa gástrica ou do intestino delgado);
• uma função de absorção, localizada no intestino delgado, que garante a passagem dos nutrientes para o meio interno;

O tubo digestivo exerce também funções complementares:
• uma função de excreção, através da qual o tubo digestivo participa na eliminação de resíduos endógenos, alguns medicamentos, etc...
• uma função imunitária, tal como em todos os tecidos que formam uma barreira entre o meio externo e o meio interno,
• uma função reguladora, através da qual o tubo digestivo assume um papel activo nas regulações internas.

O conjunto do tubo digestivo caracteriza-se por uma mucosa muito pregueada, facto que aumenta consideravelmente a superfície de contacto entre o conteúdo e a mucosa. Para 1,7 m de comprimento total do intestino delgado, a superfície atinge os 100 m^2!

Função das diversas partes

Esquematicamente, o tubo digestivo divide-se em 3 partes:

- o segmento oral, que assegura as primeiras etapas de ingestão, armazenagem, trituração e maceração. Este segmento é composto pela cavidade oral, faringe, esófago e estômago;
- o segmento médio (intestino delgado), para onde o conteúdo do estômago só é transferido após a redução das partículas a um tamanho ideal, e no qual se processa a maior parte da digestão e absorção;
- o segmento terminal (intestino grosso), onde ocorrem as fermentações, a desidratação e a formação final dos excrementos antes da defecação.

O segmento oral

Devido à forma arredondada e globulosa do seu crânio, o gato possui uma excelente capacidade de mastigação. Tal como todos os carnívoros, as suas mandíbulas efectuam apenas movimentos verticais que, graças aos incisivos e caninos, servem principalmente para triturar e retalhar a presa. A mastigação propriamente dita (utilização dos molares) é mínima. A saliva permite uma primeira embebição do bolo alimentar e lubrifica o esófago.

O estômago é uma bolsa ligada ao esófago e ao duodeno através de dois esfíncteres, o cárdia (ou esfíncter esofágico inferior) e o piloro.
Funciona como um reservatório, adaptando-se às quantidades de alimentos ingeridos, até um volume máximo de 400 ml. Este volume representa mais de 65% do volume digestivo total. Seguidamente, os alimentos são transformados numa massa fluida - o quimo - por meio de uma motricidade potente e principalmente através de uma secreção muito ácida que permite a dissolução e fragmentação das partículas alimentares. Uma enzima, a pepsina, começa por fragmentar as proteínas às quais tem acesso.

O segmento médio

O intestino delgado (que mede entre 1 a 1,7 m de comprimento) é o segmento mais impor-

tante do processo de digestão e reabsorção, nomeadamente nas suas zonas iniciais (duodeno e jejuno). É neste ponto que os processos enzimáticos se revelam mais activos, porque o quimo é composto por partículas fragmentadas inferiores a 2 mm que proporcionam uma ampla superfície de contacto, e o pH neutro pelas secreções alcalinas do fígado e do pâncreas evidencia um valor ideal para a actividade enzimática. As principais enzimas intervenientes são a tripsina e a quimotripsina para as proteínas, a lípase e a fosfolipase para os lípidos, e a amilase para o amido. O equipamento enzimático do gato está bem adaptado à sua alimentação natural. Ao contrário dos glúcidos, os prótidos e os lípidos são bem digeridos pelo gato. O pâncreas é o principal produtor das enzimas necessárias. A bílis está envolvida na emulsão das gorduras no duodeno, um processo necessário ao seu ataque pela lípase. A mucosa está equipada com sistemas de transporte adaptados à maioria dos elementos simples produzidos pela hidrólise enzimática.

A actividade motora do intestino delgado caracteriza-se por uma alternância de diferentes modalidades contrácteis. As contracções localizadas não propagadas, denominadas contracções segmentares, permitem a mistura dos substratos e o seu contacto com as enzimas ou a mucosa. Outras contracções, coordenadas e propagadas ao longo de algumas dezenas de centímetros, denominadas peristálticas, facilitam o trânsito do conteúdo ao longo do tubo digestivo.

O segmento terminal

O ceco é muito pouco desenvolvido nos carnívoros. O cólon, com 20 a 40 cm de comprimento, consegue extrair do seu lúmen uma grande quantidade de água e, com o seu perfil motor adaptado, desidrata e molda as fezes. As contracções sedimentares são as que predominam no cólon. Também ocorrem ainda alguns fenómenos enzimáticos, mas resultam essencialmente da microflora que o reveste. As inúmeras bactérias que colonizam esta parte do intestino não são perigosas para o animal. Pelo contrário, a sua presença restringe a multiplicação de outras bactérias, chamadas patogénicas, que poderiam acarretar perturbações digestivas.

As fezes são armazenadas no intestino até à defecação. Após o animal encontrar o local adequado e de assumir a posição característica, a defecação ocorre por meio de uma contracção involuntária e coordenada do recto, associada a um relaxamento do esfíncter anal.

O fígado

O fígado é um órgão com múltiplas funções. Através da produção da bílis, participa no processo digestivo permitindo especialmente a emulsão dos lípidos, graças a compostos tensioactivos, os sais biliares. A coloração da bílis deve-se à presença de pigmentos provenientes do metabolismo da hemoglobina contida nos glóbulos vermelhos.
O fígado também possui uma função de destoxificação: transforma grande parte das substâncias externas que podem penetrar no organismo, incluindo medicamentos, promovendo a sua eliminação. No gato, esta função é menos eficaz do que noutras espécies, se bem que a eliminação de inúmeros medicamentos é muito mais lenta do que no cão ou no homem. Por vezes, os medicamentos são transformados em diversos subprodutos, os metabolitos, que não são observados noutras espécies. Por exemplo, o paracetamol, substância contida em diversos medicamentos analgésicos, é metabolizado no gato em compostos tóxicos. Um único comprimido com uma dosagem de 500 mg pode ser responsável pela sua morte!
Finalmente, o fígado tem diversas funções metabólicas. Pode armazenar, transformar e libertar os elementos produzidos durante a digestão. Capta activamente os glúcidos alimentares, armazenando a glicose sob a forma de glicogénio, o qual é libertado consoante as suas necessidades. Da mesma forma, transforma os lípidos provenientes do intestino delgado e coloca-os em circulação sob a forma adequada. No entanto, esta mobilização pode desregular-se com muita facilidade no gato, e o fígado pode sofrer com a armazenagem prolongada de gorduras. Esta condição é conhecida por lipoidose hepática. Por fim, o fígado desempenha também um papel-chave no processamento das proteínas e vitaminas.

Aparelho genital – A Reprodução

Anatomia

O aparelho genital assegura a função reprodutora, permitindo a conservação da espécie.

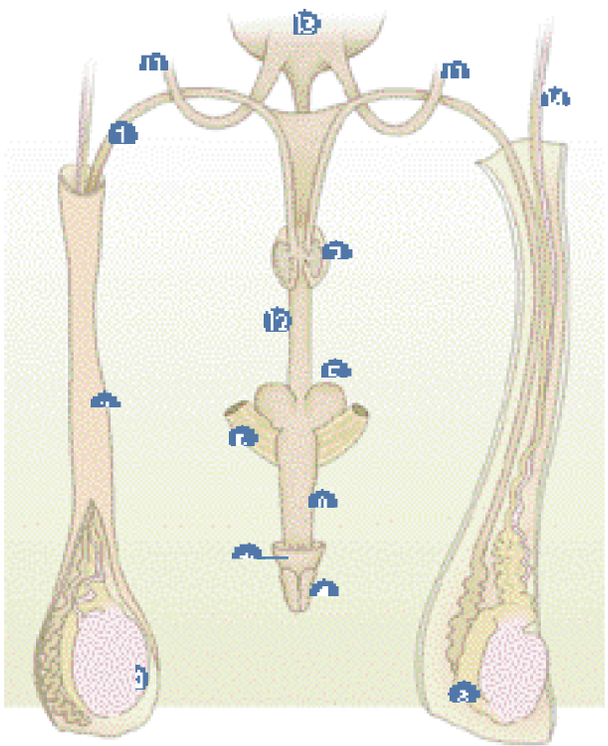
O aparelho genital do macho
É formado por um conjunto de órgãos que são responsáveis pela produção do esperma e pelo seu depósito nas vias genitais da fêmea. É constituído por:

• 2 gónadas: os testículos, que assumem duas funções distintas; uma função exócrina ou gametogénica (espermatogénese ou produção de espermatozóides) e uma função endócrina ou hormonal (secreção da testosterona, hormona masculina responsável pelos caracteres sexuais secundários, pela espermatogénese e pela actividade sexual do macho);
• Vias espermáticas ou ductos excretores (canais deferentes e uretra), que nutrem, armazenam - sobretudo graças às secreções das glândulas anexas (epidídimo e próstata) - e enca minham o esperma (espermatozóides + sémen) para o aparelho copulador;
• Aparelho copulador (pénis), permite que durante o acasalamento ou coito, o esperma seja depositado nas vias genitais femininas (inseminação).

Os testículos são globulosos e estão localizados abaixo do ânus (2 g).
A próstata, amarelada e bilobada, envolve a uretra.
O gato não possui vesículas seminais.
O pénis é curto e está orientado para trás. Termina por uma glande cónica coberta de pequenas papilas eréctеis com uma extremidade cornificada, as quais se tornam rígidas durante a ejaculação e desaparecem após a castração.

Aparelho genital da fêmea
É composto por:

• 2 gónadas: os ovários abdominais. Por um lado, garantem a elaboração (ovulogénese) e a libertação dos óvulos (ovulação) e, por outro, a secreção de hormonas sexuais (estradiol e progesterona);



Aparelho genital do gato

1. *Ducto deferente*
2. *Cordão espermático*
3. *Epidídimo*
4. *Glande do pénis*
5. *Glândula bulbouretral*
6. *Músculo isquiocavernoso*
7. *Próstata*
8. *Pénis*
9. *Prepúcio*
10. *Testículo*
11. *Ureter*
12. *Uretra*
13. *Bexiga*
14. *Vasos testiculares*

(Segundo Crouch, J.E., 1969)

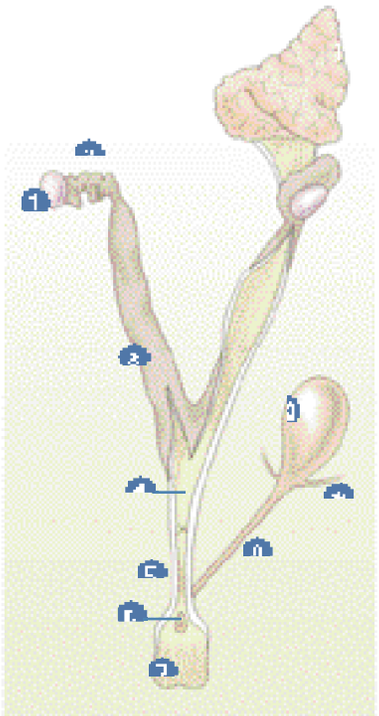
Parte livre do pénis

1. *Orifício externo da uretra*
2. *Glande do pénis*
3. *Osso peniano*
4. *Lâmina interna do prepúcio*

APARELHO GENITAL DA GATA

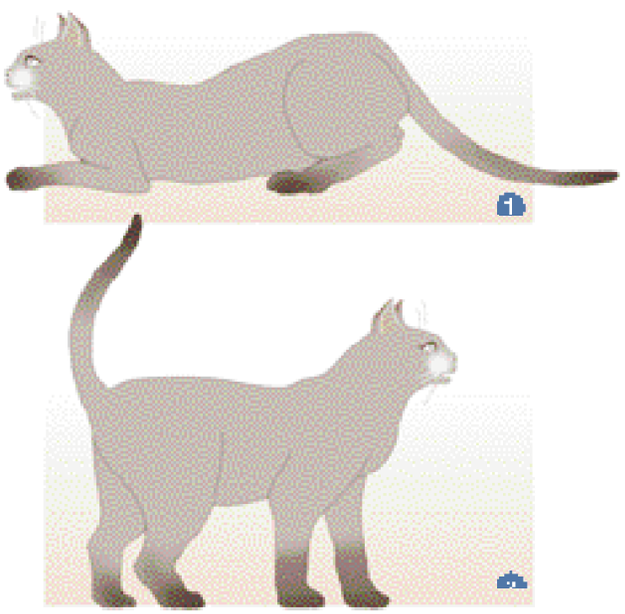
1. *Ovário*
2. *Tuba uterina (de Falópio)*
3. *Corno uterino (aberto à direita)*
4. *Colo uterino*
5. *Vagina*
6. *Orifício externo da uretra*
7. *Vulva*
8. *Uretra*
9. *Ureter*
10. *Bexiga*
11. *Tecido adiposo*

(P. Echstein e S. Zuckerman, 1960)



POSTURAS DA GATA ANTES DO ACASALAMENTO

1. *Lordose.*
2. *Exposição dos órgãos genitais.*



• Vias genitais ou oviductos, que captam os óvulos e são o local da fecundação; o útero, recebe os ovos e permite a sua implantação e a gestação;
• Uma secção para a cópula que compreende a vagina e a vulva, canal que recebe o pénis durante o acasalamento e que dá passagem aos fetos durante o parto ou nascimento.

Os ovários estão situados muito para a frente, perto dos rins.
Os oviductos são curtos, estreitos e pouco sinuosos.
O útero comporta dois cornos longos e quase rectilíneos.
A vagina é longa e larga.
A gata possui 4 pares de glândulas mamárias: um par peitoral, dois abdominais e um inguinal.

Fisiologia: a reprodução

Actividade sexual do macho:

Puberdade: 7 – 12 meses
O comportamento sexual inclui diversas fases:

• A procura da parceira: os sinais emitidos pelas fêmeas indicam o seu estado de receptividade e atraem o macho. A fêmea só aceita o macho no momento do cio, ou estro.
• Sincronização comportamental: no gato, a fase preparatória de acasalamento é bastante longa. A atitude corporal e a mímica revestem-se de grande importância, funcionando como sinais e símbolos durante a fase de corte, os jogos e as lutas que antecedem a aceitação do macho pela fêmea.
Acto sexual: o gato monta a fêmea, segura-lhe firmemente a nuca entre os dentes e deita-se horizontalmente sobre ela. A gata dobra então a extremidade anterior do corpo, colocando-a em repouso no solo, e ergue a zona posterior. Em seguida, o macho executa movimentos com o lombo que posicionam finalmente o pénis contra a vulva da fêmea até que este penetre por fim na vagina, momento que é acompanhado por um "miar de acasalamento".

A glande peniana do gato está coberta por pequenas papilas cónicas que se tornam rígidas

durante o acasalamento e "formam pequenos espinhos que, sem dúvida, devem paliar a sensação voluptuosa da fêmea, chegando até a provocar-lhe dor, como o atestam os seus gritos" (Leyh, 1871).

"Será o amor que faz gemer a mulher do gato?" (M. Bashô. 1664-1694).

O coito dura 5 a 10 segundos.

O esperma é composto por 2 partes:

• elementos celulares ou espermatozóides, produzidos pelos testículos;
• um líquido ou meio seminal, produzido pelas secreções das glândulas anexas do sistema genital.

Volume de uma ejaculação: 0,01 – 0,4 ml.
pH: 7-8.
Número de espermatozóides por ejaculação: aproximadamente 60 milhões.
Comprimento dos espermatozóides: 53 microns.
A inseminação artificial consiste na recolha de esperma através de métodos variáveis, na sua diluição e conservação antes de ser introduzido nas vias genitais da fêmea por meio de instrumentos adequados. A recolha de esperma é feita preferencialmente com a utilização de uma vagina artificial, mas é indispensável habituar o macho à sua manipulação. Os gatos podem ejacular 2 a 3 vezes por semana, sem que a qualidade do sémen diminua.
O sémen diluído é introduzido nas primeiras 48 horas após o início da ovulação.
Habitualmente, realizam-se duas inseminações com um intervalo de 24 horas.

Actividade sexual da fêmea

Puberdade: 4 -12 meses.
As raças de pêlo curto são mais precoces (Abissínio, Birmanês e Siamês: 4 a 6 meses).
Os Persas atingem a maturidade sexual com 1 ano de idade. Na maioria dos casos, os primeiros cios ocorrem na Primavera, por volta do 7º mês. A vida reprodutiva termina tardiamente (15 anos ou mais).

Ciclo sexual: o aparelho sexual feminino apresenta, durante todo o período de actividade reprodutiva, modificações estruturais que se produzem sempre na mesma ordem e se repetem com intervalos periódicos, de acordo com um ritmo bem definido para cada espécie. Estes ciclos são apenas interrompidos pela gestação. A gata é uma espécie sazonal: os ciclos ocorrem apenas num determinado período do ano (estação sexual: principalmente de Janeiro a Outubro). Mas um grande número de gatas (de pêlo curto, vivendo no interior, tipo siamês) praticamente não tem períodos de descanso sexual (anestro). Aumentando o período de exposição à luz, é possível pôr fim ao anestro. O ciclo sexual da gata dura aproximadamente entre 15 e 28 dias. Pode ser dividido em 4 períodos que correspondem às diferentes fases de actividade ovárica:

• Pró-estro: período de maturação folicular (o folículo ovárico contém o futuro óvulo). Esta fase dura entre 1 a 4 dias.
• Estro (cio): período durante o qual a gata procura o acasalamento que desencadeia a ovulação. Na maioria dos casos, a gata é uma espécie considerada de ovulação induzida, ou seja, sem cópula não existe ovulação. O número de óvulos libertados (2 a 11) depende do número e, principalmente, da frequência dos cruzamentos (3 vezes no intervalo de 3 a 4 horas). A ovulação ocorre 24 a 30 h após o acasalamento. No decorrer do estro, a gata executa um verdadeiro comportamento de corte (mia, roça-se contra objectos e evidencia uma locomoção arrítmica dos membros posteriores e lordose). O estro dura entre 4 a 10 dias.
• Metaestro: esta fase só existe se a gata tiver sido coberta, sendo neste caso substituída pelo início da gestação. Caso não tenha sido coberta, ou se o macho for estéril, desenvolve-se uma pseudogestação com uma duração de 30 a 40 dias.
• Anestro: período de repouso sexual. Esta fase tem uma duração variável, dependendo das raças e das condições ambientais (iluminação, isolamento sem macho, etc.)

Fecundação: início de um novo ser através da fusão de 2 gâmetas que ocorre na parte superior do oviduto. Na gata, podemos observar dois fenómenos particulares:

• superfecundação: fecundação de diferentes óvulos, durante a mesma ovulação, por espermatozóides de pais diferentes. O que significa que os gatinhos da ninhada são provenientes de pais diferentes.
• superfetação: 10% das gatas gestantes apresentam cio e aceitam o macho (entre o 21º e o 24º dia da gestação). Esta particularidade leva ao desenvolvimento de fetos com diferentes idades gestacionais na mesma ninhada. Durante o parto, a gata poderá dar à luz fetos vivos, nados-mortos e gatinhos prematuros.

Progestação: estado de vida livre dos ovos, durante o qual se processa a sua migração, distribuição no útero e posterior segmentação. Os ovos entram no útero 4 a 6 dias após a ovulação.

Implantação ou nidação: fixação dos ovos no útero, ou seja, a penetração activa dos ovos na mucosa uterina preparada para esse efeito. No plano fisiológico, graças à placenta, iniciam-se relações privilegiadas entre a mãe e os fetos. A implantação ocorre 13 a 14 dias após a ovulação.

Gestação: estado da fêmea que alberga dentro de si as crias. A sua duração varia entre 63 e 68 dias.

Diagnóstico da gestação: como os testes hormonais não funcionam na gata, o diagnóstico é estabelecido pelos dados obtidos no exame clínico, radiológico e mais recentemente ecográfico:
• Exame clínico: aumento bilateral do abdómen, detectável por volta do 30º dia. A palpação do abdómen permite, geralmente, sentir os fetos por volta da 3ª semana. Os fetos são reconhecidos pela sua disposição em rosário e pelo seu aspecto irregular, semelhante a uma bossa dura.
• Radiológico: a radiografia permite detectar a gestação a partir do 21º dia. O esqueleto dos gatinhos é detectado por volta do 36º dia, tornando-se bem nítido a partir do 40º dia.
• Ecografia: o diagnóstico pode ser feito a partir do 20º dia. Os movimentos dos fetos surgem por volta do 28º dia.

A partir da 6ª semana, as várias partes do feto tornam-se perceptíveis.

Higiene e cuidados com a gata gestante: deve ser fornecida uma alimentação mais energética do que o alimento de manutenção.
Desparasitação antes da gestação, para evitar a contaminação dos fetos através da placenta. Preparar uma caixa espaçosa, coberta por uma manta, para abrigar a mãe e as crias, num local calmo e quente.

Parto: conjunto de fenómenos mecânicos e fisiológicos que têm como consequência a expulsão dos fetos e dos anexos embrionários para fora das vias genitais femininas no final da gestação. Os sinais premonitórios incluem a descida temporária da temperatura rectal. A secreção láctea tem início alguns dias antes do parto. A gata começa a evidenciar nervosismo e recolhe-se com frequência no ninho preparado. O parto tem uma duração aproximada de 6 horas, com intervalos de 10 a 60 minutos entre duas expulsões. A ninhada, em média, é composta por 3 a 5 crias. O peso dos gatinhos à nascença situa-se entre 100 e 125 g. No espaço de 2 anos, a fêmea pode ter 5 ninhadas. Dá-se o nome de primípara à fêmea que procria pela primeira vez. A mãe secciona o cordão umbilical e lambe vigorosamente os gatinhos. A gata permanece no mesmo local durante 24 a 48 horas. Os gatinhos mamam pela primeira vez 1 a 2 horas após o parto.

O aleitamento

Durante as primeiras 48 horas, a gata não abandona as crias. As mamadas são muito frequentes, aproximadamente com intervalos de 20 minutos. Calcula-se que os gatinhos bebam cerca de 2 a 3 ml de leite de cada vez. O seu peso vai aumentando muito rapidamente (deve duplicar semanalmente). Após cada aleitação a fêmea lambe as crias, principalmente na zona ano-genital. A refeição e o estímulo proporcionado pela língua materna desencadeiam a eliminação da urina e dos

excrementos que são engolidos pela gata. Inicialmente, os gatinhos movimentam-se pouco e conservam os olhos fechados. As pálpebras abrem-se entre o 10º e o 14º dia. Às 3 semanas de vida, iniciam uma actividade exploratória e aprendem rapidamente a fazer as suas necessidades fora do ninho.
Caso encontrem um alimento comestível, tentarão consumi-lo. Progressivamente, o consumo de alimentos sólidos vai espaçar o intervalo entre as mamadas. O desmame completo ocorre 1,5 a 2 meses após o nascimento. A lactação diminui rapidamente, uma vez que a manutenção da secreção do leite está directamente relacionada com o estímulo dos mamilos durante as mamadas.

Controlo da reprodução

Esterilização definitiva

• Ovariectomia (remoção dos ovários) antes da puberdade (6 a 7 meses) ou durante o período de repouso sexual.
• Laqueação e secção dos oviductos.
• Castração (ablação dos testículos) entre o 6º e o 10º mês de idade.

Esterilização temporária:

• Prevenção dos cios pela administração de medicamentos progestagénicos (acetato de medroxiprogesterona ou acetato de megestrol). A utilização repetitiva destes produtos tem alguns riscos (piómetra, diabetes, obesidade, patologias mamárias);
• Interrupção do estro com progestagénios;
• Interrupção da gestação (aborto provocado) através da utilização de estrogénios sintéticos, a realizar antes do 13º dia a seguir ao acasalamento (antes da implantação), ou com prostaglandina (PGF2 alfa) antes do 40º dia.

Indução do estro

• Coabitação com fêmeas regularmente em estro.
• Luminosidade com duração superior a 12 h.
• Tratamento hormonal
- PMSG (durante 8 dias): ovulação 6-7 dias após o início do tratamento.
- FSH (durante 5 dias): ovulação 4-6 dias após o início do tratamento.
- HCG (1-3 injecções): ovulação 24 h após o tratamento.
- GnRH (2 injecções): estro ao 2º e 3º dias.
- Anti-prolactina (1 injecção): estro 24 h após o tratamento.

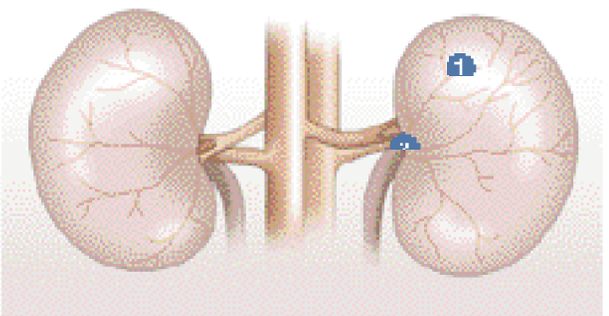
Aparelho urinário

Anatomia

O aparelho urinário assegura a produção e excreção da urina (purificação não gasosa do sangue, em oposição à purificação gasosa que ocorre nos pulmões). É formada por uma parte glandular, constituída por dois rins, e vias de excreção, também chamadas vias urinárias.

Rins

Duas glândulas volumosas, uma direita e outra esquerda, situadas na região lombar junto à parede dorsal da cavidade abdominal. São lisos, globulosos e pesam em média 10 a 20 g cada (ambos: 1/20 do peso do corpo). Têm uma coloração amarelada e possuem 3 ou 4 veias capsulares periféricas que convergem para o hilo.

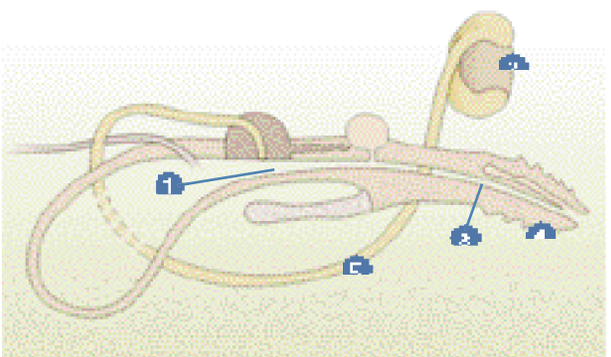


Rins do gato

(vista ventral)
1. Veias capsulares
2. Hilo do rim

Vias urinárias

• Os ureteres: em cada rim, a urina é recolhida pelo cálice. Daí, é transportada pela uretra até à bexiga. Os ureteres possuem um diâmetro estreito e possuem paredes finas.



Disposição da uretra pélvica e peniana

1. Uretra pélvica
2. Testículo
3. Parte esponjosa da uretra
4. Parte livre do pénis
5. Canal deferente

• A bexiga é um reservatório ímpar, de tamanho médio e distensível, relativamente pequeno, arredondado, com uma parede muscular espessa e coberta pelo peritoneu. A sua contracção expulsa a urina durante as micções através da uretra;

• Uretra: tubo longo e comum à urina e ao esperma no macho, curto e independente na fêmea.

Fisiologia

A eliminação

Para além do fígado, o rim é o outro órgão que desempenha um papel importante na eliminação. Muito bem irrigados 1/4 os rins recebem permanentemente cerca de 1/4 do débito cardíaco – filtram o sangue e eliminam os resíduos nele contidos, tais como os pigmentos derivados da hemoglobina, a ureia e a creatinina, os produtos de degradação das hormonas e ainda substâncias de origem externa (xenobióticos). Como essa filtração também provoca a perda de determinados elementos importantes (glicose, sódio, cálcio, aminoácidos, etc. e até água), os rins seleccionam e recuperam os elementos desejáveis após a formação do filtrado glomerular.

Elaboração da urina

A unidade base na qual se efectua a elaboração da urina é um tubo dobrado sobre si próprio a que se dá o nome de nefrónio. Os rins são compostos por aproximadamente um milhão de nefrónios. Cada nefrónio é nutrido por um pequeno vaso capilar, o qual é submetido a uma filtração passiva: sob o efeito da pressão do sangue, a água e todos os elementos capazes de atravessar os poros do filtro saem dos capilares. Esta zona tem nome de câmara glomerular. Num gato de 3 kg, formam-se por minuto

entre 6 a 12 ml de urina primária, ou seja 8 a 16 litros de urina por dia, enquanto que o seu volume sanguíneo é apenas 200 ml! Daí a importância dos fenómenos de reabsorção que se processam nos nefrónios. Graças a uma bateria de transportadores especializados, a parede das diferentes porções do nefrónio transfere constantemente os elementos que devem ser recuperados, da urina para o sangue. Este transporte implica também a passagem de água e concentra a urina. O gato economiza bastante a água: em caso de desidratação pode emitir uma urina muito concentrada (5 vezes mais concentrada que o sangue). Em condições normais, a quantidade total de urina emitida por dia é aproximadamente 10 a 15 ml por kg de peso.

A urina
Quantidade: 10-15 ml/kg/dia.
PH: 5-7.
Densidade: 1 018 – 1040.
Ureia: 800 – 4 000 mg/kg/dia.
Creatinina: 12-20 mg/kg /dia.

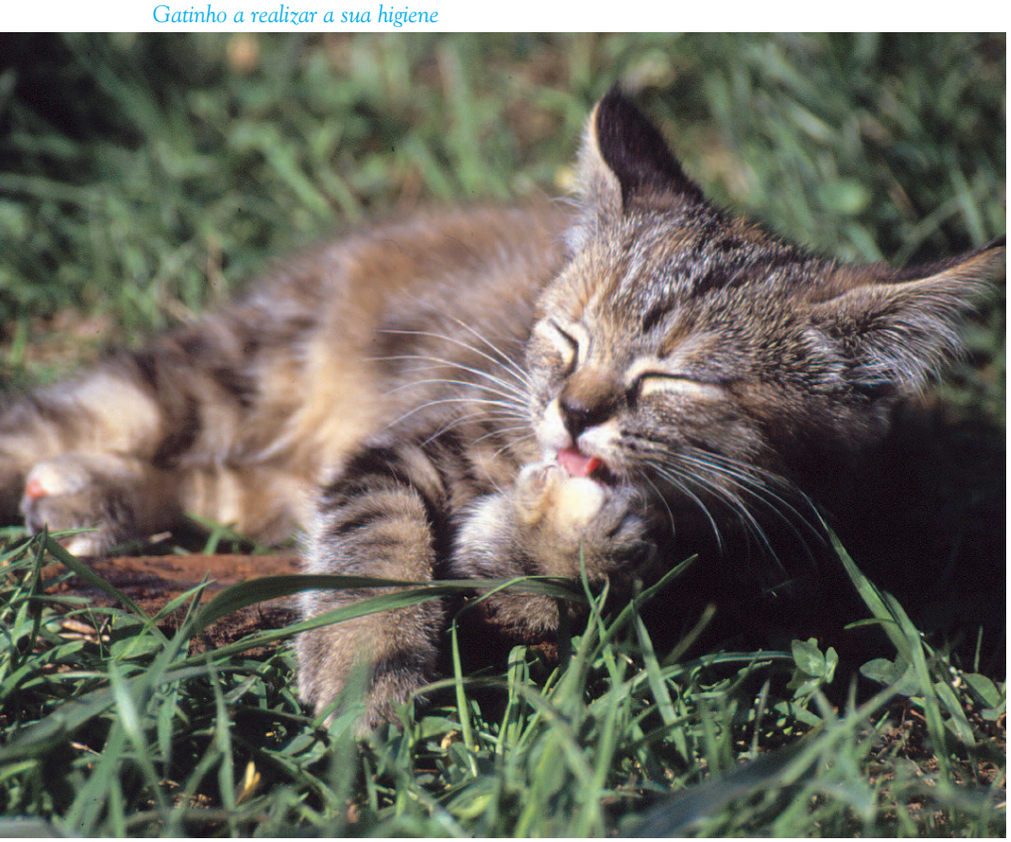
A micção

A urina é transportada dos rins para a bexiga através dos ureteres. A bexiga do gato possui uma capacidade tão grande, que o gato consegue aguentar sem urinar durante mais de 12 horas. Durante a micção, a urina é enviada para o exterior passando pela uretra e seguindo trajectos distintos no macho e na fêmea. No macho, a urina dirige-se até à extremidade do pénis, o qual se encontra recolhido para trás durante os períodos de repouso. A micção, tal como a defecação, é antecedida pela procura do local apropriado e por uma postura adequada. Depois, através de um reflexo, a bexiga esvazia-se completamente. Nalgumas condições os gatos podem emitir pequenas quantidades de urina em diferentes locais: esta actividade, a que se dá o nome de marcação urinária, está ligada ao comportamento social do gato e rege as relações entre os indivíduos. Este comportamento tem tendência a desaparecer nos animais castrados.

A

A esperança de vida do gato é aproximadamente de 10 anos, muito embora não sejam invulgares os casos de gatos que chegam a atingir 15 ou mesmo 20 anos. Do gatinho que pesa à nascença 100 g até ao gato adulto com um peso entre 2 a 7 kg, consoante as raças, a vida do gato decorre entre brincadeiras, cuidados de higiene e repouso, intercalados com refeições. Companheiro apreciado, não deixa por isso de ser um predador, cujas características são perceptíveis até nos próprios jogos.

Gatinho a realizar a sua higiene



O nascimento

Após uma gestação de 63 a 68 dias, a gata dá à luz uma ninhada de 1 a 10 gatinhos com um peso individual entre 70 e 150 g. O peso à nascença é de 100 g, em média, e varia em função de diversos factores, que são:

- O sexo: as fêmeas são ligeiramente mais leves do que os machos;
- A raça: os recém-nascidos das raças de grande porte, como o Gato dos Bosques da Noruega, são mais pesados do que os das outras raças;
- O tamanho da ninhada: nas ninhadas com mais do que 5 gatinhos, os animais são mais leves.
- A alimentação da mãe durante a gestação: um desequilíbrio alimentar ou a subalimentação da gata podem provocar a subnutrição dos fetos, o que se traduz por gatinhos mais leves e menos viáveis, por vezes com malformações à nascença.

Do nascimento à idade adulta

O gatinho recém-nascido é lambido pela mãe sendo assim libertado da membrana que o envolve. Este comportamento de lamber tem a função de estimular e despertar a cria e prolonga-se muito para além do nascimento. A primeira actividade da cria consiste em encontrar as mamas da mãe.

O leite dos primeiros dias

A gata, nos primeiros dias a seguir ao parto, deita-se de lado, para permitir o acesso das crias às mamas. As primeiras mamadas do gatinho não são de leite, mas sim de colostro. O colostro tem um aspecto e uma composição diferente do leite. Contém nomeadamente inúmeros anticorpos que o gatinho consegue absorver na totalidade durante as primeiras 16 horas de vida. São estes anticorpos que o vão proteger dos microorganismos existentes no meio ambiente durante alguns dias ou semanas. Após alguns dias, a gata começa então a produzir leite, que continua a ser muito rico em anticorpos. Por isso, nos casos em que os gatinhos não tenham hipótese de mamar o colostro materno, é aconselhável dar-lhes leite de gata nas primeiras 16 horas após o nascimento para lhes proporcionar anticorpos. No entanto, o colostro continua a ser perferível porque para além dos anticorpos contém outros componentes inexistentes no leite.

À nascença, o gatinho é incapaz de regular a sua temperatura corporal, é muito frágil e extremamente dependente da mãe que mantém o "ninho" quente. A temperatura rectal dos gatinhos muito jovens é aproximadamente de 37ºC e vai aumentando progressivamente para atingir os 38ºC a 38,5 C por volta das 7 semanas. Assim, será preferível aquecer a maternidade a 33ºC durante a primeira semana, 30ºC nas semanas seguintes, 28ºC por volta da 4ª ou 5ª semana e 26ºC nas semanas seguintes.

O desenvolvimento do gatinho

Entre o nascimento e a idade adulta o gatinho adquire inúmeras capacidades. As principais modificações podem ser observadas antes do desmame, ou seja, enquanto ainda são amamentados pela mãe.

Os cinco sentidos

Quando nasce, o gatinho possui já um olfacto bastante desenvolvido, o que lhe permite encontrar a mãe num raio de 50 cm. De igual forma é capaz de diferenciar os 3 sabores fundamentais: doce, salgado e amargo, sendo estes dois últimos pouco apreciados.

Por outro lado, o gatinho nasce cego e surdo. O animal adquire estes dois sentidos quase em simultâneo. A audição surge por volta dos 5 dias de idade, mas a orientação em função do som só é conseguida por volta dos 14 dias. O animal só irá adquirir as capacidades auditivas da idade adulta ao atingir 1 mês de vida, passando então a reconhecer a voz da mãe.

O gatinho abre os olhos entre os 7 e os 15 dias após o nascimento. Precisará ainda de mais 3 a 4 dias para adquirir a noção de profundidade de campo. A adaptação à aquisição simultânea da visão e da audição requer vários dias.

O gatinho possui desde muito cedo o sentido de equilíbrio, ainda que de início se mostre um pouco desajeitado.

Até às 2 semanas de idade, o gatinho tem alguma dificuldade em coordenar os movimentos. A locomoção sobre as 4 patas inicia-se por volta dos 17 dias e a aquisição da agilidade suficiente para conseguir coçar as orelhas com a pata posterior aproximadamente às 3 semanas.

O desenvolvimento dentário

A data de erupção dos dentes de leite e dos dentes definitivos permite determinar facilmente a idade de um gatinho, uma vez que para tal basta abrir-lhe a boca (ver tabela ao lado).

As grandes regiões corporais

As grandes regiões anatómicas não se desenvolvem todas ao mesmo ritmo. Assim, o gatinho nasce com uma cabeça relativamente grande, seguidamente observa-se um alongamento dos membros: o animal parece ser muito alto, com uma locomoção desengonçada. Finalmente, o resto do corpo desenvolve-se, apresentando as proporções típicas do adulto.

Data de erupção dos dentes no gato

	Dentes de leite (semanas)	Dentes definitivos
Incisivos		
1°	2 a 3	3,5 a 4 meses
2°	2 a 4	3,5 a 4 meses
3°	3 a 4	4 a 4,5 meses
Caninos		
	3 a 4	5 meses
Pré-molares		
2°		4,5 a 5 meses
3°		5 a 6 meses
4°		5 a 6 meses
Molares		
1°		4 a 5 meses

O crescimento do gatinho

O crescimento do gatinho pode ser acompanhado através do seu aumento de peso. O peso é um critério facilmente registável. Deve ser obtido diariamente, à mesma hora, em todos os gatinhos da ninhada. Este registo permite visualizar a evolução do peso, gatinho a gatinho, e compará-los entre si.

Um gatinho deve aumentar de peso todos os dias. Alguns pontos de referência permitem avaliar se o crescimento se está a processar de forma normal. Se um gatinho não aumentar de peso durante dois dias consecutivos, ou perder peso, será conveniente determinar a causa: subalimentação da mãe, doença…

O crescimento normal de um gatinho desde a concepção até ao tamanho adulto processa-se em 3 fases:

• **No período neo-natal,** aproximadamente os 4 primeiros dias de vida, a velocidade de crescimento pode ser muito variável, principalmente em função das condições do parto. Se este tiver sido difícil, os gatinhos poderão evidenciar uma estagnação, mas raramente perdem peso.

• Durante **o período exclusivamente de amamentação,** representado pelas quatro primeiras semanas, o crescimento é regular, linear e permite para além disso prever o peso em função da idade. Assim, o peso do 7º ao 10º dia é igual ao dobro do peso à nascença. O peso à 4ª semana é igual a 4 vezes o peso de nascimento.

• **O período pré-desmame**: período de transição alimentar que vai da 4ª à 7ª semana de idade. Por volta das 4 a 5 semanas, observa-se uma redução da velocidade de crescimento, correspondente a um decréscimo da lactação, associada a um subconsumo transitório de alimentos. Por volta da 7ª semana, é observável um novo impulso no crescimento, que assinala o final do período de desmame: o gatinho consome uma grande quantidade de alimentos sólidos que permitem a sua evolução. Atenção, mesmo durante este período de transição o gatinho continua a engordar. Geralmente, o peso às 8 semanas é igual a 2 vezes o peso à 4ª semana, ou seja, 8 vezes o peso à nascença.

• **O período pós-desmame:** ao fim de 8 semanas inicia-se o período de autonomia do gatinho, que corresponde à expressão das suas potencialidades genéticas. A variabilidade individual expressa-se então plenamente. O gatinho passa a alimentar-se por si só, à descrição, e cresce então até ao seu tamanho de adulto. Uma vez atingido o tamanho adulto, por volta dos 10-12 meses, o gato deve normalmente conservar o peso constante.

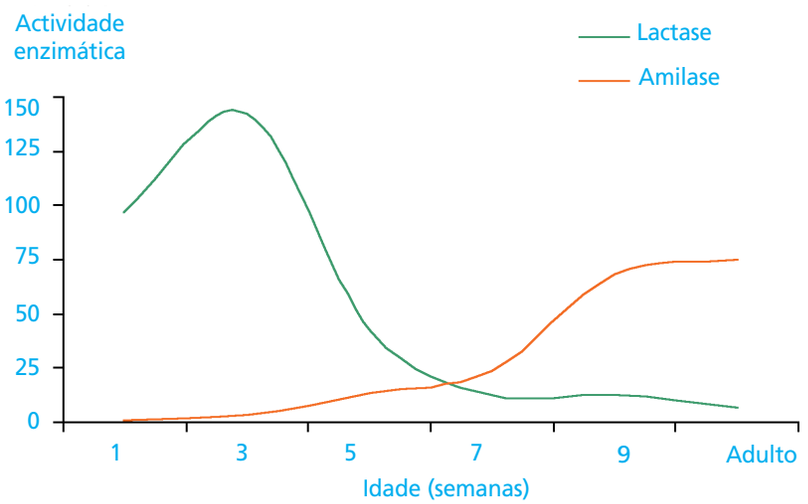
As capacidades digestivas

À nascença, o gatinho possui um tubo digestivo adaptado à digestão do leite materno. O leite da gata é rico em proteínas, matérias gordas e lactose – o açúcar do leite. Graças a uma enzima, a lactase, o animal consegue digerir a lactose. Progressivamente, as capacidades digestivas do gatinho evoluem. É por este motivo que muitos gatos adultos, em virtude de já não possuírem esta enzima, revelam uma incapacidade de digerir a lactose e, consequentemente, o leite. A lactose não digerida atravessa o intestino delgado e alcança o intestino grosso onde fermenta por acção das bactérias. Esta fermentação dá origem à diarreia.

Enquanto que a capacidade de digerir a lactose diminui, o gatinho adquire progressivamente outras actividades enzimáticas, como a amilase, enzima que permite a digestão do amido.

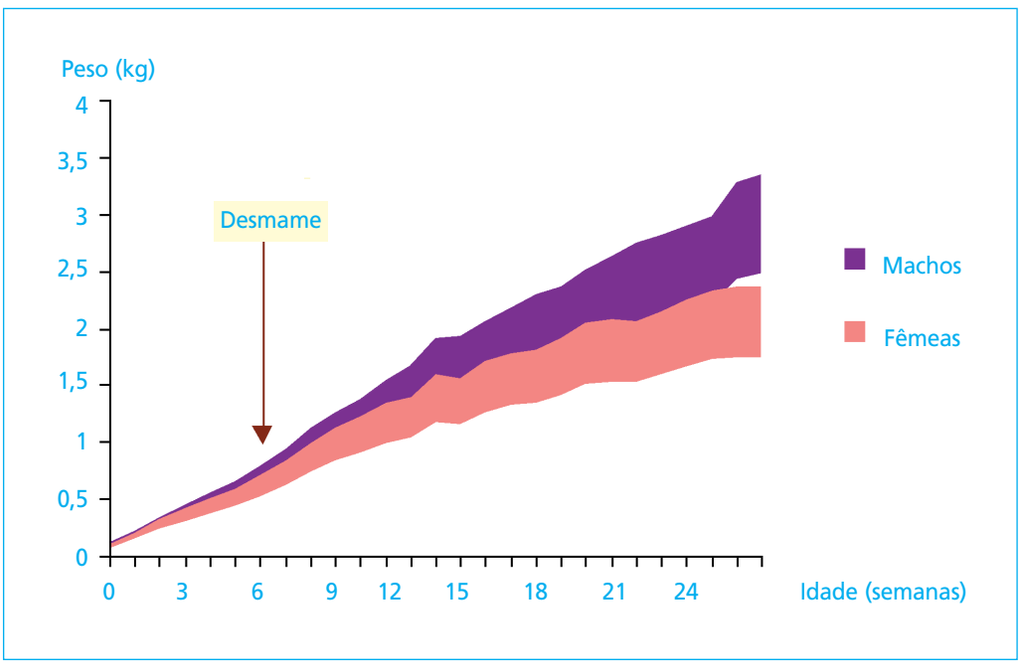
A contribuição das proteínas no valor energético do leite constitui, já no gatinho, um sinal do carácter estritamente carnívoro que irá caracterizar o animal adulto. O gato é incapaz de armazenar proteínas e, como tal, necessita de um elevado teor proteico no seu regime alimentar.

A gata amamenta as crias até às 6 a 7 semanas de vida, mas a capacidade de mastigar e digerir alimentos sólidos surge por volta das 4 a 5 semanas. É nessa idade que o gatinho inicia naturalmente o desmame.



Evolução das capacidades digestivas no gato em função da idade
Exemplo da lactase, enzima que possibilita a digestão da lactose (açúcar do leite) e da amilase, enzima que favorece a digestão do amido. (Kienzle, 1987 e 1993).

Critérios de crescimento durante o período exclusivamente de amamentação em diferentes raças felinas, em ambos os sexos (Dubois, 1997).



Exemplo da curva de crescimento de gatinhos (Siameses e Orientais) (Dubois, 1997).

Factores que influenciam o crescimento do gato

De entre os factores que influenciam o crescimento do gatinho distinguem-se os factores intrínsecos, dominados pela genética (raça, sexo, património genético dos pais, mecanismos hormonais), e os factores extrínsecos constituídos pelo meio ambiente no sentido mais amplo, representado fundamentalmente pela alimentação da mãe e depois do gatinho, influenciado por condições sanitárias e sociais (condições de criação, tipo de vida e qualidades maternais).

No que respeita aos factores intrínsecos, podemos citar:

• A raça: tal como na maioria das espécies vivas, quanto mais pesada for a raça, mais rápido é o crescimento;

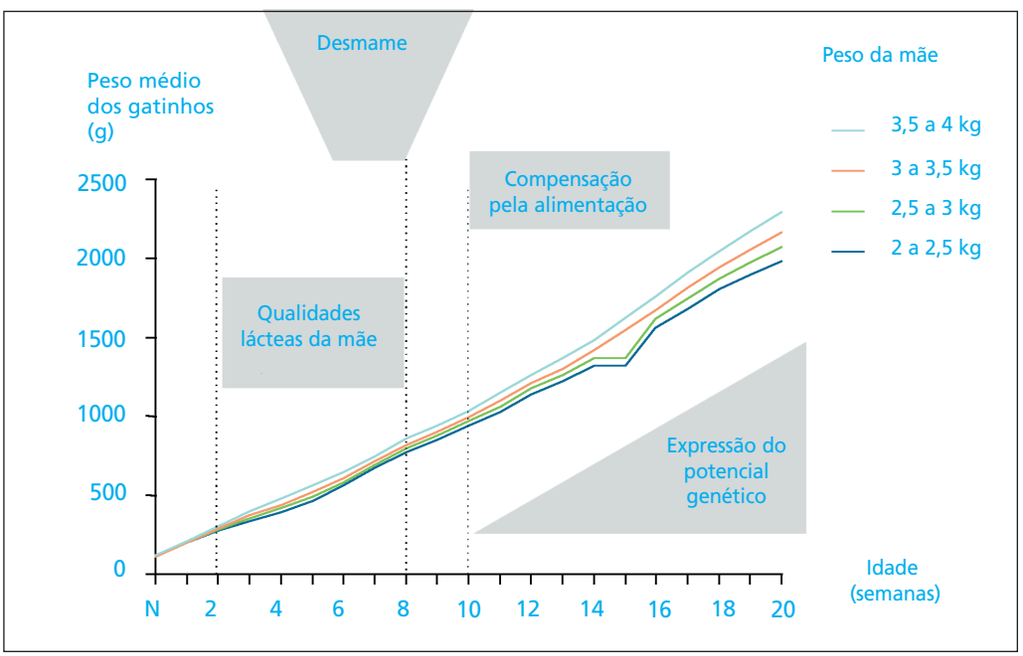
• O sexo: pouco nítido à nascença, o dimorfismo sexual aumenta com a idade, os machos tornam-se significativamente mais pesados do que as fêmeas entre as 6 e as 12 semanas de vida. O macho evidencia assim um potencial de crescimento superior ao da fêmea, mas também mais tardio, uma vez que o seu crescimento se prolonga algumas semanas para além do das fêmeas;

• Os factores familiares: o gatinho recebe, metade do seu material genético da mãe e a outra metade do pai e este conjunto vai remodelar-se entre si. Os caracteres familiares podem assim, dentro de uma mesma raça, traduzir-se em indivíduos de corpulência, tamanho ou tipo morfológico diferente, factor amplamente utilizado na selecção;

• O peso da mãe: este parâmetro não é independente da raça e dos factores familiares. Quanto mais pesada for a mãe (simultaneamente de grande porte e em bom estado físico) mais rápido será o crescimento, o que se explica em parte pelas qualidades do leite materno.

• Os factores genéticos individuais: a mistura dos genótipos materno e paterno leva à formação de um indivíduo único, criando variações individuais dentro da mesma ninhada. É por este motivo que, para calcular melhor o crescimento do jovem animal, é preferível utilizar a média das medidas dos pais.

• Os factores hormonais: a seguir ao nascimento determinadas hormonas sintetizadas pelo jovem orientam o seu crescimento. Contrariamente ao que se passa na espécie humana, as perturbações hormonais endógenas passíveis de perturbar o crescimento são raras no gatinho. A diabetes juvenil é mais marcada por distúrbios metabólicos do que por problemas de crescimento. O hipotiroidismo é muito raro, o nanismo um caso excepcional.



Crescimento em função do peso da mãe. Factores que influenciam as variações do peso (Loveridge, 1987).

Finalmente as raras anomalias responsáveis por uma secreção anormal das hormonas sexuais parecem perturbar muito pouco o crescimento do gatinho. Aliás, a esterilização precoce não altera nem o aumento ponderal nem o crescimento em termos de "estatura", ou seja, o porte adulto definitivo.

Em contrapartida, a utilização terapêutica de hormonas no gatinho pode perturbar de forma assinalável o equilíbrio endócrino natural e, consequentemente, modificar o crescimento. Deve ser realizada com grande prudência e unicamente por razões médicas.

Os factores ambientais são numerosos e condicionam o sucesso do crescimento

• A higiene do gatil e o stress ambiental

O período de amamentação é muito exigente para a mãe e sensível para o gatinho. Como tal, a higiene deve ser rigorosa a partir do período que antecede o parto, incluindo quer o material colocado à disposição da gata quer o local onde se encontrem os gatinhos. Uma higiene deficiente pode fragilizar a mãe e a ninhada. Para além disso, quando a gata é constantemente perturbada, a amamentação ressente-se.

O crescimento do gatinho processa-se, como no caso de todos os animais jovens, durante o sono. Durante os primeiros dias de vida, o gatinho dorme quase continuamente e mama sempre que é acordado pela mãe através de lambidelas. Durante o crescimento, passa mais tempo a brincar e a explorar o meio envolvente e menos tempo a dormir. Contudo, a qualidade do seu sono continua a ter um papel muito importante. Para além disso, sob o efeito do stress, são segregadas certas hormonas que podem perturbar gravemente o equilíbrio hormonal e o seu crescimento. Assim, um ambiente gerador de stress pode perturbar o bem-estar tanto das crias como da mãe, comprometendo um crescimento que à partida parecia ser óptimo. O ambiente do "ninho" e da ninhada deve ser preservado de qualquer agitação ao nível das instalações, de grandes alterações de temperatura, de presenças estranhas…

• Dimensões da ninhada

As ninhadas numerosas são usualmente constituídas por gatinhos com menos peso do que as ninhadas de dimensões mais reduzidas. Esta diferença de peso tende mesmo a aumentar durante as primeiras semanas de vida (numa ninhada numerosa a mesma quantidade de leite é partilhada por um número superior de gatinhos). Os gatinhos provenientes de ninhadas numerosas (6 ou mais) têm menos peso até atingirem aproximadamente os dois meses de vida. Só depois do desmame, quando o gatinho passa a receber uma alimentação sólida, é que esta diferença se atenua.

• Factores nutricionais

A alimentação da mãe durante a gestação influencia o peso à nascença e a viabilidade dos gatinhos. Do nascimento até ao desmame, a alimentação do jovem resume-se ao leite materno. Como tal a sua qualidade e quantidade são factores determinantes do crescimento e saúde dos gatinhos. Deve ser tomada em consideração tanto a alimentação materna como a alimentação das crias.

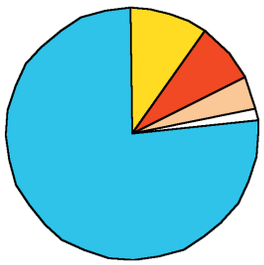
As necessidades de uma gata em lactação aumentam muito. Durante a gestação a gata acumula reservas. No início do período de aleitamento, as reservas maternas são utilizadas para a produção de leite. Como o organismo materno está vocacionado em primeira instância para a produção de leite, se a gata estiver subalimentada começará a perder peso. O efeito seguinte será a diminuição da quantidade de leite produzido. Uma gata alimentada *ad libitum* durante a fase de gestação e lactação regressa ao seu peso inicial (antes da gestação) no momento do desmame (6 a 7 semanas após o nascimento dos gatinhos). Quando a gata recebe apenas 50% das suas necessidades no período que vai das 5 semanas antes do parto até ao final da lactação, chega a perder até 33% do seu peso inicial. A consequência desta subnutrição materna é, em primeiro lugar, a falta de atenção em relação aos gatinhos, a gata evidencia uma grande irritabilidade sempre que estes tentam mamar.

Esta alteração do comportamento materno, acrescido da subnutrição dos gatinhos por falta de leite, vai comprometer o futuro da ninhada.

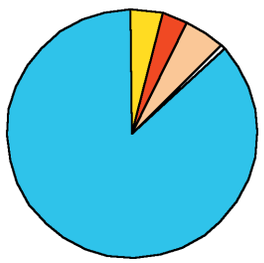
A subnutrição dos gatinhos durante a fase de amamentação pode dever-se a diversas causas: à subnutrição da mãe, tal como acabámos de ver, mas também a uma lactação insuficiente (ninhada muito numerosa, mãe que produz pouco leite) ou mamadas insuficientes (a mãe não deixa as crias mamarem o tempo

Composição média (%) do leite da gata, da vaca e da mulher

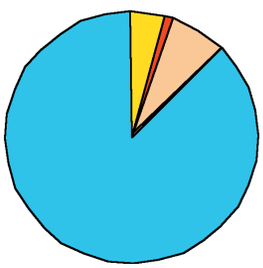
Leite de gata



Leite de vaca



Leite humano (mulher)



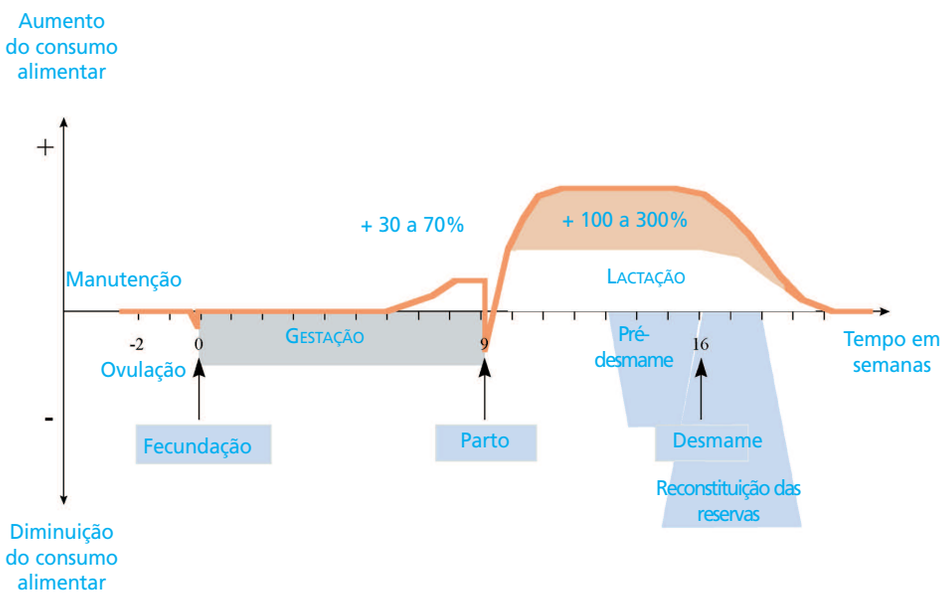
- Matérias gordas
- Proteínas
- Lactose
- Minerais
- Água

Alimentação racional da gata durante o período de lactação

A produção de leite é muito exigente. Para que o seu peso aumente 1 g, calcula-se que o gatinho deva ingerir pelo menos 2,7 g de leite, de forma que, durante a lactação, a gata irá produzir em leite o equivalente a uma vez e meia a duas vezes o seu peso. As necessidades da gata aumentam durante a lactação em função do número de gatinhos, mas não de forma proporcional.

Um alimento adaptado, completo e equilibrado deve ser administrado à vontade à mãe, que deve também dispor de água fresca de forma permanente. O alimento destinado à gata em lactação deve ser mais rico do que um alimento destinado a um gato em regime de manutenção. Deverá ter um teor mais elevado de energia (calorias) e, como tal, enriquecido em gorduras, mas também em proteínas, taurina, minerais, nomeadamente em cálcio e fósforo. Mesmo com um alimento adaptado, a gata não consegue ingerir a quantidade de alimentos necessários para suprir todas as suas necessidades, que são enormes.
Por isso, vai utilizar as reservas corporais constituídas durante a gestação. Este fenómeno é normal e inevitável. Contudo, não deve ser excessivo. Como ponto de referência, uma gata aumenta aproximadamente em 40% o seu peso inicial durante a gestação e após o parto ainda pesa 20% mais do que antes da gestação, regressando ao peso normal no final da lactação. Constata-se que o consumo alimentar da gata aumenta regularmente ao longo de toda a lactação até ao final do desmame. Efectivamente, mesmo que as crias mamem cada vez menos, a mãe tem de reconstituir as suas reservas e compensar as perdas sofridas durante a primeira fase da lactação. A lactação começa a ser preparada durante a gestação e desenvolve-se em função das contribuições alimentares depois do parto.

Variação do consumo espontâneo de alimentos por parte da gata durante o ciclo reprodutivo.



necessário, demasiados gatinhos, ambiente stressante, pouco calmo).
Em todas as circunstâncias referidas os gatinhos enfraquecem rapidamente. Observa-se desidratação, hipoglicemia, diminuição da temperatura corporal a que se sucede a morte. Vários fenómenos explicam este enfraquecimento muito rápido:

• O fígado do gatinho não atingiu ainda a sua maturidade e depende como tal de uma fonte de açúcar externa, resultante da digestão da lactose que fornece a glucose. Em caso de subalimentação, a hipoglicemia é inevitável e pode conduzir ao coma.

• Os rins do gatinho são imaturos à nascença. O recém-nascido não possui ainda a capacidade de regular as trocas de água e minerais, pelo que deve beber frequentemente e em pequenas quantidades. Qualquer factor que restrinja a amamentação vai expô-lo a uma desidratação rápida.

• O gatinho - principalmente o recém-nascido - não possui reservas de gordura que lhe permitam lutar contra temperaturas demasiado baixas e é incapaz de regular a sua temperatura corporal. A ingestão regular e suficiente de leite, assim como os cuidados maternos durante a amamentação (lamber) e o "ninho" (calor da mãe) são factores indispensáveis para evitar a hipotermia. A temperatura rectal dos gatinhos deve ser vigiada, especialmente se o seu peso estagnar repentinamente.

O leite de substituição

Condições de utilização

Se os gatinhos ficarem órfãos, se a ninhada for muito numerosa ou se o leite materno não for próprio para consumo (afecção mamária), poderá ser necessária a administração de um leite de substituição. A alimentação materna permite um crescimento mínimo dos gatinhos. Assim, quando os gatinhos não aumentam de peso durante dois dias consecutivos e desde que não seja constatada qualquer perturbação patológica, é possível que a alimentação materna seja insuficiente e que os animais não recebam o leite indispensável para garantir o seu crescimento. Neste caso, a distribuição de um complemento da alimentação materna, sob a forma de biberões de leite de substituição, constitui uma solução interessante para favorecer o desmame do conjunto dos gatinhos da ninhada.

Critérios da escolha do leite

A escolha do leite de substituição, também designado por leite artificial, pode ser feita em função de diferentes critérios:

• Composição do leite. Será desejável administrar um leite tão próximo quanto possível do leite materno. O leite da gata é bastante concentrado, com uma composição bastante próxima do leite da cadela e muito mais rico do que o leite de vaca, especialmente em matérias gordas, proteínas e minerais.
Ainda que a composição dos leites de substituição comerciais nem sempre esteja claramente visível, alguns critérios podem facilitar a escolha. O gatinho está adaptado a digerir leite, ou seja, a digerir proteínas, gorduras e lactose, todas de origem animal. Por outro lado, não possui ainda o número suficiente das enzimas que possibilitam a digestão do amido. Poder-se-á assim escolher um leite com o menor teor possível de amido, e, de forma geral, mais pobre em ingredientes de origem vegetal (com excepção do óleo, rico em ácidos gordos essenciais). O conjunto dos minerais (Ca, P, Mg, Na, Cl, K), oligoelementos (Fe, Cu, Zn, I, Se, F, Mn) e vitaminas (A, D3, E, K, C, vitaminas do grupo B) devem estar presentes, assim como um determinado número de aminoácidos indispensáveis, como o triptofano e a arginina, sem esquecer os ácidos gordos essenciais (ácidos linoleico, linolénico e araquidónico). Finalmente, tanto o gatinho como o gato adulto devem receber taurina na sua alimentação.

• Diluição do leite. Recomendada pelo fabricante, deve ser levada em conta paralelamente à composição anunciada. O leite artificial é geralmente vendido sob a forma de pó diluível em água, o que permite a obtenção de um leite. Conforme os produtos, recomenda-se a diluição de 1 volume de pó em 2 ou 3 volumes de água.

• Facilidade de administração, maior higiene... Geralmente, os fabricantes fornecem biberões com tetinas, mais ou menos adaptadas.

• O resultado obtido é, sem sombra de dúvidas, o critério mais importante. Os gatinhos devem evidenciar um crescimento regular (aumento de peso contínuo), sem diarreia.

Higiene e ritmo de administração

O modo de distribuição dos biberões é no mínimo tão importante como a qualidade do leite administrado. O ritmo de administração deve ser regular no espaço de 24 horas, ou seja, tanto de dia como de noite; tanto mais intenso quanto mais jovens forem os gatinhos: de 7 refeições em 24 h durante a primeira semana, a 2 na 6ª semana, devendo iniciar-se a administração de alimentos sólidos a partir dos 30 dias de vida. As refeições devem cumprir regras de higiene rigorosas, tendo em conta que os gatinhos são muito frágeis é portanto indispensável protegê-los:

- A pessoa encarregue da preparação do leite e administração dos biberões deve lavar as mãos antes de realizar essas operações;
- Antes de serem enchidos com leite, os biberões devem ser bem lavados (com um escovilhão) e enxaguados com água a ferver: devem também ser submetidos a uma esterilização frequente;

Exemplo de leite de substituição caseiro para gatinhos (Meyer, 1989, segundo Hall, 1992).

Leite de vaca desnatado (ml)	600
Queijo branco magro (g)	190
Carne magra picada (5% gordura) de vaca (g)	90
Óleo de soja (g)	30
Gema de ovo (g)	20
Complemento mineral e vitamínico (g)	10

- O leite deve ser preparado imediatamente antes da administração;
- Excepto em caso de indicação em contrário por parte do fabricante, o leite deve ser preparado com água fervida, ainda quente, de forma a ser administrado a uma temperatura entre 37 e 38º;
- Durante cada administração do biberão, o gatinho deve poder mamar à descrição;
- Se os gatinhos forem muito jovens, é aconselhável estimular-lhes o períneo com um pano macio, húmido e morno durante a amamentação para simular o comportamento materno e favorecer a emissão de urina e a defecação.

O desmame

O desmame é a passagem da alimentação láctea para uma alimentação sólida.
Constitui uma necessidade fisiológica, tanto para o gatinho como para a mãe. O gatinho evidencia necessidades nutricionais crescentes enquanto que a lactação começa a decrescer por volta da 5ª ou 6ª semana após o parto. A alimentação láctea passa então a ser insuficiente para satisfazer as exigências da ninhada. Paralelamente, o gatinho desenvolve-se, as suas capacidades digestivas evoluem e o seu organismo prepara-se para uma alimentação sólida.

A partir das 4 a 5 semanas de vida, o gatinho pode demonstrar interesse pela alimentação da mãe, começando por lamber o alimento que está perto da boca desta. De forma a que os jovens tenham acesso ao comedouro, este deve ser largo e com rebordos bastante baixos. Para além disso, se a apresentação do alimento for sob a forma de croquetes, estes devem ser de pequenas dimensões para facilitar a preensão dos gatinhos. Desde que se trate de um alimento adaptado, é aconselhável administrar à mãe, durante a lactação, um alimento idêntico ao que os gatinhos irão receber no pós-desmame. Evitar-se-á assim adicionar outro factor de stress (a mudança de alimentação) ao período de desmame.
A escolha do momento do desmame resulta de diversos critérios, alguns dos quais antagónicos: para a mãe, nomeadamente no caso de ninhadas muito numerosas, um desmame bastante precoce evita a utilização excessiva das suas reservas; para o gatinho, o desmame constitui um enorme stress (mudança do tipo de alimentação, afastamento do "ninho materno..."), em que a precocidade não desempenha um papel tão importante desde que o leite esteja disponível em quantidade suficiente.
Na prática, podemos considerar que o desmame deve ter lugar assim que a velocidade de crescimento dos gatinhos começe a diminuir. É importante vigiar o consumo de alimentos sólidos por parte dos gatinhos, que deve aumentar regularmente a partir da 4ª semana. Os gatinhos deverão ser desmamados quando consumirem aproximadamente 20 g de matéria seca por dia, ou seja, cerca de 25 g de croquetes ou 70 g de alimentos em lata, o que acontece geralmente por volta da 6ª ou 7ª semana.
Se os gatinhos foram criados a biberão, com leite de substituição, na semana anterior ao início do desmame será conveniente reduzir o número de administrações diárias (passando por exemplo de 4 a 3 biberões diários) e, a

seguir a cada amamentação, deixar à disposição dos gatinhos um recipiente com alimentos sólidos humedecidos com leite de substituição. Durante a semana de desmame (por volta da 5ª), deve ser colocada alimentação sólida à disposição dos gatinhos antes da administração do biberão. Consoante os gatinhos, poderão ainda ser necessários 2 biberões por dia: o peso do animal é um factor fundamental e deve aumentar constantemente. Os gatinhos deverão ser pesados de manhã, antes da primeira refeição. Vai-se aumentando progressivamente a quantidade de comida colocada à disposição entre cada refeição. Inicialmente sob a forma de uma papa líquida, e depois humedecendo cada vez menos os alimentos sólidos com leite, que deverá ser progressivamente substituido por água. No final da semana, o alimento sólido deve ser humedecido apenas com água.

O desmame, muito embora deva ser progressivo, não deve demorar muito tempo. Preparado a partir da 4ª ou 5ª semana, deverá estar concluído à 7ª semana, para permitir à mãe recuperar desse período tão exigente para o seu organismo.

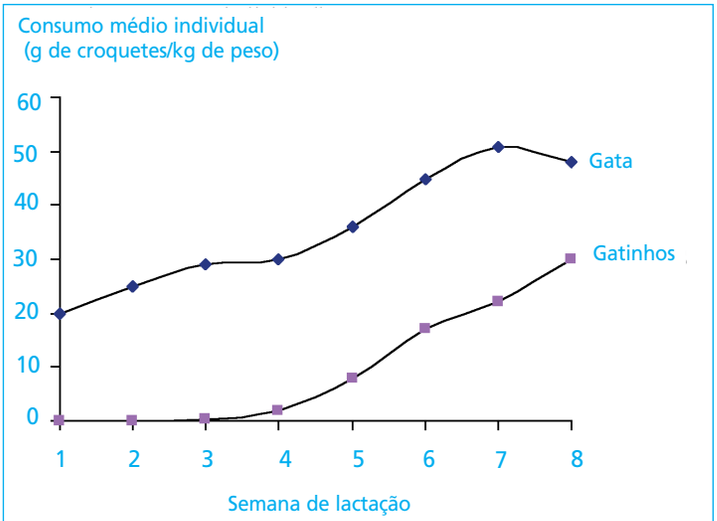
Um desmame muito precoce (à 4ª ou 5ª semana) é necessário nalgumas circunstâncias (gatinhos órfãos, peritonite infecciosa felina...). Desde que seja correctamente conduzido e que os gatinhos sejam alimentados com cuidado, terá pouca incidência nos animais mais resistentes. No entanto, a morbilidade (número de gatinhos doentes) poderá aumentar ao nível dos mais fracos, particularmente em caso de subalimentação.

O desmame é um mal necessário no ciclo de vida. Constitui uma passagem obrigatória para a independência mas também um período de stress muito intenso para os gatinhos. Como tal, deve ser conduzido com o maior cuidado.

A idade adulta

O gato despende aproximadamente um terço do tempo a dormir, um terço a brincar sendo o último terço dedicado à alimentação e em parte à sua higiene.

Quando o gato tem livre acesso ao exterior, gosta de caçar pequenas presas (ratos, pássaros) que consumirá ou não, dependendo se possui outra fonte de alimento. Devido a esta característica predadora, mesmo sem acesso ao exterior, o gato doméstico conserva o seu instinto de caçador. Com efeito, todos os gatos são atraídos por objectos em movimento e podem passar muito tempo a brincar com uma bola que rola assim que estes lhe tocam.



Consumo médio alimentar da gata e das suas crias (Nº médio de 3 gatinhos por ninhada) (g de croquetes/kg de peso, com croquetes de 4,5 Kcal/g). (Segundo Legrand-Defretin e Munday, 1995).

Se o gato se alimentar exclusivamente de ratos, terá de consumir 8 a 10 por dia para satisfazer as suas necessidades alimentares. Esta caça não é assim tão fácil e o simples facto de ver um rato não implica que o consiga agarrar. A caça requer muito tempo e frequentemente resulta em fracasso. Para caçar e apanhar as presas, o gato possui bons atributos: uma excelente audição, um olfacto apurado, bigodes orientáveis, uma visão penetrante, garras afiadas, uma grande vivacidade de movimentos e uma capacidade excepcional: a de se movimentar silenciosamente.

As unhas e os dentes

As unhas dos gatos apresentam várias particularidades: crescem de forma contínua ao longo de toda a sua vida, possuem uma forma ligeiramente arredondada, são retrácteis, inseridas verticalmente e aguçadas. A capacidade que estes animais dispõem de exteriorizar as unhas tem várias consequências. Em primeiro lugar, permite-lhes uma deslocação silenciosa graças à delicadeza das suas almofadinhas plantares. Seguidamente, permite-lhes proteger as unhas - verdadeiras armas de caça e combate. E por último, quando as exteriorizam são simulta-

Em caso de desmame normal								
Semanas	1	2	3	4	5		6	7
N°de biberões/dia	7	6	5	5	4		2	
Alimento sólido					+		++	+++
Em caso de desmame precoce								
Dias	1-7	8-14	15-21	22-28	29-31	32-35	36-42	43-49
N° de biberões/dia	7	6	5	3	3			
Alimento sólido					+	++	+++	+++

Por exemplo: 6 biberões por dia de 24h significa um biberão em cada 24/6 = 4 horas, incluindo à noite.

Exemplos do ritmo de administração de um leite de substituição (adaptado de Campanac, 1985).

neamente uma temível arma cortante e afiada e um auxiliar precioso para trepar às árvores.

O formato das unhas permite a sua penetração nas presas ou nos adversários, como se fossem pequenas facas. Uma unhada traduz-se, no mínimo, por um lindíssimo arranhão, mesmo quando apenas se brinca com o gato.

É perfeitamente possível cortar as unhas dos gatos, muito embora se devam ter alguns cuidados. Em primeiro lugar, dever-se-á dispor de um instrumento adaptado e em bom estado. Seguidamente, é indispensável segurar o animal de forma a não soltar a pata no momento em que se corta a unha. Por último, uma vez munido do equipamento necessário e instalado de forma conveniente, é preciso segurar a extremidade da pata pressionando delicadamente a última falange entre dois dedos e cortar no sentido da unha (no sentido inverso da utilização de um corta-unhas no ser humano) para não esmagar a unha. Quando o animal exterioriza a unha, distinguem-se nitidamente duas áreas: uma rosada virada para o dedo e outra mais clara orientada em direcção à extremidade. O corte deve ser feito na área clara: a área rosada corresponde à raiz das unhas e contém vasos sanguíneos. O gato possui 4 garras em cada pata posterior e 5 em cada pata anterior. A quinta garra situa-se no esporão (correspondente ao polegar). É preciso vigiar o crescimento desta unha porque se não for cortada pode crescer até ao ponto de penetrar na pele e ferir a pata. Muitos gatos utilizam os troncos de árvore, ou na sua ausência, uma tábua vertical como utensílio de arranhar. Esta acção tem por fim limar as garras, não tanto para as desgastar mas fundamentalmente para as renovar, uma vez que se trata, na realidade, de libertar a unha da camada superficial, antiga, para favorecer a funcionalidade da unha subjacente, aguçada. Alguns gatos dispõem também da capacidade de conseguir cortar as unhas sozinhos. É possível vê-los com uma pata na boca como se estivessem a roer as unhas. Além das unhas, os dentes representam a segunda série de armas naturais do gato, particularmente os caninos. Os dentes do gato estão mais adaptados à preensão, a rasgar e dilacerar as presas do que a mastigar os alimentos que muitas vezes são engolidos inteiros.

A água

Muito embora alguns gatos sejam bons nadadores, estes casos são bastante raros. A aversão generalizada à água é patente na atitude do gato face à ingestão de líquidos. Os gatos, provavelmente originários do deserto, bebem pouco. Para além disso a sua urina é muito concentrada. Ao consumir uma presa o gato consome também água, visto que, quer se trate de um rato ou de um pássaro a água representa 60% do organismo, mas tem pouca tendência a beber de forma espontânea. De igual forma, os gatos que consomem alimentos húmidos enlatados têm tendência a beber muito pouco ou mesmo nada, enquanto que os que consomem alimentos secos bebem proporcionalmente ao consumo de alimentos. Este consumo de água processa-se em pequenas quantidades, mas sensivelmente 10 a 20 vezes por dia. Como tal, é indispensável que os gatos disponham sempre de água fresca. A ideia preconcebida segundo a qual os alimentos secos favorecem esta ou aquela doença – particularmente do foro renal – é totalmente falsa. Em contrapartida, é indispensável certificar-se que o gato bebe água em quantidade suficiente para permitir o bom funcionamento dos rins.

A esterilização

Aproximadamente 50% dos gatos domésticos machos e fêmeas são esterilizados. Esta esterilização não pressupõe qualquer problema especial, excepto no que diz respeito à alimentação. Com efeito, a esterilização tem como consequência o aumento do apetite e em paralelo, a diminuição das necessidades energéticas, tanto no macho como na fêmea.
Consequentemente, os gatos esterilizados devem receber menor quantidade de alimentos

ou um alimento com uma concentração energética inferior, para evitar problemas de obesidade. Poder-se-á até habituar o gato a doses mais pequenas, uma ou duas semanas antes da data prevista para a esterilização. O gato poderá assim adaptar-se melhor à sua nova condição.

Esperança de vida

Muito embora alguns gatos atinjam a idade recorde de 30 anos, a esperança de vida do gato é em média de 10 anos para os animais esterilizados. Nos animais inteiros, desce para 6 anos nas fêmeas e 5 nos machos. Esta diferença é explicável pela tendência evidenciada pelos gatos inteiros de vaguear, estando assim mais expostos aos riscos, por um lado da circulação rodoviária, e por outro de doenças contagiosas, infecciosas, parasitárias, etc. De facto, quando os gatos têm acesso ao exterior procuram encontrar-se com os seus congéneres para se reproduzirem, ou para lutarem pela conquista de territórios ou companheiras. Estes contactos são factores que favorecem a transmissão de doenças e contribuem para diminuir a vida do gato. Contudo, o número de gatos com idade avançada tem vindo a aumentar constantemente, o que denota uma alimentação mais adaptada, vacinações mais frequentes e eficazes e uma melhor assistência médica.

A velhice

O número de animais idosos tem crescido sem cessar na população felina. Dos 8,2 milhões de gatos existentes em França, mais de 30% têm mais de 8 anos e 900 000 têm mais de 11 anos, ou seja 11% da população felina total.
Assim, tal como no caso do ser humano, a velhice é uma etapa separada na vida do gato. O envelhecimento é um fenómeno natural, inexorável nos gatos tal como nas outras espécies. Traduz-se por diversos sinais: falta de dinamismo, tendência para a sonolência, dificuldades de locomoção, falta de apetite e maior incidência de diversas doenças: problemas cardíacos (hipertrofia ventricular) em particular devido a uma diminuição da elasticidade das artérias, dificuldades respiratórias em consequência da diminuição da funcionalidade pulmonar, sensibilidade às infecções devido ao decréscimo de eficácia do sistema imunitário, frequência de doenças renais, tumores, problemas endócrinos como o hipertiroidismo ou a diabetes. A maioria dos gatos obesos tem entre 6 a 10 anos de idade, mas em contrapartida, os gatos mais idosos têm tendência a serem magros. A obesidade constitui um factor de risco para um grande número de doenças, como a diabetes, problemas de pele e outros, mas o emagrecimento exagerado também não deve ser favorecido. Com efeito, um gato que não consuma suficiente energia perde peso, mas se não consumir proteínas suficientes irá perder massa muscular e o seu sistema imunitário ficará debilitado.
O apetite do gato pode diminuir com a idade, uma vez que os problemas na cavidade bucal são frequentes (gengivites, úlceras, tumores) juntamente com uma diminuição das capacidades digestivas. É fundamental vigiar a qualidade e quantidade dos alimentos administrados aos gatos com mais de 10 anos. O gato idoso tem também tendência a beber menos e a desidratar rapidamente. Como tal, é necessário ter em atenção o fornecimento e consumo de água.

Para além disso, inúmeras doenças manifestam-se com maior frequência no gato idoso do que no gato jovem. Assim, é no gato idoso que são detectados o maior número de casos de insuficiência renal, em parte devido ao lento desenvolvimento desta doença. Os gatos idosos devem ser clinicamente vigiados de forma a poder tratar com rapidez quaisquer doenças que possam eventualmente surgir. É aconselhável realizar, anualmente, um exame médico-veterinário promenorizado durante toda a vida do animal, por exemplo na altura das vacinas. Nos gatos com mais de 12 anos, recomenda-se um exame semestral.

Do nascimento até à idade avançada, o gato é, em primeira instância, um carnívoro e um caçador, independente e orgulhoso. Desde a mais tenra idade, o gato mostra-se atraído por objectos em movimento. Em adulto, aprecia carícias e passeios pela natureza. Qualquer que seja a sua raça e em todas as etapas da sua vida é fascinante observar e conviver com um gato.

Um gato idoso a passear no campo

Nutrição e alimentação

"Proteínas, lípidos, glúcidos, vitaminas, minerais e oligoelementos".
Cada nutriente da alimentação desempenha um papel específico. Tanto os excessos como as carências são prejudiciais para a saúde do gato. Como tal, é importante conhecer qualitativa e quantitativamente as necessidades deste pequeno felino, bastante diferentes das do homem e do cão. Contrariamente a certas ideias, infelizmente bastante enraizadas, o gato não possui uma necessidade biológica de "variedade" alimentar. De facto, estes animais têm um paladar até certo ponto "pobre", procedendo à selecção dos alimentos essencialmente graças ao seu olfacto muito desenvolvido. Assim, determinados alimentos cujo rótulo destaca "com borrego" ou "com frango" podem satisfazer o dono, mas muitas vezes não cobrem as verdadeiras necessidades nutricionais do gato. Durante a elaboração de alimentos caseiros são cometidos alguns erros, por vezes involuntários, que podem originar consequências patológicas graves.
Os nutricionistas estudam as necessidades específicas nas várias etapas de vida do animal (lactação, gestação, manutenção, envelhecimento, esterilização), e procuram seleccionar uma alimentação que cubra todas as necessidades em termos de nutrientes e seu valor biológico, digestibilidade, performance nutricional e prevenção, em vez de simplesmente escolherem os ingredientes (frango, borrego, peixe, fígado...)
Uma alimentação específica pode curar ou prevenir algumas doenças. No entanto, mesmo o melhor alimento do mundo pode ser inútil se o gato se recusar a consumi-lo. Por essa razão, a apetência do alimento é um factor decisivo. Hoje em dia, os elementos preparados, nomeadamente os alimentos secos topo de gama (também denominados "nutricionais"), conseguem responder a estes requisitos tão diferentes: são alimentos apetentes e cobrem todas as necessidades nutricionais do animal.

Nutrição felina

"A dependência alimentar do gato em relação ao homem acompanhou o progresso da população felina. O novo comportamento alimentar sedentário favoreceu o desenvolvimento de novas doenças, facto que fez aumentar as investigações na área da nutrição felina."

Prof. James G. Morris (PhD), Universidade Califórnia Davis, Estados Unidos. Colóquio da Sociedade Francesa Felinotécnica – Royal Canin, Paris, Março de 1998.

Graças à pesquisa veterinária e científica estamos a conseguir ultrapassar o tradicional conceito da nutrição (construção e manutenção do organismo através do fornecimento de energia), para incluir uma nova dimensão preventiva. É o nascimento da nutrição/saúde.

Assim, a nutrição responde a três objectivos:
1 – **Construção e manutenção:** função das proteínas, dos minerais, dos oligoelementos e das vitaminas
2 – **Fornecimento de energia:** função dos lípidos e glúcidos
3 – **Prevenção:** com base nos novos conhecimentos adquiridos, hoje sabemos que certos nutrientes desempenham um papel na prevenção de afecções renais, de distúrbios digestivos e ósseos, assim como no combate contra os mecanismos do envelhecimento.

Responsável pela domesticação do gato, o homem tem o dever de o alimentar de acordo com as verdadeiras necessidades do pequeno felino, e não em função das suas projecções humanas. Esta é a primeira regra do verdadeiro respeito pelo animal.

As bases da nutrição do gato

Todos os nutrientes, cerca de 50 no total, possuem uma função específica. Uma carência em algum destes nutrientes traduzir-se-á, a longo prazo, por consequências graves na saúde do gato. Mas o que é de facto um nutriente? É uma espécie química que pode ser utilizada como tal na alimentação das células vivas, e que pode ser absorvida sem a necessidade de uma prévia digestão (glucose, aminoácidos, etc.) Na maioria dos casos, o nutriente chega ao tubo digestivo sob a forma de moléculas complexas, as quais são separadas durante o processo digestivo e posteriormente assimiladas como elementos mais simples.

NUTRIENTES NECESSÁRIOS AOS GATOS

Proteínas	Gorduras	Glúcidos		Minerais		Vitaminas
		Amido	Fibras alimentares	Macroelementos	Oligoelementos	
Onde os podemos encontrar?						
Carne de vaca, carne de aves, peixe, fígado, ovos, levedura de cerveja, etc.	**Animais:** Gordura de aves, óleo de peixe. **Vegetais:** Óleo de soja, etc.	Cereais (milho, arroz), massas alimentares	Fibras de milho, polpa de beterraba, legumes verdes, farelo de trigo	Farinha de ossos, sais minerais...	Fígado, complexos vitamínicos e minerais	Fígado, levedura de cerveja, complexos vitamínicos e minerais.
Qual o seu papel?						
Fonte de aminoácidos essenciais para: O crescimento, reprodução, uma boa musculatura, um pêlo liso e brilhante, etc.	**A melhor fonte de energia. Fonte de ácidos gordos essenciais:** Indispensável para a beleza da pelagem e um bom sistema imunitário.	**Fonte de energia**	**Essenciais para:** Um trânsito digestivo regular, emissão de fezes bem moldadas, para a saúde do intestino.	**Essenciais para:** A solidez do esqueleto e dos dentes, o funcionamento dos músculos e do sistema nervoso.	**Essenciais para:** A renovação das células sanguíneas, o funcionamento do fígado e de todos os órgãos, a beleza da pelagem.	**Essenciais para:** A visão, a reprodução, o esqueleto, o funcionamento e integridade das células.

Deverá deixar sempre à disposição do gato um recipiente com água fresca

A água

É a base de toda a vida animal ou vegetal. Um gato pode passar várias semanas sem se alimentar, mas não suportaria passar mais de dois dias sem água. É preciso ter em conta que dois terços do seu organismo são constituídos por água. As suas necessidades são eminentemente variáveis, dependendo do consumo de uma alimentação seca ou húmida.

As proteínas

Participam na construção dos ossos, dos músculos, do sistema nervoso...

As proteínas são constituídas por cadeias de aminoácidos ligados entre si. Alguns destes aminoácidos não podem ser sintetizados pelo organismo: são os chamados aminoácidos essenciais. Devem estar presentes na alimentação, uma vez que a sua ausência pode levar ao aparecimento de perturbações graves. Indiscutivelmente, o teor proteico do alimento é importante, mas a sua qualidade (valor biológico) possui um papel determinante. Podemos assim distinguir proteínas de boa qualidade (peixe, ovos, carne vermelha) e de qualidade medíocre (tendões, aponevroses...). No gato, o aminoácido essencial que merece uma atenção especial é a arginina.
A sua carência traduz-se rapidamente na incapacidade para transformar o amoníaco em ureia, provocando uma hiperamoniémia gravíssima.
Um outro aminoácido essencial para o gato é a taurina. Sem as quantidades necessárias deste nutriente, a retina do olho pode sofrer uma atrofia, a qual pode evoluir para a cegueira. Hoje em dia sabe-se que uma carência em taurina pode originar afecções cardíacas, como a cardiomiopatia dilatada, e distúrbios reprodutivos.

Gato a comer um rato

Os lípidos ou gorduras

O seu papel consiste não só no fornecimento de energia, mas também no incremento da apetência do alimento. Os lípidos são constituídos por ácidos gordos e glicerol, dispostos em cadeias mais ou menos longas e mais ou menos saturadas que condicionam o teor energético do alimento. Os ácidos gordos fornecem energia (função não específica), contribuem para a composição das membranas celulares (função estrutural) e são precursores de determinados neurotransmissores (papel funcional).
As duas últimas funções são desempenhadas pelos ácidos gordos denominados "essenciais". Como o gato não os consegue sintetizar, só podem ser obtidos através da alimentação. Tal como no caso da taurina, o gato distingue-se também do cão quanto à necessidade de um aporte alimentar não apenas de ácido linoleico, mas também de ácido araquidónico (presente apenas nos tecidos animais), pois as enzimas necessárias ao metabolismo destes ácidos gordos estão ausentes no gato.
Portanto, uma contribuição de ácidos gordos de origem exclusivamente vegetal poderá conduzir a uma situação de carência.

DIGESTIBILIDADE AO NÍVEL DO ÍLEO DAS PRINCIPAIS FONTES DE PROTEÍNAS UTILIZADAS NA NUTRIÇÃO DOS CARNÍVOROS DOMÉSTICOS

Fonte	Digestibilidade ao nível do íleo (%)
Caseinato de sódio	99
Ovo desidratado	100
Carne de ave desidratada	94-96
Carne de bovino desidratada	93-95
Farinha de peixe	92
Farinha de aves	90
Soja	90
Glúten de milho	86
Gordura animal	93-95

Digestibilidade ao nível do íleo: *medida na extremidade do intestino delgado, denominada "íleo". Trata-se da digestibilidade real, ou seja, do verdadeiro benefício nutricional para o animal, excluindo os nutrientes que são consumidos pela flora bacteriana do intestino grosso.*

Os glúcidos ou carbohidratos

Mais conhecidos por "açúcares", os glúcidos são essencialmente fornecidos pelos vegetais. Distinguimos os glúcidos "energéticos" dos glúcidos não energéticos, como as fibras, indispensáveis para o trânsito digestivo.

Os glúcidos energéticos incluem o amido e os açúcares solúveis, como a lactose. A digestibilidade do amido é melhorada pela cozedura, mas o gato não digere esta substância tão bem como o cão. A lactose, açúcar solúvel, é muito bem digerida pelos gatinhos durante a fase de lactação, porque o seu organismo produz uma enzima específica para degradar o leite, a lactase. Em contrapartida, a lactose é geralmente mal tolerada pelo gato adulto, ao qual se desaconselha a administração de leite (Consultar o capítulo "Grandes Etapas da vida do Gato).

Os glúcidos não energéticos correspondem às fibras alimentares. O seu aporte deve ser rigorosamente controlado: quando administradas em excesso podem limitar a absorção de determinados nutrientes. Pelo contrário, a sua carência favorece a estase do bolo alimentar no intestino grosso, podendo provocar flatulência. Nalgumas situações específicas, o teor de fibras pode ser ajustado. Deve ser aumentando num gato obeso na tentativa de reduzir o seu peso, permitindo um efeito de diluição da energia alimentar e uma redução da assimilação de outros nutrientes.

Existem 2 tipos de fibras:

• Fibras não fermentescíveis, como as existentes nas fibras de milho, alho francês, farelo de trigo e polpa de beterraba, que não são fermentadas pelas bactérias do intestino grosso. São sobretudo importantes para o trânsito intestinal.

• Fibras não fermentescíveis, que representam 25% das fibras da polpa de beterraba ou 100% da pectina, podem ser fermentadas pela flora intestinal, garantindo o seu equilíbrio. Contribuem para a saúde do cólon.

As quantidades e proporções destes 2 tipos de fibras devem ser ajustadas com precisão no alimento. Os alimentos muito pobres em fibras estão frequentemente associados a fezes mal formadas, ou seja, diarreias. Quantidades de fibras muito elevadas provocam uma produção excessiva de matérias fecais.

O teor de celulose bruta (ou fibra bruta) que figura nas embalagens dos alimentos industriais é imposto pela legislação. No entanto, trata-se de um indicador pouco fiável quanto ao conteúdo real de fibras, uma vez que apenas considera uma parte das fibras não fermentescíveis.

Os minerais

Muito embora existam em pequenas quantidades no organismo, os minerais possuem diversas funções fisiológicas.

Interagem entre si, o que significa que a sua assimilação é interdependente. Por essa razão, os alimentos devem conter um óptimo equilíbrio de minerais. Os minerais podem ser divididos em macroelementos e oligoelementos. Os macrolementos recebem esta designação porque a sua contribuição necessária é medida em gramas. É o caso do cálcio, fósforo, sódio, cloro, potássio e magnésio. O aporte de oligolementos é calculado em miligramas.

DE ENTRE AS DUAS FAMÍLIAS DE ÁCIDOS GORDOS ESSENCIAIS DISTINGUIMOS:

Os ácidos gordos Ómega 6, existentes nos óleos vegetais e gorduras das aves, contribuem para a beleza da pelagem.

Os ácidos gordos Ómega 3, existentes principalmente na gordura dos peixes, participam em diversas funções do organismo (nervosa, imunológica e integridade das membranas) e possuem ainda um efeito anti-inflamatório.

Tendo em conta que estas gorduras são muito frágeis e estão sujeitas a rançar, a sua incorporação no alimento deve ser protegida através de um procedimento adaptado, método actualmente bem dominado pela indústria da alimentação animal

Os minerais: funções e fontes

OS MACROELEMENTOS

	Funções no organismo	Fontes	Carências	Excesso
Cálcio (Ca)	Constituição do esqueleto Transmissão do impulso. nervoso	Farinha de ossos. Carbonato e fosfato de cálcio. Produtos lácteos	Anorexia. Queda dos dentes. Osteomalácia (adulto) Raquitismo (jovem)	Super-mineralização. iInterrupção do crescimento. Carência secundária de oligoelementos
Fósforo (P)	Constituição do esqueleto e das membranas celulares. Metabolismo energético	Farinha de ossos, fosfatos, carne e peixe	Anorexia. Infertilidade. Osteomalácia (adulto) Raquitismo (jovem)	Distúrbios renais, osteofibrose. Interrupção do crescimento
Sódio (Na) e Cloro (Cl)	Equilíbrio hidro-electrolítico	Sal de cozinha, charcutaria, queijos	Poliúria. Perda de peso, Atrasos de crescimento. Pele seca	Cálculos urinários de oxalato. Sede intensa. Diarreia, convulsões, hipertensão
Potássio (K)	Regulação do equilíbrio hídrico. Metabolismo energético	Sal de potássio, legumes, carnes	Anorexia. Debilidade muscular. Hipertensão arterial. Perturbações cardíacas.	Distúrbios renais e cardíacos.
Magnésio (Mg)	Constituição do esqueleto. Sistema nervoso. Metabolismo energético	Farinha de ossos. Magnésio e sais de magnésio.	Perturbações nervosas. Atraso no crescimento. Convulsões. Irritabilidade	Risco acrescido de cálculos urinários de de estruvite. Diarreia

OS OLIGOELEMENTOS

Minerais	Funções	Carências	Excesso
Ferro (Fe)	Transporte do oxigénio (hemoglobina, mioglobina)	Anemia. Debilidade generalizada. Sensibilidade às infecçoes.	Perturbações digestivas (vómitos, diarreias)
Cobre (Cu)	Síntese da hemoglobina, de melanina e de colagénio	Anemia, perturbações ósseas.	Hemólise, icterícia, necrose hepática (?)
Zinco (Zn)	Renovação da epiderme, síntese proteica. Reprodução.	Atrasos de crescimento. Perturbações ósseas. Maior sensibilidade: às infecçoes. Infertilidade.	Vómitos, perda de apetite, fibrose pancreática, carência secundária de ferro e cobre.
Iodo (I)	Hormonas da tiróide (tiroxina).	Atrasos de crescimento. Perturbações cutâneas. Infertilidade. Bócio. Queda do pêlo.	Bócio. Perda de apetite
Manganésio (Mn)	Catalizador das diversas vias metabólicas	Perturbações do desenvolvimento ósseo e reprodutivo.	Escurecimento da pelagem
Selénio (Se)	Em sinergia com a vitamina E. Antioxidante celular, assegura a integridade da membrana	Cardiomiopatia.	Perda de apetite. Atrasos de crescimento (?), hepatite, nefrite.

** N.B : os sintomas que não são observados no gato estão assinalados com a referência (?)*

AS VITAMINAS: FUNÇÕES E FONTES

Vitaminas	Funções	Fontes
Vitamina A (retinol)	Visão, crescimento, resistência às doenças	Óleo de fígado de peixe, fígado, ovos
Vitamina D (calciferol)	Equilíbrio do metabolismo fósforo-cálcio Favorecem a absorção do cálcio	Sol (UV), óleo de fígado de peixe, ovos
Vitamina E (tocoferol)	Antioxidante, prevenção da patologia muscular (esforço)	Leite, microrganismos dos cereais, ovos
Vitamina K	Produção dos factores de coagulação	Peixe, fígado, cereais.
Vitamina B1 (tiamina)	Metabolismo energético (glúcidos) Manutenção das funções nervosas	Cereais, farelo, leveduras.
Vitamina B2 (riboflavina)	Metabolismo dos aminoácidos e das gorduras	Cereais, leite, leveduras.
Vitamina B6 (pirodoxina)	Metabolismo das proteínas, das gorduras, dos glúcidos e do ferro	Cereais, leite, peixe, leveduras.
Vitamina PP (ácido nicotínico)	Integridade dos tecidos (pele)	Cereais, leveduras, peixe, ovos.
Vitamina B9 (ácido fólico)	Metabolismo das proteínas, síntese de hemoglobina	Leveduras, fígado.
Vitamina B12 (Cianocobalamina)	Metabolismo das proteínas, síntese de hemoglobina	Ferro, peixe, productos lácteos.
Vitamina B5 (Ácido pantoténico)	Integridade dos tecidos (pele)	Fígados, peixe, productos lácteos, arroz.
Vitamina H (biotina)	Integridade da pele, metabolismo dos glúcidos, lípidos, prótidos	Leveduras, ingredientes naturais.
Colina	Metabolismo das gorduras, protecção do fígado	Ingredientes naturais.

As vitaminas

As vitaminas são nutrientes essenciais à vida. Podem ser classificadas em lipossolúveis (A, D, E e K) e hidrossolúveis (Vitaminas C e do complexo B). No que respeita à vitamina A, o gato também se distingue do cão. O gato é incapaz de converter o betacaroteno dos vegetais em retinol (vitamina A). Quanto à Vitamina D, ao contrário do homem, o gato não a sintetiza sob o efeito dos raios ultravioletas. Portanto, é necessário garantir um fornecimento alimentar de origem animal destas duas vitaminas, ilustrando, mais uma vez, a natureza estritamente carnívora do gato. O fígado é especialmente rico neste tipo de vitaminas. Por outro lado, a vitamina C não é indispensável ao gato.

As necessidades nutricionais básicas

A manutenção do gato adulto

Tendo em conta que a água é fornecida ad libitum, é possível definir o alimento de manutenção ideal para o gato, cuja finalidade é conservar o peso ideal e garantir uma boa apetência.

Proteínas: para além do gato necessitar que a taurina lhe seja fornecida através da alimentação, o gato distingue-se do cão pela maior necessidade quantitativa de proteínas. As necessidades proteicas são expressas em relação ao aporte energético. Os gatos necessitam de 80 g de proteínas por 1000 kcal de energia metabolizável.

Lípidos: para além da contribuição energética, os lípidos aumentam a apetência do alimento. Quanto mais rico em gorduras for o alimento, maior será o consumo do gato, facto que possibilita a ocorrência de obesidade.

Actualmente existe o consenso de que uma taxa de 10% de gordura na matéria seca é suficiente para o alimento de manutenção de um gato adulto.

É preciso insistir sobretudo na qualidade das gorduras, as quais devem fornecer ácidos gordos essenciais em quantidade suficiente (A.G.E: ácido araquidónico e ácido linoleico).

GATO ADULTO COM PESO IDEAL: EXEMPLO DE UM ALIMENTO SECO NUTRICIONAL COMPLETO

Valores-chave

Proteínas (%)	32
% de proteína animal	86
Gorduras (%)	13
Energia metabolizável (kcal/kg)	3.850
Magnésio (%)	0,08
Taurina (%)	0,15
pH urinário	6 – 6,5
Digestibilidade (%)	86

Ingredientes:

Carnes e subprodutos de frango e perú, farinha de milho, arroz, gordura animal (proteínas de bovino desidratadas), milho, gordura de aves, fígado de aves, farinha de peixes da Escandinávia, levedura de cerveja, polpa de beterraba, fibras de milho, óleo de soja, ovo desidratado, DL-metionina e sais minerais

QUANTIDADES DIÁRIAS ACONSELHADAS

Peso (em kg)	Gramas por día	
	Mínimo	Máximo
2 – 3	30	50
3 – 5	50	75
5 – 7	65	100

GATO ADULTO COM TENDÊNCIA PARA A OBESIDADE: EXEMPLO DE UM ALIMENTO SECO NUTRICIONAL COMPLETO

VALORES-CHAVE

Proteína (%)	37
% de proteínas animais	92
Gordura (%)	10
Energia metabolizável (kcal/kg)	3.500
Magnésio (%)	0,08
Taurina (%)	0,15
pH Urinário	6 – 6,5
Fibras alimentares (%)	11

INGREDIENTES:

Carnes e subprodutos de frango e peru, farinha de milho, milho, arroz, gordura animal (proteínas de bovino desidratadas), milho, gordura de aves, fígado de aves, farinha de peixes da Escandinávia, levedura de cerveja, polpa de beterraba, fibras de milho, óleo de soja, ovo desidratado, DL-metionina e sais minerais

QUANTIDADES DIÁRIAS ACONSELHADAS

PESO (EM KG)	GRAMAS POR DIA	
	MÍNIMO	MÁXIMO
2 -3	30	50
3 - 5	50	75
5 - 7	65	100

GATO ADULTO DIFÍCIL OU SENSÍVEL: EXEMPLO DE UM ALIMENTO SECO NUTRICIONAL COMPLETO

VALORES-CHAVE

Proteína (%)	33
% de proteínas animais	92
Gordura (%)	22
Energia metabolizável (kcal/kg)	4.550
Magnésio (%)	0,08
Taurina (%)	0,15
pH urinário	6 – 6,5
Digestibilidade (%)	88

INGREDIENTES:

Carnes e subprodutos de frango e peru, farinha de milho, milho, arroz, gordura animal (proteínas de bovino desidratadas), milho, gordura de aves, fígado de aves, farinha de peixes da Escandinávia, levedura de cerveja, polpa de beterraba, fibras de milho, óleo de soja, ovo desidratado, DL-metionina e sais minerais

QUANTIDADES DIÁRIAS ACONSELHADAS

PESO (EM KG)	GRAMAS POR DÍA	
	MÍNIMO	MÁXIMO
2 - 3	30	50
3 - 5	50	75
5 - 7	65	100

A carência de A.G.E pode resultar em atrasos de crescimento, infertilidade, queda de pêlo, esteatose hepática e alterações na coagulação sanguínea.

Uma dieta saudável deve incluir quantidades equilibradas de gorduras de origem animal e vegetal.

Glúcidos: apesar dos gatos não necessitarem de amido na sua alimentação, este carbohidrato constitui uma fonte de energia mais segura do que os lípidos, visto que a sua menor apetência diminui o risco de obesidade. Quanto às fibras, um fornecimento moderado e equilibrado de fibras fermentescíveis e não fermentescíveis permite tirar partido das suas qualidades individuais.

Minerais e oligoelementos: as quantidades recomendadas de macroelementos estão descritas no quadro abaixo. Para cada elemento foi considerada uma margem de tolerância e um valor ideal recomendado. O cálcio e o fósforo, essenciais ao crescimento ósseo, devem estar presentes numa relação Ca/P de 1:1,5. O gato evidencia uma boa tolerância em relação ao excesso de sal de cozinha (NaCl), desde que disponha de bastante água fresca à disposição. Se o teor de proteínas do alimento for elevado, a necessidade em potássio aumenta. Os sinais de carência incluem perturbações de crescimento, letargia e fraqueza muscular.

QUANTIDADES RECOMENDADAS DE MACROELEMENTOS

(em g/kg de matéria seca num alimento com 4000 kcal/kg MS)

	Tolerâncias		Valor ideal	
	mín.	máx.	mín.	máx.
Cálcio	0,8	2,0	0,9	1,6
Fósforo	0,6	1,6	0,8	1,2
Cloreto de sódio	0,25	4,0	1,0	2,0
Potássio	0,4	1,5	0,5	1,0
Magnésio	0,05	0,2	0,1	0,16

É indispensável um aporte mínimo de magnésio. Em caso de carência podem verificar-se atrasos de crescimento, letargia, convulsões e fraqueza muscular. No entanto, uma contribuição excessiva pode ser igualmente prejudicial. Caso o pH urinário não seja suficientemente ácido (pH > 6,5), o magnésio vai aumentar o risco de formação de cálculos de fosfato amónio-magnesiano ou "estruvite".

QUANTIDADES RECOMENDADAS DE OLIGOELEMENTOS *(Kronfeld, 1991).*

(em mg/kg de matéria seca num alimento com 4000 kcal/kg MS).

	Tolerâncias		Valor ideal	
	mín.	máx.	mín.	máx.
Ferro	80	400	90	400
Cobre	5	250	12	40
Zinco	50	1000	80	180
Iodo	0,35	7	0,55	3,8
Manganésio	5	500	20	90
Selénio	0,1	5	0,25	0,5

Para os oligoelementos, as quantidades recomendadas estão apresentadas no quadro que se segue.

Vitaminas: as carências e os excessos de vitamina A são igualmente nocivas. A sua carência traduz-se por perturbações ao nível da reprodução, crescimento retardado, perturbações oculares, infecções cutâneas (hiperqueratose) e diminuição da imunidade. Em contrapartida, o consumo excessivo de vitamina A nos gatos alimentados exclusivamente com fígado, provoca letargia acompanhada pelo aparecimento de espondilose vertebral, a qual pode inclusivamente provocar a junção dos corpos vertebrais.

O gato é incapaz de sintetizar a vitamina D e, como tal, esta deve ser fornecida pela alimentação. O consumo excessivo poderá provocar calcificações ectópicas nos rins, no fígado e noutros tecidos.

A vitamina E desempenha um papel cada vez mais conhecido, funcionando como um antioxidante que age contra os radicais livres (contra o envelhecimento celular). Esta vitamina também é responsável pelo reforço imunitário.

QUANTIDADES RECOMENDADAS DE VITAMINAS

(por kg de matéria seca num alimento com 4000 kcal/kg de matéria seca)

	Tolerância		Ideal	
	mín.	máx.	mín.	máx.
A (UI)	6000	6000	8000	25000
D3 (UI)	500	5000	600	1500
E (UI)	30	600	50	150
K (mg)	0,1	100	2	10
B1 (mg)	5	150	10	20
B2 (mg)	4	80	6	30
Ácido pantoténico (mg)	5	150	10	25
Niacina (mg)	40	1200	70	200
B6 (mg)	4	120	8	20
Ácido fólico (mg)	0,8	24	1,5	3,1
B12 (mg)	0,02	0,6	0,05	0,1
Biotina (mg)	0,07	2,1	0,1	0,3
Colina (mg)	2000	7200	2100	3000

A sua carência traduz-se numa coloração amarela alaranjada das gorduras.
As contribuições vitamínicas recomendadas são apresentadas na tabela seguinte.

A gata em gestação e lactação

Na gata, a gestação tem uma duração média de 66 dias e a ninhada é geralmente constituída por 3 a 5 crias, cada uma pesando aproximadamente 100 g.
A gata aumenta de peso desde o início da gestação. Até aos 40 dias, acumula reservas que serão mobilizadas no final da gestação e durante o período de lactação.
O ganho de peso dos últimos 26 dias corresponde essencialmente ao crescimento intra-uterino dos fetos. O consumo alimentar da gata aumenta naturalmente durante a gestação. Desde o início, dever-se-á fornecer um alimento rico em gorduras, como o formulado para os gatinhos e gatas gestantes/lactantes. Este alimento irá aumentar o índice de sobrevivência dos gatinhos à nascença. Dever-se-á ter especial atenção ao teor de taurina do alimento, cujo valor mínimo aconselhado é de 0,1% para os alimentos secos e 0,25% para os alimentos húmidos.
O alimento não deve ser ácido para não prejudicar o desenvolvimento do esqueleto dos fetos. Quantitativamente, recomenda-se um aumento de 10% da dosagem do alimento por semana, durante as primeiras 8 semanas. No entanto, a gata não deverá engordar demasiado, circunstância que poderia acarretar dificuldades durante o parto. O período de lactação também é crucial: durante esta fase a gata vai produzir 1,5 a 2 vezes o seu próprio peso em leite, que nesta espécie animal é particularmente rico em gorduras e proteínas. Compreende-se assim que o período de lactação dê origem a um consumo energético muito superior ao da gestação (o dobro ou o triplo das necessidades de um animal em manutenção). Por mais rica e abundante que seja, a alimentação fornecida à gata nunca será suficiente para suprir as suas necessidades energéticas.
Durante o parto, é normal que o excesso de 20% comparativamente ao peso na altura do acasalamento sejam mobilizados para a lactação. Estes 20% são essencialmente compostos por reservas de gordura.
Após o nascimento das crias, recomenda-se que o alimento – muito rico em gordura – seja administrado à descrição. Nessa altura, será conveniente utilizar um alimento para gatinhos, que deverá ser administrado até ao desmame, momento em que a gata deverá receber de novo e de forma progressiva o alimento de manutenção.

GATA EM GESTAÇÃO OU LACTAÇÃO: EXEMPLO DE UM ALIMENTO SECO NUTRICIONAL COMPLETO

VALORES-CHAVE

Proteína (%)	34
% de proteínas animais	92
Gordura (%)	20
Energia metabolizável (kcal/kg)	4.200
Magnésio (%)	0,08
Taurina (%)	0,25
pH úrinario	6 – 6,5
Digestibilidade (%)	88

INGREDIENTES:

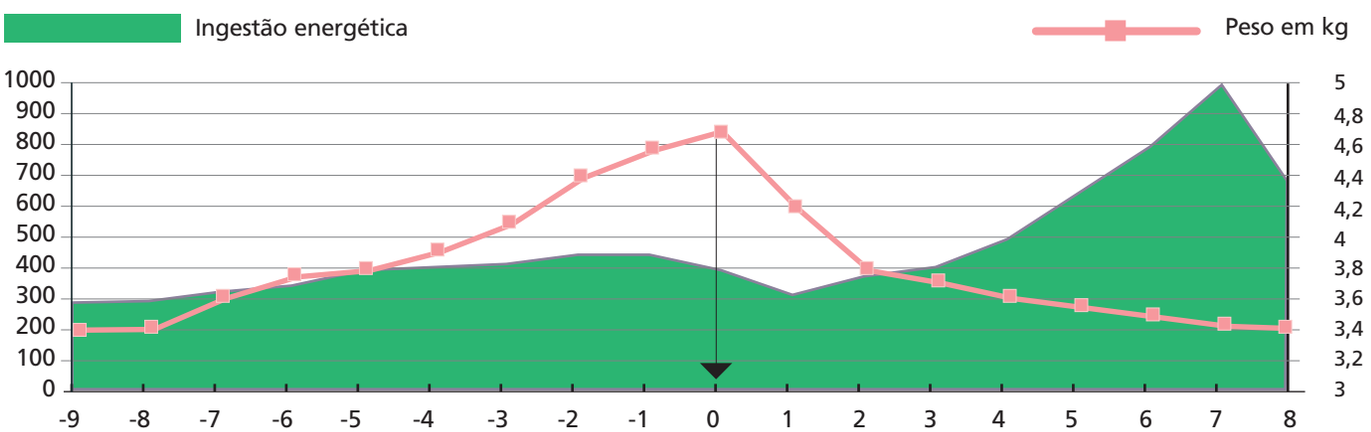
Carnes e subprodutos de frango e perú, farinha de milho, milho, arroz, gordura animal (proteínas de bovino desidratadas), milho, gordura de aves, fígado de aves, farinha de peixes da Escandinávia, levedura de cerveja, polpa de beterraba, fibras de milho, óleo de soja, ovo desidratado, DL-metionina e sais minerais

QUANTIDADES DIÁRIAS ACONSELHADAS

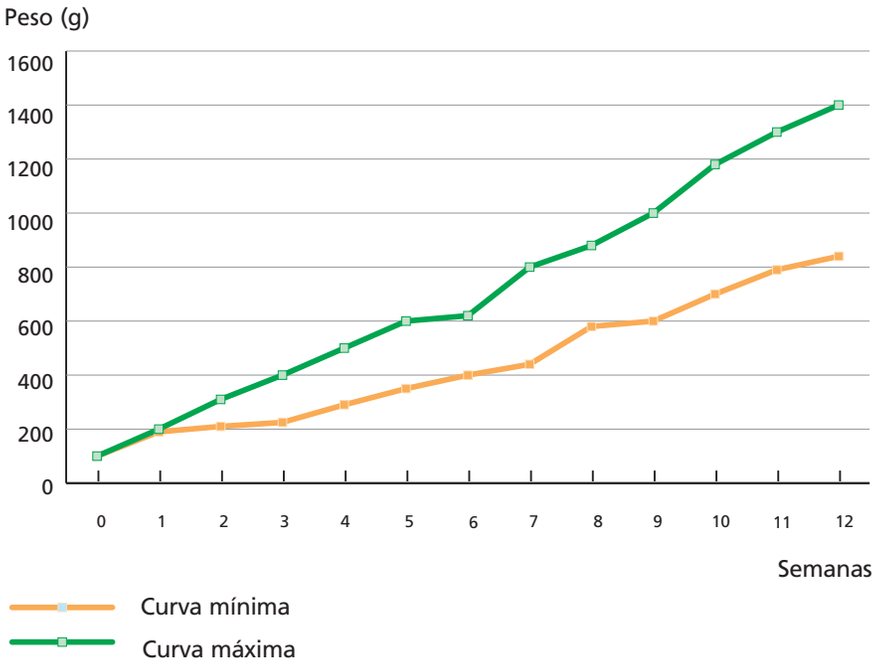
GATA EM GESTAÇÃO	
Até à 5ª semana	70 – 90 g
6ª à 9ª semana	90 – 110 g
6ª À 9ª SEMANA	120 – 150 g*

**Estas quantidades são indicativas*
Recomenda-se uma administração de alimentos "ad libitum" às gatas em lactação

EVOLUÇÃO DO PESO E CONSUMO ENERGÉTICO DE UMA GATA NO PERÍODO DE REPRODUÇÃO



Crescimento dos gatinhos até ao desmame
(Segundo Festing, Humi, Rosenstein)



O gatinho em crescimento

O período de amamentação dura entre 5 e 7 semanas. Inicialmente os gatinhos consomem o "primeiro leite" ou colostro, rico em anticorpos, essencial para uma defesa precoce contra as doenças infecciosas. O crescimento dos gatinhos é muito rápido: aumentam aproximadamente 10 a 15 g por dia e no espaço de 10 dias duplicam o seu peso à nascença. Quando atingem as 7 ou 8 semanas de idade, pesam cinco a sete vezes mais do que ao nascimento. É bastante útil pesar as crias diariamente e à mesma hora. Uma eventual estagnação ou queda de peso deve implicar o recurso a uma suplementação láctea. Este procedimento deve também ser realizado se as crias miarem muito. O leite de vaca é completamente inadequado para este efeito, porque é demasiado rico em lactose e possui um teor energético insuficiente (Consultar o capítulo "Grandes Etapas da Vida").
Existem leites de substituição comerciais perfeitamente adaptados para gatinhos. Trata-se no entanto de uma tarefa fastidiosa e repetitiva.

O leite pode ser administrado através de um biberão (mantendo o gatinho de pé) ou por intermédio de um tubo de borracha flexível introduzido no estômago (Nota: esta técnica está reservada aos veterinários e aos criadores credenciados).
A higiene dos biberões e tetinas deve ser rigorosa, uma vez que durante este período o gatinho é muito sensível às proliferações bacterianas responsáveis por diarreias.

Base de cálculo para a dosagem média de um gatinho até ao desmame
(Segundo Baines, Cornell Univ. Monsom.)

	Peso médio do gatinho (kg)	Necessidades energéticas (kcal/kg)	Necessidades energéticas (kcal)	Quantidade de leite/dia * (ml)	Quantidade de leite/ refeição x número de refeições
Semana 1	100 a 200 g	400 a 380	40 a 75	35 a 70	(6 - 12 ml) x 6 - 7 refeições
Semana 2	200 a 250 g	380 a 350	75 a 90	70 a 80	12 ml x 6 refeições o 16 ml x 5 refeições
Semana 3	250 a 350 g	350 a 300	90 a 100	80 a 100	16 ml x 5 refeições o 25 ml x 4 refeições
Semana 4	350 a 470 g	300 a 250	110 a 120	100 a 110	(25 - 27 ml) x 4 refeições

** Para um valor energético do leite de aproximadamente 110 kcal/100 ml*

Comparação entre as composições médias do leite de vaca e de gata
(Segundo Zottmann)

Análises	Matéria seca (% bruto)	Proteínas (% matéria seca)	Gorduras (% matéria seca)	Lactose (% matéria seca)
Leite de gata	20-25	35-42	26-42	13-17
Leite de vaca	12-13	24-38	28-30	35-39

O desmame

O desmame deverá ser feito de forma progressiva. A partir do momento em que os gatinhos atinjam as 3 semanas de idade, poderá ser administrado um alimento sólido específico. Neste estágio, o consumo é mínimo, mas vai aumentando progressivamente, facto que irá aliviar a mãe. De início, para tornar este alimento mais apetecível, poderá ser misturado com um leite de substituição.

A gata começa a abandonar espontaneamente as crias quando estas atingem as 5 semanas de vida. Se o alimento para gatinhos tiver sido precocemente adoptado, os gatinhos consumi-lo-ão com facilidade e a transição processar-se-á sem problemas. Em contrapartida, as crias excessivamente dependentes da mãe passarão por um défice energético que terá como consequência um atraso de crescimento.

À medida que se processa o desmame, recomenda-se que a gata seja progressivamente separada dos gatinhos, para que estes possam ter livre acesso ao alimento. Seguidamente, os gatinhos apenas deverão permanecer junto à mãe durante a noite. Uma vez desmamados, por volta das 7-8 semanas de idade, os gatinhos devem ser transferidos para outro ambiente.

Para facilitar a secagem do leite da gata, é aconselhável o jejum e um aporte limitado de água durante 24h.

Consumo alimentar dos gatinhos

A única necessidade da alimentação dos gatinhos é a transição do alimento líquido para o alimento sólido, uma vez que o alimento administrado à mãe está perfeitamente adaptado às crias. Este alimento possui um elevado teor de proteínas de boa qualidade, uma forte concentração energética, e é rico em cálcio e vitaminas.
As capacidades digestivas dos gatinhos são alteradas durante as primeiras semanas de vida: a digestão da lactose, o principal açucar do leite, diminui progressivamente, e os animais começam lentamente a assimilar o amido dos cereais.
No entanto, esta alteração é progressiva. Para evitar a ocorrência de diarreias de desmame, é recomendado um alimento que contenha menos de 30% de amido na matéria seca. Estas diarreias são muito prejudiciais, pois retardam o crescimento e causam desidratação, o que tem consequências por vezes dramáticas nos animais jovens.

GATINHOS DURANTE O DESMAME: EXEMPLO DE UM ALIMENTO SECO NUTRICIONAL COMPLETO

VALORES-CHAVE	
Proteína (%)	34
% de proteínas animais	92
Gorduras (%)	20
Energia metabolizável (kcal/kg)	4.200
Magnésio (%)	0,08
Taurina (%)	0,25
Digestibilidade (%)	86

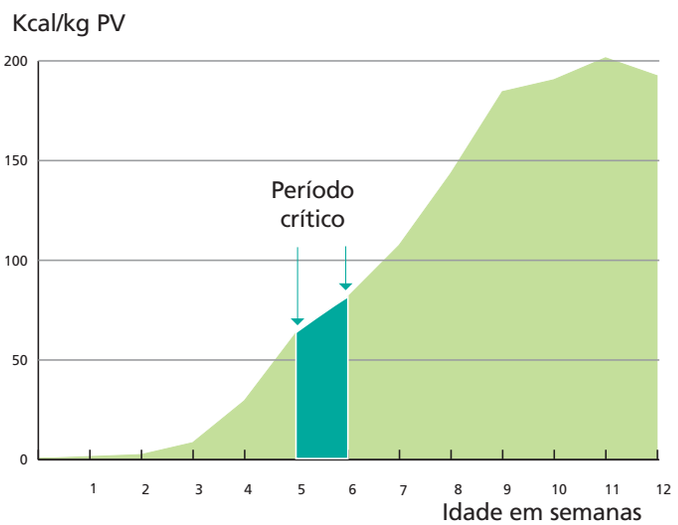
INGREDIENTES:

Carnes e subprodutos de frango e peru, farinha de milho, milho, gordura de aves, fígado de aves, farinha de peixes da Escandinávia, levedura de cerveja, polpa de beterraba, fibras de milho, óleo de soja, ovo desidratado, DL-metionina, L-lisina e sais minerais

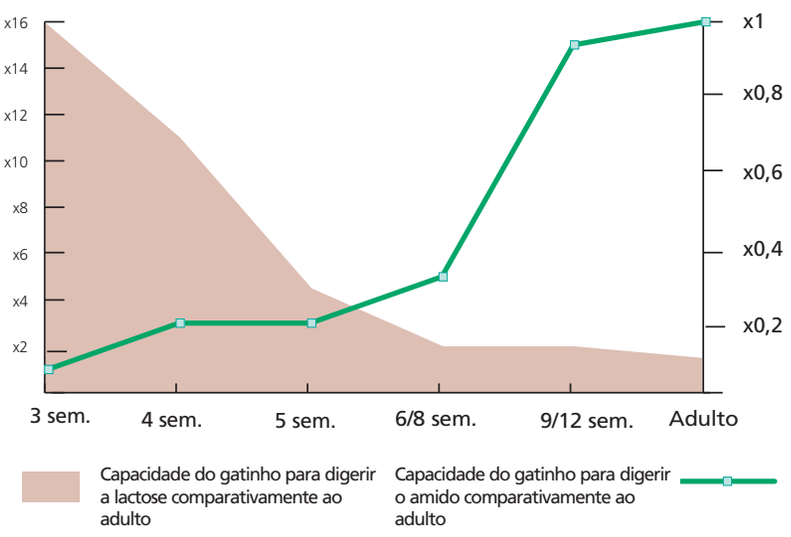
QUANTIDADES DIÁRIAS ACONSELHADAS

IDADE (EM MESES)	PESO (EM KG)	GRAMAS/DIA	
		MIN.	MAX.
Desmame	0,6	30	40
2	0,8	40	50
4	2,	55	65
6	2,9	65	75
9	3,3	75	85
12	4,0	65	80

CONSUMO DE ALIMENTOS SÓLIDOS PELOS GATINHOS
Segundo Legrand-Defrein



EVOLUÇÃO DA CAPACIDADE DO GATINHO PARA DIGERIR OS GLÚCIDOS COMPARATIVAMENTE AO ANIMAL ADULTO
Segundo Kienzle



GATO IDOSO: EXEMPLO DE UM ALIMENTO SECO NUTRICIONAL COMPLETO

VALORES-CHAVE	
Proteína (%)	28
% de proteínas animais	84
Gorduras (%)	23
Energia metabolizável (kcal/kg)	4.400
Magnésio (%)	0,08
Taurina (%)	0,15
Fósforo (%)	0,6
DIGESTIBILIDADE (%)	86

Ingredientes:
Gordura de aves, carnes e subprodutos de frango e peru, arroz, glúten de milho, farinha de milho, milho, fígado de aves, farinha de peixes da Escandinávia, levedura de cerveja, polpa de beterraba, fibras de milho, óleo de soja, ovo desidratado, DL-metionina, óleo de borragem e sais minerais (entre os quais ferro, cobre, zinco e manganésio quelatados).

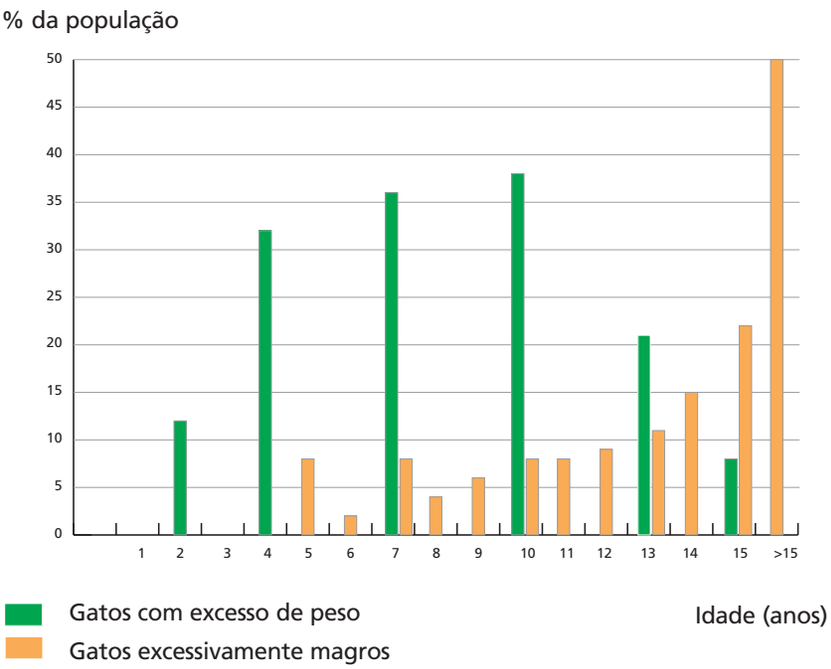
QUANTIDADES DIÁRIAS RECOMENDADAS

PESO (EM KG)	MAGRO GRAMAS/DIA MIN.	MAGRO GRAMAS/DIA MÁX.	PESO IDEAL GRAMS/DIA MIN.	PESO IDEAL GRAMS/DIA MAX.	OBESO GRAMAS/DIA MIN.	OBESO GRAMAS/DIA MAX.
2-3	30	50	25	45	-	-
3-5	50	75	40	65	30	55
5-7	65	100	55	90	45	75

Tendo em conta a facilidade da utilização dos alimentos secos, recomenda-se a sua administração desde muito cedo, humedecendo-os primeiro com leite de substituição e seguidamente com um caldo de carne ou simplesmente água. A competição entre as crias favorece este tipo de alimentação, desde que o recipiente seja suficientemente grande para que cada um dos animais possa ter livre acesso ao alimento. Devem ser fornecidas 3 a 5 refeições diárias. A quantidade de líquido adicionado aos croquetes deverá diminuir progressivamente de modo a ser nula no final do desmame. Os gatinhos devem ter sempre à disposição água fresca e limpa.

O alimento de desmame, acima de tudo, deve ser muito energético: às 8 semanas um gatinho consome 3 vezes mais energia por kg de peso do que um adulto. Esta necessidade pode ser traduzida em 30 a 50 g de croquetes "especiais para gatinhos" por dia, em função do peso e da raça. As necessidades continuam a ser muito elevadas até às 12 semanas de vida, diminuindo depois progressivamente, visto que o animal entra num período de crescimento mais lento. De qualquer forma, o alimento especialmente concebido para a fase de crescimento deve ser administrado até ao ano de idade, altura em que o gato termina o seu crescimento e passa a ser considerado um animal adulto.

DISTRIBUIÇÃO DOS GATOS QUE NÃO POSSUEM UM PESO IDEAL NA POPULAÇÃO FELINA



O gato idoso

Os cuidados médicos e a alimentação especializada têm contribuído nos últimos anos para o aumento da esperança de vida deste animal. A longevidade média é de 14 anos, mas não é raro encontrar gatos com mais de 20 anos. O recorde absoluto é de 30 anos.
Os gatos idosos possuem necessidades nutricionais diferentes das dos animais mais jovens. São mais susceptíveis a determinadas afecções, tais como: insuficiência renal crónica, doenças da cavidade bucal, tumores, degenerações ósseas ou musculares e *diabetes mellitus*. Muito embora não possam ser curadas, grande parte destas doenças podem, pelo menos, ser atenuadas ou evitadas através da alimentação.

Nutrientes adaptados: o envelhecimento é um fenómeno muito complexo, no qual há um aumento de radicais livres. O animal consegue defender-se destes radicais graças à presença de substâncias anti-oxidantes. O envelhecimento é responsável pela diminuição das defesas do animal. O organismo pode ser auxiliado através de uma alimentação rica em vitaminas E e C. A vitamina C pode ter um efeito protector contra as doenças da cavidade oral, enquanto que a vitamina E limita a produção de radicais livres, atenuando o efeito do envelhecimento. Estas duas vitaminas também estimulam as defesas imunitárias. Por esta razão, o seu aporte deve ser multiplicado por 5 ou 6 vezes a partir dos 10 anos. São necessárias outras medidas nutricionais: recomenda-se uma alimentação concentrada em energia, uma vez que o apetite e a absorção diminuem com a idade do animal. Revelar-se-á também de grande utilidade a elevada apetência do alimento e uma textura dos croquetes menos dura para evitar dor durante a mastigação. A comunidade científica esteve em dúvida quanto à eventual necessidade de reduzir o teor de proteínas do alimento. Várias investigações demonstraram que esta medida de forma alguma consegue retardar o envelhecimento dos rins e apenas favorece o enfraquecimento muscular e debilita o sistema imunitá-

rio do animal. Em contrapartida, é aconselhável a diminuição do teor de fósforo. Do mesmo modo, a partir de uma certa idade, é conveniente evitar os alimentos que acidificam a urina, visto que favorecem o desenvolvimento de cálculos de oxalato, os quais são mais frequentes nos gatos idosos.

Um caso especial: o gato esterilizado e o risco de obesidade

A esterilização dos gatos é uma prática muito comum. Permite evitar, para além da reprodução, todos os inconvenientes ligados ao comportamento sexual: as vocalizações da fêmea e a demarcação territorial do macho realizada através de substâncias odoríferas. Devido ao facto de ficarem mais calmos e saírem menos de casa, os gatos castrados vivem em média duas vezes mais do que os animais inteiros. No entanto, tanto ao nível dos machos como das fêmeas, a esterilização tem 2 consequências: a necessidade energética diminui e o consumo voluntário aumenta 26% nos machos e 18% nas fêmeas. Assim, se os animais forem alimentados "ad libitum" após a esterilização, vão sofrer um aumento de peso da ordem dos 26%.

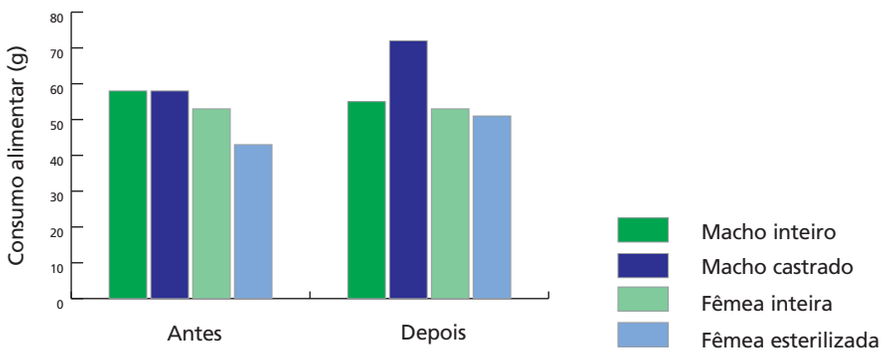
Este aumento de peso, que conduz finalmente à instalação de uma obesidade declarada, está directamente relacionado com o teor de gordura do alimento. Quanto maior for o seu teor de gordura, maior será a apetência do alimento e o seu conteúdo em energia. Ao consumir maiores quantidades de alimento o gato irá consumir mais calorias, apesar das suas necessidades terem diminuído. A energia ingerida em excesso é armazenada sob a forma de gordura. A obesidade tem muitas consequências adversas para a saúde. Os gatos obesos quadruplicam o risco de desenvolverem diabetes, triplicam o risco de aparecimento de problemas de locomoção e duplicam o risco das infecções cutâneas não alérgicas.

Para além disso, e como resultado do aumento de esperança de vida dos gatos esterilizados, a esterilização, a longo prazo, apresenta algumas consequências tais como a maior incidência de cálculos urinários (Consultar o capítulo "Nutrição e Saúde").

Como tal, a alimentação do gato deve ser modificada após a esterilização. O gato esterilizado deverá receber um alimento com um teor

A esterilização é um acto de civismo, na medida em que permite lutar contra a superpopulação felina. A descendência de uma gata pode resultar em 220 indivíduos em apenas 24 meses. Para além disso, os gatos esterilizados, e como tal desprovidos de comportamento sexual, evidenciam uma tendência menor para deambular no exterior. Este facto aumenta a sua esperança de vida, uma vez que passam a estar menos expostos às doenças contagiosas transmitidas por outros gatos, como também ficam menos expostos à circulação rodoviária.

INGESTÃO ALIMENTAR MÉDIA (EM GRAMAS) DOS GATOS ANTES E 3 MESES APÓS A ESTERILIZAÇÃO OU NÃO ESTERILIZAÇÃO



COMO E QUANDO ESTERILIZAR ?

A esterilização do gato é uma prática quase diária para um Médico Veterinário. Contudo, nem todos usam o mesmo procedimento. A laqueação das trompas e a vasectomia não têm qualquer interesse na medida em que não modificam os comportamentos indesejáveis causados pelas hormonas. Não foi ainda determinada com uma certeza absoluta qual a idade ideal para a esterilização. Contudo, é habitualmente realizada entre os 6 e os 12 meses de idade, altura em que o comportamento sexual ainda não se encontra totalmente estabelecido. A esterilização relativamente precoce (entre os 6 – 8 meses na gata) reduz o risco de uma primeira ninhada não desejada. Na Europa, os veterinários preferem realizar uma ovariectomia (remoção dos ovários) , enquanto que nos Estados Unidos a ovariohisterectomia é o procedimento de escolha (remoção dos ovários e do útero). Este último, apesar de ser um método mais invasivo, evita o risco de uma futura infecção uterina. Contudo, esta patologia é muito rara nas fêmeas que foram sujeitas a uma ovariectomia. Nos Estados Unidos, existe actualmente um grande debate a nível da comunidade científica, quanto ao interesse de uma esterilização "ultra-precoce" dos gatos machos e fêmeas, realizada entre a 12ª e a 14ª semana. Esta abordagem não parece implicar efeitos adversos comportamentais ou médicos, nem afectar o crescimento. Pelo contrário, os animais castrados logo em jovens podem adquirir um tamanho ligeiramente superior aos gatos inteiros. No entanto, observamos que o alimento para gatinhos deve ser dado até ao final da fase de crescimento, seja qual for a idade em que seja praticada a esterilização. Neste contexto específico, os riscos de obesidade podem aumentar. As mentalidades certamente irão evoluir, mas os métodos europeus de esterilização praticados actualmente são satisfatórios.

A alimentação apropriada para um gato esterilizado varia com a idade. A partir da castração e até aos 5 anos, dever-se-á administrar um alimento que contenha aproximadamente 10% de gordura, que origine um pH urinário da ordem dos 6,2 e que contenha um teor de fósforo de 1%. Dos 6 aos 9 anos, a quantidade de matéria gorda deverá ser idêntica. Pretende-se um pH urinário ligeiramente superior, cerca de 6,6. O alimento deverá ser enriquecido com vitamina E. No caso dos gatos com mais de 10 anos, com tendência para perder peso, a quantidade de gordura deverá ser aumentada para 16%. Neste caso, o alimento deve favorecer a neutralidade do pH urinário, a fim de combater a formação de cálculos de oxalato, observáveis sobretudo nos animais mais velhos. O fósforo deverá ser reduzido para 0,6% , valor que preserva a função renal e as quantidades de vitamina E devem ser aumentadas.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE UM ALIMENTO NUTRICIONAL SECO PARA GATOS ESTERILIZADOS

	ADULTO JOVEM	GATO MATURO	GATO IDOSO
Idade	Esterilização - 5 anos	6 - 9 anos	+ de 10 anos
Energia (kcal/kg)/MG (%)	3.500 kcal/ 10%	3500 kcal/ 10%	4000 kcal/ 16%
pH urinário	6,2 (variações: 6,0-6,4)	6,6 (variações: 6,4-6,8)	7,0 (variações: 6,8-7,2)
Citrato de potássio	-	+	+
Fósforo (%)	1,0	0,8	0,6
Vitamina E	-	+	+
Óleo de borragem	-	+	+

de gorduras inferior a 10% e a quantidade fornecida deve ser controlada de modo a evitar um consumo excessivo.

Nas semanas que antecedem a esterilização, o novo alimento deve ser introduzido gradualmente para preparar o animal, evitando adicionar ao stress inerente à cirurgia o de uma modificação alimentar, que no entanto é indispensável para diminuir o risco de obesidade.

Nutrição e saúde

Uma vez abordada as necessidades alimentares dos gatos saudáveis, convirá agora debruçarmo-nos sobre o papel da alimentação na prevenção e tratamento de algumas afecções.
É fundamental banir as práticas nutricionais de risco. Um gato jovem, saudável, que consuma um teor muito elevado de gorduras corre o risco de se tornar obeso.
Uma alimentação apenas à base "de fígado" (que o gato adora) leva invariavelmente a perturbações ósseas e articulares por excesso de vitamina A, podendo provocar a união das vértebras da coluna vertebral.
Um gato obeso submetido a jejum repentino, ainda que moderado, corre um risco acentuado de lipidose hepática. Alterações frequentes ao nível da alimentação provocam problemas digestivos: vómitos e diarreias.

A obesidade diminui a esperança média de vida. É observada sobretudo nos gatos adultos, a partir dos 10 anos de idade.

A lipidose hepática

A lipidose hepática felina (também denominada "fígado gordo") é uma doença na qual se observa uma acumulação de gorduras no fígado, capaz de interferir com o normal funcionamento do órgão. É a mais frequente das doenças hepáticas nos Estados Unidos, país que conta com a maior proporção de gatos obesos ao nível da população felina. É observada principalmente em gatos entre os 4 e os 12 anos de idade. Os mais susceptíveis são os esterilizados, sobretudo as fêmeas, visto que é a população mais exposta à obesidade. Com efeito, esta doença desenvolve-se quando um gato obeso deixa de se alimentar. A anorexia, que alguns comparam à anorexia psicológica detectada na espécie humana, pode ser desencadeada pelo stress: diversas doenças, mudança de hábitos ou de casa, a chegada de um novo animal ou de outro ser humano, e também devido a uma mudança brusca na alimentação. De facto, o gato caracteriza-se pela particularidade de não consumir aquilo de que não gosta: ao contrário do cão, pode "morrer à fome" diante de um comedouro cheio. Se existirem vários animais em casa, esta anorexia pode passar despercebida, tanto mais que o animal mantém o seu entusiasmo. Por vezes o dono poderá constatar um ligeiro emagrecimento, que eventualmente até será do seu agrado. No entanto, a diminuição de peso corresponde tanto a uma perda de massa gorda como também de massa muscular, pois a renovação das proteínas corporais não é compensada pelas que são ingeridas. Após alguns dias ou semanas de anorexia, o fígado deixa de funcionar e surgem os sinais de lipidose hepática: icterícia, encefalopatia hepática (olhar vazio, salivação excessiva), seguida em poucos dias por coma e a consequente morte do animal. O diagnóstico confirmativo requer uma biópsia ao fígado, uma vez que os sinais não são específicos, correspondendo apenas a um bloqueio do funcionamento do órgão.

O tratamento deve ser realizado sob a orientação de um Médico Veterinário. É essencialmente do foro nutricional e consiste em alimentar o animal à força, através de uma seringa ou de uma sonda naso-gástrica, com um alimento líquido específico, até que o gato readquira o apetite de forma espontânea. Geralmente, o gato volta a alimentar-se espontaneamente ao fim de 2 ou 3 semanas. O retorno à alimentação (líquida e sólida) deve ser gradual, através do fornecimento de pequenas refeições. O prognóstico será favorável se a doença for detectada precocemente e se o tratamento for apropriado.

A prevenção desta doença requer a vigilância adequada de um gato obeso que esteja a perder peso. É importante verificar o apetite do animal aquando da adopção de um novo regime alimentar. Para além disso, qualquer alteração alimentar deve ser progressiva, substituindo a alimentação anterior pela nova, de forma gradual e no espaço de 15 dias.

As alergias alimentares

A alergia alimentar corresponde à intolerância do organismo a uma substância reconhecida como estranha, a qual é normalmente absorvida por um gato saudável. Alguns alimentos não são "reconhecidos" pelo sistema imunitário, que desencadeia então uma reacção de rejeição. Na maioria dos casos trata-se de proteínas. A alergia alimentar traduz-se essencialmente por um prurido intenso, particularmente na cabeça, orelhas, pescoço e membros anteriores. Também pode estar associada a perturbações digestivas (vómitos, diarreias e dores abdominais).

Estas alergias são muito raras e no gato representam apenas 1% das afecções cutâneas. É importante não confundir alergias alimentares com intolerâncias alimentares, as quais não desencadeiam uma resposta imunitária (intolerância à lactose do leite, à histamina presente nos alimentos de baixa qualidade, a fermentações excessivas no intestino grosso, etc).

O diagnóstico da alergia alimentar é extremamente difícil, pois é preciso identificar o alimento específico que causa os sintomas. Assim, o gato deve ser alimentado com um alimento composto por um número restrito de ingredientes que não figuram na alimentação normal. A carne de borrego e cavalo, raramente utilizadas nos alimentos comuns, fazem parte deste tipo de alimentos. Se os sintomas desaparecerem (o que pode levar várias semanas ou vários meses), poder-se-á recorrer a um teste de indução que consiste em introduzir o alimento antigo. Se os sintomas regressarem em menos de uma semana, a alergia alimentar é confirmada.

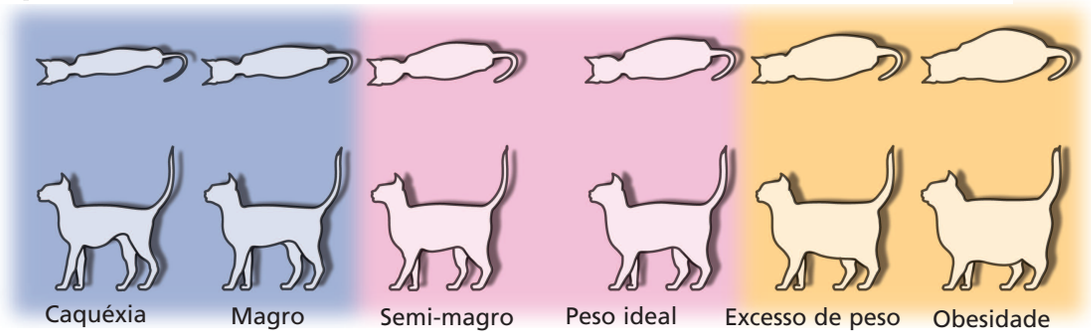
O tratamento consiste em adoptar uma alimentação hipoalergénica.

Alteração uma vez aberta a embalagem

Acabemos de vez com uma velha crença: os croquetes não provocam cálculos urinários! No entanto, ainda que a incidência seja bastante reduzida (1%), é um facto que o gato é mais susceptível ao aparecimento de cálculos urinários do que outras espécies. Os conhecimentos nesta área progrediram bastante nos últimos anos. Hoje em dia, é um dado adquirido que existem vários tipos de cálculos uriná-

É importante que os gatos conservem o seu peso ideal. Se por um lado o risco de uma obesidade aumenta por volta dos 7 anos, um gato com mais de 10 anos tem tendência para emagrecer. Poder-se-á assim aumentar o teor de gorduras sem qualquer inconveniente, mantendo o teor de proteínas num nível suficiente.

ESCALA QUE INDICA A CONDIÇÃO FÍSICA DO GATO
Segundo Scarlett



rios no gato. Assim, a abordagem nutricional para o tratamento destas afecções varia com a composição do cálculo.
Recordamos que um problema urinário não significa obrigatoriamente a presença de cálculos: as doenças renais ou inflamações da bexiga (de origem bacteriana ou tumoral) são causas igualmente frequentes.
Os sintomas que acompanham a presença de cálculos urinários concorrem para o aparecimento do "síndrome urológico felino", termo antigo que hoje é designado por doença do aparelho urinário inferior. Os sintomas observados são bastante característicos: micções frequentes, difíceis e dolorosas e vestígios de sangue na urina. O percurso do cálculo através das vias urinárias inferiores pode provocar a obstrução da uretra. Neste caso, o animal deixa de conseguir urinar e, se não for tratado atempadamente, morre no espaço de 24 a 48 horas.

Urolitíase por estruvite: os cálculos de fosfato amónio-magnesiano, ou cálculos de estruvite, eram indiscutivelmente os mais frequentes antes dos anos 90, época em que a maioria dos fabricantes reviu a composição dos seus alimentos. Surgem em gatos relativamente jovens, entre 1 e 6 anos, fêmeas e machos. Estes últimos, devido à sua conformação anatómica, têm maior dificuldade em eliminar os cálculos de forma espontânea. Os gatos castrados, sedentários, obesos e pouco activos geralmente urinam com menor frequência, o que os predispõe a uma estase urinária propícia à formação de cálculos.

O pH da urina é de longe o principal factor para a formação de cálculos de estruvite. A urina ligeiramente ácida (pH inferior a 6,5) impede a formação de cálculos. Pelo contrário, uma urina alcalina favorece a precipitação de minerais, principalmente se houver uma elevada concentração de magnésio. As recomendações nutricionais são simples: o alimento deve promover a acidificação da urina e conter uma quantidade limitada de magnésio (menos de 400 mg/l 000 kcal). As proteínas determinam o grau de acidificação: as de origem animal possuem geralmente um papel acidificante, ao contrário da maioria das proteínas de origem vegetal. Poder-se-á também recorrer a agentes acidificantes como a metionina, cloreto de amónia ou ácido fosfórico, dos quais este último parece ser o mais seguro. No entanto, a acidificação urinária não deve ser excessiva. Uma acidose crónica num gato adulto pode originar perdas de potássio. Finalmente, nas etapas iniciais e finais da vida, a acidificação da urina está desaconselhada. Nos gatinhos, pode provocar atrasos de crescimento e dar origem a uma desmineralização óssea. No gato com mais de 10 anos, o tipo de cálculos observados é diferente e, como tal, o objectivo é alcalinizar a urina.

Urolitíase por oxalatos: antigamente os cálculos de oxalato eram bastante raros, mas a sua incidência tem vindo a aumentar em virtude das medidas preventivas atrás mencionadas. São observados geralmente em gatos mais velhos. Os machos castrados e inteiros são os mais afectados, assim como determinadas raças, como é o caso do Burmês, do Himalaia e do Persa. Estes cálculos desenvolvem-se em urina alcalina, na presença de grandes quantidades de oxalato e de cálcio. Algumas medidas nutricionais favorecem o aparecimento deste tipo de cálculos. Os alimentos ricos em sódio, vitamina D e lactose, e pobres em fibras e fósforo, aumentam a absorção intestinal de cálcio. O alimento ideal não deve acidificar a urina, deverá ser rico em magnésio e pobre em cálcio.

Conciliar os inconciliáveis: as recomendações nutricionais para prevenir a formação de cálculos de estruvite e de oxalato são totalmente opostas. Assim, é preciso encontrar um meio-termo: não administrar agentes acidificantes se o alimento já for ácido, procurar uma acidificação moderada da urina com um pH da ordem de 6,5 e reduzir o pH para a dissolução dos cálculos de estruvite (o que implica proceder à análise dos cálculos antes de se optar pelo tratamento nutricional). Finalmente, deverão ser evitados os alimentos acidificantes nos animais muito jovens ou de idade avançada.

Influência do modo de alimentação: para além da composição do próprio alimento, o modo como o alimento é consumido também tem importância.

A concentração da urina acelera a formação de cálculos, qualquer que seja a sua natureza. Assim, é necessário promover uma diluição máxima da urina para que as micções sejam mais frequentes. Para tal, o gato deverá ter sempre água fresca à disposição (renovada com frequência). A qualidade do alimento é igualmente importante: se o alimento for muito digerível e rico em energia, as perdas de água resultantes da defecação serão mínimas.

Por outro lado, é um facto que durante a digestão, a secreção ácida do estômago provoca a alcalinização da urina. Quanto mais volumosa for a refeição, maior será este efeito.

Por essa razão, recomenda-se a administração de várias refeições pequenas. O consumo livre de alimentos secos (dentro do limite de dosagem diária prescrita), leva o gato a beber com maior frequência, o que promove uma acidez urinária mais estável. Por último, nas épocas de maior calor é aconselhável que o gato tenha acesso a um local mais fresco, pois o seu pH urinário aumenta nitidamente em condições climatéricas extremas.

O paladar no gato

Se por um lado o olfacto é muito mais desenvolvido nos carnívoros domésticos do que no homem, o mesmo não se aplica ao paladar.

O paladar não é mais do que uma sensação que é percebida pela estimulação de receptores (células sensoriais) localizados sobretudo na língua, mas também na boca e na faringe. Desta forma, o animal pode avaliar a apetência do alimento e recusar um alimento tóxico, geralmente caracterizado por um sabor amargo. O paladar estimula as secreções salivares, pancreáticas e gástricas, proporcionando uma sensação de bem-estar.

Esses receptores, denominados "corpúsculos gustativos", estão situados na face superior da língua, no palato, na epiglote e na faringe. Ao nível da língua, os corpúsculos estão inseridos em formações denominadas "papilas". Existem quatro tipos de papilas: filiformes, fungiformes, valadas e foliadas. As papilas filiformes estão situadas na face superior da língua e não possuem uma função gustativa. Por possuírem uma sensibilidade táctil, permitem o reconhecimento da textura do alimento.

O número de corpúsculos gustativos varia bastante consoante a espécie. O cão possui uma quantidade muito superior à do gato, mas bastante menor que a do homem.
Este "handicap" é largamente compensado por um olfacto muito desenvolvido.

Na base dos corpúsculos gustativos encontram-se fibras nervosas que estão ligadas a três nervos: o glossofaríngeo, o facial e o vago. As informações recolhidas são transmitidas a uma parte especial do cérebro, o tálamo.

Os sabores

Pensa-se actualmente que os nossos carnívoros domésticos conseguem distinguir os sabores doces, ácidos, salgados e amargos, ainda que este postulado seja um pouco teórico. Em todo o caso, é bastante prático para determinar a sensibilidade aos sabores. Os estudos procederam à análise dos comportamentos de preferência do gato entre dois alimentos diferentes.
- Sabor doce: contrariamente aos outros mamíferos, o gato mostra-se pouco atraído pelo sabor doce. Não diferencia a água de uma solução açucarada, mas se o açúcar for diluído numa solução salgada, o gato preferirá a segunda. Na verdade, o gato parece possuir fibras gustativas sensíveis à água que mascaram os sabores adocicados.
- Sabor ácido: os receptores dos sabores ácidos estão espalhados pela língua. Uma acidez muito acentuada leva à rejeição do alimento.
- Sabor salgado: o gato possui um limiar de percepção do sabor salgado maior do que o das outras espécies e, como tal, suporta os alimentos muito salgados.
- Sabor amargo: a percepção do amargo deve-se à presença de papilas localizadas na zona posterior da língua. O gato é muito sensível aos sabores amargos, os quais caracterizam tipicamente as substâncias tóxicas.

Em função da idade do animal, os alimentos topo de gama permitem uma administração muito precisa de ácidos acidificantes para prevenir os riscos de formação de cálculos de oxalato e de estruvite.

pH Urinário Ideal

Gatinho em fase de crescimento
Do desmame até aos 5 anos: pH 6,2 (variação 6,0 – 6,4)

Gato adulto
Dos 5 aos 9 anos: pH 6,6 (variação 6,4 – 6,8)

Gato idoso
Acima dos 10 anos: pH 7 (variação 6,8 – 7,2)

O gato, gastrónomo apurado, é muito exigente quanto ao tipo de recipiente. Prefere o vidro, a faiança ou a porcelana ao aço inoxidável ou ao plástico. O comedouro não deverá ser muito fundo (os comedouros para cães não são adequados ao gato). Finalmente, para lhe proporcionar uma maior satisfação, é aconselhável aquecer rapidamente o alimento no microondas.

De forma geral, podemos afirmar que o gato é mais difícil do que o cão. É por este motivo que as empresas de alimentos industriais realizam testes exaustivos de apetência para obter uma composição adequada.

PALADAR POUCO "APURADO"

Número de papilas gustativas em função da espécie

Frango	24
Pato	200
Gato	**473**
Cão	1706
Homem	9000
Porco	15000
Cabra	15000
Coelho	17000
Vitela	25000

Existem variações individuais quanto à percepção destes sabores. Alguns autores propuseram classificações distintas. No seu entender, o gato está dotado de um sistema, denominado nucleotídico. Uma vez que os nucleótidos estão presentes na carne, não é surpreendente que os gatos tenham preferência por produtos à base de carne.

A modificação do paladar

Diferentes factores podem modificar a natureza das percepções gustativas: a idade diminui a acuidade do paladar e diversas doenças podem modificá-lo (muito embora estes estudos tenham sido efectuados apenas a nível humano). Alguns medicamentos, tais como as tetraciclinas, podem também alterar o paladar. Em relação ao alimento propriamente dito, constata-se que um ligeiro aquecimento do alimento húmido favorece o seu consumo. Acredita-se que este aquecimento diminui os sabores salgado e amargo.

As preferências alimentares

As preferências alimentares do gato resultam de experiências adquiridas. Assim, quando uma cria começa a alimentar-se sozinha durante o desmame, prefere invariavelmente o alimento consumido pela mãe. Em contrapartida, se um alimento novo for apresentado a um gato em stress provoca um fenómeno a que se dá o nome de "neofobia": o animal recusa este alimento porque o seu sabor está associado a uma experiência desagradável. A neofobia deve ser distinguida da aversão, que corresponde à recusa de um alimento que tenha provocado mal-estar ao animal.

Por último, convirá recordar os factores que levam à preferência de um alimento em detrimento de outro. O gato prefere as matérias-primas de origem animal em relação às de origem vegetal. A preferência pelo peixe em relação à carne é muito variável, dependendo do indivíduo. Apesar dos gatos se mostrarem pouco sensíveis ao teor de gorduras do alimento, a presença destas influencia a textura e a granulometria dos alimentos: detestam partículas alimentares muito pequenas.

UM OLFACTO MUITO BEM DESENVOLVIDO

Espécie	Mucosa olfactiva	Zona cerebral envolvida
Cão (1)	20 – 170 cm^2	10 a 50 vezes maior do que a do homem
Gato	25 cm^2	6 vezes maior do que a do homem
Homem	4 cm^2	

(1) Consoante seja de pequeno ou grande porte

Comportamento alimentar do gato

O comportamento alimentar normal

O gato é por natureza um "petiscador". Se for deixado um alimento à sua disposição, o animal fará 10 a 16 pequenas refeições por dia. A escuridão total inibe a ingestão alimentar. As refeições duram apenas 2 a 3 minutos. Quanto ao consumo de água, o gato bebe em média 10 vezes por dia.

De forma geral, o gato prefere a alimentação industrial às preparações caseiras.

Diversos estudos permitem classificar as preferências dos gatos (muito embora existam grandes variações a nível individual). Mostra-se muito sensível à presença de determinados aminoácidos associados às proteínas animais. O gato é um grande apreciador de fígado, mas em contrapartida é um erro partir do princípio que todos os gatos preferem o peixe à carne. Esta preferência varia bastante de animal para animal. Observa-se também uma correlação entre as suas preferências e o comprimento das cadeias de ácidos gordos. Por exemplo, rejeitam os ácidos gordos de cadeia média contidos nalguns óleos vegetais (ex: côco, palma). No que se refere à textura, as preferências situam-se nos dois extremos: o animal tanto pode optar por uma alimentação extremamente húmida como muito seca. No que se refere à alimentação húmida, a sua escolha recai nas preparações com pedaços, em detrimento das mousses. Apesar de serem carnívoros estritos, os gatos são atraídos por alguns vegetais. Não se trata realmente de uma questão de consumo mas sim de mastigação de diversos produtos vegetais (catária, valeriana, sálvia, menta, oliveira...).

Para além disso, as preferências alimentares parecem ser muito influenciadas pela experiência adquirida na infância: o gato consome por imitação os mesmos alimentos que a mãe e, na maior parte dos casos, dará preferência ao longo da sua vida ao alimento que consumiu desde muito jovem.
A ingestão de líquidos também depende da aprendizagem. A mãe ensina o gatinho a utilizar o bebedouro. Como tal, o gato deverá ter sempre à disposição um recipiente com água fresca.

Patologia do comportamento alimentar

Anorexia: a recusa de ingestão de alimentos é observada num grande número de afecções. O tratamento da doença subjacente nem sempre é suficiente para fazer regressar o apetite. Para além disso, um gato afastado do seu meio ambiente, colocado num gatil ou num hospital, pode igualmente evidenciar anorexia. Nos casos graves, a administração de medicamentos como o Diazepam permite frequentemente estimular o apetite.

Ingestão de objectos não alimentícios: distúrbio comportamental, também designado por "pica". Uma das suas variantes verifica-se apenas em gatos siameses ou burmeses, e consiste na sucção de tecidos, sobretudo de lã. O gato passa o tempo a mastigar a lã com os molares, e na sua ausência, procurará outros materiais como o algodão ou mesmo tecidos sintéticos. Registou-se o caso de um gato cujos donos retiraram do seu alcance todos os materiais têxteis e consequentemente, o animal destruiu um colchão para poder mastigar o recheio. Trata-se de um comportamento geralmente esporádico, mas estes animais conseguem fazer muitos estragos no espaço de alguns minutos. Ainda pouco se sabe acerca das razões para estes comportamentos. Sabe-se no entanto que se produzem maioritariamente em situações de jejum e que diminuem se o animal tiver acesso a vegetais ou a uma alimentação seca. Não parece estar relacionado com qualquer tipo de carência, mas regridem quando a alimentação é rica em fibras. Se o comportamento persistir apesar destas medidas puramente dietéticas, recomenda-se embeber uma roupa usada com água-de-colónia ou com um molho apimentado que deverá ser deixada ao alcance do gato. O animal associará de imediato o seu comportamento indesejável a uma experiência gustativa desagradável.
Os gatos manifestam também comportamentos perigosos, que consistem em roer fios eléctricos, cordéis ou linhas. Este último material pode causar obstruções intestinais muito graves. Tal como foi anteriormente referido, apenas o recurso a "técnicas de aversão" permitem acabar com o problema. Finalmente, e de forma mais invulgar, estão descritos comportamentos anormais de sucção: o animal suga a pele do dono ou os mamilos de um cão ou de um gato. Esta perturbação é bastante diferente da que afecta os "comedores de lã", pois reproduz um comportamento infantil: o gato não mastiga, age antes como uma cria, movimentando os membros anteriores de modo característico.

Aversões alimentares: o gato pode desenvolver uma aversão a determinados tipos de alimentos em virtude de diversos acontecimentos. O caso clássico é a administração de um comprimido no interior de um alimento, para o qual o gato desenvolve uma aversão. Quando o animal sofre de perturbações digestivas (vómitos e diarreias), também tem tendência para recusar os alimentos fornecidos. Este comportamento é igualmente observado no homem, quando este acredita que certos alimentos sejam responsáveis por uma sensação de mal-estar. Trata-se de um "comportamento de adaptação": no seu estado selvagem, o gato recusa-se a consumir presas deterioradas, as quais podem conter endotoxinas.

Predação: não se trata de um verdadeiro distúrbio alimentar, uma vez que o gato, ainda que correctamente alimentado em casa, desenvolve invariavelmente actividades predatórias cujas vítimas são pássaros e roedores. Este comportamento é muito apreciado nas zonas rurais, onde os gatos são frequentemente adoptados com uma finalidade estritamente utilitária. Em contrapartida, os apreciadores de animais que residem em zonas suburbanas preferem evitar que o seu companheiro traga orgulhosamente

Os pássaros são menos vulneráveis se o gato possuir uma coleira com um guizo. Quando o gato persegue roedores ou pássaros de estimação, pode-se recorrer a métodos indutores de aversão. O mais simples será colocar ratoeiras em redor das gaiolas, orientadas de tal forma que o mecanismo dispare caso o gato se aproxime. Alguns autores sugerem o seguinte método: vaporizar obliquamente o gato com um desodorizante corporal duas a três vezes por dia. Os excipientes contidos nestes produtos irritam ligeiramente a mucosa nasal do animal. Em seguida, o mesmo desodorizante deverá ser aspergido em redor das gaiolas dos roedores ou pássaros cobiçados. Desta forma, o gato irá desenvolver uma aversão a esses locais. É importante utilizar um desodorizante diferente do que habitualmente é utilizado pelos dos donos, caso contrário o gato poderá desenvolver uma aversão aos seus proprietários.

para casa as presas capturadas: pássaros, ratos ou mesmo esquilos. Dispomos hoje de métodos que favorecem ou inibem o comportamento predatório.

Para promover o comportamento de caça, selecciona-se uma mãe com talentos provados como caçadora, uma vez que é ela que ensina os filhos a caçar. Estes deverão permanecer o maior tempo possível com a progenitora. É inútil obrigar os animais a jejuar, uma vez que o comportamento predatório não depende da sensação de fome. Pelo contrário, uma abordagem diferente permite inibir os hábitos predatórios. Deve-se então seleccionar pais reputados como maus caçadores e separar os gatinhos da sua mãe logo que possível.

Alimentação caseira ou industrial?

É aconselhável evitar a administração de medicamentos durante as refeições do gato, visto que o animal poderá desenvolver uma aversão "psicológica".

Os apreciadores de gatos gostam de preparar "petiscos" para o seu protegido. É possível, mas nestes casos é fundamental reproduzir o alimento natural do gato, ou seja, incluir os mesmos nutrientes (proteínas, lípidos, glúcidos, vitaminas e minerais) que lhe seriam fornecidos por uma dezena de ratos por dia, sem falar nos pássaros e ervas consumidas!

Hoje em dia, a alimentação industrial constitui a solução mais simples e mais segura para os nossos animais. No entanto, este objectivo não foi alcançado num só dia! Foram necessárias décadas de investigações e progressos constantes para produzir os actuais alimentos topo de gama.

A alimentação caseira

É possível alimentar um gato com uma preparação caseira, ou seja, uma alimentação composta por alimentos frescos. No entanto, esta preparação terá de respeitar algumas regras:

- O alimento deve incluir produtos de origem animal e ser enriquecido com minerais e vitaminas;
- Deve ser equilibrado e conter quantidades suficientes de proteínas e energia;
- Pesar os ingredientes, pelo menos ocasionalmente, para verificar as quantidades administradas;
- Certificar-se que o gato não irá proceder à selecção dos alimentos, consumindo-os na sua totalidade;
- Acrescentar ao alimento base de carne, arroz ou massa, legumes verdes e óleo vegetal, um complemento mineral e vitamínico que contenha cálcio e fósforo na proporção 2:1. Os gatos necessitam de aproximadamente 50 nutrientes. A incorporação de um suplemento vitamínico e mineral especialmente formulado para gatos (disponível nas Clínicas Veterinárias), é a única forma de assegurar que todos os minerais, oligoelementos e vitaminas são incluídos na sua alimentação.

Ingredientes da alimentação caseira

As carnes variam consideravelmente em qualidade. Quanto mais ricas forem em colagénio (tendões, aponevroses), menor será o seu valor nutricional. No que respeita à carne de vaca, deverão ser escolhidos pedaços de qualidade intermédia, como os músculos ou as faceiras da vaca. Poderá também recorrer-se a carne de cavalo. Este tipo de carne poderá ser fornecida crua ou ligeiramente frita, mas não cozida. Por outro lado, a carne de porco deve ser bem cozinhada para evitar eventuais riscos de contaminação parasitária do animal. Quanto às carnes de aves, suportam todo o tipo de

ALIMENTO PARA A MANUTENÇÃO DE UM GATO ADULTO DE 4 KG

QUANTIDADE DIÁRIA	INGREDIENTES
80 g	Carne: bovino com 5% de MG, cavalo, peixes magros
40 g	Legumes verdes: feijão verde, alho francês, cenouras, "courgettes"
1 colher de café	Arroz branco ou massas alimentares cozidas
Quantidade sob prescrição	Complemento vitamínico-mineral (Ca/P=2:1)

Quantidades indicativas para um gato com uma actividade física média. Estas necessidades deveram ser adaptadas em função do tipo de vida do animal.

cozedura e são caracterizadas por possuírem uma boa qualidade de gorduras. Nenhuma destas carnes fornece todas as vitaminas e minerais (especialmente cálcio) necessárias ao gato. O que se deve pensar dos produtos frescos vendidos sob a designação "carne para animais"? Desde que sejam retirados os tendões e as aponevroses, a sua qualidade poderá ser aceitável, mas normalmente contêm uma elevada percentagem de gorduras. O recurso a estes produtos deverá constituir uma situação excepcional.

As vísceras devem ser utilizadas com moderação, nomeadamente o fígado, devido ao seu elevado teor em vitamina A. Contudo, não deve representar mais do que 10% da alimentação do gato. Desde tempos remotos que os pulmões são fornecidos aos gatos. Trata-se de uma fonte de proteínas de qualidade média que pode ser oferecida ocasionalmente a um gato sedentário, devido ao seu baixo teor energético.

O peixe constitui também uma fonte de proteínas de boa qualidade. Deve obrigatoriamente ser preparado e cozido, uma vez que as vísceras podem conter um factor antagonista da vitamina B1, a "tiaminase", responsável pelo aparecimento de distúrbios nervosos. O inconveniente desta matéria-prima é obviamente o elevado número de espinhas, susceptíveis de se cravarem em qualquer ponto do aparelho digestivo. Os peixes podem ser gordos (com mais de 8% de gordura), tais como a cavala, a sardinha ou o arenque, magros (com menos de 5% de gordura), como o bacalhau, a pescada negra, a raia, a dourada, ou intermédios, como o linguado, a solha e todos os peixes de formato plano.

Os ovos, desde que a clara seja cozida, assim como os lacticínios são fontes de proteínas de boa qualidade. No entanto, existem grandes variações individuais para a capacidade de digerir a lactose, o açúcar do leite. Se por um lado o gatinho possui a enzima lactase em abundância - enzima indispensável à digestão do leite -, o adulto por vezes evidencia intolerância ao leite. Em contrapartida, devido ao facto de não conterem lactose, os iogurtes são sempre bem digeridos e podem contribuir para a conservação da flora intestinal. Por último, os queijos não fermentados são geralmente bem tolerados.

Os cereais fornecem a maior parte da sua energia sob a forma de amido. Devem ser bem cozidos para evitar fermentações intestinais. Os cereais tufados para consumo animal constituem uma boa fonte de energia. O arroz deve ser bem cozido e ter uma consistência pegajosa.

Os legumes fornecem fibras, as quais diluem a energia e aceleram o trânsito digestivo. Infelizmente, o gato geralmente não os aprecia e, como tal, devem ser discretamente incorporados no alimento. As batatas, bem cozidas, só podem ser utilizadas sob a forma de puré. Os legumes secos (grão de bico, feijões) não são aconselhados porque provocam flatulência.

Os complementos de equilíbrio indispensáveis ao alimento caseiro são o óleo alimentar, que deverá ser seleccionado de entre as seguintes variedades: soja, semente de uva e colza. Estes ingredientes são mais ricos em ácidos gordos essenciais (Ómega 6/Ómega 3) do que o óleo de amendoim ou ao azeite. Por fim, um complemento vitamínico-mineral permite suprir o défice da alimentação caseira, especialmente em cálcio e vitaminas liposolúveis.

Os alimentos industriais

Os alimentos industriais apresentam-se sob três formas: húmida, semi-húmida e seca.

Os alimentos húmidos

Contêm 70 a 82% de água. São esterilizados em embalagens estanques. Os ingredientes primários são a carne e os subprodutos cárneos. Podem apresentar diversas texturas às quais o gato se mostra muito sensível. Distinguem-se assim as pastas, os "patés" e os pedaços, estes últimos de tamanho variável. São compostos também por cereais e legumes muito bem cozidos, graças ao processo de esterilização. São complementados por minerais e vitaminas.

Os alimentos semi-húmidos

Contêm 30 a 60% de água. A sua quota de mercado é bastante marginal. São semi-conservas estabilizadas através da incorporação de conservantes tais como glicerol, propilenoglicol ou ácido ascórbico. Este tipo de alimento está apresentado sob a forma de chouriços ou de preparações com aspecto de carne picada.

Alimentos secos (croquetes)

Contêm 7 a 10% de água e 90 a 93% de matéria seca nutricional. Sem qualquer sombra de dúvida representam o futuro da alimentação animal.

Nos Estados Unidos, país de origem dos alimentos comerciais, o mercado é sofisticado e atingiu já um nível de grande maturidade: 70% dos cães e 60% dos gatos são alimentados com produtos industriais, e as preparações caseiras têm vindo a perder terreno regularmente.

De entre os alimentos industrializados, os secos representam 80% das vendas no sector dos cães e 65% no sector dos gatos.

Na Europa, o mercado tem menos 20 anos, mas a curva de crescimento indica que segue o mesmo caminho: actualmente, 41% dos cães e 54,5% dos gatos são alimentados com estes produtos.

Os alimentos secos representam 54% dos alimentos industriais para cães e 22% para gatos. O consumo aumentou 4% em termos de volume e 8% em valor absoluto para os alimentos secos para cão; 8% em volume e 16% em valor absoluto para os alimentos secos para gatos.

Os alimentos húmidos (conservas) experimentaram uma regressão de 3% por ano em volume e estagnaram em termos de valor absoluto.

De entre os alimentos secos, os alimentos nutricionais topo de gama crescem a um ritmo anual superior a 20%. Diversos factores explicam a opção dos consumidores pelos alimentos secos, particularmente os de qualidade elevada:

• **A performance e economia:** são perfeitamente equilibrados e suas propostas "nutricionais" estão adaptadas às necessidades específicas de cada animal: contêm mais 90% de matéria seca nutritiva.

Com um peso idêntico, alimenta 4,7 vezes mais do que um alimento húmido (70 a 82% de humidade), representando um custo de utilização (custo da ração de _0,30 a 0,45/dia para um produto seco topo de gama) 3 vezes menor do que os alimentos húmidos, e nitidamente inferior ao das preparações caseiras.

• **Garantia de quem os prescreve:** em França, 90% dos criadores sugerem a utilização do alimento seco e cerca de 85% das vendas realizadas nas clínicas veterinárias são de alimentos secos.

• **Ergonomia e muito prático:** trata-se de um argumento importante a favor do alimento seco; uma vez aberto, conserva-se durante mais tempo, a sua dosagem é fácil e não exige qualquer preparação. O transporte é menos incómodo e as condições de armazenamento são simples.

Os diversos alimentos industriais e o seu modo de distribuição

Alimentos fisiológicos, cuja função é alimentar o animal

• Alimentos standard

Esta classe reúne todos os alimentos que suprem as necessidades básicas do gato, independentemente da sua idade e actividade física, sem procurar dar resposta a necessidades específicas. Nalguns casos, o nível de digestibilidade é adequado (80%) e a apetência é satisfatória.

Este tipo de alimentos encontra-se à venda principalmente nas grandes superfícies (hiper e supermercados), com uma predominância de alimentos húmidos e standard.

A GÉNESE DE UM ALIMENTO INDUSTRIAL

A elaboração de um alimento é um processo complexo. Numa primeira fase são definidas as necessidades fisiológicas do animal. A investigação neste campo é particularmente activa e cada ano surgem diversas publicações científicas que proporcionam melhores conhecimentos sobre as necessidades nutricionais do gato. Esta informação é utilizada para estabelecer as especificações do novo alimento. Seguidamente, o alimento é formulado e produzido em pequenas quantidades que são testadas em laboratórios onde vivem animais. Para além de se medir a digestibilidade, realizam-se exaustivos testes de apetência: os gatos podem optar entre dois tipos de alimento e a sua preferência é determinada através da pesagem das quantidades que sobraram. Os animais são observados e as suas fezes analisadas. Se os alimentos corresponderem às expectativas dos investigadores, serão produzidos em pequenas quantidades numa fábrica piloto e posteriormente preparados para produção à escala industrial. Antes de serem colocados no mercado, os alimentos são testados num grupo de criadores, clínicas veterinárias e de consumidores.

• Os alimentos nutricionais, também denominados "Premium".

Estes alimentos são de elevada qualidade e foram formulados para suprimir todas as necessidades específicas do gato de acordo com a sua idade, actividade, sensibilidade digestiva e estatuto sexual (castrado ou esterilizado).

Estes alimentos de alta digestibilidade (85 a 87%) suprem de forma ideal as necessidades nutricionais específicas e possuem um nível máximo de apetência.

Estes alimentos são fabricados a partir de matérias-primas seleccionadas, de elevada qualidade e exigem um domínio perfeito dos processos de fabrico. A sua embalagem, cuidadosamente elaborada, contém sistemas de conservação natural. O conjunto proporciona a garantia de estabilidade do alimento.

90% dos alimentos nutricionais, compostos na sua grande maioria por alimentos secos, encontram-se na chamada distribuição "especializada" (lojas de pequenos animais e clínicas veterinárias)

Alimentos dietéticos: função terapêutica

Prescrita por médicos veterinários, esta gama de alimentos permite tratar afecções como a obesidade, diabetes, diarreias crónicas e insuficiência renal.

A sua apetência é reforçada para aliciar os animais que se tornaram difíceis em virtude do seu estado de saúde.

A digestibilidade do alimento varia em função da patologia em causa. Constituem um meio de prevenir o aparecimento de determinadas perturbações clínicas e melhorar a eficácia do tratamento médico.

Os alimentos dietéticos encontram-se à venda exclusivamente em clínicas veterinárias, igualmente autorizadas a comercializar alimentos fisiológicos. Em França, mais de 84% dos alimentos para gatos vendidos nas clínicas veterinárias são alimentos secos topo de gama (fonte: ROYAL CANIN).

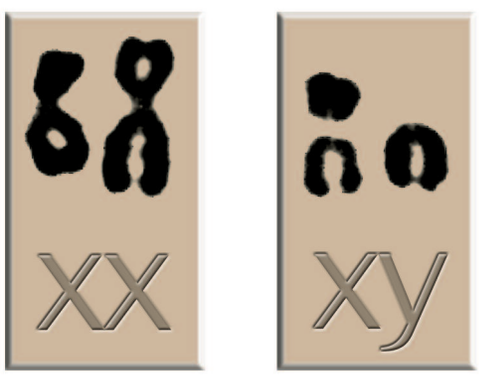
Os alimentos industriais: vantagens e inconvenientes

Tipo de alimento	Vantagens	Desvantagens
Seco (croquetes)	Não sofre alterações depois da abertura, é mais nutritivo e mais económico do que os alimentos ricos em água. Rapidez de distribuição. Administração e armazenagem prática. Boa conservação quando servido em regime "self-service".	Requer ingestão de água. Sofre alterações quando é é conservado num local húmido.
Semi-húmido	Grande apetência. Embalagem prática para dosagem diária.	Requer frequentemente a conservação num frigorífico ou . congelador. Altera-se a partir da abertura da embalagem, sofre alterações quando mantido, num local húmido. Fonte de intolerância digestiva para alguns gatos. Contém aditivos. Húmido (conserva)
Húmido (conserva)	Fácil conservação, embalagem duradoura. Grande apetência.	Custo elevado (nutrientes diluídos em água). É caro. Transporte e armazenagem difíceis. Tempo de preparação demorado. Pouco prático para utilização "self-service". Alteração uma vez aberta a embalagem.

A genética

Cada indivíduo é definido por uma multiplicidade de caracteres que, no seu conjunto, formam o que em genética se denomina por fenótipo. No caso dos gatos, estas características dizem respeito à morfologia (tamanho, formato da cabeça e do corpo, formato dos olhos, etc.), à coloração (da pelagem e dos olhos) ou ainda aos aspectos fisiológicos (frequência dos cios, número médio de crias por ninhada) e psicológicos.

Todas estas características são determinadas por proteínas, tanto proteínas estruturais como enzimas. Cada proteína é produzida pelas células do organismo graças a um gene. O conjunto de todos os genes está contido no núcleo de cada célula, sob a forma de longas cadeias de ADN (Ácido desoxirribonucleíco) que constituem os cromossomas.
Nos seres "superiores", incluindo o gato, todos os cromossomas (por conseguinte todos os genes) estão presentes em duplicado em cada célula do corpo. O gato possui 19 pares de cromossomas idênticos, que totalizam 38 cromossomas. No entanto, isto só é totalmente correcto no caso da gata. De facto, um dos pares de cromossomas possui características especiais: os cromossomas sexuais. A gata possui dois cromossomas idênticos, denominados «X». O macho apresenta dois cromossomas sexuais diferentes, um «X» e um «Y». É o cromossoma «Y» que determina se o embrião será do sexo masculino.



Fêmea *Macho*

Durante a puberdade, os gatos produzem células reprodutoras, os gâmetas (óvulos na fêmea, espermatozóides no macho). Uma das principais particularidades dos gâmetas é o facto de conterem apenas um exemplar de cada par de cromossomas, portanto um exemplar de cada um dos genes, que cada reprodutor possui a dobrar. Durante a fecundação, a fusão do espermatozóide com o óvulo produz uma célula, o futuro gatinho, que contém novamente 38 cromossomas, dos quais 19 provenientes da mãe e 19 do pai. É assim que os progenitores transmitem metade do seu património genético aos seus descendentes. Esta descendência apresentará um fenótipo resultante da acção combinada do conjunto dos genes fornecidos pelos pais, daqui advem a semelhança com estes.
Um dos maiores desejos e objectivos dos criadores de gatos de raça consiste no apuramento genético dos seus animais. Para tal, devem ser determinados quais os genes que os potenciais

reprodutores de uma determinada raça possuem, de forma a privelegiar, em termos reprodutivos, aqueles que disponham de genes mais interessantes. É nisto que consiste a selecção. De seguida, o criador cruza os progenitores complementares, com base nos genes que cada um possui, para obter uma descendência onde estejam aperfeiçoadas as qualidades estéticas da raça. Trata-se do acasalamento racional. À ciência que permite este processo dá-se o nome de genética.

Procuremos compreender o método de trabalho dos criadores e como funciona a genética. Para facilitar a compreensão optámos por uma abordagem extremamente simplificada:

- Relativamente aos genes, limitar-nos-emos ao comprimento do pêlo e à cor da pelagem,
- Transformaremos a genética que preside à cor da pelagem do gato num jogo de cartas!

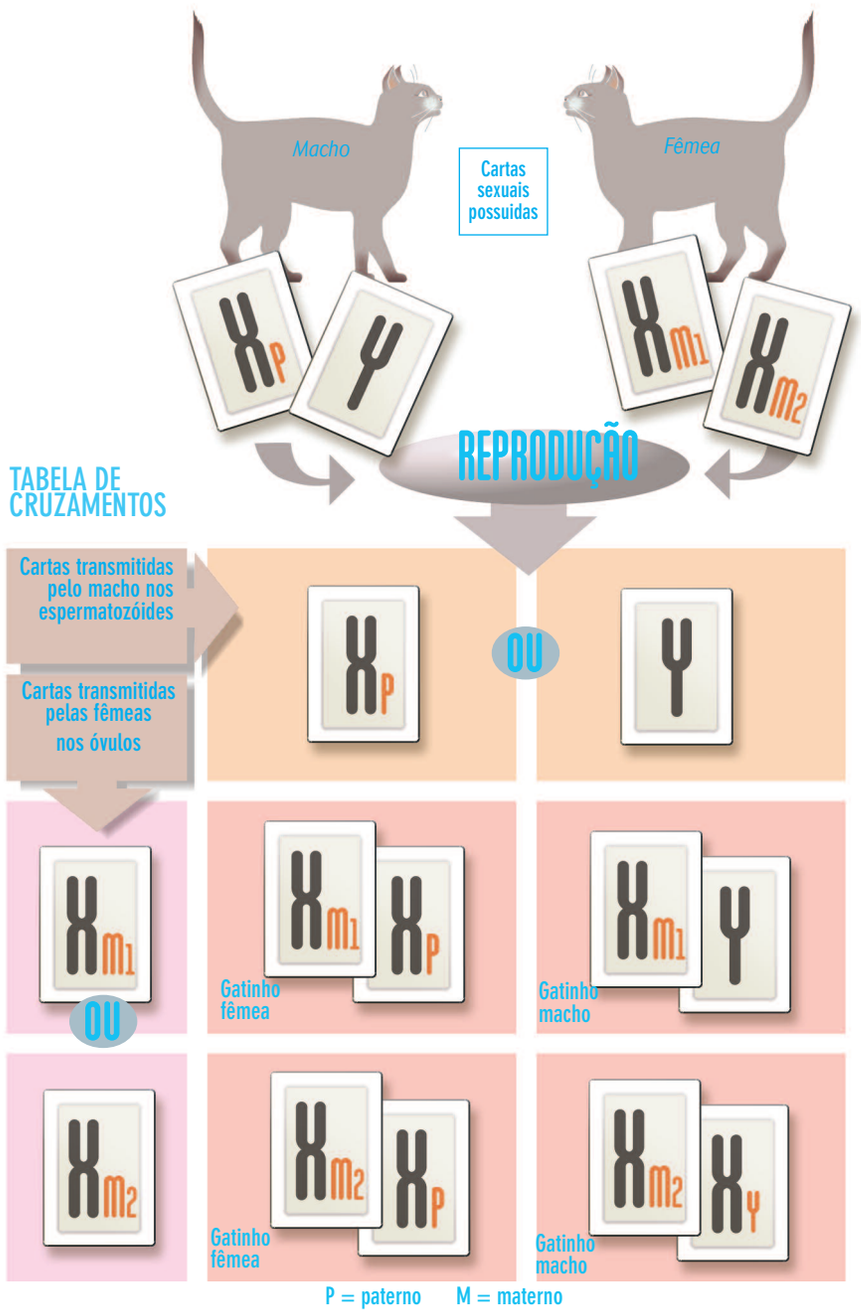
No entanto, o leitor que pretenda encontrar a correspondência entre os termos utilizados neste capítulo e a nomenclatura da genética, poderá reportar-se ao quadro que segue.

Os termos exactos da genética

Elementos do jogo de cartas	Correspondência em genética
Uma série de cartas	Um *locus*
Uma carta de uma série	Um gene alelo (ou simplesmente alelo)
Uma carta forte	Um alelo dominante
Uma carta fraca	Um alelo recessivo
Duas cartas com força idêntica	Dois alelos co-dominantes
Carta da série mais comum no gato	Alelo selvagem
Carta ou cartas de uma série rara no gato	O(s) alelo(s) mutante (s)
O conjunto de todas as cartas possuidas por um gato	O genótipo do gato

Determinação do Sexo

Como uma introdução ao funcionamento do jogo de cartas, procuremos aplicá-lo à determinação do sexo dos gatinhos. A gata possui em cada uma das suas células duas cartas "X" (portadoras de um cromossoma "X") e cada óvulo produzido incluirá uma dessas duas cartas "X". O macho possui em cada uma das suas células uma carta "X" e uma carta "Y". Como tal, produzirá espermatozóides contendo quer uma carta "X", quer uma carta "Y". Durante a fecundação, se o óvulo encontrar um espermatozóide com a carta "X", o gatinho será do sexo feminino; se o óvulo encontrar um espermatozóide com a carta "Y" o gatinho será do sexo masculino.



O jogo de cartas e as cores da pelagem

Analisemos então o jogo de cartas aplicado às cores da pelagem e ao comprimento do pêlo no gato.
Baseado nos actuais conhecimentos da genética, o jogo é composto por 25 cartas, organizadas em 11 séries:

- 8 séries, cada uma composta por 2 cartas. São as séries "A, B, Ch, D, I, L, S e W"
- 3 séries, cada uma composta por 3 cartas. São as séries "C, T e O".

O jogo de cartas das cores da pelagem e comprimento do pêlo no gato

A: presença de pêlos «agouti» entre as riscas
a: ausência de pêlos "agouti" entre as riscas, que são substituídos por pêlos uniformemente escuros

B: o pigmento escuro é preto
b: o pigmento escuro é castanho (pelagens "chocolate")

C: pigmentação de todos os pêlos
c^s: pigmentação apenas nos pêlos das extremidades (pelagens "colourpoint")
c^b: pigmentação atenuada do corpo em relação à cabeça (pelagem do Burmês)
As cartas Cs e Cb possuem «forças» idênticas

Ch: em todos os pêlos, o pigmento escuro está limitado a uma faixa apical mais ou menos ampla ("tipping"). O resto do pêlo é amarelo
ch: distribuição normal do pigmento escuro nos pêlos

D: pigmentação intensa
d: pigmentação diluída
preto → azul
castanho → lilás
laranja → creme

I: o tom amarelo dos pêlos é substituído por branco
i: o amarelo dos pêlos está presente

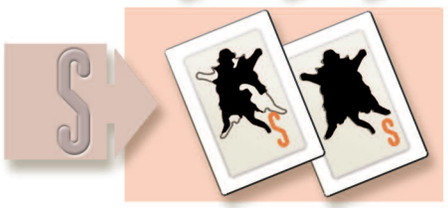
Note-se que a série O reveste-se de algumas particularidades, já que se localiza no cromossoma sexual X. Assim, a série é formada pelas seguintes cartas: XO, Xo e Y. Da mesma forma, os efeitos combinados das séries A e T requerem algumas explicações que são detalhadas no Quadro 2.

L: pelagem com pêlos curtos

l: pelagem com pêlos compridos (Persa, Norueguês, Angorá, Birmanês, etc.).

Xo: substitui o pigmento escuro por laranja
TRUNFO MENOR

Xo: pigmento escuro normal. As cartas XO e Xo possuem "forças" idênticas



S: presença de áreas brancas irregulares mais ou menos extensas (malhas)

s: ausência de áreas brancas

Ta: ausência de riscas, apenas pêlos "agouti". Pelagens malhadas ("ticked tabby")

T: Riscas finas com pêlos "agouti" entre as riscas. Pelagens tigradas ("mackerel tabby")

tb: riscas largas com pêlos agouti entre as riscas. Pelagens marmoreadas ("blotched tabby")

W: ausência de células pigmentadas na pele, ou seja, pelagem totalmente branca
TRUNFO MAIOR

w: células pigmentadas normais ou seja pigmentação normal

Variedades tabby e variedades uniformes

As cartas da série "A" e da série "T" determinam as pelagens uniformes e as várias pelagens raiadas, a que se dá o nome de pelagens "tabby". As pelagens tabby correspondem ao fenótipo mais frequente no gato comum não seleccionado, assim como ao fenótipo do gato selvagem europeu. Esta pelagem é composta por dois tipos de pêlo. Os pêlos das riscas são uniformemente coloridos por um pigmento escuro. Já os pêlos entre as riscas são do tipo "agouti", isto é, possuem uma pequena faixa de pigmentação amarela sub-apical que alterna com o pigmento escuro: os criadores designam-na por "ticking". A justaposição dos pêlos tipo "agouti" dá a coloração castanha-amarelada das áreas entre as riscas, que caracteriza os gatos "Tabby". É a carta "A" que dá origem aos pêlos tipo "agouti". Uma mutação que ocorreu no gato doméstico, criou uma carta fraca «a» que fez desaparecer a faixa sub-apical amarela dos pêlos "agouti", assim como os próprios pêlos "agouti". Desta forma um gato uniformemente preto, na realidade, possui uma pelagem constituída por riscas pretas (pêlos uniformes normais) e por regiões entre as riscas formadas por pêlos tipo "agouti" mutantes que perderam a respectiva faixa amarela.

Quanto às cartas da série «T», definem a forma e a extensão das riscas em relação aos pêlos tipo "agouti". A carta "T"considerada como "selvagem", dá origem às riscas finas da pelagem denominada tigrada (mackerel tabby para os ingleses). Duas mutações deram origem a duas novas cartas da série "T". Por um lado a carta "tb", é fraca e dá origem às riscas largas das pelagens marmoreadas (blotched tabby). A outra carta mutante, denominada "Ta", é mais forte do que a carta "T" e faz desaparecer as riscas a favor dos pêlos «agouti». A pelagem resultante contém apenas pêlos "agouti", e é denominada malhada (ticked tabby). Encontra-se nos Abissínios e Singapura. É de notar que um gato uniforme também possui cartas "T". Isto significa que a sua pelagem possui virtualmente um dos três tipos possíveis de marcas tabby, mas não podemos saber qual delas, a menos que se observe o que irá transmitir à sua descendência.

Quais são as regras básicas do jogo das cores da pelagem do gato?

1- Cada célula do corpo do gato contém 2 cartas de cada série.

2- Para produzir um gâmeta, retiramos aleatoriamente uma carta de cada uma das séries do jogo do progenitor.

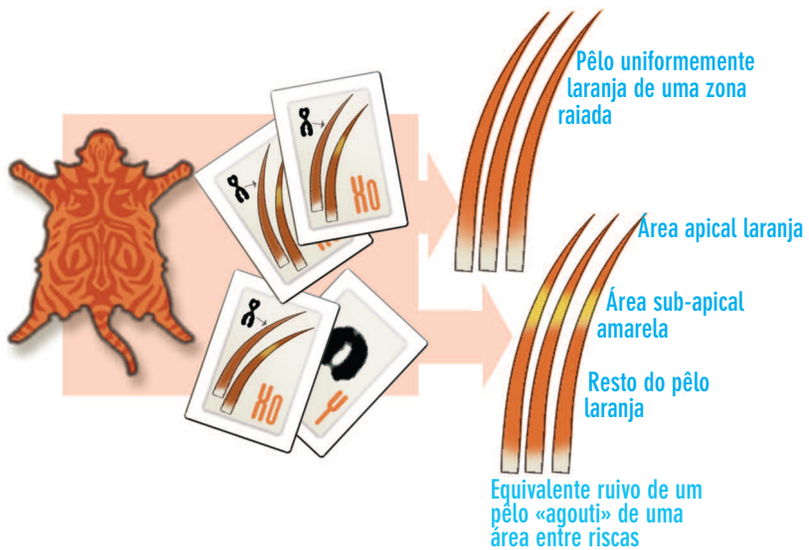
3- Para produzir um gatinho, associamos aleatoriamente, um conjunto de cartas de espermatozóides (do conjunto de cartas potencialmente produzidas pelo macho), com um conjunto de cartas de óvulos (do conjunto de cartas potencialmente produzidas pela fêmea). Estas combinações aleatórias estão representadas na tabela de cruzamentos.

4- Nalgumas séries, as cartas possuem «forças» diferentes. A carta mais forte é colocada sobre a mais fraca. Os nomes das cartas mais fortes estão em letras maiúsculas e os das mais fracas em letras minúsculas. Por exemplo, para a série "L", um gato terá pêlo curto caso possua duas cartas "L" ou uma carta "L" e outra "l". Neste último caso a carta "L", mais forte, é dominante. O gato só terá o pêlo comprido se possuir duas cartas mais fracas "l". Noutros casos, as cartas possuem uma força equivalente. A associação de duas cartas equivalentes resulta num efeito intermédio ao de duas cartas retiradas separadamente. Por exemplo, na série "O", a carta "XO" produz uma pigmentação laranja, enquanto que a carta "Xo" produz uma pigmentação não laranja. A associação "XOXo" resulta numa pelagem com justaposição de zonas de pêlo laranja e zonas de pêlo não laranja. A esta pelagem os criadores atribuíram a denominação tartaruga (cap.3). De igual forma, na série "C", a associação de uma carta "cs" com uma carta "cb" produz uma pelagem especial correspondente à dos gatos da raça Tonquinesa.

5- Finalmente, tal como em muitos jogos de cartas, existem trunfos, ou seja, cartas mais fortes do que as das outras séries. No nosso jogo, a série "O", equivale a um trunfo menor. Realmente, a carta "XO" desta série dá origem

Gatos ruivos e gatos tartaruga

No gato, uma mutação muito especial deu origem a uma carta denominada "O", situada no cromossoma sexual "X". Essa carta "O" transforma o pigmento escuro dos pêlos em pigmento laranja intenso. Desta forma, um gato ruivo "tabby" possui uma pelagem constituída, por um lado, por riscas compostas por pêlos totalmente laranja (equivalentes aos pêlos uniformemente escuros dos gatos "tabby" não ruivos) e, por outro, por zonas entre as riscas compostas por pêlos laranja com uma faixa sub-apical amarela (equivalentes aos pêlos "agouti"). Esta pelagem ruiva é apanágio dos machos "XOY" e das fêmeas "XOXO". As fêmeas que possuem as cartas "XOXo" apresentam uma pelagem especial, denominada tartaruga tabby (em inglês tortie tabby). Esta pelagem é um mosaico de áreas de tipo gato ruivo tabby, e de áreas de tipo gato tabby "normal". Se a fêmea possuir para além disso a carta "S" que dá origem a áreas brancas (malhas) a pelagem recebe então a designação tricolor ou "calico".



a um pigmento laranja que irá mascarar o efeito das cartas da série «B». Na série "W", a carta "W" constitui um trunfo maior, pois oculta os efeitos de todas as. cartas das outras séries, excepto as da série "L". Este estatuto de trunfo maior é de fácil compreensão na medida que a carta "W" tem o efeito de fazer desaparecer os melanócitos (células responsáveis pela síntese dos pigmentos). O gato portador desta carta será totalmente branco devido à ausência de pigmento. Nenhum dos efeitos das outras cartas, com acção sobre a pigmentação, será visível devido à ausência de pigmento...

Como prever que cartas possuem os reprodutores?

Ilustraremos esta técnica através de 3 exemplos:

Exemplo nº 1:

O gato possui um fenótipo azul uniforme com pêlo curto. Para todos os caracteres determinados pelas cartas fracas, o gato possui obrigatoriamente 2 cartas fracas. Neste caso podemos antever que o gato possui 2 cartas "a" (não tem pêlos "agouti", daí o seu aspecto uniforme), 2 cartas "ch" e 2 cartas "i" (pois os pêlos não possuem nem tipping nem descolo-

GATO AZUL UNIFORME DE PÊLO CURTO (Chartreux, Azul da Rússia, Korat, etc).

ração parcial), 2 cartas “d” (porque o azul resulta da diluição da cor preta), 2 cartas “s” (uma vez que não existem malhas brancas) e 2 cartas “w” (porque existem melanócitos). Na série “O”, caso se trate de um macho, ele possuirá uma carta "Y" e uma carta “Xo” (não é ruivo), se for fêmea terá 2 cartas “Xo” (não é nem ruiva nem tartaruga). Para os caracteres determinados pelas cartas fortes, o gato possui no mínimo uma carta forte correspondente, sendo a outra carta da série desconhecida, fraca ou forte. O gato referido no nosso exemplo possui pelo menos uma carta “L” (porque tem pêlo curto), uma carta “B” (uma vez que o seu pigmento de base é preto e não castanho) e uma carta “C” (porque não é nem colourpoint nem contrastante como um Burmês). Finalmente, não sabemos que carta é que o animal possui da série “T” uma vez que as marcas raiadas não são visíveis. As variáveis desconhecidas, só poderão ser determinadas se dispusermos de informações complementares, referentes à cor dos ascendentes e/ou dos descendentes.

Exemplo n° 2:
O animal tem pêlo comprido, cor de tartaruga e blotched tabby (presença de riscas escuras). Com base no raciocínio anterior podemos prever que possui 2 cartas “i, ch, l, s, ^{tb}” (riscas largas) e “w”. Ele possui pelo menos uma carta “A, B, C, D”. Finalmente, como é cor de tartaruga possui uma carta “XO” e uma “Xo”. Podemos então observar, que este tipo de pelagem é obrigatoriamente apanágio das fêmeas.

Gato tartaruga blotched tabby de pêlo comprido (persa)

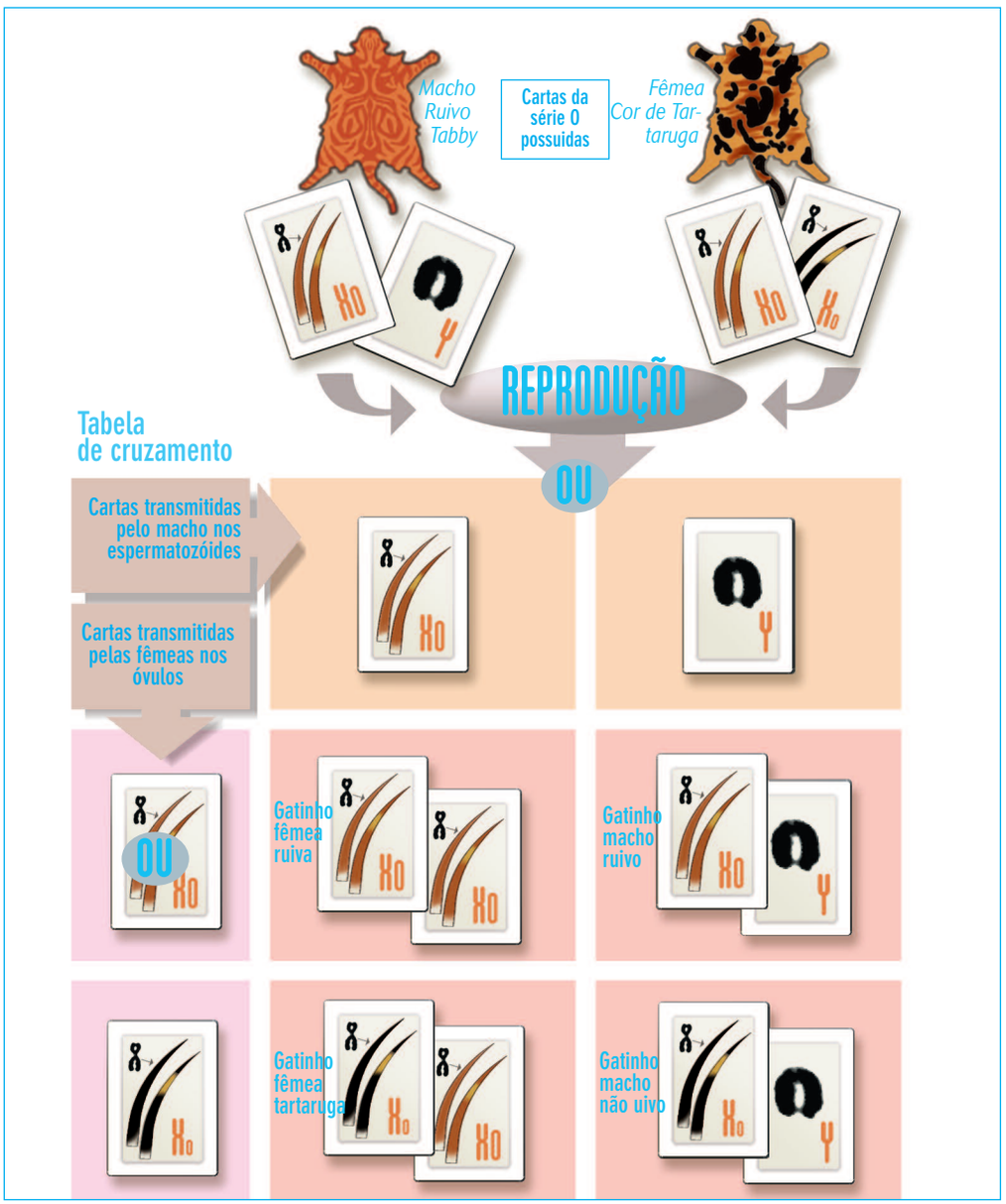
Exemplo n° 3:
Este último exemplo é constituído por um gato de pêlo curto de uma variedade denominada "silver blotched tabby". Constata-se que é diferente do gato raiado clássico porque as áreas entre as riscas possuem um aspecto claro e prateado e não um aspecto amarelo acastanhado. Isto porque na zona entre as riscas, os pêlos "agouti" sofreram uma descoloração parcial que vai até à faixa amarela sub-apical. Pelo que se deduz que este gato possui pelo menos uma carta forte "I".

Gato silver blotched tabby de pêlo curto (British shorthair ou American shorthair)

Como prever os tipos de gatinhos resultantes do cruzamento entre reprodutores conhecidos?

Caso Nº1: Que tipo de gatinhos se pode obter através do cruzamento entre um gato ruivo e uma gata cor de tartaruga?

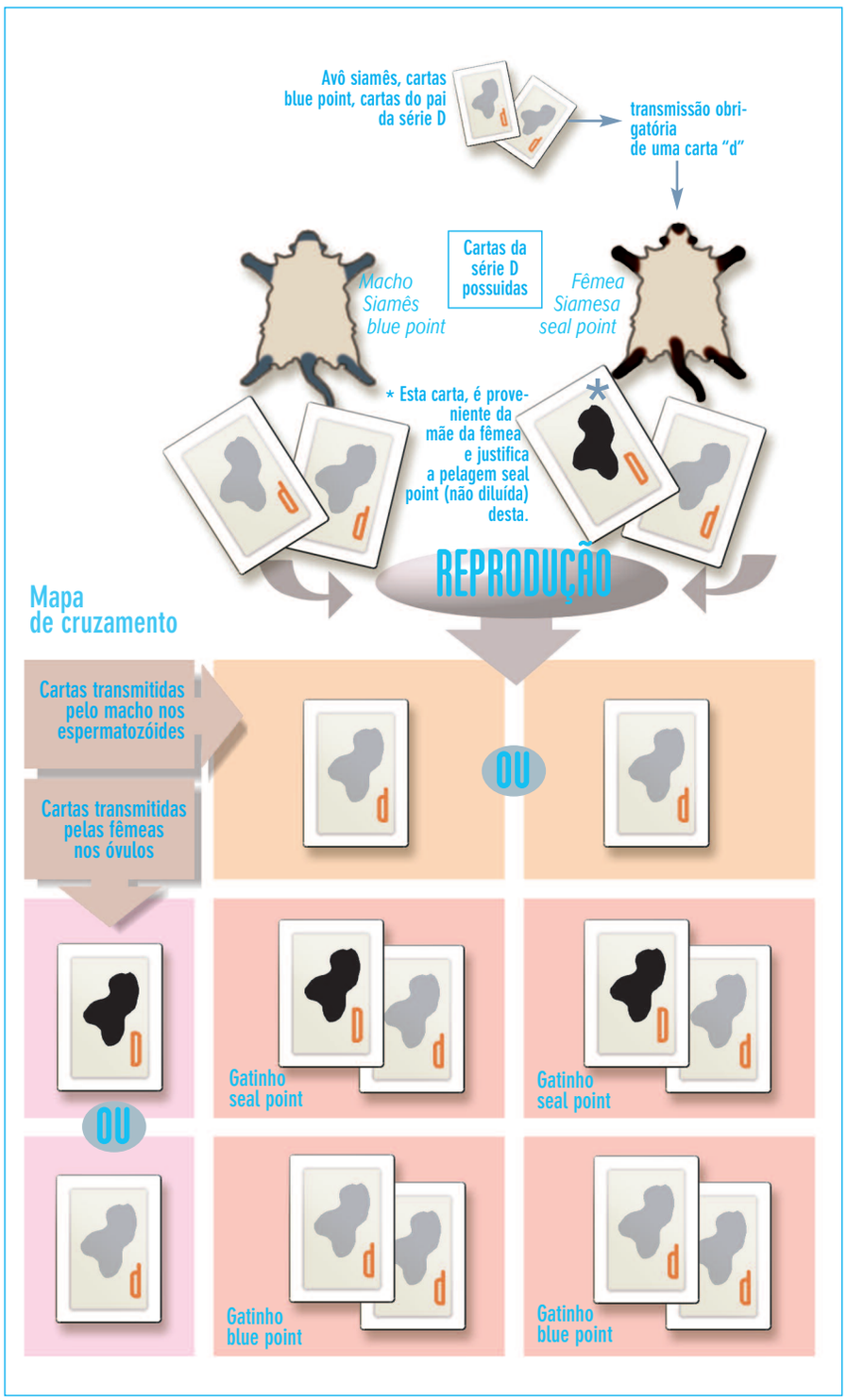
Para simplificar o jogo e as previsões, é importante reflectir unicamente nas séries de cartas que interessam ao caso em questão. Neste caso, o que nos interessa, são as cartas da série "O" possuídas por cada um dos progenitores. Estas cartas são "XO" e "Y" para o pai; "XO" e "Xo" para a mãe. Os espermatozóides produzidos pelo pai possuirão uma carta "XO" ou uma "Y". Os óvulos produzidos pela mãe terão uma carta "XO" ou "Xo". Os diferentes gatinhos, resultantes do encontro aleatório destes óvulos e espermatozóides, são apresentados na tabela de cruzamento. Constata-se que, se obtivermos um número suficiente de gatinhos, metade serão ruivos (machos e fêmeas), um quarto será composto por machos não ruivos (ou tabby ou de cor uniforme, consoante as cartas das outras séries, possuidas pelos progenitores...) e um quarto será composto por fêmeas cor de tartaruga. Trata-se de um cruzamento que irá proporcionar uma bela gama de descendentes!



Caso nº2: Qual será o resultado do cruzamento entre 2 Siameses, em que o macho é "blue point", a fêmea "seal point" filha de um macho "blue point"?

Neste caso, não se toma em consideração a série "C". Efectivamente, sendo ambos os progenitores siameses e como o motivo Siamês (colourpoint) é determinado por uma carta fraca "c", os pais possuem respectivamente 2 cartas "c" e, como tal, só podem transmitir à sua descendência cartas "c". Por outras palavras, todas as crias serão siamesas. Em contrapartida, a série "d" é muito interessante. O azul, da variedade "blue point", consiste numa diluição do pigmento preto, e a carta de diluição "d" é uma carta fraca. Assim, o macho possui duas cartas "d". Quanto à fêmea, possui uma aparência preta (descrita através da consagrada designação "seal point", possuindo pelo menos uma carta "D" (ausência de diluição). Entretanto, como o pai desta é blue point e possui duas cartas "d", forçosamente ter-lhe-á transmitido uma carta "d". Desta forma, sabemos perfeitamente quais as cartas da série "D" detidas pela gata deste exemplo. Diz-se que uma gata nestas circunstâncias é "portadora" de diluição.

O mapa de cruzamento apresenta os diversos tipos de crias resultantes: 50% de gatinhos siameses "seal point" (extremidades negras) e 50% de gatinhos siameses "blue point" (extremidades azuis).



Simultaneamente conclusão e introdução

Este breve resumo da genética felina é suficiente para demostrar a forma como os criadores podem, no que se refere à cor da pelagem e comprimento do pêlo, seleccionar (escolher) os reprodutores que lhes interessam do ponto de vista estético, para de seguida os cruzar, de forma racional, no intuito de obter crias das variedades desejadas. O objectivo poderá ser o de manter a variedade de cores de pelagem tradicionalmente existentes nessa raça. No entanto, o criador pode recorrer a estas técnicas para introduzir uma nova coloração na pelagem, inexistente até aí na raça em causa. Por exemplo, a partir dos anos 30, os criadores deram início a programas de criação que visavam a introdução da carta "c" na raça de gatos Persas. Foi a raça Siamesa que forneceu a carta "c". Na sequência de um longo trabalho, no intuito de recuperar a morfologia típica dos Persas, amplamente modificada pelos genes morfológicos dos Siameses (transmitidos pelo

gene “cs”), os criadores conseguiram obter magníficos exemplares de Persas "colourpoint" que podemos admirar hoje em dia, nas exposições felinas.

Utiliza-se um processo idêntico para criar uma nova raça a partir de uma mutação espontânea. De facto, uma mutação espontânea é uma nova carta que surge no baralho. Por exemplo, em 1981 foi descoberta nos Estados Unidos uma gata com orelhas dobradas para dentro. Tratava-se de uma mutação espontânea determinada por uma carta forte.

Acrescentou-se assim uma nova série de cartas ao baralho felino, a série “Cu” de curvatura (curl). Esta série é composta por uma carta “cu” fraca, que define as orelhas “normais” e uma carta “Cu” forte, que determina as novas orelhas dobradas. Seguidamente, através de selecções e cruzamentos racionais, os criadores conseguiram apurar um número suficiente de gatos com uma carta “Cu” de forma a serem reconhecidos como uma nova raça de gatos: o American curl.

Nem todas as mutações espontâneas são inofensivas para a saúde dos gatos. Algumas são responsáveis por doenças genéticas hereditárias. A selecção, procura assim detectar os indivíduos portadores de cartas negativas, não os utilizando para a renovação da raça.

PRINCIPAIS DOENÇAS CONGÉNITAS E HEREDITÁRIAS DESCRITAS NOS GATOS DE RAÇA.
(modificado segundo Ph. Bossé, 1994)

Raças	Funções ou órgãos afectados	Doenças
Abissínio	Rins	Amiloidose renal
	Olhos	Atrofia da retina
	Sistema nervoso	Neuropatia de acumulação lisosómica
	Tiróide	Hipotiroidismo
Burmês	Esqueleto	Malformações crânio-faciais, achatamento dorso-ventral
	Músculos	Debilidade muscular periódica
Korat	Sistema nervoso	Neuropatia de acumulação lisosómica
Manx	Esqueleto vertebral	Hipoplasia sacro-coccígea, espina-bífida, incontinência, problemas locomotores
Persa	Rins	Rim poliquístico
	Olhos	Sequestro da córnea, fotofobia, hipopigmentação, cataratas
	Sistema nervoso	Neuropatia de acumulação lisosómica
	Abdómen	Comunicação peritóneo-pericárdica
Rex Cornish	Abdómen	Hérnia umbilical
	Timo (?)	Síndrome de deterioração
Rex Devon	Esqueleto	Luxação da rótula
	Coagulação	Problemas hemorrágicos
	Músculos	Degenerescência dos músculos respiratórios
Scottish Fold	Esqueleto	Anomalias dos membros e da cauda
Siamês	Esqueleto	Anomalias crânio-faciais (hidrocefalia, fenda palatina), cauda em forma de nó
	Sistema nervoso	Neuropatia de acumulação lisosómica
	Olhos	Degenerescência da retina, estrabismo
	Pele	Hipotricose

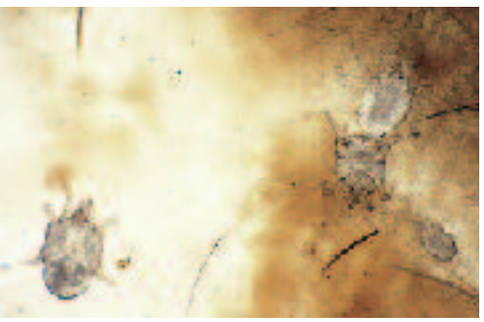
Para terminar, é importante assinalar que o raciocínio simples atrás exposto apenas se aplica aos caracteres determinados pelos genes com um efeito assinalável, ou genes principais. É este o caso da maioria dos caracteres de coloração da pelagem e de um determinado número de caracteres morfológicos específicos (ausência de cauda, orelhas dobradas, patas curtas, etc.). O mesmo não sucede com os caracteres ditos quantitativos, que dizem respeito à morfologia, fisiologia e psicologia. A ideia actual é que estes caracteres são produzidos através da colaboração de vários genes, em que cada um possui um efeito muito fraco: os poligenes. A selecção ao nível dos caracteres poligénicos é mais delicada e complexa do que a selecção dos caracteres comandados por um único gene, e é por esse motivo que não foi abordada nesta pequena exposição. Ela é, no entanto, extremamente importante para fixar e manter um grande número de qualidades que caracterizam cada raça de gatos, e que estão consignadas nos respectivos standards. Destacamos que alguns caracteres de pigmentação, determinados essencialmente pelos genes principais atrás referidos, também são influenciados pelos poligenes. É o caso da característica manchas brancas (ou malhado) irregulares.

Consequentemente, os criadores têm grande dificuldade em fixar estes caracteres, de forma definitiva.

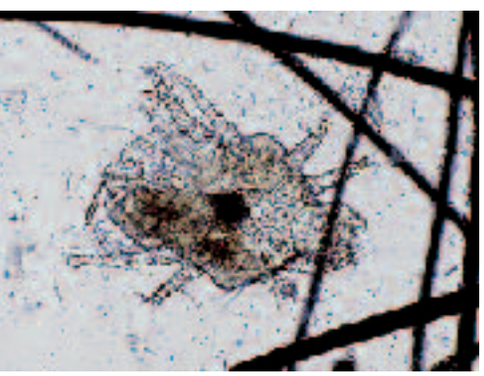
As pelagens malhadas de branco

No gato, as manchas brancas irregulares, também denominadas pelagens malhadas, são determinadas por uma mutação que originou uma carta forte "S". Contudo, a extensão das áreas brancas, é amplamente modificada por toda uma série de genes com um efeito individual muito fraco, denominados poligenes. É claro que existem inúmeras variedades intermédias (incluindo as variedades bicolores arlequim e van), em função dos poligenes detidos por cada indivíduo. É muito difícil, ou até praticamente impossível, fixar uma raça com um motivo específico de manchas brancas. É o caso do gato Sagrado da Birmânia: as suas famosas luvas brancas na extremidade das patas são malhas reduzidas ao mínimo e que podem variar de um animal para o outro, em função dos poligenes. Pior ainda, um gato que apresenta umas belas "luvas" não vai necessariamente dar origem a descendentes com as mesmas características. Para além disso, o gato Sagrado da Birmânia possui também duas cartas "^{Cs}" que sobrepõem a pelagem colourpoint às luvas.

A medicina preventiva



Ácaros microscópicos (Otodectes cynotis) responsáveis pela sarna auricular dos carnívoros.



Ácaros microscópicos (Cheyletiella blakei) responsáveis pela cheiletielose do gato.

Parasitoses e micoses externas

As doenças cutâneas do gato provocadas por parasitas ou fungos são numerosas e variadas. Os ácaros são organismos microscópicos responsáveis pela sarna ou pseudo-sarna. Podem existir insectos, como pulgas ou piolhos, na pelagem dos gatos que dão origem a doenças como a pulicose e a ftiriose. Os dermatófitos são fungos filamentosos e microscópicos que se alimentam da queratina presente nos pêlos ou na superfície da pele. Os dermatófitos são os agentes responsáveis pela tinha. Alguns agentes patogénicos atrás citados podem ser transmitidos ao homem. Os ácaros cheiletiela provocam o aparecimento de pequenas pápulas no corpo (referimo-nos ao "Prurigo da sarna"): a comichão é tão intensa que frequentemente obriga a consultar um dermatologista. É o médico que, face às lesões observadas, aconselha o dono a recorrer a um médico veterinário para eliminar os parasitas do gato. As pulgas dos carnívoros domésticos podem, ocasionalmente, alimentar-se do sangue humano. Finalmente, os dermatófitos, nomeadamente a espécie observada no gato, são facilmente transmissíveis ao dono. Estes podem provocar lesões na pele glabra, designadas por herpes circinado, que consistem em lesões circulares, mais frequentes nos antebraços, rosto ou pescoço. Ao contrário do que se passa com o animal, a inflamação e o prurido deixam marcas. De entre todas as afecções do gato, a infestação por pulgas (pulicose) e a tinha merecem uma atenção especial. Estas afecções são muito frequentes e a sua prevenção é bastante difícil, por vezes mesmo impossível, principalmente quando se trata de uma comunidade de gatos e não de um animal isolado.

A infestação por pulgas (pulicose)

A pulga do gato (*ctenocephalides felis*) é pouco específica: pode alimentar-se do sangue dos mais variados tipos de mamíferos (em primeiro lugar o gato, como também o cão, assim como herbívoros e o homem). Um número significativo de gatos tolera bem a presença de pulgas. No entanto, noutros casos surgem sinais de dermatite por alergia à picada da pulga (ou DAPP). Esta alergia traduz-se fundamentalmente por uma dermatite miliar ou, por outras palavras, pelo aparecimento de múltiplas pápulas e crostas no dorso e em volta do pescoço. A pele fica com um aspecto arenoso, o animal coça-se continuamente podendo até mesmo ferir-se com as unhas. A irritação associada à presença de pulgas induz, nalguns animais, um comportamento excessivo de higiene e lambidelas, o que pode resultar na queda de pêlos ao nível do abdómen, coxas, flancos ou na cauda. As pulgas possuem também um papel patogénico indirecto: transmitem um verme achatado e a bactéria que provoca as infecções provocadas pelas arranhadelas do gato.

Os estudos realizados nos últimos dez anos sobre a biologia da pulga do gato permitiram descrever com muita precisão o seu ciclo de vida. O conhecimento completo desse ciclo é

uma medida indispensável para a prevenção eficaz da infestação. Sabe-se actualmente que algumas ideias referentes à pulga do gato são falsas. A primeira é que a pulga adulta é um parasita transitório que só se encontra presente no gato enquanto se alimenta do seu sangue. De facto, a pulga adulta permanece toda a sua vida no mesmo animal. Apenas uma pequena parte das pulgas existentes num gato passam, por contacto, para outros animais domésticos. O risco de contaminação por contacto com outros animais, na sala de espera da clínica ou numa exposição, se bem que frequentemente mencionado, na realidade é quase nulo. As pulgas adultas reproduzem-se com grande rapidez e cada fêmea pode pôr até 50 ovos por dia durante várias semanas. Esses ovos, de cor branca e formato oval, medem aproximadamente meio milímetro de comprimento; não ficam presos ao animal e caem para o chão à medida que o gato se desloca. Em condições de temperatura e humidade favoráveis, os ovos eclodem passados alguns dias, libertando larvas vermiformes com alguns milímetros de comprimento. Essas larvas não são parasitas. Alimentam-se de diversos resíduos orgânicos existentes no meio exterior, principalmente dos excrementos das pulgas adultas. As larvas orientam-se na direcção da humidade, mas afastam-se da luz. Após alguns dias a um mês, cada larva tece um casulo, no qual se processa uma metamorfose que, ao cabo de cerca de 10 dias dá origem à fase adulta. Em condições favoráveis, isto é, se estiverem presentes animais no meio ambiente, o adulto eclode. Se não existirem animais, as pulgas adultas poderão sobreviver protegidas pelo seu casulo, durante vários meses. Esses adultos não eclodidos, constituem uma importante fonte de parasitas disponível de imediato, se um hospedeiro passar nas imediações. Os parasitas adultos estão relativamente protegidos contra a acção dos insecticidas. As pulgas recém-eclodidas procuram activamente um animal hospedeiro. Em conclusão, recordamos que a pulga adulta é um parasita permanente, mas que as formas imaturas vivem em liberdade no meio ambiente; que o seu ciclo de desenvolvimento é muito curto (por vezes três semanas são suficientes) e que o maior risco é constituído pelas pulgas recém-eclodidas e não pelas que já se encontram presentes noutro animal.

Como eliminar as pulgas

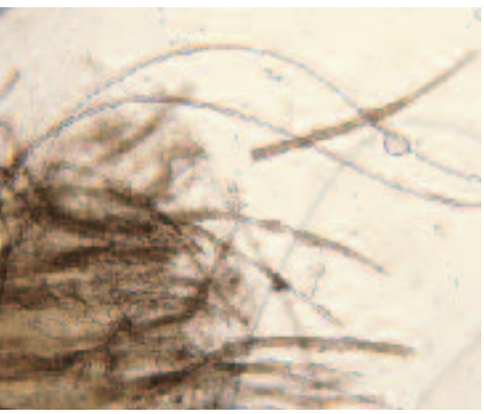
Para proteger o gato de forma eficaz, é indispensável controlar a presença das pulgas simultaneamente no corpo do animal e no meio envolvente. Os produtos utilizados como preventivos devem imperativamente evidenciar duas propriedades: eficácia imediata e um tempo de acção prolongado (permanência). A pulga deve ser eliminada antes da ingestão de sangue e principalmente antes de se reproduzir e começar a pôr ovos. Uma pulga alimenta-se logo que se instala no animal, sendo capaz de pôr ovos até ao final do dia. Rapidez de acção e permanência são características satisfatórias de insecticidas como os piretrinóides, fipronil e imidaclopride. Estas moléculas são utilizáveis a nível tópico (*spot-on*) com uma formulação bastante adequada para o gato; o líquido que contém o insecticida, uma vez aplicado em pequena quantidade sobre a pele (em geral na zona entre as espáduas) no espaço de um dia, espalha-se pelo corpo. A protecção está assegurada durante um mês. Em contrapartida, as coleiras insecticidas disponíveis no mercado permitem apenas uma protecção parcial contra as pulgas, sendo, como tal, ineficazes em termos de prevenção de infestações. Para controlar as pulgas existente no meio ambiente em primeiro lugar é preciso definir a localização de todos os espaços potencialmente infectados. O termo meio ambiente deve ser interpretado aqui no seu conceito mais amplo: refere-se não apenas ao *habitat*, aos locais de passagem ou de descanso no exterior, como também a outros animais (outros gatos e eventualmente cães) em contacto com o gato. Na medida do possível, é preciso certificar-se que todos os animais com que o gato possa contactar sejam regularmente tratados contra as pulgas. Esta medida afigura-se até certo ponto utópica no caso dos gatos regularmente em contacto com animais vadios...

As fórmulas utilizadas no *habitat* associam geralmente um insecticida e um regulador de crescimento que interfere no normal desenvolvimento das formas imaturas. Os "foggers" são

Pulga
(Fonte: Laboratórios Mérial)

Eclosão da pulga
(Fonte: Laboratórios Mérial)

tratamentos volumétricos que permitem uma ampla difusão das moléculas no meio ambiente. Os *sprays* são utilizados isoladamente ou como complemento dos "foggers" para o tratamento de áreas de difícil acesso. O lufeneron é um regulador de crescimento de insectos administrado ao gato, por via oral, uma vez por mês ou por via subcutânea, de 6 em 6 meses. O produto difunde-se na circulação sanguínea; uma vez ingerido pelas pulgas adultas, o lufeneron interrompe o seu ciclo de desenvolvimento (não eclosão dos ovos ou morte das larvas). Este produto caracteriza-se, assim, pela particularidade de participar no combate das pulgas existentes no meio ambiente, apesar de ser administrado ao gato parasitado com formas adultas.



Aspecto dos pêlos de um gato parasitados por fungos dermatófitos, agentes da tinha

A tinha

O gato é frequentemente infectado por um fungo dermatófito a que se dá o nome de *Microsporum canis*. Os pêlos com parasitas são literalmente destruídos a partir do interior, tornando-se muito frágeis e partindo-se de forma espontânea. As lesões com perda de pêlo são em geral circunscritas. Presentes com maior frequência na cabeça, estas lesões propagam-se de forma centrífuga. Podem sarar espontaneamente no espaço de algumas semanas, mas é provável a ocorrência de outras áreas com perda de pêlo. Nas raças de pêlo comprido, a tinha pode simplesmente traduzir-se pela queda difusa de pêlo, em algumas áreas do corpo a pelagem apresenta-se menos densa do que noutras. A tinha tem a particularidade de ser extremamente contagiosa. São os fragmentos de pêlos parasitados que asseguram a contaminação dos animais saudáveis. Estes elementos infectantes estão não só presentes nos animais portadores de lesões como também no meio ambiente. Não é assim indispensável que ocorra um contacto directo. Um gato pode facilmente ser infectado num ambiente contaminado: um tapete sobre o qual um gato contaminado se tenha deitado alguns dias antes, um cesto utilizado para o transporte de um animal contaminado ou através de uma escova ou de uma tesoura de tosquia. Os elementos infectantes são muito resistentes e estima-se que o *Microsporum canis* consiga sobreviver vários meses (mesmo até 1 ano) no meio exterior. Outra particularidade dos fungos causadores de tinha é a sua reduzida especificidade; o *Microsporum canis* encontra-se sobretudo no gato, mas é também responsável pelas lesões de tinha no cão, no coelho, em roedores, primatas (inclusivamente no homem) e até mesmo em herbívoros. O tratamento dos gatos infectados requer a administração de um antifúngico por via oral ou tópica. O tratamento deverá ser prescrito com uma duração mínima de 6 semanas.

Os meios para a prevenção da tinha do gato são bastante limitados. Actualmente encontra-se disponível nos Estados Unidos uma vacina, cuja eficácia suscita ainda alguma controvérsia... Ao contrário do tratamento para as pulgas, não existem tratamentos antifúngicos de longa acção que permitam a utilização preventiva mensal. Actualmente, a forma simples de proteger um animal indeme, é assegurar que não existe contacto com um animal infectado. Esta medida, aparentemente bastante simples, apresenta duas grandes dificuldades. Por um lado, o gato pode perfeitamente estar em contacto com animais vadios, que escapam a qualquer controlo sanitário e que são frequentemente portadores de dermatófitos. Por outro lado, é por vezes difícil identificar os animais susceptíveis de transmitir tinha. Existem alguns gatos que são classificados como portadores assintomáticos: não possuem qualquer lesão indicativa da presença de tinha, mas podem contaminar outros animais. Assim, uma exposição felina, e de uma forma generalizada qualquer tipo de aglomeração de animais com origens diversas, deve ser considerado como um risco de contaminação. Para reduzir o risco, um tratamento com antifúngicos locais deverá ser preconizado a todos os gatos antes das exposições. Num gatil. indeme, será conveniente respeitar as regras sanitárias quando da introdução de um novo animal: implementar uma quarentena até que o estatuto sanitário do recém-chegado seja claramente definido. Um exame com luz de Wood e sobretudo uma cultura micológica permitem detec-

Doença	Agentes responsáveis	Frequência	Transmissão	Riscos para o homen
Sarna auricular	Ácaros (*Otodectes cynotis*)	++ (gatos jovens)	Directa (gato a gato)	Nenhum
Sarna corporal	Ácaros (*Notoedres cati*)	Muito rara	Directa (gato a gato)	+ (Prurigo da sarna)
Cheiletielose	Ácaros (*Cheyletiella blarcei*)	+	Directa (gato a gato) pelo meio exterior	++ (Prurigo da sarna)
Pulicose	Pulgas (*Ctenocephalides felis*)	+++	Principalmente indirecto num ambiente contaminado	+ (picadas de pulga)
Ftiriose	Piolhos (*Felicola subrostratus*)	+ (gatos jovens)	Directa (gato a gato)	Nenhum
Tinha	Fungos dermatófitos	+++	Directo ou indirecto num ambiente contaminadoé	++ (herpes circinado)

tar se o animal constitui um perigo para os seus congéneres. Finalmente, é fundamental não esquecer que a tinha pode também ser transmitida por intermédio de um meio ambiente contaminado. A utilização regular do aspirador em tapetes, alcatifas e almofadas permite eliminar uma grande parte dos esporos de dermatófitos. Para além disso, existem especialidades veterinárias, sob a forma de soluções ou fumigações, adequadas ao tratamento de locais muito contaminados.

Parasitoses internas dos gatos

Para além das infestações por parasitas externos como pulgas, piolhos ou carraças, os gatos podem ser infectados, desde a mais tenra idade, por parasitas internos: os vermes (helmintes) ou microorganismos denominados protozoários.

É difícil calcular a frequência de helmintes (vermes) digestivos uma vez que os diversos estudos realizados evidenciam grandes variações. Os gatos que vivem em meio rural são parasitados com maior frequência do que os gatos citadinos. Os animais com acesso ao exterior são mais vulneráveis do que os que vivem em ambientes fechados. Finalmente, os jovens são mais sensíveis e receptivos do que os adultos. Desta forma, é possível distinguir duas categorias de gatos que podem hospedar vermes: gatinhos, da nascença até aos 10 meses, no gatil ou acabados de adquirir; os gatos com acesso ao exterior, em meio rural ou suburbano (zonas residenciais com jardins).

Um estudo conduzido em 1996 demonstrou que, em média, 1 em cada 5 gatos estava infestado por vermes e, no caso, de gatinhos com menos de um ano, 1 em cada 3.

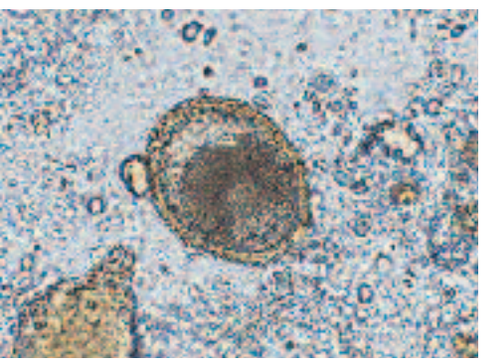
Os principais parasitas dos gatos são os ascarídeos (Toxocara cati) e os ancilostomas, no caso dos vermes redondos; algumas ténias, de entre as quais o Dipylidium, para os vermes achatados.

Os ascarídeos do gato.

O *Toxocara cati* é um verme redondo (ou nemátodo) que mede 4 a 8 cm de comprimento. Localiza-se no intestino delgado. Estes vermes formam aglomerados que dão origem a irritação e obstrução intestinal. Os gatos podem ser infectados quer pela ingestão de ovos de parasitas presentes no meio ambiente, quer durante a lactação, nos 10 dias a seguir ao nascimento.

PRINCIPAIS HELMINTES, PARASITAS DIGESTIVOS DO GATO

Parasitas	Dados epidemiológicos
Ollulanus tricúspis	Tricostrongilideo, parasita do estômago, raro.
Ancilostoma tubaeforme	Ancilostoma parasita do duodeno, existente sobretudo em países quentes. A infestação está ligada à penetração percutânea ou à ingestão de larvas infestantes.
Uncinaria stenocephala	Ancilostoma comum ao cão, existente em França.
Taenia taeniaeformis	Ténia observada em gatos que comem ratos.
Toxacara cati	Ascarídeo, parasita do duodeno, muito frequente nos gatos jovens (até 1 ano).
Toxascaris leonina	Ascarídeo observável em gatos adultos caçadores de ratos, predominante, em ambiente rural.
Dipylidium caninum	É o céstodo mais frequente nos gatos, da cidade ou do campo. Surge na sequência da ingestão de pulgas.



Toxocara cati

Dypilidium caninum

As gatas infectadas, hospedam as larvas nos seus tecidos (músculos, mamas) durante toda a vida. As larvas "despertam" no final da gestação dando origem a ascarídeos intestinais adultos e às larvas infestantes do leite. Assim, as gatas contaminam o seu meio envolvente com ovos de ascarídeos através das próprias matérias fecais ou contaminam directamente a ninhada durante as mamadas.

Os ovos microscópicos são eliminados em grande quantidade, juntamente com as matérias fecais. Resistem ao frio, à dessecação e aos desinfectantes tradicionais, sobrevivendo no solo durante mais de 3 anos.

Após a ingestão, as larvas libertadas do invólucro dos ovos, migram no organismo do gato passando pelo fígado e pulmões antes de regressarem ao intestino, onde se tornam adultas. Este ciclo dura aproximadamente 6 semanas.

O parasitismo dos ascarídeos produz sintomas muito acentuados. Estes podem-se traduzir por uma dilatação do abdómen dos gatinhos (doença do ventre inchado), diarreia, e também distúrbios do crescimento (raquitismo, pêlo seco e baço). Pode ser observado vómito com vermes. Há também a possibilidade de morte súbita por peritonite.

O *Dypylidium caninum* é um verme achatado segmentado (céstodo). As larvas deste parasita encontram-se nas pulgas e a sua ingestão leva ao aparecimento de ténias adultas no intestino, passadas três semanas. Os segmentos ovígeros ou anéis do parasita são então eliminados pelo gato e são observáveis na região perianal ou na pelagem. Com um comprimento entre 5 a 6 milímetros, são móveis e esbranquiçados numa primeira fase. Posteriormente, com a dessecação, assumem um aspecto semelhante a pequenos grãos de arroz. Por comparação com os parasitas do homem, os donos pensam ver oxiúros, quando na verdade estes não existem no gato.

A infestação por ténias é geralmente bem tolerada pelos gatos. O crescimento dos gatinhos pode evidenciar atrasos. As ténias podem dar origem a malformações e pelagem baça, assim como a prurido anal após a expulsão dos anéis.

Prevenção da infestação por vermes

Tendo em conta o seu papel patogénico, é importante reduzir o risco de infestação por parasitas, desde muito cedo:
- é aconselhável desparasitar as gatas nos 15 dias anteriores ao parto, assim como durante o mês seguinte;

- os gatinhos deverão ser desparasitados com 1 mês, aos 3 meses e 6 meses de idade;
- recomenda-se seguidamente uma desparasitação semestral;
- em caso de ocorrência de toxocarose nos gatis, os gatinhos deverão ser desparasitados mensalmente, até aos 6 meses de idade.

Existem diversas formulações anti-helmínticas. Apresentam-se sob a forma de pastas orais ou comprimidos. A escolha depende dos parasitas em causa e da facilidade de administração aos gatos.

A profilaxia sanitária baseia-se na higiene do ambiente (tendo em vista a eliminação dos ovos), e na vigilância e desparasitação das gatas.
O risco de infestação por *Dipylidium* diminui quando existe uma adequada profilaxia contra as pulgas. O tratamento contra ténias só deve ser considerado se o gato apresentar anéis perianais, se caçar com muita frequência ou se estiver infestado de pulgas.

Recordamos que o *Toxacara cati*, tal como o ascarídeo dos cães, *Toxocara canis*, pode infestar o homem provocando graves afecções (zoonoses) relacionadas com a migração das larvas (*Larva migrans ascaridiana*). O risco está associado à ingestão de ovos com larvas presentes no meio ambiente dos donos ou dos criadores.

Os protozoários dos gatos

Os gatos podem ser infectados desde muito cedo por outros parasitas digestivos para além dos helmintes: os protozoários. Podem observar-se dois tipos: *Giardia* e coccídeas. Estes protozoários são tão frequentes como os vermes, infectando 30 a 60% dos gatinhos no gatil de criação e 5 a 20% dos gatos com donos.

Devido à sua multiplicação, a *Giardia* provoca uma enterite caracterizada por má digestão e má absorção, com emagrecimento e diarreia crónica. Esta afecção atinge tanto os adultos como os jovens. Os cistos são eliminados através das fezes e constituem elementos de resistência e de contaminação de outros indivíduos.

Existem numerosas coccídeas parasitas dos gatos. As mais comuns, *Isospora*, são agentes da enterite aguda observada nos gatinhos entre 1 e 6 meses. A infecção ocorre quando os gatos ingerem os oocistos presentes no solo. Outra via de infecção, menos frequente, é a ingestão de roedores (principalmente ratos). Outros protozoários são ingeridos pelos gatos juntamente com as suas presas: *Besnoitia*, *Hammondia* e *Toxoplasma gondii*. Esta última espécie, agente da toxoplasmose, é bem conhecida pois infecta todos os mamíferos,

ANTI-HELMÍNTICOS UTILIZADOS NO GATO

Princípio activo	Nome das especialidades veterinárias	Apresentação	Espectro de actividade
Piperazina	Ascapérazine®	Xarope	Ascarídeos
Pirantel	Strongid®	Pasta oral	Ascarídeos, ancilostomas
Oxibendazol + Niclosamida	Vitaminthe®	Pasta oral	Ascarídeos, ancilostomas Ténias *e Dipylidium* (dose mínima necessária para uma boa eficácia sobre *Dipylidium)*
Flubendazol	Flubenol®	Pasta oral	Ascarídeos, ancilostomas, Ténias.
Praziquantel	Droncit® Droncit®Pill Plativers®	Comprimidos (microcomprimidos para Droncit®Pill), ou injectável por via sub-cutânea.	Céstodos
Pirantel + Praziquantel	Drontal®Gato	Comprimidos	Ascarídeos, ancilostomas e céstodos entre os quais (Ténia e *Dipylidium*)

incluindo o homem. O gato é o único que hospeda as formas intestinais e elimina os cistos. Os outros mamíferos - incluindo o homem - são infectados pela ingestão de cistos eliminados pelos gatos ou, mais frequentemente, através do consumo de animais infectados (carne de ovelha, porco e mais raramente de vaca) Aproximadamente 90% dos gatos adultos já foram infectados por toxoplasma.

A maioria das coccídeas é muito bem tolerada pelos gatos, o que torna as infecções assintomáticas. Apenas os *Isospora* são susceptíveis de causar diarreias severas nos animais jovens. Para o tratamento das coccideoses são administradas sulfamidas potencializadas pelo trimetoprim.

A prevenção das protozooses digestivas dos gatos passa, em primeira instância, por medidas sanitárias tais como, a limpeza regular do chão do gatil, de forma a diminuir a quantidade de cistos infectantes. Deverá igualmente ser considerada a despistagem e tratamento dos gatos adultos portadores (frequentemente gatas reprodutoras).

Os parasitas digestivos dos gatos são bastante frequentes. Felizmente, é possível diminuir a frequência e gravidade das infestações recorrendo a tratamentos adequados, tanto nas criações como junto de proprietários particulares. A prevenção das infestações por parasitas baseia-se principalmente em desparazitações regulares. O ideal é proceder a uma desparazitação semestral. Em caso de dúvida, uma consulta ao médico veterinário e a realização de exames complementares permitirão confirmar ou não o parasitismo digestivo do animal.

A vacinação do gato

Qualquer dono, cioso da saúde do seu gato, deve preocupar-se em protegê-lo de doenças graves através da vacinação.

A prevalência de diversas doenças graves do gato tem vindo a diminuir ao longo dos anos graças à disponibilidade de várias vacinas. Se por um lado, o número de gatos vacinados tem vindo a aumentar de forma regular, por outro lado, em França, os gatos vão menos às consultas médico-veterinárias em comparação com os cães e, como tal, estão menos protegidos pela vacinação preventiva.
De entre as doenças que podem afectar os gatos, algumas são fatais. Outras raramente colocam em risco a vida do animal. No entanto, é sempre preferível evitar o seu aparecimento vacinando o animal.

Infelizmente, não existem hoje em dia vacinas eficazes para todas as doenças identificadas no gato.

As zoonoses, ou antropozoonoses, são doenças comuns ao homem e ao animal. As principais doenças comuns ao gato e ao homem são a raiva, a toxoplasmose, a tuberculose e a doença provocada pelos arranhões dos gatos. Actualmente, já nenhuma delas constitui um problema quer para o animal quer para o homem. A raiva está hoje bem controlada por via de uma regulamentação que torna obrigatória a vacinação contra esta doença em certas circunstâncias (Ver pontos seguintes).

Generalidades sobre a vacinação

Reforços imunológicos ("Rappels")

Um organismo animal, face a um invasor externo, reage desenvolvendo uma resposta dirigida contra o agente em causa. Classifica-se esta resposta como imunológica ou imunitária. O suporte desta defesa específica é representado por uma categoria de glóbulos brancos, os linfócitos, que desenvolvem uma resposta adaptada a cada antigénio. De facto, existe uma especialização dos linfócitos. Alguns destes – os linfócitos B – fabricam anticorpos destinados a neutralizar os agentes infecciosos. Outros, os linfócitos T, atacam directamente as células infectadas de modo a destruí-las. Em ambos os casos, os linfócitos memorizam o primeiro contacto com um agente externo e, caso se produza um segundo contacto com o mesmo agente, respondem de forma extremamente rápida e imediata, destruindo o agente antes

mesmo que este tenha ocasião de se multiplicar e dar origem a uma doença, caso se trate de um agente patogénico.

Desta forma, quando um indivíduo entra em contacto com um agente externo, de forma natural ou por meio de uma vacina, fica protegido. O grau de protecção depende de diversos factores, sendo os anticorpos o modo de defesa mais importante.

O papel da idade

O caso do gatinho

A imunocompetência do gatinho, ou seja a sua capacidade de desenvolver uma reacção imunitária de boa qualidade, completa-se a partir da 2ª ou 3ª semana de vida. Teoricamente, as vacinas poderiam ser aplicadas desde os 15 dias de vida. Na realidade, a vacinação do jovem é anulada, na maioria dos casos, pela interferência com a imunudade transmitida pela mãe.

O gato idoso

Devido, por um lado, à diminuição do número de anticorpos com o passar dos anos e, por outro, ao decréscimo do nível de imunocompetência, é imperativo administrar reforços das vacinas aos gatos idosos.

A vacinação na espécie felina

Particularidades relacionadas com a vacinação do gato

Indicações e contra-indicações

De modo geral, está contra-indicada a vacinação de gatos doentes, parasitados ou em fase de tratamento com um imunossupressor.
Em regra, todos os gatinhos devem ser submetidos a desparasitação antes da administração da primovacinação. Para além disso, a administração de vacinas modificadas é contra-indicada nas fêmeas em gestação, pois existe um risco potencial de induzir – salvo se for demonstrado o contrário – anomalias no feto.

No que diz respeito às indicações da vacinação, deve-se frisar que o interesse do dono em proceder à vacinação do gato deverá ser maior se o tipo de vida do animal incluir saídas para o exterior. Neste caso, o gato está exposto a riscos adicionais de contaminação: contacto com outros gatos ou com objectos infectados. Não se deve no entanto considerar que um gato com vida sedentária, em casa dos donos, não corre qualquer risco de contrair doenças infecciosas e que neste caso a vacinação é inútil. Na realidade, um gato pode estar exposto a contaminações na residência dos donos, mesmo na ausência de qualquer contacto directo com outro gato, através do contacto com objectos contaminados no exterior que são posteriormente trazidos para casa (sola dos sapatos). Para além disso, mesmo um animal que durante um determinado período da sua vida é um gato "que não sai", mais cedo ou mais tarde acabará por o fazer, quer pela necessidade de uma consulta veterinária, pelo alojamento num gatil ou porque vai de viagem. Sem a protecção conferida pela vacinação, irá frequentar ambientes muito contaminados (salas de espera ou clínicas veterinárias, gatis, carruagens de comboios ou habitáculos dos carros) que o poderão expor a sérios riscos de contaminação.

Uma das dificuldades ao definir as indicações da vacinação felina são as situações em que as infecções se apresentam de forma assintomática, não diagnosticáveis através de um simples exame clínico, mas durante a qual o animal infectado poderá contaminar outros gatos que estejam em contacto com ele. Infecções como a coriza e a clamidiose deixam os animais aparentemente curados, mas ainda assim portadores e eventualmente excretores do microorganismo patogénico em causa. Outras infecções felinas evidenciam uma evolução muito lenta, com um período muito longo, durante o qual o gato contaminado aparenta estar saudável. Durante este período, denominado assintomático, sem o recurso a um rastreio específico é impossível identificar um gato infectado, e como tal representa um perigoso para os seus

congéneres. Este leque de oportunidades de potencial contaminação vem reforçar o interesse de se proceder à vacinação preventiva.

As informações referentes a toda a envolvente da vacinação (natureza da vacina, modo de inoculação, data de aplicação, vinheta correspondente ao lote da vacina administrada) são registadas no boletim de vacinas que apenas pode ser fornecido por um médico veterinário.

Papel da idade: particularidades do gatinho

Nos carnívoros, 90 a 95% dos anticorpos maternos são transmitidos à descendência através do primeiro leite (o colostro). Durante as primeiras mamadas, cada cria recebe como herança a quase totalidade de anticorpos da mãe: dá-se o nome de imunidade de origem materna, imunidade passiva (não foi o gatinho que produziu este tipo de anticorpos) ou transmitida. Esses anticorpos foram adquiridos pela mãe ao longo da vida quer por meio do contacto com agentes infecciosos quer através de vacinações.

Devido à permeabilidade transitória da barreira intestinal, os anticorpos do colostro têm a possibilidade de entrar na circulação sanguínea do gatinho, durante os dois primeiros dias de vida. A concentração de anticorpos no sangue do gatinho vai diminuindo progressivamente até atingir níveis indetectáveis por volta dos 2 meses e meio.

O momento exacto dessa anulação varia consoante os gatinhos e depende de vários factores, entre os quais a concentração de anticorpos no sangue materno e o tamanho da ninhada.

O aspecto positivo desta transmissão é que os anticorpos adquiridos de forma passiva protegem o gatinho durante as primeiras semanas de vida. Por outro lado, vão também interferir nas primeiras tentativas de imunização activa da cria através da vacinação. De facto, os anticorpos ligam-se aos antigénios da vacina, neutralizando-os e anulando a imunização vacinal.

O período crítico corresponde ao intervalo de tempo entre o momento em que o gatinho se torna sensível à infecção natural, até ao momento em que é possível vaciná-lo de forma eficaz. Este período é muito perigoso para a cria, principalmente quando o meio ambiente está contaminado. Os vírus são extremamente resistentes ao meio externo, particularmente o vírus da panleucopenia. A solução preconizada para contornar esta dificuldade, no caso da panleucopenia, consiste em iniciar a vacinação a partir da 6ª semana de vida e repeti-la de 2 em 2 semanas até às 12 – 14 semanas de vida. Este protocolo de vacinação, denominado "de choque", é adoptado nos efectivos onde exista manifestação da doença. No que respeita aos gatos que vivem isolados, em casa dos donos, a pressão vírica não assume a mesma importância do que nos efectivos onde já tenham existido casos da doença e, para além disso, esses gatinhos normalmente receberam já a primovacinação antes de serem vendidos.

Os tipos de vacinas

Distinguem-se as vacinas clássicas, as mais utilizadas, e as vacinas preparadas de acordo com as novas tecnologias, que representam a solução para o futuro.

De entre as vacinas **clássicas**, destacamos por um lado as vacinas inactivas ou mortas e por outro as atenuadas, também denominadas vivas ou modificadas.

As vacinas inactivas são preparadas com base em agentes bacterianos ou víricos inactivados através de diferentes processos, como o calor ou tratamento químico. A opção de produzir uma vacina inactiva, constitui uma via obrigatória sempre que o agente causal não possa ser estabilizado sob uma forma não virulenta (por exemplo, a vacina contra a raiva).

Nas vacinas vivas, o agente é modificado de forma a diminuir a sua virulência, mas pode ainda multiplicar-se. Desta forma vai induzir uma resposta imunitária muito forte por parte

do animal vacinado (pelo que recebem a designação "muito imunogénicas").

A maioria das futuras vacinas serão preparadas com recurso a **novas tecnologias** que têm surgido recheadas de promessas. Já existe uma vacina deste tipo em comercialização, destinada a proteger o gato contra a leucose

O calendário de vacinação

Este calendário deve ser estabelecido pelo médico veterinário, em função de diversos parâmetros, tais como o modo de vida do gato, idade e meio ambiente. Entretanto, todos estes programas correspondem aos princípios gerais que seguidamente passamos a resumir.

A maior dificuldade da primovacinação, consiste em conseguir vacinar o gatinho da melhor forma e com a maior rapidez possível, imediatamente a seguir ao desaparecimento da imunidade passiva. Isto obriga à aplicação de duas inoculações sucessivas: a primeira, administrada entre as 6 e as 10 semanas de idade – habitualmente às 8 semanas – e a segunda 3 a 4 semanas após a primeira – de forma geral entre as 12 – 14 semanas. Existe uma legislação específica referente à vacinação anti-rábica, pelo que esta não pode ser aplicada antes dos 3 meses de vida.

A administração de uma dose de reforço aos gatos que foram vacinados muito jovens é indispensável para a manutenção de um nível de imunidade eficaz.

A protecção contra doenças

Doenças contra as quais se deve, em determinadas circunstâncias, vacinar o gato.

A raiva é uma encefalomielite vírica que afecta todos os animais de sangue quente, assim como o homem, e constitui uma das principais e mais temidas zoonoses a nível mundial, porque é sempre mortal. A doença surge ao fim de um período médio de incubação de 30 dias. Os sintomas são do foro neurológico e a morte ocorre passados 3 a 6 dias. A doença está classificada como "legalmente contagiosa" (de declaração obrigatória). A raiva constitui um risco para o gato vadio, que deambula em zonas infectadas. A prevalência da raiva diminuiu consideravelmente em França nos últimos anos e hoje constitui um risco muito limitado. Em França, a vacinação é obrigatória para os gatos provenientes de outros países (importação) e de regiões infectadas (para circulação em França). Também é obrigatória para a obtenção de autorizações de entrada em parques de campismo e participação em exposições felinas.
A legislação francesa obriga a esperar até aos 3 meses de idade para se vacinar os gatinhos: como a protecção só será total passado um mês, a autorização de acesso a locais onde a vacinação seja obrigatória (parques de campismo, exposições, passagem de fronteiras) não é possível antes do animal completar os 4 meses.

Doenças contra as quais se pode vacinar o gato

Actualmente, os gatos são vacinados contra a raiva, o tifo, a coriza e a leucose (consultar quadro da pág. 105).
No passado **a panleucopenia felina**, ou **tifo** do gato, foi responsável por uma mortalidade muito significativa, mas a doença tornou-se muito rara em meio urbano. Esta regressão deve-se certamente ao benefício da generalização da vacinação. A maioria das vacinas disponíveis no mercado francês são vacinas modificadas. A vacinação da fêmea durante o último terço da gestação e dos gatinhos com menos de 4 semanas está contra-indicada.

O termo "**coriza do gato**" designa uma doença infecciosa aguda, causada principalmente pela acção de dois vírus distintos que podem agir sozinhos ou em associação. Na realidade, é impossível relacionar um determinado sintoma à acção de um ou de outro agente responsável. Preferiu-se, então, reunir o conjunto de sintomas observados sob a designação genérica coriza. O risco de um gato poder ser contaminado e desenvolver coriza, tal como dissemos na introdução, é acrescido pela existência de excretores assintomáticos. Estão disponíveis

actualmente em França diversas vacinas modificadas e uma vacina purificada a partir de subunidades.

A **leucose felina** resulta da infecção do gato pelo vírus FeLV (*Feline Leukemia Virus* em inglês). Juntamente com o vírus da imunodeficiência felina (FIV para *Feline Imunodeficiency Virus*), o FeLV constitui um dos dois vírus felinos indutores de estados de imunodeficiência. O FeLV é responsável pela manifestação de sintomas num espaço médio de 2 anos após a infecção. O FIV leva à aparição da síndrome da imunodeficiência adquirida, ou **SIDA félin**, num prazo de 8 a 10 anos após a contaminação.

Em ambos os casos, o quadro clínico é dominado pela presença de sintomas gerais (emagrecimento, febre, prostração, falta de apetite) acompanhados de diversas infecções localizadas em diversos órgãos.

Destas duas doenças, só a leucose pode ser prevenida pela administração de uma vacina específica. Actualmente, é possível proteger os gatos eventualmente expostos a riscos de contaminação através de vacinas. A utilização dessas vacinas em gatos positivos no rastreio não tem qualquer interesse (o animal já está contaminado), ainda que seja isenta de risco (a inoculação inoportuna da vacina não exacerba a infecção). De facto, a vacinação não interfere com o diagnóstico serológico que se baseia no isolamento de um dos antigénios virais e não na detecção de anticorpos dirigidos contra o vírus.

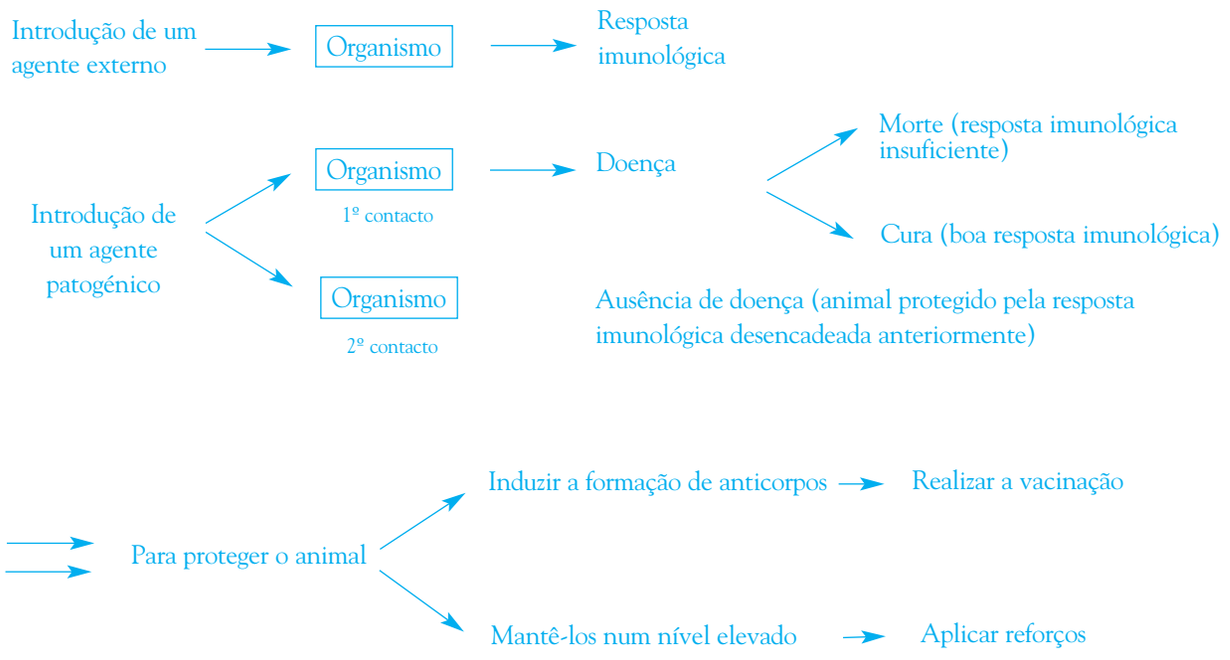
A **clamidiose** é uma doença bacteriana que se traduz essencialmente por conjuntivite, associada por vezes a corrimento nasal e tosse. A bactéria intervém sozinha mas pode fazê-lo também associada aos vírus da coriza e, neste caso agravar os sintomas da coriza. Os gatos aparentemente curados de um episódio de clamidiose permanecem durante muito tempo portadores e podem voltar a ser novamente excretores, podendo esta excreção estar ou não associada a sintomas.

Doenças para as quais não existem vacinas disponíveis em França

A **peritonite infecciosa felina** (PIF) é uma doença vírica grave, cuja forma mais conhecida corresponde à acumulação de líquido no abdómen. Esta doença pertence à lista de defeitos redibitórios, face aos quais o comprador está protegido pela lei. Em França, não existe qualquer vacina autorizada contra esta doença. Até há pouco tempo, os testes de vacinação contra a PIF não obtiveram resultados satisfatórios. Recentemente, foi isolada uma estirpe atenuada do vírus da PIF e a sua administração por via intranasal parece conferir uma protecção interessante. Nos EUA e nalguns países da Europa, foi concedida a autorização de comercialização deste produto. Em França, os estudos complementares indispensáveis à obtenção dessa autorização encontram-se ainda em curso.

Actualmente, não existe ainda uma vacina que proteja o gato contra uma infecção por FIV, responsável pela SIDA felina. A investigação nesta área encontra-se em franca actividade. De facto, devido às semelhanças entre a doença felina e a SIDA humana este tipo de pesquisa reveste-se de duplo interesse: interesse do foro veterinário e também em termos de medicina comparada. Se conseguirmos elaborar uma vacina eficaz contra a SIDA felina, seria uma descoberta extremamente interessante para os investigadores que procuram uma vacina contra a SIDA humana. A vacinação constitui um modo simples e inócuo de proteger um gato contra doenças infecciosas graves. Os donos, ciosos do bem-estar dos seus gatos, devem respeitar rigorosamente o calendário de vacinações, estipulado pelo médico veterinário.

O PRINCÍPIO DA VACINAÇÃO



Os diversos tipos de vacinas felinas disponíveis em França

		Doenças víricas	Doenças bacterianas
Vacinas inactivas	Clássicas	Coriza (2 valências) Leucose Raiva	Clamidiose
Vacinas vivas	Clássicas Por via nasal	Panleucopenia Coriza (2 valências) Peritonite infecciosa*	Clamidiose
Vacinas à base de subunidades virais	Fracção vírica obtida por meio da engenharia genética	Valência herpesvírus da coriza Leucose	

* Não possui, até à data, uma autorização de comercialização no mercado francês.

A

Gosta do seu gato e, como tal, preocupa-se com a sua saúde, por isso será útil conhecer as principais doenças que o afectam e os sintomas que o deverão inquietar.
Um gatinho de boa saúde caracteriza-se por um aspecto alerta, estando normalmente revestido por uma pelagem macia e limpa. A sua locomoção é fácil. As orelhas apresentam uma quantidade reduzida de cerume castanho-claro, olhos bem abertos e não lacrimejantes, respira com facilidade, tanto a boca como a língua devem ter um aspecto e odor agradável. A região anal apresenta-se limpa. No caso de um macho não castrado, deverá ter dois testículos normalmente inseridos nas respectivas bolsas. Liberta um odor agradável, característico da sua espécie, mas não nauseabundo.

Gato doende

Mesmo o exame mais cuidadoso não vai revelar doenças indetectáveis a olho nu. Como tal será recomendável levar a sua nova aquisição a um médico veterinário, que realizará um exame minucioso e eventualmente todos os testes que considerar necessários.
Que alimentação deverá fornecer ao seu gatinho? Com o desenvolvimento dos alimentos industriais para gatos, as doenças ósseas ligadas ao crescimento dos gatinhos passaram a ser quase uma raridade
Uma alimentação "só à base de carne" ou uma auto-medicação mal conduzida (administração de uma dose excessiva de vitamina D) podem provocar perturbações ósseas do tipo osteofibrose, no decorrer das quais os ossos, frágeis, estão sujeitos a lascar e a fracturar.

Aos 3 meses, o seu gatinho está desmamado, consegue alimentar-se sozinho e está bem adaptado ao meio envolvente. Cabe-lhe a si garantir um crescimento harmonioso.

As infecções virais ou bacterianas

Uma vez que deixou de estar protegido pelos anticorpos recebidos por via materna durante a gestação e lactação, o gatinho é sensível a infecções víricas ou bacterianas.

Leucose e Imunodeficiência felina

Os gatos são sensíveis a diversos agentes infecciosos responsáveis por doenças por vezes fatais. À cabeça destes flagelos encontram-se três vírus: o da leucose felina (FeLV), o da imunodeficiência felina (FIV) e o da peritonite infecciosa felina (PIF).

As duas primeiras doenças resultam de infecções por vírus, que designamos FeL.V. no caso da primeira e F.I.V da segunda, ambos da família dos retrovírus.

As diferenças em termos de vias de contaminação e da sensibilidade dos gatos face a estes dois vírus explica a não sobreposição das populações de risco.
O FeL.V. é veiculado por ocasião de contactos, lambidelas e utilização de caixas de areia comuns. Os animais mais expostos são os gatinhos e adultos jovens com acesso ao exterior e/ou que vivam em grupos.
A transmissão do F.I.V processa-se essencialmente através de mordeduras. A infecção por este vírus, raro nos locais de criação, é mais frequente nas populações de gatos vadios. O tipo de gato de maior risco é o macho adulto não-castrado, com acesso ao exterior.

Em caso de contacto de um animal sensível com o virus Fe.L.V. poderão ocorrer as seguintes situações: ou o vírus é imediatamente eliminado sem deixar sequelas ou consegue ultrapassar as primeiras defesas do organismo e entrar na corrente sanguínea. Neste caso, trata-se de uma viremia.
Se as defesas do animal forem suficientemente fortes, ocorre a interrupção da invasão mas o vírus pode permanecer nas células da medula óssea. Caso as defesas diminuam, o vírus invade o organismo desencadeando a doença.

Os sintomas são muito variáveis e surgem após uma fase assintomática, durante a qual o gato é contagioso. Surge depois anemia, com palidez das mucosas, o doente cansa-se e perde o fôlego rapidamente. Devido a uma deficiência ao nível das defesas imunitárias, o gato infectado pode sofrer todo o tipo de complicações: viroses respiratórias, abcessos, diarreias crónicas ou ainda afecções cutâneas. Qualquer gato que evidencie doenças reincidentes ou uma afecção resistente ao tratamento deverá ser submetido a um teste de rastreio de retrovírus. São classicamente observadas alterações reprodutivas assim como tumores, principalmente linfossarcomas.

A evolução clínica de uma infecção por F.I.V. está relacionada com a degradação progressiva do sistema imunitário. Distinguem-se 3 estádios:

- primoinfecção: febre moderada, hipertrofia ganglionar;
- fase de seropositividade sem sintomas;
- fase clínica inicial: a doença apresenta sinais discretos, tais como perda de pêlo e episódios de febre; esta fase dura alguns meses;
- fase clínica de consolidação: ocorrência de infecções mais graves e reincidentes, que respondem mal ou que nem sequer reagem ao tratamento; esta fase também se prolonga durante alguns meses;
- estádio terminal: o paciente torna-se sensível a todos os microorganismos, ainda que pouco patogénicos e desenvolve todo o tipo de infecções, o que conduz à morte no espaço de 1 a 6 meses.

Não é difícil encontrar alguns gatos duplamente infectados (FeL.V. positivos e F.I.V positivos). Geralmente sofrem de doenças extremamente graves e morrem pouco tempo depois do aparecimento dos primeiros sintomas.

Não existe qualquer tratamento eficaz para estas retroviroses. É possível prolongar a vida dos doentes atingidos pela leucose graças a diversas terapias (corticóides, antimicóticos). O tratamento das infecções secundárias com antibióticos, de forma geral, serve apenas para adiar o fim.

A peritonite infecciosa felina

Familiarmente designada por P.I.F, deve o seu nome a uma das formas que pode assumir: uma ascite, ou seja, a acumulação de líquido no abdómen. O agente causal pertence à família dos coronavírus.
Se nos gatos de raça se detecta uma incidência superior à observada nos gatos vadios, este facto parece resultar, sobretudo das condições de vida (confinamento) dos animais de raça, mais do que a uma sensibilidade particular. No entanto, foi demonstrado que algumas linhagens evidenciam maior sensibilidade do que outras.
A P.I.F. constitui um problema real e bastante grave para os criadores, abrigos e gatis onde existe uma grande concentração de gatos, principalmente se entre estes também existirem crias.

A P.I.F. surge em gatos de todas as idades, com especial incidência nos jovens (gatinhos e adultos até ao ano e meio). O vírus transmite-se principalmente por via oro-fecal: um gato sensível é contaminado pela boca (lambidelas, contactos com secreções ou fezes do animal doente). Pode ocorrer transmissão aérea, mas ignora-se se as pulgas ou outros insectos podem funcionar como agentes de contágio.

É provável que uma determinada proporção de gatos, uma vez contraído o vírus, se tornem portadores sãos e que, ocasionalmente, o excretem durante uma situação de stress, uma doença ou durante a reprodução. O vírus da P.I.F é muito resistente em meio exterior (diversas semanas).

Os veterinários preferem referir-se ao microorganismo como coronavírus felino (F.Co.V), entre os quais se encontram estirpes de baixa virulência (infecção não aparente), de virulência média (responsáveis pela enterite) e finalmente outras muito virulentas (que provocam a P.I.V clínica).

Consoante a estirpe, a mortalidade pode variar entre 0 e 100%. A maioria possui uma virulência média. Os vírus responsáveis pela P.I.F. clínica provavelmente são mutantes do F.Co.V.

Após infecção por coronavírus felino, pode observar-se:

- infecção assintomática ou intestinal moderada: o animal torna-se seropositivo e muitas vezes simultaneamente um portador saudável;
- doença inflamatória abdominal ou ocular isolada;
- peritonite: apenas uma reduzida percentagem (1 a 10%) dos gatos infectados por coronavírus felino desenvolve posteriormente os sintomas de P.I.F., a forma mais grave da doença e cujo desfecho é quase sempre fatal.

O período de incubação varia bastante: de 1 a 2 dias a diversos anos! Distinguem-se tradicionalmente uma forma húmida (efusiva), com derrames para as grandes cavidades, e uma forma seca, cujos sinais clínicos dependem do(s) órgão(s) atingido(s) (como por exemplo encefalite). Não existe tratamento mas apenas terapêutica de suporte ao doente.

Os testes

Como efectuar o rastreio das retroviroses: FeL.V. e F.I.V?

Os testes de rastreio servem para confirmar ou invalidar uma suspeita de retrovirose; são também utilizados para detectar os portadores saudáveis, evitando incluir gatos contaminados num efectivo indemne.

Os testes de rastreio do FeL.V. detectam a presença do vírus no sangue, no entanto, podem proporcionar falsos negativos nas semanas seguintes à contaminação. Em contrapartida, um gato positivo pode posteriormente tornar-se negativo. É portanto conveniente realizar dois testes com intervalo de 3 meses.

O teste de rastreio do F.I.V detecta os anticorpos produzidos pelo paciente contra o vírus. Sabe-se que, em 100% dos casos, um gato que produz anticorpos está para sempre infectado com F.I.V. Portanto é inútil repeti-los.

Como proceder ao rastreio do P.I.F?

Os testes actualmente disponíveis em França detectam os anticorpos produzidos pelo organismo como reacção a um contacto com o coronavírus felino. São bastante úteis para a elaboração de um diagnóstico, em conjunto com outros elementos clínicos e para tentar manter um efectivo indemne, permitindo apenas a inclusão de gatos seronegativos.

Têm alguns limites porque por vezes proporcionam resultados por defeito:

- falsos positivos (qualquer vacinação, anticorpos maternos, outros coronavírus);
- falsos negativos (infecção do útero, evolução longa, portador são, temporariamente negativo).

Existem diversas técnicas e, como tal, os resultados podem diferir de um laboratório para outro.

A panleucopenia infecciosa felina

Também denominada tifo felino, esta doença é provocada por um parvovírus muito resistente (mais de um ano) em meio externo. Os gatos são contaminados por contacto com um animal doente ou a partir de um local onde se encontre o vírus.
Os sintomas são variáveis em função da idade do animal, sendo os mais jovens os mais gravemente afectados.
Na forma aguda mais grave, o doente morre subitamente num espaço inferior a 12 horas.
A forma aguda caracteriza-se por febres altas e um abatimento extremo; o animal recusa qualquer alimento, desidrata, vomita e por fim apresenta diarreia. A análise sanguínea revela uma diminuição do número de glóbulos brancos.
A taxa de mortalidade situa-se entre 50 a 60%, por vezes, os animais curados conservam sequelas de diarreia persistente
Se a gata em gestação for infectada por um vírus selvagem ou vacinada com um vírus vivo atenuado, o vírus pode infectar o feto. Durante as primeiras fases de gestação, a infecção pode provocar aborto e, durante o último terço, pode causar hipoplasia, ou seja, um distúrbio de desen volvimento do cerebelo. Os sinais clínicos surgem quando as crias atingem aproximadamente as 4 semanas de vida: tremem, manifestam descoordenação de movimentos e são incapazes de se locomover. Esta forma que atinge os gatinhos, não tem qualquer tipo de tratamento. Nos outros casos, o veterinário realiza uma rehidração através de fluidoterapia, o tratamento dos sintomas e uma antibioterapia para reduzir as complicações infecciosas. O prognóstico é reservado e a taxa de mortalidade bastante elevada.

A raiva

Esta doença, que voltou a surgir em França em 1968, tem vindo a regredir graças a medidas sanitárias eficazes (vacinação dos animais domésticos e das raposas e vigilância dos animais que mordem).
A raiva é uma encefalite (doença cerebral) provocada por um rabdovírus.
A contaminação processa-se por contacto com um animal com raiva ou em fase de incubação da doença. O vírus penetra no organismo através de uma lesão cutânea. A fase de incubação é variável (de algumas semanas a alguns meses).
A raiva é uma doença invariavelmente mortal, assim que são detectados os primeiros sintomas: em caso de mordedura por um animal infectado ou suspeito de infecção, deve-se, logo que possível, ainda durante o período de incubação, iniciar o tratamento.
A raiva do gato é bastante espectacular: por vezes a encefalite traduz-se em prostração e paralisia, mas o mais comum é ter como consequência crises de loucura furiosa.
A prevenção da raiva animal e humana em França baseia-se numa medida sanitária obrigatória e perfeitamente codificada: a quarentena sob vigilância veterinária, durante 15 dias, de um animal mordido ou arranhado.

Afecções oculares e das vias respiratórias superiores

As mais graves são causadas por três vírus e uma clamídia, dos quais, apenas os calicivirus conseguem resistir por mais de 48 horas no meio exterior (10 dias), apesar do meio ambiente ter pouca influência no contágio que se processa fundamentalmente gato a gato.

Os sinais clínicos são geralmente designados pelo termo familiar e global "coriza". Os sintomas comuns são a febre, rapidamente seguida de conjuntivite, lacrimejamento, espirros que, por vezes, se complicam com secreções serosas a purulentas (secreções nasais abundantes) e tosse. Alguns sinais particulares permitem distinguir, ocasionalmente, os diferentes agentes mas as infecções mistas não são raras.

O herpesvirus do tipo 1 é responsável pela **rinotraqueite viral**, caracterizada por espirros paroxísticos, descarga nasal e conjuntivite purulentas com úlceras na córnea e lesões na língua.
As gatas gestantes infectadas abortam com frequência. A mortalidade é bastante elevada ao nível das crias e adultos enfraquecidos. Mais

de 80% dos gatos curados continuam a ser portadores do vírus que se mantém em estado latente (o vírus não dá origem a qualquer sinal clínico) e conseguem excretá-lo novamente em situações de stress.

Os sintomas da **calicivirose**, provocada por um calicivírus, são variáveis dependendo da estirpe e da resistência do animal.
Nos casos menos graves, a doença limita-se ao aparecimento de úlceras na língua, no palato, nos lábios e sulco mediano do nariz. A dor que a acompanha, desencadeia a anorexia total: o animal deixa de se alimentar. É observável igualmente o corrimento ao nível dos olhos e do nariz. Nas formas mais graves, desenvolve-se também uma pneumonia que pode conduzir à morte (em 100% dos casos nos gatinhos jovens). De forma menos típica, pode observar-se claudicação em consequência de dores articulares e musculares, ou contracção dos dedos.
Após a cura, alguns gatos eliminam completamente o vírus, enquanto que outros continuam a ser portadores crónicos.

A reovirose, por acção de um reovírus, provoca sobretudo conjuntivite; as complicações são raras. Não existe vacina.

A *Chlamydia psittaci* é o agente da **clamidiose**. A infecção traduz-se inicialmente por sinais oculares, conjuntivite e quemose, ou seja, edema da conjuntiva, que atinge inicialmente um dos olhos e seguidamente os dois. Por vezes, esses sintomas regridem sem tratamento. Nos casos mais graves, após cerca de 10 dias, a afecção ocular torna-se muito mais grave, com corrimento purulento; o doente espirra e tosse. Podem ocorrer abortos. A cura só se verifica ao cabo de 2 a 6 semanas.
Nalguns casos, os animais curados continuam a ser portadores assintomáticos e voltam a excretar clamídias em caso de stress.
O médico veterinário prescreve um tratamento com antibiótico e de suporte ao estado geral do paciente. O papel das pessoas que lidam com o doente é primordial: devido ao congestionamento das vias respiratórias o gato não come e descuida a sua higiene. É imprescindível fazer com que se alimente, se necessário com alimentação forçada, recorrendo aos alimentos habituais (húmidos ou sob a forma de sopa) ou aos produtos especialmente elaborados para esta finalidade (alimento líquido de suporte nutricional) fornecido pelo veterinário. Alimentar o doente, cuidar da sua higiene, desobstruir o nariz frequentemente e prepararlhe inalações são gestos que poderão acelarar a cura do animal. Poderá efectuar-se um tratamento com um aerossol em casa ou na clínica veterinária.

Afecções ou deficiências dos grandes aparelhos

A saúde do **aparelho digestivo** depende, em primeiro lugar, da saúde dos dentes. Estes, em diferentes idades, cobrem-se de tártaro. O tártaro é causado pela acumulação na placa dentária, camada que se forma por acção das bactérias existentes na boca, de sais minerais contidos na saliva. O tártaro provoca a retracção das gengivas, inflamação, infecção e por fim a perda do dente. É indispensável proceder a uma limpeza e frequentemente é necessário extrair vários dentes, facto que não acarreta qualquer problema.
Vários gatos adultos ou idosos sofrem de reabsorção dentária ou osteoclástica: os dentes começam por apresentar depressões ao nível do colo alveolar; se a reabsorção se agravar os dentes tornam-se mais frágeis e partem-se. As raízes são eliminadas ou permanecem inclusas na gengiva, constituindo um foco de gengivite crónica. Um gato muito afectado baba-se constantemente e recusa-se a ingerir alimentos. Na altura da distribuição do alimento, comporta-se como um esfomeado, coloca-se diante do comedouro mas não agarra qualquer pedaço e, se o fizer, procura livrar-se imediatamente da comida com auxílio das patas, como se se tratasse de um corpo estranho. As lesões dentárias iniciais podem ser objecto de cuidados médicos mas a partir do momento em que atingem a polpa do dente a única solução é a extracção.

O esófago propulsiona os alimentos até ao estômago no qual se abre através do cárdia.

Se o cárdia tiver alterações de funcionamento, os alimentos acumulam-se no esófago até serem regurgitados. Este fenómeno de extravasamento pode também ocorrer devido à compressão do esófago por um tumor na caixa torácica ou, pela persistência de um arco vascular de origem embrionária. A longo prazo, a acumulação de alimentos provoca a dilatação do órgão, a que se dá a designação megaesófago. Os gatinhos, de forma geral, engolem bem o leite materno, mas os problemas surgem no momento da transição para a alimentação sólida. Nos casos menos graves, conseguem-se melhorias através de medidas dietéticas e higiénicas, mas o prognóstico habitual é bastante sombrio.

No **estômago** do gato ocorrem diversas alterações isoladas, agudas ou crónicas, as gastrites. Este órgão está também envolvido em alterações patológicas gerais.
A gastrite aguda surge na sequência da ingestão de substâncias deterioradas, medicamentosas, tóxicas ou não alimentares: faz também parte do quadro clínico de diversas patologias gerais (alergias, afecções hepáticas, renais, cardíacas, doenças infecciosas ou parasitárias).
Geralmente, os casos benignos tratam-se através do recurso a um jejum de 24 horas (mas não mais do que isso) e a um regresso progressivo à alimentação habitual. Já os casos mais graves, requerem a intervenção de um veterinário para controlo dos vómitos e administração de tratamento, consoante a causa da gastrite.
Uma gastrite crónica, acompanhada por vómitos ocasionais, emagrecimento e intolerância alimentar, pode igualmente ser observada, de forma isolada, no quadro de uma síndrome mais geral. O tratamento a longo prazo passa não só pela administração de medicamentos como também de medidas nutricionais (alimentos concentrados, hipoalergénicos, fraccionados em várias e pequenas refeições). O diagnóstico exacto requer a realização de exames complementares (radiografias simples ou de contraste, fibroscopias ou laparotomias exploratórias). As úlceras gástricas são pouco habituais e dificilmente identificáveis.

A torção abdominal, tão temida na espécie canina, é muito rara no gato

As doenças do **intestino delgado** dão origem a diarreias.
Uma diarreia aguda pode surgir em consequência de um erro alimentar. Uma mudança brusca da alimentação altera o equilíbrio microbiano do tubo digestivo. Algumas bactérias desenvolvem-se à custa de outras, produzindo subprodutos tóxicos que irritam a mucosa intestinal.
Diversos vírus são responsáveis por diarreias agudas, tais como o vírus da panleucopenia ou o coronavirus, assim como o vírus da P.I.F. Os gatinhos mais jovens estão expostas a uma complicação dramática em situações de diarreia aguda, a invaginação: esta consiste na introdução de uma porção do intestino na porção intestinal que se lhe segue, de tal modo que a primeira porção é envolvida pela segunda, como se fosse o dedo de uma luva. É indispensável realizar uma cirurgia de urgência. Também são graves as consequências da oclusão ou obstrução intestinal, raramente provocada por um corpo estranho, uma vez que o gato saboreia o alimento e não engole pequenos objectos. As principais causas são tumores digestivos ou extra-digestivos (linfossarcoma).

O intestino pode hospedar diversos parasitas, com maior frequência vermes como o *scaris* ou *dipylidium*. Estes provocam diarreias, perturbações digestivas e emagrecimento e, caso sejam muito numerosos, podem obstruir completamente a luz intestinal e dar origem a uma oclusão.

As enterites crónicas surgem na sequência de uma afecção aguda, ou isoladamente.
Normalmente, são acompanhadas por má absorção, ou seja, o organismo doente assimila mal ou não assimila os nutrientes que chegam ao intestino. Também são observáveis em quadros clínicos complexos de afecções gerais, como diabetes ou insuficiência renal crónica.
Algumas enterites crónicas – consoante a sua origem - podem ser curadas ou melhoradas graças a tratamento médico. Em qualquer caso, é

fundamental fornecer ao doente um regime alimentar adequado, composto por proteínas facilmente digeríveis e de boa qualidade, pobre em gorduras saturadas e em lactose. O recurso aos alimentos dietéticos é quase indispensável. É difícil descobrir a causa das enterites crónicas. O recurso a exames complementares invasivos, como a biopsia da mucosa intestinal, é quase sempre necessário. Os tumores do intestino delgado, provocam diarreias crónicas, mesmo antes da manifestação de outros sintomas associados (emagrecimento, palpação anormal e compressão de órgãos próximos...).

A insuficiência pancreática exócrina é muito rara na espécie felina. Nesta doença, a secreção deficiente de suco pancreático impede ou reduz a digestão das gorduras, dos glúcidos e em menor quantidade das proteínas. O gato emagrece, evidencia fome permanente e produz grande quantidade de fezes moles de cor esbranquiçada. Apenas uma terapia de substituição (aporte de extractos pancreáticos ou enzimas) associada a uma alimentação específica permite que o doente leve uma vida quase normal.

As colites são inflamações das últimas porções do aparelho digestivo. Agudas ou crónicas, induzem a emissão de fezes volumosas, moles, viscosas, por vezes sanguinolentas. As causas de colite são muito numerosas: infecciosas, parasitárias, psíquicas... ou mesmo desconhecidas. As bolas de pêlo, estão por vezes na origem de colites. O tratamento depende da origem da doença.

Por fim, as últimas porções do tubo digestivo, **o recto e o ânus,** podem ser objecto de inúmeras afecções. Algumas devem-se a malformações congénitas (ânus não perfurado). Os animais idosos, obesos e sedentários manifestam uma grande tendência para a obstipação. Sem um tratamento ou correcção alimentar, este estado pode agravar-se e dar origem a uma verdadeira coprostase (acumulação de fezes no recto) com oclusão intestinal. Na maioria dos casos, o tratamento médico (laxantes e clisteres) consegue resolver a obstrução, mas nos casos mais rebeldes é necessário recorrer à cirurgia.

Causas da diarreia aguda no gato
(segundo Cotard)

- Alimentação: mudanças, alergias, intolerância, sobrecarga.
- Tóxicas: especialmente o paracetamol.
- Vírus: panleucopenia, P.I.F., coronavírus enterítico, FeL.V., F.I.V., rotavírus, astrovírus.
- Bactérias: salmonelas, *Campylobacter*, *Yersinia*, colibacilos, bacilo da tuberculose.
- Parasitas: ascarídeos, ancilostomas, triquríideos, coccídias, leveduras.
- Causas diversas: obstrução parcial, corpos estranhos (cordel, linhas, agulhas)...

Algumas causas de diarreia crónica no gato
(segundo Paragon)

- Diarreia por presença de água nos intestinos: sobrecarga intestinal, má digestão, má absorção; insuficiência pancreática ou biliar; deficiência em lactase, inflamação ou tumor do epitélio ou da parede intestinal.
- Diarreia por secreção excessiva das glândulas intestinais: toxinas bacterianas; afecções virais, bacterianas, parasitárias ou tóxicas (*idem* diarreias agudas).
- Diarreia por perturbações da motilidade intestinal: crises peristálticas, carência de fibras, obstrução parcial.

Principais causas de prisão de ventre nos gatos (segundo Fayolle)

- Aumento da consistência das fezes: ingestão de pêlos, de areão, desidratação.
- Obstáculo ao trânsito intestinal: obstáculo exterior ao intestino (fractura da bacia, tumor, acumulações secas nos rebordos do ânus); obstáculo sobre ou no próprio intestino (tumor, estenose, corpo estranho).
- Perturbações neuromusculares: disfunções do sistema nervoso central, da inervação do cólon (megacólon); idiopática, disautonomia felina.
- Recusa em defecar: caixa de areia suja, mudança de ambiente, hospitalização, dores provocadas pela posição; lesões ano-rectais (glândulas anais, corpo estranho, tumor, abcesso).
- Alguns medicamentos.

Aparelho respiratório

O aparelho respiratório do gato é alvo de agentes infecciosos específicos. Rinites, traqueítes, bronquites, broncopneumonia são as consequências mais frequentes destas infecções virais.

Os sintomas mais frequentes, nos casos graves são: respiração difícil e dispneica. Estes sintomas são comuns a outras doenças gerais tais como a leucose (causada por um linfossarcoma mediastínico, tumor localizado na cavidade torácica que impede o funcionamento normal dos pulmões) ou a P.I.F. (responsável por um derrame pleural).

Um gato que tosse pode sofrer de uma destas infecções ou de asma felina. A tosse é um sintoma das doenças das vias respiratórias ricas em áreas tussígenas: a laringe, a traqueia e os brônquios. Acompanha igualmente doenças de outros órgãos da cavidade torácica, assim como a maioria das insuficiências cardíacas esquerdas com edema pulmonar.
A tosse aguda é causada por problemas ao nível do aparelho respiratório superior (amigdalites, laringites, traqueítes, geralmente com origem infecciosa ou em falsas deglutições) ou em menor escala, do aparelho respiratório inferior (infecções, edemas pulmonares agudos, inalações de substâncias irritantes e asma).
A tosse nem sempre é consecutiva a uma alteração primitiva da árvore respiratória: a tosse aguda pode também ser uma consequência de problemas cardio-vasculares.

A maioria das infecções crónicas do aparelho respiratório superior, são provocadas pela cronicidade das afecções agudas atrás descritas. Nesta lista devem incluir-se diversas perturbações que podem afectar a traqueia: corpos estranhos, colapso traqueal, compressão por órgãos vizinhos, como por exemplo, no caso de um tumor situado no mediastino (entre os dois pulmões). Deve igualmente ser considerado o estado do aparelho cardiovascular: uma insuficiência cardíaca esquerda, responsável por um edema pulmonar, com aumento do volume do coração e compressão dos órgãos vizinhos, está na origem da tosse crónica.

A asma do gato
O termo asma é utilizado para descrever os episódios reincidentes de tosse paroxística, respiração sibilante e dispneia. Esta síndrome evidencia muitas semelhanças clínicas com a asma humana. A origem da asma felina inclui, provavelmente, uma reacção de hipersensibilidade à inalação de pneumoalergenos, que provoca a contracção dos músculos lisos das vias respiratórias e uma inflamação das vias aéreas. Por vezes, a tosse é tão violenta que acaba por desencadear o vómito ou a rejeição de líquidos digestivos. Alguns episódios graves requerem um tratamento de urgência. Um gato em crise fica prostrado no solo, com os cotovelos afastados, o pescoço esticado, de boca aberta e língua de fora, evidenciando por vezes uma coloração azulada por efeito da cianose (oxigenação insuficiente). A afecção resulta de uma hiperactividade das vias respiratórias que se traduz pela contracção dos músculos lisos (broncoespasmo) e uma inflamação por contacto com alergenos aéreos. Os antibióticos revestem-se de fraca utilidade neste tipo de afecção respiratória visto que a origem não é infecciosa, excepto em caso de infecção secundária. Os anti-inflamatórios esteróides geralmente permitem controlar a crise e a melhorar o estado do doente.

As doenças cardiovasculares

São bastante frequentes, tanto nos gatos jovens, ocasionalmente vítimas de malformações congénitas, como nos gatos adultos ou idosos sujeitos a afecções muito específicas da espécie felina. Devido à disposição das suas artérias coronárias os gatos estão pouco predispostos a enfartes do miocárdio.

As **malformações cardíacas** congénitas não são muito frequentes na espécie felina, mas são bastante graves, provocando atrasos de crescimento, intolerância ao exercício, cianose (as mucosas tornam-se azuladas ao mínimo esfor-

ção) e finalmente à morte prematura. As malformações mais frequentes são ao nível das comunicações intra-ventriculares, por vezes também entre as aurículas, a estenose da aorta, malformação da válvula tricúspide e "shunt" porto-cava. Podem também verificar-se outras anomalias.

As **perturbações do ritmo e da condução**, muito raras na espécie felina resultam de um mau funcionamento da contracção cardíaca. Designa-se por taquicardia um aumento da frequência cardíaca e por bradicardia a diminuição. As contracções cardíacas podem ser anárquicas, se surgem muito cedo ou muito tarde. Os sintomas são muito variados, desde uma afecção quase imperceptível até uma complicação respiratória grave. Alguns anti-arrítmicos, medicamentos utilizados para tratar este tipo de afecções, devem ser utilizados com muita prudência nos gatos.

As **cardiomiopatias** são doenças primárias do músculo cardíaco do gato. De origem desconhecida, provocam uma hipertrofia ou dilatação cardíaca. As ecografias permitem distinguir três tipos de cardiomiopatias (hipertrófica, dilatada ou restritiva) consoante as modificações que afectam o músculo e as cavidades cardíacas. Lesões cardíacas análogas são observáveis nas doenças primitivas do miocárdio assim como em afecções mais gerais (carência de taurina ou hipertiroidismo).
As cardiomiopatias possuem sintomas comuns. Para além da sintomatologia geral, como falta de apetite, abatimento e por vezes vómitos, são observáveis outros mais específicos como a insuficiência cardíaca esquerda (dificuldades respiratórias, estertor, tosse) ou direita (dispneia menos intensa e ascite, ou seja, dilatação abdominal devido a acumulação de líquido). O gato dispneico manifesta movimentos respiratórios exagerados, adoptando frequentemente uma posição característica: deitado em posição de esfinge, com os membros anteriores posicionados de cada lado do tórax e respirando com a boca aberta. A libertação de um coágulo pode desencadear uma trombo-embolia ilíaca.

O tratamento das cardiomiopatias, excepto quando a causa é conhecida (hipertiroidismo, carência de taurina), requer a utilização de diversos tipos de medicamentos: diuréticos, vasodilatadores, nomeadamente inibidores da enzima de conversão (I.E.C.) e por vezes digitálicos. Repouso, ausência de stress e regime alimentar com teor reduzido de sal, são medidas prioritárias no tratamento.

O **hipertiroidismo** é uma afecção dos gatos idosos, que provoca, a médio ou longo prazo, alterações cardíacas, cujos sintomas são, numa primeira fase, taquicardia (o coração bate com maior rapidez), com batimentos cardíacos muito fortes e com presença ocasional de um sopro. Seguidamente são observáveis distúrbios do ritmo e por fim instala-se uma cardiomiopatia hipertrófica. Caso se protele o tratamento do hipertiroidismo, esses distúrbios podem tornar-se irreversíveis ocasionando a morte do doente. Destacam-se outros sintomas clínicos: perda de peso, aumento do apetite, hiperactividade, nervosismo, por vezes vómitos, aumento da quantidade de água ingerida e de urina eliminada assim como queda de pêlo... O diagnóstico é confirmado pelo doseamento das hormonas da tiróide no sangue. O tratamento pode ser clínico (com anti-tiroidianos) ou na maioria dos casos, cirúrgico.

A tiróide não é a única glândula endócrina susceptível de ter alterações do funcionamento: a hipófise e as supra-renais também podem sofrer alterações ou processos tumorais.

A *diabetes mellitus* do gato é uma doença rara, provavelmente devido a um sub-diagnóstico. Os primeiros sintomas clínicos são pouco específicos, sendo o mais característico o aumento da sede (polidipsia) e da quantidade de urina eliminada (poliúria) De forma geral, o apetite aumenta, podendo diminuir noutros casos. O doente mostra-se abatido e vomita ocasionalmente. Por vezes é obeso e em geral tem mais de 5 anos.
Apresenta, com frequência, outros distúrbios endócrinos e afecções, por exemplo infecções genitais ou urinárias. O veterinário confirma o diagnóstico através de análises ao sangue e/ou á urina.

O MEU GATO BEBE MUITO

A poliúria–polidipsia é um sintoma que se manifesta em inúmeras afecções, entre as quais:
- Afecções renais (insuficiência renal crónica ou por vezes aguda, nefrite intersticial, pielonefrite, reacções após a remoção da obstrução);
- Afecções genitais (Piometra, Metrite);
- Afecções hepáticas (Insuficiência hepática);
- Afecções endócrinas (doença das supra-renais, diabetes mellitus, diabetes insipidus, hipertiroidismo, acromegalia);
- Desequilíbrios electrolíticos (hiper ou hipocalcemia; hiponatremia, hipocalemia)
- Consequências do tratamento (corticóides, diuréticos, alguns antibióticos);
- Excesso de sal nos alimentos;
- Psicogenia (potomania).

A **glicemia** (teor de açúcar no sangue) é controlada por duas hormonas antagónicas segregadas pelo pâncreas: a insulina e o glucagon. Em 80% dos gatos diabéticos a insulina é segregada pelo pâncreas em quantidades insuficientes, e nos outros casos, muito embora seja segregada é mal aproveitada pelo organismo.
O tratamento da *diabetes mellitus* do gato deve incluir uma alteração do regime alimentar. O alimento deve ser mais rico em fibras (legumes verdes) e em glúcidos complexos; se o gato for obeso é necessário reduzir a energia do alimento para permitir uma diminuição progressiva de peso. Consequentemente, dever-se-á adaptar a alimentação ao gato ou optar por alimentos dietéticos veterinários elaborados com esta finalidade. Para além disso, o veterinário poderá prescrever sulfamidas hipoglicemiantes ou insulinoterapia. Na espécie felina, a determinação da dosagem de insulina assim como o seu ritmo de administração constitui uma questão delicada, podendo ter que ser ajustada durante o tratamento. Verificam-se inúmeros casos de diabetes transitórios nesta espécie. No caso de um gato diabético, é indispensável um acompanhamento veterinário regular assim como uma vigilância cuidadosa.

Diabetes mellitus, diabetes insípidus
Apesar destas duas afecções possuírem o mesmo nome, não devem ser confundidas. A *diabetes mellitus* é uma doença que se caracteriza pelo aumento da glicemia (teor de açúcar no sangue). A *diabetes insipidus* é uma doença rara, resultante da incapacidade do rim concentrar a urina, devido a uma insuficiente produção da hormona hipofisária, que controla essa concentração, ou pela insensibilidade do rim a essa hormona.
A maior parte dos resíduos do organismo são eliminados graças ao fígado e aos rins. Esses órgãos podem apresentar problemas de funcionamento.

O **fígado** possui múltiplas funções: produz a bílis, que contém os sais biliares, indispensáveis à digestão das gorduras, de vários resíduos e de produtos de eliminação (como medicamentos ou os produtos que resultam da sua transformação). O fígado desempenha um papel chave no metabolismo dos açúcares (armazenagem e redistribuição); participa no metabolismo das proteínas e gorduras; armazena as vitaminas (A, D, B12) e os sais minerais (ferro e cobre). Contribui também para a eliminação de diversos produtos tóxicos depois de submetidos a reacções químicas complexas. Uma das vias tradicionais de destoxificação é quase inoperante na espécie felina. É por este motivo que o gato é extremamente sensível às intoxicações por diversos produtos: insecticidas organoclorados (DDT e lindano), aspirina e paracetamol.

Considera-se que existe uma insuficiência hepática a partir do momento em que o fígado deixa de funcionar.
A **insuficiência hepática aguda** pode ter diversas causas: infecciosa (P.I.F., pseudotuberculose, diversas bactérias, toxoplasma...), substâncias tóxicas, perturbações gerais (estado de choque, hemólise) e problemas imunológicos. Os gatos afectados mostram-se abatidos, anorécticos e apresentam distúrbios digestivos: vómitos, diarreia ou sede excessiva. A icterícia desenvolve-se mais ou menos rapidamente, da mesma forma que se instalam distúrbios nervosos: locomoção vacilante, prostração seguida de coma e, por vezes, convulsões. As análises de sangue são de grande utilidade para a confirmação do diagnóstico.
Se o veterinário conseguir identificar a causa, poderá tratá-la por via da administração de medicamentos sintomáticos. Repouso e uma alimentação rica em glúcidos e com um teor limitado de proteínas e gorduras, são medidas fundamentais.

A **insuficiência hepática crónica** instala-se de uma forma tão discreta que quando os sintomas se tornam alarmantes, já grande parte do fígado se encontra destruída; nesse momento a determinação da causa é praticamente impossível.
De entre as etiologias possíveis, citamos a colangio-hepatite (inflamação das vias biliares); doenças gerais, tanto infecciosas (P.I.F.) como endócrinas (*diabetes mellitus*) e casos de cirrose do fígado (linfossarcomas, car-

Gato durante uma consulta veterinária

cinomas primários ou metastáticos) que se manifestam através de sintomas análogos.
O doente emagrece, o pêlo perde toda a beleza, a digestão está alterada (come relativamente bem mas sofre de diarreia ou obstipação) e por vezes ingere muita água. O animal apresenta-se eventualmente sub-ictérico e depois completamente amarelo. As análises de sangue evidenciam alterações ligeiras.
O tratamento principal baseia-se numa dieta alimentar com proteínas de elevado valor biológico e glúcidos de fácil assimilação, fraccionados em várias e pequenas refeições.

Os **rins** podem ser atingidos por inúmeras afecções.

A insuficiência renal aguda corresponde a uma súbita diminuição ou mesmo à paragem das funções renais. As causas possíveis podem ser de três tipos: pré-renais (tais como choque hemorrágico, perturbações digestivas, gastrite e insuficiência cardíaca), renais (nefrite aguda, de origem infecciosa ou tóxica), pós-renais (obstrução das vias urinárias devido a um processo inflamatório ou tumoral ou pela acumulação de cálculos).
O doente deixa de urinar, está triste, abatido e vomita; o veterinário confirma o diagnóstico através de análises de sangue e/ou de urina. Por vezes, o tratamento implica a hospitalização, porque esta afecção grave requer um acompanhamento meticuloso do animal, que precisa quase sempre de fluidoterapia.

A **insuficiência renal crónica** é provavelmente a causa nº1 de mortalidade não acidental, ao nível dos gatos de idade avançada. Num rim em processo de envelhecimento, o grau de eficácia da depuração é cada vez menor, do que decorre uma acumulação de resíduos tóxicos no sangue. O doente emagrece, passa a ter um apetite caprichoso, sofre de perturbações digestivas (vómitos e diarreia), com presença de um odor urémico na cavidade bucal e, por fim, evidencia perturbações nervosas (coma) que o conduzem à morte. A correcção precoce da alimentação (restrição do fósforo) permite aumentar a esperança de vida do seu companheiro, uma vez que os tratamentos médicos se processam sobretudo em caso de crise aguda ou se o animal piorar subitamente. Solicite ao seu médico veterinário um alimento especialmente concebido para este efeito, que lhe permita retardar o desenvolvimento de uma insuficiência renal crónica.

De entre as causas da insuficiência renal aguda, tivemos ocasião de observar uma referência frequente à **obstrução das vias urinárias.** Os gatos são vulneráveis a distúrbios do aparelho urinário inferior, denominados com a sigla S.U.F. (Síndrome Urológico Felino) cujas consequências são especialmente graves nos machos em virtude da sua anatomia
Durante muito tempo, atribui-se a responsabilidade desta afecção aos alimentos secos (croquetes). Nos anos 70, alguns alimentos pobres em energia e ricos em magnésio que favoreciam a formação de uma urina com características básicas, tiveram efectivamente um papel fundamental em termos da formação de cristais e na acumulação de cálculos compostos por fosfatos de amonónio magnesiano (estruvite). Estes cálculos provocaram cistite em ambos os sexos, e a obstrução da uretra nos machos, devido ao facto desta ser comprida, estreita e curva.
Actualmente os veterinários possuem uma perspectiva mais global desta síndrome, designada pela sigla **FLUTD** (em inglês - *Feline Lower Urinary Tract Disease*). Este termo engloba as afecções caracterizadas por diversos sintomas, tais como, micções frequentes ou dolorosas e presença de sangue na urina (hematúria). O simples facto de o animal urinar fora da caixa de areia pode constituir um sinal de alerta.
As causas desta síndrome são múltiplas: infecção urinária bacteriana (rara), tumores, defeitos anatómicos, urolitíase ou cistite idiopática. A urina do gato saudável contém cristais em quantidades variáveis (estruvite, oxalato de cálcio, etc.). Os sedimentos urinários não são induzidos pela alimentação, mas esta pode contribuir para a sua precipitação. Os alimentos para gatos passaram a ser formulados de forma a reduzir o risco de precipitação dos minerais, em cada etapa da vida do animal. Se por um lado, os alimentos secos estão

perfeitamente adaptados para satisfazer as exigências de um gato saudável, por outro, o animal que já tenha tido cálculos deverá receber uma alimentação húmida ou seca, mas rehidratada de forma a aumentar a ingestão de água para diminuir os riscos de reincidência.
Em mais de 60% dos casos, o doente sofre de cistite idiopática. Esta comporta fases de remissão e outras de ressurgimento dos sintomas e constitui a maior percentagem de casos de falta de higiene da espécie felina. O stress, provocado por dificuldades no relacionamento com o dono, por mudanças de alimentação, problemas do meio envolvente (clausura, superpopulação, caixa de areia) ou por inúmeros motivos que apenas o gato conhece, desempenha um papel muito importante no desencadear da cistite idiopática.
Por vezes, num gato inteiro, não é possível resolver a obstrução devido à acumulação de areias de granulometria variável e de matérias proteicas. A urina não flui ou flui com dificuldade, acumulando-se na bexiga. O animal evidencia prostração, conservando-se enrolado sobre si próprio e manifesta sinais de dor intensa devido à distensão da bexiga, cuja ruptura pode ser provocada por um simples golpe fortuito, uma palpação inábil ou cuidados tardios. Os resíduos contidos na urina são reabsorvidos pelo organismo, conduzindo a um estado de intoxicação urémica. A intervenção cirúrgica é a única solução para este problema.

Gostamos dos gatos principalmente devido à beleza e suavidade da sua pelagem. Estas podem ser alteradas, quer por doenças quer por dermatoses.

A primeira causa da **dermatose felina** é a infestação por parasitas, em que a **pulga** ocupa o primeiro lugar.

O gato pode apresentar outras parasitoses cutâneas mais raras:
outras formas de sarna e piolhos provocam dermatite miliar e prurido, a cheiletielose dá origem a seborreia seca e lesões de dermatite miliar, prurido e descamação, e constituem uma zoonose (transmissível ao homem). As larvas de trombídios, cor-de-laranja vivo, fixam-se durante o Verão nas pregas da pele, principalmente ao nível das orelhas. Carraças e *demodex* são parasitas ocasionais do gato.

A tinha é uma afecção da pele e do pêlo provocada por um fungo dermatófito, geralmente o *Microsporum canis*. Estas duas afecções são abordadas na secção referente à prevenção de dermatoses e micoses externas.

A dermatite miliar
Esta síndrome caracteriza-se pela formação de inúmeras e pequenas crostas e por descamação, o que confere à pele a textura de lixa; na maior parte dos casos é provocada por uma D.A.P.P. mas surge também de forma habitual ou ocasionalmente em diversas afecções cutâneas felinas.
Este quadro clínico, que não constitui exactamente um caso patológico, mas sim a forma que a pele dos gatos tem de reagir a diversas afecções, é a doença cutânea mais frequente nos gatos. Para além da D.A.P.P. as causas possíveis são várias:
• hipersensibilidade aos pneumoalergenos (ácaros do pó): enquanto o homem desenvolve a febre dos fenos, o gato fica cheio de crostas e coça-se;
• intolerância e hipersensibilidade alimentar;
• foliculite bacteriana: as bactérias, muitas vezes do tipo estafilococos, acumulam-se nos folículos pilosos; caso especial: o acne do queixo;
• todas as parasitoses cutâneas;
• acidente cutâneo medicamentoso;
• afecções cutâneas devido a deficiências do sistema imunológico;
• dermatites de contacto, etc.
O tratamento depende essencialmente da descoberta da causa. De uma forma não específica, são prescritos com resultados satisfatórios: anti-histamínicos, corticóides, ácidos gordos essenciais e, eventualmente, acetato de megestrol.

Os gatos com neurodermatose ou alopecia psicogénica têm cuidados de higiene excessivos: lambem-se e mordiscam a pele constantemente.
Alguns animais mais discretos, ou que tenham sido repreendidos pelos donos, fazem-no

Administraçaó de medicamento.

exclusivamente durante a noite ou longe do seu olhar. Pode ocorrer em qualquer raça (inclusivamente gatos vadios), mas verifica-se uma maior incidência nos Siameses, Orientais, Birmaneses e Abissínios. Estas raças estão também mais predispostas a sorver e ingerir lã.
Trata-se de uma síndrome complexa que, segundo os autores, é desencadeada por uma circunstância puramente emocional (stress, chegada de um novo animal, perda de alguém chegado, um aborrecimento...) ou alérgica. Neste último caso, a situação de ansiedade contribui apenas como factor agravante. As causas hormonais, tantas vezes referidas, parecem raramente intervir. Quando é detectada uma doença subjacente, trata-se (por ordem de frequência decrescente) de D.A.P.P., de uma alergia respiratória ou alimentar, de tinha ou parasitas.

Nos gatos, o principal sintoma de uma **alergia alimentar** é o prurido. Esta hipersensibilidade a um ou diversos componentes alimentares pode surgir em qualquer idade. É difícil identificar a ou as substâncias em causa, mas sem isso é difícil que o animal melhore. Para além do prurido quase constante, um gato que padeça de alergia alimentar pode apresentar uma dermatite miliar, crostas na cabeça e no pescoço e placas de pele espessa e irritada.

O **complexo granuloma eosinofílico felino** (C.G.E.F.) é um conjunto de afecções cutâneas, próprias da espécie felina, que têm em comum o desenvolvimento de lesões de evolução progressiva que, num exame histológico, se revelam ricas em células denominadas "eosinófilos".

O C.G.E.F. comporta três síndromes. A úlcera eosinofílica ou úlcera labial átona, quase sempre localizada no lábio superior. A placa eosinófila é uma lesão húmida, muitas vezes ulcerada, que provoca um prurido intenso, situada geralmente no abdómen ou na zona interior das coxas. O granuloma eosinófilo é um inchaço duro, linear, desprovido de pêlos, situado na maior parte das vezes na face posterior das coxas. Com excepção dos animais jovens, nos quais se pode esperar uma regressão espontânea, o quadro clínico aponta para recaídas e agravamento. Vários medicamentos, entre os quais os corticóides, podem proporcionar algumas melhorias ao nível das lesões, mas no conjunto, o tratamento é decepcionante.

Os olhos, outro elemento-chave do encanto felino, podem também ser alvo de doenças.

As **pálpebras** podem sofrer diversas anomalias congénitas: ausência de pálpebra superior, entropion (enrolamento das pálpebras para dentro ocasionando grandes lesões na córnea devido ao atrito com os cílios). A solução para estes problemas é do foro cirúrgico. As blefarites, infecções das pálpebras são causadas por bactérias ou fungos (tinha).

O olho é lubrificado constantemente pelas **lágrimas,** cuja deficiência dá origem a graves alterações oculares (querato-conjuntivite seca). As lágrimas escorrem dos olhos através dos canais lacrimais, muito finos, que por vezes ficam obstruídos (na sequência de infecções) ou que são congenitamente estreitos. A consequência é o derrame das lágrimas de cada lado do nariz formando linhas de coloração acastanhada.

As **conjuntivites** são muito frequentes na espécie felina. Muitas vezes constituem um sintoma de uma doença geral. Surgem precocemente na clamidiose felina. O herpesvirus da rinotraqueite infecciosa é muito agressivo para os olhos, sendo responsável pela conjuntivite mucopurulenta, assim como por queratite ou úlceras da córnea muito graves, quer seja na fase aguda da doença, ou de forma crónica algum tempo após a infecção primária.

A **córnea** do gato evidencia por vezes lesões específicas da espécie felina, tais como o sequestro da córnea (placa de tecido escuro que se desenvolve na córnea).

Uma **uveíte** traduz-se pela alteração da cor da íris que se torna baça e rosada, por precipitados na córnea, por miose e por uma "névoa" na câmara anterior. Três uveítes virais são específicas do gato: fazem parte do quadro clínico da leucose, da imunodeficiência felina (F.I.V.) e

da peritonite infecciosa felina (P.I.F.). Ocorrem também em casos de toxoplasmose, de traumatismos e infecções oculares.

O **glaucoma**, provocado por um aumento da pressão intra-ocular, dá origem ao aumento do volume do olho e dores intensas.

A integridade da **retina** é fundamental para uma boa visão. As hemorragias e o deslocamento da retina são uma consequência de traumatismos ou doenças gerais graves, e constituem sequelas da uveíte. Os casos de degenerescência da retina na sequência de uma falta de taurina na alimentação desapareceram, desde que, os alimentos industriais passaram a ser correctamente suplementados com este aminoácido, indispensável ao gato. Nunca alimente o seu felino com alimentos para cães!

Finalmente, os gatos podem ser vítimas de 4 **afecções oculares de origem nervosa**: estrabismo, prolapso da terceira pálpebra, síndrome de Claude Bernard Horner (apenas um dos olhos evidencia miose e prolapso da terceira pálpebra) e síndrome das pupilas dilatadas ou disautonomia felina.

O prolapso da terceira pálpebra

O gato possui uma terceira pálpebra, situada no canto interior do olho. Tem como função, participar na protecção do olho e elaborar a película que protege a córnea e que algumas vezes, por diversas causas, passa a estar visível de forma contínua:

- causas mecânicas relacionadas com o estado do olho: microftalmia ou atrofia do globo ocular, emagrecimento, tumor ou traumatismo dos músculos retractores em consequência de arranhões;
- causas neurológicas por irritação local, desequilíbrio e excesso de influência do sistema parassimpático, na sequência de uma afecção abdominal;
- lesão dos nervos simpáticos cervicais provocada por afecções tão distintas como uma hérnia discal, uma otite, um tumor, um abcesso ou um traumatismo.

Na espécie felina, a maioria dos casos de prolapso da terceira pálpebra deve-se a uma afecção abdominal; por este motivo é normal que o veterinário se preocupe com o estado do aparelho digestivo e prescreva um laxante (em caso de bolas de pêlo) um anti-helmíntico (a infestação por *dipylidium* que pode passar despercebida, provoca normalmente este tipo de sintomas) ou um anti-séptico intestinal.

O aumento da esperança de vida dos gatos tem sido acompanhado pela descoberta de um número crescente de tipos de **cancro**. Será que os gatos também se ressentem, tal como o homem, dos efeitos negativos da vida moderna, como a poluição e um dono fumador?

Um tumor, proliferação desordenada de células, pode ser benigno ou maligno: um tumor maligno é um cancro. Nesta espécie os cancros são 6 vezes mais frequentes do que os tumores benignos, a partir dos 3 anos de idade. Na população felina em geral, os tumores cutâneos são os mais frequentes; seguem-se os tumores mamários e, finalmente, os de diversos tecidos moles. A frequência dos tumores dos gânglios e linfossarcomas está directamente relacionada com o grau de infecção pelo vírus da leucemia felina.

Os sintomas de cancro dependem do órgão atingido, da rapidez da evolução do tumor, do seu carácter localmente invasivo ou capacidade de formar metástases, assim como da sua acção à distância (por exemplo, tumor de uma glândula endócrina).

Alguns sinais de alerta poderão chamar a sua atenção e levá-lo a consultar o veterinário que segue o seu gato. Uma afecção neoplásica (um cancro) possui dois tipos de efeitos. Os efeitos locais, um alto ou protuberância visível ou palpável, destruição do órgão, compressão dos órgãos vizinhos ou repercussão funcional; mas também efeitos à distância, por excesso ou insuficiência da produção de uma hormona, ou produção de substâncias pelo próprio tumor. Neste caso, diversos sinais, embora não específicos, chamam a atenção do clínico, levando-o a considerar a hipótese de um cancro: emagrecimento, aumento da sede ou apetite, convulsões, tosse e hemorragias (internas ou externas).

Caso suspeite da presença de um tumor cancerígeno, o veterinário tem necessidade de realizar exames complementares para determinar, de forma rigorosa, ou confirmar o seu diagnóstico: radiografias, ecografias e outras técnicas mais sofisticadas e mais dispendiosas (MRI e *scanning*). O clínico pode também recorrer a exames microscópicos: análise dos líquidos drenados e biopsia das amostras de tecido recolhidas.

No animal, o tratamento dos tumores cancerígenos é essencialmente cirúrgico. A quimioterapia por vezes é utilizada como complemento da cirurgia ou como tratamento único. Quanto à radioterapia, associada a outras terapias (cirurgia ou quimioterapia) e à imunoterapia, constituem actualmente novas alternativas interessantes, porém ainda em fase experimental.

O estudo dos cancros do gato reveste-se de especial interesse em termos de patologia comparada: a leucose felina, que resulta de uma infecção pelo FeI.F., é uma das doenças que se conhece há mais tempo, em relação à qual os investigadores conseguiram demonstrar uma relação causa-efeito entre a infecção vírica e a proliferação de tumores. Os linfossarcomas são os tumores mais frequentemente associados à infecção pelo vírus da leucemia felina. Quanto ao F.I.V. (vírus da imunodeficiência felina), embora por si só não seja reconhecido como oncogénico (ou seja, que pode induzir o desenvolvimento de tumores), ele aumenta, nos gatos infectados, a frequência de determinados cancros: linfossarcomas, tumores mielóides e sarcomas.

O cancro das orelhas do gato branco

O gato com orelhas brancas, frequentemente exposto ao sol, corre um grande risco de desenvolver um tumor cancerígeno. A irritação crónica provocada pela luz solar evolui progressivamente para o desenvolvimento de um cancro, um epitelioma espinocelular. Este tipo de cancro atinge, geralmente, os gatos com orelhas brancas com mais de 8 anos. O rebordo do pavilhão auricular é o primeiro a ser afectado, de seguida o cancro vai-se espalhando, afectando todos os tecidos envolventes. Portanto, é conveniente manter os gatos com orelhas brancas dentro de casa, no Verão, durante as horas de maior incidência solar. Na fase inicial do epitelioma auricular, a medida de urgência a tomar consiste na remoção do tumor por amputação do rebordo do pavilhão auricular, mas as recidivas são frequentes.

As doenças da velhice

A esperança de vida dos gatos, pelo menos daqueles que são acarinhados e desfrutam de cuidados médicos constantes, aumentou. Saiba reconhecer os problemas que afectam o seu gato idoso para lhe assegurar o melhor tratamento.

- Pelagem e garras: por vezes, a pelagem apresenta-se emaranhada, a ponto de produzir nós espessos e inextirpáveis, principalmente ao nível do dorso e região lombar; as garras também se ressentem devido à falta de actividade do gato de idade avançada. Terá de recorrer a um pente e escova, sem esquecer o alicate das unhas. Estas sessões de higiene conscienciali-zarão o seu gato que de facto, você se preocupa com ele, servindo para estimular a sua vigilância e melhorar o seu estado psíquico. Ponto final na depressão!
- Os olhos: a cor da íris modifica-se e a pupila parece baça. Esta esclerose do cristalino, que pouco perturba a visão, é fisiológica.
- Os dentes: alguns gatos possuem tártaro e começam a perder os dentes desde muito cedo, outros não; experimente os produtos adequados à higiene oral do seu animal e recorra ao médico veterinário para efectuar as destartarizações e extracções necessárias.
- Os órgãos dos sentidos: os sentidos diminuem com a idade.
- O coração: a insuficiência cardíaca é pouco frequente, excepto em caso de hipertiroidismo.
- As glândulas endócrinas: muitas vezes são afectadas pelo avançar da idade. A diabetes não constitui uma excepção e é difícil mantê-la em níveis equilibrados.
- O tubo digestivo: devido à baixa eficiência das enzimas digestivas o animal emagrece: por vezes existem diarreias crónicas.

• A função reprodutora: diminui gradualmente com a idade: muitas vezes os tumores mamários são um mau prognóstico, devido ao seu elevado grau de malignidade.
• O aparelho respiratório: depende mais do passado patológico do animal do que da idade.
• Aparelho locomotor: artrose e dores reumáticas são consequências inevitáveis.
• Os rins: atenção à insuficiência renal crónica.
• Os cancros e tumores: a sua frequência aumenta em paralelo com a duração média de vida.

As armadilhas dentro de casa

Apesar dos animais com livre acesso ao exterior estarem mais predispostos às doenças infecciosas e acidentes, os gatos de apartamento não estão livres de cair em armadilhas.
As quedas podem acontecer em qualquer idade, mas são sobretudo os jovens inexperientes que correm maiores riscos; será prudente cercar os terraços e varandas com uma rede ou vedação.
A cozinha é um lugar perigoso: existe um fogão ou uma placa eléctrica, tachos com água a ferver ou repletos de alimentos em cozedura, frigideiras, facas, latas de conservas abertas, um cordel impregnado do molho do assado, etc.
É preciso ter cuidado com o ferro de engomar e fios eléctricos: ao roê-los os gatos jovens correm o risco de queimaduras graves na boca ou até mesmo de electrocussão.
Os afogamentos podem ocorrer no tanque de lavar roupa, na banheira e até mesmo na retrete.
As intoxicações com produtos domésticos são raras porque o gato é um provador prudente, mas ainda assim tenha cuidado com as plantas de interior, pois algumas podem ser irritantes ou tóxicas.
Alguns brinquedos como guizos ou cordéis são perigosos. Por isso, quando coser, não deixe a agulha em qualquer lugar!

As intoxicações mais frequentes

O gato manifesta pouca propensão para comer algo que não tenha anteriormente provado. Por esse motivo, os casos de intoxicação são bastante reduzidos. No entanto, alguns venenos são agradáveis e o seu instinto de caçador pode levá-lo a consumir pequenas presas que por sua vez poderão ter ingerido produtos tóxicos. O gato não possui alguns mecanismos de destoxificação e evidencia menor tendência a vomitar e a rejeitar um alimento inadequado do que o cão; o seu sistema nervoso é facilmente perturbado por diversos tóxicos.

No interesse da sua saúde, deverei esterilizar o meu animal?

Se pedir ao veterinário para esterilizar o seu animal, este, possivelmente, irá propor uma ablação das glândulas sexuais (castração do macho ou ovariectomia da fêmea).
Para o seu gato, a idade não tem qualquer importância. Saiba, no entanto que, quanto mais tempo hesitar, mais se estabelecem os comportamentos sexuais desagradáveis (demarcação urinária, fugas...). Entre os 6 e os 8 meses parece ser uma idade razoável. Apenas a castração (ablação dos testículos) garante simultaneamente a infertilidade e a supressão dos impulsos sexuais. A vasectomia, que consiste em seccionar os canais deferentes, responsáveis pelo transporte do esperma, torna o gato infértil mas não modifica de forma alguma os seus hábitos sexuais.
Quanto à gata, deverá processar-se na primeira fase da puberdade e se possível, fora dos cios. Se a sua gata, na sequência de uma fuga de casa for acidentalmente coberta, não entre em pânico: a ovariectomia (ablação dos ovários) provocará uma interrupção da gestação. Por vezes, o veterinário preferirá realizar uma ovário-histerectomia ou seja, a ablação dos ovários e do útero em simultâneo. Este procedimento é seguido quando existem lesões de hiperplasia, quistos, infecções ou gestação. Se pretender adiar a intervenção, a contracepção medicamentosa pode constituir uma solução transitória aceitável.

Os produtos perigosos são:
• pesticidas:
- herbicidas agrícolas;
- hidrocarbonetos clorados para o tratamento de madeiras (atenção à serradura utilizada na caixa de areia);
- insecticidas da família dos carbamatos;
- cloralose, utilizada para a eliminação de roedores, corvos e por vezes mesmo gatos (por pessoas que não respeitam a lei e não se importam de tratar os animais de forma cruel).
- Estriquinina e crimidina, os dois convulsivos mais frequentes;
- Metaldeído, utilizado nos jardins para combater lesmas e caracóis;
- anticoagulantes, consumidos invariavelmente no decurso da caça de um roedor que por sua vez foi envenenado;
• medicamentos:
- anti-parasitários externos, mais frequentemente devido a uma administração mal conduzida;
- Aspirina (utilizada nalguns casos – trombose ilíaca - sob controlo veterinário em doses reduzidas);
- Paracetamol;
• plantas: os animais mais jovens adoecem frequentemente depois de terem brincado com as folhas, nomeadamente de algumas plantas de interior (*Dieffenbachia*).
• poluentes e diversos produtos químicos de utilização doméstica (Aguarrás, descongelantes...)

As afecções descritas neste capítulo, embora sejam as mais frequentes, constituem no entanto uma pequena parte dos processos patológicos que podem afectar o seu gato. Em caso de dúvida sobre o estado de saúde do animal, não hesite em consultar o seu veterinário. Em muitos casos, quando mais cedo for adoptado um tratamento, maiores serão as hipóteses de cura do doente, para sua grande satisfação!

O GATO E A LEI

A proliferação da população felina levou a legislação de cada país a estabelecer progressivamente disposições legais que regulam a integração social e jurídica do gato.

Em geral, e de acordo com o país, referem-se ao estatuto jurídico, à venda e comercialização, à criação, aos registos obrigatórios, à adesão a um seguro, à identificação e vacinação, às regras de boa vizinhança, à protecção animal e ambiental.

Para informações mais detalhadas, aconselhamo-lo a dirigir-se às associações felinas de cada país.

O gato no veterinário

Apesar de actualmente em França existirem mais gatos do que cães, os gatos são minoritários nas consultas veterinárias. Por que razão os gatos vão menos ao veterinário do que os cães?
Frequentemente, o dono do animal hesita em levar o seu animal à consulta com medo que esta "corra mal". O gato é um animal que pode evidenciar grande agitação durante a consulta: não aprecia as deslocações para fora do seu meio ambiente e menos ainda as idas ao veterinário, um lugar repleto de odores libertados pelos seus congéneres. Para além disso, terá de ficar quieto em cima de uma mesa, ser manipulado por um desconhecido e, ainda por cima, levar injecções.

A presença do dono do gato é apreciada durante a consulta.

Se o gato viver permanentemente num apartamento, o dono pode ser levado a pensar que o animal está livre de doenças contagiosas. Em contrapartida, no caso dos gatos que vivem no campo, alguns donos acreditam que não precisam de investir em vacinações ou esterilizações, sob o pretexto de que o gato pode morrer prematuramente num acidente de trânsito ou com um tiro de caçadeira de um vizinho mal-intencionado.
Outra razão importante decorre do próprio gato: é um animal que raramente se queixa e que se adapta rapidamente às suas deficiências. Muitas vezes "esconde" a sua doença e apenas ligeiras mudanças comportamentais poderão alertar o dono. Assim, não é raro que uma anemia passe totalmente despercebida e que o gato chegue ao veterinário já na fase terminal da doença; apresenta um nível de hemoglobina baixa e um número de glóbulos vermelhos

em queda. Como o sangue não consegue fixar o oxigénio em quantidade suficiente, o animal perde o fôlego rapidamente. Procura assim compensar essa situação diminuindo a quantidade de exercício. Só num estádio muito avançado da doença, quando o teor de hemoglobina passou já para 4 ou 5 g/dl (o valor normal é 10 a 15 g/dl), é que o dono se apercebe que o animal não está bem.
Apesar deste contexto, o gato recebe, hoje em dia, muito mais cuidados quer por parte do dono, quer do veterinário. Algumas precauções permitem que um gato "se porte" bem na consulta veterinária.

O transporte do gato

O gato sentir-se-á mais confiante se for transportado num cesto. O animal deve ser colocado na sua caixa de transporte antes da viagem ou ao chegar à sala de espera da clínica (alguns gatos preferem estar soltos dentro do carro). O cesto permitirá que o gato se mantenha afastado dos seres humanos bem como de outros animais, gatos e cães. Também o protegerá das secreções de um gato com coriza que possa eventualmente espirrar na sala de espera. Se o transporte for feito por táxi, opte por uma transportadora própria e estanque, de plástico, com uma protecção no fundo para evitar potenciais derrames caso o gato urine ou vomite. Se o animal se recusar a entrar na transportadora, introduza-o de costas. Se é habitual evidenciar agressividade para com o médico veterinário, opte por uma transportadora com abertura no fundo, pois assim será mais fácil agarrá-lo. Finalmente, se tiver de percorrer um longo trajecto a pé, recorra a um cesto de transporte mole, de fundo plano, mais fácil de transportar. Alguns gatos mais calmos, aceitam andar com trela ou fazer o percurso no ombro do dono. No entanto, a grande maioria evidencia grande agitação na sala de espera devido ao facto de não de se poder esconder em parte alguma.

A consulta

Geralmente, o veterinário aprecia que o dono se mantenha junto do animal para o tranquilizar durante a consulta. É da máxima importância que o gato possa a qualquer momento visualizar ou sentir a presença do dono. Os gatos tímidos gostam de esconder a cabeça por baixo do braço ou da roupa dos donos.
Habitualmente, a contenção do gato durante a consulta é muito ligeira. O veterinário mantém o animal sobre a mesa, segurando-o com a mão ao nível do peito. Se for preciso administrar uma injecção ou proceder a palpação, causando dor, segurará o animal pelo pescoço para evitar uma eventual fuga. Embora impressionante, esta contenção não é dolorosa. Alguns exames, tais como a recolha de sangue ou de urina podem requerer a presença de uma enfermeira e uma contenção mais forte. É importante que o dono se mantenha calmo pois o gato é muito sensível à angústia evidenciada pelo dono. A calma e rapidez são uma garantia do êxito pois evitam que o gato se impaciente e se apavore.
Nalguns casos mais raros, o veterinário tem de recorrer à força para conter um gato agressivo; o animal, por vezes muito inquieto, pode entrar em pânico e ficar completamente descontrolado. Transforma-se então numa pequena fera, que tenta morder e arranhar tudo o que esteja ao seu alcance, inclusivamente o dono, que nem sequer reconhece. Neste caso é indispensável munir-se de luvas grossas e de uma toalha de banho para imobilizar o animal. Por mais bárbaro que pareça, este método permite manter o gato sob controlo evitando que magoe alguém ou a ele próprio.

História pregressa

O gato é um animal difícil de tratar porque muitas vezes evidencia uma sintomatologia discreta, ou seja, apresenta poucos sintomas que geralmente são idênticos, qualquer que seja a doença: deixa de comer, esconde-se e vomita.
Contrariamente ao cão, que se queixa quando não se sente bem, o gato interrompe toda e qualquer actividade, poupa as forças e esconde-se.
Felizmente para os veterinários, os donos de gatos, por coabitarem de perto com os seus animais, conseguem aperceber-se das pequenas alterações do seu comportamento. Como tal, é

importante no início da consulta, que o dono descreva todas as alterações observadas.
Este período de diálogo serve também para que o gato se descontraia um pouco e passe a sentir-se mais à vontade.

O exame clínico

De seguida, o veterinário inicia o exame clínico do gato. É uma etapa importante que deve ser realizada com calma. Consiste em examinar o animal: a cor das mucosas, o odor da boca, o aspecto do pêlo. O exame dos olhos é feito com recurso a um oftalmoscópio e o das orelhas a um otoscópio. Depois, procede à palpação do abdómen, que é geralmente fácil no gato, devido às suas pequenas dimensões. A

palpação permite detectar a presença de massas anómalas (gânglios hipertrofiados, tumores, corpos estranhos...), avaliar a consistência da bexiga e do conteúdo intestinal. Por fim a auscultação, com o auxílio de um estetoscópio, para verificar o estado do coração e pulmões.
O coração do gato bate com uma frequência elevada (em média 200 batimentos por minuto) podendo atingir 260 batimentos quando apavorado. Por vezes a auscultação é dificultada pelo ronronar do gato, circunstância comum nos gatinhos e nos gatos idosos muito doentes. Tenha atenção neste último caso, o ronronar constitui um indício do sofrimento do animal.
Finalmente, para poder estabelecer um diagnóstico definitivo o veterinário tem frequentemente que recorrer a exames complementares (análises de sangue e urina, radiografias, ecografias, biopsias). Como o gato é um animal pouco dado a manifestações, é indispensável por vezes, uma grande perspicácia por parte do veterinário para identificar a doença em causa. Felizmente para o gato, a medicina felina encontra-se em plena evolução. Deve-se em parte à procura pelos donos do gato, cada vez mais ciosos do bem-estar do seu companheiro de 4 patas. Os gatos estão também mais habituados à manipulação, pois acorrem com maior frequência às consultas de vacinação desde muito novos.

A medicina felina em França e no estrangeiro

A partir dos anos 60, a medicina felina progrediu de uma forma espectacular. A maior evolução verificou-se ao nível da medicina interna, em primeiro lugar no campo das doenças virais, com a identificação dos vírus da leucose, do síndrome da imunodeficiência e da peritonite infecciosa felina, seguido pelas doenças do aparelho urinário (insuficiência renal e cistite), com a elaboração de novos regimes alimentares, as afecções do fígado (com as diferentes hepatites responsáveis pela icterícia) e mais recentemente as afecções cardíacas, mais facilmente identificáveis com o recurso à ecografia e ao Doppler.
Os Anglo-saxões estão particularmente adiantados neste campo. A Universidade de Cornell, no Estado de Nova Iorque, criou há 25 anos um departamento de medicina felina dedicada exclusivamente aos gatos. O Reino Unido lidera na Europa, através da Universidade de Bristol, com o seu departamento de medicina felina fundado em 1993. Em França, os criadores e veterinários apreciadores de gatos formaram uma associação: a Sociedade Francesa de Felinotecnia (S.F.F.) com o objectivo de organizarem conferências, cuja temática se prenda apenas com os problemas de saúde do gato.

As clínicas de gatos (*cat clinics*)

Foi essa paixão pelos gatos que levou à criação, nalguns países, de "cat clinics", clínicas vete-

rinárias reservadas exclusivamente a gatos. A primeira foi fundada em Chicago pela Dra. Bárbara Stein em 1975, seguida por muitas outras (hoje em dia são já 300 nos Estados Unidos). Na Europa, a primeira clínica para gatos surgiu na Dinamarca em Outubro de 1987, sendo seguida por outras na Grã-Bretanha e em França. O acesso a essas clínicas está vedado a qualquer outro animal que não o gato, para evitar que os locais sejam invadidos por odores e ruídos susceptíveis de os incomodar.

O domínio da medicina felina encontra-se em plena evolução. Donos de gatos, criadores, universidades e veterinários evidenciam um interesse crescente. E que prazer para todos estes amantes de gatos poder servir os bichanos!

O gato hospitalizado

Quando é necessário internar um gato, procura-se respeitar algumas condições para que o animal se sinta o mais à vontade possível. O gato assusta-se facilmente e tem necessidade de dormir muito (em média 18 a 24 horas). Como tal, procura-se alojá-los longe de cães que ladrem. O gato, impedido de dormir, torna-se irritável. Para além disso, é um animal que aprecia o conforto: nem pensar em colocá-lo numa jaula vazia e fria. Precisa de uma caixinha de areia e de uma cama. Também é aconselhável deixar-lhe uma roupa com que esteja familiarizado (um cachecol ou camisola do dono). O local deve estar aquecido. Ainda que o gato não goste de barulho, aprecia algum movimento (pássaros através da janela, passagem ou presença de pessoas, tudo o que lhe permita exercer a sua ocupação favorita: observar de forma sonolenta). As visitas dos donos são sempre bem-vindas pois, com frequência, é nesta ocasião que o gato aceita voltar a alimentar-se, por exemplo, após uma cirurgia. É também o momento para exercitar as patas, para ir ao encontro do dono. O gato é um animal asseado: procura-se também tratar da sua higiene (escová-lo, limpar-lhe os olhos e a boca). Todos estes "pequenos cuidados" (higiene, carícias, alimento preferido, palavras carinhosas) são indispensáveis para elevar a moral do gato. Afastado do seu meio envolvente habitual, o gato pode enfraquecer com facilidade, independentemente dos cuidados médicos prestados.

Sinais que deverão motivar uma consulta

- Tosse ou espirros.
- Olhos lacrimejantes e/ou nariz com secreções.
- Gato que se baba e que deixa de realizar a sua higiene (gengivite e dor de dentes).
- Vómitos e diarreias repetidas.
- Dificuldades respiratórias com movimentos torácicos amplos (presença de líquido no tórax).
- Mucosa e pele amarelada: gengivas, conjuntiva, pavilhão auricular (sinal de icterícia).
- Qualquer massa ou verruga sobre ou sob a pele ou ainda na proximidade das tetas (eventual tumor).
- Qualquer corrimento vaginal: pus ou sangue (sinal de metrite ou cancro do útero).
- Qualquer sede inusitada, acompanhada de uma produção importante de urina (sinal de insuficiência hepática, renal ou de diabetes).
- O gato que permanece diante do seu bebedouro sem conseguir beber.
- O gato que deixa de ser asseado (urina ou defeca fora da caixa de areia).
- O gato que regressa constantemente à caixa de areia, sem fazer as suas necessidades ou apenas algumas gotas de urina (cistite).
- O gato que se torna agressivo e morde (eventual dor de dentes).
- O gato idoso que repentinamente bate nos móveis (perda de visão causada por hipertensão).

Príncipe do lar, animal do século XXI

« *O menor dos pequenos felinos é, por si só, uma verdadeira obra-prima* », extasiava-se Leonardo da Vinci que, mais do que qualquer outro, conseguiu conjugar com maestria a ciência e a arte.

Será possível resumir melhor a filosofia geral que caracteriza esta obra que nos faz descobrir nos seus mais ínfimos pormenores este animal tão familiar, sem nunca ultrapassar as fronteiras do mistério que é a razão do seu encanto?

Abordando raças multisseculares, cujas origens se perdem na vastidão dos tempos, até outras criadas recentemente pelo homem, o simbolismo que perdura ainda nos nossos dias, a função social e utilitária, o comportamento, fisiologia, doenças e necessidades nutricionais específicas, a presente Enciclopédia do Gato proporciona-nos uma compilação abrangente e cientificamente embasada.

Realizada sob a direção do Professor Bernard-Marie Paragon e do Dr. Jean-Pierre Vassaire, é o fruto da estreita colaboração de numerosos especialistas, de investigadores das Escolas de Medicina Veterinária francesas e estrangeiras, e de nutricionistas do Centro de Investigação da Royal Canin de Saint-Nolff (França).

Mas, é bem sabido que o gato só faz o que quer e, mesmo nesta Enciclopédia, a informação científica nunca está dissociada do universo de beleza e enigmas característico deste príncipe do lar, o animal do século XXI.

ANiWA.com